

**IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE
BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos,
espaços e possibilidades múltiplas**

MARLÚCIA VALÉRIA DA SILVA

ORIENTADORA: PROFA. DRA. JANICE TIRELLI P.DE SOUSA

Florianópolis-SC, fevereiro de 2006

MARLÚCIA VALÉRIA DA SILVA

**IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE
BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos,
espaços e possibilidades múltiplas**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Concentração: Sociabilidade Juvenil, Gênero e Educação.

ORIENTADORA: Profa. Dra. Janice Tirelli P.de Sousa

Florianópolis-SC, fevereiro de 2006

MARLÚCIA VALÉRIA DA SILVA

**IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE
BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos,
espaços e possibilidades múltiplas**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina.

APROVADA EM: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dra. Janice Tirelli P. de Sousa-UFSC

Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano-UFF

Prof. Dr. Augusto Caccia-Bava Júnior-UNESP

Prof. Dra. Maria Soledad Etcheverry Orchard-UFSC

Prof. Dra. Maria Ignês Paulilo-UFSC

Florianópolis-SC, fevereiro de 2006

Para Passos, meu marido e companheiro...

pela marca que a sua generosidade imprimiu na minha inarredável, gigantesca e bem sucedida aventura de buscar-me em mim mesma por todo este período. Por partilhar comigo oportunidades cotidianas de reconquista identitária e de muitas balizas fundamentais que têm nos encorajado a navegar – juntos - os mares bravios e incertos da fluidez contemporânea. Pelo diferencial inquestionável em que se tornou a sua presença ao meu lado no percurso deste trabalho.

Para Victor e André, meus filhos...

com a esperança de que o envolvimento tão demorado e intenso com a pós-graduação não me tenha privado dos momentos mais importantes da passagem que ainda fazem de abandono dos signos da infância e de adoção daqueles da vida juvenil. Meus pequenos-grandes jovens: nos afetos que partilhamos por diversas vezes encontrei a inspiração e a força que faltavam para continuar, fazendo com que vocês se tornassem parte viva desta síntese.

AGRADECIMENTOS

À Grande Força Criadora do Universo...

por ter alimentado o meu cotidiano, as condições para a produção deste trabalho e o meu experimento com o indizível da vida.

Aos meus antepassados...

pelos exemplos e saberes deixados, os quais hoje vou recolhendo um a um pela roda da vida, cumprindo o belo e inexorável ciclo de morte e renascimento. Muito do que vocês foram renova-se agora nessas páginas.

À minha mãe...

à frente do seu tempo e espaço, entendeu muito cedo o valor do conhecimento e proporcionou-me a lição fundamental do percurso que tenho feito. Sábia, conduziu-se aliando-o à sabedoria antiga, ensejando-me lições hoje fundamentais na minha vida.

Aos jovens participantes da pesquisa...

todos os agradecimentos. Pela confiança em mim depositada quando me possibilitaram partilhar por um longo tempo de seus territórios, suas vivências e seus saberes. Obrigada pelos ensinamentos vindos de todos, pelo carinho de muitos. Vocês me ajudaram a revelar preocupações acadêmicas propostas e outras que eu sequer sabia que carregava. Preocupações da alma, da vida, do ser. Definitivamente, os jovens sabem muito... sabem coisas do arco da velha!

À Universidade Federal do Piauí...

presença que inaugurou épocas e produziu sentidos ímpares na minha existência, permitindo-me seguir novos vãos.

À CAPES e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política-PPGSP/UFSC...

nesse momento histórico em que tudo se dilui e toda a aposta é no fugaz instante, continuar acreditando em ações de longo prazo – como a pesquisa – é se opor ao desmanche absoluto que hoje impera sobre a vida e as coisas que lhe conferem substância.

Às minhas colegas de trabalho do DSS-UFPI...

a compreensão e justeza com que sempre julgaram meus pleitos conferiram um sentido coletivo ao meu trabalho.

À Profa. Dra. Janice Tirelli, minha orientadora...

pelo crédito em mim empenhado e pelo apoio sempre pronto nos momentos mais exigentes. Obrigada pelo tom alegre e leve que imprimiu ao nosso trabalho como um todo, re-oxigenando trilhas e fazeres, às vezes, já saturados. Obrigada pelo exemplo de confiança no ser humano e de luta por um mundo melhor.

À Profa. Dra. Tamara Benakouche...

centelha viva que através de suas consistentes, reveladoras e inquietantes provocações nos encoraja a desafiar os limites e mitos – inclusive acadêmicos.

À Profa. Dra. Maria Ignês Paulilo...

mestra que muito me ensinou na matéria “desconstrução de preconceitos”. Obrigada pela orientação certa no momento em que mais precisei.

Ao Prof. Dr. Selvino Asmann...

competência e sabedoria para mim também mostradas em forma de gentileza e doação. Obrigada pela valiosa lição acerca da importância do **ouvir** e do **calar**.

Ao Prof. Dr. Jessé Souza...

pela disponibilidade e presteza - que me impressionaram - em atender as minhas solicitações.

Às minhas amigas e meus amigos...

flores que enfeitaram a trilha, melodias que embalaram os desafios, calor que aqueceu a minha alma. Foram muitas e muitos... vindas/vindos de muitos lugares. Cada uma/um ao seu modo e tempo me ajudou e celebrou comigo em vários momentos, dando-me ânimo para continuar e concluir o percurso a bom termo. Simplesmente imprescindíveis. A alegria, a doação, a companhia, o aprendizado, a receptividade, a partilha, a ajuda, entre outros, estão incorporadas ao meu texto e seguir-me-ão vida afora. Obrigada por existirem. Correndo o risco de esquecimentos imperdoáveis, registro um obrigado especial à Áurea, Caminha, Carlos, Dona Ida, Dona Lúcia, Fernando, Laura, Lise, Luís, Maristela, Mônica, Pio, Seu Ângelo, Suedi, Teresa e Zeti.

À Vânia Teresa, amiga-irmã...

a distância não impediu seus muitos gestos de bondade e cuidado de várias naturezas para comigo e minha família que muito facilitaram o andamento das minhas atividades. Aliás, já de outras datas. Obrigada também pelo ouvido sempre disponível para ‘aluguel’.

Às companheiras e companheiros de práticas para uma nova vida...

Mônica Giraldez, Carol, Eliana, Mayra, Sandesh, Adriano, Aradia, Bach Lugh, Cláudia, e todas as mulheres do grupo Mistérios Femininos: devo à convivência com vocês a descoberta de sentidos e razões que a razão sempre irá desconhecer. À Mônica Giraldez, um obrigado especial pelos ensinamentos, conferindo-me instrumentos de grande valia para uma nova perspectiva que, a partir deles, encetei.

Aos colegas da UFSC...

na turma do Doutorado aprendemos muito juntos. Obrigada ao Ariston pelas dicas num importante momento de encalacração. No Núcleo de Estudos sobre a Juventude dividimos saberes e afetos e aprendemos a nos entender como amigos. Da Giane agradeço muitos bons exemplos passados sem nenhuma pretensão.

A vários jovens e crianças...

que, ao lado dos meus filhos, ajudaram a trançar e alegrar a cena da minha estada nesta cidade: Amélia, Cauê, Conrado, Douglas, Frank, Felipe, Gustavo, João, Joãozinho, Lucas, Maíra, Marcelo, Mateus, Maycon, Mila, Rafael, Raí, Ricardo, Tiago, Yuri.

Ao Guilherme e ao Zinho...

anjos da guarda da minha parafernália *high tech*, sempre prontos para resolver verdadeiras ‘catástrofes computacionais’. A competência, disponibilidade e solidariedade manifestas nas horas ‘impossíveis’ constituíram em mim um débito impagável para com os dois.

À Albertina, Secretária do PPGSP...

de quem muitas vezes recebi ajudas fundamentais no exato momento em que eu precisava, diluindo as minhas dificuldades contingenciais.

À Fátima, funcionária do PPGSP...

pela presteza, gentileza e alegria com as quais sempre me brindou no dia-a-dia do Curso.

A Mário Guimarães...

pela colaboração com bibliografias indispensáveis.

A Marco Aurélio Loch...

pela seriedade e compromisso com que realizou a informatização dos questionários.

À Ana Silveira...

embora à distância e talvez sem se dar conta, muito me ajudou.

À cidade de Florianópolis, à sua beleza indescritível, a seu ar de paraíso e a seu povo manezinho...

por me acolherem nesta importante etapa da minha vida. Sentirei saudades irreparáveis.

Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras; sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos deixado ainda de ser; sombras que vêm do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser.

Boaventura de Sousa Santos

RESUMO

Investigar a constituição identitária juvenil na modernidade brasileira foi o esforço empreendido neste estudo. Compreendendo a identidade como efetivada num espaço relacional, a análise tomou como sujeitos grupos juvenis da cidade de Florianópolis-SC, enfocando nesses ambientes as práticas e discursos, por entendê-los como tradutores de um processo identitário em curso. Situando as experiências juvenis num contexto relacional mais amplo, a investigação retoma o atual contexto da modernidade brasileira, evidenciando suas particularidades diante da experiência moderna como um todo e deste momento particular de sua crise. A principal intenção do esforço analítico é explicitar a constituição identitária juvenil junto aos grupos escolhidos quanto a presenças, imbricamentos e tensões dos aspectos atinentes à atual expressão moderna brasileira no cotidiano de práticas e elaborações discursivas grupais. A observação, a entrevista grupal, o questionário e o registro fotográfico foram os caminhos adotados para a aproximação com o real estudado e aquisição das informações que substanciaram as análises. Foram assim escolhidas tendo em vista as intenções da investigação e a especificidade dos sujeitos que tecem suas vivências em redes capilares do cotidiano onde constituem suas 'identidades abertas'. Em estreita interação com o contexto que os cerca os jovens formulam e experimentam suas primeiras interações num meio marcado pela contingência, num mundo sem fronteiras e amorfo, relacionando-se com todas as tensões e incertezas daí advindas. Além disso, vivenciam intensamente os parâmetros históricos constantes da experiência moderna brasileira, o que os configura vivendo uma situação caleidoscópica e sem referências confiáveis a partir das quais construam um 'lugar' juvenil no seu tempo. Desse modo, as identidades juvenis se mostram enquanto inacabadas, sendo recompostas cotidianamente no ritmo das respostas que os jovens precisam dar às alterações impostas pelo real fluido que os cerca.

Palavras-Chave: Juventude. Identidade. Modernidade brasileira.

ABSTRACT

Investigating the juvenile identity constitution in Brazilian modernity was the effort used in this study. Comprehending the identity as made in a relational space, the analysis had as subjects juvenile groups in Florianópolis – SC, focusing in these environments the practices and discourses, because we understand them as translators of an identity process in progress. Placing the juvenile experiences in a broader relational context, the investigation recalls the current context of Brazilian modernity, highlighting its particularities before the modern experience as a whole in this particular moment of its crises. The main intention of the analytical effort is to explain the juvenile identity constitution with the chosen groups towards the presences, dispositions and tensions of the concerning aspects in the current Brazilian modern expression in the daily practices and group discursive elaborations. The observation, the group interview, questionnaire and photographic register were the adopted ways for the approximation with the real studied and the acquisition of the information which subjected the analyses. Thus, they were chosen focusing the intentions of the investigation and the specificity of the subjects which weave their livings in capillary nets of the day- by-day where they constitute their ‘open identities’. In a close interaction with the context which surrounds them, the young people formulate and experience their first interactions in an environment marked by unpredictability, in a no-boundary and no-form world. Besides that, they intensively live the historical parameters in the Brazilian modern experience, which characterizes them as living a situation without reliable references from which they build a juvenile ‘place’ in their time. This way, the juvenile identities show themselves while unfinished, being daily recomposed in the rhythm of the answers that the youngsters need to give to the changes imposed by the real fluid that surrounds them.

KEY-WORDS: Youth. Identity. Brazilian modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1: CAMINHOS E FAZERES	4
CAPÍTULO 2: APORTES TEÓRICOS	19
2.1 MODERNIDADE: desenvolvimento e crise	19
2.1.1 Modernidade e identidade: um debate necessário	27
2.2 MODERNIDADE BRASILEIRA: marcos e particularidades	31
2.2.1 A modernidade brasileira em curso	41
2.2.2 Desmanchando os sólidos: aspectos recentes da materialidade moderna brasileira	45
2.3 JUVENTUDE, JUVENTUDES	50
2.3.1 O corte etário e o amadurecimento como delineadores da categoria juventude.	50
2.3.2 Outras aproximações teóricas sobre a juventude	58
2.4 TENTANDO ESCREVER RETO POR LINHAS TORTAS... discutindo a constituição identitária juvenil	65
CAPÍTULO 3: OS ESPAÇOS RELACIONAIS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS: dos grupos que falo	76
3.1 MARACATU ARRASTA ILHA-AI: e novos tambores aportam no Sul	77
3.1.1 O grupo por outro ângulo	87
3.1.2 Espaços, processos e dinâmicas	106
3.1.2.1 Operando no vácuo hierárquico e de instâncias decisórias	106
3.1.2.2 Resolvendo tensões e estabelecendo acordos	110
3.1.2.3 Ensaios, apresentações e encontros diversos	119
3.1.2.4 Os sentidos de tocar maracatu: do batuque aos querereres e poderes	132
3.1.2.5 Afetividades, sensualidades: outras práticas	138
3.1.2.6 Caminhos e racionalidades possíveis	143
3.1.2.7 A natureza em foco - “Bota isso aí na tua tese”	145
3.1.2.8 Situando-se fora da estreiteza do instituído	149
3.1.2.9 Trabalho-lazer, trabalho-trabalho	155
3.2 ASSOCIAÇÃO ESCOLA OFICINA DA VIDA-ODV	159
3.2.1 Origem e organização legal do grupo.....	160
3.2.2 Rotinas e dinâmicas internas	169
3.2.3 Programas e projetos desenvolvidos	171
3.2.3.1 Oficinas do Saber: De Jovem Pra Jovem	172
3.2.3.2 Coro Vozes da Vida	178
3.2.3.3 Projeto Jovem Gestor	182
3.2.4 Perfil sócio-econômico dos participantes	185
3.2.5 Trabalho e formação profissional em foco	188
3.2.6 A participação na Oficina da Vida e em outros grupos: abandonando idealismos e emotividades	192
3.2.7 O protagonismo juvenil	200
3.2.8 Protagonismo seletivo	205
3.2.9 A relação com os adultos do grupo	211

3.3 NA FLUIDEZ DOS BITES: CANAL SÓ DÁ FESTA-SDF (#SDF)	215
3.3.1 Localizando o grupo	221
3.3.2 Origem, organização e percurso do grupo	223
3.3.3 Estrutura interna	235
3.3.4 O cotidiano de encontros e desencontros	240
3.3.4.1 No Canal com o grupo	241
3.3.4.2 <i>Lan House</i> : experiências on e off-line.....	248
3.3.4.3 A festa: alegria e afirmação do grupo	250
3.3.5 Tecnologias, <i>internet</i> e vida no espaço virtual	257
3.3.6 Códigos, penalidades e <i>bullying</i>	263
3.3.7 Perfil sócio-econômico do grupo: “Vavá, com 800 pilas dá pra se viver?”....	265
3.3.8 Sociedade, Política, Guerra e Paz: espaços de esperanças e desencantos	277
3.3.9 Mulheres, minorias: estranhando o diferente	281
CAPÍTULO 4: CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA JUVENIL: perspectivas delineadas	284
4.1 SDF: O excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez ...	284
4.2 ODV: mundo do trabalho e formação profissional como espaço de articulação identitária. Ou “preparar-se é manter-se acordado”	303
4.3. ARRASTA ILHA: novos afetos, outras políticas	318
4.3.1 Coletividades e posturas	321
4.3.2 Amizade: novo espaço da política	324
4.3.3 Amizade: recriando o afeto e o político	328
CAPÍTULO 5: PRIMEIROS RESULTADOS: situando as juventudes estudadas	334
5.1 COMPOSIÇÕES E AMBIVALÊNCIAS	334
5.1.1 ODV: racionalidades matizadas	335
5.1.2 AI: partilhando emoções, resistindo a planos	342
5.1.3 SDF: trançando tempos, espaços e entendimentos	347
5.2 JUVENTUDES: localizando semelhanças	355
5.2.1 A fragilidade das grandes referências	356
5.2.2 O trabalho	357
5.2.3 A interconexão grupal com segmentos juvenis populares	358
5.2.4 A articulação em rede	361
5.2.5 A percepção das tecnologias e virtualidades	369
5.2.6 O tempo e a juventude	364
5.2.7 Vidas em risco	367
5.2.8 Imprecisão de vínculos e busca de segurança	368
CONCLUSÃO	370
REFERÊNCIAS	377
APÊNDICES	390

INTRODUÇÃO

Quem somos? Como construímos o nosso lugar no mundo? Se num passado remoto responder a essa pergunta se mostrava algo muito simples, hoje já não podemos dizer o mesmo. Para os antigos, dizer quem eram os remetia, no máximo, a dois enunciados: informar sua filiação e o local de onde procediam. Possivelmente ainda anunciar a sua idade. Todas as demais informações daí adviriam como por consequência, qualificando quem eram a partir do que ocupavam certo lugar no mundo. A pertença familiar e comunitária normalmente davam conta de informar sua inserção, podendo situar o ouvinte acerca dos vínculos existentes, do trabalho, dos papéis desempenhados, da vinculação política, religiosa, da fruição, entre outros. Desse modo, família e território se colocavam como *locus* de produção de referências sólidas para o sujeito, a partir das quais o mesmo construía o seu lugar no mundo na relação com os demais. No geral, como membro de um coletivo acontecia a existência de cada um e, através da assunção previsível de papéis e posturas, também este coletivo se afirmava.

Essa realidade se tornou possível por todo um período onde o território, a família, o trabalho, o coletivo – dentre outras instituições – gozavam de solidez suficiente para parecerem ao indivíduo superiores à sua existência material. Tempos onde a projeção simbólica feita por cada um – apesar de encontrar no futuro a sua própria inexistência – confortava-se na permanência desses aspectos, que uma vez partícipes ativos da conformação individual, conferiam um sentido de permanência no coletivo. A própria definição de identidades posicionais, em função das estruturas vigentes, conformava um certo sentido de permanência.

Vários desses institutos em contato com a cultura moderna sofreram significativo deslocamento quanto à importância que tinham e os sentidos que produziam num certo contexto social. A adoção fundamental da idéia da liberdade individual, ao tempo que abriu outras possibilidades de manifestação do sujeito, foi paulatinamente produzindo o seu afastamento da antiga ordem de valores que lhe conferiram uma identidade e um lugar social, estabelecendo novas configurações a partir das quais o sujeito se via e se colocava diante do outro e do mundo como um todo.

Nessa nova ordem, além da liberdade individual, outros aspectos se mostraram de relevância para a constituição do novo cenário: a adoção de parâmetros racionais e

científicos, o desenvolvimento da técnica, a re-significação do trabalho para as vidas, a adoção da ordem e do planejamento chegaram para desmistificar, dominar, organizar, racionalizar a vida e o mundo, agora sob o controle das pessoas.

Foram esses valores que orientaram as grandes investidas humanas que, de tão importantes, inauguraram um período conhecido por Idade Moderna. E foi esse ideário moderno que viajou mundo afora acompanhando os seus representantes primeiros - o povo europeu - pelas suas buscas de terras, bens e gentes d'além mar. Séculos depois, transcorridas várias alterações históricas que o próprio modelo produziu, a modernidade apresenta-se na atualidade com os seus parâmetros organizativos básicos abalados e, como antes, a partir da crise que experimenta influencia uma reconfiguração dos princípios que orientam as vidas no mundo ocidental, sendo o Brasil incluído nesse contexto.

Enquanto país que experimentou uma modernização peculiar, assentada sob uma sociedade que – em todos os aspectos – negava a cultura moderna, o Brasil tem constituído uma expressão própria dessa experiência, engendrando contextos e cotidianos que sumarizam aspectos típicos de uma sociedade tradicional e outros das sociedades modernas avançadas, elaborando o que chamamos de modernidade brasileira. (SOUZA, 2000). Essa experiência, assim como o resto do mundo moderno em suas várias expressões, encontra-se na atualidade assoladas pelas radicais mudanças propiciadas pelo profundo desenvolvimento da técnica, da ciência; pela globalização da cultura, dos mercados, da comunicação, entre outros, desfazendo de uma vez os sólidos que ancoravam as vidas e instituindo o sujeito como autor solitário da sua biografia. Responder a pergunta **quem somos** já não se mostra – portanto – um exercício simples. Submetido à contingência e à fluidez o sujeito carece de outros cenários, recursos e percursos para identificar e escolher com um mínimo de propriedade como situar-se diante de si, dos outros e do mundo; constituir a sua identidade e não apenas por uma única oportunidade, mas incontáveis delas, ao sabor das circunstâncias possíveis.

Malgrado esta ser uma realidade atinente a todas as pessoas do mundo moderno atual, para um determinado segmento responder a pergunta quem somos sempre foi um desafio. Falo dos jovens. Aos jovens, entendidos por muito tempo como aqueles 'em desenvolvimento', tudo ou nada cabia. Nem adultos, nem crianças; nem livres, nem dependentes; nem maduros, nem inocentes; nem produtivos, nem inaptos para a produção; nem inférteis, nem preparados para a reprodução. Um meio termo, uma indefinição; um cenário gelatinoso, uma vida em *stand by*.

Situada nas variadas oportunidades históricas, a condição de indefinição juvenil e o seu processo de amadurecimento e, por conseqüência, de constituição identitária se materializou por diversos caminhos. Assim foi que vivemos e socialmente acolhemos, no Brasil, o jovem responsável, o jovem rebelde, o jovem conformado, o jovem adequado, o jovem alienado, cada um vinculado ao seu tempo e condições gerais experimentadas. Entretanto, algo de muito novo aconteceu no mundo e já não podíamos mais ‘enquadrar’ os jovens, em especial. Seja porque eles eram de muitos tipos e jeitos, seja porque muito mais gente havia ‘rejuvenescido’, recrudescendo a situação de indefinição da condição ‘jovem’.

Aquelas respostas fechadas não falam mais dos jovens do nosso tempo. A nova situação, de embaralhamento absoluto das referências, demanda que forçosamente consideremos outros aspectos que na atualidade passaram a compor a expressão do **ser-juvenil** e a entender novos valores e processos pelos quais esse modo de ser se efetiva, constituindo e re-constituindo suas identidades. Desse modo, aliado àquela situação de ‘passagem’ em que o jovem se encontrava, novos aspectos vieram compor o quadro de indefinição juvenil, como o desmanche de fronteiras territoriais e culturais, que espalham por todo o mundo, indistintamente, ‘modelos’ de juventude que, em tese, podem ser adotados por quem desejar. Muito frequentemente os mecanismos de composição desse ‘jeito jovem de ser’ encontram-se encerrados por trás dos vidros das telas e das vitrines, estampados nos *outdoors* urbanos, expostos nos corpos dos famosos ou relatados nas crônicas dos bem-sucedidos e materialmente inacessível a uma significativa parcela da população de faixa etária similar. Também se pode observar um movimento oposto a esse, embora de menor expressão, através do qual, possibilitados pelas mesmas condições fluidas do mundo, parcelas de jovens incorporam sentidos outros ao seu existir, compondo um panorama ainda mais complexo ao contexto juvenil da atualidade.

No Brasil, em decorrência da sua especificidade história e da maneira como se dá a sua atual inserção no processo de mundialização dos modos de vida, os jovens tem encontrado um vasto campo de sentidos com os quais interagem no constituir-se enquanto sujeito juvenil. A atual característica nômade da condição juvenil, aberta a quase todos e atravessada por imperiosa complexidade, tem implicado no imediato deslocamento de lugares, fazeres, valores, papéis, responsabilidades e aspirações. Instala a carência de um novo entendimento de como tais processos se consubstanciam e se cruzam no sentido de contribuir para a constituição dos jovens desses novos tempos. É dessa questão geral que se ocupa o presente estudo, conforme detalhada na seção seguinte deste trabalho.

No esforço de sistematizar e trazer à tona aquilo que a investigação propiciou elucidar, o texto se apresenta organizado em cinco capítulos. No primeiro capítulo ocupo-me da reconstituição de todo o percurso de pesquisa que deu origem a esta tese. Apresento ao leitor desde o momento primeiro da aproximação da temática escolhida até os procedimentos finais do processo investigativo. No segundo capítulo trato do mapeamento teórico daqueles conceitos que julguei suportes fundamentais para a compreensão da questão principal levantada e para a consecução dos objetivos propostos. No terceiro capítulo faço uma apresentação quanto-qualitativa dos sujeitos da pesquisa, a partir da qual estruturei e desenvolvi a análise apresentada nos capítulos subsequentes. Nos quarto e quinto capítulos consubstancio um esforço analítico mais concentrado, trazendo em destaque – por um lado - o aspecto que os dados coletados apontaram como sendo o mais marcante na constituição identitária de cada um dos grupos. Estabeleço a síntese das realidades grupais com vista a apontar algumas respostas a partir do suporte que a investigação ofereceu, procurando contemplar a questão principal levantada. Assim, organizo os aspectos que ao longo do texto procurei focar como pertencentes à tradição colonial-escravocrata brasileira, aos valores também modernos aqui aportados com os colonizadores, bem como os atuais valores e processos que tiveram lugar nas sociedades a partir da mundialização da comunicação, das culturas, dos mercados e evanescência das instituições e fronteiras. Especialmente no quinto capítulo procuro ressaltar as consequências desses fenômenos para os coletivos aqui estudados e a influência exercida sobre os sujeitos pertencentes aos mesmos. Faço ainda um destaque acerca de achados comuns aos três grupos em análise. Na conclusão procuro organizar em síntese última os argumentos construídos ao longo da investigação.

Por fim, uma vez concluído este trabalho se mostra como a resultante do que pude trazer à luz dentro de tudo aquilo que se conformou nas suas condições gerais de elaboração. Escolhas, avanços, limites e incoerências inclusive.

CAPÍTULO 1

CAMINHOS E FAZERES

A preocupação com a temática **juventude** me foi colocada inicialmente a partir de trabalhos que realizei enquanto docente da Universidade Federal do Piauí. Nesta condição, orientei Trabalhos de Conclusão de Curso, bem como projetos de pesquisa acerca do trabalho infanto-juvenil na cidade de Teresina-PI. Ainda nesta área, supervisionei o desenvolvimento de projetos de intervenção de alunos da disciplina Estágio Curricular Supervisionado que enfocavam a gravidez na adolescência, bem como as experiências juvenis com a sexualidade e o planejamento familiar.

A vivência nos espaços mencionados e os estudos que procedi nesta época me levaram a considerar que a condição do jovem na sociedade merecia certa prioridade de investigação, tendo em vista a relevância que encontrei ter este ator para uma determinada expressão da sociedade brasileira assume no seu presente e futuro. Esse fato motivou o meu interesse em acompanhar o trabalho do Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre a Criança e o Adolescente-NUPEC/UFPI, disponibilizando-me para a orientação de monografias do Curso de Especialização desenvolvido pelo mesmo.

Já cursando o Doutorado, os estudos realizados nas disciplinas fizeram-me retomar a discussão do tema modernidade e redimensionaram o meu interesse de investigação acerca da juventude, colocando-o no contexto das atuais transformações porque passa a nossa sociedade, nos termos especificados ao longo deste trabalho. Foi assim que comecei a delinear a preocupação principal desta pesquisa.

Concomitante ao levantamento bibliográfico que encetei, o passo seguinte foi realizar um trabalho de campo que me permitisse visualizar as materialidades dos grupos juvenis existentes na cidade. Introduzida por algumas leituras e conversas com a minha orientadora por quatro meses contactei, visitei e acompanhei algumas atividades de sete grupos. Isso me permitiu recolher informações que ajudaram a conformar minha preocupação central de pesquisa, bem como amadureceram a escolha dos coletivos a estudar durante a mesma. Assim procedendo, ao fim desse período decidi-me por três grupos, quais sejam: **Maracatu Arrasta Ilha-AI**; **Associação Escola Oficina da Vida-ODV** e **Canal Só Dá Festa-SDF**. Foi também produto deste esforço a formulação final da minha principal questão de pesquisa, colocada nos seguintes termos: **como se apresenta a**

constituição identitária juvenil nos grupos escolhidos situados no contexto de particularidade moderna brasileira, por sua vez inserida num ambiente de crise da sociedade moderna como um todo?

Entendia que a relevância do objeto de pesquisa consistia no fato de a questão proposta se expressava de modo particular no ambiente juvenil estudado, tendo em vista duas questões: a primeira, o fato desses jovens estarem experimentando em primeira oportunidade desafios de natureza desestruturante que interferem diretamente nas formulações que fazem acerca de si e do mundo em que adentram como sujeitos que deverão em breve responder pelas suas escolhas, pela sua presença nesse meio e por ele próprio. São os jovens de hoje que elaborarão as sínteses da crise do moderno como sínteses também dos seus processos de socialização, de si próprios e oferecerão as respostas possíveis num devir próximo com o qual a maioria de nós se deparará individual e coletivamente. Portanto, os jovens são um segmento populacional de suma importância, tendo em vista o seu potencial de interferência - presente e/ou futura - em termos dos rumos que a nossa sociedade toma ou tomará. A segunda dizia respeito ao fato dos jovens estudados viverem essas realidades de modo diferenciado, tendo em vista ainda contarem - na grande maioria dos casos - com condições oferecidas pelo que conceituarei mais à frente por moratória social e vital. Entendia que essas circunstâncias específicas imprimiam um diferencial ao modo como esses sujeitos lidavam com as questões que o atual momento colocava para todos os segmentos sociais.

Do ponto de vista da contextualização do estudo, pensava que este poderia oferecer certa contribuição, uma vez que no tocante à compreensão das identidades juvenis situadas **no contexto moderno brasileiro**, pelo que consegui mapear, ainda contávamos com uma produção acadêmica mais restrita.

Do ponto de vista dos grupos, a escolha se deu a partir da consideração que fiz acerca de como que cada um se relacionava como o atual moderno brasileiro. Assim, o grupo deveria exibir na sua prática destacada relação com alguns dos aspectos da experiência moderna brasileira, apontados como de relevância pela discussão teórica que eu já vinha procedendo e que se encontra materializada especialmente no primeiro capítulo desta tese. Deveriam também os membros dos grupos escolhidos, em sua maioria, pelo menos, estar inseridos nos estratos médios da população da cidade, a fim de evitar maiores distanciamentos analíticos em função de uma pertença diferenciada de classe mais evidente. Foi com essas referências que os grupos já anunciados foram eleitos como aqueles - dentre os visitados - que melhor se apresentavam para o estudo da questão que eu colocara para

investigação. Uma vez escolhidos, os grupos foram informados da inteira intenção de investigação, da natureza de minha participação nas atividades de cada um, dos procedimentos gerais da pesquisa, do tipo e extensão da participação que teriam na mesma, bem como de outros aspectos que iam se revelando como importantes no decorrer do processo.

Ao longo das definições a que fui chegando – conforme relatado – também formulei a intenção principal da pesquisa que seria: **explicitar a constituição identitária juvenil junto os grupos escolhidos, situados em Florianópolis-SC, no período de Janeiro de 2002 a Fevereiro de 2005 quanto à presenças, imbricamentos e tensões possíveis dos aspectos atinentes à particularidade moderna brasileira e ao moderno em crise.** Compreendi que o percurso para o esclarecimento do intento notificado me colocava como obrigatórios outros pontos de chegada intermediários, como: 1. **construir pressupostos teóricos que me permitissem me aproximar do real e compreendê-lo para além da sua materialidade colocada;** 2. **delinear os grupos estudados, procurando evidenciar seu percurso histórico, dinâmicas internas, discursos e práticas, vivências e escolhas, bem como suas particularidades enquanto coletivo juvenil;** 3. **verificar as similaridades encontradas entre os três grupos estudados quanto às realidades que experimentavam e as relações que estabeleciam com o mundo ao seu redor e, por fim,** 4. **revelar as relações existentes entre as realidades da constituição identitária juvenil encontradas e os constituintes históricos da modernidade brasileira em curso, bem como do moderno em crise, evidenciando alinhamentos e possíveis pontos de tensão .**

Para dar curso à investigação, e a partir dos estudos preliminares concluídos, elegi uma primeira concepção a nortear minha busca: as constituições identitárias juvenis conformam-se num amplo contexto de composições e ambivalências, tendo como pólos, de um lado, os parâmetros gerais do moderno e sua crise; do outro, a especificidade da modernidade brasileira que, por si, consiste numa síntese do tradicional e do moderno que concorreram para a sua formação.

Entendendo que a expressão geral da experiência moderna se encontra em crise - expressa em novas condições complexas globais que provocam profundas alterações no âmbito da cultura, da economia, da comunicação, da política, entre outros – e que o moderno brasileiro também experimenta as influências desta crise, apresentando aos jovens outros referenciais, cheguei a uma segunda idéia: que as instituições sociais modernas, na

sua configuração brasileira, que antes se constituíam em orientadoras da socialização juvenil, apareciam para os jovens como fragilizadas e em crise, fazendo com que em suas constituições identitárias os jovens adotassem cada vez mais várias nuances originárias dessa nova realidade mundial. Por outro lado, a juventude continuava incorporando, nesse processo, antigos valores e antigas instituições, delineando a adoção de um quadro complexo de referências e reeditando o traço da modernidade nacional ao efetivar composições de tempos, experiências, idéias e realidades díspares, afiliadas à modernidade européia e à tradição colonial brasileira, atualizando-as pelos contextos da crise que vive o moderno hoje no mundo e no Brasil em particular.

À medida que avançava nesta formulação, percebi que esse processo implicava num alto nível de tensão e insegurança a ser gerenciado no âmbito das relações entre os jovens e destes com os grupos, as instituições e a sociedade em geral. Para mim, a tensão existente decorria não apenas da sua condição juvenil, que nas suas vivências e descobertas era instada a experimentar, reforçar ou negar questões ainda supostamente tidas como do mundo e da vida adulta. O estado de tensão verificado - manifesto em temor, insatisfações, incertezas e desesperança - também se originava do fato dos jovens não conseguirem identificar com maior clareza e segurança o que devia ser reforçado ou negado, isto é, de poderem confiar na pertinência, eficácia e eficiência dos novos parâmetros ou na possível validade dos antigos enquanto orientadores seguros de suas vidas em construção. Com esta reflexão cheguei a outro ponto: a tensão que tinha lugar em suas vidas tendia a se revelar mais intensa quanto maior e mais forte fosse a relação estabelecida pelos jovens estudados com quadros mais acelerados de mudanças das referências, onde os mesmos ficassem expostos a um nível elevado de insegurança e submetidos à contingência da constante demanda por uma escolha – solitária e nem sempre possível.

Por fim, e em síntese, supus que no processo de constituição identitária fazia-se presente a incorrência intermitente de suportes institucionais melhor conhecidos da cultura moderna **brasileira** – inclusive naquilo que ela tem de não-moderno - mesclados aos novos aportes que brotavam no cotidiano mundo afora. Valores tradicionais se retraduziam conservando seu espaço no âmbito das práticas, das afinidades e identidades jovens, também orientadas pelas novas referências fazendo com que as identidades juvenis fossem constituídas enquanto ‘identidades abertas’, reconformadas a partir de movimentos constantes que também encerravam a insegurança e a fluidez que os jovens experimentavam nesses novos tempos.

Quanto à opção metodológica, compreendia que concretizá-la seria ultrapassar a idéia de escolha de uma série de instrumentos e da definição da sistemática de trabalho a ser consumada. Pressupunha uma **postura de pesquisa** que implicava na perspectiva sob a qual o pesquisador olhava a realidade social para daí escolher o caminho que o guiaria na relação com o real como um todo, o ponto de vista teórico a adotar e, por fim, do instrumental que viabilizaria a abordagem desejada por mediar as questões construídas abstratamente pelo pesquisador e tornar possível a interlocução com o real.

Do ponto de vista da abordagem dos sujeitos, tomei de antemão um determinado caminho o qual explico. Um traço marcante dos estudos na área juvenil é a aproximação feita com a temática a partir dos problemas tidos como **dos jovens**, vinculadas ao uso de drogas, à exclusão social, violência, consumismo, dentre outros, os quais a sociedade entende, no mais das vezes, como dificuldade de socialização do jovem e que dela requer um encaminhamento. Partindo de um outro olhar, a intenção desta pesquisa era **centrar-se nos próprios jovens**, abordando-os como sujeitos que ocupam um lugar social particular e que possuem expressões identitárias constituídas a partir da relação que protagonizam com o mundo à sua volta através de suas falas, práticas, gostos, atitudes, pensamentos, desejos, preocupações, projetos que possuem – ou não - para si e para o coletivo e das demais questões que a investigação revelou. O enfoque era, por fim, procurar abordar os jovens como sujeitos de um ambiente cada vez mais complexo e inconstante para todos, superando a postura do eterno **enclausuramento do juvenil nas teias dos problemas** de natureza social, política, policial, psicológica, entre outros, mas o percebendo transitando por todos os ambientes sociais, inclusive por esses, conforme a pesquisa revelasse.

Entendi que o objeto de pesquisa proposto era observável empiricamente, muito embora essa primeira observação oferecesse apenas uma visão caótica do fenômeno incompreensível para além da aparência. Acercando-me dos recursos da pesquisa, intentei organizar e estudar o fenômeno a partir de categorias constitutivas apontadas; desviando o olhar do mundo visível e procurando, em processo ascendente de abstração, buscar compreender as relações e determinações do problema proposto. Esses foram os momentos onde encontrei as conexões lógicas, múltiplas, à primeira vista ocultas, as quais foram me oferecendo a compreensão do que eu observava. Com este esforço busquei desencadear um nível de construção e articulação teórica capazes de reconfigurar e, agora, explicar o real e rerepresentá-lo como síntese de uma complexidade que, ao mesmo tempo, permaneceram em intensa articulação. Com essa construção, acredito que a questão de pesquisa foi

reapresentada; porém não mais de forma caótica, mas revelando sua compreensão para além do real dado, fechando-se assim o percurso investigativo.

Pela natureza do problema proposto, a pesquisa em tela afirmou-se como de natureza qualitativa, visto intentar a revelação de um problema e a partir do contato direto com as especificidades e dinâmicas próprias tanto do cotidiano dos grupos juvenis, quanto de seus participantes. Buscou conhecer as relações travadas nesses espaços e os sentidos neles construídos, ressaltando mais os significados presentes em discursos e práticas do que a frequência de acontecimentos, muito embora tenha também se utilizado deste recurso, porém em menor escala (TOBAR e YALOUR, 2001).

No tocante à relação a se efetivar entre a pesquisa, a pesquisadora e os sujeitos partícipes do processo - ponto crucial para a consecução dos objetivos propostos - parti do princípio de que a participação ativa dos sujeitos era um aspecto fundamental para a construção e explicação do problema proposto. Desse modo, os mesmos deveriam interagir com todo o desenvolvimento da coleta de dados, conhecendo propósitos, instrumentos, rotinas e co-produzindo sentidos e significados e, dessa forma, influenciando na expressão final dos achados, que ainda assim e certamente, persistiria enquanto uma visão limitada, posto que toda interpretação do real é incompleta. Acreditei que a disposição precípua de interação com os sujeitos me asseguraria que a investigação não sofreria de limitação imputada por uma postura que, de saída, engessaria e descaracterizaria a realidade estudada em nome de uma inatingível objetividade total. Na minha avaliação, essa proximidade também propiciou maior possibilidade de desreificação do real, expondo a sua complexidade e seus fluxos de relações. Quanto aos riscos de vieses colocados por tal proximidade, tomei alguns cuidados metodológicos, quanto ao cotejamento e confirmação de dados a partir do uso de três instrumentos de coleta, quais sejam o questionário, as entrevistas, a observação e o registro fotográfico.

Adotando a participação ativa dos sujeitos como algo de primeira relevância, fiz outra escolha que foi de trazer ao texto a fala dos jovens. Primeiramente, movida pelos interesses da pesquisa, pensei ser interessante que eles próprios falassem através do meu texto, exatamente como se colocaram – com interrupções, imprecisões etc – buscando me ater à maior verossimilhança possível ao pensamento de cada um. Isso, ao ver, oportunizaria leituras outras do que quiseram anunciar, para além daquilo que consegui decodificar. Depois, movida pela constatação obtida de que, mesmo imersos no mundo da comunicação imediata, os jovens possuem poucos canais para expressar suas reflexões, inquietudes e demandas e **serem ouvidos**. No geral, o discurso jovem é muito pouco levado

em conta para além dos clichês e modismos, funcionais a algumas intencionalidades, como eles próprios reclamam:

... só queria falar um pouquinho de como a sociedade me vê. Acho que a sociedade em geral vê as pessoas de três modos: ou quando você está invisível pra ela, quando você não tá... você contribui, mas é invisível, você tá vivendo no sistema, mas você não interfere nos interesses dela, entendeu? Um... uma outra quando você é um *pop star*, ou seja você está dentro da mídia. Isso faz você girar a máquina mais ainda, então você é mais valorizado, então quando você... quando você tem muita grana, tem muita atenção voltando pra você. A outra é quando você quiser pagar a comida dos seus filhos e você não tiver, ou qualquer outra coisa... quando você quiser uma das coisas que a sociedade diz que você tem que ter - que é o tênis *Nike*, que é um super carrão e você adquire um desses não sendo da forma pelo dinheiro - daí você é mandado pra escola do crime, entendeu? Aí sim, (...) você se transforma nessa figura, você é um problema (...). E tem um outro também, que é um outro perigo, né, que é o que agora a gente tá se transformando, ou seja, a gente tá dentro dela, mas a gente tá com uma intenção de subverter essa ordem entendeu? Só que, por enquanto, a gente não interfere politicamente de uma forma que a gente seja uma ameaça, entendeu? Agora a gente pode chegar a isso, por exemplo, entendeu? Falei. (Caboclo de Pena, membro do AI, em entrevista, em 18/04/04).

Não esqueci que também aqui neste texto os discursos juvenis estariam limitados, no caso, pelos propósitos da pesquisa e pelas escolhas da pesquisadora - como do conhecimento de todos - mas me propus a viabilizar que nesse âmbito os jovens dispusessem de um canal institucional através do qual pudessem se manifestar na certeza de que pelo menos alguns daqueles que atribuem importância à fala juvenil tomariam conhecimento daquilo que têm pra dizer, a partir dos seus coletivos e mesmo individualmente. Desse modo, solicito a paciência do leitor em acompanhar a farta oralidade dos sujeitos presente neste texto. Solicito também a tolerância para a licença auto-atribuída de apresentá-la em circunstâncias e momentos do texto pouco comuns conforme a tradição do texto acadêmico.

A escolha de focar o interesse nos sentidos construídos, buscando elaborar a partir daí categorias e pontos de chegada, me obrigou também a lançar mão do recurso descritivo, de corte etnográfico, a fim de aclarar contextos e relações tidas como significativas em cada tomada da análise. A escolha feita se mostrou uma medida muito importante também devido às atuais circunstâncias em que se apresentam os temas constantes da investigação. A cabal alteração de parâmetros no tocante ao entendimento do seja a atual modernidade, a juventude e a identidade terminaram por situar a minha questão de pesquisa em ambientes por demais imprecisos, pouco dados à construções acabadas.

Esses temas encontram-se fazendo parte do movimento do real na atualidade, recompondo-se e modificando-se no cotidiano no ritmo que o momento histórico vai impondo, dificultando a elaboração de raciocínios fechados e conceitos acabados. Algum tempo ainda se faz necessário passar para que os compreendamos de maneira mais conclusiva. Essa constatação exigiu da pesquisa olhar ágil e atento e o desenvolvimento de um esforço maior no sentido de compreender expressões e movimentos, bem mais que a intenção de construção de conceitos fechados acerca dos aspectos diversos da questão investigada.

Ainda quanto à relação da pesquisa com os sujeitos, notifico que todos os jovens aparecem no texto utilizando um nome fictício com a clássica intenção de preservar suas identidades. Decidi escolhê-los observando o padrão geral de cada grupo: para a OV nomes comuns, para o AI adotei os nomes dos instrumentos utilizados e outros inspirados nos personagens do cortejo do maracatu; no SDF construí apelidos do mesmo estilo daqueles utilizados especialmente nos contatos virtuais. No caso deste último, destaco que a partir da análise sobre o teor dos dados levantados e o potencial prejuízo que os mesmos pudessem representar para o grupo, julguei por bem manter em sigilo não apenas a identidade dos membros do SDF, mas também a do próprio grupo, do seu *slogan* e *logo*, atribuindo ao mesmo nome e expressões fictícias. Os locais públicos freqüentados que poderiam identificar o grupo também tiveram seus nomes substituídos por outros, assim como os dois bairros principais que habitam e freqüentam. Aqui aparecem denominados como Maré – bairro situado na Ilha e próximo ao centro da cidade – e Colina – bairro do Continente. Pela mesma razão apontada acima abdiquei da utilização de parte do montante de dados coletados, incluindo fotos, escolhendo assumir os limites e imprecisões que o gesto possa ter produzido para a análise. As fotos que seguem utilizadas pela pesquisa foram devidamente desfocadas.

Dado o entendimento que um fenômeno qualquer obrigatoriamente possui uma diversidade de constituintes que se interpenetram e participam da sua expressão concreta, e considerando especialmente as várias contribuições que as temáticas estudadas têm recebido por parte de pensadores afiliados a campos temáticos diferenciados, a pesquisa lançou mão de várias abordagens teóricas, como a sociologia, a política, a antropologia, a economia e a psicanálise, envidando um esforço no sentido de contemplar aspectos que de um modo ou de outro se mostravam de muita relevância e não se mostravam inteiramente contemplados nos marcos de um ou de outro enfoque isoladamente. A meu ver essa foi uma decisão acertada, uma vez que pude me aproximar e

me acercar de contribuições indispensáveis, nem todas contempladas num único campo teórico.

Tendo em vista o tipo de pesquisa e partindo da mesma preocupação, me acercar minimamente da complexidade do problema proposto, também decidi utilizar mais de uma técnica de coleta de informações. Foi assim que adotei a **observação**, a **entrevista grupal**, o **questionário** e o **registro fotográfico**, conforme descrevo:

a) **A observação:** recaiu sobre os três grupos escolhidos em seus momentos de interação coletiva regular e espontânea, tanto em atividades *off-line* – encontros, reuniões, festas etc - quanto *on-line* – listas de discussão e conversas virtuais. A naturalidade dos encontros espontâneos com suas trocas, consensos, disputas, influências mútuas de opiniões e atitudes possibilitaram oportunidades ricas para a percepção mais genuína de importantes aspectos das práticas, valores e orientações individuais e coletivos, não perceptíveis em situações formais constituídas para pesquisa. Foi assim que estive presente no cotidiano do AI por nove meses e do SDF e da ODV por oito meses, entre os anos de 2003 e 2004, acompanhando encontros em logradouros públicos (como em *shoppings*, no Trapiche Beiramar, no Centrinho da Lagoa, em pracinhas de bairro e outros *points* diversos), reuniões, palestras, bailes, viagens, conversas virtuais, festas de aniversário, ensaios, churrascos, saídas noturnas, apresentações musicais, audiências públicas, sessões de jogos virtuais, exibição de filmes, encontros e rotinas domésticas entre outros.

Durante a coleta de dados, inseri-me nos grupos na condição de **observadora participante**, condição norteou o nível de envolvimento com os sujeitos da pesquisa. Como já informado, desde o primeiro momento os grupos tiveram conhecimento do meu papel nos seus ambientes coletivos e também da proposta de pesquisa como um todo. Tive clareza da interferência e possível limitação provocada por essa forma de inserção no grupo, entretanto, considerando que qualquer escolha contaria com vantagens e limitações, pensei ser o procedimento mais recomendável aquele que resguardasse eticamente os sujeitos que se dispunham a colaborar com o estudo. Tendo em vista ainda a natureza dos grupos propostos para investigação, acredito que a alternativa de observadora participante foi a que se mostrou mais adequada inclusive nos momentos de interação virtual dos grupos dos quais participei. Nessa inserção os *e-mails* trocados pelos membros dos grupos AI e ODV e demais participantes das listas se verificaram por demais interessantes para a pesquisa, sendo – sempre que julgado necessário – impressos e juntados ao Diário de Campo. As conversas mantidas por mim com os membros do grupo no Canal Só Dá Festa-

SDF, bem como aquelas ocorridas entre alguns dos presentes ou mesmo mensagens lá expostas que se mostraram do interesse da análise também foram impressas para estudo posterior.

Além de prestar-se à coleta de dados, a observação foi um recurso de muita relevância no que diz respeito à conferência da validade às informações adquiridas (TRIVIÑOS, 1987; RUDIO, 1989) via indivíduos do grupo ou através dos outros instrumentos propostos. Ao longo da coleta a observação foi ainda um instrumento de grande valia para a reorientação e/ou correção do percurso da pesquisa, bem como para conferir maior abrangência e profundidade às informações obtidas.

Todas as observações dos campos foram devidamente registradas logo após o seu encerramento, seja por escrito em Diário de Campo, seja em gravação, posteriormente também transcrita no Diário. Esse cuidado objetivou conservar não apenas a inteireza dos fatos, mas seus contextos e formas de expressão, bem como a preocupação de garantir que análises e interferências subjetivas da pesquisadora não alterassem mais do que o esperado os eventos testemunhados.

O longo tempo tomado pelo trabalho de campo - em função das dinâmicas que iam se inscrevendo nas rotinas grupais, exigindo momentos diferentes de acompanhamento e maior dedicação a um ou outro grupo e maior permanência em dois deles - constituiu-se como uma dificuldade. É importante ressaltar que a grande quantidade de material para anotação em Diário de Campo - e para organização posterior - é algo que exige muito do pesquisador e deve ser levado em conta quando a idéia for trabalhar com vários grupos ou por um longo tempo.

b) A entrevista grupal: a adoção desta ferramenta se deu pelo seu potencial de viabilizar a "... compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e dos grupos sociais..." (GASKELL, 2002. p. 65); o acesso às informações através da interação grupal, espaço onde ocorre, entre outros, "... a influência mútua de opiniões e atitudes entre os membros do grupo..." (MINAYO, 1999. p. 23). Para Gaskell (2002), a entrevista grupal expõe uma sinergia emergente da própria interação grupal, o que não se alcança entrevistando individualmente cada membro de um grupo. Outro aspecto importante levantado pelo autor é a possibilidade de se deflagrar um envolvimento emocional "que raramente é visto numa entrevista a dois." (GASKELL 2002. p.76).

Foram entrevistados grupos-amostra constituídos de conjuntos quantitativamente reduzidos, escolhidos entre os jovens participantes dos grupos Arrasta Ilha, Oficina da Vida e Só Dá Festa. Para cada um deles foram constituídos dois grupos-

amostra. Um primeiro composto pelos membros fundadores e/ou membros que faziam parte do coletivo desde os seus primeiros momentos de existência, dedicou-se a recuperar o histórico do coletivo num encontro grupal para uma única entrevista.

O segundo grupo-amostra dedicou-se a discutir os tópicos gerais propostos pela investigação, encontrando-se por cinco oportunidades. Para compô-lo foram escolhidos jovens de ambos os sexos, com idades variadas, bem como inserção social e etnia diversas, quando isso se verificou importante no coletivo maior. Outro critério de escolha dos participantes para compor o segundo grupo-amostra foi o alto nível de presença e participação no seu grupo quanto às atividades desenvolvidas e propósitos assumidos coletivamente. Deveriam ainda possuir conhecimento do grupo e de sua dinâmica, bem como demonstrar certa condição de elaboração e explicitação da problemática investigada pela pesquisa. O segundo subgrupo encontrou-se por cinco vezes – no caso do AI e da ODV – e três vezes – no caso do SDF. A adesão ao convite para participação dos grupos-amostra foi voluntária.

Ressalto que no caso do SDF experimentei uma grande dificuldade em compor o subgrupo e, especialmente, em reuni-lo. Das muitas tentativas, três foram bem-sucedidas, porém, daqueles membros escolhidos, alguns faltavam aos encontros alternadamente, modificando a composição inicialmente pensada. Em especial no SDF realizei ainda uma entrevista individual com o jovem TRIMMY. Este membro não chegou a participar do sub-grupo por impossibilidades particulares, mas, tendo em vista a sua importância dentro do coletivo, entendi ser fundamental entrevistá-lo, embora separadamente.

Para o desenvolvimento das entrevistas, foram adotados um **roteiro de questões** e um **roteiro de tópicos**, incorporados como apêndices. Com o intuito de recuperar o histórico de cada grupo elaborei um roteiro de perguntas fechadas específicas, evidenciando aspectos dos grupos que refletiam o interesse da pesquisa. Com relação às demais entrevistas, ofereci aos grupos apenas o assunto para a discussão da oportunidade, acompanhado de uma breve explicação. Durante as entrevistas os sujeitos discutiram livremente os temas propostos pela pesquisadora, sendo apenas questionados ou reconduzidos à questão abordada quando assim se mostrasse necessário. As entrevistas foram gravadas e transcritas observando-se estritamente a linguagem adotada pelos sujeitos. Posteriormente, foram impressas em sua totalidade.

Uma vez finalizadas, pude verificar que a técnica da entrevista grupal possibilitou maior liberdade aos participantes para discorrerem em torno dos pontos

propostos pela pesquisa, potencializando a condição de sujeito dos mesmos e - no caso de um dos grupos - favoreceu inclusive o aceite de alguns convidados para compor o grupo-amostra. Para a pesquisa em tela, essa sinergia referida por Gaskell (2002) - explicitada por diversas vezes nos grupos-amostra - em muito ajudou na compreensão dos sentidos compartilhados e do nível de significado que cada questão aparentava ter para o grupo como um todo. Lidar com esse aspecto revelou-se fundamental, não apenas devido à preocupação central da investigação – tendo em vista que a pesquisa parte do pressuposto que a constituição das identidades efetiva-se na interação social – mas também por se tratar da juventude, que tem na convivência grupal uma das suas referências de maior porte.

A entrevista grupal colocou a possibilidade de maior exploração do objeto de pesquisa, inclusive a partir de preocupações e focos de interesse explicitados pela interação entre os sujeitos durante o processo de discussão, que até então não estavam colocados para a pesquisa. Outra vantagem se apresentou no tocante a uma certa garantia das informações objetivas prestadas nas discussões as quais, uma vez sendo do conhecimento do grupo, creio, sofreram maior conferência do que se oferecidas nas versões individuais.

Os desafios experimentados ao lidar com as entrevistas com esta proposta metodológica ficaram por conta das dificuldades de estabelecer horários e locais possíveis a todos os participantes de cada subgrupo e pela vastidão de material coletado. O montante consumado implicou que o trabalho de categorização desenvolvido se mostrasse árduo e sempre insuficiente – aos olhos da pesquisadora.

c) O questionário: o objetivo da utilização deste instrumento foi acessar informações de cunho mais pessoal que não estivessem dadas à observação nos ambientes coletivos. Para melhor organização das questões, o mesmo foi construído em duas partes. A primeira trazia 58 questões que levantaram dados sobre o perfil e modo de vida do respondente. Na segunda parte 25 questões apuraram informações acerca da sua relação com os familiares. (Modelo apresentado nos Apêndices). Um protótipo do questionário foi testado junto a 30% dos membros de cada grupo, dentre os participantes previstos para respondê-lo futuramente na sua versão definitiva. Uma vez consumado os devidos ajustes suscitados pelo teste, a aplicação definitiva foi feita junto aos participantes dos grupos de modo diferenciado. Na ODV, junto a todos os sócios efetivos que ainda mantinham algum tipo de vínculo com o grupo – somando 16 questionários. No SDF, junto aos membros que mostravam maior atividade na rotina do Canal e alguma presença nos encontros *off-line* – somando 22 questionários. No AI responderam o questionário todos os membros considerados fixos, num total de 19 respondentes.

O *software* utilizado na digitação e codificação dos dados adquiridos foi o *Statistical Package for the Social Sciences-SPSS*, versão 12. Os questionários foram definidos no programa de modo que este reconhecesse as opções de resposta por códigos e para a codificação foram utilizados numerais. Assim, sendo as respostas registradas em valores numéricos, permitiram o reconhecimento automático dos sentidos escritos nas alternativas de respostas apresentadas no questionário e escolhidas pelos sujeitos. Por este procedimento tornou-se possível a elaboração de tabelas de frequência e cruzamentos os quais possibilitaram visibilidade geral dos grupos e intergrupais, bem como uma interpretação mais fidedigna dos resultados obtidos.

d) A fotografia: tendo em vista a forte expressividade plástica e estética que encontrei especialmente em dois dos grupos estudados, considerei importante recorrer ao registro fotográfico no sentido de cobrir determinados aspectos que se furtavam de certo modo à palavra, melhor revelados pela imagem. Assim, recorri às câmeras fotográficas tipo padrão e digital, fazendo fotos coloridas e em preto-e-branco sendo uma parte delas revelada e a outra armazenada virtualmente. Tomei a decisão de disponibilizar aos grupos toda e qualquer foto por mim feita, tendo efetivamente repassado aos mesmos fotos digitais por eles solicitadas ao longo da pesquisa e após a mesma. No caso do Arrasta Ilha repassei a totalidade das fotos armazenadas virtualmente, por volta de 400.

A fotografia foi um canal importante de interação com o SDF, uma vez que a maioria dos jovens demonstrou muito apreço pela mesma. No caso da ODV já enfrentei alguma resistência por parte de muitos, o que limitou um pouco a utilização deste recurso.

Esses foram os instrumentos que viabilizaram a construção do banco de dados da investigação em tela. Em relação àqueles provenientes da entrevista e da observação, foram organizados conforme categorias construídas, quais sejam: origem dos grupos; motivos para a organização; interesses do grupo; características centrais do grupo; instituições modernas; instituições modernas em crise; valores modernos; valores modernos em crise; instituições vinculadas à tradição colonial brasileira; valores vinculados à tradição colonial brasileira; relação juvenil com a crise do moderno; temores e inseguranças. Quando necessário, fui constituindo subcategorias que melhor situavam os dados em cada contexto. Foi a partir deste *corpus* que desenvolvi a exposição e análise que constam deste trabalho conforme será apresentado nos capítulos seguintes.

Quanto à forma de condução que tomei ao longo da construção textual adianto que, embora tenha procurado dedicar um capítulo especial à apresentação dos coletivos, não pude deixar de proceder às análises que se fizeram indispensáveis diante de um

momento ou outro da qualificação dos grupos. Isso implicou que o corte analítico pontuasse o texto como um todo. Do mesmo modo, nos capítulos que colimaram especialmente a análise pretendida, em certas circunstâncias, se tornou imperativo recorrer à voz direta dos sujeitos.

Por fim, notifico acerca de alguns recursos tipográficos utilizados ao longo do texto. Utilizei o **negrito** para marcar os **grifos** de minha autoria, salvo indicação em contrário. Os **triplos asteriscos** indicam **supressão de texto** que implica em certa perda do sentido contextual, mas ‘obrigatória’, tendo em vista a preservação dos sujeitos. As **aspas únicas** foram utilizadas para **chamar a atenção** do leitor para um sentido suplementar que a palavra ou expressão assume no texto. Recorri às **aspas duplas** para destacar **citação textual** no corpo do texto, seja de autores, seja de falas e referências de falas feitas pelos sujeitos. As **reticências** nos depoimentos indicam **pausa feita pelos próprios sujeitos** em suas falas e as **reticências entre parênteses** indicam **supressão de texto** feita por mim à fala de autores ou sujeitos da pesquisa. No geral, a leitura permite plena compreensão dos recursos, não havendo a necessidade do leitor recorrer às indicações que faço aqui. As mesmas ficam a título de esclarecimento, no caso de eventuais dúvidas.

CAPÍTULO 2

APORTES TEÓRICOS

2.1 MODERNIDADE: desenvolvimento e crise

A modernidade e suas muitas abordagens... Para as finalidades desta pesquisa, parto do entendimento amplo da modernidade segundo a idéia que encontramos na obra de Max Weber: a de que a modernidade foi um advento do século XVIII, resultante de um *continuum* de racionalização experimentado pelo mundo ocidental. Esse processo afastou-se das bases da sociedade medieval, inaugurando novas realidades econômica, política, social, cultural e científica.

Em contraponto à sociedade antiga, delineou uma nova sistemática de produção e circulação dos bens – o capitalismo -, ocorrendo a desvinculação das pessoas das terras que ocupavam e a liberação em relação aos seus senhores feudais. Para estes, cessaram a responsabilidade pela segurança dos servos e proteção direta do território, visto que, do ponto de vista político a liberdade individual e o surgimento do Estado moderno vão se fortalecer como as instituições que darão suporte às novas relações que vão surgindo. Do ponto de vista da produção propriamente dita, assistimos também à transição dos ofícios regidos pelos mestres, com a superação da ascendência técnica, geracional e moral que estes tinham diante dos aprendizes e subordinados diversos. A ascendência passou a se dá em virtude da capacidade e possibilidade de demonstração da nova ‘verdade’, a verdade científica.

Nesse contexto, o aparecimento da máquina, que transfere para as suas manivelas e alavancas as mãos hábeis dos artesãos, transmuta o mestre de ofício em gerente e introduz a relação de fiscalização de produção/produktividade entre ambos, não atribuindo – com o tempo – significado maior à realidade cronológica presente nos ofícios. O trabalho foi retalhado e cada um passou a lidar com apenas um dos cortes operado no processo produtivo. Mulheres, jovens e crianças de camadas operárias foram chamadas a responder por parte da força de trabalho utilizada na produção.

Do ponto de vista sócio-cultural, a modernidade surgiu imbricada com novos parâmetros de explicação e interação com o real. A postura racional e instrumental assumida paulatinamente diante do mundo, a qual passou a ancorar a explicação dos

eventos e orientar o agir humano, desacreditou a compreensão mística, religiosa, holística da vida, das coisas e da natureza, oportunizando a laicização da vida. A ciência e a técnica, irmanadas, constituíram um dos mais fortes pilares desse novo momento da vida humana, intermediando a vida em sociedade e a relação de cada um consigo mesmo, com o outro, de todos entre si e com o mundo ao seu redor. Para alguns, esse foi o desencantamento do mundo.¹ A natureza e o ser humano perderam os seus mistérios, expostos à luz da razão e conquistados um a um. As pessoas tomaram ciência do seu corpo, da sua vida, do seu presente, passado e futuro a partir de parâmetros racionais. A natureza e as pessoas foram devassadas pela razão, superando a noção do divino como seu fundamento e explicação última. Acreditou-se que finalmente se havia chegado à descoberta da forma de pensar de Deus – entendido como razão e fundamento de tudo – conforme anunciou Galileu, na sua obra *O Diálogo sobre os Grandes Sistemas do Mundo*.²

No mundo moderno, onde todos foram instados ao trabalho sem contar com proteção apriossrística de outrem, além do Estado, outros aparatos foram-se conformando com o fito de oferecer um tecido social apropriado, que pudesse dar suporte ao *modus vivendi* em construção. Uma nova moral substituiu a moral consolidada diferenciadamente por cada clã, cada feudo de acordo com suas experiências e possibilidades históricas (ROUNETT, 1986; Souza, 2000). Surgiu, então, uma moral que legitimava a propriedade privada apartada da idéia de linhagem, assim como a proteção da moeda e o uso da repressão armada pelos Estados laicos, com vista à garantia dos preceitos morais universais, em tese, válidos para todos, em todos os lugares. Outro aspecto relevante, do ponto de vista político, foi o surgimento da democracia liberal burguesa, que encontra campo fértil para sua consolidação e expansão, chegando a estar presente em quase todas as paisagens do mundo moderno ocidental. Sobre a intensa aceitação dos padrões modernos de vida, dizem Heller e Fehér (1994:53) que “... no século XIX e, principalmente no XX, o ordenamento

¹Questionando se realmente cruzamos as fronteiras rumo ao moderno, Latour (2000) é de opinião que nunca fizemos essa passagem completa, definitiva, como pregada à exaustão. Resgata na sua discussão quão presentes são os híbridos e quão fortemente entram em cada explicação que tentamos produzir sobre o mundo e os próprios seres humanos. Tanto no que tange à natureza, às próprias coisas que inventamos, aos discursos, à técnica e, por fim à cultura (que entende por “coletivo”) que constituímos.

² O personagem Salviati, falando pelo seu criador, diz; “Se o termo ‘entendimento’ tomado na acepção de intensivo significa a compreensão intensiva, isto é, perfeita, de uma dada proposição, direi então que o entendimento humano compreende algumas proposições tão perfeitamente e alcança uma certeza tão absoluta quanto a própria natureza. (...) o intelecto divino conhece um número infinitamente maior, dado que as conhece todas, mas se o intelecto humano conhece poucas, julgo que o conhecimento que delas têm iguala em certeza objectiva o conhecimento divino...” (GALILEU GALILEI, apud SANTOS, 2000a, p. 63).

social moderno provou ser tão bem sucedido que as pessoas começaram a transplantá-lo [inclusive] para territórios onde a dinâmica da modernidade ainda não havia surgido...”.

Na modernidade operou-se o descolamento das realidades tempo-espaço. O primeiro movimento foi o distanciamento do tempo dos fenômenos naturais, para, em seguida, o mesmo desobrigar-se da contingência espacial. Com a invenção da máquina - no caso, os relógios - e de abstrações como o calendário, o ser humano prescindiu da natureza para orientar-se e para calcular ritmos de vida e de trabalho (ELIAS, 1998). As idades precisas e datas uniformes ganharam sentido num contexto cronológico de vida em sociedade voltada para rotinas humanas, produção e usufruto de bens e serviços em turnos estabelecidos pelo processo produtivo e pela cultura dele emanesciente. Também a invenção da máquina retraduziu a idéia de espaço. A representação medieval de espaço tinha por pressuposto a capacidade humana de realização de algo por suas próprias forças físicas. Portanto, espaço era entendido como a distância percorrida em determinado tempo – utilizando-se da capacidade humana para deslocamento. (BAUMAN, 1999; ELIAS, 1994 e 1998; GIDDENS, 1991, MARTINS, 2000). A inteligência humana voltada para a invenção técnica subverteu essa ordem e lhe retirou o sentido. Com a introdução do transporte o tempo passou a minguar em relação a um mesmo espaço a percorrer, assim como – do ponto de vista histórico-cultural – passou a se apresentar intercalando realidades temporais diferenciadas. (BAUMAN, 2001). Os processos sociais, estimulados pelo avanço tecnológico e pela dinâmica do capital, foram se mostrando onipresentes em contextos antes precisamente pautados pelas contingências da natureza. A tendência verificada a partir da modernidade foi, portanto, o avanço desta condição de independência das realidades tempo, espaço e configurações históricas dadas.

Dentre as instituições modernas, merece ainda destaque a família enquanto espaço organizador da vida privada, ganhando contorno destacado, assim também se verificando com os papéis nele desempenhados. Constituiu-se a noção de infância e juventude e as expectativas sociais em relação às mesmas. As atribuições dos adultos, mormente as de pai e mãe, foram demarcadas por novos parâmetros. A família de padrão médio, que encarnou o protótipo institucional almejado pela ordem burguesa, encerrou-se na clausura domiciliar e responsabilizou-se, em última instância, pela formação e socialização dos seus filhos, operando os estatutos institucionais que normatizavam a convivência social (ARIÈS, 1978). Num contexto onde não se espera mais do senhor feudal e da comunidade a proteção e segurança, atribuiu-se ao grupo familiar as responsabilidades pelo cuidado e suportes necessários aos novos integrantes do grupo social.

A escola remodelou-se e apareceu como parceira indispensável deste processo; reforçada e legitimada como herdeira de um papel que até então cabia à Igreja. A educação, até ali permeada pela religiosidade; voltada para a formação da pessoa e para o aprimoramento das relações da nobreza (ELIAS, 1994), abandonou a formação do ser e voltou-se para o externo. Apresenta-se de perfil racional, voltada para a intervenção no mundo com vistas a sua dominação.

É esse mundo moderno, genericamente caracterizado, que percebo em crise, a partir da explicação de Bauman (2000) em seu trabalho *Em Busca da Política*. Segundo o autor nas últimas décadas nos demos conta de que os postulados orientadores das práticas e vidas nas sociedades modernas estão em desagregação. Mostram-se insuficientes para gerar as respostas que buscamos, a clareza de procedimentos e a segurança do que esperar em relação ao que se experimenta. É um momento especialmente de tomada de conhecimento de que na modernidade sempre padecemos desses limites em maior ou menor grau e de que possivelmente não nos afastaremos mais deles. A partir desta ótica, compreendo que a crise do moderno significa antes de mais nada a exacerbação extrema dos seus postulados primeiros, exposta a olhos já agora desprovidos da providencial ignorância que os protegia. A modernidade está nua e se revela assustadora para muitos.

O momento talvez seja, portanto, de compreender a crise moderna não como um estado de indecisão, mas como de impossibilidade mesmo de se tomar qualquer decisão. Essa consciência possivelmente nos retire a chance de lidar com a crise entendendo-a como um momento de re-situar-se e de tomar novos rumos, como a palavra pode sugerir: o que nos tira também a idéia de um novo desfecho e nos lança no indefinido, no polimorfo – talvez sempre existentes à espreita no mundo moderno construído sob o lógico, o racional, o previsível. Desse modo, e apenas para ilustração, digo que se os fundamentos modernos que hoje se mostram em crise não apontam para uma ruptura de parâmetros, e sim deixam às claras o que há de mais genuíno em suas constituições primeiras.

Por outro lado, podemos reafirmar que a modernidade vige quando observamos que os construtos básicos de sua materialidade – o Estado, o capital, a ciência, a razão, a cultura de massas etc. – ainda se apresentam estruturando a vida moderna, não obstante as profundas modificações porque passam segundo Rouanet (1986). Também para Bauman (1999) podemos continuar afirmando que a existência é moderna quando se percebe que a mesma ainda se prende ferozmente numa realidade de classificação entre a ordem e o caos, pela erradicação da ambivalência. Outro indicador é quando esta se compreende enquanto última instância do presente e ocupa também este posto num tempo futuro, através da auto-

projeção. Por último, a existência permaneceria moderna enquanto se sustentasse pelas vias do planejamento, da administração e da tecnologia massivas, competentes e soberanas materializadas por agentes habilitados para tanto, com vista à potencialização esclarecida da vida cotidiana. Os agentes trabalham sobre e corrigem aquilo que a natureza não produziu tão bem. É olhando pelo prisma desses estudiosos que penso ainda ter esses parâmetros validade destacada na organização do mundo e da vida em sociedade no nosso tempo atual.

Mas, se não superamos o moderno, como entender a realidade inegavelmente conturbada que observamos? Uma questão importante que Rouanet (Ibid.) levanta é a existência do convencimento geral de que a ruptura se fez. Para ele, esse convencimento deve-se muito mais ao desencanto humano; é o cansaço diante da tragédia em que se transformou a modernidade e o profundo desejo permanente de realizá-la enquanto promessa que foi. Assim,

...O pós-moderno é muito mais a fadiga crepuscular de uma época que parece extinguir-se ingloriamente, que o hino de júbilo de amanhã que despontam. A **consciência** pós-moderna não corresponde uma **realidade** pós-moderna. Nesse sentido, ela é um simples mal-estar da modernidade, um sonho da modernidade. É, literalmente, falsa consciência, porque é a consciência de uma ruptura que não houve. Ao mesmo tempo é também a consciência verdadeira, porque alude, de algum modo, às deformações da modernidade. Fantasiando uma pós-modernidade fictícia o homem está querendo despedir-se de uma modernidade doente, marcada pelas esperanças traídas, pelas utopias que se realizaram sob a forma de pesadelos (...), pela razão transformada em poder, pela domesticação das consciências do mundo industrializado, pela tirania política e pela pobreza absoluta dos $\frac{3}{4}$ restantes do gênero humano. (p. 49, 50, grifos do autor).

Por outro lado, acreditando que a modernidade é, por si e desde sua gênese, prenhe das ‘deformações’ que hoje apenas se mostram exacerbadas, Bauman (2001), aponta que esta apenas vive uma nova fase de sua história. Assim sendo, atuais realidades de desagregação das próprias referências modernas não podem ser olhadas com surpresa, uma vez que a essência moderna foi, desde o seu princípio, um processo de “liquefação” dos sólidos da tradição, das bases da experiência, das referências de tempo e espaço consolidadas, entre outros; processo este que o moderno não conseguiu estancar diante dos novos parâmetros que logrou consolidar, seqüenciando o seu trajeto de desconstrução constante. Nesse mesmo sentido, o autor destaca que a árdua tentativa moderna de

perseguir a cognição transparente do mundo e de conter as suas ambigüidades verificou-se, ao contrário, como um celeiro de desconhecimento e de híbridos, onde

... a anormalidade é o outro da norma, o desvio é o outro do cumprimento da lei (...), a barbárie é o outro da civilização (...), ‘eles’ o outro de ‘nós’, a insanidade o outro da razão (...), o público leigo o outro do especialista... (BAUMAN, 1999, p. 22). “Todo esforço para determinar resulta em mais indeterminação; toda tentativa de codificar, de sobrecodificar, de fixar tem que simultaneamente aumentar a soma total (...) de acaso e indeterminação . Cada passo interpretativo cria novas tarefas de interpretação.” (Id. Ibid. p. 201).

Vivenciamos, portanto, um contexto saturado pelas contingências que sempre povoaram o projeto moderno e que agora não mais podem ser administradas, domesticadas ou ignoradas, tendo em vista o poder que terminaram por adquirir em função da presença ostensiva que possuem. Quando eram apenas a câmara de vácuo de Boyle ou o Leviatã de Hobbes ou os vírus de Pasteur, como nos exemplifica Latour (2000), a administração era possível aos modernos. Mas diante dos micro-robôs, dos clones, da conquista do espaço e de todos os seus duplos inevitáveis, uma nova realidade se impõe a consideração no cotidiano do mundo e da vida. A radicalização das imprecisões, atravessando todos os ambientes do discurso moderno, forçosamente lançou dúvidas sobre as verdades construídas acerca do projeto moderno e de seus objetivos, lançando-os em estado de clara incerteza. Diante desse contexto, a modernidade não pode mais se furtar ao encontro com a sua complexidade, expressa de modo agudo em nossos tempos. Uma vez imersa em estado de indefinição e desordenamento a modernidade experimenta a crise de validade de seus próprios pressupostos. No meu entender é exatamente esse contexto que chamo de crise que é nominado por outros de alta modernidade, modernidade líquida, entre outros.

Diante da problemática estabelecida faz-se interessante para a investigação que proponho caracterizar de modo mais particular a expressão desse momento da história moderna no ambiente das relações sociais. As instituições modernas que até recentemente se propunham a responder pela organização da vida em sociedade já não conseguem lidar satisfatoriamente com os problemas engendrados por esse novo contexto, levando ao questionamento da suposta infalibilidade das citadas instituições e à reincorporação das mesmas sob uma nova expressão e em contextos diversos. (BECK, 1995). Embora não tenham sido superadas, estas apresentam uma tendência crescente de modificação com vistas a assumirem perfis e papéis até então ausentes da lógica da organização social moderna. (GIDDENS, 1997).

Tendo por *locus* primeiro o ambiente das sociedades industrializadas avançadas, a crise da modernidade é algo hoje presente em maior ou menor intensidade, através de uma expressão ou outra, em todo o mundo. Especialmente nos países desenvolvidos, nas últimas décadas do Século XX o desenrolar de alguns aspectos têm sido relevantes para a configuração desta nova cena. Mostram-se como questões mais indicativas desse momento aludido:

a) o espetacular desenvolvimento da teleinformática que permitiu a inter-relação de todo o mundo em tempo real, diluindo, assim, as fronteiras e imprimindo outra noção de tempo e espaço em lugar daquelas que até então pautavam a ação humana. A comunicação mediática, a facilidade de deslocamento, o comércio internacional são outros aspectos que contribuem diretamente para que o contexto de crise e os seus desdobramentos – para o bem e para o mau - se espriem com facilidade e eficácia pelo resto do mundo. Tal fato exige encaminhamentos compatíveis com este novo momento histórico, tanto das coletividades quanto das individualidades que partilham desses novos tempos.

b) a crise do socialismo e o descrédito nas mega-narrativas que fundamentavam a organização de grandes parcelas no mundo. Simbolizado pela queda do muro de Berlim, o fim da divisão do mundo em duas ideologias fundamentais levou à desestruturação político-econômico-territorial uma quantidade significativa de países que até então se organizavam em torno das idéias socialistas. Embora contestado por setores cada vez mais insatisfeitos com os rumos que temos tomado como humanidade, esse fato tem justificado algumas análises que apontam os nossos tempos como caracterizados pelo fim das ideologias e, conseqüentemente, das diferenças substanciais entre correntes políticas que dão lastro às organizações político-partidárias no contexto das sociedades democráticas representativas.

c) a crise do capitalismo que saturou o seu modelo de produção fordista e avançou para a redefinição de novas estratégias produtivas, apoiado nas experiências desenvolvidas nos países asiáticos, principalmente, e no avanço tecnológico existente. A automação tornou-se predominante na produção e a ligação em tempo real de módulos produtivos espalhados pelo mundo conferiram agilidade e caracterização nunca vista aos processos de produção. A nova realidade dispensa estoques, sedes permanentes e instalação de grandes e pesados parques industriais, alterando de vez os parâmetros de produção vigentes.³ Outra mudança fundamental foi quanto à opção do capital até então ocupado na

³ Uma abordagem mais detalhada da questão pode ser encontrada no Capítulo 4 desta tese.

produção de bens que passou a escolher os mercados financeiros transnacionais como *locus* prioritário de investimento, fazendo com que o capital especulativo dominasse a cena dos mercados sem pátria, especialmente viabilizado pelo avanço dos recursos telemáticos.

d) a fragilidade do Estado-Nação enquanto ente regulador do convívio social e gestor de um território demarcado. Atingido pela crise que se abateu sobre o capital, o Estado passou a abdicar da tarefa de oferecer respostas às demandas sociais geradas num ambiente democrático. Nesse novo contexto, a ação estatal passou a orientar-se pelos pressupostos da estrita racionalidade, orientada pela eficácia e eficiência nos gastos, tidas como as diretrizes fundamentais das novas práticas num contexto de dificuldades. Do ponto de vista das fronteiras, a reconfiguração geo-política do mundo em norte-sul, a regionalização dos blocos econômicos e o recrudescimento dos conflitos regionais puseram em cheque a idéia de Estado-Nação e a força do mesmo enquanto administrador dos interesses e conflitos territoriais.

Uma questão particular merece ser referenciada, que é a nova situação experimentada pelo indivíduo. Como advento histórico, a modernidade realizou-se e se consolidou a partir da promessa de projeção individual para o centro da cena; o indivíduo seria o protagonista. Não obstante, o percurso histórico da mesma pauta-se na negação da livre expressão individual. Desde o primeiro momento, a supressão do controle do indivíduo pela tradição, religião e hierarquia foi substituída pelo controle econômico do capital e pelas relações de poder engendradas no âmbito das relações de produção. Neste espaço se organizaram as demais instituições de controle social e político, desviando-se o foco do desenvolvimento individual para a ampliação da relação de dominação crescente, ferindo de morte as promessas – já puramente formais - de igualdade e liberdade. Além disso, as alternativas políticas engendradas por ideologias alternativas ao capitalismo apostavam na organização coletiva e, freqüentemente, em propostas totalitárias que também diminuam a relevância individual na cena política mundial.

Essa realidade, que é histórica, mostra-se na atualidade produzindo contextos ainda indefinidos, em crise, em nível micro e macro da vida, como discute Bauman (2000, p.14):

Hoje, os padrões e configurações não são mais 'dados', e menos ainda 'auto-evidentes'; eles são muitos, chocando-se entre si e contradizendo-se em seus comandos conflitantes, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. E eles mudaram de natureza e foram reclassificados de acordo: como itens no inventário de tarefas individuais. Em vez de preceder a

política-vida e emoldurar o seu curso futuro, eles devem segui-la (derivar **dela**), para serem formados e reformados por suas flexões e torções. Os poderes que liquefazem passaram do ‘sistema’ para a ‘sociedade’, da ‘política’ para as ‘políticas da vida’ ou desceram do nível ‘macro’ para o nível ‘micro’ do convívio social. (grifo do autor).

Neste cenário da modernidade, com a evanescência de instituições que se definiam a partir do coletivo, as grandes narrativas perderam o poder de organização das práticas, instaurando-se um novo processo de socialização assentado nas narrativas atomizadas. Esse fato aponta outra realidade em relação aos grupos de convívio constituídos em torno da família, do trabalho e da moradia e a ostensiva presença da contingência nas práticas sociais coloca-se definitivamente como parte constitutiva do cálculo racional e não mais um risco possível. (GIDDENS, 1991). Com o indivíduo recolocado no fulcro da discussão e sua existência orientada no sentido de sua biografia pessoal, o mesmo se encontra obrigado a assumir individual e contingencialmente suas escolhas, projetos e trajetória de vida; exposto às contradições, riscos e chances desse novo ambiente. (BECK, 1993).

2.1.1 Modernidade e identidade: um debate necessário

A discussão acerca das possibilidades de constituição identitária no nosso tempo de crise da modernidade explicita muitas dificuldades, mas o interesse pelo tema no âmbito das construções teóricas atuais indica que ainda não superamos nossas inquietações acerca do mesmo.

A modernidade consolidou-se a partir do intento de livrar as pessoas da suposta ignorância a que estavam submetidas, uma vez que se relacionavam com o mundo a partir de explicações mágicas que davam às coisas e à vida. Libertar as vidas do peso da tradição, do místico, do destino da linhagem familiar e do vínculo local, referências sólidas que norteavam a lugares no mundo e a condução da vida em sociedade. Nesse intento é que se forjaram as novas promessas da igualdade e liberdade, as quais projetariam o indivíduo para o centro da cena sócio-política como o seu protagonista e do proceder racional-instrumental, que o habilitaria a lidar com o mundo numa perspectiva de superioridade pela desmistificação e conhecimento, com vista à dominação e conquista da natureza, contando com o referencial das novas instituições – a liberdade, a igualdade, o Estado-Nação, a propriedade privada, a constituição normativa universal, a família nuclear, entre outros -

como suportes concretos que norteavam o desenvolvimento do indivíduo e sua relação com a sociedade.

A expectativa por muito tempo conservada era de que a nova ordem levaria a humanidade ao progresso econômico e moral e à justiça e, principalmente, à “organização racional do cotidiano” (HABERMAS, 1983, p.8). O mundo revelado, ordenado e dominado a partir de parâmetros objetivos, livre do caos e da incerteza; o mundo racionalizado. Livre do jugo da tradição e da hierarquia, e sem um pressuposto teológico que o limitasse, o sujeito era, supostamente, soberano para construir uma existência própria, referenciada nos parâmetros sólidos que lhes eram oferecidos e já citados.

Não obstante, o percurso histórico da modernidade, que atualmente sumariza-se para nós de forma dramática, põe a mesma sob agudo questionamento, quando testemunhamos que as promessas, as instituições modernas e o jeito moderno de ser delas decorrentes experimentam dificuldades amplas e crescentes. Autores como Bauman e Heller põem em discussão a legitimidade de dois desses parâmetros fundamentais – **liberdade e solidez** – em se tratando das possibilidades de constituição do sujeito. Para Bauman (2001), com os tempos modernos mudaram apenas o tipo de grilhão ao qual se acorrentavam os indivíduos: passamos dos estamentos para as classes e para os sistemas especializados. Some-se o agravante de que, uma vez conquistada a liberdade, passou a ser responsabilidade de cada um, no seio desta nova “gaiola”, tornar-se adequado e adaptado, observando regras e pautas de comportamento originados nas instituições modernas. A liberdade conquistada choca-se com as limitações do real. Se já não existe o estamento predestinando vidas, agora estas são encapsuladas numa determinada ordem econômica, social, educacional, moral, sob as quais o indivíduo experimenta os contornos que será capaz de dar às suas possibilidades dentro de um universo amplo de alternativas que nem sempre lhe são realmente possíveis.

Nascer livre, sob esses parâmetros, é, para Agnes Heller (1994), usufruir de uma liberdade vazia, onde o poder de criar-se autonomamente é nulo, uma vez dependente das instituições especializadas. Ao tempo em que, potencialmente, nada impede o indivíduo de fazer-se; o seu campo de intervenção, demarcado institucionalmente, o comunica claramente de suas reais chances. E neste espaço em que se move, o emaranhado de relações que se verificam no plano institucional imprimem à subjetividade uma condição contingente. O reverso da liberdade é o imponderável, é a contingência de não mais contar com o indubitável. O previsível não se mostra tão previsível assim. A condição do indivíduo no âmbito institucional passa a se definir em função do que ‘está por ser feito’,

instando-o a assumir a responsabilidade de adequação perante um aparato conformado. Assim, o espectro da contingência, que a modernidade tão incessantemente buscou dominar por todos os seus canais, revela-se como imbricado na existência da liberdade e da própria modernidade, embora contida sob condições institucionais.

Para os dois autores ora abordados igual situação se verifica com o poder moderno de desestruturar o sólido, o definido, o estabelecido, esteja ele onde estiver. A força desagregadora assestada contra a tradição e o místico da pré-modernidade consubstancia-se no anseio da certeza, do objetivo, do progresso. Materializa, enfim, a força da busca de superação de limites imanente à condição moderna, que, para tanto, carece da constante transformação e da conseqüente superação de conflitos, inclusive, internos (HELLER, 1994). Nesse sentido, a própria modernidade foi fluida desde o seu início, mesmo atribuindo-se a tarefa de construção da solidez confiável e permanente (BAUMAN, 2001). No seu frenético percurso histórico a modernidade atingiu a si mesma, quando na administração dos seus limites gerou radicais modificações – para não dizer a desagregação – das suas mais significativas instituições que respondiam pela organização da vida em sociedade. Nos últimos vinte anos, num acelerado processo, tais instituições mostram não conseguir mais lidar com os novos problemas engendrados pelas relações sociais no ambiente da modernidade tardia quanto ao estímulo e controle das práticas sociais. As ‘orientações’ são pulverizadas e conflitantes, levando ao questionamento da sua suposta infalibilidade e à reincorporação das mesmas sob uma nova expressão e em contextos diversos, com vistas a assumirem perfis e papéis até então ausentes da lógica da organização social moderna (BAUMAN, 2001).

Liberto das amarras e garantias pré-modernas, porém afastando-se das instâncias ‘seguras’ onde busque o estofamento para a sua formação e para onde possa projetar a sua identificação o sujeito encontra-se num estado de crise. A identidade projeta-se no mais das vezes como um auto-produto, muito referenciado internamente, em função das necessidades da biografia em construção. Desse modo, as heranças do percurso vivido só se tornam válidas no presente se pertinentes e contributivas a um projeto de eu, ‘aprovado’ pelo crivo de validade contingencial.

Neste contexto perdem força a experiência, o acúmulo da história e o coletivo. Em vez disso é freqüentemente nos sistemas especializados que o indivíduo vai buscar os recursos dos quais precisa com vista a conformar uma trajetória coerente diante da ostensiva contingência, do efêmero e da volatilidade do cotidiano. Mais que referências, os sistemas especializados são âncoras circunstanciais, dignos de confiança até uma nova

interpretação que melhor atenda às necessidades materiais e psicológicas e que mais eficazmente auxilie a interpretação e intervenção nos novos contextos. A regra é válida para todos, pois num mundo de especialistas cada um sabe muito pouco do que está além do seu restrito espaço de intervenção; tornando-se também dependente dos demais (GIDDENS, 2002).

A tarefa de ‘ser alguém’ se coloca como algo que envolve considerável dificuldade num mundo marcado pela profusão de demandas e de alternativas renováveis a velocidades antes impensáveis, propiciadas por contextos de relações e por um avanço tecnológico que não conhece limites. Através desses artifícios e na tentativa de responder à exigente e diuturna construção da narrativa pessoal, o eu multiplica-se através do espaço e do tempo (GERGEN, 1992). Não há um ponto de chegada, pois cada um deles se revela num novo leque de variadas possibilidades e a rotina do fazer-se ininterruptamente constitui-se antes numa fonte de ansiedade e de exaustão do que num universo de possibilidades infintas de conformação do eu, ao sabor das tendências de cada um. A exigência de controle, de mensuração, de avaliação e o estorvo da eterna dúvida estão a cargo do indivíduo, assim como suas possibilidades de sucesso e fracasso em meio a uma certeza: de que, ao fim, tudo se reiniciará como se cumprisse uma rotina de Sísifo.

O peso de tal fenômeno abala a auto-confiança, assim como a confiança nos outros e nos processos vivenciados (BAUMAN, 2000). Não há ‘chão firme’ onde pisar. Em contextos gelatinosos, de conexões e repercussões automáticas e globais, cresce a exigência junto a um eu fragilizado e sem amparo; que é instado à hiperatividade na construção de sua própria história, fazendo com que a constituição da identidade apresente-se profundamente vinculada e até dependente da realização pessoal; do quanto cada um é capaz de fazer por si próprio, priorizando questões particulares, em detrimento dos valores coletivos (WAGNER, 1996), num contexto local inconstante e desafiador. Em meio a tantas possibilidades, uma que se sobressai é a do indivíduo reencontrar-se acuado diante de si próprio, enredado no seu turbilhão pessoal.

A realidade da incerteza que impõe a aquisição desta nova experiência ao indivíduo - a de ser capaz de construir a cada vez o seu agora e sempre, bem como de recriar novos padrões de convivência e constituir ‘novos elos’ com o mundo ao seu redor – aponta a capacidade de escolha como um instrumento fundamental e indispensável para a condução diária da vida e para a composição das identidades que surgem ao longo dela. Essa escolha possível vai se materializar no seio da articulação de um **projeto individual**, que encerra a “performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a

avaliações e definições da realidade”. (VELHO, 1999, p. 28). O projeto, por sua vez, articula-se diante de um **campo de possibilidades**, entendido enquanto o âmbito das “alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico e da cultura” (Id. Ibid, p. 28). Tragado por uma complexidade, que não alcança dominar ou conformar a uma dimensão simplificada, o sujeito vê-se obrigado a operar em ‘mundos’ co-existentes, co-influenciáveis e cada vez mais diferenciados, implicando na necessidade de um certo **potencial de metamorfose**, que auxiliará o sujeito nas costuras que ele será obrigado a fazer entre essas múltiplas realidades (Id. Ibid). Apesar de inevitável, constante e intensa, a metamorfose precisa ocorrer preservando alguns suportes do sujeito, encontradas no seu processo de socialização seja junto à “família, etnia, região, vizinhança, religião, etc” (Id. Ibid. p. 29) às quais recorre estrategicamente no sentido de assegurar a sua unidade fundamental. Quanto mais radical a ausência dessas âncoras mínimas, maior a fragmentação do sujeito, uma vez que a veloz contingência das metamorfoses não o permite mais ‘estacionar’ para se recompor.

Como já adiantei, as abordagens teóricas são muitas e advindas de campos variados do saber e, nesse sentido, o que se encontra de consenso é que enfrentamos uma séria **fragmentação identitária**, seja se entendemos que superamos a modernidade, seja se entendemos que experienciamos a sua crise.

2.2 MODERNIDADE BRASILEIRA: marcos e particularidades

Para os propósitos desse trabalho procurarei, então, visualizar - a partir do amplo quadro apreciado em relação à modernidade como experiência das sociedades desenvolvidas européias - como essa realidade se apresenta nos marcos da sociedade brasileira com as suas muitas particularidades.

Penso que entender a modernidade brasileira implica num exercício de recuperação da sua história, mormente quanto às particularidades de sua colonização. Para Holanda (1996), a modernidade brasileira precisa ser pensada tendo em referência a nossa herança ibérica, incorporada à nossa formação social pelos portugueses que realizaram a colonização da nova terra. Dos traços culturais aqui aportados, Holanda confere ao **personalismo**⁴ a maior relevância. Foram os laços de afetividade – consangüínea ou por

⁴ Entre outras razões apontadas pelo autor, o personalismo ibérico encontra sua origem na plasticidade enquanto aspecto cultural marcante daquele povo. A plasticidade, por sua vez, poderia ser explicada pela inflexibilidade de classes sociais, dada a pouca estruturação do feudalismo português. A pouca estratificação

afinidade - que se mostraram mais decisivos na definição do perfil social e político que teria a sociedade em formação. A forte presença do pessoal, do afetivo, do passional, do enérgico orientando as relações funcionou como um impedimento à adoção e expansão de uma conduta orientada por preceitos universais, ordenadores, racionalizadores e disciplinadores. Exatamente os valores sob os quais nasceu e se desenvolveu a modernidade européia.

O personalismo, quando praticado no ambiente “público” da sociedade das grandes plantações à base do trabalho escravo se consubstanciou na **relação patriarcal**, onde a relação pessoal do senhor com os familiares, os escravos, empregados, arrendatários e os agregados de diversas naturezas precede qualquer outra inspiração. Tudo dependia do laço pessoal com o senhor e, mais especificamente, da sua vontade. A proximidade e o banimento, o prêmio e o castigo - todas as possibilidades estavam vinculadas à pessoa do senhor, que detinha não apenas o poder econômico sobre os bens (inclusive escravos), mas também a autoridade, as terras e a repressão política e física. Nesse contexto, o florescimento e avanço das idéias, dos interesses racionais e impessoais, do respeito à autonomia, do valor individual e dos preceitos universais aplicáveis a todos, encontravam-se bastante limitados e quando surgiam o faziam profundamente influenciados pela realidade patriarcal como apontada. Para Holanda é essa a característica mais importante da modernização brasileira – uma sociedade urbana, sim, mas particularista e antipolítica, que exibia com facilidade “uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família.” (1996, p.82).

Por mais paradoxal que possa parecer, a modernização brasileira foi assentada nos valores rurais, pessoais, patriarcais vigentes na sociedade colonial, escravocrata por muito tempo aqui dominante. Esse eixo de influência tem o seu primeiro enfraquecimento com a proibição do tráfico negreiro em 1850 - também imposto por razões externas⁵ - e a sua mudança de rota definitiva com a libertação dos escravos em 1888; “momento talvez mais decisivo de todo o nosso desenvolvimento nacional (...) [pois] a partir dessa data tinham cessado de funcionar alguns dos freios tradicionais contra o advento de um novo

social permitia a aceitação de certa mobilidade daqueles que, por nascimento, não pertenciam à corte. A proximidade pessoal cultuada entre os portugueses permitia também a tolerância de escravos negros nos seios familiares para realização de trabalhos domésticos, para servirem de amas-de-leite e, inclusive, parceiras e parceiros sexuais. Como se vê, é todo um contexto que se organiza em torno da aversão à ordenação, à impessoalidade, ao trabalho estafante e rotineiro.

⁵ Em 1840, o Parlamento Inglês autorizou a Marinha Real a afundar navios negreiros que encontrasse, criando, dessa forma, forte entrave ao comércio de negros entre Portugal e suas colônias. Tal gesto visava impedir a sistemática de produção baseada no escravismo e incrementar o comércio da produção inglesa, já baseada nos princípios industriais.

estado de coisas, que só então se faz inevitável...” (1996, p.171). Malgrado esse reconhecimento, Holanda pensa que as marcas culturais deixadas pelo colonizador, como acima apontadas, passaram a pautar o comportamento brasileiro, não apenas no âmbito público, mas fortemente também no privado – com todas as suas conseqüências - conferindo uma certa inautenticidade à modernização completada.

Colocando-se no debate acerca da modernidade, Martins (2000) lembra que este tema precisa ser compreendido para além da oposição ao tradicional - argumento comum em algumas análises. A modernidade deve ser enfocada dentro da historicidade humana, com seus vieses e reverses e não apenas a partir da materialização dos seus signos mais emblemáticos. Desse modo, nas sociedades em desenvolvimento a efetivação do moderno está configurada:

...pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede (...) de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos.” (MARTINS, 2000. p.20)

Desse modo, a compreensão da modernidade em nosso meio precisa ater-se forçosamente às suas características de “anomalia e inconclusividade”, porque a presença ostensiva dos signos do moderno entre nós – vivenciados, consumidos, ostentados, realçados - não está em nenhum momento apartada de realidades que em nada guardam semelhanças com o que aprendemos a entender como racional, progressista e controlado como promete o discurso moderno.

Dessa maneira, o moderno brasileiro carece de uma nova compreensão que, afastando-se do padrão europeu dominante, dialogue com a sua realidade particular. A nova compreensão deve passar pela crítica e clareza de que, no nosso país, a modernidade enquanto protótipo é um fenômeno mais falado do que experienciado nas vidas e processos sociais e culturais, que se concretiza muito mais como uma “...expressão do ver e não como expressão do ser, do viver e do acontecer” (Id. Ibid. p.27). Assim, a experiência nacional não se dá à compreensão a partir de um referencial engessado, o qual certamente não alcançará a sua expressão real, com todas as suas estranhezas, imprecisões, contradições e hibridismos; consubstanciadores de uma forte inautenticidade expressa nos simulacros e teatralizações. A modernidade brasileira se mostra como um imbricado de signos do protótipo moderno europeu com aqueles congêneres a uma sociedade tradicional, conservadora, sincrética do ponto de vista religioso e cultural, situada historicamente numa

experiência de colonização escravocrata, muito centrada na pessoa, no clientelismo, na desigualdade institucionalizada e na ausência de um “código explícito e compartilhado por todos” (SOUZA, 2003, p.125), em relação a todos os aspectos que normatizam a convivência socialmente estabelecida. Isso justifica encontrarmos expressos numa mesma situação parâmetros como o cálculo, a ação orientada pelo binômio meios/fins, a objetividade etc. - que sinalizam a presença enraizada da racionalidade - com a mesma força da explicação mágica, da negação da cidadania, da discriminação racial/sexual e do apelo à personalidade, por exemplo. Assim se fez a experiência moderna no Brasil; desprovida de um imaginário social⁶ que ofereça estofo coerente para as práticas sociais.

A fragilidade (ou inexistência) desse imaginário obriga-nos a olhar a modernidade brasileira operando uma mobilidade analítica constante entre contextos tidos como lineares e estanques em outras realidades, porém aqui simultâneos e integrados. Presenciamos as relações sociais parametradas pelo tempo, a lógica e a precedência das coisas sobre as pessoas e também o seu contrário; a relação com os signos e as instituições modernas a partir de referenciais tradicionais e testemunhamos a absorção e redefinição da tradição pelo moderno na sua mais acentuada expressão. Situações experimentadas pelos mesmos sujeitos, as mesmas localidades, com intensidades similares, implicando numa fractalização do tempo que apaga as fronteiras entre passado e presente e coloca todos os tempos, do ponto de vista dos sentidos experimentados, no presente vivido (CRITICAL ART ENSEMBLE, 2001). Podemos entender que também as idéias de antigo e moderno, claras, como estamos habituados a demandar, mostram-se embaçadas. O que se observa no mais das vezes é um presente repleto de todos esses matizes, expressão da nossa realidade possível.

Nesse contexto é que alguns segmentos experimentam a contemporaneidade enquanto eternos aprisionados temporais de realidades remotas da nossa história e aparentemente distintas da modernidade, experimentando a comunhão com os tempos modernos na condição de ‘atrasados’, pois a tradição brasileira não está consolidada a partir de referenciais modernos, mas dos seus contrários. O antigo e o tradicional mantêm-se diante da ordem moderna, sendo por ela administrado de igual modo. Vive a modernidade brasileira e sua crise uma realidade porosa, onde os estatutos do moderno se aliam ou “trocam” de lugar com o antigo, bem como com os elementos da crise moderna numa simultaneidade singular, constituindo uma experiência única. Tal situação implica, por

⁶ A propósito do entendimento de imaginário social ver Taylor, 1997.

exemplo, que a crítica ao moderno em solo brasileiro ocorra pela via da ridicularização, do riso, da piada. É uma crítica emocional e não racional, de superfície, caricata, que não atinge os fundamentos do moderno; revelando uma rejeição e, ao mesmo tempo, uma incompreensão radical, uma impossibilidade de real penetração na perspectiva moderna de ser. (MARTINS, 2000). Vigem no nosso país uma resultante histórica bastante distanciada da versão prescrita pelos manuais da modernidade, portanto.

Assim visto, talvez proceda dizer que o agir moderno brasileiro explica-se mais pela re-elaboração/absorção de construtos diante da força dos condicionantes que nos chegam do que por vinculação de maior substância com os parâmetros sócio-culturais que sedimentam um possível imaginário social, resultando numa colagem de aspectos diversos. O *kitsch*, tão recorrentemente encontrado no cotidiano social, pode ser interpretado como uma forma de assimilação/resistência à imposição inarredável experimentada, aliada à desqualificação da tradição enquanto parâmetro que fundamenta e legitima os comportamentos. O cotidiano da pessoa simples, nesse contexto, aparece transfigurado, fragmentado entre experiências diversas e estanques, requerendo dela um intenso gerenciamento (solitário e amputado) desses campos. “... É a lógica do duplo, do ser e do parecer ser; do praticado e do dado a ver – a lógica da alma dividida entre duas orientações opostas, a do colonizado e a do colonizador.” (Id *ibid*:50). À pessoa simples é oferecido o novo; este, entretanto, de acesso impossível, tanto por uma limitação material quanto sócio-histórico-cultural. Esse processo apresenta a dissimulação como única resposta possível num contexto de tensão entre dois mundos, onde a compreensão e crítica racional encontram-se impedidas. Uma dissimulação operada pela simples apropriação e consumo daquilo que nos chega como os signos da modernidade.

Compreender a modernidade brasileira, desse modo, implica em lançar o olhar também para as distâncias que construímos entre o que solidificamos enquanto raízes culturais e históricas e o que apresentamos enquanto imagem para o consumo público, muito embora possamos encontrar aspectos aparentemente inconciliáveis, se vistos a partir do marco conceitual disponível. A exemplo da própria modernidade, e com uma expressão muito mais intensa, no Brasil moderno “...os estranhos não se estranham. Neste mundo específico (...), as fraturas que de fato desencontram e separam o que não deveria estar junto e combinado, são cimentadas pelo imaginário...” (Id *ibid*: 43). Essa realidade implica, portanto, na re-elaboração do entendimento de modernidade, numa perspectiva dinâmica, que seja capaz de captar o movimento do real. Esse esforço possivelmente revelará o perfil

de modernidade possível num contexto de subdesenvolvimento, de dependência econômica, de profundas particularidades históricas e de intensa diversidade cultural.

Exatamente para melhor marcar a abordagem das particularidades históricas é que recorrerei a outro autor, Jessé Souza, que no seu **A modernização seletiva**, apresenta um importante ponto a se somar à construção dos autores da sociologia da inautenticidade: o significado da presença do escravo e do mestiço na configuração desta modernidade. Concordando com a existência do traço cultural contemporizador português, o autor em tela analisa que a predisposição ao compromisso com o novo imprime ao colonizador uma plasticidade que, por si só, já permite uma convivência íntima entre desiguais. A esse fato somou-se a pregressa experiência escravocrata dos portugueses, que era de **proximidade com o escravo**, e não de repulsa, como ocorreu em outras culturas, assimilada junto aos mouros, quando da dominação desses povos pelos portugueses. O povo mouro via na escravidão muito mais uma forma de organização da convivência doméstica do que um propósito racional econômico e produtivo.

No Brasil, essa proximidade definiu uma relação de amor e ódio; de inveja e admiração, de confiança e dependência entre o senhor e seus escravos e subordinados, tornando o traço emotivo – sob todas as suas formas – o parâmetro sob o qual se desenvolveriam as relações em sociedade; fazendo-a presença ostensiva em todos os momentos, de forma direta e sumária. Estimulada ainda por um contexto de ausência do Estado (o senhor ditava e executava as leis; julgava e penalizava); de ausência de uma sanção moral superior (as capelas eram instaladas no interior do engenho) ou de quaisquer limites, a relação existente entre o senhor e os subordinados tocava nos limites do conceito de sociedade. Do ponto de vista dos atores, a interação construída conseguiu sedimentar a idéia de que existem aqueles que tudo podem, diante dos que nada podem e que, por saberem que nada podem, precisam obedecer ao senhor e disputar o seu reconhecimento e favores.

Discutindo o papel do favor na conformação social do país, Schwarz (2003) chama a atenção para outro personagem: o agregado. Sem posses e não participante de uma relação de trabalho livre, as pessoas brancas e pobres dependiam basicamente das mesuras do senhor, de um poderoso, seja no campo ou na cidade. Conforma-se desse modo uma relação importante que marcaria profundamente toda a experiência brasileira, envolvendo duas classes em torno das quais mais tardiamente se daria a luta político-ideológica, também sob a sua influência e sob a influência burguesa. O favor surgiu disfarçadamente

como cimento que promove a união entre as práticas liberais e as escravocratas aqui existentes, muito embora delas se distancie em igual intensidade. Em suas palavras:

... com mil formas e nomes, o favor atravessou e afetou no conjunto a existência nacional, ressalvada sempre a relação produtiva de base, esta assegurada pela força. Esteve presente por toda parte, combinando-se às mais variadas atividades, mais e menos afins dele, como administração, política, indústria, comércio, vida urbana, Corte, etc... (2003, p. 16).

Desse modo, são instaladas então três ordens de procedimentos: no debate político adotava-se o discurso liberal europeu – sinônimo de lustre e diferenciação dos que ‘podiam’-; nas relações produtivas a escravidão era hegemônica e na materialidade das relações políticas e sociais sobressaía-se o favor como costura que imbricava toda a vida nacional, conferindo-lhe um determinado modo de ser.

Em outro trabalho, Souza (2003, p.124) chama a atenção para o papel ocupado também pela ação violenta neste ambiente onde a vida se organizava em torno do elemento dominante e sem a presença de esfera moral autônoma na qual pudesse se pautar a ação dos dominados:

“Nesse contexto, os riscos não são cuidadosamente evitados mas ousadamente enfrentados e levados às últimas conseqüências. Na ausência de formas de regulação externa de conduta (...) a violência se erige em conduta moral aceita e legítima, sendo percebida como o único modo de estabelecer a integridade do agravado. (...). Desse modo, não é apenas a pobreza material e a escassez que se constitui como fator explicativo básico do horizonte moral do dependente, mas especialmente a sua pobreza espiritual, moral e simbólica em sentido amplo, que transforma a violência no único código legítimo.”

Retraduzindo a noção de individualidade moderna, constituiu-se o hiperindivíduo e os demais, verificando-se uma ‘subjetividade capturada’, constituída apenas e tão somente no espaço delimitado pelo senhor e nos marcos estreitos da Casa Grande. Fora disso, não havia nada que pudesse resignificar a subjetividade e a auto-estima.

No contexto escravocrata, aspectos como a plasticidade, as emoções e a tendência à proximidade propiciaram uma convivência íntima em todos os níveis e ambientes da sociedade de engenho - inclusive no âmbito sexual⁷ e no ambiente doméstico

⁷ Souza (2000) aponta que esse traço cultural da poligamia também advém da relação pretérita dos portugueses com os mouros. Para os que seguiam o islamismo a poligamia era um costume aceito e recomendável e a plasticidade portuguesa, aliada à necessidade de povoação do país e à ausência de limites às práticas do senhor, redundou na adoção indiscriminada da poligamia e do concubinato no Brasil escravocrata, praticada com mulheres índias e negras.

- o que constituiu toda uma teia de relações pessoais envolvendo a senzala, a sociedade local e a Casa Grande. Tal realidade imprimiu os traços marcantes do Brasil colonial, estendendo suas fortes influências à natureza de modernização aqui ocorrida. Entre **hiper e subindivíduos** a camada social que, ao longo da história, sobressaiu-se como a classe média da modernização foram os mestiços: filhos bastardos ou naturais que - por não serem nem senhores, nem escravos mas muitas vezes contarem com uma certa proteção do pai biológico – passaram a galgar cargos de confiança na estrutura patriarcal os quais requeriam melhor preparo, bem como a participar de heranças. Quando da constituição dos espaços urbanos, esses setores se destacaram como aqueles que melhor se enquadravam para o aprendizado de tarefas manuais rotineiras, tanto porque não possuíam aversão a esse tipo de trabalho, quanto porque estavam habituados à obediência.

A chegada no país da cultura moderna oportuniza a realização de mais uma particularidade da história brasileira referente à proximidade entre as raças. Ao mestiço capitalizado se deu a oportunidade de “embranquecimento” via a adoção do novo modo dominante de vida, manifesta nas roupas, nos estudos, nos modos civilizados e nas relações, transformando-os em pessoas sociologicamente brancas, já que eram biologicamente *quase*. Aqueles inicialmente ridicularizados por adotarem os modos de ser dos brancos lograram quebrar resistências interpostas à sua origem negra e integraram-se à convivência social dos brancos. Entendo ser este um indicador a mais que revela a força da história local para a configuração do que se construiu como sociedade moderna brasileira: o personagem principal da cena – o mestiço - consubstancia-se a partir da absorção, do consumo dos signos superficiais que chegam pelas mãos dos colonizadores. Essa característica mostrou-se bastante forte na definição do que passamos a entender como nossa expressão particular do moderno.

Para Souza, o marco da modernidade brasileira remonta a 1808, quando da vinda da família real para o Brasil e a subsequente abertura dos portos. Com a constituição das principais instituições modernas e a intensificação da produção, a circulação de mercadorias e a sedimentação mínima de um Estado, verificou-se a justaposição entre dois mundos: o do Brasil tradicional, regido pelos princípios do personalismo, patriarcalismo escravocrata e o do Brasil cambiante à modernização, assimilando um código valorativo impessoal e abstrato. Destaco, porém, que mesmo esse nascente projeto universalizante, já se conformou marcado pelos traços da meritocracia e o autoritarismo, resultantes das iniciativas da Corte quando da estruturação daquilo que se pode chamar do germe da

burocracia nacional. Também ali se reforçou a idéia de que o melhor era o que chegava de fora.

Nesse contexto, a “opressão tende a ser exercida agora cada vez menos por senhores contra escravos e cada vez mais por portadores de valores europeus – sejam esses efetivamente assimilados ou simplesmente imitados – contra pobres, africanos e índios.” (SOUZA, 2000:236). O conhecimento e a capacidade de cada um para interagir positivamente nos novos moldes serão diferenciais importantes. O novo código valoriza os doutores, os competentes, os trabalhadores, os educados e os moradores das áreas nobres em contraposição aos ignorantes, desqualificados, vagabundos, sem trato civilizado e moradores de favelas e cortiços. Não é difícil de sumarizar que a ordem moderna, por circunstâncias ímpares, termina por justificar e racionalizar a ordem escravocrata pregressa, reproduzindo os atores e os seus lugares de hábito na situação de dominação, bem como seus privilégios e desgraças respectivamente. Souza alerta que a urbanização, uma vez chegada, significou um nível maior de sacrifícios para os negros abandonados e mulatos pobres, colocando-os na condição de subcidadãos⁸.

Por esse curso, depreendo que o Brasil não experimentou qualquer ‘passagem’ de amadurecimento histórico próprio das novas condições sociais, econômicas e culturais que se seguiriam irremediavelmente a partir de então. Saímos de uma relação escravocrata para uma relação de mercado sem constituirmos a equalização mínima dos espaços de convivência; sem universalização qualquer de direitos básicos – mesmo o de ir e vir – e sem a sedimentação básica dos valores outros atinentes à organização racional do ser e da vida em sociedade. Pelo contrário, a modernização em curso incorporou as dificuldades em tela retraduzindo os eventos históricos na experiência própria deste país.

Todo o contexto de negação das subjetividades que vigia na realidade da Casa Grande, que reproduzia as pessoas apenas como mão-de-obra dos engenhos, destituídas de ordem moral, religiosa ou social que lhes servisse de amparo, vai se verificar também no contexto da urbanização que nascia. Quem lograva as oportunidades eram aqueles que melhor se adequavam ao novo momento, mormente os imigrantes – e depois os mestiços - que ocupavam os postos nas pequenas iniciativas fabris que surgiam. Aos olhos dessa massa que não teve oportunidade histórica para conformar referências locais de identidade,

⁸ Características como: perigosos, criminosos, sujos, indolentes, devassos, mal-cheirosos, inábeis, entre outros, foram associadas aos negros e pobres em geral nesse processo histórico de subalternização desses segmentos.

o bom, o bonito e correto era, portanto, o que vinha de fora, em todos os aspectos da vida social:

... mudou-se hábitos, a arquitetura das casas, o jeito de vestir, as cores da moda, algumas vezes com o exagero do uso de tecidos grossos e impróprios ao clima tropical. Bebia-se agora cerveja e comia-se pão como um inglês, e tudo que era português ou oriental transformou-se em sinal de mal gosto...” (SOUZA, 2003, p. 141).

Evidentemente, do ponto de vista dos interesses de mercado, esta era uma realidade alvissareira, posto que assim o brasileiro se apresentava como um consumidor voraz dos produtos ingleses que à época dominavam o setor de importações do país.

Essa realidade propiciou uma articulação imaginária por parte da população do país que se expressa na forma de “uma dominação simbólica subpolítica” (Id. Ibid.). A dominação simbólica age orientando as condutas no sentido do entendimento de que possui valor aquilo que seja europeu, branco, capitalizado, esclarecido. O local, preto, mulato, rural, pobre, não letrado é considerado à margem da ordem de importância que se institui. Por isso a busca do “embranquecimento” em todos os sentidos, dos traços físicos inclusive.

É-nos possível localizar este comportamento pontuando toda a história nacional, alterando-se nos contextos apenas as forças culturais e econômicas externas que se apresentam internamente como dominantes. Se num contexto colonial a força hegemônica presumida era Portugal, no Brasil Império - e mesmo no Reino Unido - coube à Inglaterra a dianteira desse processo, perdurando até a Segunda Guerra mundial. Desde então, essa hegemonia passou a ser dos Estados Unidos da América e aí assistimos a toda uma mudança de parâmetros, seja quanto à economia, às políticas de Estado ou no tocante à música, à alimentação, à moda, às sociabilidades. O diferencial maior mostra-se quanto à amplitude e rapidez dos processos; agora numa escala massiva e cada vez mais rápida; viabilizada pela crescente e ostensiva presença dos meios de comunicação entre nós, como a televisão, em especial.

Com o aprofundamento da nova situação social – já industrializada, urbana, de mercado – não sem dificuldade os senhores do patriarcado são incorporados à nova ordem, mas outra grande parte dos atores sociais não ‘cabe’ nesse espaço por não possuírem nem a habilitação profissional, nem a economia emocional compatíveis com o requerido. Essas populações são aqueles remanescentes das senzalas, dos quilombos e das áreas pobres rurais e urbanas que dão corpo à massa de despossuídos urbanos dos nossos dias.

2.2.1 A modernidade brasileira em curso

Tendo por referência a discussão acima apresentada, penso ser necessário verificar como esses princípios gerais foram operacionalizados na recente história do país. Acredito que do ponto de vista da reorganização dos setores situados no espaço do patriarcado nacional e da representação dos seus interesses vamos encontrar na figura de Getúlio Vargas e na Revolução de 30 um novo impulso e um novo sentido para a política até então vigente. Getúlio, que chegou ao poder capitaneando descontentamentos de um setor da oligarquia rural contra outro setor deste mesmo segmento, acabou por constituir-se no catalisador de um novo momento da modernização do capitalismo brasileiro, tanto nos seus aspectos de produção, quanto nas relações sociais dele advindas.

Diante do novo contexto, a reconfiguração do aparato estatal, mais uma vez, conforma-se não como tradução de relações sociais e políticas fortes vivenciadas pelo coletivo da sociedade, amparadas em instituições democráticas sólidas, mas pela polarização de interesses ‘do alto’, de alguns setores sociais, viabilizada tanto por estratégias democráticas, quando autoritárias.

Marcado pelo rompimento com o modelo agrário-exportador, o novo momento vai exibir como principal marca a profunda intervenção da ação estatal junto à sociedade, quer via o processo de industrialização por substituição de importações capitaneado pelo Estado, do ponto de vista econômico, quer via cooptação de entidades e partidos, do ponto de vista político. Assim, o Estado – a instituição moderna por excelência – se reorganiza e fortalece, mas enquanto parte constitutiva da **ampliação** do capitalismo no Brasil, não apenas pelo oferecimento do suporte político e de coerção, mas pela participação direta, inclusive, no processo de produção de bens e serviços. Isso destaca o Estado não como resultante de uma maturidade de experiências políticas da população brasileira, mas de alta importância para determinado fim; como parte constitutiva e estruturante para o progresso da estratégia capitalista no país, percorrendo um caminho inverso do que se verificou nos países europeus, considerados berço da modernidade.

O fenômeno acima descrito imprimiu profundas diferenças ao *modus operandi* do processo produtivo, bem como das relações entre a sociedade e as instâncias políticas diversas, como ressalta Martins: “... é um Estado que não se limita a garantir a ordem capitalista (...) mas que passa a atuar **internamente** ao sistema de produção para organizar a acumulação, tornando-se ao mesmo tempo promotor e ator da industrialização.” (1991,

p.33, grifos do autor). Corroborando este entendimento, Fleury oferece uma explicação para o fenômeno observado que considero por demais pertinente:

A construção dos Estados nacionais periféricos não se realiza em correspondência com a dinâmica das forças societárias internas, mas sim como parte da expansão do capital internacional. A contradição assinalada produz um déficit constante de legitimidade do Estado, na medida em que o poder político e a soberania estão adscritos à esfera nacional, enquanto a dinâmica econômica é determinada pelo processo internacional de acumulação capitalista. (1997, p.141)

Na falta de uma classe capitalista que demonstrasse condições de assumir e fazer valer a acumulação foi o próprio Estado quem tomou para si este papel e todas as implicações dele decorrentes. As forças sociais como um todo estavam ausentes ao embate direto, visto ter o Estado incorporado a gestão da produção econômica e da reprodução social. Diante de tal quadro o que vamos encontrar é um Estado que transmutou-se em arena prioritária do conflito, inclusive produzindo-o através de suas políticas e responsabilizando-se pela apresentação de possíveis soluções. O autoritarismo, com o conseqüente esvaziamento da autonomia das organizações dos trabalhadores, por um lado, e a legislação trabalhista e a política corporativa, por outro, vão se apresentar como estratégias de peso para a articulação dos interesses dos setores sociais que se estruturavam em torno da industrialização nascente, sob a hegemonia do Estado que, desse modo, estimulou e tutelou o incipiente empresariado urbano.

O papel de relevância que o Estado passa a desempenhar como *locus* de administração da vida social perdura, estabelecendo novas conexões com esse novo ator que nas décadas seguintes, ganha relevância na dinâmica capitalista interna e do conflito de interesses – o capital internacional. Com isso, o Estado redefine (e reforça) o seu papel diante do novo ciclo de condições de produção, tendo que também intermediar e gerenciar interesses dos novos centros capitalistas e dos seus grupos econômicos presentes na economia e vida política internas (MARTINS, 1991). A realidade colocada estende ainda mais a já constante presença do Estado nos ambientes políticos e econômicos da sociedade, gerando, a médio e longo prazos uma ostensiva capilaridade do poder estatal, bem como definindo este poder como o mais relevante, inclusive na definição dos projetos de desenvolvimento. A vida social só lograva de algum tipo de participação organizada via partidos e/ou sindicatos que, no geral, não possuíam enraizamento nas práticas político-sociais, consolidando-se como instâncias elitistas e quase sempre atreladas às ações governamentais. Foi este modelo de ordem política e institucional, grosso modo, que

vigorou intocado na realidade brasileira até que se delineou um novo cenário no qual o país experimentou um profundo retrocesso do ponto de vista social e político, aprofundando o traço ambíguo da modernidade nacional, ao mergulhar num longo período de vinte anos de ditadura militar.

Penso que com o regime militar implantado em 1964 o Brasil testou os limites da concepção de modernidade como costumeiramente celebrada, a qual tem como um dos pilares fundamentais a idéia de **liberdade**. Tendo os seus partidos e sindicatos destruídos pela ação dos governos militares e o parlamento silenciado, a sociedade brasileira ocupou o posto de refém de uma política surda às demandas sociais de liberdade, participação e usufruto dos bens sociais. Direitos mínimos – como o de ir e vir – deixaram de existir mais uma vez na história do país. A regra da Casa Grande quanto a este particular passou a vigir para todo o território nacional. Na expressão brasileira, a modernidade que se verificou em relação ao modo de produção, com o aprofundamento do capitalismo - embora sob condições particulares -, retrocedeu quanto ao reforço do indivíduo, das instituições e de demais regras sociais pautadas em acordos originários do amadurecimento das relações e das vivências em sociedade.

Do ponto de vista da relação Estado/Mercado destaco uma nova nuança: durante o regime militar vigente de 1964 a 1985 o Estado não apenas atuou como executor da política estatal modernizante e grande produtor de bens para o mercado, mas o fez articulando uma aliança entre o capital transnacional, as forças da ditadura e os setores tecnocráticos que, em princípio, soaria como estranha aos defensores mais convictos dos ideais liberais. A presença ora massiva do capital se explicava principalmente pelo surto de desenvolvimento da economia capitalista após a Segunda Guerra sob o paradigma keynesiano, que operou uma grande reserva de capital, o que possibilitou maciços empréstimos para os países ditos em desenvolvimento. Foi a época do milagre brasileiro, da macro-política pública, da grande expansão de fronteiras dentro do próprio país e do coroamento da urbanização/industrialização nacionais. Através dessa estratégia o capital, já transnacional, patrocinou a criação de uma infra-estrutura energética e de transportes – sobretudo – viabilizando a posterior implementação de um parque industrial nacional pujante,⁹ concretizando um movimento de mão dupla favorável a si: a obtenção de lucros via juros cobrados e a venda dos insumos destinados à montagem do parque industrial nacional referido.

⁹ Foi nesse período que o Brasil foi alçado à codição de 8ª economia do mundo capitalista.

Quanto a este fato, do ponto de vista das sociabilidades, percorremos caminhos, de algum modo, já conhecidos por outras sociedades. A sociedade brasileira começou a experimentar a crise dos valores que até então norteavam a convivência social. Com a ditadura aprofundou-se no país a anulação das instituições, o sufocamento do espaço público e da participação política, constituindo-se como alternativa a via do confronto armado, onde a juventude foi o seu ator principal. A luta armada e a atuação do MDB – único partido de oposição consentido - restaram como últimos postos de resistência da sociedade brasileira, sendo reforçados anos mais tarde pela militância das comunidades eclesiais de Base-CEBs.

Algo a destacar nesse contexto foi a re-edição da violência como via de abordagem da problemática social e política explicitada pelos opositores do regime, esvaziando de qualquer poder as instâncias de administração das diferenças sociais e enfraquecendo a orientação de aceitação e convivência com o diferente. Essa postura do regime legitimou em âmbito macro o pressuposto de que a via adequada para solução das diferenças políticas, dentre outras, era o combate armado, a imposição pura e simples da vontade de quem detém o poder e, inclusive, o extermínio físico do adversário. As influências desse fenômeno para a tecitura social, que se materializou nas décadas seguintes, creio eu, também podemos observar nas realidades das cidades, sitiadas pelas práticas de violência em todos os aspectos, inclusive a violência gratuita contra a vida. Possivelmente esse fenômeno seja intensificado também pela desagregação de outros parâmetros institucionais ocorrido na sociedade brasileira nas últimas décadas do Século XX. Zaluar (2004, p. 62) aponta que o “enfraquecimento dos laços de lealdade e dependência entre pais e filhos, padrinhos e afilhados, patronos e clientes, e de seu correspondente mapa de valores ou de símbolos, não foi compensado pelo aparecimento de um novo mapa...” de interação, especialmente do jovem, com as realidades sociais ora predominantes.

A contingência de viver num meio social em iminente colapso, onde inexistente a confiança mínima ao estabelecimento de uma **relação**, de enxergar-se no outro, remete cada um ao casulo da sua individualidade e à reelaboração de novas estratégias de convivência a partir dessa individualidade entrincheirada. A meu ver, aí se encontra a origem da trivialização da miséria e da dor do outro, bem como o apelo à violência bruta como último gesto no sentido de ser ouvido e adquirir visibilidade numa realidade que embaça os horizontes, limites e possibilidades das pessoas e dos grupos sociais; criando as condições para o surgimento de um cotidiano povoado pelo hiper-realismo.

Na década de 70, com a mudança do contexto internacional, em vista das crises do petróleo e também do padrão monetário, chegou ao fim a política dos credores internacionais quanto à renovação dos empréstimos. Com isso, conformou-se uma situação de dificuldades para os países que dependiam da injeção externa de capitais para manter de pé sua política econômica e social, que era o caso do Brasil. Desfinanciada, a ação estatal já não lograva índices de crescimento econômico como antes, deflagrando uma queda inexorável no desempenho das políticas dos governos militares.

A crise econômica-financeira do país atingiu a própria política salarial até então vigente, elevando o nível de insatisfação já presente na sociedade que retomava a sua organização social principalmente através dos sindicatos. A luta política e institucional forçou uma certa abertura do Regime Militar, cuja legitimação junto aos setores médios da sociedade havia se esgotado pelo não cumprimento das suas duas maiores promessas; desenvolvimento e moralidade político-administrativa. A primeira desmoralizada pela forte concentração de renda e a segunda invalidada pela crescente corrupção que grassou a máquina do Estado, ensejando movimentos que redundaram em ganhos significativos como a anistia política conquistada no final dos anos 70. O retorno dos militantes banidos, um novo rearranjo partidário e as novas lutas populares – como os Movimentos Contra a Carestia e pelas Diretas Já – vão inscrevendo o país num outro momento de sua história¹⁰.

2.2.2 Desmanchando os sólidos: aspectos recentes da materialidade moderna brasileira

Dando continuidade ao processo de abertura política iniciado no final da década de 1970, a década seguinte viveu um processo de redemocratização. O Brasil experimentou a elaboração de uma nova Constituição Federal, as primeiras eleições diretas, o *impeachment* do presidente eleito por elas e subseqüentes eleições, dentro dos prazos regulares, para os postos do Executivo e Legislativo e consolidou o poder Judiciário, fortalecendo as bases de uma democracia liberal representativa. Regulamentou e tem implementado políticas públicas, de corte nacional, como aquelas referentes à proteção de crianças e adolescentes, à saúde à educação, entre outras, com significativa participação da

¹⁰ Para melhor compreensão do percurso que faço neste tópico e das resultantes sócio-político-econômicas na história do país, consultar Ianni, 1988; Bresser Pereira, 1981; Martins, 1991 e Fiori, 1995, 1996.

sociedade organizada, não obstante as críticas que muitos levantam em relação aos problemas evidenciados nessas rotinas de gestão e operacionalização da política pública¹¹.

Quanto ao *impeachment*, duas questões importantes se sobressaíram: a primeira, o desnudamento da corrupção generalizada alcançando os altos postos da República, visto antes já ser inconteste e capilarizada em outros setores da administração pública. A segunda, a demonstração de uma certa maturidade institucional que suportou um processo naturalmente traumático num ambiente de relativa estabilidade.

Por outro lado, do ponto de vista econômico, a história do país tem enfrentado uma rotina de desequilíbrios e inseguranças. Fiori (1999) apresenta uma síntese elucidativa em torno da questão:

Desde que o ministro Delfim Netto, 1979, alterou o valor do dinheiro e dos salários, prefixando a correção monetária, desvalorizando o câmbio, controlando as taxas de juros e aumentando os níveis de indexação salarial, houve oito planos de estabilização, quatro moedas distintas, onze índices diferentes de cálculo de inflação, cinco congelamentos de preços, quatorze políticas salariais, dezoito modificações da regras de câmbio, 54 modificações da regras de controle de preços, 21 propostas de negociação da dívida externa e dezenove decretos governamentais a propósito da austeridade fiscal. (p. 158-9)

Devo somar a esta conta ainda o Plano Collor e o Plano Real, bem como o sem número de medidas provisórias tratando acerca da economia e da política econômico-financeira do país, para atualizar os dados quanto às referências de maior porte.¹²

A desesperada corrida de obstáculos que os dados acima nos fazem intuir fez parte das tentativas de controle diante de uma inflação inédita na história nacional e de busca da retomada do crescimento no país, estagnado em vista dos profundos desencontros das escolhas de determinadas políticas governamentais, particularmente a econômica. Esta

¹¹ Não há consenso acerca da validade da participação institucionalizada. São apontadas como vantagens o amadurecimento das relações Estado-Sociedade no país, com a celebração de compromissos formais entre estes e a socialização de responsabilidades diante da coisa pública. Também a possibilidade de interferência que – de um modo ou de outro a população passa a ter diante do desenvolvimento da política pública. As críticas mais frequentes recaem sobre o fortalecimento das assimetrias de representação social, em vista da participação estruturada por setores organizados, radicalizando a exclusão dos setores que experimentam dificuldades em se organizar. Além disso, é apontado o gerenciamento do conflito, a elitização das estruturas gestoras, a formalização e tecnificação exageradas da participação social, entre outros. A propósito, ver Silva, 1999.

¹² Para Souza (2003) essa hegemonia da economia e de todo o desenrolar de práticas públicas em seu entorno considerando-a como alternativa e campo prioritário de abordagem dos conflitos justifica-se pelo fato da sociedade brasileira não ter consolidado historicamente um estofado moral que permita a crítica esclarecida ao nosso percurso e que oriente escolhas e práticas sociais de longo prazo, independentes dos signos consumidos prontos pelo nosso processo de modernização, como é o caso do mercado.

política atrelou o controle inflacionário a taxas de juros crescentes, o que nos colocou como país diante de uma escolha cujas alternativas – inflação descontrolada ou juros extorsivos – inviabilizavam o crescimento e a geração de empregos. Somou-se a esse quadro uma dívida externa crescente e prejuízos imputados ao país por uma economia internacional cada vez mais globalizada, cuja execução priorizou os mercados centrais em detrimento dos periféricos, condição em que nos encontramos atualmente.

No que se refere à gravidade do quadro inflacionário e as implicações dele decorrentes para a sociedade e as sociabilidades como um todo, Zaluar (2004) notifica que:

A (...) inflação não é apenas um fator econômico, mas também psicológico e moral, pois tem efeitos perversos sobre o comportamento da população, especialmente a que vive de salários e nada ganha com ela. A inflação corrói e contamina a confiança mútua, sem a qual não há relação social estável entre os agentes econômicos nem, portanto, sociedade, sociabilidade, vida social em comum. Tira também a credibilidade do governo, pois é considerada um “roubo”. (p.57, grifo da autora).

Num contexto onde o “roubo” é institucional – pela corrupção, inflação, evasão em vista de juros pagos à banca internacional ou ainda através da adoção de políticas governamentais que notadamente empobrecem grandes contingentes populacionais - e a impunidade é algo presente como mecanismo estimulador de tais práticas, as pautas orientadoras das relações se vêem fragilizadas. Não é possível à população mantê-las operantes e fortalecidas. A desconfiança profunda nos governantes e nos mecanismos de controle dos mesmos pela sociedade gera um descrédito nas instituições, nas instâncias democráticas, nas regras comungadas, ao mesmo tempo em que suscita a falta de sentido dos processos coletivos, até então tidos como asseguradores das sociabilidades, da convivência e do progresso social como um todo. como mostro a seguir.

Em relação a outras instituições, como a família patriarcal, algo semelhante se verificou. O avanço da inserção da mulher no mercado, o advento da liberação sexual, entre outros, modificaram os contornos da família. O Censo de 2000 mostrou que 27% das residências do país são chefiados por mulheres, apontando significativo indicador do rearranjo verificado na constituição da família. O casamento, outro indicador, também passou por importante transformação: 59% das uniões conjugais entre as pessoas de 15 a 24 anos dispensaram o vínculo formal de natureza civil ou religiosa (Censo, 2000). O enfraquecimento material da estrutura familiar patriarcal no nosso meio verificou-se de

grande importância para a redefinição dessa instituição quanto ao seu papel de socializadora das novas gerações, como nos moldes anteriores.

Tendo por referência as condições históricas e seus desdobramentos recentes acima apontados, entendo que foi com a sensação de um certo vazio social que o país foi instado a se colocar diante de um novo desafio apresentado pelo moderno, consolidado de modo mais claro no decorrer da década de 90: a articulação da vida em sociedade em tempo real e a conseqüente globalização cultural e econômica, como já mencionei na seção anterior. Instalou-se um novo contexto onde o avanço mormente científico e tecnológico nas áreas da comunicação e da informática efetuou um rompimento com as expectativas de tempo e espaço até então levadas em conta nas relações humanas, bem como operou uma certa diluição dos contornos culturais das populações. A predominante automação dos processos produtivos e dos mercados em todos os aspectos teve como resultante a integração dos mesmos em nível internacional, desfazendo-se os conceitos de fronteira e estados nacionais, muito embora num contexto de ressurgimento com força dos regionalismos, localismos e protecionismos. Todo esse processo ainda em vigência plena marca a passagem da sociedade industrial para a sociedade da informação.

Para o Brasil, sofrer a contingência de embarcar nesse novo momento histórico sem ter equacionado – mais uma vez – pendências mínimas da vida nacional, o significado de tal realidade consubstancia-se em situações limites no cotidiano das sociabilidades. Acumulando pendências do modelo colonial/escravocrata, do processo de urbanização/industrialização e da recente redemocratização pela qual passou, o país lida hoje com este contexto internacional vivenciando internamente um processo de esgarçamento social paulatino, no tocante à sua situação econômica, social, política e/ou institucional. Experimentou, ao mesmo tempo, intensa integração mundial em vários aspectos e dialogou intimamente com as convulsões modernas internacionais. Partilhamos com o mundo uma forma de organização centrada nas instituições e valores modernos e ocidentais, muito embora o desenvolvimento sócio-político-econômico mantenha considerável distância em relação aos países ricos da Europa (SOUZA, 2000), repetindo um padrão já consagrado historicamente. Experimentamos a flexibilização e a terceirização da economia, a integração das mulheres no mercado de trabalho, mesmo aliadas a condições crescentes de desemprego e discriminação de gênero no ambiente de trabalho. É visível a valorização do consumo de massa; uma completa integração da economia ao mercado

internacional¹³, expondo o dia-a-dia do país a todos os problemas que isso significa para uma economia assentada nos investimentos estrangeiros de origem especulativa. É-nos comum também uma sistemática de comunicação e informação em tempo real. Diante de tantas partilhas é mister destacar que o *menu* de impensáveis possibilidades, contingências e limites proporcionados por essas novas condições, resta para a administração de cada um de nós que vivemos sob o manto do subdesenvolvimento sob outras condições, bem menos alvissareiras. Para Martins, este é “um momento da história contemporânea em que a consigna não é acobertar as injustiças, a exploração, a degradação humana dos que foram condenados a carregar nos ombros o peso da História”, mas de torná-las tão evidentes e triviais que corremos o risco de banalizá-las, deixando, assim, de compreendê-las como partes intrínsecas de um mesmo movimento (p.21).

De fato, guardamos diferenças profundas do núcleo social central que serve de referência para as análises e, fundamentalmente, o que percebemos no cotidiano ainda aponta muito mais para os problemas remanescentes de nossa história escravocrata, colonizada que sequer conseguiu superar problemas básicos a que já me referi. Desse modo, para o Brasil, assim como os demais países subdesenvolvidos, o aspecto de maior impacto junto à pessoa comum da atual fase globalizada da modernidade não se materializa na racionalidade ilimitada e os supostos benefícios dela decorrentes, mas pelo contrário. A modernidade espraia e aprofunda os seus festejados ícones no nosso país com a mesma força que sedimenta o racismo, o sexismo, as práticas políticas viciadas, o desemprego, a violência, a miséria, o consumismo e a fluidez cultural (MARTINS, 2000), potencializando os já enormes desafios existentes e corroborando para o esgarçamento da tecitura social como um todo.

Desse modo é que a modernização brasileira se produz na sua singularidade: destituída dos valores universais, sem a legitimidade do respeito à individualidade e numa profunda confusão entre o moderno e o tradicional, o público e o privado, o global e o local. Esse é o modelo de expressão societária que serve de palco para as vidas e sonhos das pessoas que aqui vivem, em especial aqueles que nesta investigação pretendemos compreender: os jovens.

¹³ Estar integrado não pode ser entendido como sinônimo de **integração em iguais condições** é a perspectiva histórica colocada por Domingues, 1999, pode ajudar a explicar tal diferença. No nosso caso, a integração se efetiva de forma subalternizada às grandes economias, em contextos onde temos menos condições de evitar os riscos e ônus dos processos integrativos. No dia-a-dia do país são inegáveis as influências diretas que sofremos das decisões e atitudes tomadas no mercado internacional, muitas vezes atingindo, inclusive, aspectos simbólicos. Costa (2001b, p.22) quem nos diz que o fenômeno da globalização revela teoricamente o resto do mundo, antes sem maior importância, como “parte inseparável e constitutiva dela...”.

2.3 JUVENTUDE, JUVENTUDES

O surgimento da sociedade moderna viabilizou que a juventude, enquanto hoje ainda entendida, surgisse no cenário social; a partir da redefinição dos espaços familiares e da proteção que as camadas abastadas passaram a oferecer a seus filhos, retirando-os da vida produtiva rotineira e preparando-os para o exercício da vida adulta futura. Além da importância que a família passou a ter para a constituição do segmento juvenil, também outros fenômenos passaram a gozar de alta relevância nesse âmbito, como é o caso das demais instituições socializantes – escolas, igreja etc. – e a valorização da própria idade do indivíduo e dos significados que esta passou a ter para a nova sociedade. O processo de complexidade social ocorrido a partir do aprofundamento da divisão do trabalho, do aumento da interdependência social, da necessidade da disciplina para o trabalho, entre outros, geraram dificuldades quanto às compatibilidades necessárias ao convívio social, explicitando a necessidade de maior padronização do tempo social e do tempo da vida. Tempo para trabalhar, para descansar, para festejar; idade apropriada para aprender, para produzir e reproduzir-se, para afastar-se do ambiente produtivo. Tempo suficiente para um trajeto, para uma solenidade, para produzir um artefato; idade capaz de operar discernimentos, de tomar decisões, de assumir riscos. O avanço das relações sociais encontrou nos turnos, nos relógios, nos calendários estofo para atribuir à idade cronológica aliada ao desenvolvimento corporal - bem como os eventos e relações que advinham a partir desses aspectos – as referências para a organização das novas sociabilidades e processos identitários que brotavam¹⁴. Essa consideração, de um lado, dos aspectos temporais, e do outro, dos aspectos maturacionais-sociais ensejou o surgimento de uma nova e forte corrente de compreensão do fenômeno social juventude, como apresentada a seguir.

2.3.1 O corte etário e o amadurecimento como delineadores da categoria juventude

¹⁴ A abordagem que faço do tempo referencia-se em Elias (1984).

A valorização da idade¹⁵ e a consolidação dos diferentes estágios de vida produziram alterações de grande porte e delinearão novos rumos para as relações entre os sujeitos sociais. A infância e, posteriormente, a juventude, a idade adulta e a velhice ganharam densidade e legitimação social enquanto fases da vida humana, às quais se vinculavam indubitável inserção social. Conquistou-se a clareza de que às crianças e aos jovens cabia o usufruto da aprendizagem social; aos adultos atribuía-se a contribuição ativa em relação à socialização dos mais jovens, à garantia da continuidade social nos seus diversos aspectos, e aos idosos, finalmente, a recompensa pela atuação pretérita enquanto adulto maduro, cômico das suas responsabilidades enquanto cidadão, profissional, genitor e membro dos diversos grupos sociais¹⁶. O modelo ternário de cronologização da vida definiu papéis sociais compatíveis a cada estágio e institucionalizou os eventos, estilos de vida e expectativas referentes a cada grupo da vida social (HELD, 1986), instrumentalizando os sujeitos para a construção de suas identidades e para a convivência no ambiente da complexa sociedade que se consolidava, apoiada nas instituições modernas conformadas. Verifica-se claramente a íntima relação entre a definição dos tempos da vida e as demandas objetivas da produção, bem como da constituição de uma cultura burguesa. Desse modo, muitos referenciais se consolidaram ao longo dos séculos enquanto importantes orientadores da socialização de um modo geral e da constituição das identidades juvenis em particular.

Na atualidade é de compreensão consensual que esse padrão de abordagem do curso da vida encontra-se em profunda modificação, obrigando a reelaboração do entendimento do que seja juventude. Observamos que as condições materiais das sociedades constituem-se em aspectos simbólicos tão rapidamente quanto mais esta se torna complexa e que os processos sociais interferem na constituição das individualidades, tanto

¹⁵ Elias (1984) e Ariès (1978) discutem sobre a pouca importância dada à idade nas organizações sociais que antecederam a modernidade. Poucas pessoas sabiam acerca da sua idade em particular tanto porque os instrumentos objetivos de medição não eram presentes na vida cotidiana, quanto porque valorizava-se a linhagem familiar como credencial legitimada e eficaz para a participação na vida social em todos os seus aspectos: econômico, cultural, religioso, de defesa etc. Os mais novos aprendiam com os mais velhos do seu meio, como já me referi, pela vivência prática de costumes e atividades.

¹⁶ Alguns autores questionam se a cronologização do curso da vida e sua correspondente institucionalização chegou a consolidar-se enquanto hegemônica no contexto das sociedades modernas. Abordam principalmente as inúmeras diferenças resistentes entre segmentos populacionais decorrentes da inserção sócio-econômica e do perfil cultural, religioso etc. Ao tempo em que reconheço a força da cronologização e institucionalização do curso da vida nas sociedades modernas, principalmente enquanto orientadoras da socialização, chamo a atenção para as diferenças que encontramos no âmbito juvenil, onde nem sempre o *script* cronológico e institucional é observado. Com frequência, algumas expectativas sociais colocadas aos jovens não são confirmadas junto àqueles pertencentes a setores populares, como por ex., idade e procedimentos para formação, trabalho, maternidade/paternidade. A urgência da vida concreta muitas vezes se superpõe, antecipa ou subsume as fases cronológicas da vida socialmente estruturadas.

biológica quanto psicologicamente (ELIAS, 1994 e 1984; MELUCCI, 1997), redefinindo, no caso específico, novas manifestações dos estágios de vida e da juventude.

A sociedade moderna, até recentemente assentada nas tradições gerais que a constituíram enquanto tal, está em crise. As instituições que até recentemente respondiam pela organização da vida em sociedade já não conseguem lidar satisfatoriamente com os novos problemas engendrados pelas relações sociais. Aspectos materiais desse processo, como a comunicação planetária em tempo real, a facilidade de deslocamento, o comércio internacional, a mudança no perfil do Estado, a precarização das relações de trabalho, entre outros, impõem às pessoas - objetiva e subjetivamente - desafios cotidianos novos a serem superados. Tais desafios, apresentados na forma de contingência, incerteza, mobilidade, imediaticidade, transitoriedade não se limitam ou se adequam a certos estágios de idade, mas recaem com semelhante apresentação e força sobre todos os membros da sociedade, fazendo com que a idade se mostre como irrelevante enquanto categoria estruturante que já foi para a organização social moderna. Cada vez mais os eventos, papéis e expectativas sociais se desvinculam dos intervalos de idade e passam a envolver todas as idades, provocando uma superposição entre idades e gerações e enfraquecendo a organização da vida a partir da perspectiva cronológica.

Se o advento da sociedade moderna significou a obsolescência dos tempos da natureza - da noite e do dia, do plantio e da colheita, da chuva e do estio, do novo e do velho; das capacidades humanas por si próprias e pela adoção do tempo linear - do relógio, do calendário, da máquina -; atualmente a noção do tempo mostra-se alterada novamente pelas novas condições encontradas junto à sociedade e aos indivíduos. O anterior tempo único, contínuo multiplica-se em inúmeras alternativas; efetivando incontáveis possibilidades simultâneas e independentes, sem vinculação com as idades, os grupos de idade e expectativas constituídas em torno deles, bem como com as experiências da vida.

O tempo estruturante agora é o tempo real (*real time*), no qual a capacidade de realização ensejada pelo avanço científico pela versatilidade técnica, faz com que a antiga acepção de tempo - e por conseguinte de espaço - desapareçam. Como um espécime de corolário disso deixamos de experimentar o 'passar do tempo'. Cada fato ou fenômeno pode acontecer e re-acontecer a qualquer momento. Tudo é possível: a estação do ano em qualquer época, o show de quem já morreu, o filme a ser lançado na semana seguinte, a aula passada, o bebê ainda por nascer, a conversa com pessoas de todo o planeta ao mesmo tempo, o *fast food* a qualquer hora, o início de uma nova vida aos 70 anos etc. Para uma realidade dotada de múltiplas possibilidades, congruente com a noção do tempo imediato,

não há espaço nem um papel para a experiência construída no passar dos anos e no repetir do aprendizado humano. Este é um dado sobressalente. O presente, o passado e o futuro perdem a força junto à constituição das narrativas sociais e subjetivas, posto que se assume a postura temporal única, que subverte todas as idéias temporais e cronológicas anteriormente existentes, estabelecendo a saturação do tempo real. As subjetividades, influenciadas pelo mundo objetivo, operam um rompimento com os limites cronológicos que orientavam as práticas e os eventos sociais. Lidamos, portanto, com a descronologização da vida, realidade que mudou, definitivamente, a idéia de fases da vida e a forma de vivê-las.

Do ponto de vista dos eventos, as transformações são consideráveis. Se poucas décadas atrás o sensual, as relações sexuais, o casamento, o trabalho se encontravam codificados como apropriados em determinadas faixas etárias, o esgarçamento das pautas no atual contexto moderno, entretanto, faz com que possamos constatar a presença desses aspectos como fazendo parte do universo infanto-juvenil e muito freqüentemente inseridos numa lógica de mercantilização das práticas sociais. (PERALVA, 1997). Mas não apenas crianças e jovens foram deslocados dos seus espaços no tocante às experiências que podem acessar: a contemporaneidade nos oferece uma complexidade analítica a mais, que é a experimentação pelos adultos e idosos de temas e práticas até então circunscritos ao universo juvenil. Tudo se coloca ao alcance de todos; todos estão susceptíveis a tudo: a formação, o trabalho, o início da vida sexual, a maternidade/paternidade, a aposentadoria, o desemprego, entre outros. A diluição desses contornos gerou características de indefinição e ambigüidade acerca do que venha a ser esta fase da vida – a juventude - e o papel que lhe compete na sociedade.

Essa realidade não é estranha ao atual momento da sociedade brasileira, pelo contrário. Aqui também o trabalho, por exemplo, tem deixado de ser característico da vida adulta e impõe-se a qualquer faixa etária. Na atualidade, 12% das crianças de 10 anos a 14 anos de idade contribuem diretamente para o sustento da família e os jovens aptos para o trabalho são a maioria dos índices de desemprego (CENSO 2000-IBGE). Nas regiões metropolitanas brasileiras, as pessoas de 10 a 16 anos estão submetidas a jornadas extenuantes de trabalho, trabalhando não menos que 30 horas semanais por salários, por vezes, não superior a meio salário mínimo (AÇÃO EDUCATIVA, 2000, p.22). A entrada precoce no mercado de trabalho, bem como o cumprimento de jornada extensas, geralmente em condições pouco apropriadas, tiram do jovem a possibilidade de qualificar-se

adequadamente. Principalmente, lhe furtam o tempo especial de vida e a possibilidade de desenvolver-se plenamente enquanto ser juvenil.

A formação para o trabalho passa a fazer parte da vida como um todo, como processo que se refaz a cada nova demanda da sociedade e do mercado. Assim, diz respeito a jovens e adultos, retirando a força que a experiência tinha junto ao processo de socialização e constituição das identidades juvenis. O desemprego massivo, que devolve as populações adultas à re-formação e à condição de dependente financeiramente, as desautoriza diante dos mais jovens como alguém que tem o que ensinar a quem está iniciando (HELD, 1986). A formação e a experiência consolidam-se diante das necessidades colocadas e das escolhas feitas por cada um.

A aposentadoria como bem de mercado é acessível a todos - jovens, adultos e idosos - consolidando as carteiras bancárias de aposentadorias como importantes nichos de negócios, onde os incluídos buscam o prêmio da aposentadoria aos 40 anos. Já na versão pública o aumento da expectativa de vida e o encolhimento do Estado quanto aos gastos efetivados e os serviços prestados, tem provocado a colocação de barreiras mais rigorosas para a concessão das aposentadorias, implicando na requisição de maior idade e tempo superior de contribuição previdenciária e, principalmente, no pagamento de benefícios com valor reduzido. Essa realidade, associada ao incremento do consumo - impulsionado pela oferta de produtos e por estratégias agressivas de *marketing* e propaganda – força o retorno do ex-trabalhador ao mercado de trabalho, onde é reintegrado a processos de formação e onde disputa os postos com os jovens que ingressam no mercado e com os desempregados permanentes e temporários – de todas as idades.

O início da vida sensual e sexual, cada dia mais antecipado - e retardado em alguns casos-, escapa do padrão etário que o organizava. As descobertas científicas e a flexibilização de padrões culturais vigentes são fatos que muito influenciam esta realidade. Zagury, a partir de pesquisa realizada com jovens brasileiros com idade entre 14 e 18 anos, mostra que mais de 53% destes eram de opinião que 'ficar com' é sempre válido (2002, p.173-184). Mais de 33% tiveram sua primeira relação sexual antes dos 16 anos, sendo na sua maioria com namorado(a)s. Esses resultados, segundo a autora, não possuem qualquer alteração quando olhados através da inserção de classe ou espacial rural/urbano, evidenciando uma horizontalização de valores quanto à situação etária, territorial e social.

Os três aspectos aludidos – as descobertas científicas, as mudanças na vida sexual e nos padrões culturais colocam para consideração mais um importante fenômeno - a maternidade/paternidade - enquanto outro evento em desvinculação da perspectiva etária.

Esta, seja para mais ou para menos, já não oferece limites diante da escolha de ser mãe ou pai; pela primeira ou por uma seqüência de vezes. A maternidade/paternidade, se deixa da ser fortuita na terceira idade, é ostensiva na adolescência. O primeiro filho, antes mais presente no fim da juventude ou nos primeiros anos da idade adulta, quando os parceiros julgavam-se preparados para a orientação de uma família, hoje já é freqüente no início da adolescência. No caso brasileiro, o IBGE (Registro Civil) apontou que 21% dos nascidos vivos no ano de 2001 eram filhos de mães na faixa etária de 15 a 19 anos. Isso significou um crescimento de 7% em relação à mesma estatística colhida em 1984, evidenciando uma tendência de crescimento no fenômeno. O dado se torna mais relevante se considerarmos que neste período houve decréscimo de nascimentos em geral.

Do ponto de vista cultural, na sociedade do tempo real o suporte para todas as idades é a cultura jovem. Estimulada a partir da ação de grandes empresas em busca de expansão de seus mercados, a cultura sedimenta um estilo de vida, um tipo de convivência social e um tipo de participação no mercado (KLEIN, 2002)¹⁷ muito imbricadas com a marca jovem. Esporte, turismo e lazer; moda, aparência e condicionamento físico; redes, grupos e tribos, aspectos culturais muito associados à vida e ao estilo jovem são agora bens disponíveis no mercado, que se conciliam harmoniosamente com qualquer faixa de idade. O novo acordo social pauta-se na regra de que todos podem ser jovens à medida que todos podem fazer as mesmas coisas. Vista desta perspectiva, a realidade aponta a fragilidade dos conceitos construídos também a partir do referencial de idade, como é o caso do entendimento de geração. A idéia de um **segmento etário** que experimenta numa semelhante fase de vida sentimentos, valores, códigos, modos de vida, habilidades, interesses, projetos, afinidades, distanciamentos, referenciais de análise etc. (PAIS, 1993; MARGULIS & URRESTI, 2000) que orientam sua relação com o mundo, suas circunstâncias de vida e as respostas que oferece para o mundo e para si mesmo (PAIS, 1993) sofre certa imprecisão¹⁸. Uma vez que os eventos encontram-se dispersos por toda a vida, o que se encontra é uma grande variação de idade numa mesma geração ou várias

¹⁷ Nesta obra a autora citada apresenta uma interessante discussão acerca do surgimento e valorização do perfil jovem de produção em empresas americanas que, de resto, digo eu, não é totalmente estranho ao que tem acontecido no mundo e no Brasil, em particular. A adoção de um jeito de produzir para o consumo inspirado no gosto juvenil – e também ‘criando’ gostos aos quais os jovens aderem, é apresentado como resultante de toda uma engenharia empresarial nova, com vistas à conquista de novos mercados, numa época de saturação daqueles até então existentes. Produtor e consumidor são partes igualmente comprometidas com o desenrolar desse processo que eleva o perfil jovem de vida como o desejável para todos os segmentos etários e setores da sociedade, inclusive o da produção de mercadorias.

¹⁸ Com a adoção do mundo juvenil como referência de práticas e de vida pelos pólos etários – infância, por um lado, e idade adulta e senectude, por outro – verifica-se uma distensão do fenômeno que socialmente se compreende como juventude.

gerações pertencendo a um mesmo grupo de idade. Assim, a realidade nos apresenta famílias onde encontramos idades diversas vivendo a mesma experiência de maternidade/paternidade; empresas que concentram adolescentes e adultos partilhando cargos-chave no organograma; centros de formação com turmas compostas por jovens, idosos e adultos sob a mesma experiência de qualificação; situações de inatividade onde encontramos jovens que não conseguiram o primeiro trabalho e adultos que perderam o emprego, entre outros. Isso implica na perda de nitidez entre responsabilidades e expectativas sociais e sua correspondência a determinados segmentos etários, posto que as mesmas passam a migrar por quase toda a extensão da vida, sem vinculação pré-determinada.¹⁹

É uma realidade monocórdia que dilui as balizas de todos os envolvidos e deixa a juventude solitária no seu processo de amadurecimento, uma vez que as instituições não mais lhes oferece o devido suporte e a experiência perdeu o seu lugar. É desvinculada de garantias do passado que a juventude é obrigada a constituir suas identidades e efetivar a sua socialização em tempo real, lidando com a complexidade colocada à sua frente. O jovem deve se tornar sujeito ativo da sua auto-disciplina para o convívio social; cabe-lhe ser o agente da sua história, elegendo e incorporando – a partir de um diálogo fragmentado, multi-orientado e multi-etário - os parâmetros conformadores e orientadores da sua interação e convivência em sociedade, superando os desafios da equação entre as necessidades objetivas e as motivações subjetivas exposto em cada situação particular. O caminho é possivelmente através de uma vinculação prática provisória entre o sujeito e as condições objetivas de cada situação. A orientação se faz pelo limite apresentado no interior de cada realidade, visto não haver mais a solidez da orientação externa²⁰ ao real imediato que sirva de ancoradouro seguro para as práticas.

Importante ressaltar, por fim, que a evidente constatação de fragilidades quanto à idéia das matrizes referenciais, não pode ser interpretada como simples flexibilidade dos condicionantes sociais, pois para a sociedade como um todo permanece a necessidade de integração, de socialização, de identificação. Demanda que é ainda mais

¹⁹ Embora ainda vivamos um contexto de transição, os jovens mostram-se como duplamente vitimados: pelas 'novas' regras de convivência que vão se delineando e pelas conseqüências ainda permanentes das regras agora em transição, especialmente se pensarmos a conjuntura moderna brasileira a partir de idéia de modernização seletiva, já anteriormente explicitada. As estatísticas corroboram essa percepção: quanto à questão étnica, em 1999, 21% dos jovens negros de 14 a 17 anos estavam fora da escola, contra 15,6% dos brancos. São também os negros a maioria das populações dos cárceres, das favelas e das ruas. Em relação à educação, ainda temos mais de 1 milhão de jovens de 10 a 17 anos com menos de 1 ano de instrução. (PNAD, 2001; AÇÃO EDUCATIVA, 2002).

²⁰ Seja esta de linhagem, de idade, de geração, de classe ou de outras instituições legitimadas para tal.

forte em relação aos jovens e crianças. Não significa também que esse processo se desenrole como escolhido livremente e gerando os resultados almejados, muito menos que as possibilidades de escolha sejam exaustivas. São escolhas condicionadas, com potenciais de geração de resultados que fogem ao controle dos sujeitos.

Diante de todas as mudanças sofridas pelo mundo atualmente torna-se evidente que a idade vem sofrendo importantes restrições na sua capacidade explicativa acerca da inserção das pessoas nos espaços de relação social e, portanto, das influências que esta exerce sobre a conformação dos 'lugares' do sujeito no mundo. Não obstante, entendo que ainda persiste um aspecto em relação à idade que deve ser levado em conta. Acredito que a contribuição que este olhar ainda oferece é no tocante ao fato de que é na juventude que os indivíduos, fustigados pelo real e pela sua própria particularidade de ser, passam a formular as primeiras perguntas sobre si próprio e o seu entorno, colocando-se na obrigação (LAPASSADE, 1968) – ou manifestando um desejo - de oferecer alguma resposta, de ocupar um lugar. As possibilidades que se abrem como resultado da formulação dessas respostas pelos jovens é que constroem o lugar ocupado por eles.

A juventude materializa-se, portanto, nesse exercício da formulação das perguntas e primeiras tentativas de resposta por parte dos indivíduos e grupos inseridos numa cultura que estão começando a conhecer, e o fazem do posto de quem, agora, deve 'dizer' algo e ocupar um lugar. É o olhar de recém-chegado, descondicionado dos 'caminhos marcados' que a experiência pode gerar, que possibilita um lançamento mais aberto do jovem à descoberta de alternativas na construção das respostas que busca. É esse requisito que pode potencializar a ação juvenil como produtora de novos sentidos e que convoca a sociedade ao compromisso inter-geracional de oferecer aos jovens, os quais ela enseja a existência, suportes e referências satisfatórias para a descoberta de si e do mundo, tornando-se em sujeitos de ações positivas. Desse ponto de vista, a idade e o amadurecimento continuam presentes como referência, mas demandando que esforços analíticos outros sejam feitos no sentido de contemplar aspectos desse jeito de ser jovem atual que o simples corte cronológico por si não responde mais.

No sentido proposto, entendo que a consideração de questões que vários estudiosos vêm apontando como nacionalidade, inserção de classe, etnia, gênero e condição geracional, (GROPPO, 2000) estilos de vida, valores, símbolos, gênero, entre outras, se impõem ao quadro analítico da juventude a fim de lhe conferir a complexidade que revela possuir ao ser olhada no mundo real: nas ruas, nas escolas, nos morros, nos shoppings, no trabalho, nas festas, nas manifestações políticas... enfim, nas rotinas de vida de cada jovem.

Desse ponto de vista, o esforço que empreenderei a seguir será o de avançar na discussão acercando-me de construtos múltiplos e, através deles, buscar estabelecer uma abordagem que permita uma aproximação o mais estreita possível do objeto de estudo proposto, estendendo as possibilidades explicativas do fenômeno.

2.3.2 Outras aproximações teóricas sobre a juventude

Para a **teoria geracional** a juventude é, fundamentalmente, uma fase de vida referente à socialização das pessoas, originada das discontinuidades que se afloram na convivência intergeracional. O processo de socialização desta fase é o responsável pela incorporação dos sentimentos, valores, códigos, modos de vida, habilidades, interesses, projetos, afinidades, distanciamentos, referenciais de análise etc. que constituem, por fim, uma determinada *episteme*, própria de cada geração (PAIS, 1993; MARGULIS & URRESTI, 2000), a qual orienta a relação do indivíduo com o mundo, suas circunstâncias de vida e as respostas que oferece para as mesmas (PAIS, 1993). Por esta razão é que a idéia de geração apresenta-se como uma retradução da mera idade, ao expressá-la a partir da história e da cultura. Assim entendida, a geração congrega e oferece lastro cultural comum aos indivíduos e aos grupos sociais, conferindo-lhes certa unidade enquanto parcela geracional na sua interação com os demais setores da sociedade. Assim, é sobretudo como membro de uma geração que cada indivíduo interage com suas experiências de vida. Não seria incorreto, portanto, afirmar que cada geração possui uma cultura particular, diferente das outras que lhe antecederam e seguirão, distinguindo-a com clareza diante das demais (Ibid)²¹.

Nessa perspectiva, para a corrente geracional, existe uma cultura juvenil que, de um certo modo, se mostra oposta às culturas adultas, proveniente da síntese do seu próprio momento de vida e dos aspectos assimilados da convivência intergeracional. A oposição entre as gerações, conforme a intensidade e natureza verificadas, pode propiciar a socialização contínua ou os conflitos, crises e rupturas geracionais. De todo modo, a “renovação e continuidade da sociedade” adviria inevitavelmente desta convivência, daí a importância que deve ser atribuída à problemática da juventude na sociedade (Ibid., 40).

²¹ Claro está que as gerações não podem ser entendidas enquanto grupos sociais coesos, homogêneos. As gerações, assim como a juventude, são multifacetadas e possuem diferenças inter e entre grupais que se relacionam às variáveis de classe, gênero, cultura, padrões familiares etc. (Domingues, 2002). Se não me proponho tal abordagem deve-se tão somente ao fato deste ponto já se distanciar do meu propósito de discussão mais específico.

De acordo com a **corrente classista**, a juventude não pode ser considerada como fase de vida, dadas as profundas diferenças sócio-econômicas existentes entre setores sociais pertencentes à mesma faixa etária e que não podem deixar de ser levadas em conta nos procedimentos analíticos. Assim, a noção da categoria juventude estaria forçosamente submetida à idéia de relações de classe e das desigualdades sociais a que a mesma remete.

Nessa abordagem, as oportunidades diferenciadas que as classes disponibilizam aos seus jovens demarcam o tipo de experiência juvenil da qual podem dispor. O preparo para a vida profissional via escola e outros mecanismos, o tempo livre para o lazer, o acesso ao mercado em geral - e em particular aos produtos de consumo tidos como símbolos hegemônicos da juventude e de sua cultura - são diferenciais fundamentais, constituindo, ao fim, várias juventudes. Os diferenciados perfis encontrados - lingüísticos, de valores e demais características simbólicas - originam-se das "... diferenças interclassista e raramente intraclassista." (PAIS, 1993:49). A partir desse ponto de vista, não é possível conferir uma noção específica à cultura juvenil, uma vez que esta se encontra enredada na expressão maior das relações e conflitos das classes sociais e nesse âmbito apresenta-se muito mais como uma cultura de resistência, com conotação política apenas (Ibid).

Para o **enfoque cultural**, a juventude não é uma realidade dada, mas construída socialmente a partir dos conflitos que se verificam entre os mais novos e mais velhos (BOURDIEU, 1983). Assim, não possui um perfil próprio, mas se apresenta sob várias expressões de estilos de vida, crenças, valores, símbolos, normas e práticas grupais diferenciadas - as culturas juvenis (GROPPO, 2000; PAIS, 1993). Por seu turno, esses aspectos culturais tanto podem ser próprios desta fase de vida ou assimilados de gerações anteriores, bem como das inserções de classe que os jovens possuem. Tanto podem corroborar a situação vigente, quanto propor a sua alteração ou ainda radicalizar no sentido da sua transformação efetiva. As escolhas tomadas diante do real é que vão dando substrato existencial ao juvenil.

Remeter a explicação da problemática da juventude para a questão geracional, para a situação das classes sociais ou ainda para a sua expressão cultural certamente significa um avanço em relação ao marco cronológico ou bio-psico-fisiológico de compreensão, mas ainda não confere à categoria uma especificidade maior que possibilite ao pesquisador uma aproximação analítica com a questão sem amputá-la da sua complexidade ou dissolvê-la enquanto parte de categorias mais amplas. Não obstante a

contribuição que as correntes teóricas oferecem, tanto em separado, quanto combinadas numa determinada análise, penso que ainda resta considerar outros aspectos acerca da categoria juventude, no sentido de delinear na mesma contornos mais nítidos.

A juventude como categoria socialmente constituída deve ser abordada tendo-se em conta as dimensões materiais, históricas, políticas e simbólicas nas quais o social se produz. Isso nos levaria a entender que a noção de juventude está relacionada a uma faixa etária, a um processo particular de amadurecimento corporal, a um processo de socialização específico, a um contexto sócio-político-econômico-cultural, entre outros, vigentes ao mesmo tempo, muito embora com expressão e intensidades diferentes em cada trajetória grupal/individual. Se esses aspectos estão presentes na conformação da juventude, como vem sendo demonstrado pela literatura da área, mas se manifestam de formas variadas, é forçoso concluir que o exercício analítico encontrará mais de uma juventude, mais de um jeito de ser jovem na atualidade. Desse modo, fica clara a inviabilidade de tratarmos tal segmento como uma realidade acabada, pronta para dar-se como objeto num processo de construção do pesquisador. Assim, talvez o maior desafio seja compreender esta categoria com a amplitude e a dinamicidade que a realidade exige, sem, no entanto, deixar de marcar as particularidades que a diferencia diante das demais.

O trabalho de Mario Margulis e Marcelo Urresti, *La juventud es más que una palabra*, propõe esta trajetória analítica. Sua perspectiva de análise propõe a atribuição de bases materiais e históricas à categoria juventude, articuladas a partir do que os autores chamam de **moratória social, moratória vital, memória social incorporada, condição de gênero e lugar nas instituições**.

Quanto à **moratória social**²², trata-se de um período especial, atribuído ao jovem pela família e pela sociedade, de postergação de responsabilidades perante o mundo adulto. Normalmente é uma fase destinada ao preparo para a vida, seja do ponto de vista do estudo e da capacitação para o trabalho, seja do ponto de vista das relações sociais experimentadas pelos jovens. É uma fase de ensaio e erro, onde a juventude pode contar com maior condescendência familiar e social para com as suas práticas, visto serem entendidas como parte do exercício de amadurecimento. É também onde se materializa o tempo livre para o lazer, para o exercício criativo. Pela sua própria natureza, a moratória social realiza-se de modo variado dentre as demais classes e setores sociais. Certamente,

²² A expressão faz alusão ao termo moratória, emprestado do vocabulário jurídico que “designa a prorrogação do prazo concedido pelo credor ao seu devedor para o pagamento de uma dívida.”. (SANDRONI, 1989, p.208).

para os jovens de setores populares a possibilidade de dispor da moratória social é bem mais restrita, uma vez que a inserção sócio-político-econômica das famílias e deles próprios reforça a exclusão a que, no mais das vezes, vivem submetidos. Esse fato produz um encurtamento do período de juventude desses setores. Por outro lado, a moratória social é ostensivamente presente quanto-qualitativamente entre os setores médios e altos da sociedade, fazendo com que atualmente o tempo a ela destinado sofra constante ampliação. É através, portanto, da moratória social que se torna possível identificar e diferenciar aqueles que, social e culturalmente, exibem os signos da juventude de outros que não conseguem realizá-lo.

A **moratória vital** é destacada como fato comum a todos os jovens, aquilo que primeiro os qualifica enquanto tais, independente – num primeiro instante – da situação de classe e gênero. A vitalidade/energia corporal, a sensação de invulnerabilidade, a relação com a velhice como algo distante, e com a morte como uma contingência que recai apenas sobre o mundo adulto e idoso, confere aos jovens um crédito temporal extra, um sentimento de que para ele o tempo da vida não se esvai no dia-a-dia; de que o jovem dispõe de um certo excedente vital. A eventual negação material dessas supostas prerrogativas não modifica a segurança em relação à reserva de vida da qual acredita dispor. Aspectos como a energia corporal, “abertura de opções, novidade do mundo, distância da morte” (MARGULIS E URRESTI, 2000, p. 21) mostram-se enquanto materialidade da condição juvenil, sempre imbricados ao modo de ser jovem, aos signos que expressam esse fenômeno em cada segmento social. As possibilidades de desfrutar o modo de ser juvenil possui influência direta sobre o nível da presença deste capital temporal no viver de cada jovem. Estas podem reforçá-lo, diminuí-lo ou esgotá-lo rapidamente.

Desse modo, teríamos especialmente no encontro entre a moratória vital – expressa na matéria, na cronologia, na vida em si do jovem – e a moratória social – expressa nos signos, nos valores, na cultura, enfim – um suporte para a distinção entre os **jovens não juvenis** e os **não jovens juvenis**. No caso dos primeiros, estariam especialmente aqueles jovens que permanecem impedidos de desfrutar da cultura juvenil do seu tempo por não ter acesso à moratória social. Quanto aos outros, tratar-se-iam daqueles que, embora tendo desgastado o seu “crédito vital” possuem condições sócio-econômicas e culturais de permanecer incorporando os signos juvenis à sua vida em aspectos diversos.

Chamo a atenção para um aspecto particular que visualizo no modo de ser juvenil. Se a moratória vital orienta as realidades conforme acima colocadas, nesse âmbito ocorre ainda um movimento simbólico em sentido contrário, envolvendo a própria

vitalidade juvenil. Percebo que a noção de vitalidade, de plenitude biológica, expressa-se ostensivamente no espaço da moratória vital como necessidade da juventude de viver as experiências da vida em totalidade e imediatamente. Tem-se urgência em esgotar as possibilidades de cada oportunidade, do agora. A título de exemplo, cito particularmente as experiências de natureza sensuais e sexuais – vividas de uma vez e ao mesmo tempo - muito antecipadas quanto à idade, como já referido. Principalmente em faixas etárias reduzidas, a intensidade do biológico parece encontrar o seu caminho de manifestação preferencial através dos namoros e, principalmente, das ficadas diversas, plurais e descomprometidas.

O aspecto da **memória social incorporada**, segundo Margulis&Urresti, procura conferir um corte histórico à abordagem das estruturas sociais e da conseqüente influência que a mesma exerce sobre o processo de socialização das pessoas. A condição de pertença a uma geração não pode resumir-se ao aspecto cronológico que, por si, careceria de maior sentido. É o momento histórico, os fatos aí verificados e as experiências com ele compatíveis que forjam uma dada identidade entre os membros de uma mesma geração, originando um “parentesco na cultura e na história (...) uma verdadeira irmandade frente aos estímulos de uma época.” (Ibid. p.25). Esse fenômeno possui relativa independência frente às classes sociais. O curso da história e do próprio tempo – hoje cada vez mais fluido – imprime de modo transversal diferenças gigantescas no mundo em que se vive a cada época – cada vez mais curtas, fazendo com que um pequeno decurso de tempo signifique grande diferença no processo de socialização, tendo em vista as inúmeras possibilidades experienciais, como já discutido.

A **condição de gênero** abordada também matiza a compreensão da juventude. Independente da inserção social, homens e mulheres possuem juventudes diferentes. Para estas, mais intensamente do que para os primeiros, estão colocados dispositivos biológicos que marcam e exibem uma certa cronologia do seu corpo quanto à exuberância física, a maturidade procriativa, a velhice. Penso que o processo precoce de desenvolvimento físico das mulheres em relação aos homens - a menstruação e eventos correlatos, a gravidez, a menopausa - são sinais biológicos muito mais visíveis, que certamente marcam e diferenciam o ‘tempo’ feminino do ‘tempo’ masculino na relação com a sociedade e na constituição de suas juventudes.

Kuasñosky & Szulik (2000, p.151) chamam ainda a atenção para o fato de que, socialmente, “o sentido comum [de juventude] se constrói atendendo à realidade dos homens jovens...” e que os construtos acordados entre as instituições que se colocam como

tarefa lidar com a juventude são incompatíveis com a realidade feminina. Ainda do ponto de vista social e, de acordo com as autoras, as normas e regras de convivência penalizam a realidade juvenil das mulheres no tocante a tempo livre, liberdade sexual, mobilidade, associação com os pares, sanções e responsabilidades recebidas, estabelecendo importante diferenças entre a jovem e o jovem.

Ao discutir a importância do **lugar nas instituições** para a compreensão da juventude, Margulis&Urresti consideram eminentemente a família como sendo “a instituição principal na qual se define e representa a condição de jovem, cenário no qual todas as variáveis se definem.” (2000, p.29). Uma vez inserido num âmbito mais amplo de relações sociais, é o ambiente familiar que reelabora o jogo da vida social e o explicita para os jovens em forma de opiniões, atitudes e modos de ver o mundo, influenciando na formação da estrutura psico-social dos seus membros e na definição dos papéis sociais a desempenhar.

Não obstante o destaque para o grupo familiar, as demais instituições também gozam de importância, visto que se estruturam e se apresentam seguindo um padrão vinculado às faixas etárias, demarcando normas, papéis e lugar próprio dos atores; estabelecendo as sanções decorrentes das inobservâncias. Esse contexto institucional constrói também um certo lugar social e expectativas em relação ao jovem enquanto partícipe do jogo, influenciando nas suas expressões no tecido social.

A juventude também requer ser enfocada como a expressão de um **conjunto de signos**. E nesse campo, os valores hegemônicos associados automaticamente à condição juvenil, construídos em relações onde cada um se sente jovem e é ratificado pelo outro enquanto tal, mostram-se cada vez mais vinculados a padrões estéticos e hedonistas do que políticos e éticos. A plástica perfeita e a fruição do prazer estão vinculados ao signo juvenil atual, no mais das vezes, do que a vontade de intervir no mundo; do que o ímpeto de ‘corrigir’ aquilo que não se mostra de acordo em termos éticos, de construir a novidade ausente no presente.

Não se trata de uma acusação ou desqualificação da juventude, mas uma constatação de algo hegemônico, construído em interação com os demais segmentos sociais neste momento histórico atual vivido pela juventude. Atualmente associa-se ao signo juvenil uma determinada imagem de beleza, alegria, intrepidez, erotismo. Margulis&Urresti (2001) assinalam que o entendimento de beleza hegemônico passa automaticamente pelas idéias de branco, esbelto, alto e atlético, numa desqualificação

automática dos padrões dos povos dominados, gerando uma série de implicações nesse campo, como a busca desesperada por preencher tais critérios.

Ainda em relação aos condicionantes dos signos juvenis, no tocante ao padrão de beleza e à imagem buscada, acrescento que o tipo de **consumo** que se tem reveste-se de importância singular. Através do mercado pode-se “embranquecer”, ficar louro, forte, corrigir insatisfações com o físico e a aparência, ostentar uma imagem mais sensual, mais aventureira, mais radical, enfim, mais jovem. E, como numa mágica, a imagem não reside necessariamente nas possibilidades da individualidade, mas se encontra capturada pelo externo que, através do mercado, pode vir a habitar – ou não - cada individualidade em particular.

O consumo adquire, destarte, o poder de distinguir quem é *in* e quem é *out* no mundo jovem, além de marcar com clareza grupos e tribos juvenis. Novidades tecnológicas, inserção no mundo virtual, vestuário em geral, adereços, alimentação, *points* e formas de lazer, música e arte recortam fronteiras e sinalizam inter, entre e para além dos grupos, no meio social, quem é quem, do que gosta, o que faz. Na atualidade, a transformação dos signos da juventude em bens de mercado, disponíveis a todos que desejem e possam adquiri-los, é um fato que coloca a obrigatoriedade de enfoque deste aspecto ao se pretender um novo olhar sobre os jovens.

Como posto, a pluralidade do real inviabiliza que se enclausure a juventude numa única matriz explicativa, mas que se faça um esforço no sentido de que a mesma ganhe existência no diálogo articulado com as materialidades encontradas, sem abandonar as suas particularidades, a fim de potencializar a sua capacidade explicativa. Penso que a perspectiva que tomo e endosso responde a esta demanda ao tomar os referenciais acima abordados, por entender que:

“... a juventude é uma condição que se articula social e culturalmente **em função da idade** – (...) como distância frente à morte –, **com a geração a que se pertence** – enquanto memória social incorporada (...) –, **com a classe social de origem** – como moratória social (...)–, **com o gênero** – segundo as urgências temporais que pesam sobre o homem e a mulher–, e com a vinculação com a família” [com o lugar nas instituições]. (MARGULIS&URRESTI, 2001, p.29; grifos meus).

É entendendo que a “...juventude não possui caráter universal, constitui um referente conceitual que precisa de contextualização e especificidade desde suas acepções mais básicas...” (QUAPPER, 2001, p.65) que pretendo avançar na investigação. Compreendo que é a interação estreita do sujeito - entendido em determinado contexto

como jovem - com a sociedade que constrói e define o seu 'lugar', bem como a sua perspectiva de preservação/adequação ou ruptura/renovação em relação à ordem, lidando com todas as novidades acima discutidas. Assim, parece que a ostensiva contingência, o efêmero, a fluidez, a flexibilidade do cotidiano reforçam acenam para o entendimento de que a juventude objetiva-se muito mais em um **fazer-se** constante em vez de um fixo **existir**, implicando que as idades, os gêneros, os grupos, as faixas populacionais e os papéis sociais não possuam caráter universal, podendo a juventude “prolongar-se para além dos limites da idade, tornando-se uma espécie de nômade **no tempo, no espaço e na cultura**” (CARRANO, 2000, p.16, grifos meus), ganhando existência particular no estreito e imediato diálogo com a realidade que os cerca. É desse prisma que buscarei compreender as juventudes manifestas no recorte apontado para investigação.

2.4 TENTANDO ESCREVER RETO POR LINHAS TORTAS... discutindo a constituição identitária juvenil

Partindo das idéias de fragmentação identitária e crise do sujeito na modernidade, abordados anteriormente, é possível aprofundar-se a sua manifestação sobre a constituição da identidade juvenil partindo de Erik Erikson, um psicanalista freudiano que trouxe à discussão do inconsciente os aspectos culturais nos quais se insere o sujeito. Essa primeira apreciação, articulada a de outros autores à frente apresentados, conformam os pressupostos adotados a discussão ora encetada.

Como dito, Erikson (1976a) buscou compreender o ser humano na interação permanente de seus elementos subjetivos – muitos dos quais estruturados de forma inconsciente – com aqueles decorrentes da sua inserção cultural, estes agindo em cada momento como forças de importância singular que interferem e redefinem o percurso subjetivo.

No seu livro *Identidade: Juventude e Crise* o autor continua o estudo, aprofundando o entendimento dos conceitos de identidade e crise de identidade - já apresentados em sua obra *Infância e Sociedade* – por compreender – já à época – que a questão da identidade deveria ocupar um lugar de destaque nas preocupações dos estudiosos, tendo em vista a relevância que o autor acreditava que o tema tinha para a configuração das dificuldades subjetivas que se mostravam a cada dia mais ostensivas no universo das relações sociais.

Na abordagem eriksoniana o desenvolvimento humano é pensado em termos de um ciclo vital “dentre as indispensáveis coordenadas da identidade” (Id. Ib, p. 90) que se inicia no nascimento e termina com a morte. Apoiando-se na idéia do desenvolvimento epigenético, derivado da observação do crescimento fetal, o autor extrapola este raciocínio para o plano mais geral da personalidade, argumentando que:

...pode-se confiar que a criança saudável, dado um montante razoável de orientação adequada, obedecerá às leis internas do desenvolvimento, leis essas que criam uma sucessão de potencialidades para a interação significativa com aquelas pessoas que a abordam e lhe respondem e aquelas instituições que estão a postos para ela. (...). Portanto, pode-se dizer que a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos e instituições significantes, ao mesmo tempo em que está cômico da existência desse círculo e pronto para a interação com ele. (Id.Ibid, p. 92).

Erikson vincula as fases do desenvolvimento do aparelho psíquico da criança ao seu processo de socialização. Assim, enquanto conforma o corpo físico e organiza as suas energias pulsionais, a criança vai adquirindo traços de personalidade que vão orientar o seu comportamento, o qual será também modulado pela cultura. Assim, ao ser influenciada por esta, a criança age sobre a cultura, posto que muito do modo de existência da comunidade define-se a partir da relação estabelecida com a criança e muito do que a criança vivencia lhe é propiciado pela cultura na qual está inserida.

Em todas as fases do ciclo de vida, Erikson pressupõe a existência de conflitos ou crises psicossociais que, se adequadamente equacionadas, podem gerar forças ou virtudes psicossociais, das quais ressalto como mais relevantes, de acordo com o próprio autor:

... **esperança, fidelidade, cuidado** (...) afirmamos, estão entre as forças psicossociais que emergem das lutas entre as tendências sintônicas e distônicas em **três estágios cruciais da vida**: a esperança, a partir da antítese entre **confiança básica vs desconfiança básica**, no período de bebê; a fidelidade, a partir da **identidade vs. confusão de identidade**, na adolescência, e o cuidado, a partir da **generatividade vs. auto-absorção** na idade adulta. (1998, p. 51, grifos do autor).

Embora a noção de identidade, bem como a crise de identidade, segundo o autor, somente se defina com maior precisão na adolescência, no seu ciclo vital ressalta a importância das fases anteriores. Assim, o autor vai situar no período de bebê, nos primeiros meses de vida da criança, as condições que conformam o primitivo ‘sentimento de identidade’, ancorado no sentimento de **esperança**, resultante do conflito entre a noção

de **confiança e de desconfiança básicas**. Esse ‘sentimento de identidade’ nasce, segundo Erikson, “do encontro da pessoa materna com o bebê, um encontro que é de confiança e reconhecimento mútuos” (1976b, p. 105). O desenvolvimento e consolidação de um sentimento ou de outro vai depender das circunstâncias em que este encontro ocorre, considerando-se até que ponto ele responde em adequação aos padrões culturais nos quais a criança se inserirá como jovem e adulto.

Nessa fase do desenvolvimento infantil, Erikson discute os modos de relação e de apreensão do mundo, intermediados pelos agentes cuidadores e realizados através das suas zonas e orifícios erógenos, segundo a teoria psicanalítica²³. São os cuidadores que trazem até a criança os padrões culturais e suas realidades subjetivas imediatas que, processadas, irão nortear o certo e o não-certo de cada experiência concreta. “Culturalmente falando, essas modalidades não são boas nem más; o seu valor depende de como se integram nos padrões de afirmação e rejeição exigidos na cultura” (Id. Ib, p. 109). De fato, segundo Erikson:

as mães criam em seus filhos um sentimento de confiança por meio daquele tipo de tratamento que em sua qualidade combina o cuidado sensível das necessidades individuais da criança a um firme sentimento de fidedignidade pessoal dentro do arcabouço do estilo de vida de sua cultura (1976a, p. 229).

Desse modo, o desenvolvimento epigenético, as condições culturais e as circunstâncias sociais em meio às quais a criança se desenvolve, atribuindo-lhe possibilidades variadas de maturação e aprendizado – na relação com a sua mãe e posteriormente com as demais pessoas e meios - a ela possibilitam ou não o satisfatório desenvolvimento de uma esperança, como resultante do que conseguiu sumarizar, do que experimentou como confiança e desconfiança básica. Para que a primeira seja desenvolvida faz-se necessário – entre outros – que a sociedade desenvolva e garanta

²³ Erikson discute que é através desses pontos que a criança vai incorporando e se assenhorando do mundo à sua volta. É definindo, em vista do modo **como se verifica esse processo**, a sua relação consigo mesma e com o seu meio. Em relação à zona oral, a criança passa lentamente de uma postura essencialmente receptiva na qual seio e leite cumprem um papel basicamente alimentador, para uma postura mais ativa na qual o gesto da amamentação constitui um tomar em associação com um obter em vista de um seio já percebido como não-parte dela mesma. Inicia, assim, o aprendizado das modalidades sociais do tomar e do obter. Nesse sentido, “a criança enfrenta os padrões educativos da cultura de sua sociedade e aprende assim as modalidades básicas da existência humana, cada uma delas em padrões pessoal e culturalmente significativos” (Id. Ib, p. 105). O mesmo se poderia dizer quanto à zona anal e ao seu mecanismo de funcionamento, que receberá treinamento para responder adequadamente a padrões sociais de comportamento. O treino e a maturidade adquirida confere à criança a noção de movimento e desprendimento, coincidindo, em termos de processo maturacional fisiológico com os primeiros movimentos de engatinhar e deambular. “Toda essa fase se converte, pois, numa batalha pela autonomia.

condições e mecanismos eficientes e eficazes para que as mães – e posteriormente os demais – possam exercer diante da criança o papel de ‘representantes confiáveis’ do que se vive no mundo adulto. Esse próprio mundo precisa parecer-lhe receptivo, acolhedor – enfim, um lugar onde pode se estar em segurança.

Giddens reconhece a importância da contribuição eriksoniana e também vincula a confiança básica, desenvolvida nas primeiras fases do desenvolvimento infantil, responsável por “uma *fé* necessária na coerência da vida cotidiana (...) que cria um sentimento de segurança ontológica que transportará o indivíduo pelas transições, crises e circunstâncias de alto risco” (2002, p. 41), retomando, desse modo, a noção de **esperança** já apresentada por Erikson. É a **confiança básica** que constitui, ainda segundo Giddens, “o nexos original de onde emerge uma orientação **emotiva-cognitiva** combinada em relação aos outros e ao mundo dos objetos e à auto-identidade” (Id, Ib. p. 41, grifos meus). Assim é que as condições gerais de uma cultura e de uma sociedade vão se mostrar diretamente implicadas na definição de um estado de confiança e esperança com as quais as pessoas se colocam diante de si e do mundo com vista à constituição de uma identidade.

Para Charles Taylor (1997) a discussão da identidade só pode se dar no contexto de articulação das configurações qualitativas produzidas pelo *self* na relação com o que existe na sua história. Não parte do nada e nem de si próprio. Assim, o ***self* situa-se no campo histórico de cada um**, uma vez que **é a avaliação da trajetória que habilita o sujeito a construir a narrativa das escolhas**. Por seu turno, a construção das configurações mostra certa homogeneidade, referindo-se a tópicos comuns. Precedem e ultrapassam a dimensão individual e racional. Pensa o autor que:

Defino quem sou ao definir a posição a partir da qual falo na árvore genealógica, no espaço social, na geografia das posições e funções sociais, em minhas relações íntimas com aqueles que amo e, de modo também crucial, no espaço de orientação moral e espiritual dentro do qual são vividas minhas relações definitórias mais importantes. (p. 54).

Desse modo, o *self* só ganha materialidade dentro do contexto concreto, onde no mais das vezes, ao sujeito não é dada a escolha racional. Pertencer a uma geração, a um estrato social, a uma família etc. não está disponível à escolha imediata da pessoa, por exemplo. É a avaliação dessa trajetória que nos habilita a construir a narrativa das escolhas, como diz o autor: “É igualmente que, enquanto ser que evolui e se torna, só posso conhecer

a mim mesmo por meio da história de minhas maturações e regressões, triunfos e fracassos. Minha auto-compreensão tem necessariamente profundidade temporal e incorpora a narrativa” (p.74). Portanto, o sujeito não é sujeito de si próprio, mas de uma possibilidade de aprendizado e da articulação dos bens – ou recursos - que se colocam na sua trajetória.

Além da historicidade do sujeito, também as indagações morais que fazemos em torno de nós conferem com igual força materialidade ao *self* quando nos interrogamos acerca do bem que intencionamos realizar com a nossa existência e por quais caminhos pretendemos isso. As configurações apresentam-se como sendo o ponto dos quais partimos ao longe para consubstanciar as respostas morais que orientam o cotidiano da nossa vida e a eleição daqueles bens humanos que consideramos válidos para nós, quer seja do ponto de vista coletivo ou individual.

Diante dessa constelação de bens eleitos, pela qual o sujeito orienta o seu eu, este mesmo sujeito procede uma ordenação onde identifica aquele recurso que, diante de tantos outros que têm importância para si, apresenta-se como o mais importante. Aquele que possivelmente melhor traduz a sua identidade e por isso é no seu sentido que o sujeito se move, muito embora não deixe de observar e dar valor a uma gama de outros bens que compõem o seu ser como um todo articulado.

Este bem maior, exatamente por ter essa preponderância em relação aos demais, ganha a prioridade e destaque na eleição do sentido que o sujeito atribui à sua vida. É este bem que atribui unidade e, portanto, a proximidade ou distanciamento deste ponto configura-se em razão para firmeza ou fragilidade do ser e da sua identidade. “Simetricamente, a garantia de que estou rumando para esse bem me dá um sentido de integralidade, de plenitude do ser como pessoa ou *self*, que nada mais me pode proporcionar.” (Id. Ibid. p.90). Qualquer pergunta que dirijo a este bem é de relevância crucial para mim e “profundamente decisiva para aquilo que sou como pessoa.” (p.90). O bem que disponho em posto superior ordena e organiza os demais que se apresentam na minha organização enquanto ser.

Dada a sua importância, reconhecer e reafirmar **pela escolha** um bem primordial significa muitas vezes instalar a tensão, visto que implica na colocação deste bem acima ou contra os demais, sem que sempre seja isso uma iniciativa simples para o sujeito. Para ele, esse processo não é oriundo de opções fundadas na racionalidade e na livre escolha, razão pela qual encontra-se a uma certa distância das condições de liberdade

contingencial em que se encontra o sujeito. As suas possibilidades subjetivas são articuladas nas configurações de cunho macro, que se instauram ao mesmo tempo que nós próprios enquanto humanos: "...viver no âmbito desses horizontes fortemente qualificados é algo constitutivo do agir humano, que sair desses limites equivaleria a sair daquilo que reconheceríamos como a pessoa humana íntegra, isto é, intacta." (1997. p.43). São, desse modo, os encontros entre as possibilidades dispostas e as configurações do indivíduo que lhe conformam como humano e como sujeito.

Saber quem sou é saber onde estou diante das possibilidades colocadas, onde me situo, que horizontes articulo como continentes e tradutores daquilo que me diz respeito mais intimamente, e que compromissos e bens eu escolho como os melhores ou o meu coletivo escolhe. Conforme Taylor, para as pessoas se sentirem traduzidas por algo não quer dizer que o necessário seja apenas aclarar para si o sentimento de pertença, mas "que isso oferece a estrutura dentro da qual podem determinar que posições defendem em questões sobre o que é bom, ou válido, ou admirável ou de valor." (p.44). As configurações qualitativas são, portanto, o norte, os contornos através dos quais o sujeito pode atribuir sentidos mais estáveis e ancorar-se para lidar com as noções morais da vida e proceder o julgamento diante das possibilidades colocadas, elegendo-as como contributivas ou não à sua constituição identitária; como boas, ruins, significativas ou não.

Com a modernidade o sujeito, acreditando nas escolhas racionais como gerenciadoras das configurações gerais, toma para si a contingência de perseguir individualmente a sua orientação moral e buscar no indivíduo o sentido da existência e do que fazer objetivamente com a sua vida. Entretanto, diz o autor, a racionalidade e a individualidade não são capazes de estruturar uma referência de confiança para a constituição identitária. Ao contrário, instalam uma desconfiança, pois uma vez somente dependente do indivíduo, qualquer escolha já nasce marcada pela efemeridade, já que pode ser desfeita de igual modo, caso o sujeito assim decida. Instala-se a insegurança, a desconfiança. É o vazio de sentido. A resultante é a materialização de um processo doloroso de desagregação do sujeito que aprendemos a chamar de crise de identidade.

Morin (2001) por sua vez, pontua a forçosa necessidade de se adotar uma abordagem complexa de compreensão do tema. O autor diz que:

"...o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão. Acredito que o reconhecimento do sujeito exige a reorganização conceptual (...). Portanto, precisa-se de uma reconstrução, precisa-se das noções de autonomia/dependência; da noção de individualidade, da

noção de auto-produção, da concepção de um **elo recorrente**, onde estejam ao mesmo tempo, o produto e o produtor...” (p.128, grifos meus).

Assumindo essa postura, o autor acredita que há uma referência original na qual se vincula a idéia do sujeito, que é a obrigatória relação verificada quanto a uma cultura, uma língua e um saber. Por outro lado, entende ser um atributo subjetivo uma **certa autonomia**, sem que isso signifique liberdade absoluta, emancipada de qualquer vinculação, mas contextualizada nessa “dependência original” por ele atribuída ao aspecto cultural de um modo geral.

Nesse contexto, o processo cognitivo desempenha papel fundamental, possibilitando a codificação e decodificação da vida e da própria subjetividade. É da vida que se tira as informações, os parâmetros para a própria existência subjetiva. Mas se retira de um modo particular, orientado pelo “EU” que se coloca no mundo. Isto é, o sujeito coloca em conexão com o mundo algo que tem de próprio, que nessa relação estreita, imbrica-se com o outro sem delinear fronteiras claras. A autonomia é relativa e relacional, portanto, e atravessada sempre por um alto nível de incerteza acerca dos limites da subjetividade. Diz o autor que, nesse jogo, “quando se considera o fenômeno social, são as interações entre indivíduos que produzem a sociedade; mas a sociedade com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos sociais dotados de uma cultura” fechando-se este ciclo em torno da complexidade identitária. (MORIN, 2001, p.119)

Assim, o esforço requerido é grande no sentido do sujeito se afirmar como “...aquele que dá unidade e invariância a uma pluralidade de personagens, de caracteres, de potencialidades...” (Id.Ibid. p.128), que conserva uma certa auto-referência, através da qual constrói as distâncias entre o EU e o OUTRO, reconhecendo-se particular, embora imerso em contextos de intensas transformações de si próprio e do seu universo de relações. Para Morin, é o “tratamento de estímulos, de dados, de signos, de símbolos, de mensagens que nos permite agir dentro do universo exterior, assim como de nosso universo interior, e conhecê-los.” (p. 120).

Nesse percurso o sujeito estabelece um certo cômputo que lhe garante essa linha de condução e a distinção radical e imediata entre o “si” e o “não si”; a clareza do “eu sou eu”. Esse cômputo que o sujeito faz de si é entendido pelo autor como “... o ato pelo qual o sujeito se constitui posicionando-se no centro do seu mundo para lidar com ele, considerá-lo, realizar nele todos os atos de preservação, proteção, defesa etc.” (p. 120). É o

cômputo, portanto, que confere ao sujeito a sua singularidade, a existência enquanto diferente dos demais, embora imerso e constituído num ambiente relacional.

Embora reconhecendo alguma distância entre Hannah Arendt e os demais autores enfocados, entendo que a autora presta grande auxílio à discussão que apresento ao localizar no **ato** e na **palavra** os mecanismos do processo de constituição identitária. Arendt (1989) reconhece e destaca em seu trabalho a condição **plural e distinta** do ser humano, ambientadas na ação política; explicitando que a condição indispensável para que ambas se concretizem não é a mera detenção da alteridade, presente em todo o mundo inorgânico e orgânico, mas a **diferença**. É exatamente a diferença, manifesta através de uma gama de variações tanto em espécimes de mundos estranhos entre si, quanto naqueles de uma mesma origem, a responsável pela materialização da pluralidade. Esse percurso de constituição de alteridade em diferença só o ser humano é capaz de materializar e só o ser humano é capaz também de percebê-la, expressá-la e, através disso, distinguir-se diante dos demais. Assim, a alteridade que o ser humano “tem em comum com tudo que existe, e a distinção que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade da singularidade”. (p. 189).

O percurso de constituição da diferença atribuído unicamente ao ser humano fundamenta-se na consideração inicial do mesmo como agente. Já no nascimento trazemos o **ímpeto para a ação** e é exatamente a capacidade trazida para ‘iniciar’ algo inteiramente particular que habilita o ser a dar a partida para a sua constituição enquanto humano. Dotado da capacidade de ação, e como singular colocado numa condição de imprevisibilidade, o sujeito se forma e se explicita como um ser único e distinto diante de qualquer outro. Diante desse evento é que o **discurso** ganha relevância como recurso de efetivação da particularidade na diversidade. O discurso anuncia para si e para os demais a identidade do agente: “Se a ação (...) corresponde ao fato do nascimento, se é a efetivação da condição humana da natalidade, o discurso corresponde ao fato da distinção e é a efetivação da condição humana da pluralidade, isto é, do viver como ser distinto e singular entre iguais.” (p. 191).

Ação e palavras estão igualmente comprometidas – desde o início – na revelação da identidade singular do agente, pois embora a ação esteja vinculada ao ato inicial, sem o discurso a ação permaneceria sem poder de revelar o sujeito e este, por sua vez, perderia a sua condição humana, uma vez desprovido da possibilidade de interagir num universo inteligível a si e aos seus pares. Se o autor não pode anunciar a ação, ele

próprio deixa de existir e se descaracteriza como ser humano, pois é a palavra quem diz quem ele é, “o que fez, faz e pretende fazer.” (p. 191).

Não obstante a relevância de atos e palavras no processo de humanização e individuação, estes somente podem ser assim tomados diante de algumas condições. Para a autora é no estar **com** os outros que discurso e ação assumem o seu potencial de revelação do agente; é no contexto da **convivência** - e apenas neste – que o agente aceita o risco de revelar-se pela ação e discurso. O assumir de perspectivas extremas de contra e a favor – dos santos e criminosos, por exemplo- retira-os do campo da comunhão, remetendo-os ao anonimato, à condição de marginalidade em relação ao “intercurso humano comum”, campo de decodificação das particularidades e pluralidades.

Entre os anônimos a ação é desprovida de sentido revelador da singularidade e converte-se num mero meio para atingir um fim. Por sua vez, o discurso nesse contexto não seria mais que uma “conversa” articulada também pelos fins que se deseja alcançar. Ação e discurso perderiam, portanto, a capacidade reveladora da identidade do agente. Se não há comensalidade, não há revelação da identidade, aqui vista não como dada e estática, mas dinâmica e reconstruída no universo das relações.

Ainda Castells (1999) diz ser a identidade fonte de significados que assim se mostram apenas para o sujeito por estarem organizados e vinculados a uma “identidade primária”, que precede as demais e as articula e confere unidade no trânsito espacial e temporal. Penso, então, que essa identidade primária subsiste à pulverização do ser e o impulsiona a continuar buscando o outro para traduzir-se a si mesmo. Buscar o OUTRO é condição *sine qua non* para encontrar-se. Por isso, a persistência dos grupos de convívio. Muito embora profunda e radicalmente modificados, cumprem um papel de resistência diante da possibilidade de fragmentação completa do sujeito, da sua dissolução (CASTELLS, 1999). É no OUTRO que o sujeito se encontra. As instituições totais e a sociedade mesma não são capazes de engendrar subjetividades, uma vez que apenas relacionando-se com o outro o sujeito pode reconhecer-se e diferenciar-se junto aos demais.

Sem pretender enclausurar a constituição identitária em perspectivas fechadas, mas situando-a no movimento do real e da construção do cotidiano, o autor citado é de opinião de que algumas formas categóricas se apresentam como um recurso que muito podem contribuir na percepção das identidades em constituição. Desse modo, mostra o autor três possibilidades de percurso de constituição identitária na sociedade complexa contemporânea: a **Identidade Legitimadora, a Identidade de Resistência e a Identidade**

de Projeto.²⁴ A primeira vincula-se às instituições dominantes e articula o fito de dinamizar e racionalizar sua dominação em determinado contexto social. Solidifica e expande construtos que lhe conferem, por sua vez, maior densidade e resistência no emaranhado social. A segunda refere-se, como o nome esclarece, às práticas e significados adotados por aqueles que ocupam posições dominadas, e que constroem frentes de resistência. Situando-se no contra-fluxo da ordem, essa identidade investe no resgate e fortalecimento de princípios e significados diversos desta. E a última, a Identidade de Projeto, verifica-se quando “os atores sociais, utilizando-se de qualquer tipo de material cultural ao seu alcance, constroem uma nova identidade capaz de redefinir sua posição na sociedade...” (p.24). Acredito que tais formulações podem ajudar a visualizar as expressões identitárias no estudo a ser empreendido.

Por fim, e para efeito de síntese, apoiada em alguns das formulações acima apresentadas, nos marcos deste trabalho tomarei a constituição identitária como possuindo um **ponto de partida** que se desenvolve **processualmente**. Este desenvolvimento se dá em torno de um **projeto** individual (VELHO, 1999). O ponto de partida, que confere certa unidade ao ser, conforma-se a partir de três relações indispensáveis: a) a **esperança**, advinda da **confiança básica**, pela qual o indivíduo segue escolhendo permanecer vivo e em seu curso unificado de sujeito; sua ancoragem primordial (ERIKSON, 1976a e 1976b); b) o **campo histórico** de cada um, materializado nas **configurações qualitativas gerais** a partir das quais a pessoa orienta a sua vida (TAYLOR, 1997); c) a **autonomia relativa** e o **aprendizado social**, que lhe oferecem estofo para situar-se diante de si, encontrando-se nos outros (MORIN, 2001).

O processo se instala e tem curso animado por dois aspectos: a) o uso da **ação** e do **discurso**, como recursos reveladores do eu na relação social (ARENDT, 1989); b) o recorrer à **metamorfose**, nos termos colocados por Velho (1999). Entendo, por fim, que são esses complexos construtos articulados nos diversos momentos da vida que regulam e qualificam possibilidades de interações, diferenciações e assunção de lugares no mundo, portanto, de constituições identitárias.

No jogo do real, verificado no espaço de concretização da vida material comum, acredito que alguns outros aspectos também se mostram fazendo parte do processo de constituição identitária, como a necessidade do **reconhecimento social** por parte do

²⁴ Claro está para mim que este recurso não pode ser tomado enquanto uma classificação ou algo semelhante, a partir da qual possamos ‘mapear’ identidades, mas como um norte pára se pensar as práticas subjetivas no contexto em que estas se inserem.

sujeito e a efetivação dos seus **interesses** (SILVA, s/d), os quais também influenciam na demarcação das fronteiras do EU na sua relação com os OUTROS - dos quais faz parte – a partir da existência de um **sentimento de pertença e de diferenciação**.

Tendo em vista a dinamicidade explicitada nos variados contextos da atualidade que denominei de crise da modernidade e a influência que estes possuem nas traduções que as pessoas operam de si próprias e do mundo, reforço que a identidade guarda este **movimento do real** como sua parte intrínseca, realizando-se eminentemente **como processo**, que guarda relação íntima seus construtos essenciais e com o ponto permanente de ancoramento do ser humano, já discutido. O processamento desses constituintes é contínuo durante a existência dos sujeitos e de cada escolha tomada. A força maior de um ou de outro, implicando numa subjetividade afirmada ou fragilizada vai depender do quanto o sujeito desenvolveu o seu ancoramento ante à sua exposição ao mundo e da magnitude dos desafios que é demandado a enfrentar.

Diante da perspectiva que nos traça a atual situação moderna, de desagregação de muitas das instituições básicas que concorriam para a conformação de uma ancoragem do ser humano, esta mostra-se submetida a um alto nível de tensão, fragilizando-se diante dos radicais processos pelos quais se materializam as vidas. Assim, não soa estranho que muito freqüentemente assumam posição de força nesse campo, diminuindo a possibilidade de demarcação clara do espaço identitário.

Certamente essa realidade aponta para a consolidação de possibilidades identitárias cada vez mais contingenciais e plurais. Como agravante, para além da complexidade exposta na modernidade enquanto realidade mundial e com a qual temos de lidar, enfrentamos as particularidades da história nacional no tocante às associações efetivadas entre os princípios modernos e as tradições patriarcais, personalistas, patrimoniais e escravocratas, as quais se encontram ainda hoje presentes na vida social do país, interferindo diretamente nas subjetividades.

Desse modo, investigar a constituição de identidades dos jovens implica pensar acerca desses construtos complexos, retidos em vários campos do saber, trazendo-os à rearticulação teórica, uma vez que no real os mesmos nunca estiveram separados. É este o desafio empreendido em relação ao problema de pesquisa proposto.

CAPÍTULO 3

OS ESPAÇOS RELACIONAIS DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS: dos grupos que falo

Tendo por referência a idéia de que a identidade se materializa na relação com o outro - comum à argumentação dos autores reportados no capítulo anterior – e tendo em vista a diversidade dos espaços de relação numa sociedade complexa como a brasileira, para os efeitos da presente pesquisa entendi ser imperativo efetivar um determinado recorte quanto à realidade juvenil encontrada. No caso, diante das várias possibilidades localizadas a escolha recaiu sobre certos grupos – como já anunciado – pela compreensão de que os mesmos se constituem em lugar privilegiado de explicitação do modo sob o qual os jovens têm escolhido para estar juntos, ao tempo que interagem com o mundo que os cerca.

Procurando elaborar uma compreensão deste espaço, pude verificar que muitas são as interpretações do mesmo. Dentre elas o principal quesito a considerar para que o entendimento se faça claro é quanto à interação grupo/sociedade (REGUILLO, 2003). Partindo desse princípio, destaco os dois entendimentos mais frequentes.

Numa primeira abordagem, é possível compreender um grupo juvenil a partir de aspectos sociais mais amplos dos quais os jovens fazem parte - como uma camada social, um segmento étnico, um estilo musical, a família, determinada militância etc – e, a partir daí, podendo-se buscar no âmbito escolhido a compreensão de relações, práticas e significados vivenciados pelos jovens no âmbito do quesito escolhido.

Uma outra possibilidade é abordar o espaço de relações juvenis a partir de grupos constituídos em torno de questões específicas, na perspectiva de que tais ambientes possam se apresentar como um canal possível de “leitura da interação dos sujeitos com o mundo social” (Id. Ibid. p. 111). O grupo é abordado, então, como um “coletivo empírico” demarcado que, na sua interação direta e amiúde com o espaço social, oferece ao pesquisador a possibilidade de compreensão mais detalhada das práticas juvenis e das relações estabelecidas com os seus pares e os demais.

A meu ver o modo de estar juntos dos jovens, uma vez delimitado num determinado território, recorta o grupo como o ‘lugar’ a partir do qual os mesmos ‘falam’ de si, elaboram as questões que lhes são colocadas pela realidade e produzem sentidos que são externalizados através de suas vivências para o social em que estão inseridos. Dessa perspectiva, os grupos se apresentam como um importante lugar de compreensão das

sociabilidades juvenis e, em especial, das possibilidades e caminhos de adscrições identitárias.

Nesta investigação tomei os coletivos juvenis a partir do segundo entendimento acima explicitado, procurando nesse espaço compreender, no contexto das vivências, ‘atos e palavras’, práticas e discursos bem como os sentidos produzidos, tanto nas relações do próprio grupo quanto na sua interação com o mundo que os rodeia. Será também segundo essa perspectiva que orientarei a apresentação dos grupos pesquisados a seguir.

3.1 MARACATU ARRASTA ILHA-AI: e novos tambores aportam no Sul...

A cidade de Florianópolis, de colonização prioritariamente açoriana, tem sua cultura popular predominante organizada em torno da tradição herdada do Arquipélago dos Açores, mormente quanto ao boi de mamão, às festas vinculadas à tradição pesqueira da Ilha e às festas religiosas católicas, em especial à Festa do Divino. Expressões culturais oriundas do povo negro que aqui chegou por diversos caminhos têm estado quase que silenciada, resistindo através de pessoas isoladas que as cultivam nos seus locais de moradia. Tradições como o catumbi e o orocongo subsistiram vinculadas somente no âmbito de famílias ou pequenos grupos, que preservaram ritmos e instrumentos, iniciando atualmente um movimento de recolocação na cena cultural da cidade, embora timidamente.

O maracatu, outra expressão cultural africana, surgiu no Brasil por volta de 1700, quando os escravos africanos celebravam as coroações dos ‘Reis do Congo’, retraduzindo em terras brasileiras cerimônias que faziam parte de suas culturas políticas e religiosas de origem¹. Historicamente tem tido maior expressão no estado do Pernambuco, Nordeste do Brasil, onde várias Nações² vivenciam toda a dimensão musical, cultural, política e religiosa desta manifestação popular.

O Arrasta Ilha, criado em 2002, constitui-se num grupo de maracatu, sendo a segunda manifestação organizada em torno deste ritmo no Sul do Brasil, segundo seus

¹Os coroados eram tidos como representantes e orientadores daqueles grupos de pessoas. As coroações normalmente incluíam muitas comemorações, manifestações musicais, políticas, religiosas e um cortejo que apresentava os líderes negros às autoridades civis e religiosas do Brasil de então. A expressão religiosa mais presente no âmbito do maracatu é o candomblé e a expressão musical se apresenta enquanto maracatu de baque virado e de baque solto ou maracatu rural.

² O termo Nação utilizado no Maracatu expressa a idéia de uma comunidade organizada em torno da orientação de uma pessoa, que exerce simultaneamente as funções de líder comunitário, guia religioso, bem como de Mestre da Orquestra de Maracatu.

próprios integrantes. Embora conhecendo toda a complexidade do maracatu, o grupo pratica apenas a sua dimensão musical, mais especificamente, a variação conhecida como maracatu de baque virado, não possuindo maior vinculação com os demais aspectos culturais e religiosos que caracterizam esta prática.



No início da organização do grupo estabeleceu-se forte identificação com a Nação Estrela Brilhante, depois estendida também à Nação Porto Rico, ambas radicadas em Recife-PE. No seu percurso o coletivo tem buscado diversificar o envolvimento prioritário com o maracatu, aproximando-se também de outras expressões da cultura ilhoa, como é o caso do boi-de-mamão principalmente.³

O núcleo inicial de organização do grupo foi constituído por jovens que já participavam de algumas iniciativas culturais na cidade, como participantes de grupos de cultura afro - percussão, dança e capoeira - membros de grupos que se interessavam pela cultura e arte como alternativa à música de mercado - como o grupo Muiraquitã - e pessoas vinculadas ao Movimento Anarco-Punk. Outros passaram a se interessar pela música do maracatu ao entrar em contato com a mesma e por já ter algum contato com a tendência cultural/musical Mangue-Beat, vinculada à figura de Chico Science, músico e artista pernambucano. Assim, o grupo que nascia possibilitou a congregação de vários segmentos juvenis que gravitavam em torno da arte e das práticas libertárias:

...foi esse grupo, assim, que se formou que uniu vários cantos que estavam separados ali... (...) é o pessoal que era amigo aqui e que era amigo em outro lugar... e que não se conheciam e que isso uniu todo mundo. Pessoas que estava fazendo coisas diferentes. O pessoal da dança afro, o pessoal do Muiraquitã, o pessoal da Universidade que já se conhecia e além de músicos, várias pessoas que faziam várias coisas diferentes que ia unindo... tá nascendo várias coisas novas que tá refletindo na cultura da ilha mesmo, assim, né? Tá crescendo, assim, fomentando. (Príncipe, em entrevista, em 17/07/03).

No período da pesquisa faziam parte do grupo por volta de 40 pessoas, existindo uma participação fixa de 20 pessoas, em média. A diferenciação se faz necessária tendo em vista que a participação no grupo é livre, não se interpondo nenhuma exigência etária, territorial, política etc. para a participação, nem mesmo sequer de regularidade de presença ou qualquer outro procedimento de inscrição formal. Essa abertura faz com que as pessoas se insiram no coletivo de modo, regularidade e intensidade diferenciadas, como já explicado. Muito embora seja aberto, o grupo não pratica a propaganda com vista a sua

³ O grupo tem dado grande importância à proximidade construída com o grupo Arréda Boi, participando de apresentações conjuntas em locais variados da cidade. Nas composições musicais de autoria de membros do AI encontram-se muitas referências às personagens do boi e a própria mistura de ritmos do maracatu e do boi de mamão - o maracaboi, como chamam. No cotidiano do grupo há também intenções manifestas de trabalhos que resgatem o catumbi. Alguns membros reforçam com frequência a importância do fortalecimento da cultura ilhoa como resistência às alternativas massificadas de mercado que diluem o perfil cultural original da cidade.

ampliação. Alguns dos seus membros declaram que a quantidade por si não interessa ao grupo, mas o envolvimento daquelas pessoas que se identificam verdadeiramente com a sua proposta.

O grupo não possui estrutura formal de organização nem lideranças eleitas ou proclamadas. Não possui sede, regulamentos escritos, registros ou quaisquer outros aparatos similares, não estando, portanto, caracterizado de acordo com as pautas que muito frequentemente delimitam a formação e atuação grupal. As relações abertas, flexíveis e sem cobrança de maiores compromissos que configuram esse modo particular de existência implicam numa perceptível inconstância e expressiva rotatividade de grande parte dos membros presentes nos encontros, pelo menos quanto à metade do grupo, o que dificulta maior precisão de se responder quem, de fato, compõe o grupo, como já explicitado.

Como se vê, o grupo passou a existir da própria iniciativa juvenil, sem contar com a interferência de adultos externos à dinâmica que foi se construindo de modo um tanto espontâneo. O marco original do grupo foi uma oficina de maracatu, organizada pela dançarina de ritmos afro Baliza. Divulgada na Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, a oficina chamou a atenção de muitos estudantes dali e começou a imprimir desde então uma característica que permaneceria no grupo até a atualidade: a sua vinculação e presença na cena e no espaço universitário.

A primeira oficina foi realizada no início de Fevereiro de 2002, no clube Sociedade Amigos da Lagoa-SAL, sob a instrução de Xequerê - músico oriundo da Nação Estrela Brilhante e à época participando do Maracatu Trovão de Minas – com aproximadamente 15 participantes⁴. Após as aulas, o instrutor levou o grupo para apresentações de rua e ao fim da oficina o grupo, estimulado por Xequerê, apresentou-se no carnaval da cidade. Para os entrevistados essa foi uma experiência muito importante para a futura formação do grupo e para a demarcação do seu perfil, como veremos adiante. Ainda em Fevereiro, entre os dias 18 a 21, uma segunda oficina realizar-se-ia sob a instrução de Xequerê. Desta vez o grupo se reuniu na Universidade Estadual de Santa Catarina-UDESC.

As primeiras alfaias⁵ chegaram com o próprio instrutor, Xequerê, e pelo empréstimo do grupo de ritmos nordestinos Cangaia, liderado por Baqueta e sediado em

⁴ Informação colhida junto ao grupo, mais especialmente junto a Porta-Estandarte e Duquesa.

⁵ Espécie de tambor similar à zabumba, confeccionado artesanalmente a partir de madeira compensada ou de tronco de palmeira. Neste último caso, recebe a especificação de macáiba. Utiliza pele natural de bode ou cabra, que é ajustada ao tambor por aros de madeira e cordas. A orquestra do Maracatu é composta exclusivamente por instrumentos de percussão e, além da alfaia, dela fazem parte originalmente o tarol, as

Florianópolis, perfazendo um total de quatro tambores. Em seguida mais cinco delas vieram do Recife, por intermédio de Baliza. Os primeiros aprendizados e a disponibilidade de mais alguns instrumentos serviu de estímulo para o grupo original começar a se encontrar e praticar com alguma regularidade. Os primeiros encontros/ensaios aconteceram aos domingos, na UFSC, mas de maneira ainda improvisada, como informa Príncipe: “a gente começou a se encontrar lá, mas, tipo, ninguém não sabia quase nada, assim, e não tinha ninguém que apitasse, não tinha ninguém que soubesse pra apitar...”⁶ (Em entrevista, em 17/07/03). Os encontros suscitaram o desejo de realização de uma nova oficina.

No período de 10 a 12 de Maio de 2003, mais uma vez na UDESC e sob a instrução de Gonguê, um músico do Rio Maracatu, ocorreu a terceira oficina, também organizada por Baliza. O novo experimento fortaleceu o grupo que nascia e a partir daí a perspectiva de organização ganhou força e se consolidou. As pessoas passaram a se encontrar regularmente para tocar e permaneciam trocando idéias acerca da organização do grupo de maracatu. Como produto desta fase vieram mais duas oficinas: com o músico Xequerê, de 28 a 30 de junho de 2002, no Lagoa Iate Clube-LIC, com a participação de aproximadamente 30 pessoas e com o músico Gonguê, no período de 19 a 21 de Julho de 2002, no Centro Integrado de Cultura-CIC, contando com a participação de 35 pessoas.⁷ Também nesse período aumentaram as apresentações informais de rua – as “gréas”, o “chega-e-dá-lhe”, como dizem - e o grupo teve os primeiros convites para apresentação em eventos, como o que recebeu para tocar no Mac Dia Feliz, do MacDonald’s – que recusou por razões que serão explicitadas adiante.

Concomitante à regularização dos encontros semanais escolheram um dos membros para apitar os ensaios. A escolha recaiu sobre Conde, que participara de todas as oficinas e que já tinha alguma experiência com percussão. Entretanto, certa limitação quanto ao preparo musical do escolhido e alguma insatisfação do mesmo diante da cobrança crescente em relação ao seu desempenho desencadeou alguns atritos entre o grupo e Conde, dificultando a realização dos ensaios e, por fim, inviabilizando sua permanência no apito, como explicam os entrevistados:

caixas-de-guerra e o gonguê. Na atualidade, tanto algumas Nações, quanto grupos organizados de Maracatu têm incorporado às suas orquestras outros instrumentos, como o xequerê, o abê e os atabaques.

⁶ O termo ‘apitar’, como empregado, refere-se à ação de regência musical do grupo. Nas Nações de Maracatu esta atividade cabe ao Mestre, que além de assumir a regência musical, possui ascendência moral e também religiosa sobre o grupo. No caso do AI, que do maracatu vivencia apenas a música, a denominação Mestre não se aplica inteiramente àquele que rege a atividade de percussão e nem o posto de ‘apito’ implica obrigatoriamente o exercício de liderança ou ascendência.

Na verdade, o Conde era uma pessoa difícil pra liderar uma história... depois a gente foi ver que ele não tem a manha, mesmo de...tá comandando o grupo... se embananava um pouco também no tempo, então a gente começou a ver que, de repente, outras pessoas podiam tá assumindo esse... esse ponto, né (...) eu acho que ele era extremamente autoritário, impaciente, não aceitava... é... a colocação da galera...com exceção de algumas pessoas que ele elegeu...poderiam dar palpite pra ele, e... e não tinha manha também. (Duquesa, em entrevista 17/07/03).

é...tem uma coisa a ver com a outra...o problema era o seguinte: é porque... ele... tinha muito pouca experiência musical, vamos dizer, né... é... isso... eu acho que pra tá ali é o básico, assim... (...) Eu acho que é o que vem antes, porque se não tem experiência musical, pelo menos de... tu tá coordenando uma coisa... é um monte de gente tocando percussão, dentro de um ritmo, né... dentro de um compasso. Então se tu não tá certo do... do compasso, do andamento da história, é impossível, né... Então, eu acho que... porque no começo eu me lembro que ele era justamente o contrário... os primeiros ensaios assim, ele era...até... (...) É... então eu acho que de repente essa... esse lado autoritário dele...era meio que um... escudo da parte que ele não dominava que era a parte musical, entendeu? Então era um... pra contrabalancear esse outro lado dele. Só que acabou que... tomou conta... pesou muito esse lado... autoritário... (Duque, em entrevista em 17/07/03).

Em decorrência dos problemas relatados, em Setembro de 2002, Duque, outro membro assumiu o apito a partir de sua manifestação pessoal de interesse em apitar, bem como de breve discussão e aceitação por parte do grupo. Em entrevista, Duque informou que os acertos com o Conde sobre a sua assunção do apito já vinham se dando entre ambos há algum tempo:

Na verdade, eu... eu conversei com ele antes...até um pouco antes dessa reunião que a Duquesa falou...foi na Lagoa... ali no Querubim, me lembro. É... eu me lembro que eu encontrei ele... e abri o jogo para ele memo: ó Conde, a galera não tá mais a fim que tu apite. E... é... não tá legal, não tá rolando energia, né... Num tá... tá travado... e... e eu tô afim. Ai até a gente se lembrou daquele primeiro dia que ele tinha falado pra eu apitar... então... agora... (...) Porque essa troca não foi assim uma coisa tão... é... ah, tu vai sair agora e eu vou entrar. Não, foi um negócio que até aconteceu... até acho que poderia ter sido muito pior se tivesse demorado um pouco mais. Acho que aconteceu no tempo certo assim, né... na hora certa... Eu tava afim... ele também... acho que... ele tava se sentindo pressionado, e uma hora ou outra, ele... Só que tem aquela coisa: às vezes a pessoa... até... tá ali porque... às vezes, ele... de repente nem tava tão afim de tá ali, mas como já tinha uma resposta toda em cima dele, ele não tinha como chegar pra galera e dizer... eu não sei, né... essas coisas acontece, né... a pessoa fica meio que... naquela situação de... em cima do muro ali. (Em entrevista, em 17/07/03).

⁷ Contagens feitas em fotografias do grupo.

Desse modo, foi com Duque apitando que o grupo consolidou a prática dos ensaios de domingo no pátio da UFSC. A partir das discussões ocorridas nesse momento, em torno da escolha de uma pessoa nova para apitar, surgiu no grupo a idéia acerca da possibilidade do apito ser revezado, ou pelo menos ser assumido por duas pessoas. Entretanto, essa opinião não era consensual no grupo e a discussão nunca foi exaustiva, de modo que nem essa aspiração morria, nem o grupo assumia uma posição mais clara sobre o tema, gerando uma certa tensão quanto ao assunto. A situação agravou-se meses depois em reunião do grupo onde, por outras razões, a questão retornou às discussões.

Os encontros após os ensaios permaneciam, porém, com a continuidade das discussões e o montante de questões a encaminhar, esse tempo mostrava-se insuficiente e o local pouco apropriado. Desse modo, o grupo passou a marcar reuniões específicas para acertos da organização grupal, tendo como local de encontro o bar Barbatana, ocorrendo a primeira reunião por volta do final de Setembro de 2002. O ambiente por demais informal e as várias possibilidades que o mesmo oferecia desviava a atenção dos participantes da razão pelas quais se reuniam, revelando não ser o bar um local adequado para as discussões, que foram transferidas para a casa de Duquesa, ocorrendo a primeira reunião em 15 de Outubro de 2002. Foram nesses encontros que o grupo escolheu o nome – Arrasta Ilha - e a *logo* – um caramujo – como símbolos de identificação.

Arrasta faz menção ao baque **arrasto** de maracatu, um dos ritmos tocados. Também simbolizava o desejo do grupo de **arrastar** grande quantidade de pessoas pelas ruas da cidade ao som dos tambores, isto é, arrastar a ilha. Este nome não foi consensual, pois, para alguns dos fundadores entrevistados o termo **arrasto** trazia à mente a pesca predatória realizada na ilha com redes de arrastão. Essas pessoas argumentavam não desejar que o grupo fosse vinculado a esta idéia. Para outros, o grupo foi precipitado ao escolher o nome, pois o arrasto era um baque que o grupo não fazia bem. Mas uma vez decidido, o nome foi incorporado e assumido por todos, de modo que na atualidade não há mais objeções ao mesmo.

O caramujo como *logo* escolhida na época procurava fazer alusão aos recursos naturais da Ilha: o mangue, o mar. Além disso, simbolizava para o grupo o batuqueiro, que carrega sua alfaia nas costas. Era “devagar, mas antenado, né? Tem as anteninhas...” (Príncipe, em entrevista, em 17/07/03). Arrisco dizer que o caramujo pode também indicar uma alusão inconsciente a um dos inspiradores musicais do grupo – Chico Science – e seu movimento Mangue Beat que tem por símbolo o caranguejo. A arte gráfica foi de autoria de um dos membros do grupo.



Fonte: Poeta, 2001.

Nesse contexto o grupo também retornou às oficinas e em Outubro de 2002 foi realizada a última do ano, com Mestre Walter de França, da Nação Estrela Brilhante, de Recife-PE. Esta foi outra importante experiência para o grupo, tendo sido vivenciada como um momento de grande síntese do que haviam experimentado até ali em termos de aprendizado. Foi com grande expectativa que receberam o Mestre:

“... O Mestre veio pra cá e mostrou que a gente não sabia fazer... não é que a gente não sabia fazer nada, mas que a gente tinha muita coisa pra aprender ainda. E que o cara é Mestre desde sempre, né. Foi Mestre de samba, Mestre de maracatu... Então, o cara sabia muito!” (Boneca, em entrevista em 17/07/03).

Além de desnudar para o grupo o quanto havia para aprender, lhe fez claro o quanto isso seria mais difícil para pessoas que não partilhavam desde sempre a cultura do maracatu e que estavam apartadas do cotidiano das práticas, tendo em vista se constituírem num grupo solitário aqui na cidade. Por outro lado, imprimiu maior estímulo ao grupo e o levou a reunir esforços para viabilizar financeiramente a ida de Duque à cidade do Recife, no mês de dezembro de 2002, para realizar treinamento com a Nação Estrela Brilhante, com vista ao crescimento do aprendizado e ao preparo para o Carnaval 2003. Nos acertos sobre a viagem, a idéia colocada de um apito substituto para o período dividiu o grupo, e os caminhos que a discussão tomou, na minha avaliação, fez surgir e esclarecer duas posições acerca da inserção do apito no grupo e, mais tarde, acerca dos caminhos que o próprio grupo deveria seguir e que escolhas deveria fazer como coletivo que trabalhava com a cultura popular.

Com o retorno de Duque os ensaios prosseguiram de modo intensificado com vista o preparo para o carnaval. Em fevereiro o grupo se apresentou em vários bairros da cidade, dentre eles Santo Antonio de Lisboa, Pântano do Sul, Morro da Penitenciária,

Morro da Caixa, Morro Monte Serrat⁸ e Lagoa da Conceição. Era o segundo carnaval do grupo e o primeiro que se apresentava com identificação, vestindo camisetas com a *logo* do caramujo. À cidade se apresentava o grupo de maracatu Arrasta Ilha, fechando, ao meu ver, um ciclo de constituição enquanto grupo.

Em 11 de maio de 2003, quando contactei o grupo no seu espaço de ensaios, o mesmo já fazia parte da vida cultural da cidade, possuindo relação intensa com outros grupos locais e apresentando-se, sob convite e com certa frequência, em eventos culturais e populares. Continuava realizando ensaio semanal regular no pátio da Reitoria-UFSC e ensaios extras quando avaliava como necessário. Desenvolvia uma oficina gratuita no horário anterior ao ensaio, no mesmo local, para aqueles muitos que chegavam junto ao grupo interessados em aprender os baques do maracatu. Foi desse contexto que partiram minhas observações de campo e os demais trabalhos da investigação aqui apresentados.

O meu primeiro contato com o mesmo se deu através de uma conversa com Duquesa, Tirador de Loas e Condessa, no Centro de Filosofia e Ciências Humanas CFH-UFSC. Apresentei-me, coloquei brevemente as intenções da pesquisa e sobre o meu interesse de conhecer o grupo e, possivelmente, tomá-lo para estudo. Perguntei-lhes a quem eu deveria me dirigir para tratar desta questão. Os três foram muito receptivos e com o meu trabalho, porém me informaram que não teria ninguém em especial a quem eu procurar; que eu deveria me dirigir ao ensaio no domingo seguinte e “conversar com a galera”. Informaram que, uma vez lá, poderiam me apresentar ao grupo. Assim ficou acertado.

No domingo seguinte fui ao ensaio que contava com 19 pessoas. Dasquelas que eu havia contactado, apenas Duquesa estava presente. Foi muito receptiva, mais uma vez. Resolvi ir conversando com outros membros que vi se destacarem no grupo e dizendo muito rapidamente o que eu fazia ali e da minha intenção de conversar com todos em algum momento. Todos se mostraram bastante acessíveis. No intervalo procurei o Duque, que apitava o ensaio. Mais uma vez expliquei a razão da minha presença e lhe perguntei se eu poderia utilizar algum tempo para falar com o grupo. Duque demonstrou bastante interesse pelo meu trabalho e me informou que ao fim de cada ensaio havia uma reunião. Naquela que ocorreria hoje eu poderia me colocar.

⁸ Os morros mencionados, juntamente com o Morro do Céu, Morro do Horácio, Morro do Mocotó, Morro da Cruz e Morro da Serrinha, são conglomerados humanos de Florianópolis com cerca de 30.000 habitantes, em grande parte afro-descendentes, compondo a região geográfica denominada Maciço do Morro da Cruz. São zonas habitacionais caracterizadas pelo baixo poder aquisitivo da população e pela fragilidade da presença do poder público na forma de provisão de bens e serviços públicos em geral.

O ensaio transcorreu em clima de disposição e alegria de todos. Tocaram na formação⁹, em círculo pequeno de taróis circundado por círculo grande de caixas e alfaias, depois em pequenas rodas; quando espontaneamente alguns membros se unem a outros dentro da formação, o que passei a denominar **rodas de baque**. Mostravam pouca disposição para o canto, apesar das tentativas do maestro. Três moças dançavam maracatu.¹⁰

Findo o ensaio, iniciou-se a reunião. Acertos sobre a agenda, acertos sobre a oficina que faziam antes dos ensaios para os novos, convites. Ao fim, tive a palavra facultada pelo Duque. Apresentei-me, falei do projeto, do tipo de trabalho e do modo que intencionava desenvolvê-lo. Expliquei que, caso o grupo aceitasse participar, os primeiros contatos seriam para conhecê-lo e só depois confirmaria a minha permanência. Todos que se manifestaram - por volta de um terço dos presentes - foram receptivos, demonstrando isso com brincadeiras, palavras, sugestões e comentários sobre o tema.

Diante da minha intenção de falar sobre o projeto de pesquisa, Duque sugeriu que eu apresentasse o projeto numa outra reunião, com mais tempo, o que foi feito posteriormente. Na semana seguinte a ‘reunião’¹¹ aconteceu antes de uma apresentação do grupo numa festa popular da comunidade Fazenda Rio Tavares. Entreguei a cada um uma síntese do projeto, onde me referia ao trabalho e informava qual e como seria a participação do grupo em geral. Solicitei que lessem e perguntassem acerca do que lhes interessassem. Várias questões foram feitas, às quais respondi. Condessa me perguntou diretamente: “E sobre o que você vai escrever, se, por acaso, você escrever coisas no texto que a gente não concorda, você se dispõe a retirar isso do trabalho?”. Expliquei que não, pois o que eventualmente iria encontrar não seria algo apontado pela minha vontade ou vontade do grupo, mas uma construção orientada por uma perspectiva teórica e pelo real que tomaria à minha observação. Claro, a minha perspectiva pessoal influenciaria, mas a avaliação pretendia prender-se ao mais estritamente acadêmico possível e que eu apontava no documento síntese distruíbo os cuidados metodológicos que eu teria.

⁹ Disposição característica dos músicos para a execução da música do maracatu.

¹⁰ Com o acompanhamento, fui entendendo que a pouca disposição muitas vezes guarda relação com a o fato de ser mais difícil tocar e cantar ao mesmo tempo durante os primeiros ensaios de determinada percussão.

¹¹ O termo utilizado pode levar a uma interpretação pouco fiel do ocorrido, carecendo uma explicação acerca do que foi a ‘reunião’: juntamo-nos sob uma árvore, alguns mais próximos, outros mais distantes. Alguns deitados no chão, outros sentados, outros de pé. Alguns muito interessados, outros nem tanto. Devo dizer que o quadro me desconcertou, pois não sabia bem como me posicionar: de pé? Sentada? Mais ali? Mais aqui? Rapidamente, decidi ficar sentada no chão, próxima daqueles que – independente de como se colocavam fisicamente – demonstravam maior interesse.

Acerca desse tema, outro membro do grupo –Ministro- manifestou-se reforçando o meu ponto de vista e acrescentando que seria importante ouvir uma voz externa sobre o grupo, mesmo que eventualmente eles não concordassem com o que iriam ouvir. Bastaria entender que aquela é a posição da minha pesquisa e não a opinião do grupo sobre ele mesmo. Essa intervenção me ofereceu certa tranquilidade.

Ainda me perguntaram acerca das minhas intervenções no ambiente, nas reuniões do grupo. Expliquei-lhes que a intenção era não intervir, a não ser muito pontualmente, sem interesse de influenciar em orientações e conduções que o grupo daria à sua rotina. Percebi uma certa preocupação com a presença de alguém desconhecido, de fora, “se metendo” no grupo. Assegurei-lhes de que essa não é a perspectiva do trabalho a ser desenvolvido, inclusive em decorrência da própria escolha metodológica feita por mim e apresentada na oportunidade. Alguns se manifestaram deixando claro ter entendido a pergunta e resposta e completaram que alguma intervenção haveria de ter, até para que as relações se naturalizassem, afinal seria muito estranho “aquela pessoa ali, ausente, pesquisaaando”. Confirmei que esse era o sentido do trabalho e nesses termos acertamos a minha presença no grupo. Após esta reunião, passei a frequentar ensaios e apresentações, confirmando o grupo para o meu estudo numa oportunidade posterior e dando seqüência ao trabalho de campo a partir daí.

3.1.1 O grupo por outro ângulo

Os dados levantados através dos questionários aplicados junto ao grupo mostraram que os seus membros situavam-se numa faixa etária bastante ampla, com predominância daquela situada situada entre 22 a 24 anos de idade, com 42,1% dos membros. Aqueles com mais de 27 anos constituíam o segundo maior grupo, com 31,6% dos participantes. A observação demonstrou que neste intervalo um membro possui mais de 40 anos de idade e alguns outros mais de 30 anos de idade. Os participantes com idade no intervalo de 25 a 27 anos vêm em terceiro lugar com um percentual de 21,1%.

Dos respondentes, a maioria é do sexo masculino (57,9%), solteira (73,7%) e considera-se branca (52,6%). Os membros do grupo procedem majoritariamente de outros municípios (78,9%), sendo que grande parte sequer nasceu no Estado de Santa Catarina (73,7%). O estado que se mostra mais presente como origem dos mesmos é São Paulo, com um percentual de 36,8%. Os estudos são apontados como a razão pela qual grande parte buscou a cidade (33,3%), seguidos de afinidade com a mesma (20,0%). Não obstante tais

informações, a observação e as entrevistas evidenciaram que a vinda da maioria do grupo para Florianópolis deu-se num contexto de rompimento ou mudança significativa em relação a situações estabelecidas em suas vidas, evidenciando em relação a alguns, a realidade de busca pessoal de algo diferente do que viviam nas suas localidades de origem:

teve a época que eu trabalhei pra Nestlé também né, que eu fiquei trabalhando por 4 anos pra Nestlé... e aí trabalhei e aí eu era obrigada a usar umas roupas mais arrumadinhas e tal. Mas eu usava roupa arrumadinha pra ir nas agências e tal, pra ir trabalhar, mas eu já era mais largadinha assim. Minha mãe vivia reclamando. Mas aí quando eu vim pra cá, ah! que foi... quando eu vim pra cá foi a época que eu cortei o cabelo bem curtinho, que foi a revolta de tudo, que eu não queria mais aquilo, eu já não gostava mais de morar em Sampa, não gostava do curso que eu fazia - que era propaganda e marketing - que eu era a esquisitona também da faculdade - que era particular - e... meu! Curso nada a ver! E aí foi quando eu resolvi cortar o cabelo, que eu vim passar férias aqui e aí passei férias e resolvi ficar... (...) É... e eu, nossa! Daí foi a época mais assim que eu acho que foi quando quebrou assim, tudo que eu era e eu resolvi ser outra coisa assim. Mas hoje em dia eu sou o que sou, assim, eu tenho consciência... (Baiana, em entrevista em 25/04/04).

Porque Curitiba tem um padrão que é assim: trabalhar 350 dias e ter 15 dias de férias na praia, vamos supor. É um padrão mais ou menos assim. E eu queria fugir disso daí, eu queria morar os 350 dias na praia... (Rei, em entrevista em 25/04/04).

Por se mostrar como um grupo onde muitos se deslocaram do seu lugar de origem, foi esperado encontrar que Florianópolis, inclusive, não é o local mais distante para onde viajaram: 68,4% já estiveram em outras regiões do Brasil e 26,3% conhecem outro país da América Latina. Nesses deslocamentos parte das pessoas do grupo adota a sistemática de caronas para realizar viagens de férias para outros estados do Brasil, inclusive aqueles mais distantes, situados na Região Nordeste.

O nível de instrução prevalente é o superior completo ou ainda em realização (84,2%), na sua totalidade em estabelecimento público de ensino. Estão atualmente estudando 73,7% dos respondentes e daqueles que pararam de estudar 80,0% declaram pretender retornar em breve aos estudos. Quanto à instrução demonstram um avanço em relação aos pais. O levantamento acerca da instrução desses últimos aponta para um equilíbrio entre ensino médio e ensino superior, com poucas indicações referentes ao ensino fundamental (em torno de 10%) e um leve destaque para um nível de instrução das mães maior do que o dos pais.

Das línguas estrangeiras as mais conhecidas são o Inglês (84,2%) e o Espanhol (31,6%). O conhecimento foi em sua maioria obtido junto ao programa regular de estudos de cada um (36,8%) e em cursos realizados em escola de idiomas em nível intermediário (21,1%). Os dados indicam pouca prioridade quanto ao estudo aprofundado dos idiomas estrangeiros indicados.

Quanto à situação de trabalho, todos - de algum modo - trabalham recebendo alguma remuneração. Embora as relações de trabalho da maioria se mostrem relativamente compatíveis com o perfil encontrado quanto à idade e situação de formação, que é ainda de estudantes universitários, também revelam circunstâncias de precarização destas. Um percentual significativo é bolsista ou estagiário (29,4%) ou trabalha como autônomo (29,4%), desenvolvendo atividades relacionadas à arte e à música ou no setor de serviços. Um percentual de 23,5% se definiu numa situação de trabalho irregular, ocasional ou provisório; ou ainda regular, mas sem contrato formal (11,8%) e apenas um respondente possui emprego com contrato formal.

Os níveis de renda encontrados indicam um baixo poder aquisitivo por parte do grupo, sendo que a renda mensal mais freqüentemente apontada situa-se em torno de um a dois salários mínimos (42,1%) e de mais de dois a três salários mínimos (26,3%). A mesma é oriunda, num percentual majoritário, de algum tipo de ajuda dos pais (63,2%), somado aos rendimentos das próprias atividades laborais que realizam. Os recursos são utilizados no custeio geral da subsistência; com viagens, festas e shows, bem como gastos corriqueiros do dia-a-dia. O grupo não emprega quaisquer recursos na aquisição de itens reconhecidos como supérfluos e/ou jogos eletrônicos e similares. Gastos com vestuários/acessórios/perfumaria em geral; esportes/academias; cigarros/bebidas/outras drogas aparecem com pouca expressão, enquanto terceira escolha e em percentuais discretos (5,3% para cada item).

Vestuários e adereços utilizados são confeccionados, na sua maioria, pela própria pessoa ou por um amigo próximo, situando-se dentro dos parâmetros que marcam a escolha do grupo quanto ao estilo que adotam ao vestir-se e adornar-se. Muitos fazem uso de materiais e objetos que não são mais de uso corrente da maioria da juventude do meio social em que estão inseridos. Numa certa oportunidade presenciei determinada conversa entre duas moças do grupo, onde uma delas se dizia feliz pela aquisição de “cortes de tricoline¹² pra fazer uns vestidinhos massa! Tricoline é o bixo, cara!”. Na conversa,

¹² Tricoline ou tricolina é um tecido de algodão leve e macio, de cor única ou estampado em padrões singelos. No passado a sua versão estampada era largamente utilizada na confecção de saias, vestidos e outras peças

discorreram acerca da maravilha do tecido, da beleza das estampas de ‘florzinha’ que haviam sido adquiridas e dos modelos que seriam costurados por ambas as moças¹³. (Boneca e Baiana, Diário de Campo, em 08/02/04).



As saias longas de diversos padrões, os vestidos, camisetas temáticas e calças e bermudas de algodão são constantes no grupo. Outros também usam peças comuns, que se mostram fora do padrão veiculado na mídia. Com frequência o vestuário mostra-se em estado geral já envelhecido. Muitos pés são calçados por sandálias e sapatinhos artesanais de *crochet*, sandálias de couro à moda nordestina e sandálias modelo havaianas.



da indumentária feminina. Na atualidade é ainda encontrada no vestuário adotado em comunidades mais afastadas dos núcleos urbanos no Nordeste do Brasil. Nos grandes centros é mais comum o seu uso em vestuário infantil, trabalhos de *patchwork* ou em itens de decoração, peças de artesanato etc.



¹³ Além de marcarem encontros para confeccionarem roupas próprias, alguns membros têm o hábito de trocar roupas ou mesmo doar para os amigos roupas ou outros pertences. Esse traço é especialmente presente entre as meninas.



Os figurinos, quando utilizados nas apresentações do grupo, normalmente são as bermudas, as calças afro, as saias rodadas, de chita ou brancas, enfeitadas de rendas, bem como variações entre esses padrões, camiseta de malha com a *logo* do grupo e, às vezes, máscaras.





Na produção de peças valorizam as práticas artesanais e, nesse campo, o reaproveitamento de materiais e/ou a utilização de outros alternativos ao de uso contemporâneo, como mostrei também em relação à tricoline. Várias das peças que utilizam são feitas em regime de mutirão pelo próprio grupo¹⁴. Além das peças do figurino pessoal, são também confeccionados coletivamente o estandarte e as bonecas que utilizam nas apresentações. – as

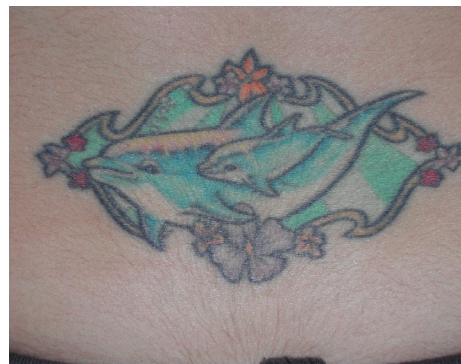
Maricotirinas, como chamam – que não fazem parte da cultura original do Maracatu, mas constituem intenção declarada do grupo de promover uma aproximação com a cultura do Boi-de-Mamão onde a boneca Maricota é figura de destaque.

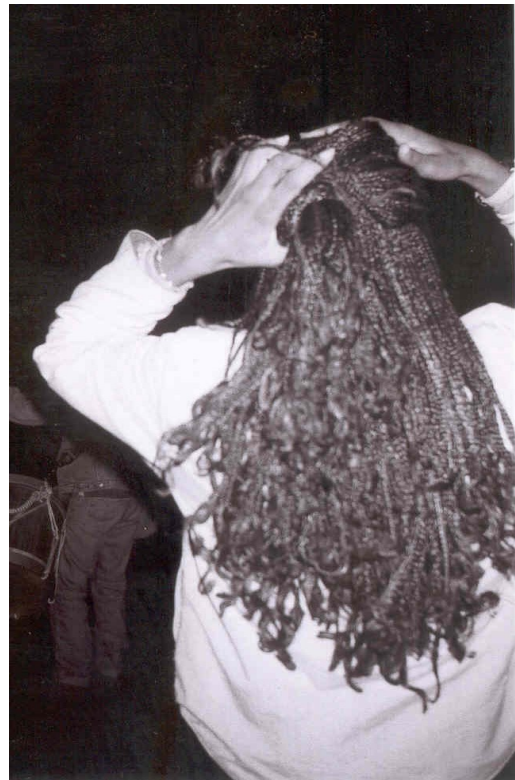


¹⁴ O mutirão é uma prática comum no grupo. Pude observar várias atividades conjuntas que envolviam parte significativa dos membros, especialmente aqueles que estão no cotidiano da vida grupal, tanto em relação ao preparo dos figurinos em geral, quanto na confecção e manutenção de instrumentos e outros. Outro momento sempre envolve mais de um membro é a afinação das alfaias, quando normalmente fazem de duplas. Afinam os seus instrumentos e/ou dos amigos, indistintamente. No mutirão para o carnaval/2004 Boneca me confidenciou: “cara, algumas pessoas não estão entendendo a coisa, né, querem levar a fantasia pra fazer em casa, meu. Mas a gente quer é fazer a parada coletivamente. Meu, isso é um lance coletivo; se você não pode, tudo bem, a gente faz a sua. Quando você puder, outra vez você vai lá. (Diário de Campo, 17/02/04). Nesta mesma oportunidade expressavam os sentidos que atribuíam ao fato de confeccionarem eles mesmos as coisas que utilizavam: “ver as tiras aqui e depois em saias dançando lá na rua”; “baratear custos”; “conhecer todo o processo”; “dar a cara da gente para as paradas que vamos usar”; “construir a gente mesma a tradição do Arrasta Ilha”; “isso tudo é uma coisa que tá nascendo e somos nós que estamos fazendo a parada”; “fazer uma parada coletiva”.

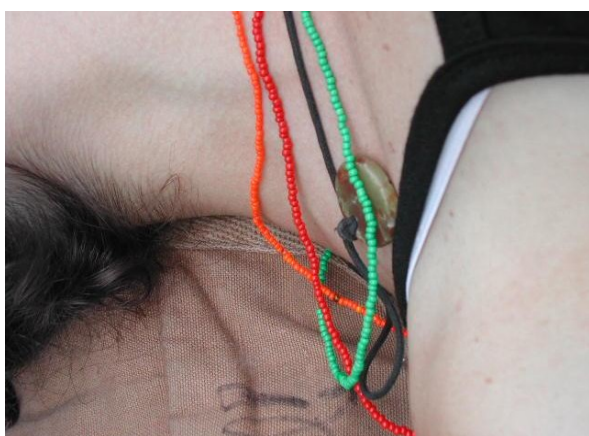


Muitos deles exibem tatuagens; uma ou mais de uma. Por vezes muito expostas; por outras, mais discretas. No corpo estampam mensagens pela vida, pela natureza e pela liberdade através de figuras de bichos e flores, motivos políticos, tribais e indígenas. Os cabelos da maioria, independente do sexo, seguem também a tendência natural, sem muitos apelos aos recursos disponibilizados pelo mercado da moda. No geral apresentam-se crescidos ao natural, com tererês ou com *dreads* – que variam de apenas um, alguns ou por todo o cabelo. São comuns nas cabeças as faixas coloridas de diversos padrões e as toucas coloridas de crochê ou tricô. Os adereços seguem o padrão já exposto: colares, pulseiras, tornozeiras feitos de miçangas, sementes, conchinhas, continhas de madeira, linhas, fibras etc.









O padrão industrializado e massificado quanto às roupas e calçados de marca ou aos acessórios não tem acolhimento dentro do grupo, como visto. Utilizando-se do vestuário, dos adereços e do próprio corpo, a maioria do grupo comunica para o mundo que o cerca uma forte adesão à estética negra e indígena, principalmente. Outros matizes estéticos que se sobressaem resgatam nuances de outras culturas alternativas – como o movimento *hippie* e *Hip Hop* - e da cultura nordestina como um todo.

Muito embora a academia – espaço de cultura física - não seja indicada como um serviço consumido expressivamente, os exercícios físicos são realizados regularmente por 78,9% dos respondentes, recaindo a preferência sobre as danças (33,3%), as caminhadas e corridas (20%); a *Yoga* e o *Tai Chi Chuan* (13,3%). A observação me possibilita afirmar que, em relação às caminhadas e corridas estas não obedecem a esquemas programados para tal finalidade, mas ocorrem de forma espontânea, incorporada à vida cotidiana dos respondentes, tendo em vista a necessidade dos deslocamentos diários dos mesmos.

Daqueles que se exercitam regularmente, a razão principal para tanto é porque simplesmente gostam das práticas (50,0%) e por questões de saúde (35,7%). A questão estética não foi apontada por nenhum dos respondentes como razão dos exercícios praticados. Essas indicações, bem como as observações realizadas, possibilitam depreender que a concepção de corpo belo hoje hegemônica e amplamente veiculada não possui força dentro do grupo, que opera escolhas distantes deste estereótipo.

Tratando-se da postura do grupo diante de uma religiosidade definida, encontrei que 94,7% não a possui, entretanto 89,5% cultiva a transcendência, a espiritualidade e apenas um membro têm prática religiosa. Desse modo, apresentam uma prática religiosa bem distinta dos pais, os quais, na maioria das famílias, praticam uma religião ou mais de uma (47,4%) ou, mesmo sem prática, cultivam a idéia da espiritualidade, do divino (26,3%). A escolha das famílias recai, preferencialmente, na religião católica, no espiritismo e no candomblé.

Perguntados acerca da utilização que fazem dos serviços públicos informaram que às vezes os utilizam (47,4%) ou freqüentemente os utilizam (36,8%), principalmente aqueles relativos à cultura e ao lazer, nesta ordem. Para aqueles que só os utilizam raramente, que somam 15,85%, a escassez dos mesmos é a principal razão para que não sejam usados com maior freqüência.

Com relação à propriedade e ao uso de equipamentos eletrônicos e outros recursos tecnológicos avançados, as informações obtidas mostram que 57,9% não possuem telefone celular, justificando a escolha pelo fato de não gostar do aparelho (60%) ou não sentir necessidade do mesmo (20%). Foi possível perceber no cotidiano uma resistência explícita a este aparelho por parte de vários membros. É ilustrativo do que digo a justificativa apresentada no questionário por um dos membros diante da não utilização de celular: “501 motivos: filosóficos, ecológicos, psíquicos...”. Nas entrevistas, Caboclo de Pena referindo-se ao celular, explicita bem a posição de grande parte do grupo:

... é o *the way of life* que a galera quer; então você tem que ter um celular, então você vai em qualquer lugar, todo mundo tem celular hoje. Cara, qualquer lugar! Meus alunos na comunidade lá, tem celular... (...) A criançada, cara! Entendeu? (...) não tenho mais celular porque eu vejo que o mundo em tempo real te condiciona a tua vida ao mundo... (...) esse mundo aí construído; não o mundo que a gente pode criar. No sentido que também você vai tá sempre sendo policiado, sabe? (...) ... e essa é a viagem do mundo hoje, você tá sempre conectado, sempre conectado, e acaba sendo uma pressão moral mesmo... (Em entrevista, em 16/05/04).

Chamo a atenção para a noção explicitada por Caboclo de Pena acerca do **mundo construído** e daquele que **podem criar**. A fala recusa o instituído, ou pelo menos o questiona como modelo satisfatório para a manifestação livre de cada um, e destaca a responsabilidade diante da geração de alternativas: “o mundo que a gente pode criar”.

A relação com o computador e a internet, entretanto, desvia-se do anteriormente encontrado em relação ao celular: quase a totalidade (94,7%) usa a Internet e 57,9% possui computador. O grupo tem uma *home page* - muito embora não receba atualizações freqüentes -, uma lista de discussão na rede e parte de seus membros participa de outras várias listas que tratam de temas musicais, culturais ou políticos. Não obstante esse significativo envolvimento com o ambiente virtual, nos momentos em que a correspondência da lista do grupo se mostra muito intensa, são freqüentes *e-mails* de seus membros reclamando pela excessiva troca de informações virtuais e demandando contatos telefônicos ou pessoais.

Perguntados acerca do tempo que dedicam à internet, a metade respondeu que emprega de mais de uma a cinco horas semanais nesta atividade (50,0%) e o segundo maior percentual ficou no intervalo de menos de uma hora semanal (22,2%). O uso é feito majoritariamente para correspondência e informação – nesta ordem de escolha. Mesmo o item informação aparecendo em segundo lugar, chama a atenção o fato de que, diante de um mundo instantâneo, imediatizado, grande parte dos entrevistados ainda declara se informar sobre os acontecimentos do país e do mundo, prioritariamente, conversando com as pessoas (33,3%). Jogos, namoros e contatos sensuais não obtiveram nenhuma resposta.

À televisão de um modo geral, 57,9% dos respondentes dedicam menos de uma hora semanal e 21,2% dedicam mais de uma a cinco horas semanais. Alguns se manifestaram fora das alternativas oferecidas, declararam destacadamente não dedicar nenhum tempo a este entretenimento. Expressiva maioria dos respondentes não possui TV a cabo instalada em casa (78,9%).

Assim como o telefone celular, a televisão é objeto de críticas do grupo. Nas entrevistas alguns dos membros introduziram o tema televisão à discussão, em contextos variados, destacando que a mesma exerce uma influência considerável sobre as rotinas de vida das pessoas e, para alguns, isso ocorre de modo invasivo e prejudicial:

Eu fico indignado porque passa uma... está passando na televisão uma propaganda da NET: criança na casa brincando, quebrando tudo, brincando, fazendo um alvoroço danado... porque criança é criança e criança é isso daí! Daqui a pouco: “tenha sossego em casa”. Muda de cena todo mundo na frente da televisão: “Tenha NET em casa e fique

tranquilo”. Entendeu? Isso é uma total eliminação; isso daí é uma total... porra! Isso daí é perda da criança, entendesse? A criança tá pra se machucar! Na minha opinião, tem que subir na árvore, tem que cair, tem que se machucar, tem que aprender assim, meu! (Batuqueiro, em entrevista em 18/04/04).

...eles [os capitalistas] continuaram dando sonhos pra gente. Agora... quais eram os sonhos? Era o sonho do indivíduo, entendeu? O sonho do *american dream*; de ter a sua casa, seus carros na garagem... esse é o sucesso do indivíduo, entendeu? Então, hoje em dia isso chegou ao ápice que é o culto à celebridade, entendeu? Que a gente chega na televisão, numa novela que a **celebridade** é a parada mais alta desse... do que o mundo capitalista nos propõe - você virar num *pop star*! Que é um cara que é famoso pela mídia, mas não é porra nenhuma! Que que o cara tem de contribuição, de valores mesmo pro mundo? É tudo ilusão, é tudo aquela maquiagem, entendeu? Um mundo de plástico... um mundo de plástico que te dá o sonho de ser o quê? Uma grande boneca de plástico! (Caboclo de Pena, em entrevista em 11/04/04, grifos do entrevistado).

...tipo, você vê a mídia, a televisão. Tem aquele programa sinistro, Linha Direta. Porra, cara, é muito sinistro aquilo, cara. Todo mundo fica assistindo (...) a sociedade acha que tá ajudando denunciando lá os bandidos, fugitivos, né, mas tá lá dentro da sua casa confortável, vendo televisão... (Princesa, em entrevista, em 18/04/04).

É a mídia que constrói o que realmente os caras tão a fim de... por exemplo: tem um problema lá no Senado, propina, não sei que... que apareceu na televisão e dá um mês nunca mais se soube o que aconteceu. E [a violência do] Iraque, Rio de Janeiro e São Paulo o dia inteiro na televisão. (...) Então, acho que isso aí é que alimenta a impotência do povo brasileiro, sabe? (...) De você achar: “Porra, olha o que acontece tudo aí, o que é que eu vou fazer?”. Sabe, vou telefonar e denunciar! Ou vou ficar aqui na minha casa e me trancar, comprar um alarme, sabe? E se fecha e se fecha e se fecha e esquece. Aí tem o menino lá do lixão, sabe, que são coisas que... (...) E enquanto isso a tiazona tá lá subindo o morro com a bacia na cabeça pra chegar em casa e descer de novo e subir de novo... (Rainha, em entrevista em 18/04/04).

À televisão e à mídia de um modo geral é imputada a responsabilidade de massificação absoluta. É perceptível a compreensão de que, para os entrevistados, há um certo *script* a ser seguido, com vista a uma intencionalidade política clara, vinculada ao consumo e ao *ethos* individualista. O que deixam depreender pelas suas falas e convivências é uma crítica dura à perspectiva hegemônica de que não há lugar para a subjetividade fora do mercado. Manifestam-se contra a realidade criada onde não há espaço para o entretenimento gratuito, para a invenção do inusitado, para o propósito que fuja dos interesses devidamente administrados. Com suas práticas e falas desenham a televisão como sendo não um lazer, mas um veículo de consubstanciação de propósitos, em espaços

produzidos onde se imbricam vida e sonho, ficção e realidade de modo tão absoluto que as fronteiras já não são perceptíveis.

Devo ressaltar que, apesar de existir uma crítica da maioria à televisão e ao tipo de inserção que ela tem no cotidiano das vidas, é claro para o grupo as circunstâncias diferenciadas que levam a população a utilizar este tipo de entretenimento, as quais se encontram em muito vinculadas às condições sócio-culturais em que está inserida. Vários membros do grupo compreendem que em determinados contextos a televisão é tomada como o entretenimento possível para muitos jovens, por exemplo. Seria algo como uma válvula de escape diante das circunstâncias vividas por uma parcela significativa de jovens que não possui alternativas mínimas numa sociedade onde as relações se mostram desiguais e as possibilidades de resistência e intervenção para muitos aparecem fragilizadas, uma vez que, no geral, são desprovidos de condições mínimas que possibilitem o esboço de uma reação:

...uma parada que eu vejo é que, na verdade (...) eu também na minha infância vi muita televisão só que... o seguinte: eu também, de criança televisão, *video game*, fliperama tudo essas viagem aí! Internet não tinha nem contato e a fita é o seguinte: (...) são os caminhos que se apresentam. Eu não.... acho que a TV pode exercer uma grande influência também. Exerce; é certeza, é fato. O problema é se não se apresenta outro caminho, entendeu?... (Lanceiro, em entrevista em 11/04/04).

... pra gente é fácil ser comprometido, se divertir, tudo. Se tem um casão, moram 3 pessoas na casa, tem espaço pra se movimentar, tem um quintal pra brincar, tem um colégio pra frequentar, tem uma certa condição de vida. Pô, mas se o cara mora num barraco de madeira mais 7 pessoas numa chuva dessas o que que o cara vai fazer? Pira! O cara não tem como comprar rango, não tem o que comer, o que que o cara vai fazer? (...) Porra, não porque a gente quer, o mundo é televisivo! A televisão também é uma fuga de uma galera, cara! Só imagina assim um cara que às vezes não agüenta mais ver o pai dele brigando ali, aquele negócio tá circulando... ele simplesmente se fecha aqui ó: “quero que tudo se exploda, eu vou é ficar na minha aqui, vendo televisão”, tá ligado? É... pra gente é muito fácil estar aqui neste grupo, está na universidade, tudo mais (...) mas a maioria da galera não tem essa chance de... poder mudar, não tem esses caminhos que a gente apontou aqui. A gente pode escolher, nós podemos escolher nosso caminho, a gente teve opções, (...) mas pra maioria do pessoal, acredito que a grande maioria do Brasil, é praticamente impossível... como é que eu vou me comprometer com a pátria, com a causa, com o mundo global de atitudes, se... porra! Eu vou ali, trabalho de avião com meu *brother* que trafica, que eu acho ele gente fina, ele me dá tudo que eu quero... (Mestre, em entrevista em 11/04/04).

Essas falas denunciam uma organização social estagnada no sentido de facultar ao jovem condições mínimas de escolha e menos ainda possibilidades de concretização dos

seus caminhos enquanto sujeito de sua história. Tratam de uma subjetividade sufocada numa massa que possui poucos outros vínculos formativos ou quaisquer outros símbolos que possam sinalizar para uma formação mais autêntica e promissora do jovem e para uma descoberta autônoma do ser. Nesse sentido, o grupo se apresenta como um espaço de acolhimento e elaboração de alternativas ao que o mundo oferece lá fora. Fogem ao que julgam alienante e despersonalizante, que também é associado ao mundo veiculado e vendido pelas telas.

Quanto às condições de moradia, no grupo a maioria mora com amigos (47,4%) e o segundo percentual mora com os pais (31,6%). Cruzando os dados, encontrei que aqueles que não mais residem com os pais, moram preferencialmente em bairros que fogem do padrão urbano florianopolitano dominante, como é o caso do Campeche (42,1%), da Lagoa da Conceição (10,5%), do Ribeirão da Ilha (5,3%), do Sambaqui (5,3%), do Rio Tavares (5,3%) e do Rio Vermelho (5,3%), alegando que os locais foram escolhidos por possibilitar um estilo de vida que combina com o seu jeito de ser; por ser um local tranquilo e por ser menos urbanizado que outros bairros. Os lugares mais centrais foram apontados, no geral, como moradia daqueles que ainda residem com os pais, que justificam aí permanecer morando porque ainda não puderam escolher seu próprio local de residência.

Morar em local mais isolado, mais próximo da natureza é razão de orgulho para muitos, o que pode ser encontrado nas falas: “A minha casa é o bicho! Eu vivo lá, abraçada por dois garapuvusão¹⁵ gigantes e ouvindo o barulho da cachoeira!” (Baiana, Diário de Campo, em 05/12/03). “Eu moro escondido no meio do mato. O barulho que tem lá é só de tambor mesmo... Engraçado como eu e o Corneteiro a gente mora junto e pensa em maracatu pra caramba! Acorda e já é ali... tocando. ‘Olha esse som cara... e tal...’” (Duque, Diário de Campo, em 07/06/03). As escolhas que vão construindo quanto ao local de moradia também se dão no mesmo sentido quanto aos modelos alternativos de casas nas quais habitam sendo estas construções simples em material ou rústicas de madeira.

¹⁵ O Garapuvu ou Guarapuvu é a árvore símbolo da cidade de Florianópolis, assim instituída formalmente através da lei número 3.771/92, de 25 de maio de 1992. Mede de 20 a 30 metros de altura, com 60 a 80 cm de diâmetro. Sua madeira, do tipo leve e macio, era antigamente utilizada para a confecção de canoas - próprias à pesca artesanal da ilha. Das hastes de suas folhas também se confeccionava gaiolas para pássaros, outro traço cultural forte da Ilha. Na primavera reveste as florestas nativas da Ilha com a sua florada de um tom amarelo muito vivo possível de ser vista de quase todos os pontos da cidade.



Também simples e/ou rústico são os universos domésticos. Móveis apenas os indispensáveis, de estilo básico ou improvisado, assim como os utensílios em geral. Não há uma preocupação com a decoração dos ambientes. Encontram-se espalhados pelos cômodos muitos itens de artesanato, outros que remetem à cultura indígena, negra ou rural, bem como itens já fora de uso comum misturados a variados instrumentos musicais, em construção inclusive. Esse cenário despojado incorpora ainda os livros e – em alguns casos – computadores, aparelhos de som e outros aparelhos de alta tecnologia. Nesse contexto híbrido, comentários acerca de hortas, herbários, fogão de lenha, panelas, filtros e fornos de barro, móveis rústicos, utensílios e aparelhos antigos em reutilização, paredes de pedra, composteiras e outras estruturas rústicas e/ou primitivas existentes nas residências vêm acompanhados de elogios e admiração.





3.1.2 Espaços, processos e dinâmicas

Como todo coletivo, o AI tem consolidado ao longo de sua existência características e sentidos próprios que lhe particularizam enquanto grupo. Apresentar e entender tais aspectos é no que consiste a intenção do texto que segue.

3.1.2.1 Operando no vácuo hierárquico e de instâncias decisórias

Conforme já anunciei, o AI não constituiu uma estrutura interna formal de administração de poderes e interesses. Não há diretoria, assembléia, conselho reconhecido como instância competente para atuar enquanto espaço de solução das divergências internas que se manifestam no cotidiano em torno das questões que se destacam como de relevância para o grupo. Nesse sentido, o grupo elegeu a reunião dos membros como o espaço privilegiado para o encaminhamento de sua rotina e para a solução dos impasses. Este foi o instrumento utilizado desde a fundação do grupo.

No período da observação as reuniões aconteciam aos domingos, após os ensaios, ou nas casas dos membros do grupo. As primeiras destinavam-se ao tratamento de

questões mais específicas dos próprios ensaios, da agenda do grupo e de acertos sobre a oficina que ofereciam para os novatos, antes do horário do ensaio geral. As demais eram irregulares, sendo propostas diante da necessidade de um tempo maior para discussão de temas relacionados ao planejamento de atividades e ao enfrentamento das polêmicas internas.

Embora guardando características de uma reunião, em sentido comum, os encontros do grupo são pudes de especificidades. Um primeiro ponto é que a presença dos membros não é obrigatória em nenhum dos eventos, inclusive às reuniões. Muito embora seja demandada, não há mecanismos formais de controle da mesma. Por duas oportunidades o grupo tentou estabelecer listas de presença ao ensaio, apresentações e reuniões, mas sem qualquer êxito ou continuidade por maior tempo. Também não há o estabelecimento de um *quorum* mínimo que confira legitimidade às decisões tomadas.¹⁶ O horário, embora estabelecido, é inteiramente flexível. Não há pautas escritas e nem relato formais das decisões.

As discussões obedecem a uma sistematicidade mínima dos pontos a serem abordados, sendo livre a palavra a todos. Normalmente a participação dos presentes é inversamente proporcional ao nível da polêmica que o ponto em discussão suscita. Em temas consensuais a participação é intensa e as falas facilmente se superpõem. Como não há ordenamento mais rígido dos pontos de pauta e das pessoas que desejam se manifestar, no geral as discussões se alongam e trazem à baila novos temas de algum modo vinculado ao tema principal abordado. A dinâmica impressa à reunião lhe impõe uma sensível falta de objetividade na grande maioria das vezes, como diz Príncipe: "...pelo grupo ser grande, né, que é sempre difícil chegar a algumas decisões assim, né. Sempre rola a maior discussão assim, cada um tem uma opinião, aí fica discutindo muito tempo, sobre algum assunto. Qualquer que seja, né.". (Em entrevista de 17/07/03).

No geral as decisões são acatadas por todos, exceto quando dizem respeito a temas e questões polêmicas, casos em que normalmente as decisões não são validadas nas práticas cotidianas do grupo e a questão permanece em discussão, seja informalmente nos subgrupos, seja – por vezes – na lista de discussão, seja reintroduzida dentre outros tópicos nas próximas reuniões.

Aqui destaco o papel dos subgrupos, que são espaços de grande influência e importância para a condução das questões grupais. Não são espaços rígidos, mas se

¹⁶ Não seria, de resto, possível ao grupo estabelecer um *quorum* tendo em vista não ter posição fechada acerca de quem e quantos são os seus membros.

delineiam a partir das semelhanças de posturas adotadas em relação aos princípios mais gerais que orientam a vida grupal e também pelos laços de amizade. Não são legitimados pelo grupo, mas operam com intensidade. São esferas onde se fala mais claramente acerca de cada questão tratada, colocando mais profundamente as suas implicações e relações. Pude verificar que esses espaços concorrem para dois movimentos opostos: para o amadurecimento e escolha da postura a tomar no grande grupo e para o recrudescimento de algumas atitudes e opiniões acerca do colocado, inviabilizando o amadurecimento de uma escolha genuinamente grupal, como se posiciona Princesa:

Acho q precisamos acabar com essas panelinhas e amadurecer, eu também faço parte de uma e tô bem de saco cheio de ficar falando as coisas entre as pessoas mais próximas, sabendo q outras pessoas estão fazendo o mesmo e na real isso não engrandece o grupo, muito pelo contrário torna o grupo um grupo da fofoca, de um monte de gente indignado com o q rolou e com coisas q rolam e ninguém fala nada. Vamo crescer galera, pq assim a gente não sai do lugar. (Em e-mail de 02/09/04).

O processo decisório é outra particularidade. Nos momentos de discussão, no geral o grupo não contrapõe claramente uma proposta a outra – em especial se forem propostas muito polêmicas - e também não apela para o voto como mecanismo decisório prioritário. Percebi que a dinâmica das discussões se dá perseguindo a adesão da maioria. Geralmente a decisão, por fim, se dá ou pelo convencimento puro e simples da maior parte dos membros ou pela desistência de um dos proponentes. Acompanhei que as insatisfações não resolvidas no coletivo retornam aos subgrupos alimentando ou o amadurecimento ou o recrudescimento da discordância.

Da fala de Princesa destaco um ponto crucial para a convivência do grupo. Falo da indisposição demonstrada, na maioria das vezes, em tratar de maneira clara e objetiva, no grande grupo, dos problemas que, por vezes, afetam as relações grupais. Quanto maior a gravidade da questão, menor é o enfrentamento direto da mesma. A essa prática o grupo denomina “empurrar com a barriga”, fazendo uso de uma expressão bastante popular. O que parece é que nesse tempo que se dá – sem explicitação ou combinados - o grupo ‘filtra’ a problemática pelos seus anéis – subgrupos, encontros, conversas informais, lista – conseguindo suavizar os aspectos mais polêmicos e, por fim, atingir uma possibilidade de encaminhamento do problema sem o desgaste do enfrentamento direto. Acredito que as práticas afetivas que pontuam as relações também auxiliam na filtragem das tensões grupais levando geralmente a uma acomodação das

posições em conflito. Faz-se exceção a problemática que culminou com a saída de Duque e outros membros do grupo, fazendo o Arrasta Ilha vivenciar o seu processo mais radical de afirmação das suas escolhas.

A assunção de tarefas é também marcada principalmente pela iniciativa voluntária, visto não haver cargos definidos e responsabilidades a eles circunscritas. Na rotina do grupo, normalmente também as pessoas não são indicadas ou votadas para desempenhar qualquer atividade, ou assumir responsabilidades, mas se manifestam livremente ou têm seus nomes sugeridos por outros. Pude perceber que na maioria das oportunidades aquilo que é assumido é realizado – pelo menos em parte, e quando assim não acontece geralmente não há cobranças ostensivas e diretas por parte dos demais. A questão permanece pendente, sendo reintroduzida na dinâmica grupal, encontrando, por fim, algum encaminhamento de acordo com os canais expostos acima.

Penso que a dinâmica vigente se explica, em parte, em decorrência da postura assumida pela maioria do grupo em relação à questão hierárquica. Oriundos de experiências libertárias e coletivistas, ou estando atualmente rompendo com estruturas fechadas – como a família, as rotinas do mercado de trabalho etc – os participantes opõem-se fortemente à adoção de hierarquias internas ao grupo, bem como a qualquer idéia verticalista que implique na autoridade de um sobre o outro. O trabalho de campo me possibilitou compreender que esta realidade permeia a vida grupal praticamente desde os primeiros contatos dos seus membros, como esclarece o entrevistado:

[Existem no grupo] posturas políticas diferentes. Por exemplo: uma vez, um desses baixos que deu foi discutir autoridade no maracatu, né. Tipo, o apito. O que que é o apito? O apito é, digamos assim, a autoridade máxima do maracatu? Qual que é o papel dele? Ao questionar esse papel a gente... pô, capengou e deu uma descida porque... foi foda essa parte aí de tocar na hierarquia, a questão da hierarquia. É bem complicado, isso. Mas é em função dessa postura até política que cada um tem... (Tirador de Loas, em entrevista de 17/07/03).

Embora ostensivamente presente no grupo esta postura também recebeu críticas por parte de outros membros do grupo. Em conversa com Duque este se manifestou concordando ser o grupo muito resistente a qualquer tipo de estruturação, organização, sendo essa a razão da dificuldade de ‘avançar’ no que se pretende fazer. Disse-me respeitar aqueles que têm essa posição porque acreditam nisso, mas acha que muitos não têm uma posição clara sobre a questão e defendem a desestruturação porque não pretendem ter nenhum compromisso com as rotinas de trabalho. (Diário de Campo, 11/09/03).

As falas dos membros trazem para apreciação algo mais que a mera opinião de cada um acerca de como deve ser a estrutura interna do grupo. Elas revelam as distâncias existentes entre a interpretação dada pelos membros acerca de quais interesses o grupo deveria comportar e como se organizar para ultimá-los. Essa questão, ao longo da existência grupal, suscitou desarranjos e retomadas do mesmo, constituindo um processo de amadurecimento e explicitação de um certo traço sócio-político-cultural que passou a caracterizar o grupo. Nesse ponto preciso retomar aspectos da história do mesmo a fim de deixar claro o que digo, como o faço a seguir.

3.1.2.2 Resolvendo tensões e estabelecendo acordos

O processo de formação do Arrasta Ilha foi o mais aberto possível, aglutinando em torno do maracatu um coletivo juvenil proveniente dos mais diferentes âmbitos da cidade. Do mesmo modo, as expectativas que se definiam em relação ao grupo concomitantes ao seu amadurecimento eram variadas. Ao longo do tempo as diferenças foram se aprofundando e se polarizando à medida que o grupo amadureceu. Duas posturas majoritárias foram tomando corpo dentro do AI e em torno delas os seus membros foram tomando parte. Durante a investigação acompanhei a explicitação final dessas diferenças, que culminou com a divisão do grupo em Agosto de 2003. Possivelmente outras nuances poderiam ser arroladas como caracterizando cada postura, porém especialmente o modo como o grupo deveria se estruturar internamente e a sua relação com o mercado eram as grandes tendências polarizadas dentro do grupo.

A primeira postura, defendida pela maioria dos membros fundadores, propugnava por um grupo com formalização mínima, com ensaios abertos e participação livre dos membros e de quem mais desejasse tocar maracatu. O compromisso prioritário era tomar o maracatu enquanto propulsor da arte e da cultura, inclusive locais. A opinião majoritária deste subgrupo era de que o AI como grupo deveria se constituir num espaço de alegria, de amizade e de lazer; um espaço “onde rola aquela energia, que o pessoal sabe e dá o toque: ah, vamo lá! Tá rolando o maracatu e tal!”. (Porta-Estandarte, Diário de Campo de 24/08/03). Para este membro também era importante o fato de que “o maracatu tem também o lance de levar alegria para as pessoas, de ver as pessoas dançando junto, alegres. A troca de energia é uma questão forte pro grupo” e esta idéia não era compreendida por aqueles que pensavam diferente, movidos por outros interesses.

Postulavam ainda ensaios menos estruturados, do ponto de vista da condução musical, que priorizassem o aperfeiçoamento da técnica de percussão do grupo tanto quanto o prazer de tocar. Eram também favoráveis que o grupo fosse mais receptivo aos improvisos, às iniciativas de composição musical dos seus membros, à mistura de ritmos e culturas, sem ater-se apenas ao batuque do maracatu. Como negação à estrutura rígida, na sua maioria, eram também de opinião que mais de uma pessoa puxasse as loas e/ou toadas¹⁷ e que a assunção do apito deveria se dar por – pelo menos – duas pessoas, como explicitado:

[A idéia] era tirar da mão de uma pessoa e tentar distribuir isso. Distribuir a posição do apito. Até para enriquecer, assim, não criar uma dependência. Por exemplo: ah, vai ter uma apresentação e o Duque não vai. E aí? Quem que vai apitar? Era legal que tivesse pessoas que tivesse a mesma habilidade. Então, fazer do apito um instrumento, né, fazer do apito um instrumento, como um ganzá, como abê, como alfaia... (Tirador de Loas, em entrevista de 17/07/03).

Acho que tem a ver também com o enfoque que é dado, assim, o enfoque musical. Então, esse pessoal que é músico, eles acham que tem que ter essa noção de ritmo muito clara. Então, como conduzir um grupo de trinta pessoas nesse enfoque, assim, do ritmo na música? Só que tem outras pessoas que acham que não, o enfoque não é esse, não é só música. Na verdade, acho que a gente faz um batuque de maracatu. Só, né. Mas tem muita coisa além disso. De repente, um outro apito pudesse abrir mais isso. (Dama de Paço, em entrevista de 17/07/04).

Explicavam todas essas proposições tendo em vista se reconhecerem como um grupo cultural que tocava maracatu, com liberdade para outras iniciativas e práticas dos seus membros e enquanto grupo, como diz Tirador de Loas:

Uma vez o Mestre fez uma loa bem bonita, boa mesmo. Aí ficou por isso, não se tocou, nada. Isso desestimula e até tira do grupo a abertura que ele tem de ter. Porque nós não somos bem um grupo de maracatu. Nós somos diferentes. Lá no Recife, o mestre não pergunta pra ninguém; ele decide, diz como vai ser e pronto. Aqui, não. Nós estamos muito pelo prazer de tocar, a gente quer **tocar**. (Diário de Campo de 10/08/03, grifos do entrevistado).

Quanto à questão do envolvimento dos novatos eram de opinião que isso deveria ocorrer de forma menos estruturada, onde todos os antigos se envolvessem livremente no ensinamento de acordo com as demandas que aparecessem nos ensaios.

¹⁷ Puxar loa ou toada: iniciar os cantos a ser executado pelo grupo.

Entendiam que essa maneira de resolver a questão envolvia mais os iniciantes, ao contrário do que havia acontecido no período das oficinas formais, precedentes aos ensaios, onde ocorria a ‘exclusão’ dos neófitos no momento em que os veteranos davam início ao treino. Esse propósito de agregação fica claro no *e-mail* de um ex-participante do grupo, enviado à lista na época das discussões:

Salve galera! Quando um grupo de pessoas se reúne por um objetivo em comum, existem algumas dificuldades, porque cada um de nos é um serzinho diferente com estradas para trilhar que com certeza nao sao as mesmas (...) Acho que o que ta faltando é so um pouco de organização e da galera fazer um esforcinho de comparecer e trazer aquele sentimento gostoso demais que era se reunir, se encontrar e se juntar pra tocar e trocar Energia. O grupo é também um meio da gente ta conhecendo outras pessoas.. Pessoas que precisam se integrar e que tem vontade de aprender com e sobre o Maracatu. Isso é só uma das funções que um Grupo exerce numa comunidade, sobretudo um grupo que mexe com musicalidade. **Porque a galera não ta ali so pra tocar pra si próprio, mas também pra passar esse conhecimento adiante**, prestar um serviço. São tantas as pessoas maravilhosas que eu tive a oportunidade de conhecer participando do grupo, pessoas lindas! ...” (Mineiro, Agosto/03, grifos meus).

Do ponto de vista da relação como o mercado, a idéia presente para este subgrupo era de afastamento em relação à exploração comercial do maracatu pelo AI, muito embora dissessem não se opor de que outros grupos assim o fizessem. A despeito de lidarem bem com a idéia de realizar apresentações remuneradas, a proposição mais forte era de que o grupo priorizasse a vinculação com as comunidades da periferia de Florianópolis e com as manifestações culturais populares, em especial aquelas de caráter afro-descendente, berço desse movimento cultural, no sentido de possibilitar o retorno e o fortalecimento do maracatu em seu local de origem. A estratégia que idealizavam para viabilizar tal intento era a busca de apoio financeiro para projetos de oficinas populares nas comunidades. Nesse contexto, para muitos membros, o envolvimento do grupo com uma proposta comercial propriamente dita era motivo de resistência:

O problema seria fazer... acabar virando uma empresa, assim tipo: “Ah! Não. Só vou tocar se pagar...” e parar de ... Até quando surgiu o logotipo do grupo, o Arrasta Ilha – que foi o ... que fez – né, que ele mandou fazer as camisetas e tal, nesse logotipo tinha a marca registrada. E aí isso na hora me deu um pouco de medo, assim, de... desse negócio acabar virando uma empresa, assim... Mas acho que é uma coisa que, de repente, nunca vai acontecer. (Príncipe, em entrevista, em 17/07/03).

A segunda posição vigente dentro do grupo, e que polarizava com aquela relatada acima, defendia a existência de um grupo mais definido quanto aos seus membros, que priorizasse apenas o maracatu, mais disciplinado quanto a horários e presenças e mais comprometido com a execução das tarefas que implicavam uma existência grupal organizada. Para os membros que pensavam assim, os esforços empreendidos por várias pessoas que tomavam o grupo dessa maneira não rendiam maiores resultados, tendo em vista a rotatividade das pessoas e a falta de um compromisso maior com as atividades do grupo, tais como ensaios, apresentações e oficinas. Duque, tratando deste ponto, disse ser muito difícil lidar com um grupo solto demais, do qual nem mesmo se sabia quem eram os membros ou quem apareceria num compromisso ou noutro. (Diário de Campo, 11/09/03).

Entendiam também ser contra-producente um grupo sem uma organização mais nítida que permitisse um avanço no aprendizado do maracatu, o que implicava num eterno retorno a um estágio iniciante quanto à percussão, desestimulando aqueles que avançavam no aprendizado. Desse modo, estes membros defendiam ser necessário que os novatos freqüentassem inicialmente as oficinas antes de entrar no grupo principal, a fim de terem condição de acompanhar as orientações do apito sem dificultar os ensaios. Compreendiam as oficinas, inicialmente, como de responsabilidade de todos os membros, muito embora alguns apenas formalizassem o compromisso de com elas colaborar – o que gerava insatisfação e cobranças de ambos os lados.

Para os membros vinculados a esse subgrupo, o AI não deveria reduzir-se a este enfoque de experimento, apesar de também pretenderem fortalecer as relações entre o maracatu e as comunidades, como explicita Corneteiro:

Na minha opinião, o que acontece hoje é um reflexo da crise que existe dentro do grupo desde a sua formação, devido aos diversos interesses e motivações de cada um. Uma coisa une a todos, a vontade de batucar juntos, mas o que deve ser o grupo, isso é uma coisa que ainda não se definiu (...) Outro ponto que ficou muito mal conversado foi a idéia de iniciar uma oficina paga no [Colégio de] Aplicação. Essa sempre foi a minha vontade e a do Duque, que trabalhamos com música e queremos trabalhar com o maracatu¹⁸. O principal motivo de querer iniciar este trabalho, além do lado financeiro, é a vontade de ter um grupo mais coeso, que nos desse segurança pra tentar expandir as fronteiras do maracatu, conquistando outros espaços na cidade, nas comunidades, na mídia, para fortalecer o trabalho, batalhar por apoio, essas coisas. Como o nosso grupo é muito caótico, não sentimos firmeza pra iniciar propostas mais arrojadas, porque tudo o que se propõe é visto como autoritarismo, o que acaba matando as iniciativas individuais (...) acho que devemos parar

¹⁸ Além de músico profissional, Duque é sócio de um ateliê de instrumentos de percussão que vende para os grupos locais grande parte dos instrumentos que utilizam.

com essa frescura de "autoritarismo" que na verdade encobre uma baita insegurança coletiva de assumir uma atitude combativa e de mudança - parecemos um bando de bundas-moles, tendo que pedir licença três vezes antes de propormos qualquer coisa. (Em e-mail de Agosto/03).

Na fala de Corneteiro também ficam claras as diferenças existentes entre as posições assumidas dentro do AI quanto à relação com o mercado e à postura que deveria orientar a dinâmica interna do grupo. Essas opiniões eram partilhadas de um modo ou de outro por todos os membros que compunham este subgrupo.

Quanto à questão do apito em especial eram favoráveis à existência de apenas um apito, o que Duque justificou dizendo que se tratava de assumir uma responsabilidade perante o grupo e que, além disso, não seria qualquer pessoa que poderia exercer o cargo: “Tem de ter espírito de liderança, conhecimento básico de música, tocar todos os instrumentos, saber cantar, ter segurança, bom senso e saco! Como vai ser se neguinho tá lá apitando e, na real, sabe menos do que algumas pessoas que estão tocando?” (Diário de Campo, em 11/09/03).

Outro membro, Batuqueiro, embora defendesse a idéia de mais de uma pessoa no apito, também entendia ser este posto revestido de algumas atribuições as quais o grupo precisava acatar, nisso concordando com as concepções do segundo subgrupo, como explicita na sua intervenção:

... o arrasta ilha não pode, e nem deve ficar sem apito. (...) O apito tem que ter, não podemos nos enganar em achar que não. É ele quem decide nuância, fluência, cadência, andamento, toadas, DINÂMICA... Temos que ter uma visão de mais respeito sobre o apito. É uma resposta. O Duque teve a disposição e paciência de jó e a galera, na maioria das vezes, não respeitava ou se fingia de cegos e surdos. (...) O apito tem o direito sim de determinar, com respeito, o que cada batuqueiro tem que fazer e, o batuqueiro tem que fazer e ponto. Agora, se ainda tem gente que faz bico ou, “fica de mal”, com um tipo de coisa desas é um babaca orgulhoso e guri pequeno que só quer dormir em berço de ouro. Um grupo só se cresce com disciplina. Energia flui sim, mas não pra ficar viajando e achando tudo colorido.

Vão perguntar pro Baqueta e pro Atabaque como é que são as coisas la no recife. Eu sei que não dá nem pra comparar, mas a lição de disciplina, que é o maracatu, mostra o quanto isso é importante pro grupo. (...) Como é que um povo fudido, que vive na quarta pior cidade do mundo, consegue ter uma disciplina tão monstruosa? Amor, galera, muito amor. Sem invejas e richinhas. A paixão pelo baque tem que ser maior do que o nosso orgulho. Não vamos fazer as coisas, como a ângela amim, só por “faixada”... (Em e-mail de agosto/03, grifos do autor).

Nas manifestações de Duque e Batuqueiro sobressai uma outra distância: observei que, não obstante considerasse importante que o ocupante do apito tivesse as qualidades musicais necessárias a um regente, para o primeiro subgrupo o que parecia de mais importante – para a maioria desses - era que houvesse por parte dos apitadores empatia no relacionamento com os membros do grupo e afinidade com os propósitos que a maioria assumia quanto à existência do coletivo. A ênfase dada com frequência a aspectos como disciplina e poder hierárquico diante dos demais definitivamente dividia os subgrupos. Para os primeiros o apito era um ‘lugar musical’, um exercício musical que poderia ser experimentado alternadamente por mais de um membro, um meio para o crescimento musical e diversidade de experiência de cada um e não uma autoridade musical, como no Maracatu Nação – como fazia entender o segundo subgrupo.

Ao discutir a postura assumida pelo primeiro, o subgrupo do qual Duque fazia parte entendia a atitude assumida pelos defensores de mais de um membro no apito como egoísmo, uma vez que desse ponto de vista o grupo se manteria atendendo os interesses de apenas parte dos seus membros. Entretanto, vê-se que - objetivamente e em não havendo acordos - qualquer posição que fosse tomada seria parcial, visto não contemplar ao grupo por inteiro.

No cotidiano do grupo todas as divergências se intensificaram e marcaram definitivamente terrenos opostos quanto à defesa dos rumos que o grupo deveria tomar. Isso instalou uma rotina de insatisfações e reclamações explícitas e veladas de parte a parte, sem, no entanto, fazer com que os membros do grupo enfrentassem o problema diretamente. Seguidas intenções de se marcar uma reunião para discutir e resolver a situação não se materializaram por várias razões, especialmente a falta de disposição do grupo de enfrentar o problema de modo claro e direto. Por fim, diante de uma primeira decisão de Duque de não mais apitar, a discussão foi deflagrada pela lista de discussão do grupo. Por este canal várias pessoas se manifestaram aclarando as divergências internas, aparentemente inconciliáveis, para o coletivo e fornecendo mais conteúdo para as discussões dos subgrupos e tensionando ainda mais o contexto grupal.

Embora de modo inconstante e por um curto espaço de tempo, Duque se manteve apitando os ensaios e apresentações. Num ensaio posterior, em 17 de Agosto de 2003, diante da demanda de alguns membros de se marcar a reunião para se decidir a questão do apito, Duque, argumentando ser esta desnecessária, formalizou a sua saída da regência musical. Numa visita que fiz ao seu ateliê após essa data informou-me que havia sido “um alívio! Eu tava cansado de ter aquela responsabilidade, de ter que pensar o grupo,

pegar as parada e não ver muito compromisso do grupo” (Diário de Campo, em 11/09/03), evidenciando as diferenças de perspectiva a partir da qual se davam os envolvimento no coletivo. Disse ser difícil lidar com um grupo tão resistente a qualquer hierarquia e que até respeitava isso vindo daqueles que acreditavam nessa forma de pensar, como o Tirador de Loas, mas ponderava que muitos defendiam um grupo totalmente aberto porque era “cômodo chegar lá e tocar, ir embora e não ter nenhum compromisso de ter de voltar num dia certo, de encarar a responsabilidade. Deve ter gente que tem problema familiar com essa questão de autoridade. Acho que é isso...” (Diário de Campo, em 11/09/03).

Após o rompimento, Duque – aliado a alguns outros amigos e alunos - iniciou a formação de um outro grupo com base na oficina remunerada de maracatu que realizava com Corneteiro, aos sábados, no Colégio Aplicação-UFSC, idealizada e conduzida por iniciativa de ambos. Inicialmente o grupo se chamou de Catanhão e depois, Siri Goiás. Deste novo coletivo passaram a fazer parte, com o passar do tempo, por volta de oito membros do AI que se alinhavam de um modo ou de outro com a segunda proposição aqui apresentada.

Divergências, insatisfações e ressentimentos à parte, no geral, duas questões foram mantidas pelo coletivo durante o encaminhamento da questão do apito: uma primeira, a presença do tom afetivo e de busca de acerto com que a maioria dos membros se manifestava pessoalmente e pela lista em relação às pessoas e à problemática. Foram frequentes e-mails também de pessoas que não estavam no cotidiano do grupo – os flutuantes - resgatando a história de afetividade do mesmo, de realizações coletivas e apelando para que um entendimento fosse alcançado no sentido de se manter a mesma amizade entre as pessoas e o próprio grupo. Uma segunda questão diz respeito ao reconhecimento por parte da maioria do grupo - que o pensavam de modo mais solto - da legitimidade do interesse dos outros músicos em organizar um coletivo mais profissionalizado; apenas não concordavam ser o AI este espaço:

Velho, é legal que o Corneteiro esteja fazendo uma oficina e que eles até formem um grupo mais certo, mais treinado. Aí, vai ser o maior baque a gente se encontrando aí pela Ilha! O bom é espalhar mesmo o maracatu: ter uma galera no Rio Vermelho, outra no Campeche fazendo baque. Um dia a gente se junta e aí é muita energia! Maracatu é isso, velho! Mas aqui, no domingo, não pode acabar. (Porta-Estandarte, em Diário de Campo de 24/04/03).

Após a saída de Duque o grupo manteve os ensaios de domingo e as apresentações de apoio comunitário previstas para a Lagoa Pequena e o bairro Rio Vermelho. Com um número menor de participantes e sem o apito definido, o grupo seguiu

tentando se manter reunido e consolidar aquelas teses que defendia. A cada ensaio um ou outro membro, ou mais de um se dispunha a apitar e, nesse contexto, a participação de Embaixador foi se mostrando mais intensa na regência musical do grupo. Vários membros já sugeriam seu nome para o apito e de mais duas pessoas. Após um processo igualmente indireto e sem oportunidades formais de escolha ou confirmação, quarenta dias depois da saída de Duque Embaixador aceitou assumir a regência musical do grupo. Num dos ensaios subseqüentes, em 21/09/04, compareceu Duque para, ao meu ver, inicialmente certificar-se da decisão de Embaixador e, diante da confirmação do mesmo, cumprir um certo ‘ritual de passagem’. Ficou um tempo a observar o ensaio e depois juntou-se ao grupo e no descanso do ensaio, durante uma breve ‘reunião’, fez uma longa intervenção. Felicitou Embaixador por ter aceitado o “trampo do apito” e com isso manter o grupo vivo, o que “me deixa satisfeito, porque realmente este grupo é bom e não deve morrer.”. Disse que ocupando o posto de apito precisaria se esforçar, estudar, treinar como ele próprio havia feito e com isso aprendido muito. E para o coletivo ressaltou:

Galera, agora eu quero falar de algo muito sério; muito sério mesmo. É importante que as pessoas respeitem a pessoa que resolveu assumir este cargo. Ele que vai tá lá na frente, então, na hora, tem que fazer o que ele disser pra fazer. Como se diz, existem mil maneiras de fazer Neston, mas ali na hora não pode ficar cada um dizendo: “Ah, é assim, é assim”. Não. Depois diz, acerta, mas na hora tem que fazer o que o cara tá dizendo. Também essa parada de ter vários apitos eu nunca concordei. Acho que não dá certo. **Uma filosofia sem um líder não funciona.** Vamos esquecer esse negócio de democracia, porque no grupo tem opinião demais e nos grupos de maracatu é diferente, não dá pra fazer o que cada um quer (Diário de Campo, grifos meus).

Como a fala se estendia sobre outras recomendações a Embaixador, ao grupo e sobre os ensaios para o carnaval os presentes foram manifestando uma certa impaciência e as vozes começaram a se cruzar em conversas paralelas. Após um breve rufo de alfaia Lanceiro falou: “Vamo, galera, que eu tô doido pra tocar!”, expressando verbalmente o entendimento que a maioria manifestava de outro modo – de que a discussão sobre o apito que ali se desenrolava já cumprira a sua finalidade, não restando mais a se alongar.

Selava-se ali no coletivo e de público o afastamento de Duque e as diferenças em relação a alguns aspectos que mantinham as divergências entre os subgrupos. Com a continuidade e sob a regência de Embaixador cessaram as discussões em torno da questão do apito, inclusive quanto à existência de mais de uma pessoa no posto. Isso se verificou até o final da observação. No carnaval seguinte, em fevereiro de 2004, concretizava-se o último

‘ritual’ de separação dos grupos que foi o abandono do caramujo como *logo* até então utilizada¹⁹. O estandarte e as camisetas confeccionadas traziam uma arte, também criada por outro membro do grupo, representando um cortejo de maracatu:



Fonte: Trivella, 2003

Nos ensaios, após essa data, era visível uma maior participação dos membros, tanto puxando loas, quanto às vezes, apitando. A participação das composições locais apareceu fortalecida, com vários membros trazendo loas de sua autoria para ensaiar e uma maior presença destas nos repertórios executados pelo grupo nas apresentações diversas que presenciei no período observado. Com a continuidade, o grupo voltou às suas rotinas de ensaios, apresentações e encontros diversos entre seus membros.

Uma vez consumada a separação do grupo, permaneci acompanhando apenas o Arrasta Ilha, que era o sujeito constituído inicialmente para estudo, muito embora tenha continuado procurando os ex-membros para discutir sobre o AI, o processo de separação, entre outros. Pude ainda, no dia 05/12/03, presenciar os dois grupos tocarem juntos pela primeira vez. Foi numa apresentação de rua, no centro da Lagoa da Conceição, em apoio ao show que o Tributo a Chico Science faria naquela noite.



¹⁹ Durante o processo de separação, o membro que à época criou a *logo* do caramujo alinhava-se ao subgrupo ‘representado’ por Duque e com o rompimento passou a fazer parte do Catanhão.

O ambiente parecia descontraído e alegre entre todos. Antes da apresentação, cumprimentaram-se com certa naturalidade, conversaram. Durante a mesma, fizeram rodas de baque²⁰, puxaram loas alternadamente. Pareceu-me uma busca de superação dos ressentimentos; um encontro de pacificação entre os dois grupos. O reconhecimento devido do espaço que cabia a cada um. Esse encontro foi, por assim dizer, o epílogo de uma inquietação que Corneteiro explicitara no seu e-mail de Agosto: “Uma coisa une a todos, a vontade de batucar juntos, mas o que deve ser o grupo, isso é uma coisa que ainda não se definiu, apesar de termos crescido bastante na nossa identidade de batuqueiros.”. Ali se operava uma demarcação de território, do ‘outro’; uma diferenciação aparentemente sem estranhamento.

Após esse encontro, noutra apresentação que se seguiu, alguns membros do Catanhão, inclusive Duque, estiveram presentes e as relações se deram como antes relatado. Ao término, Duque convidou o AI para tocarem juntos no carnaval de 2004 que se aproximava e retomou a antiga proposta de promoverem juntos o encontro semanal de batuqueiros. Depois desse período a tendência foi efetivamente de ocupação de espaços diferenciados e de encontros aleatórios, com cada grupo seguindo o rumo que escolhia para si num cenário emoldurado pelo eco do batuque do maracatu ricocheteando nas montanhas da Ilha.

3.1.2.3 Ensaios, apresentações e encontros diversos

O espírito solto e coletivista do grupo se destaca nos momentos de ensaios, apresentações musicais e encontros outros, e se manifesta de várias maneiras. Quanto aos primeiros, inicialmente destaco que o ambiente dos ensaios atrai, além dos membros fixos, os flutuantes, considerável quantidade de amigos, jovens que participam de outros



²⁰ Rodas de baque: junção de dois ou mais músicos tocando dentro da formação ou fora dela, como se tocassem um para o outro. Puxar loa: iniciar cantos a ser executado pelo grupo.

grupos alternativos²¹ e o público que aparece em pequeno número.

Outra parcela de presença é dos novatos que desejam experimentar o maracatu. Em quase todos os ensaios é possível verificar uma ou outra pessoa tentando tocar um xequerê, um abê ou uma alfaia. Os membros do grupo mostram-se receptivos aos novatos e a maioria é bastante disponível em introduzi-los nos primeiros toques. É comum cederem o seu próprio instrumento a quem está chegando pela primeira vez àquele espaço, estimulando e ensinando como proceder. As reservas quanto a esse comportamento serão abordadas à frente.

Da relação com os instrumentos observei ainda algo particular, que é aquilo que o próprio grupo chama de “botar na roda”. Isso significa dispor para o grupo o que cada um tem. É comum a cessão de uma alfaia, xequerê ou outro instrumento que se tenha a mais para um membro que está sem instrumento ou um amigo ou visitante que chega e quer tocar, assim como é corriqueiro o instrumento de alguém seguir para as apresentações, mesmo que seu proprietário não esteja no evento. Por vezes são enviadas à lista de discussão *e-mails* de pessoas procurando algo seu que foi deixado em algum ensaio ou levado pelo grupo a alguma apresentação, recebendo as informações de um ou outro membro acerca do paradeiro do mesmo. O comportamento desprezado também é ostensivo no ambiente dos ensaios e apresentações quanto aos pertences gerais de cada um. Próximo ao grupo sempre há um amontoado de bolsas, mochilas, capacetes, bicicletas, instrumentos, capas de alfaias, roupas de inverno, garrafas d’água, entre outros, dos quais ninguém cuida especificamente e aonde todos têm livre acesso. Essa pilha de coisas também é muito utilizada como local de ‘descanso’ nos intervalos dos ensaios. Não percebi nenhum tipo de apreensão quanto a roubo e desaparecimento e nem a ocorrência destes por todo o período em que acompanhei o grupo.

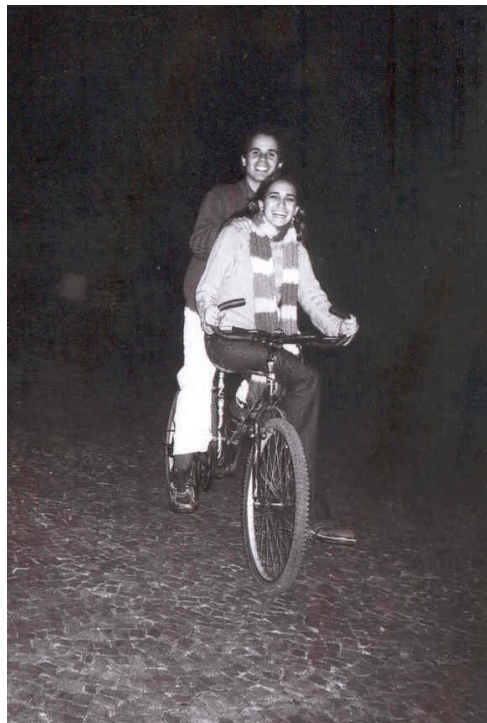


²¹ Destaco a presença das jovens que praticam a dança afro, os malabares ou o *swing* de fogo. As primeiras dançam ao som dos tambores, incorporando-se ao ensaio. E os demais, quando presentes no local,

Quanto à rotina do ensaio propriamente dita, a participação de cada um, no geral, mostra-se bastante livre. Não obstante se tratar de um treino, onde efetivamente preparam a sua performance musical, durante o mesmo não se prendem unicamente aos seus próprios instrumentos, mas freqüentemente experimentam outros disponíveis. Muitos se movimentam na formação fora das pausas formais, saindo para dançar, descansar, brincar, beber água, fumar, às vezes, comer algo. Alguns se permitem intervalos para conversar com amigos presentes no local, para andar de bicicleta, jogar malabares etc., retornando posteriormente ao treino. Esse retorno freqüentemente acontece para o instrumento de outro amigo, já que o seu foi ocupado por alguém, sendo comum tal prática nas rotinas de ensaio.



permanecem fazendo suas práticas, ajudando a compor a cena geral dominada pelo som dos tambores.



Ao espectador ali presente três cenários, portanto, se delineiam: o de um ensaio de um grupo musical; ordenado pelo apito, obedecendo certa formação, paradas, repetições, instruções, idas e voltas na execução, normais ao contexto de qualquer treino. Outro movimento produzido é de um encontro festivo entre muitas pessoas conhecidas de dentro e de fora do maracatu, que demonstram compartilhar algo de prazeroso, como as pequenas rodas de baque, as danças, as conversas, os sorrisos, as brincadeiras, os abraços, os beijos, as trocas gerais. Um terceiro modo de ver o momento do ensaio é como um ponto de encontro daqueles que tomam a música, a arte e certo modo de colocar-se na sociedade – já explicitado - como algo que articula suas experiências atuais de vida:

[O AI não pode deixar de] tocar por tocar na domingueira aqui da UFSC. **Aqui é onde a galera vem sabendo que o Arrasta tá aqui, vem aí faz um baque, aprende.** Isso aqui tem de ser sagrado, a gente vem pra vadiar... (Mestre, Diário de Campo, em 07/09/03, grifos meus).

A maioria dos membros do grupo tem essa opinião acerca dos ensaios de domingo: que ele seja um ponto de referência para quem busca participar desta articulação juvenil da qual o maracatu acaba fazendo parte e que seja aberto a quem chegar e desejar experimentar qualquer instrumento. Pelo significado geral que este momento do grupo adquire na sua existência, a denominação de ‘ensaio’ para tais encontros se justifica muito mais pela força do hábito do que pela realidade que os marca. Ou pode ser interpretado como adquirindo um novo significado: ensaio no sentido de experimentação de várias coisas que o momento propicia quanto a e para além da música.

Quanto às apresentações de um modo geral, durante a pesquisa essas foram partes importantes da rotina grupal. Podem se caracterizar em diversos tipos, **realizadas em locais públicos ou privados, abertos ou fechados**, a partir de motivações várias e ainda **apresentações formais gratuitas ou remuneradas**. No tocante aos tipos, o próprio grupo as denomina informalmente de **gréas ou chega-e-dá-lhe, encontros de batuqueiros, baques-pedágio, participação/apoio a manifestações populares e apresentações formais**.

As **gréas** são as freqüentes apresentações improvisadas de rua, combinada rapidamente com aqueles que estão no momento que surge a proposta e, por vezes, divulgada na lista de discussão do grupo ou por telefonemas. É livre a participação a membros de outros grupos e batuqueiros diversos que estejam presentes no local, muito embora isso não seja freqüente, tendo em vista que não há muita divulgação em torno e quando há é quase sempre restrita ao grupo. Não tem hora certa para começar, nem para terminar. A vontade de tocar e a animação do ambiente - o axé, como dizem - é quem vai modulando a duração, bem como o envolvimento e permanência de cada um.

Pude perceber que as **gréas** são encontros de puro lazer e descontração. É um momento onde tocam livremente. Muito embora tenha o apito de alguém – não necessariamente daquele que normalmente rege a atividade musical do grupo – tocam de improviso, inventam e brincam. Qualquer batuqueiro pode puxar loas ou sugerir baques. Os novatos se arriscam mais nos batuques e experimentam instrumentos novos. Não há a preocupação com a qualidade da apresentação ou a performance do grupo.

Menos freqüentes que as **gréas**, **os encontros de batuqueiros** são o que o nome diz: oportunidades marcadas com antecedência entre os grupos que lidam com percussão na cidade. Ocorrem normalmente nas vias públicas e são abertos a todos os membros dos variados grupos e a finalidade maior é a congregação entre estes e o experimento coletivo dos trabalhos que fazem. Não há repertório previamente definido e a escolha musical é espontânea. Também é livre a iniciativa quanto a qual dos grupos puxar e a música a tocar. Quando os ritmos e experiências são diferentes – como é o caso do boi-de-mamão – pude perceber o respeito e o esforço de cada um em acompanhar o grupo que no momento está em destaque. Às vezes o encontro é espontâneo, quando coincide de mais de um grupo estar se apresentando no mesmo local. Também neste caso a rotina de apresentação é a mesma.

A dinâmica aqui descrita acerca do encontro de batuqueiros não se verifica quanto aos encontros nacionais dos quais o grupo tem participado. Nestes, tanto o grupo

toca junto com outros, quanto se apresenta sozinho, como presenciei no II Encontro de Batuqueiros, realizado em Itu-SP, no período de 30/10 a 02/11/03. Estes são momentos grandiosos, cujo teor fica bem ilustrado pela fala de Lanceiro:

“Cheguei-meu-povo... Que porraço galera... O que foi aquele baque em Sampa, eu fiquei imaginando, nquanto agente tocava como seria no dia em que o Arrasta ilha tivesse aquele tanto de gente tocandoe dançando. É outra viagem tocar num baque com aquele tanto de gente, e ainda mais com uma galera dançando e mandando o axé. Nesse baque que eu senti o chão tremer de verdade! (...) o baque em Sampa e o encontro apareceram como uma puta fonte de motivação pra galera estar tocando e essa história tals (...)! Eu boto fé!Galera que foi, munto obrigado a parceria! Galera que não pode ir, se aveche não que tem munto mais reservado pro [próximo] encontro. Afinem as alfaias, apertem as esteiras das caixas, preparem os chequerês, ganzás e uma baqueta bem forte pro gonguê porque o bicho vai pegar em novembro!!!! Caboclo vamo simbora, cumprir nossa obrigação...” (Lanceiro, e-mail de Outubro/03).

Ainda sobre os encontros, acrescento que por todo o período da pesquisa o AI manifestou o interesse de organizar um encontro permanente de batuqueiros semelhante ao “Traga a Vasilha” que acontece no Recife-PE, no centro antigo da cidade. A idéia é que fossem encontros regulares, possivelmente semanais, num mesmo local, onde todos os batuqueiros teriam livre acesso. Seriam momentos de “tocar por tocar”, como dizem, e de troca de experiência. Entretanto, até a minha saída de campo isso ainda não havia sido viabilizado.

Os **baques-pedágio** são apresentações públicas que acontecem no centro da cidade e/ou no centro da Lagoa da Conceição e que têm por finalidade arrecadar fundos para viabilizar as atividades do grupo, como oficinas de maracatu e participação coletiva em encontros de música. São eventos mais formais, marcados com antecedência durante os ensaios ou reuniões do grupo e divulgados na sua lista, por contatos telefônicos e/ou pessoais. Aqui já existe uma certa preocupação em se apresentarem vestidos com a camisa do grupo, no sentido de identificá-lo melhor. A apresentação normalmente acontece com o grupo em formação e coordenado pelo apito; apenas os membros do grupo presentes tocam nesta oportunidade. Nos intervalos da exibição, membros do grupo se apresentam ao público e solicitam sua contribuição, explicando para qual fim se presta a arrecadação. Por último, **as apresentações formais**²². São os momentos onde o grupo melhor se coloca para

²² Chamo de apresentações formais as oportunidades em que o AI é convidado enquanto grupo e faz a apresentação sem a participação de outros grupos na sua formação ou ainda quando se apresenta considerando relevante a sua identificação. São momentos em que é identificado enquanto Arrasta Ilha na sua interlocução com o público.

o público enquanto grupo; utilizando figurino, tocando em formação sob o apito de um único regente, com a participação apenas dos seus membros e em algumas ocasiões, com o repertório já decidido. É a oportunidade onde o grupo ‘mostra a sua cara’ de modo mais organizado. Por se darem desse modo, as apresentações formais se mostraram desde o início como um momento de síntese do grupo acerca dele próprio, propiciando reflexões sobre as suas escolhas e sendo um mecanismo de tomada de posição do grupo no cenário político e cultural da cidade.

Os primeiros convites recebidos pelo grupo no começo de sua formação já colocaram para os seus membros a necessidade de ter mais claro que opções fazer no imbricado universo político florianopolitano. A partir dali os caminhos foram-se definindo e, de certo modo, o perfil hoje assumido pelo grupo foi também se delineando, como apresenta a fala seguinte:

acho que uma vez que teve a discussão [sobre apresentações] assim, foi bem nessa época do lance, assim, do MacDonlad’s, né? A gente, assim: “Pô, tá, então vamo tocar em qualquer lugar?”. Surgiu o convite assim, o maracatu começou a estourar, né, a gente fazia os baques, o pessoal gostava. A gente sentia que o pessoal tava gostando e de repente surgiu a pergunta: “Onde convidar a gente... a gente vai tocar? Qual vai ser o critério pra gente tocar, né?” Então, assim, o que a galera concordou é... assim: “Porra, não vamo tocar aí prum... pra galera que vai, sei lá... pra político, principalmente político, né, esses... PFL, político de direita. Não vamo tocar pra empresário que tá construindo, sei lá... pra Ford ou pra alguma coisa assim, construindo história em mangue ou em alguma coisa”... Isso é um critério, assim, que está norteando. O resto, é o que vier. Se tiver cachê, beleza. (Tirador de Loas, em entrevista, em 17/07/03).

Durante a investigação pude acompanhar que embora o grupo tenha conseguido à época eleger esse ponto de partida acima colocado por Tirador de Loas, o mesmo não conseguiu se fortalecer como consenso estabelecido dentro do grupo, especialmente no tocante a tocar para políticos, como dizem. Muito embora seja claro que a maioria partilha do que coloca Tirador de Loas, as discussões têm retornado ao grupo, que refaz os acordos sobre a avaliação de cada proposta recebida. Até onde acompanhei, a decisão encaminhada foi, em todas as oportunidades, de rejeitar as propostas que se afastam da orientação geral adotada pelo grupo.

Quanto ao tipo das apresentações formais do grupo essas podem ser públicas ou privadas, realizadas em ambientes internos ou externos e ainda gratuitamente ou sob remuneração. Nas apresentações formais o grupo toca com os membros presentes, em formação, sem improvisos e sob a regência do apito – exceção feita aos apoios às

manifestações populares, conforme explicado a seguir. A participação do grupo é pré-estabelecida e ocorre de acordo com a programação do evento. O figurino também é utilizado pela maioria dos membros do grupo.

As **apresentações públicas e gratuitas, motivadas por convites externos** – dirigidos ao grupo ou por iniciativa dele próprio, como é o caso do carnaval - constituem a maioria do que o grupo faz. As demandas existentes são tanto atinentes a encontros e festas populares e/ou culturais ou a participação/apoios a causas defendidas por determinados setores populares com as quais os membros do grupo têm afinidade. Os convites são originários de comunidades e organizações de bairro, determinados segmentos sociais – como estudantes, negros, sindicalistas, ONGs – ou de coordenações de eventos mais massivos, como o Painel de Expressão, a Kizomba e a SEPEX-UFSC etc²³. Nesses casos o grupo se apresenta dentro da programação do evento como atração exclusiva ou junto a outros grupos artísticos. Com certa frequência recebe contribuição para o deslocamento, normalmente a cessão de um transporte que o conduza até o local, e/ou lanche.

Nas oportunidades em que as apresentações do grupo se deram em apoio às manifestações populares, estiveram relacionadas às questões ecológicas, como a defesa da Lagoa Pequena e do Parque da Luz – espaços públicos constantemente ameaçados pelos interesses da especulação imobiliária -; às questões comunitárias, como a defesa do Campo de Aviação do Campeche como espaço de livre acesso aos moradores do bairro, do Bosque da UFSC e do espaço de ensaios do grupo Arréda-Boi; às questões político-sociais, como o apoio ao Movimento Passe Livre e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra e, por fim, às questões relacionadas à paz, como as manifestações contra a guerra no Iraque e contra a violência no bairro Rio Vermelho. Apresenta-se sob convite e em via pública. Identifica-se enquanto grupo, mas não ocupa o principal destaque da ocasião. Coloca-se como apoio à causa e inclui-se na programação já estipulada pelos promotores do evento. Até onde pude conferir este tipo de apresentação do grupo geralmente conta com uma quantidade menor de participantes, havendo um certo revezamento entre eles. Possivelmente a rotatividade se dê em função das afinidades que possuem com uma causa

²³ **Painel de Expressão-Explosão da arte comprimida:** evento cultural anual, produzido por Yula Jorge, onde se apresentam diferentes manifestações artísticas locais. **Kizomba:** evento anual realizado pelo Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) do Centro de Ciências da Educação (FAED) da UDESC, festeja a manifestação cultural afro-descendente. Realizada em Novembro, em comemoração ao aniversário de Zumbi dos Palmares. **SEPEX-UFSC:** trata-se da Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFSC, que além da apresentação anual dos trabalhos realizados por esta universidade, apresenta extensa programação cultural.

ou outra. Dependendo da quantidade de membros presentes, tocam em formação ou fazem uma apresentação mais livre.

Em relação ao significado das apresentações que fazem os entrevistados são de opinião que aquelas de maior relevância são as que vinculam o maracatu a um certo compromisso social:

Agora, um lance assim: o carnaval pra mim eu achei legal, tipo, nossa, de ter tocado como apresentação; de ter tocado em vários lugares da Ilha, ter tocado... mas pra mim foi muito mais significativo, por exemplo, ter subido o Morro da Penitenciária do que tocar na Lagoa. São apresentações... dependendo de onde você está com o maracatu, são coisas totalmente diferentes. A energia do pessoal é diferente. Você tá na Lagoa, no centrinho da Lagoa, no Carnaval, com gente pirando à sua volta, uma massa de gente, mas que tá lá de fanfarra, de porra-louquice, né? E se, de repente, se você sobe o Morro da Penitenciária tem aquela criançada dançando em volta de você, te olhando com um olho assim de admiração, de espanto, tipo, “pô, o maracatu subindo o morro, né?” e na real, ele veio do morro. Ele veio das senzalas, assim, de uma área bem menos privilegiada, assim. Então, botar o maracatu de volta nesses lugares pra mim foi um negócio que me tocou mais... as apresentações dos morros, da escolinha do Morro da Caixa. Sempre foi onde eu mais gostei. (...) A gente sempre buscou atender a necessidade de tocar, que é uma necessidade que surge, né, de tá no morro, de botar numa comunidade, de tá lá, né? (Tirador de Loas, em entrevista, em 17/07/03).

Até mesmo assim... o que eu aprendi com a galera do Hip Hop de trabalhar em São Paulo, de ir em comunidade, de passar o meu conhecimento... Sabe, a impressão que a gente tem aqui de tá podendo ao mesmo tempo tá na Lagoa da Conceição – que é um lugar que, assim, eu não sinto tanto prazer de tocar – ou tá no Morro da Penitenciária, pra mim já é uma outra coisa! Que eu acho que é um papel do grupo importantíssimo, que não deve... acho que, pô. Vou fazer uma gréia, sei lá, na Caieira, chamar a galera, né, movimentar mais essa parada do... trabalho comunitário, social, assim. Acho que tá na nossa raiz, que é o que todo mundo quer, na real. Mas eu... o grupo eu boto uma fé, mesmo a gente capengando, aos trancos e barrancos... (Rainha, em entrevista em 25/04/04).

No sentido que colocam os entrevistados encontrei no período da investigação uma receptividade muito grande do grupo como um todo diante dos convites provenientes de setores populares em geral; em especial das comunidades de maiorias negras ou faveladas. Por essa escolha é que o grupo se apresentava com frequência nesses locais, incluindo o Morro do Monte Serrat, Morro da Penitenciária, Morro da Caixa, Morro da Serrinha, a comunidade Chico Mendes, a favela do Siri e os bairros populares Caieira do Saco dos Limões, Rio Vermelho, Barra da Lagoa dentre outros de Florianópolis.

Ainda acerca da vinculação do AI com o trabalho comunitário acrescento que este também se materializava na oficina de maracatu oferecida por membros do grupo para

crianças do bairro Caieira do Saco dos Limões. A fala de Rainha sumariza bem o vínculo existente: “Sabe qual é o meu sonho? É o Arrasta Ilha ir pra dentro de uma comunidade, sabe? Arranjar um barracão, um espaço, ensaiar lá, ficar lá e, tipo assim, ser dali. É o Arrasta Ilha da comunidade tal, o maracatu dali...”. (Diário de Campo, em 02/12/03). Nesse mesmo sentido é que se manifesta Batuqueira:

O maracatu é uma manifestação do povo, acho que por isso o grupo arrasta ilha sempre buscou ter esse caráter livre de qualquer valor. **Nada se paga p/ participar do grupo, apenas o interesse e a própria presença.** (...) E assim, o maracatu cada vez mais vai se fortalecendo aqui na ilha, essas visitas [dos Mestres] trouxeram junto aos toques dos tambores seus legados. O maracatu já não mais depende exclusivamente de nós, já está aqui pelos seus próprios rituais, rufando o interesse em muitos lugares e pessoas. O que nos está permitido, é continuar sua propagação, para que nossas crianças tb possam conhecer e prosseguir esta linda manifestação cultural. (E-mail de 02/09/03, grifos meus).

Embora o grupo faça apresentações remuneradas, para a maioria dos seus membros a gratuidade é algo que tem um papel central para o grupo e assim deve ser mantido: “Se o cara vai tocar tipo profissional, aí vai ser na obrigação: toca nem que não queira, sem vontade. Tá lá no compromisso. A gente, não. Toca pela água, pelo prazer de tocar. Lá mesmo no Cordel a gente livrou a entrada e já tava bom demais! Foi um baque encarnado pra caralho!” (Mestre, Diário de Campo, 07/09/03). Outro membro manifestou-se no mesmo sentido: “Neste domingo no ensaio do nosso querido grupo resolvemos fazer um baque no centro nesta quarta (concentração meio dia e saída meio dia e meia), na frente da catedral!! Motivo: O prazer de tocar na rua e para o povo. Além disso, a despedida do Atabaque”. (Caboclo de Pena, em e-mail em 15/09/03).

No tocante às atividades remuneradas as propostas são avaliadas levando-se em conta os mesmos critérios já discutidos. Se a apresentação remunerada não é mais tabu no grupo, e este tenha demonstrado a cada dia maior amadurecimento em lidar com as mesmas, estão longe de ser algo simples. A cada convite polêmico que recebem, refazem a discussão reafirmando o tipo de escolha que orienta a postura do grupo e que venho pontuando ao longo do texto. Foi a partir dessa postura adotada que o grupo não aceitou o convite para tocar no Mac Dia Feliz, da empresa MacDonald’s, e no Jurerê Internacional²⁴ no ano de 2001. Durante a observação, se recusaram a receber o patrocínio do Anglo Vestibulares para o carnaval 2004 por não concordarem em estampar a propaganda da

²⁴ Núcleo habitacional de luxo situado na Praia de Jurerê, reconhecido pela sofisticação de suas mansões e pela infra-estrutura urbana de que dispõe.

escola nas camisetas que usariam. Também não aceitaram os convites para tocar na última campanha eleitoral deste mesmo ano, embora procedessem de partidos considerados de esquerda. Em relação a esta última decisão, a postura não foi unânime, existindo membros do grupo favoráveis por entender que se trataria apenas de prestação de um trabalho remunerado, mas a maioria considerou mais acertado não favorecer determinadas posturas com a sua presença e atuação.

A observação de campo me possibilitou constatar que não é o pagamento que define o nível de envolvimento do grupo para com a apresentação – de qualquer natureza - ou seu tempo de duração etc. Percebi que se movem muito mais pela resposta do público presente. Caso este se envolva com a música, trocando com o grupo o que chamam de “axé”, de “energia”, a apresentação se estende para além do contratado/acertado e segue o ritmo da satisfação do momento. Abre espaço para o informal e é conduzida, inclusive, com o envolvimento do público presente. Transforma-se numa festa coletiva, onde os limites entre músicos e público perdem nitidez. Por mais de uma oportunidade presenciei o grupo deixar a formação e se distribuir entre as pessoas estimulando-as a se envolverem com a música, os instrumentos e a dança. Nas comunidades, esse cuidado se deu em especial com as crianças presentes.



Quanto aos demais encontros grupais que ocorrem, tratam-se de reuniões – menos freqüentes – e de momentos mais específicos para confraternização²⁵ onde também é comum a participação de membros de outros grupos. Destaco aqui os encontros para confraternização.

Reforçando este norte geral encontrado no tipo de convivência que elegeram e do quanto ela sustenta e explica a realidade grupal verifiquei, a partir de questionários e observação, que as alternativas de lazer mais desfrutadas são também aquelas que envolvem diretamente os amigos e seus ambientes, o tipo de música que escolhem partilhar e as comunidades em que estão inseridos quais sejam: festa na casa de amigos, atuação pessoal em atividades musicais e festas populares/atividades culturais públicas. Acompanhei a correspondência virtual e os acertos verbais compreendendo que normalmente as festas com os amigos ocorriam em torno das seguintes razões: aniversários, “celebrar a amizade”, “pelo simples prazer de estarmos juntos”, “pelo prazer de tocar”, “fazer uma jantinha no fogão de lenha”, “fazer chapatinhos”, inaugurar novos locais de moradia, batucar, reunião e festinha (*e-mails* da lista de discussão e Diário de Campo).

Dos encontros que aconteceram nas casas participaram os membros do grupo e outras pessoas dos ‘1.700 amigos’²⁶, como alguns membros flutuantes do AI. Ao mesmo tempo, percebi que alguns membros fixos do AI não se faziam presentes nesses encontros, apesar de grande parte dos convites ser colocados na lista. Apenas uma certa “galera” partilha das festinhas e similares.

Um certo ‘ritual’ na realização dos encontros. A primeira marca dos mesmos talvez seja a quase total desconsideração de horários. Frequentemente se é pouco preciso quanto à hora de início de tais atividades e geralmente os jovens chegam atrasados²⁷ em relação ao indicador - mesmo impreciso - do horário. Os cumprimentos pessoais ao se encontrarem ocorrem através de trocas de palavras carinhosas, sorrisos, abraços, beijinhos na boca, beijinhos no rosto e afagos. Interessante destacar que, para grande parte dos

²⁵ Os encontros do Arrasta Ilha – espero deixar claro - não se dão a entender de modo tão estanque. Quando me refiro a ‘momentos de confraternização’ apenas e tão somente quero dizer que não há um ensaio previsto ou uma apresentação, visto que a idéia da **confraternização** atravessa praticamente todos os momentos em que o grupo se encontra reunido e depende mais do ‘clima’ do que da natureza da presença no local.

²⁶ Expressão que ficou codificada para nominar a gama de relações de amizade que permeiam os vários coletivos dos quais fazem parte.

²⁷ Não se trata de uma exceção; é uma regra da convivência grupal que se verifica em todos os encontros informais e em grande parte dos formais – como ensaios e apresentações. Nessas oportunidades, as cobranças são feitas, mas no geral os atrasos são tolerados sem maiores problemas.

membros, a diferença de gênero não possui importância maior enquanto parâmetro do tipo de cumprimento a ser trocado entre a maioria das pessoas, como explorarei mais à frente.



Nos encontros, o alimento ocupa uma posição importante na ritualística do grupo. Aparece como razão de congregação e é celebrado como especial por grande parte das pessoas. Na alimentação, além das alternativas domésticas²⁸ rápidas e improvisadas características dos jovens de todos os tempos, são muito presentes o macarrão, os pães, os bolos, as frutas, verduras, pratos vegetarianos e de culturas alternativas. Alguns membros do grupo não consomem carnes. A feitura dos pratos envolve várias pessoas – homens e mulheres - não se prendendo unicamente à figura do anfitrião. Normalmente todo o custeio é feito pela coleta de contribuição livre entre os presentes. Além do cardápio combinado, é comum a iniciativa quanto ao ‘inventor’ de coisas novas. As bebidas incluem o café, os chás, os sucos e a cerveja. Pude verificar que no mais das vezes o consumo do alimento e da bebida, especialmente a cerveja, se dá sem ocorrência de excessos ou desperdícios. O baixo poder aquisitivo encontrado em relação à maioria pode ser uma das razões que justificam tal realidade²⁹.

²⁸ Vige no grupo uma resistência explícita e aparentemente consensual a *fast food* procedente de grandes cadeias de lojas. É motivo de gozação entre os mesmos quando alguém consome produtos dessa origem. Numa das entrevistas, por oportuno, Baiana instigou Caboclo de Penas a fazer a ‘confissão’, ao que ele informou: “Qual? Tá ok, ok, ok. Eu confesso: semana passada eu fui no MacDonald’s... Fui no *drive thru*, cara, comprei um BigMac... BigMac não, Cheddar! Saí de madrugada, com fome, na Beira Mar não tinha nada aberto...”; ao que Princesa comentou: “Não, mas vou falar que me deu uma vontade de comer no MacDonald’s nesse final de semana, cara... eu confesso! Me deu vontade, mas eu não comi”. (Em 01/05/04).

²⁹ Nos momentos externos muitos que acompanhei o grupo, em ensaios, apresentações e viagem, pude ver que o alimento e a bebida adquirida via compra é de pouca quantidade. A água, o refrigerante e, em pequena escala, a cerveja são os preferidos e os lanches rápidos são a alternativa utilizada. Nos ensaios por vezes algum membro leva de casa bolo ou biscoito que são divididos para todos.



A música, presença obrigatória nos encontros, resume-se aos ritmos populares, especialmente os ritmos nordestinos - como maracatu, coco, baião, ciranda, xote etc - o chorinho e ainda uma discreta presença da MPB como classicamente entendida. No mais das vezes, o improvisado com os instrumentos – pífanos, pandeiros, tambores, triângulos, rabeca, ganzás - toma o lugar dos aparelhos de som, seguindo o mesmo tipo de escolha musical. A dança, menos expressiva, também se pauta por igual escolha, incluindo ainda o cavalo-marinho e o forró.

As conversas públicas giram prioritariamente em torno das experiências que estão vivendo em relação aos grupos que participam, das atividades grupais e de eventos e atividades correlatas às suas áreas de interesse. Como os eventos normalmente não tem hora para acabar, é comum alguns pernitem na casa onde acontece o encontro. É nessa partilha que seguem nas relações que os une, seja em momentos considerados de maior formalidade, como as apresentações, ou nesses outros de completa informalidade.

3.1.2.4 Os sentidos de tocar maracatu: do batuque aos querer e poderes.

O maracatu, como já explicitado, é uma tradição cultural complexa se apresentando dentro do grupo como uma expressão musical que tem oportunizado sentidos diversos para os participantes. As observações demonstraram ser a musicalidade um importante ponto de partida, tendo sido o primeiro chamamento ao encontro entre aqueles que viriam a construir o futuro grupo: “Na verdade, é assim: eu já me interessava há bastante tempo por esses ritmos brasileiros aí. E aí teve um dia que eu vi um cartaz lá na

UFSC da oficina que ia ter de Maracatu Nação. E aí foi quando eu fui...” (Duquesa, 17/07/03); “...eu vi o cartaz da oficina do Gonguê, né, da primeira oficina dele... eu achei legal pra caramba, assim, fiquei super na pilha...”. (Batuqueiro, em entrevista, em 25/04/04).

O batuque do maracatu me pareceu desempenhar papel especialmente importante nesse processo, como podemos ver pelos depoimentos:

...quando eu vi o maracatu a primeira vez... Nossa, cara! Passou um sentimento por dentro de mim: “Que que é isso, cara? Que baque é esse aí? Que porrada que é essa?” E eu ficava assim ... não conseguia ficar parado: tchuco, tchuco, tchuco... dançando assim junto! E eu olhava ao redor e todo mundo também assim vidradaço naquela magia que tava rolando naquele momento, né. (...) Depois que eu vi aquilo, já fui lá no pico! Já me lembro que eu coleí no Conde: “Ah, como é que amarra isso aí...”. “Não, aprende aqui!” Tentando chegar e aprendi. Aí é como o Duque falou: não consigo mais parar de pensar no maracatu; uma coisa louca! Tô em casa, assim, tô no ônibus, tô: paco, tchicopaco, paco, paco. Aí já fico pensando uma música: “Pô, dá pra fazer altos sons em cima dessa batida...”. (Mestre, em entrevista em 19/07/03).

Eu vi essa primeira apresentação que vocês fizeram depois dessa primeira oficina do Xequerê, no carnaval, e aí eu me empolguei pra caramba. E aí... ah, eu senti bastante curiosidade assim desses ritmos, né, e tal, e quando eu vi vocês tocando, pô, achei muito massa e eu queria fazer também. (Príncipe, em entrevista, em 19/07/03).

Para além do intenso envolvimento com o ritmo, desde os primeiros encontros foi se delineando para o grupo a percepção de que o maracatu não se esgotava no batuque *per se*. A musicalidade, a herança cultural como um todo e as interações propiciadas nesse ambiente falavam de uma complexidade e envolvimento – “uma energia” – que se estendiam para além do simples tocar um instrumento. Essa nova postura, de alguma forma, passou a permear a experiência da maioria dos participantes, modificando o maneira como se colocavam diante da música e introduzindo para muitos deles vivências míticas relacionadas ao universo do maracatu que até então se faziam ausentes da prática de cada um:

Acho que por essas experiências todas é que eu acho que é uma responsabilidade muito grande [tocar maracatu]. Eu lembro das primeiras vezes que eu tava indo lá no domingo, o Xequerê tava aí e ele falou uma coisa que eu... nossa! de cara assim eu ... Ele falou: “O que vocês tão fazendo aqui tem outra pessoa noutra lugar que tá olhando por vocês”. Eu falei: “Gente! Que papo é esse? Que resposta!” Não é só chegar ali e tocar. É uma coisa muito forte, uma resposta que a gente sente. Essas vibrações, essas presenças mostram assim a importância de tá consciente.

Mesmo que a gente não tenha uma ligação com o Candomblé muito profunda com o Recife, mas tá sabendo que o que a gente tá tocando ali, tá evocando coisas que a gente desconhece... Mas o fato da gente tá consciente, pelo menos já é um respeito, assim. Uma responsabilidade. (Dama de Paço, em entrevista, em 19/07/03).

... vou dizer uma experiência minha mesmo de estar tocando e no meio daquele barulho escutar o coro de vozes. Nossa!! Isso é muito louco! Isso é uma coisa que muita gente, várias pessoas experienciam ali e é um negócio... tu arrepia! Eu arrepio agora, só de imaginar, mas tem... às vezes você escuta um canto de fundo, assim. Uma galera cantando... Nossa, isso é muito forte! (Tirador de Loas, em entrevista de 19/07/03).

Como visto, muito embora não vivam no grupo todo o universo de práticas e significados em que está inserido o Maracatu Nação, como se materializa na manifestação pernambucana – como fazem questão de sempre esclarecer³⁰ –, o envolvimento do grupo se deu num crescente de conhecimento e respeito pela tradição que iam incorporando no seu cotidiano:

Agora depois de algumas oficinas, depois de um maior contato com a história, o Maracatu que antes era só bater nos tambores virou algo mais, virou algo que me faz fechar os olhos e orar quando eu canto a loa da coroação da Rainha Marivalda [da Nação Estrela Brilhante] na Virgem do Rosário, embora eu nunca a tenha visto... (Lanceiro, em e-mail de Agosto/03).

Também num crescente o grupo, formado a partir de vários agrupamentos juvenis de diferentes pontos da cidade, foi encontrando no espaço de toda a musicalidade do maracatu e também de alguns aspectos de sua herança cultural - o espírito comunitário, por exemplo - um *locus* de síntese e potencialização das escolhas de natureza social, cultural, política e afetiva que muitos já traziam como sementes desde os seus coletivos de origem, como é apontado nos depoimentos:

³⁰ Por várias oportunidades presenciei a discussão dessa questão e para o grupo como um todo era muito claro que – do maracatu – praticam apenas a música. Isso foi sempre um consenso. As divergências apareceram quando uma parte do grupo começou a formular que, como as Nações, o AI procurasse aprofundar prioritariamente o contato com as comunidades populares; que conservasse o seu espaço aberto para quem quisesse aprender e, diferente das Nações, que fosse um grupo democrático, sem estrutura organizativa formal ou postos de comando, bem como que mantivesse uma articulação com as manifestações locais de um modo geral, buscando contribuir com a preservação e resgate da expressão cultural da Ilha. A aproximação que promoveram com o grupo de Boi-de-Mamão Arréda Boi, entre outros, se deu com esse propósito. Nesse sentido se manifestou Boneca: “...o Baqueta comentou que esse é o único maracatu democrático que ele conheceu. Não tem um que lidere, como no maracatu original; pois lá, no Recife, o mestre diz e pronto. Neginho vai tá lá até amanhã tocando se o mestre não disser pra parar. É ele quem decide, quem puxa as loas todas. Tem a ver com o líder espiritual deles. Aqui não. Que eu saiba, ninguém nem mesmo participa do Candomblé. É por isso que precisa ficar bem claro que a gente não faz maracatu, a gente toca a percussão do maracatu. Temos até idéia de fazer uns figurinos, danças, fazer misturas que já não são do maracatu. Eu mesma já pensei uns figurinos que acho que ficariam bem legais, de brincar mais.” (Diário de Campo, 11/09/03).

Agora foi esse grupo, assim, que se formou que uniu vários cantos que estavam separados ali... tipo, é o pessoal que era amigo aqui e que era amigo em outro lugar e que não se conheciam e que isso uniu todo mundo; pessoas que estava fazendo coisas diferentes. O pessoal da dança afro, o pessoal do Muiraquitã, o pessoal da Universidade que já se conhecia e além de músicos, várias pessoas que faziam várias coisas diferentes que ia unindo... Tá nascendo várias coisas novas que tá refletindo na cultura da Ilha mesmo, assim, né, tá crescendo, assim, fomentando. (Príncipe, em entrevista em 17/07/03).

...na Escola Técnica assim, comecei a ver até nuns outros lances de movimentos que não era um mundo tão pequeno. Que eu era muito acostumado com aquele lance “tens que estudar pra arrumar um trampo, pra tu ser alguém na vida aí e tal, estudar mesmo, tem que batalhar pra ser um cara aí que tenha uma grana assim!” Esse era o lance que queriam que eu fosse, né. Até entendo né, porque pô, assim família humilde geralmente não querem que seja um fudido também. Já sabem como é uma coisa ruim assim né? “Não, pô, vai ser uma coisa, tentar se virar melhor, né? Não ficar na fudidagem que a gente tá”. Mas aí eu comecei a ver esse outro lance aí de política, cara. Lá na Escola Técnica tinha... assim era muito envolvida com atividade estudantil, política e movimento de privatizações e não sei o que. Aí comecei a ver que o mundo não era só brincadeira e ficar só de oba, oba; tinha outras coisas também que o cara podia se preocupar e isso ajudava a alimentar a cabeça pra ti ter um outro discernimento das coisas. (Mestre, em entrevista, em 25/04/04).

Eu sabia que tava rolando o maracatu, porque nessa época tava... eu já tava gostando do Chico Science tal, e o Chico Science foi quem me mostrou esse lado da vida aí, né. O lado mais brasileiro das coisas, né, que eu era muito... muito das bandas internacionais, tal aquela coisa, né, e não olhava mais pro lado brasileiro assim. Então, quando eu comecei a ouvir Chico Science o negócio mudou assim. Mudou mesmo, assim, a concepção de vida, a visão mudou; comecei outra vida, vamos dizer assim. Foi um divisor de águas mesmo, o cara, assim da minha vida, porque eu me inspirei muito, (...) Então, o maracatu começou entrar por causa disso, por causa dele assim. (Batuqueiro, em entrevista, em 25/04/04).

Oportunidades especiais onde a multiplicidade de relações se tornou evidente foram os momentos coletivos que muitas vezes se propiciaram – como festas e encontros diversos - ou nos próprios encontros do AI, como ensaios, oficinas, gréas e apresentações diversas. Nessas ocasiões testemunhei uma pluralidade de afinidades e experiências partilhadas, como práticas artísticas, as discussões livres sobre a arte, a música, a cultura; planos de atuação nesse âmbito; participação em eventos - por vezes eventos políticos de relevância para o grupo -, a vida da cidade e a vida universitária. Expressando a multiplicidade desse ambiente, cito os depoimentos:

O maracatu acho que acaba sendo meio que um pano de fundo, ou não sei, mas o maracatu é um fundo musical para um monte de coisa que tá acontecendo ali nesses domingos; que foi donde surgiu isso aqui, ou do Tributo, né. Essa coisa do maracatu é donde tá surgindo muita coisa, na real. De onde surgiu o baque solto... Uma coisa que tá proliferando, assim. (Tirador de Loas, em entrevista, em 17/07/03).

O nosso maracatu deve ser uma cultura de resistência e de atitude, um culto à força de vida e divina que existe em cada um de nós, uma celebração da vida e da alegria, um chute no saco do inimigo, um grito de SIM e de NÃO, um dos poucos espaços de cultura e lazer desta cidade que são espontâneos e transformadores. (Corneteiro, em *e-mail*, agosto/03).

Embora se expressando de modo diverso, através de outras vias e com a participação de outros personagens, a música do maracatu em Florianópolis também se encontrava imersa num universo de complexidades – assim como nas suas origens pernambucanas. Se nos grupos originais as Nações articulam religiosidade, cultura popular e identidade étnica, vejo que o maracatu praticado pelo Arrasta Ilha consolidou-se num dado momento como cenário de uma certa sociabilidade, envolvendo vários grupos que operavam escolhas alternativas ao padrão hegemônico de relações juvenis no cenário florianopolitano.

Os encontros em torno do maracatu tanto colocavam em contato os grupos já existentes, possibilitando a troca de experiência entre eles, quanto estimulavam a formação de novos grupos com base em outros interesses que se evidenciavam a partir do encontro com a musicalidade do maracatu, constituindo uma rede da qual o AI passou a fazer parte. Outro aspecto a ser destacado é o fato do grupo se mostrar como uma ‘porta de entrada’ para os jovens que chegam à Ilha. Pude presenciar em diversas oportunidades pessoas recém chegadas que compareceram aos ensaios/encontros de domingo na UFSC – com ou sem seus instrumentos, sabendo tocar ou não – e que no AI encontraram a receptividade, o espaço para iniciar o seu círculo de convivência na cidade, seja permanecendo no grupo ou se articulando em outros ambientes. A grande maioria desses jovens manteve um certo vínculo com o grupo e alguns permaneceram participando como membros fixos, inseridos no grupo de amigos: “Bom, logo quando eu entrei no Arrasta Ilha eu entrei assim sem pretensão nenhuma. Pra descontrair mesmo. Na verdade, eu tava chegando aqui em Floripa, não conhecia ninguém...” (Princesa, em entrevista, em 25/04/04).

Nas observações identifiquei que se a primeira motivação para aproximar-se do grupo era a afinidade com o batuque, a participação nas experiências que ali aconteciam iam aprofundando vínculos de afetividade entre os participantes do AI ao ponto de

provocar uma reconfiguração nas motivações acerca do envolvimento com o grupo, como mostram os dados apontados pelo questionário. Os respondentes, em sua maioria, informaram que o motivo principal que os levou a participar do grupo foi, em primeiro lugar, a afinidade com o tipo de atividade realizada (73,7%) e, em segundo lugar, a percepção de que poderiam aprender coisas novas em geral (15,8%). Quando perguntados pelas razões que os mantinham participando do grupo, o gostar das atividades desenvolvidas permanece em primeiro lugar, entretanto o gostar dos amigos já aparece em segunda indicação. Os dados encontrados nas entrevistas confirmam também essa postura indicada nos questionários:

...na verdade, assim, a única vontade que eu tinha era de ir lá e tocar e ouvir também, aprender.... na verdade, essa coisa assim de amizade com as pessoas eu acho que elas... ela foi ficando... ela ficou maior, né, ficou mais intensa depois que o grupo se separou, né, que... e que eu acho que eu também comecei a.. a botar mais fé em mim como... como integrante do grupo, né, que me deu vontade de aprender a tocar alfaia, e enfim... saber tocar aquilo, né, isso que a gente faz. Saber tocar, saber tocar bem. Então, quan.. é... antes do grupo separar assim eu via como um grupo, mas na verdade, assim, num.... era uma coisa que... assim... podia... ah, se rolasse outra coisa mais legal, talvez eu fosse pra essa coisa mais legal. Não era um grupo que me prendia. Hoje em dia, depois da separação, puta, eu vejo assim, que, meu, que eu tô muito mais ligada com as pessoas, assim, não ter vontade nenhuma de sair fora, e nem de que o grupo acabe, muito pelo contrário. Acho que hoje em dia eu tô me vendo muito mais ativa e né... participante assim... a gente fez o projeto, assim, puta! Fiquei bem... bem feliz de ter participado e ter fé... corrido atrás pra coisa dar certo também, né... (Princesa, em entrevista, em 25/04/04).

Fica claro a partir das falas e dos questionários que os vínculos iniciais movidos por mera curiosidade, por uma certa perspectiva musical adotada ou em vista das opções feitas diante dos contextos que viviam foram sofrendo uma ‘filtragem’ operada pelas escolhas de corte mais amplo, que diziam respeito aos temas políticos, sociais, culturais e de afetividade que se materializam nas escolhas que o grupo ia fazendo no seu dia-a-dia. A identificação com determinados rumos tomados ia fortalecendo os laços afetivos entre uns e fragilizando-os em relação a outros membros e estendendo essa realidade, inclusive, para membros de outros grupos da sua convivência. Por outro lado, a relação de amizade que se configurava, fortalecia as afinidades em torno de determinadas escolhas que o grupo ia fazendo, de modo que estas se tornavam – em maior ou menor grau – traços cada vez mais comuns à maioria dos membros do grupo. Pude perceber, então, que ao longo da sua organização e consolidação do grupo os seus membros foram localizando

nas relações de amizade/afetividade um importante espaço para a experimentação dos valores pelos quais orientavam suas vidas e a própria existência grupal.

Os valores referidos materializavam-se em torno de questões como o sentido de tocar maracatu enquanto uma prática de prazer, transcendência³¹ e compromisso cultural/popular, o valor da estética, da arte e da cultura popular enquanto mecanismos de transformação social; a adoção de posturas políticas de crítica ao *status quo*; a preocupação com a questão eco-social, a escolha do coletivo como importante forma de intervenção no mundo e o respeito à pluralidade que caracteriza os seus membros.

Finalmente, considero que, animando esse espaço de relações e acontecimentos, o maracatu tem-se mostrado como uma ponte fundamental para o contato inicial de muitos jovens da cidade que se colocam no mundo a partir de uma certa perspectiva. Se assim se mostra para o contato entre os jovens, o mesmo significado não possui para a consolidação ou permanência de um determinado grupo, não se mostra condição *sine qua non* para a existência grupal. A existência do grupo não é algo dado em função da escolha musical, mas é uma construção fundamentada nas afinidades e afetividades. É assim que o AI congrega no seu círculo de amigos pessoas que participam do dia-a-dia deste grupo e outros mais vinculados a grupos próximos, estabelecendo uma horizontalidade nos vínculos que os envolvem e encontrando no exercício da afetividade um caminho para a materialização dos propósitos aos quais aderem. Desse modo, opera-se uma síntese da existência de um grupo de amigos com posturas sócio-estético-político similares que, entre outros fazeres, tocam o maracatu.

3.1.2.5 Afetividades, sensualidades: outras práticas.

Como parte das relações que envolvem o AI a questão da afetividade e da sensualidade são enfrentadas de maneira particular por muitos dos membros do grupo. Já notifiquei que os carinhos e os cumprimentos de beijinhos no rosto, abraços e afagos são gestos ostensivamente presentes na relação grupal, entre pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes. Chamo aqui a atenção para uma outra prática, exaustivamente discutida em entrevista, que é o beijo na boca.

³¹O sentido dado aqui à palavra transcendência refere-se às experiências de cunho algo mítico como já relatado antes e como ilustra Boneca, em entrevista de 17/07/03: “uma coisa que eu acho que acontece também é que tem uma ligação muito forte com o Candomblé, né? Então, essa conexão, essa coisa que não pertence a nós assim, tá muito ligado a isso também. Aos orixás, aos elementos da natureza... (...) são forças da religião, forças espirituais assim. (...)”.

Os ‘selinhos’, como são conhecidos os beijinhos estalados na boca, são trocados entre as pessoas sem maiores justificativas – de serem namorados ou ‘ficantes’, por exemplo – e também sem se levar em conta o sexo de quem se beija, como apontam os entrevistados:

Uma parada que eu achei muito massa, que teve uma vez, eu não beijava a Dama de Paço, né, menina, na boca e aí eu sempre beijei o Abê. Aí teve uma época que a Dama de Paço tava (...) com o Abê e aí eu cheguei assim beijei o Abê na boca e ela tava do lado assim e eu fui e cumprimentei ela com um beijo no rosto, né? “Por que é que você beija o Abê na boca e não me beija na boca?” Lá na frente do Básico até. Aí eu achei massa assim. Foi quando eu comecei a dar beijo na boca das meninas também. (Baiana, em entrevista, em 25/05/04).

Outro precursor nesse lado assim foi o Tirador de Loas também... O primeiro cara que eu beijei na boca foi ele. Olha... olha o tamanho da viagem. Olha o tamanho da pira: foi um dia lá, depois do Panela de Expressão, foi o maior louco, o maior intenso assim. Aí a gente foi se despedir e pum! Ele me deu um selinho! Falei: “Caralho, velho, que viagem!”. Beleza né, deixei quieto, aí eu lembro que no outro dia... olha só o tamanho da viagem; quando eu encontrei ele eu falei assim: “Pô, será que ele vai querer me beijar de novo?” Não, olha o tamanho das pira cara! Aí beleza, tal, foi normal. Aí acho que começou a ficar normal assim... (Lanceiro, em entrevista, em 25/05/04).

Para a maioria dos membros do grupo que partilham desta prática o beijo na boca possui um sentido diferente do socialmente instituído, não consistindo necessariamente numa manifestação de atração sexual pelo outro ou similares. Para muitos este constitui-se num cumprimento comum, que apenas realça quão afetivo se é ou se está em relação ao outro. Trata-se de uma manifestação de carinho que se diferencia em relação às demais quanto à intensidade. É uma maneira de se “mostrar o quanto é amigo”; é “amizade mesmo, uma parada de tá junto” (Boneca e Príncipe, em entrevista, em 25/05/04).

Outro significado que o beijo adquire é o de manifestação contra o instituído. Para muitos beijar na boca indistintamente é romper a regra proibido/permitido pela ordem sócio-cultural; é criar práticas afetivas próprias, com significados próprios que se situam para além da gestualidade convencional construída dentro de padrões de expressão da afetividade formal, dos quais discordam:

Eu acho que isso daí que... que o lance do beijo na boca, e aí eu vou botar uma outra coisa na roda que também é... é... meio que um exemplo, do que eu acho que também não é só o carinho, mas um ato de subversão, assim, sabe? Eu acho, porque o lance do abraço, cara, dos meninos, que eu vejo poucos homens se abraçando. Só se abraçando, não é beijo na boca não é nada, porque geralmente, né, é aquela coisa assim, tapa nas

costas. “E e aí? Beleza?” Choque e pá, e... sabe, aquela coisa. Mas abraço assim de ficar uns cinco minutos abraçados, cara, isso não tem, é difícil assim... Então (...) o que eu ia falar é que é o seguinte: Primeiro... primeiro... eu acho que dá pra pensar de duas formas... três formas, que é uma do carinho, que a gente tem pelas pessoas e tal; a outra que é pelo lance de quebrar alguma regra e mostrar uma outra coisa e a outra que é que do mesmo jeito... porque tem o cumprimento dos... dos... da galera do *surf*, não tem? Que é diferente da galera do *skate*, que é diferente... sabe? É a nossa identidade, da gente se cumprimentar assim, de beijar na boca e tal e é a gente, tanto que pô, a pergunta da menina lá do... aquela menina da Afro: “Pô, mas todo mundo do Arrasta Ilha tem que beijar na boca?”. Não tem, né, mas daí cê vê já... já criou uma identidade lá fora. (Em entrevista, em 25/05/04).

Fica explicitado o propósito do grupo de enfrentar o instituído quanto às manifestações corporais e a desfrutá-las de acordo com a elaboração particular que constroem coletivamente. Trata-se de uma nova estética na relação com o seu corpo e o corpo do outro, retirando-os dos territórios demarcados de possibilidades e proibições. O mesmo se verifica em relação às emoções experimentadas. Parte do grupo afirma no seu discurso a disposição de enfrentar as fronteiras construídas, as quais circunscrevem os limites dos sentimentos humanos, adequando-os às construções culturais em que vivemos, como aponta Caboclo de Pena:

Não, e atração também é uma coisa que a gente mistifica muito também. É óbvio, cara, é a coisa mais normal, a gente que coloca tabus em cima disso também; a distinção às vezes também tão profunda entre amizade e atração. Por que é que tem essa distinção tão profunda? Por que que um pode e o outro não pode? Tá junto cara! A gente que tá... a gente que se prende, na verdade, a isso. (Em entrevista, em 25/05/05).

Outro aspecto destacado em relação aos limites impostos socialmente é quanto a um padrão de erotização que prevalece pautando a maneira como se entende e se pratica as afetividades. Para alguns, trata-se de “uma sensualidade meio perversa que rola muito na TV e rola muito nas relações”, retirando a espontaneidade e veracidade das mesmas. (Dama de Paço, em entrevista, em 25/05/04). Seria um certo rompimento da norma, porém pela via do simulacro, da artificialidade e não da autenticidade de afetividades construída com o outro a partir dos sentidos que compõem uma relação.

Convém destacar que, embora praticado no grupo, o beijo na boca indistinto não é um cumprimento ‘obrigatório’, respeitando-se aqueles que não se sentem à vontade para aderir ao mesmo de forma indiferenciada. Muito embora não censurem e até reconheçam tal atitude como algo interessante, alguns membros do grupo não partilham

deste procedimento grupal: “O problema às vezes não é nem isso [trava cultural]. Às vezes, a galera não se encarna mesmo, pode até ser mesmo por estar num processo já de aculturação, tipo... ah, cara, eu não sinto a vontade de beijar a galera na boca aí não, nem um pouquinho assim...” (Mestre, em entrevista, em 25/05/04). A observação me possibilitou constatar que parte dos membros que assumia esta posição se referia muito mais ao beijo indiferenciado; mas que o praticavam com pessoas do sexo oposto.

A liberdade é também preservada em relação aos sentimentos de cada um, como diz Baiana na mesma entrevista: “às vezes você quer beijar na boca, às vezes não”. Essa preservação ocorre no sentido de se evitar que o tipo de atitude adotada vire uma regra grupal e caia na artificialidade, perdendo os sentidos que carrega dentro da simbologia partilhada que tem na busca da autenticidade outro pilar importante para as práticas. Esse cuidado é muito bem ilustrado por Princesa, quando avalia sua participação em outro grupo que adotara o beijo indiferenciado como modo de cumprimento:

...rolava muito disso, e era quase um... uma bandeira da *** assim, né, todo mundo se beijar na boca (...) mas acabou ficando uma coisa muito... parecia regra, sabe? E então.. aí se encontrava e aí pá! Dava um beijinho na boca e não sei o quê! E... puta! Eu fui depois de um tempo, fui pegando um bode disso assim, dessa coisa de regras, sabe? (...) depois eu fui vendo que era uma coisa forçada, que eu dava beijo na boca de quem eu não era afim de dar beijo na boca, sabe? De quem eu não tinha tanta intimidade assim, e aí fui desencanando assim. Ah, fui fazendo o que eu era afim de fazer, beijava quem eu queria beijar; quem eu não queria, eu não beijava. (...) Então, hoje em dia assim... bem tranquilo com relação a isso. (Em entrevista, em 25/05/04).

Embora existindo a preocupação no sentido do beijo indiferenciado não se constituir numa regra grupal, o mesmo já se constitui num traço do grupo que diferencia o AI no coletivo juvenil maior no qual está inserido - como se vê na fala de Baiana acima colocada. Possivelmente o respeito à postura de cada um preserve, no entanto, os sentidos que o mesmo tem tido até aqui para o grupo como um todo.

Experienciando alternativas novas de como viver a afetividade e a sensualidade, os jovens do AI se colocam diante de outro desafio que é a administração dessas novas posturas dentro dos relacionamentos que constroem; ao assumir opiniões e posturas algo distantes do padrão existente, posturas essas que – por vezes – sequer são compreendidas e/ou aceitas pelos próprios parceiros e parceiras, implicando num nível maior de desafios a serem enfrentados. No geral, atribuem as dificuldades – como ciúmes e desentendimentos surgidos – às inseguranças pessoais e às resistências culturais que

entendem existir, moldadas por um tipo de expectativa criada em torno das relações amorosas, afetivas e sensuais, o que entendem como razões para constante reflexão e amadurecimento sobre o que vivem em grupo, como expressaram na entrevista já citada acima:

Tudo bem ela deu um beijo tal, não importa se foi homem ou mulher, sei lá. Tá, deu o beijo, mas é isso aí. Aí no outro dia ela encontra a mesma pessoa de novo e dá outro beijo. Eu: “Porra! Qual é, né?”. Aí já... tu já começa a olhar, isso é natural, pelo menos da minha parte. Tu começa a olhar mais a reação da tua namorada ali, né, cara? Aí tu, tua cabeça, vai de tu controlar a tua cabeça ou não, né, porque tua cabeça pode te dominar também, né, de criar um monte de pensamento tal, tal, tal e por causa daquela... só por causa que ela limpou o olho já foi um sinal pra avisar pro cara que (risos) mas isso rola cara, de vez em quando chega a ser... (Lanceiro).

Por que da onde que vem esse sentimento? “Ah, não vou cumprimentar porque ela fez isso, isso!” Vem tudo da posse, cara, vem tudo daí, do direito que você acha que tem sobre a outra pessoa... Como se estivesse roubando alguma coisa, roubando o seu direito... seu direito de achar as coisas, entendeu? Ela [a pessoa] acha que tem que ser assim e você está fazendo uma coisa que está roubando esse direito dela de achar... (Caboclo de Pena).

Porque a gente também... **a gente tá nessa família, mas a gente é diferente** também, né, e eu acho que essa maneira de ser ainda é muito... é uma descoberta nossa... a gente não sabe lidar muito bem com isso, às vezes... que tipo, você falou do Tirador de Loas... quando a gente namorava, ele tinha ciúmes quando a gente se abraçava e se beijava, sabe? (risos). Então, um dia a gente tava conversando e... “Mas qual que é o limite assim da história, até aonde que vai, né?”. E é um lance de descoberta nosso total, eu acho, que a gente... (...) Por isso que é um paradoxo cotidiano assim, né, porque ao mesmo tempo que a gente tem alguns atos, internamente a gente tá em conflito com isso né (...) porque na ideologia e na teoria, beleza né, só que no fundo rola vários conflitos, vários! (Dama de Paço, grifos meus).

A questão, portanto, se coloca como um desafio: por um lado, inauguram uma forma nova de relacionamento afetivo marcante para o grupo enquanto tal, através do qual mantêm a postura de ruptura com padrões dos quais querem se afastar; por outro lado, o grupo vai descobrindo que apesar da disposição firme e autêntica de ser uma presença diferenciada na sociedade, dela faz parte intrinsecamente nos diversos conflitos que enfrenta. Subjazem ao rompimento que efetivam dificuldades e nuances de comportamento que indicam ser o rompimento, afinal, um construto a ser buscado cotidianamente. Nesse sentido, pude observar que o grupo avalia suas próprias práticas como um meio de refletir, também, sobre as diversas formas de se relacionar com o mundo à sua volta. É no embate

com os seus próprios limites e os limites impostos que o grupo segue no seu processo de amadurecimento, experimentando os novos desafios que se colocam em todos os momentos do cotidiano.

3.1.2.6 Caminhos e racionalidades possíveis

A escolha do AI de situar-se num campo pouco formal, pouco estruturado e sem maiores obrigações e cobranças internas, tanto no que reporta ao coletivo quanto ao seu objetivo como grupo cultural - como se vê - produz uma dinâmica particular no grupo em relação aos diversos aspectos de sua existência. Dessa realidade algumas questões merecem destaque. A primeira é que a aposta no coletivo, na liberdade de cada um dentro do grupo e na iniciativa voluntária lhe imputa como consequência um nível maior de complexidade a tratar no seu cotidiano, a qual ergue desafios às vezes difíceis de superar. Os processos vivenciados – nem sempre regidos pelo binômio meios/fins - demandam também maior tempo para explicitar, no ritmo assistemático próprio das relações juvenis, as suas necessidades, elaborar suas decisões e, principalmente, para concretizar aquilo que se decide como de relevante para o grupo.

Possivelmente a ausência de instâncias que atribua e demande de cada um as responsabilidades gere uma certa fluidez quanto às possibilidades de se efetivar ações e propósitos reconhecidos como de interesse do grupo. O sentimento de que o grupo realiza pouco daquilo que intenciona é generalizado e todos reclamam de uma certa lentidão do coletivo em levar a termo suas pretensões, como pondera Rainha:

Por exemplo, eu e a Boneca: quando voltamos do encontro, falamos de um montão de coisas que a gente tava a fim de fazer. Aquela história lá do figurino, de máscara... também o lance de misturar umas paradas novas com o maracatu... pois é, cara! Ficou nisso! A gente não se encarnou e foi lá fazer, sabe? Falta muito a gente botar pilha e lá fazer mesmo o que fica falando! (Diário de Campo, em 02/12/03).

Além do assinalado pela entrevistada, pude perceber que em muitos outros momentos grupais as resistências cultivadas ante à hierarquização de relações, normas de conduta e objetivação de procedimentos faz o grupo deparar-se com outros desafios a solucionar, como é o caso da própria presença/ausência dos membros, especialmente nas apresentações onde se faz indispensável uma quantidade mínima de membros que toquem instrumentos específicos. Como não há controle das mesmas e nem a obrigação apriorística de cada um com o comparecimento, não é rara a tensão instalada nos momentos que

antecedem as apresentações por conta da incerteza de quantos e quem se fará presente. Algo similar se verifica com o repique³² durante as execuções musicais. O grupo não define com clareza se o repique é livre a cada um ou obedecendo a orientação do apito; ou mesmo quantas alfaias se envolvem e quem dos músicos pode repicar. Essa inconstância por vezes influencia na qualidade da execução e suscita reclamação por parte de alguns membros, em maioria daqueles que posteriormente fundou o outro grupo – Siri Goiás.

Tanto em relação aos aspectos levantados acima, quanto a outros a indefinição se faz presente em vários momentos. Muitas vezes é nominada como “desorganização grupal”, “falta de objetividade” ou como “desinteresse dos membros pelo grupo enquanto coletivo”. Se o grupo enquanto tal consegue sobressair-se e permanecer encaminhando a sua existência a partir dos flexíveis parâmetros adotados, para alguns a ausência de padrões mínimos a orientar as práticas grupais são motivo de insatisfação, chegando a ser interpretada até como uma certa priorização das individualidades ante os interesses coletivos pouco claros no grupo, como certa vez opinou Lanceiro: “Um dos problemas do Arrasta Ilha é que ele não sabe o que quer, não sabe quais são seus objetivos, não sabe qual é a sua viagem! A viagem do Arrasta é a viagem de cada um!” (Diário de Campo, 12/10/04., grifos meus). É possível depreender desta fala um certo julgamento de inexistência grupal, de um propósito coletivo claro a todos que congregue os interesses e mova o empenho de cada um.

No caso dos encaminhamentos que dão às suas vidas privadas essa realidade se mostra de modo semelhante em relação a alguns membros, que reconhecem lidar com um considerável nível de insegurança e indefinição quanto às escolhas a fazer em relação à sua formação escolar e profissional. Daqueles que ainda dependem financeiramente dos pais, alguns experimentam insatisfação por ainda não terem sido capazes de promover sua independência e atribuem o fato à pouca racionalidade com que conduzem suas vidas, bem como à pouca adequação que julgam ter em relação ao mundo como este se manifesta no real de vida de cada um. Observo que o fato da maioria não ter a sobrevivência efetivamente ameaçada no cotidiano pode se constituir numa possibilidade a mais para que se posicionem por determinadas escolhas no grupo, como caracterizado anteriormente.

Por outro lado pude ver que se colocar numa relação de iguais, livremente responsável por si próprio dentro do grupo, sem o compromisso de respostas concretas, traz ao participante oportunidades singulares de construção de autonomia e descoberta de si na

³² Floreios feitos pelas alfaias em determinados trechos das músicas a partir de batidas dobradas ou triplicadas.

relação com o outro – aqui entendido como os demais participantes do grupo e o coletivo social como um todo. A aparente irracionalidade de procedimentos e de escolhas possivelmente explicita apenas o processo complexo do amadurecimento autônomo que vão experimentando ao lidar com a realidade e colocar-se ativamente diante dela a partir dos seus próprios referenciais majoritariamente. Sem uma condução ou opinião tida como acertada em princípio, os participantes experimentam vários ângulos do processo grupal, constituindo esse num espaço rico de sociabilidades e possibilidades que os ambientes institucionais e estruturados a partir da perspectiva adulta teria dificuldades em propiciar.

3.1.2.7 A natureza em foco - “Bota isso aí na tua tese.”

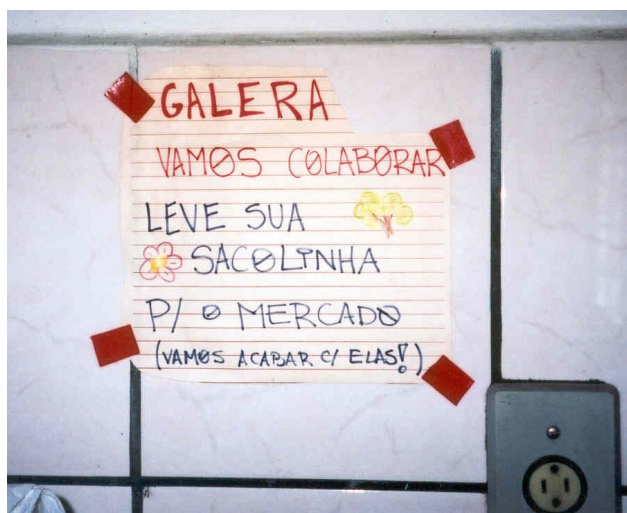
Uma das características marcantes do grupo é a sua relação com a natureza de um modo geral. A investigação mostrou - por seus diversos recursos de coleta de informação – que o grupo no geral assume uma postura de defesa do meio ambiente e de busca de uma convivência harmoniosa com o natural, sendo este tema recorrente no grupo um dos motivos freqüentes de suas apresentações o apoio a iniciativas de proteção da natureza em seus diversos aspectos. Para alguns membros do grupo, a postura assumida pela maioria das pessoas em relação às condições ambientais vigentes hoje no planeta é de preocupação:

Tipo, o lance da Baiana assim, por exemplo, né: por que que ela precisaria de algo a mais do que ganhar a grana dela (...) e pagar o aluguel e sua comida? Pra que que ela precisaria mais assim? Por que que todo mundo precisa ter mais que isso? Por que que a gente tem que ter muita coisa, enquanto os outros não tem nada, saca? Por que que a gente derruba as florestas, polui as águas, joga o lixo, produz o lixo, consome o lixo? Por que assim que a gente faz tanta coisa errada, assim, né? Às vezes até sem querer mesmo, a gente já tá tão inserido nisso que a gente continua nesse ciclo de destruição assim e... e eu fico pensando assim que... se continuar assim nesse nível que tá, por que que eu teria um filho, assim, né? Pra ele morrer de sede? A gente tem condição, sim, de viver numa boa, né, cara! (Príncipe, em 11/04/04).

Os fenômenos naturais como um todo são temas facilmente encontrados nos depoimentos diversos, onde os falantes se colocam atribuindo importância ao alinhamento de suas vidas aos ritmos da natureza e atribuindo ao ambiente natural uma importância singular, como podemos ver a seguir:

... aí eu comecei a trabalhar com a minha mãe, né, na loja, que ela tem uma loja. Aí foi um atraso de vida fudido. Assim, uma parada que rolava uma grana, mas teve épocas assim que eu trabalhava de tarde até de noite e não via o por do sol, sabe? Passava o ano inteiro sem ver o por do sol assim, só via uma vez por semana, uma viagem assim... E aí eu comecei a ver que não valia a pena né, essas paradas - trabalhar com o que você não é afim só pra tirar uma grana ... (Príncipe, em entrevista em 01/05/04).

Foi possível observar junto à maioria dos seus membros o uso controlado e cuidadoso de embalagens plásticas, existindo inclusive em uma das casas recomendações por escrito e afixadas na parede acerca da reutilização de sacolas e sacos. A foto exibida mostra um cartaz que encontrei afixado na parede da casa de dois membros do grupo que alertava para a questão.



Vige um boicote por parte da maioria do grupo aos descartáveis, sendo prática corrente o uso da caneca, utensílio de primeira necessidade na maioria das mochilas, como meio de inviabilizar a utilização do copo descartável. Num dos momentos da observação durante um lanche coletivo um dos membros fez a seguinte recomendação: “Oh, galera!

Vamos pegar os copinhos de alguém.... não vamos usar tantos. Copinho de plástico é poluição, galera!”. Dirigindo-se a mim, disse: “Bota isso aí na tua tese!”. Possivelmente querendo sinalizar para a relevância da questão no interior do grupo (Caboclo de Pena, Diário de Campo, em 03/06/03). A partilha sugerida em relação aos copos se verifica também em relação às canecas, latas de refrigerantes, cervejas e garrafas de água. Se necessário, todos utilizam o mesmo utensílio - em rodízio - sem nenhuma restrição.



Pude ainda verificar que os animais têm forte presença dentro do grupo como um todo. Várias pessoas os têm como companhia em suas casas e com eles estabelecem convivência próxima e de partilha. O animal angaria a atenção de fato, recebe tratamento humanizado e participa do rol de providências cotidianas a serem tomadas na casa, bem como figura para alguns nas preocupações levadas em conta nos momentos de decisão importante, como por exemplo, o aluguel de uma nova moradia. Ao responder os

questionários, dois respondentes indicaram seus cães como membros de suas famílias e um deles indicou seus vasos de plantas.

Um dos trabalhos já exercidos por um membro do grupo foi o de cuidar de animais, relatando-me também o intuito de fazer estudos nesta área, como segue: “precisava trabalhar, fui trabalhar numa clínica veterinária, que eu acho que é a segunda coisa que (...) mais gosto, aí eu comecei a pensar: ‘Bom, vou fazer então uma faculdade de Veterinária...’” (Princesa, em entrevista em 01/05/04). Outro membro tem vinculação com a proteção de animais de rua da cidade, dedicando alguma parte do seu tempo a esta causa. Em conversa, relatou-me não poder comprar a ração para os cães de rua que havia adotado, tendo em vista que o restrito valor do seu ganho mensal não conseguia mais cobrir esta despesa em decorrência da quantidade de filhotes que haviam nascido. O que se sobressai nesta situação é a escolha de atribuir condição de alta importância ao gasto com o alimento para os animais; mesmo diante de poder aquisitivo reduzido.

A relação estabelecida com os cães de rua que se aproximam da área de ensaios do grupo, nos pátios da UFSC, constitui-se em mais uma demonstração de como lidam com a questão: freqüentemente dispensam algum cuidado e carinho aos mesmos. Muitas vezes oferecem petiscos, brincam, tocam nesses animais, enfim, convivem com proximidade com eles, sem preocupação com o seu estado de pouco asseio ou saúde. Essa proximidade é retribuída pelos cães, que os diferenciam dentre os muitos transeuntes do local nos dias de ensaio. Estão rotineiramente transitando pelo grupo, misturados às mochilas e instrumentos ao lado enquanto segue o ensaio compondo, assim, a paisagem já característica dos encontros de domingo.



A manifesta preocupação eco-social vem freqüentemente estampada nas roupas que vestem e faz com que grande parte do grupo escolha utilizar unicamente formas alternativas de transporte, como carona (26,4%) e bicicleta (10,5%). 31,6% do grupo utilizam o ônibus como transporte regular e apenas uma pessoa no grupo respondeu utilizar o carro próprio como transporte prioritário. Aqueles que justificam a escolha alternativa de locomoção referem-se basicamente a dois argumentos: ao potencial de destruição do meio ambiente que o automóvel representa, principalmente se utilizado de modo pouco racional, e ao custo considerado muito alto das passagens de ônibus na cidade. Percebi que para estes membros escolher o transporte alternativo é também uma forma de se manifestar politicamente contrários a essas situações, das quais discordam, e apontar que existem outras possibilidades de atuação política.

Penso que o modo como interagem com a natureza, manifesta no convívio com animais, plantas e dos cuidados e medidas adotadas em relação ao meio ambiente como um todo, revela a adoção de uma postura horizontal diante da natureza. Imbricar-se, como o fazem, à natureza é encurtar as distâncias e avançar no sentido do rompimento das polaridades da relação sujeito/objeto instituída pelos modernos. É intentar superar o interesse de apenas esquadrinhá-la, descobri-la, dominá-la. É olhar para a natureza pela perspectiva do encantamento, trocando significados, re-significando os sentidos diante dos referidos objetos, re-estabelecendo uma nova ordem de sentidos para si e para o mundo.

3.1.2.8 Situando-se fora da estreiteza do instituído

Como parte do processo de experimento de novas maneiras de estar no mundo e em sociedade encontrei no AI uma postura contundente de crítica à ordem instituída, evidenciando que a mesma não responde às demandas que consideram legítimas e produtoras de sentido para as pessoas em geral e para o grupo em particular. É entendendo o seu entorno como limitado ao que podem construir como perspectiva que se manifestam:

...e... eu, meio irresponsável assim, fugindo das regras, né, tatuada... por exemplo quando eu entro num ônibus, (...) de bermuda, me vê cheia de tatuagens, todo mundo olha, sabe? E, na verdade, um monte de gente tem tatuagem, mas sei lá... Ou então eu tô conversando com alguém mais velho assim, e já pergunta: “Ah mas você já casou? Você já tem filhos?” Eu não, né? “Pôxa, mas não vai casar, né? Não vai, né?” Sempre esperando aquela coisa tradicional de se casar e de ter filhos... (...) padrão, exatamente todo mundo padrãozinho... (Princesa, em entrevista, em 18/04/04).

...muita coisa é feita pra fins capitalista mesmo, assim, né, tipo as empresas que apóiam os projetos de lei de incentivos e essas coisas, não é pra ajudar assim né. É pra mostrar o nome da empresa... é tudo um *marketing* mesmo e isso rola com várias outras coisas, tanto na universidade quanto na comunidade assim... (Príncipe, em entrevista, em 18/04/04).

...tipo o *Rap* hoje, essa... não, porque todo mundo: ele é... *Rap*, ele é *Hip Hop* e não sei o quê. Só que a verdadeira mensagem do movimento se pffiiu!!! Foi embora a consciência, não sei o quê... agora a coisa é só baladinhas, galera classe média, classe alta. Não, virou moda! (...) A sociedade consome tanto que ela pega as coisas que são boas e transforma e corrompe, né, pra corromper o outro que acredita numa mensagem (...). (Rainha, em entrevista, em 18/04/04).

O grupo denuncia nas suas falas a reprodução massificada dos lugares sociais conformados numa certa ordem, funcional aos propósitos de sua própria manutenção. Desmistifica as engrenagens e as estratégias sociais que atuam na contenção daquilo que é considerado desvio social. Demonstra clareza acerca da instrumentalidade dos processos sociais, especialmente aqueles vinculados às práticas de mercado, que transformam o agente em objeto.

Diante de uma realidade onde normalmente não encontram um lugar ou eco para aquilo que propõem, a maioria dos entrevistados delinea uma postura descrente quanto às chances objetivas de poderem contar com o apoio social institucionalizado, quer para o seu crescimento na interação com este meio, quer para a materialização de mudanças de maior complexidade que digam respeito às realidades experimentadas pelos coletivos, consideradas importantes:

Olha, eu não espero muito da sociedade não, cara... se a gente esperar, o bonde não vem. A gente tem que construir as ferrovias primeiro, traçar os destinos, construir o bonde e pegar nele e empurrar e levar a galera junto, daí a gente vai construindo **a nossa sociedade**... (Caboclo de Pena, em entrevista, em 18/04/04 – grifos meus)

...é difícil esperar alguma coisa ... porque é uma agonia assim, o que se fazer? Ou às vezes se sentir impotente de não poder... de estar fazendo alguma coisa, mas ... sabe, tipo... meu, e aí? E isso daí tá fazendo o que aonde, sabe? Tá fazendo o quê? Então, tipo, eu boto uma fé de tá lutando, de tá indo contra as coisas e não esperar que a sociedade vá olhar e falar: “Bom, eu vou assinar embaixo da sua causa”, sabe? Eu vou fazendo, eu sou autônoma, tá ligado? Vou fazer aquilo que eu acho que eu tenho que fazer, da maneira como eu acho que eu tenho que fazer. Esperar alguma coisa dela num... (Rainha, em entrevista, em 18/04/04)

...sou desiludido com a sociedade, acho que não tem mais jeito, mas... quando o cara sobrevive ele tem que ficar esperançoso, né cara? Já que este é um dos males do homem, a esperança, então, beleza. Vamos fazendo a nossa parte, sei lá, né, a sociedade de repente que se inspire na gente, né? (Mestre, em entrevista, em 18/04/04)

O grupo expõe nas práticas e falas o entendimento sobre a sua escolha de enfrentamento das estreitas alternativas que se colocam à sua frente. Como apresentado nas falas, o desencanto e o questionamento contundente que fazem em relação ao que lhes é oferecido como ambientes, modos de vida e possibilidades de atuação não os paralisa, mas os faz acreditar em outras alternativas de prática. Nesse sentido compreendem que a resistência ao instituído se faz mais possível através da aposta nos coletivos a que aderem e na vivência do espaço público que estes proporcionam, como destaco:

...quem questiona o *status quo* vai tá sempre pressionado cara, sempre pressionado! Não adianta porque a inércia... a inércia do sistema é muito grande, entendeu, é muito grande. Então, gente tem que tá consciente disso assim, consciente no sentido de... também da nossa força. Eu vejo força assim enquanto... não assim a minha força pessoal, entende, mas **a força do grupo assim... com a força da comunidade assim, seja qual comunidade que você vive**, entendeu? Eu acho isso muito importante, **porque senão você começa a ver: “Pô, eu sou maluco, eu sou doido, sei lá!”**. Ou então você não... não tem às vezes força pra... pra continuar e tem que tá ligado - eu acho, né, principalmente, pra mim - ligado numa... numa comunidade, que eu vejo assim, espiritual mesmo, no sentido de tá a tua força... a força... a força que te move a fazer as coisas também, né? Assim uma... pô, o espírito tá aqui agora, eu tô agindo, ele tá falando através de mim, né, tô vivo. O que que me mantém? O que que me... Nossa alavanca metafísica! Eu acho isso muito importante, cara! (Caboclo de Pena, em entrevista, em 01/05/04, grifos meus).

É... eu... me sinto... agora assim, nesse momento eu me sinto super... super eu e ao mesmo tempo super todo mundo! Assim, entendeu? Eu... eu me sinto com liberdade de escolha... de tudo. De relações e de confiança também! Eu sei em quem eu posso confiar e em quem não posso e... e eu posso falar por agora, assim. Depois... depois eu não sei. Eu sei que... eu sempre vou ter necessidade de outras pessoas ao meu redor. (...) **Eu sei que sou eu com pessoas...** Tão... eu... mas, eu acho que eu sozinha não faço porra nenhuma! E... e... que vale a pena mesmo assim... o que dá pra ser construído é com outras pessoas! (Baiana, em entrevista, em 16/05/04, grifos meus).

No caso do AI encontrei que a escolha da experiência no espaço público se mostra como uma constante na vida da maioria dos membros. Quando da resposta aos questionários, 68,4% deles informaram fazer parte de outros grupos organizados além do AI e 10,5% responderam que, apesar de neste momento não mais participar de outro grupo

além do AI, no passado participaram de outros grupos organizados, situados na área artístico/cultural e musical prioritariamente. É importante destacar que o grupo não se encontra mais incluído numa faixa etária na qual, em princípio, os jovens no geral apresentam uma tendência maior ao agrupamento. Os participantes do grupo situam-se prioritariamente no intervalo 22 e 24 anos, seguidos do intervalo de mais de 27 anos, o que qualifica o viver em espaços coletivos não como um aspecto que guarde relações com o desenvolvimento bio-psicológico, mas com uma escolha.

Também através das entrevistas encontrei uma realidade que confirma a forte presença dos grupos antes evidenciada pelos questionários. Para a maioria, os grupos de convívio **têm e tiveram** um papel de relevância na formação de cada jovem no que diz respeito às experiências que consideram ter contribuído para a descoberta e o amadurecimento pessoal ao longo da trajetória percorrida por cada um:

... eu acho que aprendi bastante assim principalmente com a galera de Osasco [grupo da periferia desta cidade] assim, que era uma realidade bem diferente da minha, mas que me acrescentava, assim, eu... sei lá, parecia que eu tava vivendo uma coisa que não era minha, mas eu tava aprendendo com eles assim. E aí é isso assim, tipo... pra mim o que eu mais guardo assim, é essa galera de Osasco, assim. As outras galeras, assim *rock'n roll*, *surf* e tal já era mais fachadinha. Não era... sabe, parecia tudo meio de mentira, era um estilo mentiroso assim... (...) porque antes se eu usava algum estilo sem ter consciência, entendeu, do que era assim eu só... era só pra eu entrar no grupinho, assim. Era muito engraçado porque acho que é bem por isso mesmo, porque na infância eu era tão sozinha assim, que daí quando eu comecei a conhecer a galera, tal, meio que eu sentia a necessidade de fazer as coisas que eles faziam também pra eu poder ficar lá. Mas todo mundo sempre gostou de mim assim, a galera me achava super gente boa (Baiana, em entrevista, em 25/04/04).

... um outro grupo de convívio que eu tinha, que eu sempre tive também foi o do esporte. Sempre fiz, desde pequeno, campeonato de vôlei, atletismo, *triathlon*, né, então essa galera encarnada também sempre foi forte na minha formação, assim, nunca consegui ficar parado. Essa era a galera da saúde, né? (...) bom, aí, eu conheci uma outra galera também nesse meio termo da viagem, que é a galera dos viajantes do mundo. Essa é uma galera muito massa, é a que viaja o mundo por viajar, trabalhando e viajando, não tem... Eles são meio ciganos assim, ciganos atuais assim, não o legítimo cigano, né, uma galera que não tem muitas raízes mesmo, as raízes é o mundo, e eu comecei a me sentir cada vez mais assim, mas pertencente ao mundo e não a Florianópolis e aquela coisa aqui, como eu vejo que é. Então essa turma me deu essa noção de ser planetário, e começou a me despertar também pr'uma outra relação espiritual também, com o planeta e com o universo, de certa forma; daí eu voltei pra cá e aí com a cabeça mais aberta, né? Depois desse clic de fffuuuuu! De despertar pro outro, pro mundo eu comecei a me envolver na universidade com a galera. Com que galera? Com nós, com a nossa

galera, **com a galera que não... que não tem nenhum motivo específico para estarem juntos e se encontram naturalmente** assim, né, são de certa forma... é... são independentes, anarquistas, né, mas não porque a bandeira da anarquia. Sei lá, naturalmente isso, libertários. Essa galera aí, povo do movimento estudantil... (...) me envolvi, né, discussões nacionais, movimento estudantil, universidade, soberania nacional... e aí comecei a conhecer um outro grupo do qual pertença hoje, né, bem assim a galera dos artistas assim, da Ilha, que... tanto músicos como a galera do teatro, de tudo! Artes plásticas, galera que hoje em dia... nós né! Que estamos fazendo o nosso movimento de cultura popular aí, cheguei neste estado aqui porque acho que... tá nessa possibilidade de criar, né, a gente... **criar e recriar o nosso dia-a-dia** também assim, só que... pô, fundamental todo esse processo pra chegar aqui porque fui me descobrindo. né? Basicamente isso: **descobrir quem eu era e principalmente quem eu não era**. Quem eu sou é uma incógnita e sempre vai ser, mas cada vez mais eu sei quem eu não sou, o que eu não quero, né? (Caboclo de Pena, em entrevista, em 25/04/04, grifos meus).

Ao observar a sua trajetória - descrita no depoimento anterior - Baiana mostra-se capaz de diferenciar, daquilo que constituiu o seu envolvimento grupal, o que possuía relevância para afirmar o que buscava como caminho pessoal e o que experienciou como parte de uma fragilidade do processo de afirmação. Destaco da fala de Caboclo de Pena a importância que confere à convivência estabelecida com aqueles que não tinham “motivo específico para estar juntos”, reafirmando o valor das relações que se consubstanciam fora do espaço da instrumentalidade, que se fazem pelo simples prazer de fruir do coletivo como espaço de existência e de experimentação do novo, conforme destaca o depoimento em relação à existência do próprio AI:

...pra mim, o grupo é muito importante; pra eu tá bem, sabe, eu sou uma pessoa que necessito muito de companhia, de pessoas perto de mim, senão eu paro, estagno! (...) a galera aqui do Maracatu é que dá uma força pra mim, sabe, pra eu continuar lutando por aquilo que eu acredito mesmo. Saber o que eu não quero e saber o que eu quero. É aqui tá sendo mais um momento de crescimento, porque eu sei que eu sou uma pessoa muito nova (...) às vezes falta... fico devaneando nas coisas: “O que que eu faço, galera?!”. Mas assim, é uma chave fundamental pra mim! Pra eu tá bem, mesmo sabendo que eu tenho vários problemas dentro do próprio grupo assim, problemas pessoais, né, mas pra mim é muito necessário eu tá com essas pessoas. Sabe, chegar na minha casa e falar: “Bom, vamo aí que... segunda-feira tudo volta, mas domingo que vem tem de novo!”. Mas cê vai encontrar, né? (...) eu ficava muito assim: “Pô, cara, será que eu vou lá? Domingo? Pô!”. Mas só quando cê vê que é uma coisa que te traz... começou a me trazer tantas coisas boas, e porra, um aprendizado, assim, uma carga, que... puta!... (Rainha, em entrevista, em 25/04/04).

É dessa perspectiva que a amizade surge com força como espaço do exercício das vivências no grupo analisado, tanto no seu espaço restrito quanto além de suas fronteiras. Nas trocas que estabelecem vão construindo os sentidos que adotam como orientadores do cotidiano, de como se colocam diante de suas vidas e do mundo.

Reforçando a importância do amplo coletivo que participam e retornando aos dados dos questionários, encontrei 78,9% dos respondentes que dizem fazer parte de outras turmas de amigos além daquela que compõe o AI. Mesmo aqueles membros que não participam de outros grupos organizados fazem parte de ‘outras galeras’, como dizem. Apesar de atribuírem relevância à vivência em grupo, e no AI em especial, fica clara a importância que dão à possibilidade de poder relacionar-se com outros coletivos, preservando os interesses e liberdades individuais e, ao mesmo tempo, construindo uma outra noção do coletivo para além dos limites do grupo. As falas auxiliam o entendimento:

Eu me sinto bem... bem... próximo do grupo, sou do grupo Arrasta Ilha, assumo essa camisa. Só que a galerinha do maracatu, assim... acho que eu sou de várias galeras também, entendeu? Não é a galerinha do maracatu, só galerinha do maracatu. Também. Embora a gente seja uma galera... a gente participa também... né? (Caboclo de Pena, em entrevista, em 25/04/04).

Acabei ficando amiga através da Duquesa, que eu conheci a galera do maracatu e... e hoje eu acho que é o grupo que eu... que eu... eu... Eu não sinto muito isso de tá dentro de um grupo, eu sinto que eu estou dentro de alguns grupos, mas eu... tem a galera do maracatu, tem a ga... várias galeras, né, que eu me sinto bem. Mas não posso dizer que “ah, eu sou da galera do maracatu... Ser Arrasta Ilha, da galera... é... é uma coisa fechada, né? (Dama de Paço, em entrevista, em 25/04/04).

A presença relevante do outro também aparece na própria condução que dão às questões particulares. Dos respondentes, 31,6% informaram que na eventualidade de tomar uma decisão importante, divide a situação com os melhores amigos. Em contraposição a esse percentual 21,1% costumam tomar a decisão sozinhos. Os comprometidos discutem com companheiro/a ou namorado/a (15,8%) e os demais (10,5%) buscam o apoio dos pais. Neste mesmo sentido, não houve nenhuma indicação de gastos com apoios profissionais de psicologia ou similares. A amizade e a convivência com aquele escolhido para parceiro surgem, portanto, como maior força enquanto apoio nos momentos mais difíceis, constituindo um parâmetro na sociabilidade que vivenciam. A relação com o outro, inclusive no que implica de desafios, limites e aprendizados, é colocada pela maioria

do grupo como produzindo sentidos de afinidade, de partilha e, por outro lado, de exercício de convivência, de amadurecimento nas relações.

3.1.2.9 Trabalho-lazer, trabalho-trabalho

Pronunciando-se sobre o trabalho o grupo em discussão delinea claramente a sua posição diante do contexto em que está inserido. Ao responder acerca de suas alternativas de lazer o AI embaralha as fronteiras ao apontar como segunda mais freqüente alternativa de lazer a apresentação pessoal em atividades musicais. Tocar maracatu é lazer; mesmo quando se apresentando mediante contrato remunerado. Normalmente essas circunstâncias se traduzem mais pelo entendimento de trabalho-lazer que trabalho-trabalho.

A maioria absoluta do grupo expressa uma opinião acerca do trabalho entendendo-o como forma de expressão da subjetividade e buscando inseri-lo na sua vida a partir deste entendimento. Assim, dão importância singular à afinidade que deve existir entre o trabalhador e o trabalho que se faz e manifestam o desejo de conciliar essas realidades nas escolhas que operam. Criticam a especialização por entender que o trabalho desencadeia relações infundas e se presta à materialização de mensagens, de posturas, de escolhas do ser na multiplicidade em que ele se manifesta em cada pessoa:

...essa é uma questão que eu sempre pensei... que é o ser e o fazer. É o ser como verbo intransitivo e o fazer como verbo transitivo. Movimento e repouso, né? Unidade, multiplicidade. É... geração e fertilização. Centrou-se? Filosofias... É... mas a questão do fazer... quando você faz, você multiplica o seu ser, entendeu? Você se reflete nesse fazer... então... as nossas... a gente é o que a gente faz. (...). Então é... eu quero muito ser verdadeiro com a minha essência. Fazer escolhas e deixar outras pra trás e eu me sinto muito múltiplo... muito... com muitas possibilidades, né...(...) a ultra especialização te coloca num caminho. Você tem que ser o cara robô que só sabe fazer aquilo ali, não precisa nem ser um robô, né. (...) ou seja, num contexto um pouco maior você não consegue diferenciar a parte do todo, isso que eu vejo. Eu procuro sempre buscar o todo, buscar essa relação orgânica que existe entre... entre as pessoas, entre as coisas, e os sentidos, né. O por que fazer, pra que fazer isso? Quais pedras que estão rolando, né? (Caboclo de Pena, em entrevista, 01/05/04).

...eu acho que o trabalho, o trabalho é... uma capacidade que o ser humano tem assim de desenvolver alguma coisa, de tá fazendo coisas. Só que no meio que a gente vive, é visto... ele é recortado, sabe? Ele é recortado no sentido que você tem que, você tem que se centrar num tipo de trabalho, sabe? Eu faço (...) [isso], então se é isso, é isso! Só que, pô, eu podia fazer [isso] e fazer um forno e fazer cerâmica e fazer milhões de coisas... Mas eu tenho que escolher alguma coisa! Por quê? Por causa do lance da grana, do dinheiro, isso é essencial. (Baiana, em entrevista, em 01/05/04).

...tem gente que faz coisa porque... tipo, a opção dela não é o que ela tá fazendo, mas sim o fim disso, né, tipo ganhar dinheiro, por exemplo. E tem outras pessoas, que eu acho que é o nosso caso assim, que... que procuram fazer o que gostam, assim né, e eu acho que você fazendo o que cê gosta, de uma maneira ou outra, cê vai ser bom naquilo, né. Você sendo bom naquilo você sobrevive... (Príncipe, em entrevista, em 01/05/04).

Geralmente, aliada à reflexão sobre o significado do trabalho, vem a profunda crítica do grupo à quase absoluta dimensão de instrumentalidade a que o trabalho se reduziu na sociedade. As opiniões oferecidas pelos entrevistados desnudam o fato da perspectiva instrumental levar, entre outros, à extrema especialização impedindo as várias possibilidades de manifestação do ser através da produção de coisas variadas pelas pessoas, assim como são várias as possibilidades de cada um. Trazem à discussão também os atores e as estratégias sociais que se reforçam a adequação das pessoas a tais mecanismos, como a pressão por resultados e a desqualificação de alguns tipos de trabalho:

...pô, eu vejo muito assim cobrador, a galera que trabalha de repositor de supermercado... eu pra mim.. isso são profissões que... porra! Tu passa oito horas... eu penso muito nisso assim, tu passa um terço do teu dia ou mais numa tarefa que não traz um crescimento assim, sabe. Eu fico pensando muito nisso, cara. E eu vejo o trabalho como uma forma de crescimento assim, na verdade. (Lanceiro, em entrevista em entrevista, em 01/05/04).

Mas eu imagino trabalho como isso assim: é tu reafirmar pra sociedade, afirmar pra sociedade aquilo que tu acredita. Só que a sociedade transformou completamente assim o sentido do trabalho, né. Transformou em apertar parafusos, assim. Você tá num trabalho, qualquer que seja, só apertando parafuso: “Ah, beleza! Tá trabalhando, né...” (...) já fiz um monte de estégio prego assim, escritório de (...), apertando parafuso, fazendo desenho no computador, cadista total! Mas minha mãe: “Pô, tá trabalhando no escritório do fulano de tal!”. Pra mim não é nada aquilo! Pra mim o trabalho na Chico Mendes, que eu não ganhava um tostão, fazendo extensão universitária, era a realização de um sonho e a minha mãe e o meu pai... puta! Não davam a mínima assim. (Dama-de-Paço, em entrevista em entrevista, em 01/05/04).

...Tipo o lance, tipo eu, por exemplo, assim: resolvi optar pelo caminho da arte assim mesmo, de várias maneiras, né? E se eu fosse pelo que a galera fala assim, né... “Ah, que artista! Você vai se fuder e tal... você nunca vai ganhar grana, no máximo você vai acabar dando aula e não sei o quê...” (Príncipe, em entrevista em entrevista, em 01/05/04).

As pessoas vêem isso no artesanato, no artesanato em geral assim, eu acho.... Que porque é gostoso de fazer, porque é massa, porque sai bonito, não sei que, as pessoas acham que - porque você não está servindo um outro alguém, não tem ninguém te dando ordem, você não tem um patrão -

as pessoas desconsideram isso como trabalho, entendeu? Mesma coisa, meu! Tô botando a maior fé na minha cerâmica, cara! Tô dando altas dedicação... (Boneca, em entrevista em entrevista, em 01/05/04).

A relação com o mercado é pontuada de muitas dificuldades e de uma certa insegurança. A apreensão de não acertar nas escolhas profissionais, o medo de não ser auto-suficiente do ponto de vista financeiro é presente, evidenciando que o grupo, e cada um a seu modo, se relaciona intensamente com a nova realidade de incertezas do mundo do trabalho. No percurso que se encontram realizando, a sociedade que os cerca aparece nas falas muito mais como razão de preocupação e insatisfação do que como ponto de apoio na caminhada:

...esse tempo eu comecei a fazer um currículo pra mim. Aí, porque várias coisas passaram já na minha vida: o que eu tramei, o que eu já fiz também, né, muita coisa assim que eu já estudei também, uma passagem na vida que o cara vai desenvolvendo. Quando no final das contas eu li todo aquele currículo, eu tinha coisa de maracatu, coisa de mecânica, tinha coisa de história, tinha coisa de capoeira, e de não sei o que, tinha coisa de arquivo e pápá! (...) Fiquei pensando: “Pô, tô montando um currículo, esse negócio de mercado de trabalho...”. Pensando bem nessa viagem... Esse negócio de arrumar um emprego. Daí eu pensei: “Pô, mas que emprego que... pra quem que eu vou entregar esse currículo?”. Eu fiquei: “Pô! Pra quem que eu vou entregar esse currículo, cara?”. (Mestre, em entrevista em entrevista, em 01/05/04).

Então, na verdade esse é o meu maior medo, assim, saca? De tá enfrentando tudo isso, de querer bater de frente e ao mesmo tempo... Saca, eu... meu! Eu duvido assim, de eu mesma. Será que eu vou conseguir aturar, por exemplo, uma molecada endiabrada? Vou ter que lidar com ela todo dia e será que eu vou tá ali, bem, todo dia? Ou será que eu vou olhar pra cara da diretora e ela vai falar: “Você é uma maluca, saca?” (...) esse é o meu maior medo... (Rainha, em entrevista, em entrevista, em 01/05/04).

Para a maioria, a estratégia que se mostra mais eficiente na interação com a realidade do trabalho e do mercado, com vistas a diminuir as tensões daí procedentes e de se viabilizar a subsistência é, mais uma vez, a fidelidade à expressão do ser. A escolha de trabalho que revele a individualidade, a afinidade e os propósitos de cada um, que potencialize a sua condição de realizador de algo:

...eu persisto na idéia de que se você faz com prazer vai acabar fazendo bem assim. Cê acaba superando aqueles que tão fazendo por fazer assim... (...) É, eu boto fé assim se você... se você tem esse tesão da coisa assim, tipo não desiste disso nunca, assim, saca? (...) E geralmente aquela galera que acho não faz assim com tesão mesmo assim, acaba caindo fora uma hora... (Príncipe, em entrevista, em 01/05/04).

...quando tu tá fazendo uma coisa, tá adquirindo conhecimento com vontade, com gosto assim, as pessoas reconhecem isso, eu acho, assim. As pessoas vão reconhecendo, as pessoas vão olhando e... “Pô, aquele cara ali... Aquele cara é bicho encarnado, bicho encarnado mesmo...”. (Batuqueiro, em entrevista, em 01/05/04).

Na atualidade muito do que realizam enquanto atividade remunerada acontece no âmbito do universo juvenil do qual atualmente partilham. Pude constatar que trabalhos artísticos (cerâmica, artesanato, artes plásticas) e musicais que realizam tem os amigos e conhecidos ou como parceiros de prestação de serviços ou como consumidores prioritários. Desse modo, concretizam – talvez até inintencionalmente - uma relação alternativa ao mercado formal, a qual é ainda muito atravessada pela solidariedade e pelas relações pessoais de um modo geral. São relações que também incorporam um discurso distante das idéias da qualidade total, da assepsia mercadológica e demais parâmetros racionais muito valorizados, em tese, pelas leis do atual mercado globalizado. Assim, superam a contingência de desenvolver o trabalho remunerado limitados ao ambiente racionalizado e observando suas regras estritas.

Não obstante a aposta de grande parte numa relação não instrumental com o mundo do trabalho, parametrada pelas capacidades, pelas relações pessoais, pelo prazer de realizar algo interessante para si e para o mundo e, a partir disso, pelo reconhecimento dos demais, para outros membros do grupo os desencantos já experimentados pesam na avaliação que fazem do real que enfrentam:

...eu perdi muito o tesão pela fotografia, vontade de fotografar, por causa disso, né, pela limitação do mercado, de tanto ir e... puta, e dar murro em ponta de faca, e não... Então eu fico na dúvida, às vezes, de pensar assim: o que você faz bem feito e com vontade... entendeu? Porque eu fazia bem e fazia com vontade, só que não consegui ultrapassar é... essa barreira do mercado... (...) como é difícil você, é... você sem ser falsa, né, sem... aquele jogo de cintura que as pessoas usam pra agradar, né, as outras pessoas, por causa de um interesse. Coisa que eu não consigo fazer. Isso assusta. E... a falta de oportunidade (...) de oportunidade mesmo, que assim, na minha área ou você é indicado por alguém, ou você já tem um nome ou você é um parente de alguém... (Princesa, em entrevista, em 01/05/04).

É, mas tem que ter estratégia também, né? Eu acho meio romântico isso que eles tavam falando assim de tesão. Acho que tem que ter, óbvio, mas tem que ter uma malandragem também, um jogo de cintura, tem que ter uma estratégia. (Dama-de-Paço, em entrevista, em 01/05/04).

Para o grupo o trabalho é considerado um ponto de encontro com a individualidade, um mecanismo de potenciá-la na sua relação com o outro, um caminho de

construção da existência para além da sobrevivência física. Entretanto o experimento das condições materiais em que se dá o trabalho hoje, capturado por um mercado inserido num nível crescente de complexidade e exigências, explicita para o grupo uma perspectiva outra do trabalho: a de uma prática que amputa possibilidades e potenciais; que sufoca o ser. O universo da instrumentalidade os faz considerar o trabalho, por fim, como um meio de reprodução de materialidades que se prestam à alienação do ser.

3.2 ASSOCIAÇÃO ESCOLA OFICINA DA VIDA-ODV

Este outro grupo, a ODV, é uma Organização Não Governamental-ONG que se estrutura a partir do trabalho voluntário, basicamente, e assenta-se sobre a idéia do protagonismo juvenil e do empreendedorismo social. As equipes de trabalho são no geral compostas por jovens universitários e a grande parte dos projetos tem como público usuário os jovens inseridos em segmentos de menor renda ou que residem em bairros da periferia da cidade de Florianópolis.



A primeira abordagem que fiz ao grupo Oficina da Vida foi através de contato telefônico. Atendeu-me Caio³³, um jovem à época participante das atividades do grupo. Este me orientou procurar Camila, a jovem Coordenadora de Recursos Humanos para tratar da questão. Em contato com a mesma encontrei receptividade em me atender e em discutir comigo a proposta de trabalho a partir do projeto que lhe entreguei e da exposição que fiz do mesmo. Após responder algumas perguntas de Camila acerca de aspectos do meu trabalho, fui orientada por ela a aguardar uma reunião que seria marcada com a Presidente de Honra da ONG – Cristina - e a coordenadora técnica - Carmen. Neste intervalo, através de consulta ao *site* do grupo na *internet*, pude conhecer vários aspectos do trabalho do mesmo que reafirmaram o meu interesse em tê-lo como campo da minha investigação.

Na reunião marcada por Camila o meu projeto foi discutido exaustivamente através de questionamentos detalhados de Cristina e Carmen, que demonstravam ter feito leitura cuidadosa do mesmo. Finalizada a discussão, nesta mesma reunião recebi da Presidente a autorização para desenvolver a pesquisa que também me orientou a sempre que necessário procurar a coordenadora técnica, que ficaria disponível para me auxiliar – o que de fato ocorreu.³⁴ A partir deste contato é que iniciei a investigação no campo.

Não obstante a receptividade aqui relatada, o que em muito ajudou o meu trabalho, lamentei o fato de nenhum jovem da ONG participar da reunião. Posteriormente, ao longo da observação no campo, através de contatos individualizados, constatei também que nem o Conselho, nem a Diretoria Executiva compostos pelos jovens sócios efetivos haviam lido ou discutido o meu projeto de pesquisa. Do ponto de vista da realização da minha investigação não houve prejuízos, mas esperava que os mesmos se envolvessem com a questão, uma vez que eram os diretores oficiais da ONG e a pesquisa os envolvia diretamente, enquanto sujeitos da investigação.

3.2.1 Origem e organização legal do grupo

A Oficina da Vida teve sua origem num grupo de estudo organizado por Cristina, psicóloga clínica, que desenvolve suas atividades profissionais na cidade de

³³ Os nomes são fictícios a fim de preservar a identidade dos sujeitos.

³⁴ Fui autorizada pela Presidente a realizar o trabalho nos seguintes termos: “Percebe-se que é um trabalho sério, que tem consistência. Temos o cuidado de avaliar bem porque às vezes se aproximam sem maior critério e fazem juízos que não procedem. Não é o caso do seu trabalho. Para nós é importante termos como referência para o nosso trabalho um outro olhar. Isso é importante. Se erramos, se acertamos... outro olhar criterioso pode nos ajudar a crescer. Portanto, aceitamos a sua pesquisa; creio que ela pode colaborar com o trabalho que desenvolvemos.” (Diário de Campo, 25/09/04).

Florianópolis. As atividades do grupo consistiam em estudo e formação acerca dos **estilos de vida** juvenis, referenciada na linha da Psicologia na qual trabalhava Cristina³⁵. A partir deste trabalho, posteriormente a citada psicóloga também desenvolveu uma pesquisa, com vistas à busca de suporte ao seu fazer profissional.

O grupo foi originalmente composto por estudantes universitários vinculados aos cursos de Psicologia, Medicina e Administração de Empresas vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC e à Universidade do Sul de Santa Catarina-UNISUL. Os jovens tomaram conhecimento do grupo de estudos pela proximidade que mantinham com a Psicóloga, tanto via atividades que desenvolviam nesse campo, quanto por trabalharem em locais próximos ao consultório de Cristina, como descrevem as falas:

No meu caso foi assim, eu tinha começado o curso de Psicologia e aí eu comecei a fazer psicoterapia e comecei a fazer estudos na área da Psicologia, e a Cristina é... era uma psicoterapeuta que tava formando um grupo de jovens pra estudar psicologia na técnica que ela tava atuando e eu me interessei, e comecei a participar. Aí tinha o pessoal da medicina que tava fazendo um grupo de... Psicossomática, com um outro profissional que era colega de trabalho da Cristina e aí também ficou sabendo desse grupo que ela tava fazendo de estudos e estilo de vida e tal, e vieram participar. (Pedro, em entrevista, em 09/05/04).

É, eu trabalhava... (...) tinha uma ligação com o local assim que era na mesma sede, né, a empresa era na mesma sede, como também com a Cristina, né, e aí fiquei sabendo dos grupos e, na época eu era bem novo também, e era um grupo pra jovens. E aí foi perguntado pra mim se eu queria estudar alguma coisa além daquilo que eu estava fazendo na faculdade, que era administração na época, né. É... daí eu me interessei e falei: não, sim, eu gostaria. Daí eu comecei a participar dos grupos também, naquela época. Daí depois se juntaram, alguns da medicina que estudavam a psicossomática com os outros que estudavam Psicologia, né, e os que faziam temas mais ligados a Administração. (Mateus, em entrevista, em 09/05/04).

³⁵ Ao longo do trabalho de campo verifiquei que os sócios entrevistados, no geral, possuíam algum tipo de vínculo com o ambiente da Psicologia, fosse enquanto profissionais do setor ou como clientes dos consultórios que funcionavam no mesmo prédio da sede. Desse modo, tive a minha atenção chamada para entender melhor esta questão. Através da Coordenadora de Recursos Humanos da ODV, também psicóloga e atendendo no local, tomei conhecimento que os jovens chegavam à Oficina através da divulgação que a ONG fazia do seu trabalho em locais diversos. Entretanto, em conversa com alguns jovens que chegavam à Oficina soube serem esses oriundos do consultório de Janete e de Cristina e que ali estavam por recomendação delas. Numa atividade da Oficina, em 17/04/04, da qual Janete participava esta me confirmou que ela e outros profissionais por vezes encaminhavam jovens clientes seus para desenvolverem trabalho junto à Oficina. Explicou-me longamente que os jovens encaminhados eram aqueles que relatavam sentir um vazio existencial; jovens que, na sua avaliação, poderiam se beneficiar realizando o trabalho junto à ONG.

Segundo as entrevistas, a partir dos encontros citados o grupo foi despertando o interesse de experimentar outros estudos relacionados à formação acadêmica e a outros interesses dos participantes e passou a realizá-los, assessorado pela citada profissional. Essas novas experiências trouxeram ao grupo a reflexão acerca da importância que, segundo eles, teria pro jovem poder dispor de uma formação desta natureza:

... aí chegou uma hora nesse grupo que cada um de nós foi, assim, estimulado a ir lá falar alguma coisa, falar sobre algum tema... (...) aí um escolhia um livro ou o trecho de um livro, aí ia lá na frente e falava sobre, né? Aí a gente começou a perceber que se a gente tivesse acesso a esta informação um pouco antes, se a gente tivesse - com menos idade - acesso àquilo que a gente estava descobrindo, sobre **como a melhor forma de fazer as escolhas que a gente estava fazendo**, então a gente poderia estar bem na frente da onde a gente tava... em matéria do que tá estudando, o que que quer ser no futuro, e tal... (Pedro, em entrevista, em 09/05/04, grifos meus).³⁶

É possível perceber que a dinâmica interna de organização dos trabalhos do grupo era, inicialmente, descontraída e sem maiores preocupações. O adensamento de atividades, os novos propósitos e uma quantidade maior de participantes levou o grupo a organizar o GDI-Grupo de Discussão Interdisciplinar, a fim de encaminhar palestras, discussões e debates acerca de temas de interesse de todos. Este consistiu num momento novo do grupo, onde se definiram subgrupos, temáticas e cronograma para realização das discussões propostas, já imprimindo uma certa dinâmica e organização interna das atividades. Também nesta fase o grupo contou com a assessoria de Cristina.

A possibilidade do GDI se construiu com o grande afluxo de jovens aos eventos que o grupo vinha promovendo, que, segundo os depoimentos, se dava em função da vontade dos jovens de se encontrarem e da necessidade que sentiam de empreender atividades com vista à sua formação mais genérica, como se vê abaixo:

Porque foi uma coisa interessante, muito interessante, porque de uma certa forma o jovem queria tá se encontrando, isso era um ponto fundamental assim. É... parecia que tinha uma química, alguma coisa

³⁶ Essa experiência de grupo deixa entrever duas realidades: a primeira é um certo vazio que persiste na formação de corte técnico – e meramente técnico, na maioria das vezes – que se verifica no âmbito universitário. Entendo que o modelo de formação esquece que o público universitário é, na sua maioria, juvenil e que experimenta muitos desafios na sua formação como um todo, para além da necessidade de qualificação profissional propriamente dita. A segunda ausência é quanto ao suporte que Estado e Sociedade poderiam oferecer ao público juvenil, enquanto políticas públicas pensadas para este fim. As iniciativas permanecem dependentes do voluntarismo e do esforço dos próprios jovens ou de outros que se interessem pela questão, o que faz com que poucos se defrontem com tais oportunidades no seu processo de formação.

assim: “Não, nós temos que fazer um encontro, nós vamos ter que ir lá discutir algum assunto”, sabe? Era uma coisa que se sentia, era uma necessidade que não se sabe, não sei, não teria como explicar essa vontade de ir e discutir, mas tinha essa vontade. Então, o que que a gente fazia? (...) a estratégia era um pouco assim: a gente fazia contatos. Mas principalmente antes do período letivo, digamos assim, a gente delimitava quais seriam os temas (...) dividimos o pessoal em grupos, e cada grupo era responsável pra dar aquele tema. Então, isso motivou muito porque tinha que se preparar. Podia trazer um palestrante, não tem problema, mas teria que apresentar o palestrante e o ato de apresentar um palestrante, pra quem nunca falou em público, já dava um nervosismo assim, já dava um frio na barriga na hora de ir na frente do grupo maior e falar, né. Então, é... a motivação era isso. Eram jovens que estavam buscando um pouco isso, né, de estar se expondo, de estar trabalhando e buscando conhecimento. Então, a gente tinha dois elementos ali fundamentais, que eram: a vontade do jovem e o conhecimento que era passado. (Mateus, em entrevista, 09/05/04).

Como informado, foi a partir da constatação positiva acerca dos significados da experiência que viviam, que avançaram para a idéia de levar a formação para outros jovens, com menor idade, e objetivando realizar dois propósitos: dividir com os mais novos o que aprendiam, porém priorizando o treino das habilidades profissionais que os membros do grupo estavam adquirindo com a formação universitária e com a participação no coletivo.

Com esta intenção, o grupo iniciou o seu primeiro contato com a Escola Teodoro, no bairro da Trindade, em Florianópolis, e lá desenvolveu a primeira experiência do Projeto De Jovem para Jovem. A escola foi escolhida por ser mais próxima para todos que, ou residiam ou estudavam nesta região da cidade. A segunda experiência do Projeto foi na Escola Padre Alfredo Horn, no bairro Córrego Grande, e em seguida no Colégio de Aplicação da UFSC; todas escolas relativamente próximas. O desenvolvimento do Projeto era sempre acompanhado por Cristina, como explica Pedro:

A gente tinha a assessoria da Cristina. Ela ajudava a gente assim: a gente filmava os encontros e depois a gente estava no grupo de estudos com ela. E aí depois a gente levava essa... a gente levava a fita e a gente mesmo se corrigia. O que que... como que a gente foi, o que que a gente falou... e aí ela fazia algumas correções em matéria pedagógica, de como a gente podia tocar melhor o jovem, falar melhor sobre o tema, a explorar melhor as perguntas e os exercícios que a gente tava trazendo e tal. Então, ela assessorava a gente nessa parte, principalmente indicando como que a gente poderia ser mais eficiente, né?, através da análise das fitas. (Entrevista, 09/05/04).

Segundo os entrevistados o desenvolvimento deste Projeto e a sua regularização junto à Secretaria Estadual de Educação lhes trouxe a idéia de constituir uma associação e de regularizá-la, uma vez que, nos contatos com as escolas e com a própria Secretaria, perceberam a necessidade de ter um suporte legal através do qual pudessem se identificar. Sentiram também a importância de constituir uma sede onde pudessem realizar suas atividades e receber os jovens com os quais já trabalhavam, tanto os participantes, quanto os ministrantes dos trabalhos. Nesse sentido é que iniciaram a elaboração dos estatutos, efetivaram sua regularização para, em seguida, realizar a primeira escolha de diretores³⁷. Neste mesmo período o grupo escolheu o nome que o identificaria, a partir de sugestão dos próprios membros, e a *logo* que o representaria:

... “Ah, vamos ver um nome, um nome pra associação, né?”. Enfim, e aí tinha a ver com vida, né? Tinha a ver com vida Ah, vida porque a gente tava estudando a arte de viver, estilo de vida, a gente tava estudando isso. Então, aí sempre vinha alguma coisa com vida: “Ah vida, vida!”. E tinha o ofício de viver, né, que são várias etapas de estilo de vida, né? Seria o ofício de viver e tal. E a gente pensou assim porque, na verdade, isso que a gente tá nesse início de carreira, digamos assim, é o que a gente tá buscando, né? Então... ah, da mesma forma que a oficina, a oficina é onde vai um... tem um artesão, enfim, é mais nessa idéia de artesão, né, de pessoa que constrói, a pessoa que dá forma, que cria e então surgiu a Oficina da Vida, né? (Mateus, em entrevista, em 09/05/04).



Fonte: Disponível em <<http://www.oficinadavida.org.br>>

Podemos ver este momento do grupo que diz respeito à sua formação, denominação, legalização e eleição da primeira diretoria como um marco na sua existência, que o habilitaria a perseguir seus novos objetivos e a implementar suas ações no sentido

³⁷ A eleição do primeiro presidente foi por aclamação. Os critérios do grupo estabeleciam apenas que o membro desejasse ocupar o cargo e que tivesse tempo para dedicação ao trabalho. Durante todo esse período de regularização e estabelecimento numa sede a ODV deixou de participar do grupo de estudo coordenado por Cristina e seguiu sozinho na realização de suas atividades. Voltou a retomar os contatos no final do ano de 2002, segundo Pedro, em entrevista, em 09/05/04.

que o grupo foi definindo a partir dessa estrutura formal e experiência básicas. O aluguel da primeira sede – que se seguiu a esse momento – foi uma das conquistas importantes para o avanço do trabalho.

Não obstante as necessidades objetivas, as falas relativas a esse período anunciam também uma determinada escolha que era feita pelos participantes quanto ao perfil de grupo que buscavam formar:

...esse negócio de certificar, de ter um respaldo, um respaldo de uma instituição, um respaldo legal, vem também acho até da nossa própria formação. Porque a gente pessoalmente busca isso, a gente, né, pessoalmente. Eu busco conhecer psicologia, mas eu preciso ter um curso superior, se eu quero ser psicólogo, eu preciso ter um diploma, né? Se eu quero ser consultor ou ser assessor de projetos sociais ou de empresas, eu preciso então ter um curso de formação em consultoria, eu preciso ter um respaldo, um diploma. Alguma coisa que eu possa é... que eu possa... regularizar; que tenha... que tenha um respaldo social, ou que tenha um certificação. (Pedro, em entrevista, 09/05/04).

A fala de Pedro revela que os membros do grupo, e o grupo por decorrência, desde o seu início buscou a institucionalidade. Os objetivos iniciais de formação do mesmo, bem como os canais pelos quais seguiu organizando e expressando a sua existência situa a Oficina da Vida nos marcos da legalidade, do institucional, partilhando os preceitos hegemônicos e norteadores do *status quo*. Em nenhum momento das falas e das atividades por mim presenciadas há qualquer tensão quanto a isso. O que se depreende pelas informações é que todos os membros eram acordes a esse delineamento que o grupo foi adquirindo³⁸.

Uma vez regularizado seu Estatuto Social, nele a Oficina da Vida define-se como “uma associação civil de direito privado, **sem fins lucrativos**, e com caráter social, cultural, científico, tecnológico e ambiental, voltada para a pesquisa e o desenvolvimento do SER HUMANO... (grifos do Estatuto). É instituição reconhecida enquanto Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) pelo Ministério da Justiça e de utilidade pública em nível municipal e estadual. Tem sede fixa no centro de Florianópolis.

Enquanto organização formal, a Oficina da Vida tem os seus membros qualificados estatutariamente como associados fundadores, efetivos, colaboradores e

³⁸ Vale registrar que as oportunidades em que o grupo tomou e toma parte de atividades, situações e contextos de legalidade/institucionalidade o fez e o faz com entusiasmo e aprovação, como foi o caso da participação junto ao Conselho Regional da Juventude, vinculado à Assessoria para a Juventude-SC; a participação na organização da I Audiência Pública da Juventude, realizada em 20/03/04 e também o prêmio que um dos seus membros recebeu como exemplo de trabalho voluntário, conferido pelo Instituto Voluntários em Ação-SC e pela Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, em 30/06/04.

honorários. Os primeiros, conforme o próprio termo e os Estatutos definem, são aqueles que criaram o grupo. Os efetivos são “as pessoas físicas que acatem aos preceitos [estatutários] e que, indicadas por, no mínimo, um Associado, Fundador ou Efetivo, sejam aprovados pela Diretoria Colegiada”. (p. 3). Os associados honorários são “as pessoas físicas ou jurídicas que se destacarem na consecução dos objetivos da Associação (...) ou que, por motivos relevantes, façam jus a essa distinção...” (Id. Ibid. p. 3).

Possui como órgãos deliberativos a Assembléia Geral, a Diretoria Colegiada; o Conselho Fiscal e o Conselho Consultivo, conforme o seu Estatuto. A Assembléia composta por sócios fundadores e efetivos, se reúne ordinariamente no mês de Janeiro. A Diretoria Colegiada é composta por três membros, escolhidos dentre os sócios fundadores e/ou efetivos, não havendo entre os mesmos “distinção de nível hierárquico”, podendo todos realizar as atividades compatíveis à Diretoria, bem como se responsabilizar igualmente pelas suas atribuições. Os Diretores Executivos são eleitos a cada dois anos, juntamente com os membros do Conselho Fiscal, que são dois (Id. Ibid. p. 5). Por fim, o Conselho Consultivo é um órgão “de orientação programática, política, econômica e social (...) podendo decidir em caráter meramente indicativo...” (Id. Ibid. p.7).

Segundo Mateus, a Oficina hoje possui por volta de 40 sócios efetivos, muito embora menos da metade permaneçam presentes no dia-a-dia da ONG. Ainda de acordo com sua informação, as pessoas se tornam sócias efetivas ao serem convidados pela Diretoria ou outro membro do Conselho, por demonstrar dedicação e trabalho junto à Oficina por um tempo considerado relevante (Diário de Campo, 27/02/04). Está também prevista a existência de uma Presidência de Honra³⁹, que é ocupada por Cristina. Para os sócios fundadores entrevistados, é uma forma de reconhecimento pela contribuição que a mesma prestou e presta à Oficina, como atesta Cibele:

Então, na verdade, a gente montou a Oficina da Vida é... não diretamente por causa dela, mas ela queria formar mais jovens também e a gente também queria se formar mais e ajudar a formar outros. A gente queria ser ator também nesse contexto. Então por... é... ela... a gente se conheceu a partir dela, se não fosse por ela eu não teria nunca conhecido nem o Pedro, nem o Mateus, nem a Ana, nem... Na verdade foi ela que chamou a Carmen. No início, a Oficina da Vida não tinha condições de pagar a Carmen... Ela bancou a Carmen aqui dentro... ...pra Oficina da Vida crescer... ela investiu na Oficina da Vida pra ela acontecer! (Cibele, em entrevista, em , 09/05/04).

³⁹ A presidente foi investida no cargo por decisão do próprio grupo, em reconhecimento à sua importante participação para o crescimento do mesmo, conforme informaram em entrevista.

Carmen é a Coordenadora Técnica da Oficina, sendo remunerada pelos trabalhos que presta. Para os entrevistados, a assessoria dessa profissional mostra-se de fundamental importância, tendo chegado a redefinir rumos e até a viabilizar a existência mesmo da Oficina como ela se encontra hoje, o que, entre outras razões, justifica que a mesma seja remunerada, conforme atestam as falas:

...A Cristina chamou a Carmen; a Cristina teve uma... né, conheceu a Carmen, uma assistente social, enfim, que já trabalha na área, é uma pessoa com uma formação excelente e tal, quem sabe vocês não... não... enfim, interação com ela, e tal. E daí ela (...) viu quais eram os nossos projetos, viu que a gente tinha um bom potencial pra escrever os projetos, só que a gente não tinha a visão administrativa... (...) do planejamento, daí ela chamou todas as equipes, e aí cada equipe foi apresentar pro grande grupo, há... (...) o que tinha sido feito no ano anterior. Foi aí que começou. Aí dessa apresentação se viu: “Olha aqui se errou, aqui se acertou. Enfim, isso continua, isso não”. E aí a gente definiu a estratégia pra aquele ano. (...) Definiu uma missão, definiu o objetivo, definiu o planejamento... (...) A gente começou a dar uma cara pra Oficina da Vida. (Mateus, em entrevista em 09/05/04);

É que a gente acabou entendendo que tinha de funcionar como funciona uma empresa, e o mesmo comprometimento, a mesma responsabilidade de organizar, de prestar conta - pra nós mesmos - do que estava acontecendo, e de um trabalho baseado numa missão. (...) Ela dá... ela dá um suporte... ela dá um suporte técnico, ela tem a técnica que a gente precisa. Então, vale a pena. E eu acho que de comum acordo é justo, é justo que se pague uma técnica que... que tem um suor, né. Até porque, antes disso... até porque com a Carmen é que começou a ter mais recursos também... (Pedro, em entrevista em 09/05/04).

Os entrevistados reforçaram a importância da assessora para a Oficina, quanto à sua competência para a reestruturação da mesma, especialmente quanto à questão de captação de recursos junto a empresas, utilizando-se da política de incentivo fiscal e à busca de maior estruturação legal da ONG que possibilitasse isso. Foi a partir dela que foram realizados “laboratórios (...) de como buscar recursos, enfim (...) o que é um captador de recursos, o terceiro setor (...). Então, isso realmente tem uma... um grande salto de produtividade para a Oficina.” (Mateus, em entrevista, em 09/05/04). Para o grupo, as possibilidades de contar atualmente com uma sede teve relação direta com a intervenção de Cristina – que os convidou a ocupar um espaço⁴⁰ disponível no imóvel onde possuía o seu consultório – e com a atuação de Carmen, quanto à aquisição de novos recursos.

⁴⁰ Após os trabalhos do ano de 2001 o grupo original da Oficina - que ainda existia apenas enquanto grupo de estudo - esteve afastado dos trabalhos com Cristina, só a reencontrando em novembro de 2002, quando a Oficina mudou-se para a nova sede.

Com vista ao desenvolvimento das atividades, a Oficina se organiza em equipes de trabalho – as Coordenações - que são compostas e coordenadas pelos jovens, quer sejam sócios efetivos ou não. São elas: Jurídico, *Marketing*, Administrativo-Financeiro, Tesouraria, Recursos Humanos e Relacionamentos. Cada setor desses possui um coordenador e uma equipe de apoio que contam com a assessoria de Carmen.

Quanto aos jovens, a adesão às atividades e o trabalho prestado em qualquer equipe é, em princípio, voluntário. Alguma remuneração só se torna possível através da negociação de projetos com instituições ou empresas e ainda no caso dessas pactuarem sobre atribuição de incentivo financeiro àquele que implementa o projeto. Cada projeto também conta com um coordenador e um professor ou equipe de trabalho, conforme as necessidades das atividades desenvolvidas. Os projetos podem ser propostos por qualquer jovem da ODV, sócio ou não, e vincular-se aos programas já instituídos ou permanecerem independentes. Há uma flexibilidade grande quanto às iniciativas, que são bem recebidas pela ONG. Os jovens podem propor quaisquer trabalhos, bastando apenas que estejam minimamente coerentes com a postura de trabalho da ODV, que o projeto se mostre bem elaborado e que o próprio proponente se encarregue de viabilizar o trabalho através da constituição da equipe, busca dos recursos e, por fim, que se comprometa com o desenvolvimento das atividades. Não há uma estrutura fixa a ser observada obrigatoriamente. Os participantes também podem se deslocar de uma equipe para outra sempre que adequado aos programas de trabalho definidos, experimentando novas atividades. Desse ponto de vista, a estrutura de trabalho mostra-se influenciada pelas novas idéias vigentes quanto à flexibilidade e multifuncionalidade, princípios que atualmente orienta a política administrativa e de recursos humanos das empresas.

Com vista à viabilização das atividades desenvolvidas, do ponto de vista do custeio, a Oficina conta com o trabalho em parceria. No ano do levantamento dos dados eram as parceiras as seguintes empresas ou instituições: Casa de Dança Luiz e Laura; Factual Sul-Assessoria de Imprensa; Eletrosul; IDES-PROMENOR, Macedo-Koerich S/A; RG Contadores Associados; RST Transportes, UFSC; UNISUL e VISUALGRAF Consultoria de Comunicação.

Do ponto de vista dos recursos, no período da investigação a ODV disponibilizou de apoios advindos da parceria com o Grupo Macedo/Koerich e da conquista do prêmio “Na Palma da Mão”, conferido pela banda musical “O Rappa” e a FASE em razão do desenvolvimento do Projeto Oficinas do Saber. Além disso, contou ainda com

recursos provenientes da produção de bolsas do Projeto Jovem Gestor, da venda de camisetas da ONG e de uma contribuição mensal simbólica prestada pelos sócios efetivos.

3.2.2 Rotinas e dinâmicas internas

A sede da Oficina da Vida ocupa o subsolo do prédio onde também funciona o consultório de Cristina, entre outros escritórios, como informado. Este local, além de sediar a instituição, é também o ambiente onde se realizam grande parte das atividades da Associação.

Segundo as informações uma parte dos membros fundadores responsabilizou-se por toda a adequação do ambiente ao funcionamento da ONG; desde a própria limpeza e renovação do espaço e dos móveis, até o estabelecimento de um novo *layout* do ambiente e aquisição junto a colaboradores de móveis e instrumentos necessários ao funcionamento dos projetos.

Os espaços são limpos, arejados, iluminados e organizados. Embora conservando um aspecto clássico de ambiente de trabalho, uma decoração básica e de bom gosto dá ao local uma aparência agradável. Encontra-se em local destacado a *logo* do grupo, bem como quadros informativos acerca das equipes, dos projetos e demais atividades realizadas. Pude ver que há uma partilha de responsabilidades quanto aos cuidados de rotina com o espaço físico da sede – cuidados com plantas, recolhimento do lixo, arrumação etc - e quanto à escala de plantões para recepção e encaminhamento daqueles que buscam a ONG.



A maneira como a ODV enquanto organização se apresenta para o mundo orienta-se, no geral, observando o padrão adotado pelo *marketing* empresarial. A preocupação com o material promocional (afirmação da logomarca, *folder* bilíngüe, fotos,

filmes) e outras estratégias de colocação do ‘nome’ da ONG em público (o *design* de sua *home page*, o modo como realiza e divulga suas atividades de maior porte, a participação em eventos de referência do setor, a articulação com instituições-âncora e com setores da imprensa local etc.) revelam a persecução de uma certa trajetória, delineada pelos seus membros e assessores quanto à colocação da ONG em destaque dentre as demais que atuam em igual campo de atividades.

Quanto aos aspectos internos, para além das rotinas formalizadas no Estatuto Social, o grupo pesquisado reúne-se com regularidade na sede da ONG para realizar planejamento e avaliação dos trabalhos desenvolvidos pelos projetos. Mais frequentemente, as reuniões – assim como a maioria das demais atividades – acontecem no fim-de-semana. Contam também com um coordenador que sugere a pauta e define o horário e a duração da mesma, os quais são levados em real consideração por ele e normalmente observados pelos participantes.

Cabe ao coordenador a condução das discussões com os presentes. Das oportunidades que participei (reuniões do Jovem Gestor e de Jovem para Jovem) pude verificar que a participação dos presentes – exceção para os sócios fundadores – se dá de modo bastante reduzido. As questões levantadas são geralmente quanto a esclarecimento de diretrizes já sugeridas e atividades a acontecer nos projetos. Questões de fundo acerca dos trabalhos da ONG ou mesmo quanto às programações e procedimentos sugeridos não são frequentes. Das reuniões que participei não presenciei o engendramento de situações onde se recorresse à deliberação de algo. Para as circunstâncias corriqueiras de encaminhamentos, o coordenador normalmente apresentava os caminhos a tomar e atitudes a adotar.

Na ONG valoriza-se o planejamento, bem como o registro escrito das atividades desenvolvidas nos projetos e equipes. Cada setor possui arquivos específicos relativos aos trabalhos desenvolvidos. Além disso, no Coro Vozes da Vida, como apresentado adiante, o Coordenador dispõe de fichas e listas de participantes; no Jovem Gestor existem todos os registros comuns a uma experiência pedagógica de micro-empresa e no Projeto de Jovem para Jovem modelos já prontos de diários de campo e relatórios periódicos são utilizados pelos participantes para o trabalho desenvolvido nos bairros e/ou escolas. O registro adequado é tido como fundamental para o acompanhamento e avaliação das ações. A própria ONG têm o cuidado de registrar em filmes e fotografias todas as atividades que realiza. Parecem perseguir um certo padrão que consideram indicador de qualidade e funcionalidade do trabalho empreendido.

Uma certa verticalidade está presente tanto nos construtos formais – o Estatuto da ONG – quanto na organização interna da ONG para o desenvolvimento das atividades. Como já apresentado, cada área de atuação e/ou projeto possui um coordenador que responde pelo trabalho naquele setor. Comentando acerca da importância dos mesmos, Pedro avaliou que os trabalhos do De Jovem para Jovem na Trindade estava empacado “porque não tem coordenador. Agora vê: na Serraria que tinha o coordenador e não tinha equipe, o trabalho saiu! Na Trindade, não tinha coordenador, não saiu nada!” (Diário de Campo, em 28/04/04).

3.2.3 Programas e projetos desenvolvidos

As atividades realizadas pela Oficina apóiam-se numa estrutura organizada em programas e projetos. No período da pesquisa organizava-se como segue abaixo:

Tabela1: Associação Escola Oficina da Vida. Programas e Projetos – 2004

PROGRAMAS	PROJETOS
FORMAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA	Oficinas do Saber: De Jovem para Jovem
	Ciclo de Palestras
	GDI-Grupo de Discussão Interdisciplinar
	Capacitação de Multiplicadores
ARTE E CULTURA	Coro Vozes da Vida
	Oficina de Dança
	Oficina de Mosaico
EMPREENDEDORISMO	Jovem Gestor
	Primeiro Emprego

Fonte: Diário de Campo (Pesquisa Identidade Juvenil na Modernidade Brasileira: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.)

Como parte do Programa Formação, Trabalho e Cidadania, o Ciclo de Palestras consiste na participação de profissional convidado para exposição e debate de temas atinentes, prioritariamente, ao contexto empresarial e à realidade do trabalho. Também são abordados temas relativos às questões culturais, econômicas e sociais. Obedece, em média, uma frequência bimestral.

O GDI é uma atividade de capacitação realizada pelos próprios jovens, com foco na formação profissional dos mesmos. É realizado com a coordenação e exposição do tema por um jovem, voltada para a discussão de assuntos que os interessam, como “metodologia de dinâmica de grupos, história da arte, jurídico, oratória e jogos empresariais” (<http://www.oficinadavida.org.br>, 20/09/05)⁴¹. Pude verificar que – no período da pesquisa – o GDI esteve praticamente desativado.

O Projeto Capacitação de Multiplicadores é o espaço de formação onde os jovens são capacitados para trabalhar com outros jovens em comunidades escolhidas, atuando no Projeto De Jovem para Jovem. Os temas normalmente abordam os estilos de vida, ambição, economia, saúde, profissão e drogas.

Do Programa Arte e Cultura são desenvolvidos dois projetos na Praia do Forte, sob a coordenação de jovens da Oficina da Vida que são as Oficinas de Dança e de Mosaico. O primeiro é um Projeto realizado com a atuação de um professor de dança e objetiva desenvolver “a conscientização corporal, **administrando o lazer** de maneira prazerosa e saudável.”. A Oficina de Mosaico tem como instrutor um jovem da Oficina, e “visa proporcionar aos jovens o aprendizado de um artesanato de forma descontraída” (<http://www.oficinadavida.org.br>, grifos meus).

Do Empreendedorismo, através da parceria com a IDES/PROMENOR, a Oficina da Vida também realiza o Projeto Primeiro Emprego. Tem como público usuário jovens com menor faixa etária – a partir de 15 anos – que buscam formação profissional de curta duração para ingresso no mercado de trabalho.

Por se mostrarem de maior relevância na rotina de trabalho da Oficina, apresento em detalhes três dos seus projetos, a saber: **Oficinas do Saber: De Jovem para Jovem; Coro Vozes da Vida e Projeto Jovem Gestor.**

3.2.3.1 Oficinas do Saber: De Jovem para Jovem

Início neste ponto do trabalho o destaque que pretendo dar a algumas das atividades da ODV. O De Jovem Pra Jovem é um projeto desenvolvido pelas equipes da Oficina em parceria com Escolas, Associações ou empresas, qualificadas pela ONG enquanto “voltadas para a responsabilidade social” (<http://www.oficinadavida.org.br>).

⁴¹ O acesso à *homepage* da Oficina foi uma constante durante todo o período da pesquisa. Desse modo, optei por citar a data da última entrada na página, já que se mostrou inviável registrar todas as consultas efetivadas ao longo da pesquisa.

Realiza-se através dos encontros regulares semanais que visam “desafiar os jovens, através de atividades, a desenvolverem-se por meio da comunicação, da arte, do debate, em sentido amplo e, neste fazer/saber e ser, articula-se o desenvolvimento da identidade, ação, comunicação simultaneamente.” (<http://www.oficinadavida.org.br>). No ano de 2004 o mesmo contava com cinco equipes, atuando nos bairros Colônia Santana (Empresa Macêdo), Praia do Forte, Serraria, Trindade e Base Aérea. As equipes são treinadas pelo Coordenador do Projeto – Pedro - para proceder ao registro de sua prática. Assim, devem manter atualizado um diário de campo e relatórios mensais e trimestrais das atividades.

Na Empresa Macêdo as atividades são oferecidas aos filhos dos empregados de menor nível salarial daquela empresa. Nos demais bairros, os jovens no geral tem inserção social parecida e o trabalho realizado com eles acontece nas escolas do bairro ou outro local de acesso público.



Um dos conteúdos centrais deste Projeto são palestras ministradas pelos sócios da Oficina junto a um grupo de jovens escolares ou de outra procedência. O conteúdo que estes monitores desenvolvem normalmente é aquele que já experimentaram no Projeto Capacitação de Multiplicadores e que foram elaborados pela Coordenação Técnica da ONG. Pude constatar durante a observação que os conteúdos abordados são: **Saúde**, envolvendo os cuidados com o corpo, o uso de drogas, gravidez e o custo financeiro de um bebê precoce. **Estilo de Vida**, atendo-se à discussão da cidadania e estilos de vida juvenis, aqui entendidos como os tipos de inserção que o jovem deve perseguir na sociedade. **Ambição**, abordando os tipos de escolhas que os jovens fazem ou podem fazer diante da vida; a questão da atitude enquanto postura propositiva e dinâmica diante da condução de sua própria vida. **Economia**, discutindo o que fazer com o dinheiro; qual o custo financeiro

da vida juvenil e adulta. **Profissional**, tratando da empregabilidade, da carreira, do que o jovem quer para si e de como chegar onde quer.



Em relação ao ‘como chegar onde quer’, dois dos temas que ganham muita força no discurso do Projeto são a comunicação – como o jovem se expressa, o que diz sobre si próprio e a linguagem utiliza para falar sobre o que sabe – e a sua apresentação pessoal. Durante uma reunião de planejamento de atividades do De Jovem para Jovem, dentre outros momentos, foi discutido o tipo de linguagem que poderia ser utilizada nas aulas ministradas aos jovens das escolas públicas e Sílvia, uma participante do Projeto, pediu orientação, preocupada com a possibilidade de “sair uma ‘porra’ no meio de uma frase ou um ‘isso não rola’ noutra momento”. Foi orientada a ser espontânea, pois assim seria até interessante se aparecesse a gíria, mas com o cuidado de não exagerar; de procurar “ter uma sintonia com a linguagem do grupo, senão eles começam a dizer coisas demais e não se tem como controlar” (Cibele, em 13/05/04). Os jovens são orientados a evitar o uso de gírias e a adotar a linguagem formal⁴², bem como a se vestir também de maneira discreta (Diário de Campo, 07/02/04).

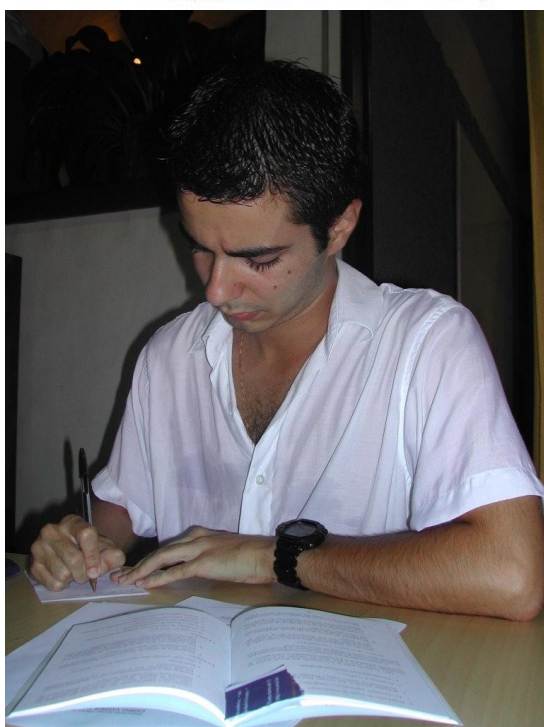
Durante uma apresentação da **filosofia da Oficina da Vida** para jovens convidados, Ana, membro da Diretoria Colegiada, disse que o jovem deve se preocupar acerca de como se vestir “para conseguir o que quer, como ele se apresenta onde vai”, destacando que o jovem deve ser capaz de perceber a conveniência do que usa, como fala.

⁴² A linguagem adotada na relação da Oficina com o seu público caracteriza-se no geral pela formalidade, como o exemplo que segue de um e-mail enviado pela mesma aos participantes, em 17/03/04. “RH seleciona. Caros participantes da Oficina da Vida. A Coordenação Administrativa/Financeira solicita um voluntário que queira estar participando das rotinas desta coordenação. A disponibilidade é de um turno vespertino por semana (...). Responsável pela Coordenação: Cibele. Interessados entrar em contato com o RH (Camila) via e-mail (...) ou pelos fones (...). Atenciosamente, Camila. Coordenadora de RH e Relacionamentos da Oficina da Vida”.

Nesse ponto, destaco que o vestuário em geral utilizado pelos sócios entrevistados e por todos aqueles que incorporam a cultura da ONG é, na maioria, o padrão clássico ou o casual, sem ostentação ou supérfluos. Roupas, sapatos e acessórios diversos quase sempre seguem esta mesma linha. As marcas conhecidas como preferidas pelo público jovem não têm adeptos no grupo, nem tampouco os modismos – sejam estes provenientes de setores que adotam a estética dominante, estética agressiva ou estilos mais alternativos de apresentar-se. O uso da tatuagem é praticamente ausente no grupo⁴³. Em vários eventos que a ODV promove e/ou participa, os jovens normalmente comparecem usando a camiseta do grupo.



⁴³ Pude perceber apenas uma tatuagem pequena e de motivo discreto na panturrilha de uma jovem que se dizia profundamente arrependida de tê-la feito: “Isso foi uma loucura! Se eu pudesse já teria tirado”. (Camila, Diário de Campo, 13/03/03)



Os discursos que presenciei em muitas oportunidades deixam entrever uma idéia básica: de que ao interagir com o modelo social existente o jovem deve estar preparado para relacionar-se com a sociedade a fim de conseguir aquilo que pretende - normalmente quanto à idéia de adquirir destaque no mercado de trabalho e



de envergar certa posição social - numa perspectiva de adequação. Recorro à fala de Cibele, manifesta numa discussão sobre mercado de trabalho, onde disse que empregabilidade “é nós nos fazermos empregáveis para atender necessidades de outras pessoas. Fazer a minha formação profissional **para atender o que as empresas precisam** e não para ganhar um salário... (Diário de Campo, 07/02/04).

Desse modo, o protótipo de jovem delineado é aquele padrão que é bem recepcionado pela sociedade e pelo mercado: instruído, informado, versátil, que tem atitude, que sabe o que quer e como conseguir. O jovem que tem como prioridade a sua carreira profissional diante de quaisquer outras experiências de sua vida. Ela é o seu ponto especial de **investimentos** e a sua própria pessoa e interesses gerais se encontram imbricados e traduzidos nos diversos aspectos relativos à construção da carreira. Este aspecto da importância da carreira será melhor tratado na seção onde abordo os sentidos que possuem o trabalho e a formação profissional para o grupo de sujeitos da Oficina da Vida.

Como ilustração deste ponto, cito a saudação que a Coordenadora do Projeto Jovem Gestor, Marta, fez aos jovens visitantes da Oficina, elogiando-os “por terem feito a escolha diferenciada de estarem aqui num sábado de sol. Poderiam ter ido à praia... mas escolherem vir aprender algo interessante. Muitos continuam escolhendo ir à praia e vocês já fazem a escolha diferenciada. Parabéns”. (Diário de Campo, 07/02/04).

No geral, a observação possibilitou constatar que o grupo adota a postura de responsabilização única do jovem pelas escolhas a fazer e direções várias que sua vida pode tomar. São ausentes as considerações acerca das configurações de natureza social, política e ético-moral, entre outros, que matizam as vidas desses jovens, colocando-lhes oportunidades e possibilidades de escolhas diferenciadas, tanto para os sócios efetivos, partícipes da estrutura organizacional da Oficina da Vida, quanto para os destinatários das atividades em geral por ela oferecidas.

Pude verificar que o conteúdo das falas dos jovens sócios efetivos e colaboradores da Oficina – bem como os sentidos construídos nas apresentações dos temas das palestras, são profundamente apoiados no trabalho de pesquisa de Cristina, realizado sobre dados coletados, entre outros, com os jovens que fazem parte da Oficina da Vida. Essa pesquisa, intitulada **Estilo de vida dos jovens como fator de desenvolvimento da liderança**, foi apresentada para os jovens sócios e participantes em geral da OVD em 14/02/2004, na sede da ONG. Apesar de incontáveis tentativas, não consegui acessar o relatório de pesquisa em tela. Pelo que percebi da apresentação, e salvo engano, uma idéia

central do estudo é o enfoque dos estilos de vida adotados e as escolhas feitas pelos jovens, consideradas equivocadas, quando pensados em vista da realização de sua ambição pessoal. Dessa perspectiva foram feitas referências aos ciclos biológico – ou **biologismo** -; sexual – ou **sexismo** -; do ideal – ou **idealismo** como posturas adotadas por grande parte dos sujeitos pesquisados que, segundo a pesquisadora, conformam um estilo de vida que os distancia da conquista dos seus objetivos quanto a serem capazes **de fazer diferença**.

A convivência em ambientes e atividades da ODV me evidenciaram que esse modo de entender as práticas e escolhas juvenis se faz muito presente nos discursos e práticas e nos conteúdos programáticos da formação desenvolvida pelos e para os jovens membros da ONG e de muitos daqueles que participam de suas atividades, como já referido. Esses dados, dentre outros, indicam a magnitude de sua influência diante da formação desses jovens como um todo.

3.2.3.2 Coro Vozes da Vida

O Coro é assumido pela Oficina como uma de suas experiências com a arte, sendo assim apresentado:

O Coro é formado por jovens de diversas áreas disciplinares, proporcionando aos mesmos a desenvoltura na expressão e postura corporal. Oportuniza aos jovens um espaço de trabalhar a voz, a disciplina, o trabalho em equipe, a apresentação em público e a arte musical em toda a sua dimensão (criatividade, estética, história da música, habilidades, etc). A Oficina da Vida acredita na arte com um meio de aumentar a auto-estima; uma fonte promissora para uma 'nova pedagogia', priorizando valores como comunicação, a cultura e a linguagem, promovendo o desenvolvimento do educando e da sociedade. (<http://www.oficinadavida.org.br>).

Do Coro participam jovens e adultos que, por caminhos variados, chegaram até à Oficina. No início da observação – Outubro de 2003 - dele participavam por volta de 12 pessoas – a maioria sócios efetivos. Já no final do processo – Junho de 2004 – mais de 40 pessoas participavam dos ensaios e em Dezembro de 2004, na apresentação anual dos resultados das atividades realizadas, o Coro se apresentou contando com 16 participantes, dentre eles vários sócios efetivos e participantes em geral.



Por orientação de Cristina, o Coro tem escolhido para o seu repertório canções que, segundo ela, trabalham as emoções positivamente, conferindo vida ao cantar e mobilizando energias de alegria. Num determinado ensaio que presenciei durante o trabalho de campo, em novembro de 2003, foi recomendada por ela a troca de canções do repertório preparado para o grupo. Argumentando com o regente e os coralistas que as músicas em ensaio construíam um “ciclo triste e ensimesmante” ou possuíam letras discriminatórias à mulher, ela defendeu que se retirasse do repertório músicas do folclore ilhéu e nordestino que vinham sendo ensaiadas. Em seus lugares sugeriu que fossem ensaiadas duas músicas: *Happy Day* e *É preciso saber viver*, que possuíam um perfil sonoro e uma mensagem positiva ao desenvolvimento das emoções grupais. Desde então, essas foram as músicas mais ensaiadas e apresentadas pelo Coro.

Na oportunidade da aludida discussão poucos se manifestaram e apenas duas jovens fizeram sugestões, sendo uma das canções sugeridas também pertencente ao folclore catarinense. As sugestões possuíam, segundo Cristina, as mesmas características que as demais em questionamento. Trouxe ainda à discussão exemplos de músicas do folclore gaúcho. À medida que cantava cada uma, evidenciava as diferenças que, segundo ela, as músicas possuíam – em letra e melodia. As catarinenses se faziam como um “lamento”; as gaúchas, mais épicas, de maior energia. Dos sócios efetivos, nenhum emitiu opinião no debate ocorrido.

Acerca desta mesma questão, estando na Oficina em 27/02/04, presenciei o Coordenador do Coro Vozes da Vida, Gustavo, recebendo uma contribuição de uma moça que era membro do mesmo. Ela trazia sugestões de músicas para ensaio diante das quais ele se manifestou dizendo: “Eu acho que a Cristina não vai gostar. Não sei...”, ao que a pessoa reforçou que se tratava de contribuição, para discutir e ver se daria par incluir no repertório. Destaco que na apresentação do Coro em 19/12/2004, no Teatro Álvaro de Carvalho, quando do evento de apresentação dos resultados anuais dos trabalhos realizados pela

Oficina, duas das cinco músicas apresentadas continuavam sendo aquelas primeiras ensaiadas, acrescidas de Vida – tema de final de ano da Rede de Televisão SBS; Andança e o Hino Nacional Brasileiro.

Estando no campo em 14/02/04 pude testemunhar a própria Cristina, durante a apresentação de sua pesquisa para jovens da Oficina, dizer que havia orientado a regente do Coral – nessa época, uma musicista inglesa – a oferecer “... a cultura e o ritmo europeu pra eles. O jeito brasileiro... a gente não treina ser objetivo, racional...”. Disse isso estimulando os presentes a opinar sobre sua pesquisa para além lacônico “gostei, não gostei que costumamos dizer sem explicar o porquê”.

De um modo geral, duas questões merecem consideração: primeiramente, o fato dos jovens não terem mostrado voz ativa para escolherem livremente as canções que gostariam de cantar por quaisquer razões que lhes parecessem justificar o canto. A segunda questão é aquela de não se considerar a origem e a cultura dos jovens membros do Coro. Dos sujeitos investigados, 62,5% nasceram no Estado de Santa Catarina e destes, 43,8% são da Grande Florianópolis. Dos seis casos provenientes de outro estado, 55,6% vieram para Florianópolis acompanhando a família quando menor de idade. Muito embora nem todos os sócios respondentes façam parte do Coro, este é um indicador importante. Essas pessoas, por partilhar dessa cultura, certamente se encontram e encontram significados nas canções folclóricas do seu local de nascimento e vivência. Não obstante essa realidade, as canções mantidas foram aquelas julgadas adequadas pelas razões, por assim dizer, avalizadas tecnicamente, já apontadas.⁴⁴

E aqui introduzo outro aspecto que julgo importante considerar, que é a acepção tomada do cantar, da arte e do próprio Coro, a qual aparecemos seus objetivos acima descritos. O cantar destina-se, em primeiro plano, à aquisição de “desenvoltura na expressão e postura corporal”; destina-se a “**trabalhar a voz, a disciplina, o trabalho em**

⁴⁴ Um certo jovem escritor estando na Oficina pela primeira vez em 07/02/04, dedicou à ONG um exemplar do seu livro de poesias recém publicado. O mesmo foi apresentado à Cristina que, abrindo-o aleatoriamente, leu uma poesia e fez uma longa apreciação da mesma, elogiando a capacidade de escrita do jovem e criticando o seu tom “triste e sem saída”. Disse ela que “o homem nasce para ser alegre, é o seu caminho natural. Se isso não ocorre é porque algo de errado está acontecendo”. Estimulada pelo autor a ler a sua poesia preferida, Cristina entendeu ser esta pior que a outra, pois tratava da cisão do eu e a psique. Repetiu que “o homem é *in natura* alegre. A tristeza, a esquizofrenia são doenças, defeitos do ser humano. Não acho interessante se festejar isso; não entendo que se festeje os defeitos do humano quando temos tanta vida e tanta alegria para festejar. Muito da arte existe nesse sentido. Veja [Salvador] Dali: Dali era esquizofrênico. Van Gogh era esquizofrênico. Por que enaltecer essa tristeza?”. O jovem autor argumentou sobre a sua obra, seus sentimentos, suas crenças, discordando do que havia sido dito. Cristina seguiu com avaliação similar acerca dos desenhos da capa do livro. Durante sua intervenção, além do autor, ninguém mais se manifestou. Tanto nesta, quanto em outras circunstâncias que discutirei à frente, deparei-me com o

equipe, a apresentação em público e [só então] a arte musical em toda a sua dimensão (criatividade, estética, habilidades, etc)...” (<http://www.oficinadavida.org.br>, grifos meus). Dizem Garcia e Faria (apud FANTIN, 2005, p. 60):

A arte (...) desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano e cultural. Hoje, mais do que nunca, com a crise civilizatória, e o conseqüente monoteísmo da razão, a linguagem da arte talvez seja uma das poucas que fala diretamente ao coração das pessoas, particularmente dos jovens. Além de impulsionar transformações sociais, pode contribuir para re-encantar o mundo a partir do estabelecimento de fortes trocas simbólicas e formar, assim, uma comunidade de emoção.

Tratam os autores da arte enquanto fruição, enquanto elaboração do ser a partir das suas emoções, de suas constituições mais íntimas e enquanto estratégia de desmonte da razão. Entretanto, como invenção humana, sabemos que a arte está ao alcance das interpretações diversas que podemos dar a ela e das modificações que operamos sobre os seus propósitos. A arte não é neutra. Assim, no texto que demarcam os objetivos do Coro encontro abordagem diversa dos autores citados acerca da arte. É ausente a consideração do canto pelo simples prazer; o cantar como mera manifestação despreziosa da vontade; do experimentar-se em harmonia consigo e com o outro no campo de elaboração dos sentimentos envolvidos no processo de constituição das subjetividades juvenis, no caso. A arte aparece enquadrada em propósitos racionais, próximos dos pressupostos mais gerais que orientam as práticas da Oficina⁴⁵. A música surge como ‘meio’, como mecanismo de realização de aptidões necessárias ao tipo de formação que se mostra atravessando todas as ações desenvolvidas, tais como aprender a expressar-se em público, a disciplinar o corpo e as emoções etc.

A criatividade, característica intrínseca à arte e inerente ao ser humano, aparece no texto que traça os objetivos do Coro interdita, entre parênteses. A criatividade que traduz, expressa e expande o Eu no sentido mais genuíno que podemos tomar, na relação consigo e com o mundo, surge obnubilada pela aquisição de **habilidades**.

Dessa maneira, parece pouco temerário afirmar que o Coro existe não por ele próprio, mas como um espaço pensado para treino de aspectos diversos do comportamento e do desempenho – assim como os demais projetos -, como técnica consciente para o

entendimento de arte determinada por um propósito exterior, vinculada a uma finalidade e não apenas como expressão livre e inteira do ser.

⁴⁵ Ressalto como demonstrativo desse aspecto a fala de Carmen que, ao referir-se ao uniforme que definiam para o Coro, anunciou que depois este poderia ser mudado “possivelmente no ano que vem pro concurso de

aprimoramento de habilidades escolhidas para compor um determinado perfil juvenil que se busca envergar diante do mundo e de si mesmo.

3.2.3.3 Projeto Jovem Gestor

Este Projeto tem importância singular para a Oficina. Trata-se de um experimento onde se possibilita “aos jovens voluntários a participação efetiva no gerenciamento de um negócio desde a criação do produto, da produção, da venda e do gerenciamento dos recursos provindos dos produtos...” (<http://www.oficinadavida.org.br>). Um dos pontos importantes do Jovem Gestor é que ele se constitui na esperança de auto-sustentação financeira da Oficina da Vida, muito embora a ONG desenvolva também uma forte política de busca de parcerias nos trabalhos que implementa. É um espaço onde se exercita, de maneira mais arrojada, a filosofia do empreendedorismo, tão cara à ONG. Acerca deste aspecto, Cibele diz que “na verdade, o Projeto Jovem Gestor é (...) uma parte da Oficina; na verdade, é uma empresa que é voltada totalmente pra parte de administração, e que é a produção de um produto”. (Entrevista realizada em 09/05/04)⁴⁶.

Como nos demais projetos, o Jovem Gestor é coordenado por uma participante da Oficina, Marta, que posteriormente foi reconhecida pelo Conselho enquanto sócia efetiva, de acordo com os critérios que são considerados para tal mudança. Para a coordenadora, a intenção primeira desse trabalho é que o jovem experiencie todo o processo; desde o planejamento do projeto, o *marketing*, a produção propriamente dita das bolsas em tecido – o produto prioritário do Projeto - a venda e os exercícios de caixa.

Corais, para o qual vocês já estão inscritos.” (Diário de Campo, 29/11/03). Nesta época, o Coro tinha por volta de dois meses de existência.

⁴⁶ A cultura do empreendedorismo e do mercado parametra discursos e práticas da Oficina da Vida. É comum os seus membros utilizarem analogias e figuras diversas acerca da realidade empresarial para explicar o que entendem do trabalho que fazem. Marta, durante um reunião com voluntários em 15/11/03, disse, ao falar do projeto Jovem Gestor: “Penso que estou aprendendo o que é a Oficina da Vida, que é – na realidade – um centro de aprendizagem empresarial”. Numa reunião de planejamento do Projeto Oficinas do Saber - De Jovem para Jovem (13/05/04) o seu Coordenador, Pedro, sugeriu à equipe do bairro Trindade que o trabalho com os jovens na escola começasse pelo tema Saúde, enfocando os cuidados com o corpo. E sugeriu as preocupações iniciais a serem levantadas: “O corpo é como uma empresa; é o primeiro bem. Como você investe nele? Como cuida desse bem?”. Sugeriu ainda que a introdução se desse conforme uma dinâmica onde cada subgrupo de jovens escolhesse uma figura de alguma parte do corpo e elaborasse um comercial defendendo-a como a mais importante. “Eles vão vender seu produto”, reiterou. Em Maio de 2004, Carmen, ao falar da importância do Projeto Oficinas do Saber-De Jovem para Jovem durante uma palestra deste



Fonte: Imagem das bolsas disponível em: <http://www.oficinadavida.org.br>

As bolsas são em modelos e cores variadas, com detalhes pintados à mão e produzidas por inteiro na sede da Oficina a partir do trabalho voluntário dos jovens e dos serviços de uma costureira. São destinadas à venda em pequenas quantidades, pelos próprios jovens e demais interessados, e em quantidades maiores a partir de pedidos negociados com empresas e similares. O objetivo é que o Projeto atinja um nível de produção e produtividade que se mostrem capazes de sustentar os demais projetos desenvolvidos pela Oficina. Para a Coordenadora um obstáculo que se coloca a essa intenção é o fato do Projeto constituir-se prioritariamente num ambiente de aprendizado, o que inevitavelmente leva a alguns desperdícios de material e imprecisões no processo de produção como um todo, inclusive intranqüilidades quanto ao cumprimento de prazos. (Diário de Campo, 21/11/03).

Não obstante existir uma permanente participação juvenil - principalmente no corte, pintura e venda das peças - verifiquei uma intensa rotatividade entre os que participavam das atividades, sendo poucos os jovens com participação fixa. Durante o

Projeto avaliou que o mesmo “é uma oportunidade de você, a um baixo risco, aprender muito em um curto espaço de tempo.”.

período de observação também ficou claro que o trabalho por inteiro era de maior responsabilidade da coordenadora, a qual sempre demonstrou muita satisfação e empenho para com o mesmo. Principalmente as atividades atinentes ao pensar e decidir estrategicamente, ao planejamento do Projeto cabia à Coordenadora. Os momentos de maior participação dos jovens eram os mutirões, os quais por vezes eram feitos para se alcançar a produção necessária para atender contratos já celebrados com compradores. O trabalho de costura era feito prioritariamente por uma profissional remunerada.

Em conversa com voluntárias do Projeto que realizavam trabalho de pintura, em 28/11/03, ouvi das mesmas opiniões situadas em dois sentidos: um, que o envolvimento com o Projeto significava uma oportunidade de ter uma experiência noutra campo; outro que trabalhar com a pintura era uma forma de expressão, pois possibilitava “por pra fora o que estava sentindo no momento”. (Sandra, Diário de Campo, 28/11/03).

Cabe aqui uma breve consideração acerca das pinturas das bolsas. Inicialmente a pintura consistia na estampa da *logo* pintada sobre as várias faces das bolsas, seguindo moldes em acetato, já disponíveis. À medida que mais e mais jovens se envolviam na pintura a estampa da *logo* foi se distanciando do protótipo e, além disso, outras estampas livres começaram a surgir como ilustração das bolsas. Diante disso, a Coordenação do Projeto orientou que, tendo em vista a fase ainda de desenvolvimento do produto, as bolsas deveriam preservar a *logo* original. Argumentou que uma certa criatividade comportaria, mas que teriam de pensar que era uma coisa comercial e como tal teria que ter cuidado “pois muitas bolsas têm fugido demais do padrão, o que pode não ser bom para a construção da imagem do produto.” (Diário de Campo, 15/11/03). Manifestando-se na mesma oportunidade Pedro reforçou a orientação dizendo que: “A gente tem de seguir o padrão porque a gente ainda não tem a vantagem da *Nike*, que desenha uma vírgula e a gente sabe o que é...”. Seguiu-se, então, a reprodução dos moldes referentes à pintura padrão, estimulado – inclusive – pela necessidade de atender algumas encomendas já em vencimento, como ilustra a fala de Cláudia, na mesma reunião: “já que florear tá meio.... podando o floreado, a pintura vai ser bem rápida! Dá pra fazer muito”⁴⁷.

A concepção acerca da elaboração e apresentação de um produto final de qualidade, com um padrão aceitável no mercado, fundamentou as discussões que presenciei

⁴⁷Pude verificar meses depois que um desenho livre, de padrão floral, em nada lembrando a *logo* da Oficina estampava as bolsas. Perguntei sobre isso, visto que eu acompanhara a discussão acima apresentada acerca da *logo* padronizada e soube que o desenho era de autoria de Cristina. Depois disso percebi um certo esquecimento do rigor antes orientado quanto à pintura das bolsas. A criatividade era mais presente.

nesta e noutras oportunidades. Os aspectos diversos que envolviam o produto – como qualidade do material, dos acabamentos de pintura e costura das peças, cumprimento dos prazos com os compradores, material de promoção e divulgação, cumprimento dos horários em que o jovem se dispunha a estar no Projeto etc – eram enfocados como matéria de aprendizado e reafirmados como de suma importância no processo de produção. Marta deixou isso claro ao afirmar a diretriz a ser observada, por exemplo, em relação ao uso do tempo: “Nenhuma empresa, nenhum projeto, nenhuma idéia vai pra frente se não se observar isso: tempo é dinheiro”. Essa reflexão talvez sumarie o significado geral do Projeto em apresentação.

3.2.4 Perfil sócio-econômico dos participantes

Os questionários aplicados junto ao grupo trouxeram à pesquisa informações de corte pessoal que não se dão facilmente à observação. Através deste instrumento encontrei que a maioria dos respondentes é do sexo feminino (75%), solteira (81,3%) e considera-se branca (87,5%).

O nível de instrução majoritário é o superior incompleto, com oito casos, seguido do superior completo, com sete casos. Apenas um dos entrevistados encontra-se cursando o ensino médio. Alto é o percentual daqueles que permanecem estudando (87,5%), enquanto que o restante dos respondentes planeja retornar em breve para os estudos. Além do ensino regular, muitos estão realizando cursos de curta duração, cursos técnicos ou especializações relativas à formação básica e outras pós-graduações. Os que continuam estudando o fazem, prioritariamente, em estabelecimento privado de ensino (68,8%). O conhecimento de línguas estrangeiras aparece como características da maioria e em nível avançado ou a partir de residência e/ou estágio no país de origem do idioma falado. Os dois idiomas com maior destaque no conhecimento dos sócios efetivos são o Inglês e o Italiano⁴⁸.

Quanto às condições de trabalho e renda, 93% dos respondentes exercem atividades recebendo remuneração, entretanto na condição de autônomo, bolsista ou trabalhador sem contrato formal. Em situação regular de emprego formal encontram-se apenas 37,5%. Também junto a este grupo encontramos refletida a situação atual do trabalho precarizado, fragmentado, que destina ao trabalhador a assunção dos riscos

próprios ao seu exercício. Confirmando outra tendência da atualidade, a maioria dos entrevistados exerce atividades laborais no setor de serviços (56,3%). O grupo evidencia estar, na sua maioria, em intervalos de rendimentos mensais mais altos. É o caso de 43,8%, que possuem ganho mensal num intervalo de quatro a dez salários mínimos mensais, enquanto 18,8% inserem-se na faixa acima de dez salários mínimos mensais. Não obstante possuírem atividade laboral remunerada, 60% deles ainda recebem ajuda mensal dos genitores, mostrando possuir poder aquisitivo já acrescido em relação à grande parte das mães (37,6%) que ganham entre menos de um a nove salários mínimos mensais. Essa realidade ajuda a explicar a tendência encontrada em relação ao uso de bens e serviços públicos, que é de utilizá-los muito raramente ou não utilizá-los. Expressaram como razão para tal o fato de ainda não ter precisado utilizar ou a preferência por custear os bens ou serviços dos quais necessitam.

No tocante ao perfil de utilização dos seus rendimentos, por ordem de prioridade, apontaram o custeio geral da própria subsistência, o custeio de suportes profissionais de psicologia e psicanálise; gastos corriqueiros do dia-a-dia e aplicações financeiras/aquisição de bens patrimoniais.

No que se refere às condições de moradia, 81,3% residem em bairros de classe média e 18,7% em bairro de classe alta da cidade de Florianópolis. Grande parte ainda reside com os pais (37%) e igual percentual já reside sozinho. 12,5% moram com companheiro(a) e uma minoria reside com amigos (6,3%). Utilizam como meio de transporte principalmente o carro próprio (43,8%), seguido de transporte coletivo público (31,3%).

A posição assumida pela grande maioria dos jovens em relação à religião é aquela de não praticar qualquer delas, mas apenas cultivar a espiritualidade, a transcendência etc (81,4%). Dos dois casos que apontaram uma prática religiosa, indicaram a católica e o espiritismo como as religiões escolhidas. Em relação às suas famílias encontrei que grande parte apenas cultivava a espiritualidade, a transcendência (37,5%) e que igual percentual pratica uma ou mais religiões, revelando um incremento considerável de praticantes em relação aos seus filhos. Num total de 25% dos pais não têm qualquer religião, nem praticam a transcendência ou espiritualidade. As famílias praticantes optam pela religião católica (50%), o espiritismo (33,3%) e a evangélica tradicional (16,6%).

⁴⁸ O italiano aparece como segunda língua em função do curso de lideranças que parte dos membros da Oficina faz junto à FOIL, escola de origem italiana, segundo informou Cibele.

Quanto à relação com a tecnologia, expressa no imediato da aquisição e relação com a aparelhagem eletro-eletrônica em geral e à realidade da informática, encontrei que a mesma é bastante próxima do grupo e expressiva nas relações do seu cotidiano. 81,3% possuem computador e todos utilizam a *internet*, porém em quantidade discreta de tempo. 25% utilizam a rede num total de mais de uma a cinco horas por semana e igual percentual a acessam de mais de cinco a dez horas por semana. Usam a *internet* prioritariamente para correspondência, estudo e informação, nesta ordem de escolha. Todos os entrevistados possuem telefone celular e 50% possuem assinatura de TV a cabo, muito embora a metade dedique pouco tempo semanal à programação televisiva (menos de uma a cinco horas semanais). Este veículo aparece citado também como fonte de informação diária dos acontecimentos para 26,7% dos respondentes. Um percentual maior (53,3%) referiu-se a diversos meios de informação, como jornal, TV, revista e internet.

Ao se referirem às alternativas de lazer os sócios entrevistados da Oficina da Vida, em maior percentual e por ordem de preferência, mostram desfrutar em primeiro lugar de festas nas casas dos amigos e conversas com os amigos; em segundo, assistir aos filmes em TV, Vídeo ou DVD e em terceiro lugar as viagens, idas à praia e leitura. O trabalho de campo mostrou que as próprias atividades da Oficina aparecem como lazer para os respondentes. Em 27/02/04 Gustavo discorrendo acerca das muitas ocupações que tem atualmente com faculdade, estágio e o trabalho voluntário, restando pouco tempo pro lazer, revelou-me que: “Ah, o lazer é aqui. Sempre venho pra cá, participo das palestras, trabalho com o Coro. É sempre aqui, é um lazer para mim”. Entender o trabalho da Oficina como lazer, como satisfação é algo muito freqüente entre os jovens entrevistados. Entretanto, a maneira formal e funcional como interação com o mesmo permite uma interpretação diferente do que dizem os jovens.

Ainda em relação aos amigos encontrei que a maioria (75%) faz parte de outras turmas de amigos externas ao grupo com o qual convivem na Oficina e os demais não acusam participar de nenhuma outra turma (25%). Muito embora os amigos apareçam como relevantes no convívio social, os respondentes afirmaram que diante da necessidade de tomar importantes decisões na vida não é aos amigos a quem recorrem. A **busca de ajuda profissional especializada** foi a alternativa escolhida por 73,3% dos respondentes, enquanto 20,0% informaram encaminhar suas decisões sozinhos. Nenhum deles afirmou buscar o apoio dos pais para tanto. Cruzando os dados encontrados, verifiquei que todos os respondentes que buscam a ajuda profissional também apontaram ter como segunda razão

de gastos o custeio de suportes de Psicologia e/ou Psicanálise, o que leva à inferência de que o suporte técnico buscado para tomar as decisões prende-se a este único recurso.

3.2.5 Trabalho e formação profissional sob foco

Através da observação desenvolvida junto aos projetos implementados, bem como às práticas rotineiras da ODV pude compreender que tanto os membros do grupo quanto os adultos que por ele transitam atribuem às idéias do trabalho e da formação profissional lugar de destaque. O percurso que cada um vem fazendo, as escolhas efetivadas e as perspectivas que traçam para suas vidas se colocam prioritariamente nesse campo. A entrevista realizada sobre a temática ‘Trabalho e Formação Profissional’, em 23/05/04, veio corroborar de modo mais claro o encontrado na observação, nos questionários e nas outras temáticas tratadas nas demais entrevistas realizadas. Sobre o significado do trabalho na vida dos membros do grupo, encontrei o seguinte:

Eu vejo o trabalho, eu pessoalmente (...) o trabalho pra mim é tudo! Como se eu já tivesse passado outras experiências, outras é... e hoje o trabalho é meu ponto maior, eu não... não troco meu trabalho por nada; de todos os aspectos de opção que tinha pra começar, o trabalho é o primeiro. Como eu me vejo no trabalho? **Começando. Minha vida profissional, tô começando.** Trabalho é o meu começo, porque hoje eu tô começando a me identificar e a encontrar o meu espaço no trabalho. (Marta, grifos meus).

Pessoalmente, pra mim trabalho também é fundamental, atualmente ainda não é a única coisa fundamental porque eu ainda estou em formação, então eu ainda preciso de mais conhecimento. Enfim, o trabalho pra mim é uma forma de eu tá me conhecendo, de eu tá interagindo com diversos outros assuntos além daquele que eu estudo. Então, hoje o trabalho pra mim não é somente a Engenharia que é o meu curso; é todo o resto, é toda a parte de relacionamento externo, secretariado, é... leis, economia.... **tudo eu preciso tá... pra depois eu ter um futuro profissional mais abrangente...** (Ana, grifos meus).

Como atores que atuam mormente nesse campo, quando tratam das condições contemporâneas do mundo do trabalho, os entrevistados demonstram conhecê-las bem e assumem determinada posição quanto à interpretação que fazem dos significados das mesmas:

Muitos ainda tão buscando emprego, só que isso não é mais o que as empresas tão buscando, né. E isso que tá fazendo o desenvolvimento mais acelerado, que essas pessoas pensam: “Ah, eu vou lá cumprir meu

horário, pra ter o meu emprego”. (...) A empresa já não tem mais um horário, as coisas já não são mais com essa regra: “Ah, chegou aqui tal hora, depois você sai”. Não é uma máquina, é uma pessoa e uma pessoa ela tem várias possibilidades, né? A pessoa não é máquina, se a gente quisesse que fossem feitas determinadas coisas a gente contratava máquinas, seria tudo feito por máquinas. **Por isso que se investe nas pessoas**, porque as pessoas têm capacidade de criar, e aí não é um emprego, é um trabalho que a pessoa vai se superar, né? (...) **e tem muitas empresas que apostam no empregado que vai lá e pá! Dá uma idéia. Tem prêmios**, né, enfim, até empresas do setor de fábricas mesmo, né (...) Só que mesmo dentro disso se sabe que por ela ser uma pessoa, ela tem capacidade sempre de estar inovando, não tá sempre é... naquele, fazendo sempre aquela mesma coisa, né? (Mateus, grifos meus).

...porque eu fiz Psicologia eu só vou me voltar pra Psicologia? Você tem que saber um pouco de Administração, de Direito, de lei, né, que volta e meia você tá envolvido com outros... outros... setores. Administração (...) saber fazer as coisas administrativas do teu orçamento, às vezes entender até um pouquinho de imposto de renda, né, sempre você tá... pra não te passarem pra trás, né, você tá alerta, (...) então, é porque essas coisas, essas situações, um dia a gente... pegam a gente de surpresa e por que não a gente conhecer isso também? (Flávia).

E mesmo assim que **tenha muita gente já conhecendo essa nova visão, essa necessidade de tá se formando**, ainda existe muito, e principalmente jovens, muito acomodados no sentido de querer a coisa pronta, porque de repente não se ligou ainda que **não depende do teu chefe aprovar ou não aprovar, vai lá e faz, propõe**, né? Então de repente tu tá propondo algum trabalho e... mas tu espera chegar as informações até... até a ti, entendeu, mas não é isso que acontece. **Aí que tu perde realmente teu posto pro outro**. (Ana, grifos meus).

Você não conhece ninguém, não tem cara! **Tu não consegue se tu não conhece as pessoas!** (...) Formação profissional também... também é a experiência de trabalho, não só a questão da formação acadêmica (...) Pô, se você precisar contratar numa... em três horas você tem que contratar quinze pessoas lógico que tu vai ligar pra alguém que você conhece que trabalha com recursos humanos em outros lugares: “Ó, quem tu tem aí pra me mandar?”. O cara assim: “Oh, eu tenho o telefone de tal, e tal e tal. Os caras trabalharam aqui, os caras são bons, bārārā-bārārā-bārārā”. Ôh, bicho! **Eu vou contratar quem eu conheço!** É lógico! (...) eu não tenho tempo de fazer uma entrevista com cada um. (...) Tu pega mais ou menos ali; mas é lógico que tu vai contratar primeiro quem tu conhece, porque tu não tem tempo, o tempo na empresa é caro! (...) **Faz parte da formação profissional, tu construir a tua rede de relacionamento** também, e isso aí tu faz se tu sair do mundo acadêmico. Você pode construir carreira acadêmica, pra quê? Como que tu vai fazer isso? Conhecendo o professor, conhecendo o coordenador, conhecendo os doutores, é... é... **mostrando o teu valor pra essas pessoas, servindo elas, mostrando que tu tá realmente disponível pra entender, pra aprender, pra crescer...** (Pedro, grifos meus).

Como melhor apreciado no próximo capítulo, os valores que permeiam hoje o mundo do trabalho são bastante evidenciados no grupo: a concorrência, a formação, a política de relacionamentos e, fundamentalmente, a responsabilização individualizada pela condução e desdobramentos de desempenho que o jovem consegue ter nesse campo. Interpretam como indevida a intervenção de outros agentes coletivos que até recentemente tomavam para si a administração dos processos produtivos, como declara o depoimento visivelmente envolvido pela lógica desestruturante dos processos e das vidas:

Veja, até... e a lei ainda age no contra-senso... (...) Aí ele é um empregado, aí quando por exemplo ele saiu da empresa, porque a empresa fez uma redução de pessoal ou enfim, ele não tava de acordo com... não tinha os mesmos objetivos de... do negócio, ele saiu. Qual a primeira coisa que ele vai fazer agora? Bota a empresa na justiça! (...) E então a empresa tá buscando hoje relativizar porque as pessoas não são máquinas, e a lei engessa (...) e as pessoas, as pessoas que tão procurando emprego não tem o bom senso entre a relativização, pro seu próprio crescimento, crescimento de algo. (...) Tu não vê processos... tu não vê processo trabalhista do pessoal que trabalha com processamento de dados e *internet*, e os caras ficam quarenta e oito horas em cima, porque eles querem terminar o negócio, sabe? (...) E esse caras nunca processam ninguém e os cara ganham dinheiro... (Pedro, em entrevista, em 23/05/04).

Diante da grandiosidade das exigências a enfrentar e da constatação da ausência dos antigos mecanismos que atuavam regulando esse campo e por vezes oferecendo certa proteção aos trabalhadores a saída que apontam retoma a tônica discursiva apresentada pelo grupo quanto a atribuir ao indivíduo a assunção dos riscos e incertezas com as quais se depara:

Como preparar-se? A única coisa é não parar, né? É não parar. (...) É como se no início da juventude a gente pudesse se dar aquela tarde dormindo, né, aquele dia inteiro perdendo a noção do tempo dormindo, parece que hoje não se tem mais esse.. essa possibilidade. Se você dormir você sabe que tá... um pouco fora, um pouco mais longe da possibilidade. **Preparar-se é manter-se acordado.** (Marta, em entrevista, em 04/07/04, grifos meus).

Do modo como se relacionam com tais questões conformam o mesmo sentido de adequação já discutido em relação à formação que desenvolvem. Inserem-se nas experiências incorporando a perspectiva vigente de desestruturação, resregulamentação e flexibilização do mundo do trabalho percebendo o lugar do jovem como aquele de responder às demandas do capital. Ao contrário, a radicalidade dos obstáculos parece constituir-se para os jovens da ODV como um reforço no sentido de que vários outros

aspectos da vida sejam submetidos à prioridade dada ao trabalho e à carreira. O futuro, o lazer, as emoções e a perspectiva de formação de uma família são exemplos ostensivos, dentre outros. Esta perspectiva é reforçada quando da abordagem desses temas pelos questionários e entrevistas. Apenas 15,4% dos respondentes dos questionários intencionam ter filhos. Quanto à possibilidade de constituir suas famílias, as entrevistas revelaram uma presença predominante daqueles que não têm tal perspectiva como algo importante, sendo substituída pela formação profissional, como apontam as falas:

...e chegam pra mim: mas como? Mas tu não pensa em ter filho? Tu não pensa? Como que tu não pensa? Eu não penso! Eu... eu... eu... eu... eu trabalho, né, assim, tô apaixonada assim pelo meu trabalho. Eu tô *in love* com o trabalho; assim, estamos numa fase assim de altos... assim de conhecimento, não.... não... não tem tempo assim, sabe? Lazer, tudo bem, né? É... relações, né... mas fami... formar uma família? Tá tão bem assim! Então, é engraçado o questionamento das pessoas em relação a isso. (...). Tipo, a gente não pensa nisso agora porque a gente tá se... né, a gente tá investindo na nossa formação. Então... é porque é tudo invertido, né. Primeiro se pensa em ter alguém, em casar, em ter filho e depois se pensa em trabalhar. (...) E hoje eu tô... eu tô sentindo as mudanças na nossa geração de tá investindo em você, na sua formação pra depois pensar nisso. Se tem... se tem alguém, se namora; namora anos! Cada um no seu espaço, se conhecendo, tal... (Flávia, em 30/05/04).

...pra mim é uma coisa que eu quero aprender a dominar bem, os meus sentimentos em relação ao trabalho e em relação ao trabalho em equipe, pra depois voltar de novo a trabalhar fora, ganhar dinheiro com isso. Porque eu acabei cometendo um erro... porque eu não tinha uma coisa esclarecida, por isso acabei saindo da empresa. E agora eu tô tentando reorganizar isso de uma maneira que eu não perca nada, entende? Tá certo, eu posso até acabar errando aqui e ali, mas não vai me influenciar a um... psicologicamente como acabou me influenciando perdendo esse primeiro. Não pra mim, meu dinheiro, essas questões. Mas é... como minha... meu posicionamento. Eu me sentia orgulhoso, eu sentia... “Pô, Caio, tu é bom, cara!”. E não era nenhum grande salário, era... mas era porque eu tava fazendo alguma coisa que prestasse, entende? Tinha um.. tinha uma certa qualidade assim pro público que eu atendia, então... (Caio, em entrevista, em 23/05/04).

Ocupando lugares diferenciados e se expressando sob novas formas o que consegui identificar é que, nesse grupo, o trabalho continua desempenhando papel fundamental enquanto valor institucional que norteia práticas e vidas, como retornarei a discutir à frente.

3.2.6 A participação na Oficina da Vida e em outros grupos: abandonando idealismos e afetividades.

Parte considerável dos membros que responderam aos questionários não possui a experiência de uma participação ativa em grupos organizados, visto que 43% informou não participar atualmente, nem ter participado no passado, de outros grupos organizados além da Oficina da Vida, muito embora afirmem fazer parte de turma de amigos (75%). Para aqueles que participaram de algum outro grupo ou grupos no passado, a interpretação geral dada aos grupos de convívio seria como um espaço de amadurecimento das individualidades, porém muito marcado pelo sentido objetivo em relação ao que buscam fazer ou aprender dentro do grupo. A dimensão pessoal do amadurecimento das emoções, de partilha, bem como do exercício do prazer das companhias é pouco referido. O que mais caracteriza a opinião majoritária é a idéia de uma relação orientada no sentido dos meios e fins. É assim que se pronunciam:

Então, assim: eu nunca tive uma identidade de grupo, né? E pra mim isso é intere... foi... é interessante na minha formação, porque eu pego o que... pra mim é o mais é... ideal pra mim de cada grupo, né, sem ter assim: “Não, eu visto é... a carapuça”; agora eu sou, né? Sem ter essa preocupação, nunca tive essa preocupação, de fazer parte daquele grupo. Eu sempre fui aceito nos grupos pela maneira que eu me expressava e tinha um livre acesso a todos eles. (...) Pra mim... eu nunca quis essa... buscar essa identidade de um grupo, nunca tive essa preocupação, né? Então pra mim é... é um pouco diferente talvez até né, (...) porque muitos grupos buscam pra ter identidade, né, se afirmarem até. E pra mim sempre foi o contrário assim; eu nunca... nunca quis ser sempre daquele grupo. Pra mim, aquilo que pra mim tava melhor na hora eu tava... tava participando, né?, (Mateus, em entrevista em 30/05/04).

Com relação a grupo, assim de experiência, sempre quando eu tava no grupo é... é porque eu tinha um interesse ali. É... no futebol, tinha um interesse; no escoteiro tinha um... ahn... pessoal do bairro, tinha também. E... e quando eu faço parte do grupo é porque... eu tenho um interesse ali... Ah, eu sou do grupo, cara! Sou do grupo!... (...) E isso pra mim é funcional. Enquanto for funcional a relação continua. Porque se não for funcional pra mim, também não vai ser pro outro. Isso é batata! Se tem uma relação onde um dos dois não tá ganhando, o outro também não tá. Ele pode tá achando que tá ganhando, mas depois ele tem uma derrocada fatal. Ou os dois ganham, ou os dois se sentem bem; ou no final das contas a relação é uma perda de tempo. (Pedro, em entrevista em 30/05/04).

No que se refere à própria Oficina, o eixo mais expressivo que norteia a participação dos membros no grupo é também a visão instrumental, voltada ao cumprimento de um determinado objetivo que o participante tem em relação ao seu

aprendizado técnico, ao seu trabalho, entre outros, de natureza similar. Isso ficou evidenciado tanto no que encontrei nos questionários, quanto o que é possível visualizar nas entrevistas e observação realizada. Daquelas que se manifestaram através dos questionários, 43,8% afirmaram que o que os levaram a participar do grupo foi o fato de ter percebido uma oportunidade de aprender coisas novas em geral e 25% buscavam auto-conhecimento. As razões apontadas para continuarem participando do grupo seguem no mesmo sentido da expectativa funcional do envolvimento: escolheram como razão mais forte o fato do grupo ser um espaço de aprendizado geral (37,5%). A segunda razão ficou apontada em função do grupo mostrar-se como um espaço que aperfeiçoa os conhecimentos dos respondentes e ser um caminho para a profissionalização (25%). As falas das entrevistas aprofundam a configuração do perfil grupal traçado a partir das respostas do questionário. Os objetivos declarados oficialmente pela Oficina quanto a formação juvenil, protagonismo do jovem, expressos de modo impessoal e coletivo, não encontram lugar nas falas. A atuação, o desempenho, a conquista de metas individuais são os parâmetros do envolvimento de cada um:

... a Oficina da Vida é um lugar onde se ganha sempre, né, as pessoas vem pra cá e elas sempre saem com algo mais. Elas investem, é um investimento, você vem pra cá e investe.... (...) Puxa, hoje eu contribuo pra Oficina porque... porque ela contribui pra mim. É uma troca, eu contribuo pra Oficina sim, mas eu não venho pra cá exclusivamente pra contribuir pra Oficina porque eu quero trabalhar pra que a Oficina seja grande. Não, eu trabalho porque eu cresço aqui. (...) Quando eu cresço a Oficina cresce junto, e quando a Oficina cresce e se eu tô participando, eu tô crescendo também. Então, pra mim é parceria. Eu venho pra cá porque eu cresço, primeiro. Depois porque eu tenho interesse que a Oficina cresça, porque quando ela cresce ela me puxa, porque eu tô trabalhando. (Pedro, em entrevista em 09/05/05).

Quanto ao percentual que ingressou no grupo buscando auto-conhecimento (25%) talvez as entrevistas possam ilustrar que possivelmente o amadurecimento adquirido com a participação se solidificou no mesmo sentido do reforço de propósitos individuais, como segue:

É... eu já... no meu caso eu sempre fui... assim, na minha adolescência... na minha adolescência eu sempre fui em busca de uma identidade de grupo. (...) Eu era parte... é... eu assumia... eu tava ali naquele grupo, mas também me dava bem com os outros... outros tipos de pessoas, outros... tipos de situações. (...) E hoje a coisa acontece um pouco diferente assim... porque teve um momento da minha vida, por escolha pessoal, eu resolvi ficar um tempo assim sem grupo. Porque sempre, toda a minha vida sempre tinha que ter um grupinho, uma patotinha, entende? E daí, tipo,

por um momento da minha vida eu fiz a escolha pessoal: não, agora eu preciso ficar sozinha pra me achar, pra achar a minha identidade comigo, como Flávia e não como grupo. (...) A Oficina da Vida é um lugar que tá me proporcionando isso, né, de mostrar a Flávia, né. Mas a Flávia como Flávia e não Flávia como sempre pertencente a um grupo, a um coletivo, né? É... e daí a formação. Eu sinto que a minha formação... eu cresço mais com isso, o grupo cresce também porque é sempre essa troca... (Flávia, em entrevista em 30/05/04).

...porque eu me envolvo muito de uma forma emocional assim no grupo. Eu não tento me identificar num grupo, tipo, ter a minha imagem lá, tipo, ver o grupo, ser... saber quem é o Caio. Não vejo dessa maneira. Só que quando eu tô nesse grupo eu começo a me envolver muito assim... dar os meus sentimentos pra essas pessoas assim... me expor muito! E quando acaba... né, é como se eu perdesse uma parte minha também. E então.. eu tive que também tirar... eu acabei tirando dois anos assim pra mim me reorganizar, pra mim ver como eu posso ser auto-sustentável... (...). Porque eu nunca tinha passado por essa questão de assim... depender de mim mesmo. Eu sempre tinha um grupo que tava assim... me ajudando de certa forma, né. E aqui eu já não sinto essa dependência emocional. Eu venho aqui... (...) eu sei que é fazendo algo específico pra mim, aqui. Se alguém gostar, gostou. Se não gostar... não posso fazer nada, também, né. Mas tento encaixar as coisas nos melhores lugares, né. E... acho que essa foi a grande transição nesses dois anos que eu parei e me procurei assim, pra não ficar fazendo parte de um grupo como antes eu fazia assim, né. Parte do grupo no... emocional. De ser o grupo assim na parte da emoção, não assim do... da... imagem. (...) Eu tinha as minhas idéias, né, assim vários... assim sobre crescimento, só que eu usava muito mais o sentimento do que a razão assim. Não expressava realmente o que eu queria dizer, né. Eu deixava o que me tocava no momento sair. Seja coisa boa ou ruim... (...) Por isso que eu posso dizer que eu nasci quando eu entrei aqui. Agora sou eu. (Caio, em entrevista, em 30/05/04).

No depoimento de Caio acima transcrito, duas questões são perceptíveis. Primeiro, a dificuldade de lidar com a complexidade de ser humano que é, sim, um ser múltiplo, contraditório e incompleto situado num mundo igualmente indomável. O enfrentamento dessa contingência - da falibilidade humana sob todos os pontos de vista e do mundo enquanto espaço caótico - possivelmente instala e estala no sujeito uma certa tensão e uma necessidade de controle sobre as circunstâncias colocadas. Desse modo, Caio talvez busque na atitude asséptica a garantia mínima de controle e/ou superação desta tensão. Antepondo ao seu ser as trincheiras da racionalidade, busca apartar-se da problemática enredada num terreno onde o seu controle se mostra fora de domínio maior, por ser um terreno onde o seu equilíbrio depende também dos outros. E é exatamente em relação ao outro a segunda questão colocada: percebo como corolário dessa postura uma desistência de tomar o outro como parte de si mesmo. “Agora sou eu” como contextualizado anuncia um nascimento do eu sem o outro, sem as experiências e desafios

que a relação no coletivo nos possibilita. Sem a contra-referência, no sentido de fazermos a diferenciação de quem somos nós mesmos. Sem a emoção que enevoa os limites claros quando em relação a outrem. O eu aparece proveniente de um sistema fechado com a promessa de produzir-se a si próprio através de regras impessoais claras.

As falas ressaltam outra característica que é a condição circunstancial que matiza as relações grupais que se traduzem pela provisoriidade; durando apenas pelo tempo que conseguem oferecer algo de objetivo aos participantes em particular:

E hoje eu vejo todo e qualquer grupo como uma coisa passageira. Eu tô com a Flávia hoje, eu tô com o Caio, e sei que é passageiro. É muito... muito rápido essa passagem! E tanto convivência com grupos, vizinhos... Hoje eu tenho consciência e de fato é assim que acontece comigo, né? Muito rápida a troca, é como se o grupo permitisse uma aprendizagem. É... aprendeu, superou, opa! Próximo grupo! Então, é como se o grupo fosse hã... uma escola e cada grupo que se... cada grupo novo onde a gente tá inserido, cada momento, cada atividade que se faz, um grupo novo, é uma nova escola. (Marta, em entrevista em 09/05/04).

... o grupo de convívio pra mim é isso, né: é uma possibilidade (...) de tu te expor, de tu aprender e buscar novos horizontes sem se prender a um modismo, a uma opinião que.... uma opinião que não te faz bem, que ela não te faz crescer. Se me faz crescer, beleza fica, se não me faz, beleza também, tchau, e a gente conversa outra hora. (Pedro, em entrevista em 30/05/05).

Quando a Oficina da Vida não crescer mais, que eu não contribuo mais pra isso, ahn... eu vejo que é hora de sair, e aí eu saio tranquilo e enfim, você continua a estrada. (Pedro, em entrevista em 09/05/05).

A Oficina da Vida surge na fala dos sócios como um ponto de encontro de muitas individualidades que têm algo particular a realizar naquele espaço aberto. Pelo que falam, sugerem não existir um propósito coletivo apriorístico que seja a resultante da interação das individualidades com ele empenhadas. O coletivo mostra-se como uma justaposição dos interesses individuais e tem a sua existência garantida à medida que propicia algo relevante a cada um individualmente, e só a partir daí gera retorno esperado à ONG e aos membros dela, como explicitam as falas:

... eu tô ganhando muito com a Oficina e sempre tô disposto a tá ajudando também, porque a Oficina tem esse contraponto, né. Eu aju... eu dou a mais do que eu tenho de melhor pra Oficina e a Oficina me devolve aquilo que eu quero ter na hora. (Mateus, em entrevista em 09/05/05).

Quando eu vim aqui pra Oficina, eu vim porque eu tenho... eu sempre tive um sonho... um sonho de poder fazer um trabalho voluntário. E eu queria crescer. Eu... eu vi aqui dentro desde o momento que eu entrei em que

aqui ia me proporcionar um crescimento muito grande e é isso que eu tô sentindo. Desde o momento que eu entrei aqui eu... eu ficava num canto calado, não falava com ninguém. Hoje em dia já tô mais... (...) Então... eu não tenho um grupo definido. Eu tô aqui ahn... claro que aqui a Oficina pra mim, na verdade, ela não é mais um grupo. Ela é pra mim uma família. (...) Então... eu ten... cada um aqui dentro assim pra mim é... não é um grupo, mas eu tô vendo o individual... na verdade [das pessoas do grupo]. (...) E eu, na verdade, eu quero isso pra mim, também. Eu quero um pouco de cada pra mim. (...) Eu quero me especializar. (...) Eu comecei com ambição, que era o estilo de vida, e terminei com ahn... orientação vocacional. (...) Assim, pra mim, eu não vejo um grupo, mas eu vejo o... o individual. Eu pego um pouco, né... (Gustavo, em entrevista em 30/05/04).

O valor que o trabalho voluntário prestado na Oficina adquire diante da competição no mercado de trabalho é algo muito presente no cotidiano das experiências. É tido como decisivo para a aquisição de vagas de estágio noutros locais – como foi a situação de Gustavo, ao adquirir estágio de advocacia – e ainda coloca os participantes próximo dos acontecimentos quando é o caso da própria Oficina intermediar estágios em empresas da cidade – como foi com a Macêdo. O trabalho voluntário é reconhecido como de alta relevância também para a formação profissional como um todo, como diz Pedro: “...é por isso que desde o começo eu tenho... eu me comprometo com a Oficina da Vida. Meu currículo ahn... tem um peso importante o fato de eu trabalhar na Oficina, da experiência que eu tenho aqui dentro. Ahn... minha formação profissional é... tá muito ligada com a Oficina da Vida”. (Em entrevista, em 09/05/04).

Outro aspecto forte que pontua as falas – a questão das individualidades, da força do individual sobre o coletivo da Oficina – é interpretado pelos seus sócios como uma característica do perfil aberto do grupo. Não se prender ao grupo, não ter de submeter propósitos individuais ao coletivo são aspectos celebrados por alguns como significado da liberdade que o grupo propicia; como autonomia diante dos processos e oportunidades para o crescimento pessoal:

... tem outros grupos que são mais abertos, que é o caso da Oficina. A quantidade de gente que tem aqui dentro, diferente, que faz coisa diferente e que vem aqui realmente experimentar novidade pra ela, pra ela realmente ver se se desenvolve de alguma maneira. Na Oficina isso é muito aberto, realmente. E fazer realmente. Ah, vai ou não vai gostar, o problema é dele! Tô fazendo porque tô vendo que tá me fazendo crescer e de alguma maneira tá fazendo a Oficina crescer. Se não gostou da maneira como eu fiz, ok. De repente eu posso avaliar de novo, mas eu fiz daquela maneira, não tô esperando realmente o reconhecimento, eu não tô esperando... (Ana, em entrevista, em 30/05/04)

E enquanto é... enquanto a Oficina da Vida dá esse aperfeiçoamento me interessa. E muito! Então, eu faço parte desse grupo, sim. Eu.... mudo algumas posturas se for conveniente pro grupo, sim, desde que o grupo ainda responda ao meu interesse, né. A partir do momento que isso não for mais verdade é... essa relação se torna diferente, diferenciado e aí... busco outro... outro tipo de conhecimento. (...) eu não pertença ao grupo no sentido de que o grupo me possui. Eu pertença ao grupo na medida de que eu contribuo pra ele, porque ele contribui pra mim. Me identifico... eu me identifico com o ganho que eu tenho lá dentro. (Pedro, em entrevista, em 30/05/04)

Nesse contexto de investimento no institucional, no profissional, no racional desaparece como objetivo o cultivo das relações pessoais entre os membros para além da parceria respeitosa para os trabalhos. As entrevistas, os questionários e a observação mostram que a amizade, por exemplo, é pouco desenvolvida dentro do grupo, prevalece mesmo a escolha orientada por uma perspectiva racional com vista ao desenvolvimento das ações planejadas. Nas questões que investigavam as **razões que levaram cada um à participação no grupo** os questionários mostraram que nenhuma das alternativas referentes à amizade foram escolhidas. Quanto às **razões pelas quais permaneciam participando do grupo**, embora cada respondente pudesse apontar três alternativas, a razão **porque gosta dos amigos obteve apenas** uma indicação – e só como terceiro motivo, por ordem de importância. Isso não indica, por exemplo, que as pessoas não tenham boa convivência – o que pode testemunhar mostra o contrário. Mas apenas que o que estabelece o coletivo não é uma história de amizade e afetividades entre os membros.

A observação possibilitou verificar que o cotidiano da instituição mostra-se como um todo de acordo como encontrado pelos questionários. Mateus, em conversa no dia 27/02/04, disse gostar de ir à Oficina, porque lá aprendia muito, tanto coisas que lhe ajudavam na vida, quanto no trabalho. Mas sobre a relação que têm com os colegas do grupo, é de opinião que esta se verificava mais durante as atividades e nos ambientes da Oficina, não se estendendo muito para além disso. As entrevistas explicitaram esta mesma realidade quanto aos demais membros:

Engraçado como é que é... **como é diferente a nossa amizade, né?** A gente se conhece há muitos anos... mas a gente, ó: eu nunca fui a uma festa com a Cibele ou com o Mateus. (risos) Eu nunca fui jantar, eu nunca fui na casa da Cibele, eu não sei onde ela mora. Eu não sei onde tu mora, Mateus!! Engraçado, né? (...) E a gente tem intimidade pra sentar e dizer assim: “Porra, Cibele isso que tu fez não foi legal” (...) E depois a gente pára, certo? E depois senta e, tá: “Tudo bem, eu errei aqui, acho que tu errou aqui” e a gente... e a gente é muito sincero e direto um com o outro e dá certo. (Pedro, em entrevista, em 09/5/05, grifos meus).

É... não é um tipo de amizade assim que a gente tem com os amigos, né? (...) Então, é... são pessoas que são parceiras de ação mesmo assim, sabe? São parceiros, não é uma pessoa assim, tipo: se eu tô fazendo qualquer coisa, independente do que eu estou fazendo, há o amor incondicional! Não. Eu sei que eles vão estar perto de mim só enquanto eu tiver trabalhando pra... pra... se eu não tiver mais é... a fim de nada com nada na vida, eu sei que também eles não vão tá perto, porque não... a gente quer estar perto de quem tá crescendo também, quem tem a mesma ambição, quem quer ser alguém na vida, né? E eu acho que é isso que une as pessoas dentro da Oficina da Vida, assim, é essa vontade de ser alguém. Eu quero construir alguma coisa, eu quero ser alguém, **não quero ser mais um no meio da multidão aí**, eu quero... eu quero... sei lá! (...) Eu quero ser protagonista, eu quero ser mais, eu quero construir e ainda bem que tem gente que pensa igual, né? E a gente se encontra aqui na Oficina, todo mundo... (Cibele, em entrevista, em 09/5/05, grifos meus).

A voz reticente das entrevistas e as trocas subjetivas que presenciei pareceram indicar que, por um instante, sentiram um certo incômodo com esta constatação que fizeram acerca do tipo de ‘amizade’ da qual desfrutaram no convívio da ONG ou mais propriamente da inexistência de tais vínculos. Acerca da parceria para os trabalhos, como indica o final da fala de Cibele acima, esta ocorre sobre propósitos bem claros, conforme já anunciado em momento anterior, sendo cobrado de cada um as funções e tarefas assumidas diante do grupo.

Muito embora os trabalhos sejam sempre organizados através de uma clara distribuição de responsabilidades, pude perceber que há abertura para as ajudas, o que me esclareceu que as falas nas entrevistas mostram uma realidade muito mais austera das parcerias do que eu pude verificar pelas observações. Esse dado possivelmente revela o que sentem em relação ao coletivo: uma certa sensação de percorrer um caminho solitário, onde não é possível contar com o grupo para além do institucionalmente legitimado e acertado. Possivelmente cada um incorpore como requisito primeiro na relação com o grupo o que se assume como responsabilidade pessoal, pelo que se sente avaliado, aprovado ou reprovado.

Ressalto que, no contexto das entrevistas, o grupo aparece para alguns como sua “segunda casa” ou “segunda família” – como apresentarei adiante. Essa interpretação segue quase sempre acompanhada pela idéia do desempenho, do crescimento, do protagonismo como entendido pelo grupo. Alguns ainda se referem à ONG como responsável pelo seu reencontro com sua vida e suas possibilidades. Caio relata que antes era uma pessoa morta; tinha vontade, mas não sabia aonde ir. Depois que passou a fazer parte da Oficina, “caiu a ficha” e passou a controlar sua própria vida. “Agora eu sou o meu herói”. (Diário de Campo, 29/11/03).

Conforme já notificado, o grupo se orienta pelo planejamento de objetivos e de geração de resultados. Esse enfoque é perceptível nos documentos, nos discursos dos sócios e assessores e nas práticas destes e das equipes de trabalho, em geral. A lógica racional é evidenciada no cotidiano do coletivo e serve de orientação às mudanças de vida que os jovens dizem operar ao passarem a fazer parte do grupo. Sentimentos, idealismos aparecem obliterados pelo ‘amadurecimento’, pelo ‘crescimento’ individual, submetidos a propósitos racionalizados.

Por esse proceder vejo que, se a dificuldade de encontrar-se residia em não saber lidar com o espontâneo no grupo, em não conseguir conciliar o que se **deseja** fazer com o que se **precisa** fazer, a solução encontrada foi a de abdicar-se do exame maduro de onde e quando posso realizar o meu desejo e quando tenho de sacrificá-lo em função do coletivo. Desse modo, a formação, o preparo conquistado indica no sentido da perda da espontaneidade, num engessamento de reações com vista a um propósito racionalizado. E o propósito passa pela realização de um eu instrumental, em detrimento das dimensões emocionais que, querendo ou não, continuam fazendo parte desses sujeitos.

A perspectiva racional é reforçada de vários modos no grupo, conforme tenho enfocado em outros momentos. É explicitada de modo constante nas falas do grupo, seja quando tratam da questão dos sentimentos ou da clareza com que percorrem seus propósitos – profissionais, inclusive.⁴⁹ Aparece igualmente configurada quando se referem à perspectiva idealista como um complicador da ação daqueles que pretendem ser ativos na provocação de mudanças ao seu redor. Paulo, comentando acerca da sua experiência com um grupo de jovens, disse que no seu trabalho em cada mensagem passada sente que melhora as pessoas. Com o *feedback*, “tu já melhora a mensagem e vê que todos podem melhorar. Aí acontece uma coisa ruim, que é você ficar idealista. Não sei, mas eu acho que aí você vai pensando que é possível mudar as pessoas, que é possível melhorar o ser humano. Aí você fica idealista, o que não é muito bom.” (Diário de Campo, 29/11/03). Mais uma vez o que se mostra é a tentativa de desapego com aquilo que não é assegurado, com o que não podem efetivamente controlar: o outro, o externo, o mundo. O caminho que sobra a percorrer é o retorno para si mesmo.

Essas questões chamam mais a atenção por estarem aqui relacionadas ao segmento juvenil, até recentemente compreendido como especialmente envolvido com a

⁴⁹ Todos os entrevistados demonstraram estar certos dos seus objetivos profissionais – tanto aqueles que já exercem uma profissão, quanto os que ainda estão em fase de formação nas universidades. Alguns

perspectiva emocional e ideal da vida. Aqueles empenhados nos trabalhos de Hércules de mudar o mundo, às vezes radicalmente, e de não enxergarem barreiras para tanto e de não terem dúvidas acerca do seu êxito.

3.2.8 O protagonismo juvenil

A idéia do **protagonismo juvenil** é algo fundante para a Oficina da Vida. É presença ostensiva nos discursos dos seus membros, nos seus textos, nos seus filmes institucionais e na vida da ONG em geral. Ser protagonista é a grande meta confessada por quase todos os jovens entrevistados.

Consultando os estudos acerca da temática pude perceber distâncias importantes entre as idéias que dão suporte ao entendimento de protagonismo juvenil quando tratado por alguns autores e os construtos presentes na cultura da Oficina da Vida como um todo. Para Rabêllo, o protagonismo refere-se a:

... atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Envolvendo-se com as questões da própria adolescência/juventude, assim como com as questões sociais do mundo, da comunidade... Pensando o global (O planeta) e atuando localmente (...) o adolescente pode contribuir para assegurar os seus direitos, para a resolução de problemas da sua comunidade, da sua escola... (2005, p. 1)

Na abordagem acima duas questões se destacam: a participação juvenil e a referência à ação voltada para o coletivo. A participação é reforçada como de natureza atuante, realizadora, recaindo os seus resultados sobre o coletivo. Chama-se à participação diante da problemática da escola, da comunidade, do mundo. O entendimento coloca o jovem diante da complexidade social para daí insurgir-se como ator social, com vista a sua modificação positiva; no sentido do aprimoramento das relações sociais. Assim, o protagonismo vincula-se principalmente à idéia do bem comum acima dos interesses particulares; da construção de escolhas que social e eticamente compreendemos como sendo o melhor para a sociedade em que estamos inseridos, em escala local e global.

Por esta perspectiva entendo que a atuação juvenil no coletivo no qual está inserido constitui o seu processo de formação esperado. Objetivando-se nas trocas que realiza com os diversos momentos, embates e espaços, a juventude disporia de condições para constituir-se e colocar-se para o mundo como seres independentes, esclarecidos e

informaram ter clareza até das especialidades que pretendem seguir no seu segmento profissional, demonstrando aguerrimento para a conquista dos seus propósitos.

atuantes. Indispensável se mostra o compromisso da própria sociedade no sentido de assegurar-lhes o apoio intergeracional e as condições institucionais diversas requeridas em cada momento.

Aquilo que a Oficina da Vida entende por protagonismo juvenil aparece expresso tanto nos textos escritos, quanto na prática institucional e no discurso dos seus sócios. Quanto aos primeiros, encontrei que na definição do que entende por sua missão e objetivos a ONG introduz algumas idéias acerca do tema em discussão: “Nossa missão é promover o Protagonismo Juvenil e o Empreendedorismo Social, formando o jovem para atuar como cidadão transformador da sociedade, visando contribuir para o desenvolvimento humano e social”. (<http://www.oficinadavida.org.br>). No mesmo documento destaca como seus objetivos os que seguem:

Desenvolver o protagonismo juvenil. Exercitar a cidadania e o voluntariado. Formar jovens líderes, atuantes e posicionados. Estimular a atuação empresarial no terceiro setor. Estimular o jovem a desenvolver seu potencial nato e a responsabilidade por suas escolhas de vida; Estabelecer parcerias com empresas que visem a responsabilidade social.

Ao se manifestar sobre o próprio protagonismo juvenil diz que:

É na juventude que o ser humano está mais cheio de vida. Além deste potencial natural, é a fase da vida em que está recebendo grande quantidade de conhecimento e informação, seja no colégio, universidade ou trabalho. **E então, o que fazer com tudo isso? Onde aplicar esta força? Como fazer a coisa certa agora para que no futuro obtenha sucesso pessoal e profissional?**

Uma resposta para o questionamento está no PROTAGONISMO JUVENIL. Ele nos fala do papel do jovem na sociedade, onde este assume a responsabilidade pelo próprio crescimento e usa sua energia para realmente transformar o meio em que vive.

Antes, entretanto, o jovem precisa alcançar o seu protagonismo. Para isso, ele precisa se conhecer, precisa ser. Depois, ele deve fazer algo muito bem, precisa do conhecimento, do estudo e da ação. Por fim, deve conseguir transmitir suas idéias, precisa saber se comunicar. A partir daí estará atuando como um verdadeiro protagonista juvenil!

Apostar na força transformadora do jovem e estimular sua atuação como cidadão protagonista e agente de transformações sociais são os objetivos da Oficina da Vida. Afinal, proporcionando o desenvolvimento do outro e proporcionando mudanças e melhorias na realidade que o cerca, o jovem constrói também a si mesmo. (<http://www.oficinadavida.org.br>, grifos meus).

Pode-se encontrar nos textos acima, que esclarecem as intenções do trabalho da Oficina, duas linhas de entendimento acerca da finalidade de sua existência, que é o

protagonismo juvenil. Uma primeira que o caracteriza enquanto ação que visa o coletivo. Os termos constantes dos textos acima, como cidadania, transformação do meio/social, desenvolvimento do outro, mudanças e melhorias na realidade, desenvolvimento humano, entre outros, convocam o leitor a este entendimento.

Por outro lado, ao formular a pergunta sobre o potencial juvenil “E então, o que fazer com tudo isso? Onde aplicar esta força? **Como fazer a coisa certa agora para que no futuro obtenha sucesso pessoal e profissional?**”, (grifo meu) o PROTAGONISMO JUVENIL é oferecido na imediata seqüência como resposta. Ao posicionar-se desse modo o texto sugere a adoção de uma perspectiva instrumental da ação juvenil, direcionada às pessoas. Essa perspectiva individualizada do protagonismo também aparece quando da assunção de que primeiro o jovem deve “alcançar o seu protagonismo” (grifo meu) para depois trabalhar pela transformação do meio em que vive. O caminho a percorrer – conhecer, ser, fazer algo muito bem e saber transmitir suas idéias – é o requisito anterior para a atuação enquanto protagonista: “A partir daí estará atuando como um verdadeiro protagonista juvenil!”.

A postura evidenciada acima se choca inteiramente com a conclusão que a ONG apresenta posteriormente, ao afirmar que “proporcionando o desenvolvimento do outro e proporcionando mudanças e melhorias na realidade que o cerca, o jovem constrói também a si mesmo”. A assertiva anterior diz o contrário e deixa de entender e apresentar o protagonismo juvenil como espaço, sujeito e beneficiário de um mesmo processo de transformação social que envolve, ao mesmo tempo, os ambientes, realidades e, obviamente, as pessoas.

Os objetivos reafirmados em parte estão sob esta mesma ótica e adquirem o mesmo *status* daqueles que englobam propósitos coletivos. Descrevem intenções voltadas para a esfera pessoal quando buscam “formar líderes, atuantes e posicionados; estimular o jovem a desenvolver seu potencial nato e a responsabilidade por suas escolhas de vida”. Visto por este ângulo, o foco da ação não é a comunidade a que os jovens pertencem ou uma problemática social apontada ou ainda uma intenção que se coloque acima do interesse de cada um em particular. As pessoas envolvidas diretamente são o foco do trabalho.

Outro momento onde se destaca o corte individualizado é quanto aos conteúdos abordados na proposta de formação do Projeto De Jovem para Jovem e aos temas atinentes são Ciclo de Palestras. Normalmente tratam de como deve o jovem cuidar adequadamente de sua pessoa quanto à sua saúde em sentido amplo; à ambição que tem diante da vida - de onde quer chegar e que direção dar à sua vida-; aos estilos de vida e

escolhas que pode adotar para “fazer diferença” e potencializar o seu perfil profissional. Neste último tópico estão incluídas as novas habilidades, a atitude, o conhecimento do mercado, a formação constante e o próprio trabalho voluntário como estratégia de incremento do currículo profissional com vista à aquisição de alta empregabilidade na sua relação com o mercado. Como se pode ver, em todos os tópicos trata-se da pessoa do jovem; de como ele pode se colocar para o mundo de modo a ser capaz de resolver os seus desafios pessoais com sucesso, dentro de uma determinada ótica.

Por fim, nos textos permanece uma certa equivalência entre os objetivos de natureza, digamos, coletiva e individualizada. Formar liderança consta dos objetivos do trabalho do mesmo modo que “exercitar a cidadania e o voluntariado”. Outras intenções, como “Estimular a atuação empresarial no terceiro setor; (...) Estabelecer parcerias com empresas que visem a responsabilidade social”, se colocam em pé de igualdade com as demais finalidades, dificultando a caracterização do que realmente se entende como sendo o foco maior do trabalho da ONG com os jovens.

O trabalho de campo explicitou em diversos momentos e por variados caminhos que a interpretação dada pelos jovens do grupo ao protagonismo juvenil adota sentidos similares do acima abordado. O discurso apresentado sob variadas formas abdica da ótica coletiva do bem comum e mostra-se preso dos propósitos individuais e/ou de mercado. As palavras crescer, aprender, desenvolver entre outras traduzem expectativas em relação ao perfil que cada um busca desenvolver para si próprios e para o exercício profissional em que atualmente se qualificam. Nos contextos onde aparecem, mostram-se capturadas por uma lógica discursiva de corte utilitário, que articula sentidos atinentes às narrativas pessoais, intermediadas por práticas de mercado; desvinculados das referências coletivas mais gerais, sejam estas referentes a teses políticas, sociais e/ou culturais. Do ponto de vista pessoal, aparece articulando posturas, atitudes e habilidades quanto ao perfil pessoal de empregabilidade, carreira e sucesso pessoal. É interesse prioritário e manifesto de cada um crescer, no sentido de profissionalizar-se, especializar-se, tornar-se capaz de lidar com o mercado com habilidade e qualidade hoje requeridas. Numa expressão muito utilizada por todos: “fazer diferença”. Ao se manifestar acerca de suas expectativas, afirma Pedro:

É... num futuro... num futuro não muito distante, muitas pessoas em volta; muitas pessoas em volta trabalhando junto comigo e atendendo várias pessoas e aí sim é desenvolvimento social, né. Quando cê faz que aquele teu cliente lá que emprega cem pessoas, começa empregar cento e cinquenta; aquele teu cliente lá que... que oferece determinado produto, qualifica o produto de um jeito que... que dê um... um *upgrade* nas

comunicações entre as pessoas, nas relações, é... na política, na economia. Aí sim você faz diferença, né? E... e... e sempre com pessoas, sempre com equipes. Então eu vejo o futuro com muitas equipes. É... aqui na Oficina, em consultoria, e muitos clientes reconhecendo o valor do trabalho, aplicando e implementando soluções que façam com que os seus produtos se desenvolvam de um jeito tal que faça mudança social. (Em entrevista, em 22/05/04).

É clara a indicação do mercado. Essa tendência observável na Oficina também se revela quanto à nitidez que os jovens entrevistados têm em relação ao seu papel de protagonista dentro da ONG, como entendem o protagonismo no microcosmo do seu trabalho voluntário. Essa realidade se materializa através de sua intensa participação, aprendizado, versatilidade, atitude propositiva, voltadas para a formação de cada um – prioritariamente profissional:

Se de um ano pra outro eu ficar fazendo na Oficina a mesma coisa, a Oficina não serve mais pra mim. Todo ano... o importante pra mim na Oficina é que todo ano eu faço uma coisa diferente. Ou coordeno projeto, depois supervisiono ele, depois eu quero fazer outra coisa em outra área, eu quero aprender outra coisa. E eu sei que o espaço... que tem espaço pra isso, que tem pessoas que podem me ensinar. (Pedro, em entrevista, em 09/05/04).

... eu também posso dizer que tudo o que eu sou hoje, tanto pessoalmente quanto profissionalmente eu devo muito a Oficina da Vida (...) Existe toda uma cultura na Oficina da Vida que a gente acaba incorporando dentro da gente e que lá fora tem um enorme diferencial no mercado. (...) é uma troca e essa troca ela é muito é... válida tanto pra cada um de nós, quanto pra Oficina da Vida como um todo, né? A Oficina da Vida ela é o resultado do crescimento de cada um de nós que tá aqui dentro, ela cresce de acordo com o que eu cresço, se o Mateus cresce, se o Pedro cresce... (Cibele, em entrevista em 09/05/05).

Pedro, ao recuperar as motivações que os levaram a fundar a ONG, oferece uma explicação que remete à mesma argumentação que apresentei acima:

Acho que o principal... tá, tinha o negócio dos jovens, entendeu, um pouco antes.... Por isso a gente queria ver como é que a gente ia se sair naquilo. A gente pensou primeiro: como é a gente pode fazer? Mas pensando em como é que a gente ia se sair com isso, na nossa formação, a gente tava preocupado com a nossa formação... (...) e aí a gente pensou em: uma, dar essa oportunidade - mas em primeiro ver como a gente ia se sair fazendo isso - falando com jovens um pouco mais novos do que nós, né? Falando sobre coisas que a gente tava começando a entender, falando... principalmente pelo corpo e tal. Aí era um desafio: uma, passar pros jovens nas escolas, né, pra gurizada do ensino médio, do ensino fundamental, final do ensino fundamental, sétima e oitava séries. E fazer negociação com a escola, formar o módulo do que a gente ia trabalhar, e tal. E aí a gente resolveu levar a cabo este projeto, assim, de falar pros

jovens nas escolas, negociar com as escolas, fazer os módulos e ver como é que a gente ia se sair fazendo isso. (...) (Pedro, em entrevista, 09/05/04).

Com esses argumentos e retornando àquilo que a Oficina institui como sua missão - “promover o Protagonismo Juvenil e o Empreendedorismo Social, formando o jovem para atuar como cidadão transformador da sociedade, visando contribuir para o desenvolvimento humano e social” - penso ser possível depreender que há uma limitação quanto ao aspecto macro que se propõe em relação aos agrupamentos maiores e à transformação da sociedade. O protagonismo que acaba se verificando abarca o coletivo que compõe a própria ONG, numa perspectiva distanciada de um bem comum e de valores sociais gerais que articulem cada ação em particular e o próprio protagonismo juvenil como dimensões das sociabilidades dos jovens.

3.2.9 Protagonismo seletivo

O acompanhamento das atividades e, posteriormente, as entrevistas chamaram a minha atenção para uma diferença que parece existir entre os jovens que se relacionam com a Oficina no tocante à natureza de participação que cada um deles tem diante dos trabalhos desenvolvidos. Os primeiros, os jovens sócios da Oficina e aqueles que, que embora não sendo sócio, envergam perfil similar a estes quanto às condições de aprendizado e engajamento. Os demais, aqueles jovens que apenas utilizam os serviços oferecidos, no geral provenientes de camadas populares e/ou filhos dos funcionários da Empresa Macêdo.

Inicialmente deixo claro que não há nenhum impedimento formal ou verbal quanto à participação de qualquer jovem em quaisquer das atividades desenvolvidas. O discurso comum é de que existe a abertura para qualquer jovem participar de qualquer equipe e desenvolver qualquer trabalho compatível com os propósitos adotados pela ONG. Entretanto o modo como se escolhe encaminhar o trabalho como um todo - por assim dizer, a filosofia do trabalho - notadamente inviabiliza que jovens de setores empobrecidos e com maior limitação venha a participar das atividades enquanto propositor, enquanto protagonista no sentido materializado pela ONG. Para ilustrar, recorro à própria fala dos sócios:

... tem gente que vem na Oficina da Vida: “Ah, porque me falaram da Oficina da Vida e... (...) o que que a Oficina da Vida pode me

proporcionar? Vocês é... tem curso, tem isso, tem aquilo?”. E a pessoa queria vir aqui na Oficina da Vida e ganhar tudo de mão beijada! E na... (...) E na Oficina da Vida também não funciona assim, a gente dá pelo quanto que a pessoa se dispõe a vir aqui e receber também e se doar pra isso. Não simplesmente vir aqui e ficar sentado, esperando, ninguém vai fazer nada pra ela, não vai acontecer nada pra ela. (...) Sei lá: “Eu quero dar aula de mosaico”. Digamos que tenha uma pessoa que venha aqui que queira dar aula de mosaico. “Ah, eu quero dar aula”. Não é simplesmente ela vai chegar aqui e a gente vai arrumar os alunos e ela vai dar aula. Ela tem que: “Não, eu vou montar um projeto...”, tem espaço, pra todo mundo na Oficina da Vida, mas tem que fazer alguma coisa pra conquistar esse espaço também. Eu quero fazer o meu curso, eu tenho que ir lá organizar o meu projeto e ir atrás e isso e aquilo... (Cibele, em entrevista em 09/05/05).

...um professor de Inglês, como chegam vários aqui. “Ah, eu posso dar aula de Inglês!”. “Ah, então cê pode escrever um projeto, vamos... vamos organizar isso”. “Ah, mas vocês não tem um método de inglês? Eu venho dar aula, mas eu preciso de um método, eu preciso de...”. Mas, puxa, mas dar aula de Inglês? Tem tanta gente que sabe dar aula de Inglês que pode fazer isso. Mas... a gente não quer... é fácil de encontrar um professor de Inglês, trazer e... tá, ele vai ser um professor de inglês! Mas... a habilidade dele de poder dar aula de Inglês não é o mais importante. O mais importante é ele! O que mais que ele pode fazer? Como que ele pode crescer aqui dentro? Ele já sabe dar aula de Inglês! Ele já sabe fazer isso! Ok, ele pode fazer isso aqui também, mas a gente provoca mais... (...) A gente provoca as pessoas em geral e... (...) eu acho que elas não gostam muito de serem provocadas a dar um pouco mais, e a crescerem e a... a buscarem novas informações, novas formas de fazer. Elas não gostam muito! (...). Então, o nosso... a nossa intenção é que as pessoas venham pra Oficina e reconheçam a oportunidade e o espaço que aqui tem. E aí é uma oportunidade de crescer, de aprender, de fazer as coisas acontecerem. Aqui não tem nada pronto pras pessoas entrarem e, enfim... e se encaixar. Porque isso... isso cê tem vários... várias coisas que você pode fazer. (...) É um espaço; ela tem que dar conta, tem que prestar conta do que tá fazendo, porque tem uma... uma organização, tem... tem custos, tem... a gente tem... é... **jovens que a gente tá tocando, que a gente tá educando** também em vários dos projetos e tem que ter qualidade nisso. Então, é uma preocupação... uma preocupação nossa. **O associado é uma pessoa que vem desempenhando as coisas de acordo com o próprio projeto dele e os resultados que ele apresenta nesse projeto.** (Pedro, em entrevista em 30/05/04, grifos meus).

A diferenciação é clara quando apreciamos as falas acima. Trata-se de dois tipos de jovens: aqueles que podem propor e desenvolver ações, “crescer”, fazer a diferença e aqueles que constarão dos projetos dos primeiros como alunos, educandos etc, recrutados numa condição passiva. Isso desmistifica o discurso de que não há nada de “mão beijada” ou de que “não tem nada pronto pras pessoas entrarem e, enfim... e se encaixar”. A postura propositiva, capaz de tomar decisões, de formular intervenções é requerida de alguns; outros recebem - sem questionamentos - os serviços organizados de acordo com os

interesses de quem formula o projeto que lhe interessa experimentar. Como fica claro, existem dois tipos diferentes de jovens no panorama de ações da Oficina, permitindo entrever que o protagonismo – mesmo como entendido pela ONG - não é para todos. Existem os jovens proponentes, gestores, realizadores – este é o jovem que faz a Oficina e que, de certo modo, é feito por ela – são os protagonistas. Os demais que apenas se utilizam dos serviços, cursos etc normalmente ocupam apenas lugar de público para as ações destes primeiros, para os quais a ONG constitui-se num espaço de formação e treino daquelas habilidades e competências com as quais de algum modo já lidam no âmbito e postos onde socialmente se localizam enquanto elites sociais. É na Oficina que materializariam o treino do fazer profissional aprendido nas universidades - ou nelas ausentes-, da prestação de assessorias, da gerência de pessoal, da coordenação de equipes, da coordenação de experiências empresariais, da conferência de palestras, aulas, treinamentos etc.

Em relação aos jovens destinatários das ações, no geral, o propósito se encerra em repassar o conhecimento. Completa-se numa relação de assimilação do treinamento proposto, da aula ministrada, da palestra proferida acerca de temas e habilidades que visam a informá-los, instrumentá-los para determinada escolha, comportamento ou ação. Quando inseridos na formação profissional propriamente dita, normalmente esta encontra-se situada no contexto de estratégias subalternizadoras, como é o caso do Projeto Primeiro Emprego. Diz a Oficina em texto apresentado no seu *site*:

O objetivo deste projeto é oferecer cursos para jovens a partir de 15 anos de idade que pretendem inserir-se no mundo do trabalho de maneira mais qualificada, em função das exigências das empresas. A Oficina desenvolve este projeto em parceria com a IDES/promenor, tendo em vista que ambas investem no desenvolvimento profissional do jovem. O curso é ministrado por professores jovens, especialistas na área.
(<http://www.oficinadavida.com.br>)

A solidificação das diferenças entre os jovens, o pressuposto de não colaboração explicitado acima por cada um, bem como a ausência de mecanismos institucionais com vista a apoiar aqueles que participam do grupo dos que recebem os serviços prontos, a fim de que ingressem no grupo daqueles que podem propor trabalhos, demonstram que um jovem oriundo de camadas populares, de pouca instrução e restrita experiência certamente experimentaria dificuldades quanto ao que se constrói no discurso oficial como sendo uma atitude protagonista.

Nesse sentido, no trecho do *site* acima referido uma questão salta à análise, que é o fato da ONG considerar que um jovem a partir de 15 anos ‘pretende’ ingressar no

mundo do trabalho. A realidade brasileira, que aponta carências generalizadas quanto à situação de camadas populares juvenis, informa que o mais comum é a **estrita necessidade** do jovem de tomar este caminho, normalmente por falta de qualquer outra alternativa que não seja o espaço do crime e da violência. Outro aspecto que não é considerado é acerca das possibilidades reais de um jovem em tão estreita faixa etária dispor de uma formação básica que o possibilite conquistar postos de trabalho dignos, que o coloque minimamente, neste campo particular, numa condição de protagonista da sua história e que possa alterar de fato a ordem da qual vêm fazendo parte numa condição subalternizada.

Essa realidade evidencia o trabalho da Oficina como reproduzindo lugares e papéis sociais à medida que o caminho de formação que escolhe e o entendimento de protagonismo que pratica permanece submetido ao critério das individualidades e ainda das possibilidades progressas que cada um exhibe ao entrar em contato com a ONG. O jovem recebe apoio à medida que demonstra ser capaz de desenvolver o trabalho e a partir do patamar em que se encontra. Por esta perspectiva, no mais das vezes não se mostra possível qualquer rompimento das fronteiras classistas *latu senso* e, conseqüentemente, dos limites que estas impõem a cada grupo social. Evidentemente, para um universitário é, em tese, mais fácil já dispor de uma formação que o habilite a elaborar um projeto, ter uma postura propositiva dentro da área em que estuda e/ou trabalha. Para os jovens de menor idade e de precário acesso à formação, à renda, à cultura esse primeiro obstáculo, por si, já é quase intransponível. Resta-lhes então o lugar de usuários dos trabalhos pensados e desenvolvidos pelos sócios da Oficina que, grosso modo, os preparam para os postos subalternizados que já vêm ocupando como segmento social.

Tendo por referência a idéia do crescimento enquanto sinônimo do sucesso pessoal e profissional já por mim discutida anteriormente, gostaria de destacar o que se diz acerca da **responsabilidade pelo próprio crescimento e transformação do meio** e do que encontrei nas falas e práticas. Nas atividades de encerramento da Capacitação dos Multiplicadores, em Novembro de 2003, onde os jovens apresentaram o resultado final dos trabalhos nas escolas e bairros, alguns deles relataram ter usado filmes como recurso didático. Um dos filmes foi exibido e quando da discussão do mesmo, foi considerado interessante por Camila e Pedro porque trazia uma mensagem que o jovem poderia aproveitar, que era: você tem uma oportunidade, **é só você querer**. “Ou você aprende, ou você morre”. A Coordenadora Técnica, Carmen, considerou que os filmes eram, de fato, um recurso interessante, mas que tinham de passar a mensagem final de que os jovens são os únicos responsáveis por suas escolhas (grifos meus).

É exatamente no sentido do interessado crescer, aprender – no mais das vezes significando alcançar o sucesso que objetiva - que se volta a formação de grande parte do conteúdo discursivo da ODV. Como já ressaltado quando da apresentação da Capacitação de Multiplicadores, os conteúdos da formação juvenil desenvolvem toda uma nova tecnologia de interação com o mundo, enfocando a natureza de escolhas a ser tomadas e procedimentos a ser adotados como requisitos para a acertada condução da vida e conquista das metas pessoais. É o que fica demonstrado nos depoimentos da entrevista de 04/07/04:

Bom, todo mundo já passou por uma idade ali na adolescência, tal, onde sente coisas que não faz idéia de onde vem, coisas que são.. sei lá, se é o hormônio, se é próprio da vida, mas todo mundo passa por uma fase onde sente coisas que são indescritíveis e... todos passam! Cada um da sua forma. E essas coisas indescritíveis acontecem dentro da gente. (...) e como a gente não sabe o que fazer com aquilo, qualquer coisa que vem serve. Então aí... vai **consumismo**? Vai. Vai **ciclo biológico, biologismo**? Vai, entra. Vai **sexo**? Vai, entra nessa. Vai **idealismo**? Claro! Pô, Presidente da República... “Ah, otário! Se fosse eu...”. É idealismo! E ele não se dá conta que... que dá pra usar essa força se preparando pra fazer essa grande mudança que ele acha que pode fazer. Se ele acha que ele pode, se passa pela cabeça, ele pode, sim! (...) É... que ele não tem instrumento racional que... que possa fazer aquilo acontecer em ação já. (Pedro, grifos meus).

... vou falar um pouco da... experiência profissional minha com juventude. Eu trabalhei num grupo de... dependentes químicos jovens (...) e trabalho no projeto aqui da Oficina em que a gente faz a formação do jovem . E... são dois grupos opostos, né? É... é... até às vezes eu fico questionando isso também assim. Porque não tem comparação, né, você trabalhar com um grupo de dependentes químicos que caíram em todos os erros, **que cai no idealismo**, coisa de ficar sempre culpando e responsabilizando o outro e não assumindo a sua responsabilidade. **Que cai na opção do sexo e cai na opção do ciclo biológico**. Todos os erros possíveis e fica nesse ciclo, né, vicioso. E... enquanto aqui na Oficina da Vida eu realizo um projeto com jovens assim com todo potencial de... a gente chega e dar toda uma opção de escolha pra eles, né, através do trabalho que a gente faz aqui a gente mostra as possibilidades. É o que o Mateus falou: é... a gente coloca pra... a gente coloca várias situações, discussões de várias temáticas sobre saúde, ambição, profissão, né. (...) E esses grupos, esse grupo que eu trabalhei de dependente tá cheio por aí. Não é só porque eles tão ali num lugar que são dependentes de uma droga mais pesada... universidade, em tudo que é canto do mundo eles... é... tem esse princípio, sabe? Aqui ficou um pouco mais grave, mas o princípio é o mesmo assim... (Flávia, grifos meus).

Pode até... ter algumas características que identifiquem ele com um determinado grupo, mas o mais importante se como... se o jovem conseguir se identificar... ter com o conhecimento dele próprio; saber os objetivos que ele tem, saber o que que ele quer alcançar com determinada profissão, com uma determinada faculdade – ou mesmo não sendo uma faculdade, mas sendo um ofício, né, saber onde ele quer chegar. É.. e não

se... tentar... **tentar se desvin... desvencilhar dessas armadilhas que existem**, que são bem próprias pra juventude, né? É... porque pra esse círculo, que todo mundo falou que tem essa continuidade, né, **se o jovem ele não fica atento ele cai nesse círculo** e acha que tá mudando, acha que tá sendo revolucionário. Não tá fazendo nada! (Mateus, grifos meus).

Penso que a adoção fechada de um certo proceder como sendo o suficiente, além de o correto e o eficaz, para a ‘orientação’ da vida juvenil com um determinado objetivo oblitera a pluralidade e a possibilidade de escolhas livres diante do real dado. Este fato e a atribuição **única e indiferenciadamente** ao jovem das cabais responsabilidades – principalmente entendendo crescimento como sucesso pessoal – mostra, um desconhecimento da complexidade na qual estão inseridos; tanto o jovem quanto as alternativas e demandas em se tratando das sociedades complexas em que vivemos. É também esquecer que a própria ONG, bem como a legislação disponível no Brasil, reconhecem o jovem como um ser em formação, que deve receber da família, do Estado e da sociedade as devidas condições favoráveis quanto à educação, moradia, lazer, esporte, trabalho, proteção contra a violência generalizada, o tráfico, etc para que se desenvolva adequada e livremente e para que o potencial de cada um e de todos venha a se revelar de modo a se tornarem – pelo menos – adultos responsáveis por si.

As condições gerais de pobreza e exclusão vigentes no nosso país revelam, como já apontado, uma situação de desproteção da juventude, mormente daqueles segmentos que mais necessitariam desta proteção. Nessas circunstâncias, seria mais apropriado entender que a juventude aparece mais como vítima de um processo social que não se habilitou a cumprir o seu papel regulamentado, inclusive pelo Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, e talvez devesse se constituir também em atribuição de qualquer coletivo que se dispusesse a incentivar o protagonismo juvenil trazer para a discussão as ausências reiteradas da ação estatal quando se trata da proteção juvenil.

Para uma parte significativa dos jovens brasileiros e florianopolitanos, que estão fora dos parâmetros ‘colégio, universidade, trabalho’, essa aparente boa intenção de ‘responsabilidade pelo crescimento’ pode travestir-se em uma sentença perversa de culpabilização da vítima. Essa realidade termina por instituir como pena diante da falha na tarefa assumida a personalização do fracasso, procedendo-se uma absoluta amnésia social do fenômeno, que não depende apenas da vontade e da eventual capacidade de cada jovem em particular.

Os achados do campo também revelam uma outra questão referente aos trabalhos desenvolvidos quanto à idéia da seletividade do protagonismo. No tocante a

projetos propostos, trata-se de propostas elaboradas na Oficina e levada aos jovens usuários; elaboradas da ótica das necessidades de treino dos seus proponentes – como já foi ilustrado nas falas anteriores - normalmente vinculadas às habilidades que o proponente do projeto deseja experienciar, qualificar. Não são propostas dos próprios usuários dos serviços, originadas de suas necessidades e vontades e de acordo com suas realidades.

A condução dada aos trabalhos termina por vetar aos jovens participantes exatamente a oportunidade de se colocar no processo na condição de participante ativo num processo que deveria levar em conta e suscitar as discussões acerca da sua inserção social, das suas condições de vida, das realidades do seu local de moradia, de estudo – se houver -, fazendo da experiência de elaboração de uma proposta de estudos um momento de construção das subjetividades e de cidadania.

Desse modo vejo que, mesmo sob o entendimento conceitual da própria Oficina, suas práticas reforçam a idéia de um protagonismo seletivo que potencializa a formação dos jovens melhor situados socialmente e reafirma as poucas chances dos demais jovens de serem sujeitos de suas histórias.

3.2.10 A relação com ‘os adultos’ do grupo

A Oficina, assim como os outros grupos, exhibe diferentes faixas etárias dentre os seus participantes, assim como dentre os sócios que participam normalmente das atividades desenvolvidas, sem que isso se apresente como uma dificuldade ao grupo como um todo.

Diferentemente dos demais projetos, a coordenadora do Projeto Jovem Gestor é de uma faixa etária superior aos jovens participantes dos projetos e atividades e a esse respeito os entrevistados fazem as seguintes declarações:

Como eu encaro a Marta? Como... uma parceira, quase... quase que como... quase que como... da mesma faixa etária. Eu não vejo muita diferença, a não ser que ela sabe muito! (...) É, eu não vejo muita diferença, assim, de... a gente tem o respeito pelo conhecimento. Eu tenho um respeito muito grande pelo conhecimento dessas pessoas. É... agora a questão de relacionamento interpessoal assim... olha, eu não vejo o adulto ou o jovem, ela é uma pessoa que.. uma pessoa que contribui, né, e contribui mais porque sabe mais. (Pedro, em entrevista, em 09/05/04).

Marta é uma pessoa que ela é professora universitária, e ela tá aqui coordenando o Projeto Jovem Gestor... É mexer com máquinas, de lidar com fornecedor, lidar com isso, lidar com aquilo, que **um jovem na nossa idade não tem condições de tocar uma estrutura desse porte!** Digamos assim que é como tocar uma empresa e tu pega uma pessoa que

não sabe nada ainda de nada, não sabe trabalhar, não sabe ainda muita coisa, não... não é coerente pra colocar, pra tocar um projeto onde vai ter que ensinar pra jovens mais novos como se trabalha, como que se organiza uma empresa, como se faz a... se produz um produto, e que nem a gente mesmo não sabe! Tu entende? A gente precisou nesse momento pegar uma pessoa que realmente tem cacife pra dizer: “Não, nós vamos organizar dessa forma”. E pra nos ensinar também e que pra ela também é um aprendizado de estar liderando essas pessoas numa parte bastante prática, que ela é uma professora universitária... (Cibele, em entrevista, em 09/05/04, grifos meus).

Os depoimentos evidenciam o que apontei no Capítulo 2 a respeito do sentido de descronologização da vida. A relação entre os membros do grupo é de parceria e passa por outra consideração, que não a cronológica. A idade por si também não é a razão do respeito que sentem pela pessoa em discussão, mas a sua capacidade de desenvolver o trabalho proposto, o conhecimento acumulado e a possibilidade de passá-lo aos mais jovens.

A realidade da descronologização também se apresenta na relação de aprendizado: é lugar comum na atualidade a compreensão de que todos precisam estar dispostos a aprender; independente da idade e inserção. O grupo deixa claro estar de acordo com esta idéia ao se referir à coordenadora do Projeto como também aprendiz no contexto da relação grupal.

Entretanto as falas também ressaltam que a questão cronológica ressurge na vida do grupo por um outro ângulo, evidenciando por parte dos seus membros uma certa observação deste aspecto nas relações grupais quando Cibele considera que uma jovem da sua idade não tem condições de lidar satisfatoriamente com uma estrutura complexa. E não apenas: a idéia que o jovem é despreparado e, por isso, precisa do adulto por perto, retoma a concepção hegemônica que havia em torno dos jovens há décadas atrás, onde os marcos cronológicos possuíam força explicativa para as realidades juvenis. A questão do suposto despreparo juvenil surge com força em outros momentos das entrevistas:

E só o jovem, por ele mesmo, a gente é muito... é instável assim. Então, a gente precisa de adultos em volta que nos... que orientem, realmente. É... “Que vocês estão andando em círculos aí! Vamos se decidir aí, **vamos andar pra direção certa!**”. Porque às vezes a gente vai achando que tá fazendo o máximo, que a gente tá ali é... perfeito, planejando perfeitamente e que tudo vai sair de uma forma ótima! E depois a gente vai ver o resultado e realmente não deu e a gente fica assim: “Ah, mas como é que deu só isso?! A gente trabalhou tanto!”. (...) Aí ninguém enxerga onde que tá o furo, o que a gente tá fazendo de errado. E a gente vê que com orientação (...) às vezes a gente tá em dúvida ou a gente tá andando em círculo e não tá chegando em lugar nenhum, a gente senta e:

“Tá. Tá acontecendo isso, onde é que... o que é que eu tô fazendo de errado, né? Por que é que não tá dando resultado?”. (Cibele, em entrevista, em 09/05/04, grifos meus).

... a gente começou com jovens, é... do ímpeto jovem, da vontade de fazer acontecer, mas a gente viu naquele ano de 2002, que a gente teve dificuldade, que era muito suor pra pouco resultado. Viu que é necessário experiência, sim. Maturidade, pessoas com quem a gente tem que aprender... (Pedro, em entrevista, em 09/05/04).⁵⁰

As falas dos entrevistados aprofundam esta perspectiva de entendimento quando evidenciam o valor dado à experiência dos mais velhos e deixam fluir no discurso a idéia da experiência, do “cacife”, embora meio veladamente, vinculada à questão etária. Dessa maneira, a apreciação dos entrevistados resgata um valor que norteava as práticas sociais majoritárias até o advento do que venho chamando de crise da modernidade. O respeito pelo conhecimento acumulado que, normalmente, a maturidade trazia; o reconhecimento de que era dos adultos a tarefa de orientar os mais jovens são idéias que estão em desuso quando olhamos para o mundo na atualidade e para os seus parâmetros de avaliação quanto ao valor que atualmente se atribui à experiência adquirida a esta enquanto prerrogativa dos adultos.

Algumas outras questões podem ser trazidas ainda à apreciação. Penso que a postura assumida pela maioria dos sócios entrevistados esquece o processo por inteiro vivenciado pelos jovens como uma experiência de desenvolvimento, de amadurecimento. O olhar que se revela por demais focado nos resultados “concretos” parece deixar de considerar o aprendizado proveniente da oportunidade de tentar por si próprio, da possibilidade de aprender com os próprios erros; de cada jovem em particular e como segmento social construir **a sua experiência** a partir dos processos que vivem em plenitude; de entender a capacidade de reflexão adquirida no processo como sendo também um ganho na ‘contabilidade’ dos percursos desenvolvidos. A ansiedade pelos resultados sugere uma certa abdicação de experienciar a vida em movimento, de errar, em função das conquistas que os conselhos dos adultos podem garantir com menor risco. A fala seguinte sumariza bem este contexto:

⁵⁰ Do ponto de vista da descronologização da vida, faz-se ainda mais interessante esta consideração se tivermos presente que a maioria dos respondentes do questionário situa-se no intervalo etário sugerido acima de 27 anos de idade (31,3%) e 25% está no intervalo de 25 a 27 anos. Considerando esta realidade, encontro outro dado que reitera a idéia da descronologização: o avanço na escala etária do que se considera ser jovem; compreendido por alguns como distensão da adolescência. A escala até pouco tempo observada

Se a Marta chega e fala: “Olha, Pedro, tu não pode usar a máquina ali quando começar a apresentar falha”. Mesmo que tu acha que não... aí tu faz! (...) Se ela fala, é porque ela sabe o que tá falando, então eu não vou me meter... (...) É, eu já fiz isso muitas vezes; eu sei que não dá certo! (...) E... pô, hoje eu sou um formador, eu formo jovens, em vários projetos, e se eu falo pra ele: “Olha, amigo, isso aqui eu já fiz, e eu sei que não dá certo. Tu pode fazer!”. Ele faz e.. vai ver que dá errado e vai dizer: tu tinha razão! (...) Pois é, na próxima vez que tu orienta ele num curso de capacitação pro primeiro emprego ou mesmo pra formação escolar, ele vai pensar duas vezes (...) Aí ele pode tentar fazer, como eu fiz algumas vezes, e quebrei a cara, ou ele... ele pode seguir a opinião e ver que pode dar certo. Em time que tá ganhando a gente não mexe! (Pedro, em entrevista, em 09/05/05)

A presença da pessoa adulta como mediadora dos processos vivenciados é algo que atravessa toda a história do grupo, bem como o momento atual de sua existência. Tal fato é visto como um diferencial, que o coloca adiante em relação a outros grupos organizados. Em vários momentos da investigação essa tendência se delineia, especialmente durante as entrevistas quando tratam da ascendência que tem a Presidente de Honra da Oficina – Cristina - sobre as decisões que o grupo toma e a condução da própria ONG em geral. Os entrevistados de um modo geral revelam ter a Presidente ascendência considerável sobre o grupo que a tem como uma conselheira; alguém com grande poder de influência junto às decisões do grupo em geral, como segue exposto:

... pra todas as decisões que afetam diretamente a imagem da Oficina da Vida, a direção que a Oficina da Vida tá tomando, se é uma coisa bastante assim, importante pra Oficina da Vida sempre tem a... o parecer dela antes da gente tomar uma decisão assim crucial pra Oficina da Vida, porque ela é uma pessoa que sempre investiu muito, sempre acreditou muito na Oficina da Vida. É o maior interesse dela é em formar o jovem! (...) A opinião dela tem um grande peso em todas as decisões da Oficina da Vida. Se a Diretoria Colegiada precisa de alguma orientação, faz uma reunião com ela... (...) Ela não diz: “Ah, não, porque não!”. Ela diz: “Não por causa disso, essa decisão dessa forma agora vai implicar nisso, nisso e naquilo”, e a gente pensa: “Ah, realmente!!! (...) Acho melhor a gente não tomar essa decisão”. Ela não... simplesmente diz: “Ah, não, porque eu não quero; eu não gosto do fulano de tal”, não é essa forma de veto. Ela aconselha de forma negativa, e a gente como tem muita confiança na opinião dela a gente acata o conselho... (Cibele, em entrevista, em 09/05/05).

Eu realmente não lembro de uma vez que a gente foi contra... É... quando a gente fez isso foi em 2002 que ela... ela... fez algum comentário

para localizar o final da juventude em torno dos 24, 25 anos é absolutamente irrelevante na apreciação do grupo. Experiência e maturidade, por assim dizer, estão acima dessas faixas etárias...

sobre alguma coisa que a gente ia fazer na empresa e tal e eu fiz do mesmo jeito e deu errado! Então, né? É burrice, é... se ela te fala ou a Carmen ou alguém que tem experiência... (Pedro, em entrevista, em 09/05/04, grifos meus).

É observável que a posição assumida pelo adulto no dia-a-dia dos trabalhos cria uma realidade à parte da realidade juvenil sobre a qual os jovens trabalham como sendo suas. Sem dialogar com suas próprias condições multifacetadas de intervenção no real, mas fazendo-o pelo olhar adulto, os jovens têm o seu próprio processo de experiência, de formação, de descobertas amputado. Olhar para a vida e vivê-la em quaisquer dimensões através do parâmetro adulto é abdicar dos seus próprios, das suas realidades que são, efetivamente, diferentes.

3.3 NA FLUIDEZ DOS BITES: CANAL SÓ DÁ FESTA-SDF (#sdf)

O terceiro e último grupo, Só Dá Festa-SFD, é um coletivo com existência *on-line* e *off-line*. O mesmo se organiza através de um canal na *internet* e realiza atividades em nome do grupo também fora do mundo virtual. Adotando grafias similares, encontrei mais dois grupos virtuais com base em Florianópolis congregando outros coletivos juvenis no espaço virtual, os quais não participaram da investigação.

Tendo em vista uma marcante diferença deste grupo, marcada pela particularidade que os coletivos do ambiente *on-line* exibem no tocante a códigos, práticas, estruturas e linguagens adotadas, julgo pertinente apresentar no corpo deste trabalho uma rápida abordagem do ambiente virtual no qual se organizam no sentido de melhor situar a existência grupal nos seus diversos aspectos.

O Canal Só Dá Festa encontra-se ambientado na *internet*, constituindo-se, fundamentalmente, numa sala de *chat*⁵¹. O *chat* virtual pode acontecer em ambientes que se utilizam de textos ou ambientes gráficos mais elaborados. Dentre os mais conhecidos estão: a) o *webchat*, que é o bate-papo ambientado nos *websites*⁵² existentes na *World*

⁵¹ Sistema de conversas mediadas por computador-CMC, ocorrida em tempo real entre pessoas que se encontram utilizando computadores conectados a uma rede. A conversa ocorre através de textos escritos e, dependendo dos programas utilizados, podem realizar trocas de som, vídeos e imagens, também em tempo real.

⁵² *Website* é “um conjunto de páginas ou lugar no ambiente *Web* da *internet* que é ocupado com informações (texto, fotos, animações gráficas, sons e até vídeos) de uma empresa ou de uma pessoa”. Ou ainda de

*Wide Web-WWW*⁵³; b) o ICQ⁵⁴ - sistemática de conversa com a utilização de texto de propriedade da *America On Line-AOL*; c) o *Messenger* - sistemática de bate-papo em texto similar ao ICQ, de propriedade da *Microsoft Corporation*- e d) o IRC – *Internet Relay Chat*, “um sistema de conversa multi-usuário, onde as pessoas se encontram em canais (...) para falar em grupos, ou mesmo reservadamente...”. (In: <<http://mirc.virtualife.com.br/?pagina=ircintro>>; 12/07/05).

TABELA 1: Sistemas de comunicação mediada por computador-CMC multi-usuários baseados prioritariamente em textos – características do uso.

Nº	SISTEMA	CARACTERÍSTICAS
01	WEB CHAT	Permite o acesso a partir dos <i>softwares</i> comuns utilizados para navegação na <i>internet</i> . Organiza-se em salas por natureza do interesse, idade, orientação sexual e outros. O acesso é livre, sem necessidade de senha ou quaisquer outros dispositivos de controle. As salas podem se mostrar lotadas, não aceitando a participação do usuário que tenta o acesso. Não existe a possibilidade de comunicação assíncrona.
02	ICQ	Além do bate-papo em tempo real, permite o envio de mensagem mesmo que o destinatário esteja <i>off-line</i> . Necessita de <i>software</i> próprio instalado no computador. Requer cadastro do usuário, mediante o qual o mesmo recebe um número de registro, indispensável ao acesso. Possibilita ao usuário a catalogação dos amigos e a notificação dos mesmos quando conectados à rede. Permite a troca de arquivos em texto, imagem e som, bem como mensagens assíncronas.
03	MESSENGER	Todas as variedades (MSN, <i>Messenger</i> , <i>Web Messenger</i>) são bastante similares ao ICQ. As possibilidades de uso são semelhantes, com exceção das mensagens assíncronas - que o <i>Messenger</i> não permite - e dos <i>winks</i> (animações trocadas entre os usuários) que o ICQ não possui. Também requer cadastro, <i>software</i> instalado e senha de acesso.

Fonte: Silva, 2000; <http://www.geocities.com/Area51/Dimension/9328/irc.html>
<http://www.aol.com.br/institucional/pressreleases/2003/0291.adp>

Por ser o ambiente do interesse da pesquisa, destaco para apreciação detalhada o *Internet Relay Chat*. O IRC foi criado em 1988 por Jarkko Oikarinen, um estudante da Universidade de Oulu, na Finlândia. Além do protocolo, o estudante desenvolveu também o

organizações, associações, grupos diversos, amigos etc... (In: <http://www.aisa.com.br/diciona.html>; 12/07/05).

⁵³ A WWW é o serviço mais popular da *internet*, sendo muitas vezes confundida com ela. Trata-se do espaço virtual onde se encontram as *home pages* pessoais, de organizações diversas, governos e de empresas. Nas páginas de servidores – entre outros – oferecem serviços de várias naturezas, especialmente o *webchat*. (ver Silva, 2000).

⁵⁴ ICQ: Abreviatura alterada da expressão inglesa *I SEEK YOU=EU PROCURO VOCÊ*.

sistema de canais, principal característica deste sistema de comunicação sincrônica. No seu começo na Finlândia, o sistema era usado em mais de 60 países no mundo inteiro, sendo hoje referenciado como o maior dentre os demais protocolos.

Não há limite quanto ao número de pessoas que podem conversar em um canal ao mesmo tempo, nem quanto ao acesso simultâneo a inúmeros canais por uma mesma pessoa. É comum entre os usuários o acesso a variados canais rotineiramente, assim como fazer parte como membro de mais de um canal. São múltiplas as possibilidades em todos os sentidos.

Para se conectar a pessoa deve instalar no seu computador um *software*, chamado programa-cliente, sendo o mais famoso o mIRC, adquirido gratuitamente na *internet*. Depois conecta-se a um servidor dentre os vários que estão configurados nas redes disponíveis. As redes mais importantes do Brasil são a Brasnet e a Brasirc. Uma vez conectado ao servidor, e conseqüentemente a uma rede, o usuário pode escolher da lista de canais aquele no qual deseja ‘entrar’. No IRC existem dois ambientes para a conversa sincrônica, podendo o usuário pode conversar abertamente na sala do canal com todos que lá estão ou pode manter contato reservado com uma pessoa. Essas últimas são as conversas privativas ou conversas em **pvt**. Além desses, existem ainda os espaços de interação exclusivos dos OPs⁵⁵, que é o */notice* – onde as mensagens seguem apenas para os OPs naquele momento conectados ao canal – e o */bot* – onde as mensagens seguem para todos os OPs do canal.

A última providência para acessar o espaço virtual é a obrigatória utilização de um *nickname* ou simplesmente *nick*⁵⁶, o qual pode ser trocado sempre que o portador desejar. É recomendável que o usuário registre seu *nick* junto ao *Chanserv*⁵⁷, o que evitará o seu uso ocasional ou registro definitivo por outra pessoa. Por ser o canal aberto ao mundo, não há como identificar os presentes, a não ser que estes decidam utilizar um *nick* conhecido do público – que é o caso dos membros dos grupos e assíduos freqüentadores - ou se o participante, de livre arbítrio, fornecer suas informações. No caso dos canais que possuem vida *on* e *off-line* não é incomum os membros desconhecerem os nomes civis dos participantes, identificando-os apenas pelo *nick*, mesmo na interação social das atividades *off-line* que promovem.

⁵⁵ OP é a denominação atribuída ao operador de um canal do IRC.

⁵⁶ Apelido através do qual o usuário se identifica no ambiente virtual.

⁵⁷ Utilitário responsável pelo registro e demais configurações referentes aos canais.

Quanto à criação dos canais, no ambiente do IRC não há limites quanto à quantidade que podem ser fundados. Não há também controle quanto ao perfil dos interessados e das temáticas em função das quais são criados. Existem canais voltados para o esporte, moda, religião, estilo musical, sexo, cidades, estados, escolas, cultura popular, amigos, famílias, gangues, entre outros. O acesso a qualquer canal criado é aberto a qualquer usuário de todas as partes do mundo, conectadas em computadores ligados em rede. No entanto, normalmente os usuários fazem a sua conexão a partir de servidores e redes mais próximas geograficamente para evitar os *lags*⁵⁸. Como identificação, sempre trazem o símbolo # - por eles chamado de “jogo da velha”- antes de sua denominação, por exemplo #sdf.

Uma vez criado o canal, este deve ser registrado pelo seu *founder* junto ao *Chanserv*, onde serão também discriminadas por ele as regras de funcionamento técnico do canal e de comportamento – as boas maneiras – do usuário. Qualquer canal possui o seu *founder*, como o termo diz, é o fundador do canal, o qual é reconhecido como o dono e principal operador⁵⁹ do mesmo. Esse *status* de **dono** é conferido pelo próprio Protocolo do IRC, como designam Oikarinen e Reed (1988) ao se referirem àquele popularmente reconhecido como *founder*:

... is considered to “own” than channel. In recognition of this status, channel operators are endowed with certain powers wich enable them to keep control and some sort of sanity in their channel As an owner of a channel, a channel operator **is not required to have reasons for their actions**, although if their actions are generally antisocial or otherwise abusive, it might be reasonable to ask an IRC operator to intervene, **or for the users just leave and go elsewhere and form their own channel.** (grifos meus).

Na prática, o *founder* de um canal não sofre sanções ou sequer a intervenção dos IRCops⁶⁰, sendo, inclusive, mal visto no ambiente IRC aquele usuário que busca os IRCops para ‘se reclamar’. A regra básica de convivência vigente é aquela reportada na fala dos autores do protocolo: se não está de acordo com algo o mais recomendado é o usuário sair e ir fundar o seu próprio canal, já que qualquer um pode realmente fazê-lo.

⁵⁸ Congestionamento na transmissão de dados que redunde na demora no recebimento das mensagens.

⁵⁹ Lideranças do Canal, investidas enquanto tais de acordo com critérios internos, como será explicado à frente, identificados no ambiente do IRC pela aposição do símbolo @ antes do *nick*.

⁶⁰ Operadores do IRC.

O *founder* tem todos os poderes no canal. Estabelece a hierarquia interna - atribuindo postos e *level*⁶¹ para quem julga merecer – define as regras de funcionamento⁶² e dispõe sobre todo o ambiente *on-line*, e até *off-line* do mesmo, como a pesquisa mostrou. O *founder* é quem toma as decisões em relação ao canal e implementa, em última instância, a administração cotidiana do espaço virtual – auxiliado pelos OPs e pelo *bot*⁶³. Ao *founder* é possível assumir a atitude que lhe convier em relação ao canal, até mesmo fechá-lo temporária ou definitivamente, cancelando o seu registro.

No caso do SDF existem também os *successors*⁶⁴, operadores-OPs e os *voices*, todos indicados pelo *founder*. Do ponto de vista da administração e vigilância cotidiana do espaço virtual, tanto o *founder*, quanto *successors* e OPs – nesta ordem - têm poderes para premiar e punir. Também têm competências técnicas similares para alterar a página de abertura do Canal, modificando e/ou retirando os *topics*⁶⁵. Entretanto, no caso do grupo pesquisado, a política interna vigente entre os membros não possibilita que os *successors* e OPs tomem decisões sobre o Canal e sua estrutura sem o conhecimento e concordância do *founder*, como esclarece SQUAD ao falar acerca de quem decide sobre a ‘subida’ e ‘descida’ de novos membros a OP: “Ah, depende, né. Às vezes, assim... tipo, o SMILISH. O SMILISH fala assim: ‘Pô, o cara ali tá ajudando’. Aí, eu vou lá, vejo quem é, analiso e... boto...” ; “Quem tem nível pra tirar, tira. Mas antes tem que perguntar.” (Em entrevista, em 22/04/04).

⁶¹ *Level* é o nível que o *founder* confere aos operadores do canal. Este pode variar de 0 a 999. Do ponto de vista operacional e até das relações *off-line* indica quem tem poder sobre quem.

⁶² O *founder* dispõe sobre o uso de *floods* (repetição de mensagens); *spam* (propaganda de outros canais); *info* (mensagem de chegada, que vem logo após o *nick* do usuário); *quit messages* (mensagens de despedida); *away* (mensagem programada para notificar a ausência do usuário quando este é chamado por outrem). Também regula critérios para a aplicação das penalidades de *kick* e *ban* (chutar e banir do canal) junto a usuários que não respeitam as regras ou reincidem no desrespeito. No caso do *kick* o usuário retorna ao canal poucas horas depois, e no caso do *ban* o usuário passa a fazer parte de uma *ackick list* registrada no *bot*, de modo que é chutado por este todas as vezes que tenta entrar no Canal. Nessa condição, a pessoa só retorna se for reabilitado por um operador ou *founder*. Se isso não ocorrer, estará fora definitivamente.

⁶³ *Bot*: robô que permanece no espaço do Canal em tempo integral, assumindo o controle e a vigilância do mesmo na ausência de *founder* e OPs. Pode existir um ou mais de um num mesmo Canal. No grupo pesquisado havia apenas um – o **sodafestinha**. Os robôs administram e participam do espaço virtual de acordo com a programação que têm, feita pelos seus proprietários. O *sodafestinha* era programado para *kickar*, banir – de acordo com as regras programadas – e para ‘tirar pidades’, especialmente com os incautos que não sabiam que aquele *nick* era de um robô. As ‘pidades’ são ‘brincadeiras’ verbais, piadinhas etc.

⁶⁴ São OPs registrados pelo *founder* como a sua segunda pessoa, os seus substitutos, com ascendência sobre os demais OPs e usuários.

⁶⁵ Os *topics* são como cabeçalhos da página que normalmente trazem mensagens afirmativas a respeito do canal, ‘pensamentos’ dos OPs ou a divulgação das atividades programadas, como seguem os exemplos: “O Só Dá Festa eh mto fORte, não teme a luta, nãO teme a mORte!! Bola pRa fReNte SDF’s essa luta eh miNha e sua, UNIDOS venceReMos a LENDA coNtiNua!” (#sdf, 28/11/03). “SDF: Quinta-feira, reunião dos OPs e da rapaziada que anda junto com a gente no xopse beiramar a partir das 18 horas é obrigatória a presença de todos os OPs. Vamos ver quem é da raça [100% disposição]” (#sdf, 14/10/03).

Quanto aos *voices* não têm nenhum poder diferenciado em relação aos frequentadores comuns do Canal, como explica SQUAD: “*Voice* é só pra dar um nivelzinho...” (Diário de Campo, 09/12/03). Trata-se apenas de uma distinção que indica para o grupo uma certa proximidade do detentor da mesma com o *founder* ou com a estrutura do Canal como um todo.

Os canais virtuais mais frequentemente se resumem às atividades em rede, existindo, porém, uma parte considerável destes que se estendem do ambiente *on-line* para o *off-line*, desenvolvendo atividades coletivas, como é o caso do SDF. As atividades *off-line* desenvolvidas pelos diferentes grupos são das mais variadas. Voltam-se para pregações, festas diversas, atividades culturais, práticas esportivas, namoro e/ou sexo, torcida de times, encontros diversos, churrascos, ‘zoação’⁶⁶, racha de automóveis, brigas, contravenção, crimes etc. As possibilidades *on* e *off-line* dos canais do IRC são infindas e dependem unicamente dos interesses dos seus participantes. Para os entrevistados essa realidade é clara, mostrando-se em suas falas, por vezes, assustadora.

No geral, os canais mais famosos radicados em Florianópolis são conhecidos pelos jovens que partilham desse ambiente virtual, bem como a razão maior da sua organização. É em torno dela que se afirma o grupo e comunica para o mundo o tipo de inserção que busca diante dos seus pares, como informa TRIMMY.

É uma identidade, né, cara! Você sabe quem é o cara pelos canais que ele entra, na verdade. (...) Tipo: uma guria vem falar, aí tu: “Ah, acho que eu conheço essa guria!”. Tu dá um (??), vê os canais que ela tá e diz: “Ah, não vou nem falar, é uma nojenta!”, sabe? Tu já sabe quem é a guria pelo que ela entra, sabe? Tipo, com o tempo tu vai adquirindo essa malícia, sabe? Porque de tanto... de tanto conviver com esse pessoal de *internet* tu vai ouvindo história e tu vai conhecendo os carmas de cada grupo, sabe? Os carmas, assim: tu vai conhecendo que o SDK fazem mala, os Só Dá Festa fazem merda e que o Energia faz festa e que não sei que faz festa e que... sabe? Canal de sexo, canal não sei que... então tu... tu tem ... como se fosse um fio de cabelo, por exemplo... toda a história de como tu é. Tipo... E o pior é que é... não é uniforme, porque tipo: ela entra num canal que faz merda, um canal do Colégio Catarinense, um canal de... gostosas. Aí tu já sabe: “Ah, guria do Catarinense, que acha que é malaca e ainda se acha gata, ainda arrogante”, sabe? Tu tem toda a personalidade da pessoa. (Em entrevista em 25/05/04).

⁶⁶ Segundo o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, **zoar** quer dizer, entre outros: “fazer troça de; rir de alguém ou fazer-lhe uma brincadeira, por divertimento; caçar, gozar. Ocupar-se de maneira prazerosa; ir a algum lugar onde há divertimento; divertir-se. Promover confusão, desordem”. Todos esses sentidos aplicam-se igualmente ao que os próprios jovens contactados entendem por zoar.

É comum os canais construírem entre si algum tipo de relação, normalmente é estabelecido um clima de disputa, seja *on-line* ou *off-line*. A disputa *on-line* se dá em termos de buscar maior presença de usuários. No caso das atividades *off-line*, dependendo do interesse do canal, as disputas podem ser pacíficas, reguladas, ilegais ou podem implicar em inimizades mais sérias que freqüentemente são razão de enfrentamentos físicos entre os participantes. As escolhas dos usuários pelo canal a utilizar, principalmente ao se tornar participante das atividades *off-line*, traduzem para o público juvenil em que campo está o usuário e define de antemão como será interpretado pelos demais grupos.

3. 3.1 Localizando o grupo

Encontrei e elegi o SDF como sujeito da pesquisa a partir de um trabalho inicial de campo que procedi junto à *internet*. Busquei visitar alguns canais com base geográfica em Florianópolis e, em conversa com os participantes, obtive as primeiras informações sobre os mesmos e tomei conhecimento das *lan houses*⁶⁷, um caminho possível a percorrer para localizar um grupo que se mostrasse adequado aos meus interesses de estudo, com atividades *on-line* e *off-line*. Foi assim que me dirigi à Energy, do bairro Maré, e mantive os primeiros contatos com alguns membros do grupo.

Cheguei à *lan house* por volta de 20 horas e lá dirigi-me à funcionária, uma jovem de aparência similar aos demais clientes, tanto em idade quanto no vestuário e no linguajar adotado. Expliquei a razão da minha presença e sobre os meus interesses de contatar um grupo desta natureza. Fui informada da existência de um grupo organizado que utilizava aquela casa de jogos, mas naquela noite não havia nenhum dos membros no local. Retornando no outro dia a jovem me colocou em contato com SMILISH, CHIPS, GATAO e outros.

Em conversa inicial com GATAO expliquei as intenções da pesquisa e a sistemática de trabalho, ao que ele – sem muito entusiasmo – me respondeu: “Tudo bem. Fala com o SMILISH ou com o SQUAD”, apresentando-me ao primeiro. Com SMILISH novamente apresentei a investigação e procurei saber um pouco sobre o grupo para me

⁶⁷ LAN: sigla da expressão inglesa *Local Area Network* que poderia ser traduzida como rede local de computadores, geralmente de pequeno porte. A *Lan House*, portanto, é uma casa que dispõe de computadores ligados em rede; disponíveis sob a sistemática de horas pagas para a realização de atividades virtuais. Em tese, qualquer outra atividade pode ser realizada nesse ambiente, mas a sua grande razão de existir são os jogos virtuais interativos e com diminuta expressão, também correspondência e pequenos trabalhos e consultas. O público preponderante, no caso dos jogos, é o público jovem, prioritariamente de baixa faixa etária.

certificar acerca da viabilidade de escolha do mesmo. SMILISH se mostrou interessado e receptivo. Conduzindo-me até um computador da *lan* introduziu-me na *website* do Canal e lá me apresentou a *logo* do grupo e o desenho para uma futura camiseta. Desde então, passei a frequentar o espaço virtual do grupo, procurando conversar com outros membros e apresentar a minha intenção de estudo para ver da receptividade dos usuários para com a mesma. Desde o delineamento inicial da pesquisa havia decidido apresentar-me ao grupo, bem como a pesquisa, por considerar, do ponto de vista ético, o melhor encaminhamento que poderia dar à questão. No Canal utilizei o *nick vava_pesq*, sugerido pelos próprios membros do grupo.

Na seqüência dos acontecimentos, participei de dois encontros *off-line*, sendo o segundo um passeio no Shopping Beiramar, onde conheci a maioria dos membros do grupo residentes em diversos bairros da cidade. Conheci também SQUAD e TRIMMY, os outros líderes do grupo.



Nesse encontro continuei a minha interação procurando explicar a pesquisa e sentir a receptividade para com a mesma. De um contato inicial ausente e desinteressado da parte da maioria, chegamos a momentos de forte interação e de entusiasmo de alguns dos membros com a possibilidade de fazer parte do estudo. Uma menor parte era indiferente ou se mantinha



distante das rodas de conversa sobre o meu trabalho. Dentre os que eram mais simpáticos à proposta, muitas meninas se comportavam de modo mais próximo, fazendo perguntas e respondendo o que eu perguntava com desenvoltura.



Com os meninos a interação se fez maior através do uso da câmera fotográfica para a qual posavam de acordo com o que vim descobrir ser uma marca geral no grupo: poses agressivas e de semblante fechado. A fotografia entre as meninas trazia os abraços, sorrisos e gestos amigáveis, exibindo igual característica os grupinhos compostos por meninos e meninas. O



que acompanhei até esse encontro me fez definir a inclusão do grupo na pesquisa. No encontro seguinte na *Energy*, comuniquei-lhes formalmente da minha escolha. A partir daí passei a acompanhar o grupo nos seus diversos encontros e no seu ambiente virtual.

3.3.2 Origem, organização e percurso do grupo

O grupo Só Dá Festa - SDF foi criado por dois jovens – o SQUAD e o VASCÃO_10, - por volta do dia 22 de Julho de 2002. Constitui-se basicamente num ambiente audio-visual de bate-papo entre os amigos que participam do SDF, ou daqueles que possuem algum tipo de relação com o grupo. Além disso, reúne-se com grande frequência para a realização de atividades diversas na vida *off-line*.

A motivação para a criação do grupo surgiu a partir do rompimento dos jovens com as namoradas, em dias seguidos. A decepção amorosa os fez decidir que iriam ser vagabundos e “montar um canal que fosse pra agarrar guria.” (SQUAD, em entrevista de 22/04/04). Ambos os rapazes já tinham certa experiência com canais do IRC, já

participando como membros do Like You e do FCP-Facção Contra o Pagode, canais organizados com base territorial em Florianópolis. Em relação ao SDF consideravam-se sócios.

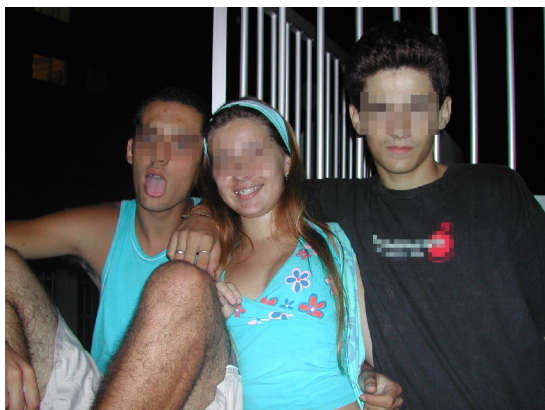
A sistemática de ampliação do novo Canal se deu através do convite aos amigos virtuais que possuíam nos outros canais e aos amigos da vida *off-line*, normalmente dos bairros em que moravam. No Canal recém-criado os critérios para mobilidade dos membros pelos postos oferecidos “era o esquema de nível de OP de quem mais agarrava guria. Tipo... é... quem agarrava. Tipo, o NIPCAT agarrou cinco gurias, ele tinha *level* cinco; o BIMBA agarrou dez, *master*. Tu agarrou 15 é... o mais elevado do Canal.”. (SQUAD, em entrevista, em 22/04/04). Num segundo momento, cada novo membro, principalmente se na condição de operador, conduzia ao Canal amigos seus, que por sua vez também divulgavam o espaço noutros ambientes *on* e *off-lines* dos quais faziam parte, construindo uma corrente de divulgação.

Quanto ao período inicial de organização SQUAD relata que o crescimento do Canal foi se dando sem que VASCÃO_10 ajudasse, o que o levou a retirá-lo do posto de *successor*, substituindo-o por GAMALT. A entrada do novo parceiro e um incremento na movimentação do Canal provocaram uma mudança nos objetivos do grupo, constituindo-se a partir daí num canal de amigos que organizavam encontros para divertir-se. Problemas internos de desentendimento entre GAMALT e SEMPRE_SURF provocaram novamente a troca do *successor*, entrando desta vez SMILISH, então amigo virtual de SQUAD, a quem conhecera anos atrás através dos canais IRC. Meses depois entraria como *successor* também TRIMMY, amigo de bairro de SMILISH, após trabalhar na organização da primeira grande festa do grupo:

... eu tava fazendo uma festa pela faculdade numa... num... tava tipo um contrato, toda sexta-feira eu fazia festa lá, aí eu... conhecia o SMILISH já de antes, aqui do Maré, aí ele veio perguntar se eu.. se eu não... eu fui falar com ele que eu ia fazer uma festa, tal... (...) Aí ele falou: “Ó, a gente tá precisando de uma casa pra fazer festa!” Aí eu falei: “Putz, se vocês quiserem marcar uma festa, a gente pode marcar lá... (...) Aí, a gente marcou, tal, o SQUAD me ligou quando eu tava trabalhando lá, a gente combinou. Aí, como eu já fazia convite, os cartaz, essas coisas assim, aí eu já fiz pra festa também. (...) Aí... desde o começo, foi... não foi... não foi relação empresárioXcontratante. Foi relação de amizade, assim tipo... Eu fazendo as coisas de camaradagem, assim, mesmo sem conhecer, sem saber nada. E... Porque eu fazia mais pra divulgar o local da festa e ele queria mais... os dois queriam divulgar: eu, o local da festa e ele, o Canal. (TRIMMY, em entrevista em 25/05/04).

Durante a organização da festa, que permanece como a mais lembrada pelos membros do grupo, TRIMMY passou a fazer parte do coletivo e, logo após a festa, passou a ser OP, tendo o seu *level* aumentado para 999 – o nível máximo - para sua própria surpresa, segundo manifestou-se em entrevista.

A partir deste período os responsáveis pelo Canal passaram a priorizar a promoção de festas, redirecionando o foco de organização grupal. Tendo os seus objetivos voltados à festa e ao lazer de um modo geral, o grupo passou a organizar atividades que congregavam os seus membros, quais sejam: festas, churrascos, passeios e encontros diversos pela cidade, como nos *shoppings*, *lan houses*, logradouros públicos entre outros. Esse tipo de encontro é por eles denominados de IRContros – encontros de canais do IRC, os quais continuaram acontecendo ao longo da pesquisa.



Paralelo aos encontros *off-line*, o grupo continuou com a política virtual de ampliação da quantidade dos seus membros pela mesma sistemática de participantes convidarem os amigos da convivência *on* e *off-line* a passar a acessar o SDF. Tinha-se como motivação para tal gesto a competição que existia entre o SDF e outros canais com os quais tinha alguma relação de disputa pela conquista do maior número de usuários em cada noite. Para alguns dos entrevistados essa política influenciou na modificação do perfil do grupo, tendo em vista que possibilitou a entrada de participantes de outros canais que tinham uma certa história de brigas e enfrentamentos como traço marcante de suas práticas, trazendo esses desentendimentos para o interior do SDF.



Pude verificar que, além disso, fatos que remontavam à fundação do grupo também levaram o SDF a desentendimentos com um outro canal, passando a enfrentá-lo para além das disputas virtuais, como diz SQUAD: “Depende do canal, a gente não faz rivalidade de briga, a gente faz mais é... rivalidade de tamanho... pra ver quem é o maior canal. (...). É... o rolo do SSF foi porque eu fiz o canal e eles não gostaram, porque era Só Somos Festa e o meu era Só Dá Festa”. (Em entrevista, em 22/04/04). O desentendimento virtual reforçava os enfrentamentos *off-line*, como descreve SMILISH: “E aí ficavam um monte xingando, aí a gente dizia: ‘Ó, isso não vai dar certo...’. E aí eles viviam fazendo rolo e aí eu dizia: ‘ó, mais uma vez que vocês provocar, vocês vão ter’. Aí eles entravam e provocavam de novo. E aí a gente foi no encontro deles e... batemo neles!”. (SMILISH, em entrevista, em 22/04/04). Como não há meios reais de impedir que alguém entre no canal, visto ser possível criar quantos *nicks* se deseje e conectar-se de variados locais, as agressões virtuais continuaram presentes e vinda de lugares que nem

sempre era possível identificar. A transcrição abaixo exemplifica o tipo de agressão a que se refere SMILISH:

[22:17] +NewRapper: (Quit: Nesse MiRC naum dah pra acredita varios playsboys querendo me matar, mais são tudo laranja que na verdade pagam de gatão, mais pode acreditar que se atravessar meu caminho estarei pronto para atirar aki naum tem reza nem vela eh a voz da favela Mande). (#sdf, 19/02/04).

A política de agressão virtual mútua fez com que o SDF constituísse inimizade definitiva também com o Nós Somos Foda-NSF e o espírito de corpo que o caracterizava fez com que rompesse com o Só Dá Nós-SDN, tomando para o grupo um desentendimento de um dos seus membros: “A gente foi lá só porque o Toty queira bater num desses guris do SDN... Mas quem ia bater era o Toty... Aí eles deram a volta na quadra e voltaram com mais de 50 pessoas correndo atrás da gente...” (SMILISH, em entrevista, em 22/04/04).

Durante o II Baile Funk do SDF o NSF invadiu o prédio e tentou invadir o salão de festas onde acontecia o Baile, causando uma situação de muita tensão. Perguntei ao GATAO porque haviam feito isso, ao que ele me respondeu: “Pra quebrar o pau, fechar na porrada!”. Em meio à confusão instalada, indaguei a CHIPS porque não chamavam a polícia para contornar a situação. Ele comentou que não chamariam “porque aqui ninguém vai alcagüetar ninguém. Ligar pra polícia nem pensar! Se eu apanhar, depois eu desconto!”. (Diário de Campo, 21/05/04).⁶⁸

Nessa experiência do Baile sobressai-se outra nuance da relação com os alguns canais, que é a amizade e o suporte. Uma vez contornada parte da confusão pela intervenção de pais e outros adultos que habitavam no prédio, o NSF ficou à distância, na

⁶⁸ A relação tensa e de distanciamento em relação aos policiais é uma constante no grupo. No caso de alguns jovens a convivência com os traficantes aparece como mais tranqüila e confiável, como ilustra o depoimento que segue:

[17:55] GOLDEN: (...) Escute o enredo da minha escola favorita.

[17:53] GOLDEN: É do bairro onde eu morava, (...). Lá tem um monte de coisa ruim.

[17:54] vava_pesq: Coisa ruim gente ou coisa ruim coisa?

[17:54] GOLDEN: Gente e coisa também. Drogas, armas.

[17:55] vava_pesq: E fazem o quê? Tu conheces as pessoas?

[17:55] GOLDEN: Conheço todo mundo. Morei 11 anos lá. Conheço todos os traficantes. heaiueheaiueh

[17:56] vava_pesq: Não tem medo?

[17:57] GOLDEN: Não. São tudo sangue bom, amigos.

[17:57] vava_pesq: Amigo ou coisa ruim?

[17:58] GOLDEN: Amigos e coisa ruim. Mas, tipo, nunca me fizeram mal e eu confio neles. (...)

[17:59] vava_pesq: E o que eles fazem de ruim e de bom?

[17:59] GOLDEN: São solidários he he. Qdo alguém vai lá, eles conversam ***

(pvt no #sdf, 12/02/04, grifos meus).

rua, aguardando ameaçadoramente as pessoas da festa. Nesse contexto chegou ao Baile a Facção Colina para ajudar na defesa do grupo⁶⁹.

Também em função de problemas de relações virtuais, o grupo se desentendeu com o canal de um bairro próximo à Maré. Explicando as brigas pessoais que passou a ter com esse grupo, CHIPS atribuiu as mesmas aos problemas adquiridos virtualmente:

Coisas de briga com o SDF. Eles queriam invadir o Maré, depois ficavam invadindo e craudiando o Canal. Sacaneando com a nossa cara. Aí nós da Maré tivemos de mostrar pra eles quem mandava aqui e no Canal. Demo porrada neles. Eu peguei um bonde de sete. Dei porrada num e depois no resto todo. O SMILISH também meteu soco na cara de um deles aqui. Foi muita porrada... Nesse tempo eu passei a andar armado porque eles queriam me quebrar mesmo... (Diário de Campo, 02/05/04).

A assunção particular dos problemas engendrados pelo grupo tinha no outro pólo a proteção do grupo a todos os seus membros, aos que pertenciam à ‘raça’ do Só Dá Festa, constituindo uma política corporativa. Desse ponto de vista, trazia-se também para administração no âmbito coletivo desavenças pessoais, inclusive aquelas geradas no ambiente escolar de cada um, por outras questões que fugiam à rotina de interesse imediato do grupo. Assim, o grupo chegou a se envolver em brigas para acerto de contas de seus membros, complicando e aumentando o raio de intrigas no qual se envolvia:

... O GRILO foi assim, ó: ele tinha arranjado uma briga com o guri do Instituto e o guri depois foi do Instituto lá pegar ele, lá no Bob’s onde a gente tava. Eu nem tava nesse dia. Aí tinha quatro nossos e quatorze ou quinze dos outros. Só que eles chamaram e ninguém veio, tipo: os 4 chamaram e ninguém veio pra cima. (...). Aí quando o guri de lá veio aqui [na Maré] o SeuMoby deu um soco nele, no guri. Só que ele já tinha se resolvido, porque eles são da mesma área lá... o guri lá que ele pegou lá no Instituto e o GRILO são da Colina... Eles já tinham se resolvido, só que a gente achou que o guri ainda queria pegar ele. Então, a gente resolveu o rolo pra ele aqui, entendeu? A gente foi mostrar pro guri que não era pra ele se meter com o GRILO, entendeu? (...) Aí o GRILO se queimou, porque depois eles se incomodaram lá... lá na Colina. “Ah, pô, bateram no guri lá na Maré, agora eu vou me fuder aqui na Colina.”. (TRIMMY, em entrevista, em 25/05/04).

⁶⁹ Algo que me chamou a atenção foi a performance da Facção Colina: entraram no salão em atitude de desafio; parecendo dispostos ao enfrentamento com o NSF e chamando “meus camaradas do SDF” a quem desejavam proteger. Na chegada da Facção, TUNADO gritou para todos: “Aí, pessoal, a gente já pode sair! Chegaram os irmãos da FC pra ficar com a gente. Quem quiser sair, pode sair.”. Tratava-se de rapazes já mais maduros, pertencentes a camadas populares da cidade, a julgar pelo modo como se vestiam e calçavam – em muito diferente do SDF.

Foi todo o desenrolar dessas situações – que se estendeu no tempo por volta de seis meses - que estabeleceu uma mudança de atitude no Canal. De Canal que fazia festas passou a ser visto como Canal que voltava suas práticas *off-line* principalmente para o enfrentamento de outros grupos. A paulatina mudança de perfil do grupo, tanto na *internet*, quanto *off-line*, causou insatisfação para muitos membros que participavam do grupo desde sua organização: “...A imagem do canal está muito queimada...” (SEMPRE_SURF, pvt no #sdf, em 30/03/04). Para TRIMMY, inclusive diante de alguns pais o grupo passou a ser entendido como problema:

Tipo, em casa.. vamos dizer que o grupo tá queimado com os pais já, vamos dizer assim. Porque, pô, o pai já vai achar o quê? Que o filho virou bandido da noite pro dia, assim, porque até então ele só conhecia um guri que entrava na *internet*, entende? É... entende? Porque daí começa. Começam a saber nas festas, quando tem nas casas do pessoal, eles começam a saber dos rolos que teve, do guri que bateu em não sei quem, do SDF que bateu em não sei quem... eles começam a saber desses rolos. Começa a ver pichação na rua... aí começa: “Ah, não quero mais que tu ande com essa galerinha”. Minha mãe já falou pra mim... (Em entrevista em 25/05/2004).

Durante a observação no espaço do Canal, em conversa com muitos usuários que pertenciam a outros canais e freqüentavam menos assiduamente o SDF, pude verificar que essa imagem, de fato, se espalhou pela *internet*. Existe entre os usuários uma intensa e ágil comunicação acerca do que acontece nos canais, de modo que a imagem do SDF passou a se propagar pelo ambiente virtual como um Canal que ‘aprontava rolo, fazia merda’, como diziam aqueles com quem eu conversava no próprio Canal.

TRIMMY destacou três questões que, na sua opinião, reforçaram a escolha que se ia construindo: a primeira foi a adoção de uma camiseta com a *logo* do grupo. Tratou-se de um símbolo de muito significado, que unificava todos à mensagem que o grupo estava passando com a sua prática *on* e *off-line* e, de certo modo, amarrava a todos nas conseqüências geradas por elas. Pude saber pela observação que alguns membros tinham receio de sair vestidos com a camiseta do grupo por medo de represália. Isso os qualificava diante dos demais como “os frouxos” do grupo. Como assisti, outros que se vestiam com a mesma eram, por vezes, convidados a se retirar dos locais que freqüentavam, como o *shopping*, por exemplo.

Penso que a importância referida por TRIMMY acerca da camiseta deveu-se ao fato da mesma mostrar a cara do grupo no mundo das relações face a face. A camiseta

colocou o grupo na cena urbana juvenil, visto que o identificava, o diferenciava de pronto pelas ruas e logradouros públicos da cidade onde faziam seus encontros. Foi uma forma que o grupo encontrou de reforçar a sua visibilidade para além do espaço virtual, ocupando um lugar, circunscrevendo limites no espaço social no qual convivia.

A segunda questão a que se refere TRIMMY é acerca da adoção de um certo estilo marcado pela cultura *Hip Hop*. Para ele, a expressão musical deste movimento, o *rap*, prega determinadas práticas violentas às quais o grupo aderiu, compondo um figurino adequado ao perfil que delineava:

... acho que também tem muita influência da música, na verdade. Da tendência da música assim, do *hã... do som*. Porque o estilo *rap* e *Hip Hop* entrou... E... esse estilo é bem o estilo que a gente fez, assim, sabe, tipo: influenciou bastante (...). (Em entrevista em 25/05/2004).

Aqui cabe esclarecer que vige no SDF uma aproximação com a cultura *Hip Hop* como um todo, muito embora retraduzida pelo critério do mercado de produtos atualmente vinculado a este movimento. Seja na escolha do *rap* como uma das expressões musicais preferidas pelos membros, numa prática discreta do grafite, no tocante ao modo como dançam, lembrando a dança de rua, ou ainda, quanto ao modo como se veste e se enfeita a maioria dos seus participantes do sexo masculino. A presença deste modo de ver e interagir com o mundo é inegável, especialmente junto aos membros dos grupos que moram na Maré. Quanto a associar este perfil com práticas violentas, esta é uma elaboração do membro do grupo citado e não representa a opinião da investigação em curso a qual não se dedicou a investigar tal aspecto de modo a poder emitir tal afirmação.

E por último contribuiu para o novo perfil que se adotava a atitude violenta como forma de colocar-se diferenciadamente diante dos amigos, reforçando a assunção desse traço:

[É a] influência do que traz pra ele quando alguém olha pra ele, tipo, até pra ser um pouco como mal, assim... tipo: “Ah, aquele ali, aquele ali não se mete com ele”, sabe? Porque tem muito disso, né? A pessoa... quando o cara quer dar rolo, ele tem de ter uma identidade que sustente o rolo que ele tem, sabe? Ele tem que passar um *marketing* maior do que o que ele é, porque se ele passar um *marketing* menor do que ele é qualquer um vai chegar nele e vai querer bater nele; mesmo que ele esteja sozinho ou em grupo. E... outros é pra ter o que contar depois: “Ah, peguei a corrente, tal...”, tipo como se fosse uma moral, assim: “Ah, eu fiz isso e tu não tem coragem de fazer”, sabe? Fica desafiando, assim, como se fosse um desafio pro outro. Eu acho que é mais isso, mais nessa imaturidade de não levar as coisas... não levar as coisas a se... tipo... não pensar em si e fazer só pelo grupo, sabe? Fazer por influência, assim. Eu acho que foi muito disso (...). (Em entrevista em 25/05/2004).

Para os que concordavam com a nova postura, fazê-la de força motriz do grupo era também razão de auto-afirmação diante dos demais canais e grupos de amigos. A competição interna pela afirmação e destaque frente aos amigos conferia legitimidade à atuação de cada um conforme os novos parâmetros majoritários de atuação do grupo, principalmente diante dos membros do sexo oposto. Ser valente, ‘ter coragem’ de fazer as coisas que outros faziam era entendido como um código que conferia uma posição de maior respeito e possibilidade de admiração dentro do SDF, conforme explica TRIMMY:

Eu acho que foi mais no sentido de crescer em nível da *internet*, cres... ganhar respeito dos guri, dar moral com as gurias e.... (...) Começaram a fazer merda pra se encaixar num estilo, assim, pra ganhar respeito, pra... (...) Tipo: tem influência assim das atitudes dos outros... do cara querer crescer também, assim. Eu acho que foi mais por aí mesmo de ver o outro com respeito, com moral, de ver o burburinho que formou dele fazer aquela ação, sabe? (...) Tem muito disso assim. De fazer pelo o que os outro vão falar depois, pela moral que ele vai ganhar. Acho que foi mais por isso..” (Em entrevista, em 25/05/04).

Entretanto, imiscuir-se neste cenário implicou num preço; em novos desafios para o grupo, desafios que cresceram para além da sua vontade e capacidade de administração interna. Conduzir e assumir o novo perfil delineado implicava em colocar-se na rota de vários canais que adotavam o estilo brigão, assumindo o risco de despertar antipatias e ter de lidar com as encrencas que isso gerava, especialmente na realização dos seus eventos que já se viam marcados pelos outros grupos, desencadeando em intranqüilidades a enfrentar.

Outro traço do modo como parte do grupo, especialmente os meninos, construíam a relação com o outro pôde ser observado quanto aos desconhecidos que, por certas oportunidades, cruzaram o caminho de alguns membros do grupo. Em animada conversa YES_CUB me relatou que certa noite dirigiu-se ao Bairro Lagoa da Conceição juntamente com TUNADO portando um saco de tomates podres. Lá, estando a rua cheia de pessoas, atiravam os tomates pelo teto solar do carro de modo que não foram localizados. Disse, sorrindo, que a reação das pessoas era muito engraçada. Na mesma ocasião SMILISH me relatou que, também à noite, ele e GAMALT bateram em transeuntes com um rolo feito com o tapete do carro. Passavam com o automóvel bem próximo ao meio-fio da rua, atingindo as pessoas que se encontravam parados nas calçadas. Falou, às gargalhadas, que: “as pessoas levam o maior cagaço!” (Diário de Campo, 06/04/04). Essas práticas do grupo encontraram a sua radicalidade última em duas circunstâncias: primeiro, quando alguns membros passaram a subtrair pertences de meninos de menor idade que

encontravam nas ruas, especialmente de um determinado bairro onde reside uma população de alto poder aquisitivo, ou outros bens constantes do interior de automóveis estacionados no bairro onde moravam, principalmente. Segundo, no porte de arma por parte de um dos meninos⁷⁰. Esses fatos me foram relatados pelos próprios autores e também foram extensamente comentados por SEMPRE_SURF:

Só Dá Festa era sinônimo de festa, era sinônimo de gente boa. Hoje Só Dá Festa é igual a Maré, confusão... até assalto. Eu nunca quis isso. (...) Vavá, o pior é que é assalto por esporte! (...) Assalto por esporte, por brincadeira, como batem por esporte, sempre querem confusão. Essas coisas... (...) Não é mais festa, é confusão! Por isso eu caí fora. (...) O CHIPS? A última vez que eu vi ele, ele *** na Maré e andou armado por uns tempos. Talvez pra ele isso seja sinônimo de moral... (pvt no #sdf, em 30/04/04).

A despeito de alguns entenderem que as práticas eram muito mais de uma encenação interna com vista a sua auto-afirmação, a forte presença dessa nova postura foi um divisor de águas no grupo: por um lado, foi um estímulo para que outros membros buscassem se colocar diante dos demais a partir desse referencial adotado e por outro, razão para a saída de vários membros, especialmente meninas.

Embora de certo modo partilhasse de algumas das práticas grupais, os problemas que se avolumavam despertaram em SQUAD preocupação com a qualificação que o grupo ia adquirindo frente aos demais e com a própria viabilidade de sua existência, tendo em vista a saída de muitos. Buscando enfrentar essa situação e pretendendo reverter o que ocorria SQUAD inicialmente me revelou a intenção de formar um novo canal com os membros do grupo que tinham maior idade (16, 17 anos) e que se interessavam só por diversão:⁷¹

Já tô formando uma nova equipe com o pessoal mais velho, com mais cabeça. Eu sei porque ta... Eu sei de quase tudo que se passa no SDF, mas não me meto na vida de ninguém eu só dou conselho. O pessoal tá querendo briga, panelinha (...). Essas coisas que acabou com o nome. Então, eu acho melhor a raça se afastar um pouco mesmo. Ver que essa modinha de ***, de briguinha não leva a nada, entendeu? Aí a gente

⁷⁰ Estes incidentes, entre outros que escolho não relatar, culminaram com a prisão – em mais de uma oportunidade – de alguns membros do grupo; a maioria residente na Maré.

⁷¹ Não obstante fazer um discurso contrário às práticas de grande parte dos membros do Canal a observação mostrou que SQUAD fazia parte de alguns eventos atinentes às desavenças internas e externas e estimulava tais práticas em algumas circunstâncias. Avaliando sobre o endosso que dava a algumas iniciativas, disse: “...Agora, se eles perguntam pra mim: ah, eu posso pegar esse bixo de porrada? Aí eu pergunto pra eles: o que ele fez pra ti? O que vais ganhar com isso? (...) Mas depende bem do que o cara faz; se faz merda, eu falo: pode pegar de porrada (...) tinha uns bixo aqui sujando a minha calçada com ovada, já tive de dar uns cascudos!” (pvt no #sdf, 28/11/003).

volta ao que era antes. O nome é DOMINADOS; e a frase é ‘Dominados pelas coisas boas da vida’. (pvt no #sdf, em 28/11/03).

A ameaça de organizar outro grupo não se concretizou, mas SQUAD passou a fechar o Canal, evitando o acesso ao mesmo; expulsou alguns operadores, baniu outros e abriu vagas para oito novos OPs⁷². A atitude unilateral gerou novos problemas internos, que se manifestavam de modo diferenciado entre meninos e meninas. As meninas, principalmente, reclamavam das regras vigentes. Consideravam a condução do Canal autoritária; questionavam a ‘falta de democracia’ no mesmo e criticavam a ausência de critérios para tais atitudes do *founder*:

O SQUAD tira e bane gente com base em fofquinha. Rolava no Canal só discussão se descia tal guria, se não. Depois a mesma discussão; se subia a guria. A LuUZiNha mesmo foi banida, depois já estava de volta... tudo por fofoca. E também assim, ó: eu ainda estou e até quero permanecer, quero que o grupo volte a ser o que era. Mas, sabe, ninguém me fala nada, me comunica nada, Eu só estou lá...” (Charmosa, Diário de Campo, 21/11/03).

Também havia desconforto, especialmente em relação a uma grande quantidade de novatos: “Era pouca gente e todos se conheciam. A gente ia pras festas, pro shopping sempre juntos. Agora aumentou muito, a gente nem conhece as pessoas . Muita gente que faz merda nos lugares. Tem muito rolo, muita confusão...” (CATYCAT, Diário de Campo, em 21/10/03). A entrada de pessoas desconhecidas, segundo FOFIS, gerou problemas também com seus pais: “Um dia meu pai me viu com uma menina e achou muito estranho e disse que não queria que eu saísse com ela; de repente ela não seria uma boa companhia para mim”. (Diário de Campo, 21/10/03). Em entrevista de 24/06/04 DOCINHO também reclamou dos novatos que entraram no Canal sem qualquer partilha do processo com os membros antigos:

... quando a gente entrou era mais ou menos o mesmo pessoal, não era aquele grupo de pessoal que entrou outro dia e já ganhou OP. Era... tipo, eram eles que fez... que tão desde o começo, de OP, pra pedir *voice* era umas gurias assim e deu! Mas aí do nada eles... (...). Na hora faz uma coisa, noutra hora fala outra, faz outra...

⁷² A nota colocada no *topic* do Canal explicita as condições apresentadas pelo *founder* para a ascensão de novos OPs: “ATENÇÃO: Abrirá 8 vagas para operadores(as), no SÓ DÁ FESTA estaremos observando o comportamento dos usuários que vão se candidatar + INFO SQUAD ou SMILISH, os candidatos(as) não precisam ter vergonha de pedir, mandem MEMO para SQUAD ou SMILISH dizendo nome, idade, nick.” (Abertura do *topic*, em 09/12/03).

As meninas também apresentavam como razão de insatisfação o fato de virarem alvo de comentários que consideraram infundados, maldosos e desrespeitosos por parte dos meninos. Sentiam-se expostas e sem condição de se defenderem, uma vez que as ‘fofocas’ aconteciam no pvt do Canal ou nos grupos de amigos *off-line*, na ausência das meninas. Para algumas essa era uma razão forte para afastamento do grupo:

Uma coisa no pessoal do lá do Só Dá Festa que é assim: eu gosto muito de todo mundo, de todo mundo lá. Só que assim, são muito trairinha, assim tipo... gostam de um rolinho. Na frente: “Oi, meu amor!”. Por trás: “Aquela vadia!”. Uma coisa assim, ó: acho ridículo isso! Eu... acho que nunca teve assim no Só Dá Festa, que nem tipo eu, a DOCINHO, a CATYCAT... guria de chegar assim “Não, eu sou SDF”; de escrever coisa e correr atrás pra vestir a camisa... nunca ninguém, assim. E justamente essas gurias que se dedicaram eles só xingavam, entendeu? E acabaram perdendo todo mundo. Então, hoje, se tu vê, não tem uma menina que fala “eu sou SDF”. (...) Não! E eram mesmo, de falar “Eu tenho orgulho de ser SDF”. Agora, eles não deram o mínimo valor, agora não tem ninguém! (PítPít, em entrevista, em 24/06/04).

Quanto aos meninos, em especial os da Maré, criticavam a ascensão de oito pessoas a OP que, segundo eles, não eram conhecidas do grupo e não ajudaram o Canal, critério mínimo - segundo o próprio SQUAD - para ser OP. A insatisfação maior se dava em função de nenhum dos membros da Maré ter ‘subido’ para OP. Argumentavam que estavam presentes no Canal, nos eventos, que ajudavam nas atividades e embora se conduzindo desse modo, nenhum havia sido contemplado. Como se vê, entre os meninos é presente a disputa pelos cargos **dentro da estrutura vigente**, não havendo **contestação acerca da mesma**, como se verifica entre as meninas.

Nesse período de renovação de membros muitos deles vieram do canal da escola na qual muitos deles estudavam, provocando uma aproximação entre o SDF e este outro canal. As últimas festas e os últimos encontros de *shopping* que acompanhei pude encontrar muitos deles, estando – inclusive - auxiliando o *founder* na organização de eventos, como foi a festa Infinit Fluid, em 14/02/04 e no II Baile Funk SDF, em 25/05/04.

A realidade geral do grupo se apresentava atravessada de problemas e muitas tensões. Além daquelas já abordadas, uma situação que gerava muita insatisfação eram os sub-grupos vigentes dentro do grupo – as ‘panelinhas’, como chamavam – em torno das quais se organizavam os seus participantes, muito freqüentemente demarcados pelos locais de moradia ou pelas relações de namoro. Na disputa entre os subgrupos todos buscavam estar próximos dos subgrupos do qual faziam parte o *founder* e os *successors*. O não convite de alguns membros para uma festa privada realizada em Março/04 provocou um

rompimento por parte de alguns membros antigos e a fundação de outro canal por eles. Entretanto, conforme avaliação de SMILISH e SQUAD devia-se exatamente à “ciumeira” dessas pessoas e que elas retornariam ao Canal. De fato, em maio seguinte o grupo estava recomposto com esses membros, estavam de volta ao SDF partilhando as mesmas rotinas.

As brigas, as fofocas, as dificuldades com as novas presenças internas e o modo como elas se movimentavam dentro do grupo em relação ao *founder* provocou o afastamento de muitos membros e as festas e demais atividades mostravam considerável baixa de presenças, principalmente de meninas⁷³.

Pude verificar nos meses de junho, julho e agosto/04 uma fase de maior tranquilidade no coletivo, com a diminuição dos enfrentamentos virtuais com outros grupos e não tendo ocorrido qualquer desentendimento na convivência *off-line* dos mesmos. Paralelo a isso também houve um queda significativa na realização de atividades grupais. Foi nesse momento oportuno que encerrei o trabalho de campo. É, portanto, com a observação do período aqui qualificado que faço a análise atinente a este grupo.

3.3.3 Estrutura interna

Na *internet* o Canal Só Dá Festa, como qualquer canal desse ambiente, está aberto em tempo contínuo, durante todos os dias, possibilitando aos seus membros o contato em qualquer dia e horário. Após as 18 horas a frequência mostra-se aumentada, sendo a partir de 21 horas o horário de maior presença. O ambiente é normalmente utilizado para conversas com os amigos do grupo, com amigos diversos, namorados e similares e para ouvir músicas da programação da Rádio SDF⁷⁴. É através do ambiente virtual que são articulados e divulgados os encontros, saídas e festas promovidas pelo SDF em ambiente *off-line*, entre os membros do grupo.

Para fazer parte do grupo enquanto membro, não há condições formais. Para acessar o espaço virtual o interessado tem de obedecer aos trâmites já esclarecidos e para nele permanecer é recomendável observar as regras estabelecidas pelo *founder* e seus prepostos. Fora da virtualidade o grupo não possui regras escritas e, enquanto espaço virtual que é, também não possui sede. Do ponto de vista organizacional, existe apenas uma

⁷³ Nas festas que presenciei durante minha estada no campo a presença de mulheres era sempre menor. TMA_NAVIEIA e GOL_1.8 me informaram que sempre foi assim em decorrência dos pais deixarem menos as meninas irem às festas, tendo em vista a pouca idade da maioria.

⁷⁴ A escolha musical do grupo recaí sobre o *techno*, o *rap* e o *funk*. Divulgam no Canal e nos ambientes *off-line* a profunda aversão que sentem em relação ao pagode e à música sertaneja. Nome da Rádio fictício.

estrutura mínima que se resume ao registro do nome Só Dá Festa junto ao *Chanserv*, bem como a uma certa coordenação rotineira do Canal exercida pelo *founder*, seus dois *successors* e demais OPs. O registro referido confere ao grupo a exclusividade de utilização do nome Só Dá Festa no espaço virtual.

Como visto, no grupo não há diretoria eleita, reuniões deliberativas, votações ou algo semelhante enquanto instrumento de dissolução dos impasses e de encaminhamento da vida grupal. Conforme já introduzido, o grupo se organiza internamente através dos cargos existentes, distribuídos a partir de julgamento de mérito feito pelo *founder*. O *status* ocupado por este posto no espaço virtual e também no espaço das relações face a face do grupo é de visível concentração de poder diante dos demais membros. É dele a prerrogativa da última palavra em relação a qualquer interesse ou questão que envolva o Canal. *Successors* e OPs, apesar de ter habilitação técnica para efetivar várias decisões em relação ao grupo, efetivamente não as implementam sem autorização em decorrência da gestão centralizada que vige no Canal. O próprio termo do Protocolo do IRC, como reportado, já apresenta o operador de um canal com poderes praticamente absolutos. No entanto, no ambiente investigado, essa concentração de poder se mostrava presente no tocante apenas ao *founder*.

Quanto à localização, o grupo não possui local fixo ou formal no espaço *off-line* para se encontrar rotineiramente além do espaço virtual. Além dos locais que frequenta nos IRContros, os membros são assíduos nas *Lan Houses Energy* – Campo e Maré - e *Stadium* – Maré, nas casas dos amigos, em logradouros públicos, especialmente do bairro Maré. Parte do grupo participa da Torcida Mancha Azul – TMA - torcida organizada do Avaí Futebol Clube e em função disso se encontra no Estádio Ressacada, do time citado. No início da organização do grupo, o ponto de encontro mais freqüentado era uma casa de *fast food* do centro da cidade, posteriormente abandonado.

Esses encontros rotineiros reúnem especialmente os que se identificam como membros do grupo, os freqüentadores do Canal, amigos de outros canais e ainda amigos diversos que ‘entram’ no Canal ocasionalmente ou que, apesar de não ‘entrarem’, moram no bairro ou em locais vizinhos, como é o caso de morros próximo à Maré e outras localidades próximas à Colina. Pude presenciar que existe uma certa convivência com jovens provenientes de outra inserção sócio-econômica, como é o caso de jovens residentes num determinado morro da cidade e de um bairro de periferia do Continente. Refletindo sobre esse apagar das fronteiras até recentemente existentes entre os segmentos juvenis brasileiros TRIMMY diz que:

... isso de pessoas de classe mais alta querer se juntar com classe mais baixa, tem muito a ver com a independência na rua, sabe? Porque o cara que tem contatos hoje pode andar com... com o tênis que quiser, pode andar com a corrente que quiser na rua! Agora se for, tipo... tipo... eu ando com esse tênis aqui e não tenho medo lá no centro, que eu conheço todo mundo lá, sabe? (...) O pessoal não quer se privar de ter as coisas por causa de gente na rua que quer roubar. Então acaba fazendo amizade, sabe. É mais um jogo de interesses, assim. Mas o pessoal que... e os caras que roubam querem se aproximar da classe mais alta porque querem vender drogas, querem vender fumo, querem... sabe? Querem ter acesso a carro quando for sair com eles, sabe? Coisa assim, um... um... um finge que gosta do outro pra ter aquele negócio... (Em entrevista, em 25/05/04).

Quanto aos membros que se identificavam como do grupo, participavam do Canal por volta de 40 membros fixos⁷⁵, sendo a maioria era do sexo masculino. Estavam distribuídos por toda a cidade, verificando-se, entretanto, uma maior concentração no Bairro Maré e em menor expressão no Colina, conforme explicado. Dos membros, um era *founder*, dois *successors*, quatorze OPs e vários *voices*.. Esse quadro de OPs sofreu um incremento de oito novos participantes em dezembro de 2003. Dentre os OPs em geral existiam meninos e meninas, com expressiva maioria dos primeiros.

Quanto a eventuais vantagens mais concretas em ser OP, para SQUAD, as mesmas se colocam na seguinte perspectiva:

...olha, pra mim a vantagem é que... na real não tem vantagem ainda, mas se a gente tivesse assim um... tipo, o meu esquema era fazer a vantagem pro OP do Só Dá Festa era ter desconto nas festas e... mas a gente não tamo promovendo isso daí, então... mas futuramente pra mim, o benefício de ter o OP nisso aí, vai ser desconto em tudo que tiver. (Entrevista em 22/04/04)⁷⁶.

Acerca das vantagens de ser OP do Canal, para BIMBA, as mesmas se verificam quanto ao aumento de possibilidades de conquistas junto ao sexo feminino,

⁷⁵ Cheguei a esse dado por informação similar de SQUAD, SMILISH E TRIMMY. Em decorrência da expressiva presença de freqüentadores ocasionais, da intensa rotatividade e da constante troca de *nicks*, verificou-se impossível aferir com precisão o número de membros do grupo.

⁷⁶ Em diversos momentos da investigação essa tendência mais pragmática de SQUAD quanto ao canal e suas possibilidades se deixou perceber. Numa das oportunidades em que eu estive com o grupo no *shopping* informou que: “Eu quero ter dois empregos, tipo assim: um da Caixa, que me segura, e, tipo, de *promoter*, que é o que eu gosto de fazer. Só que pra fazer festa você tem que investir muito, eu vejo aí nas do Canal...”. (Diário de Campo, 19/05/04). Por vezes se refere ao Canal dizendo que ele precisaria funcionar como uma empresa, sendo bem organizado e com o empenho de todos. Nesta ocasião, no final do encontro, fui apresentada ao seu pai e em conversa com o mesmo soube que é dele a empresa que patrocinou as camisetas do Canal. A opinião do pai de SQUAD acerca do Canal é de que entre outras manifestações na mesma linha, de que “isso pode dar dinheiro”, visto SQUAD ter muita liderança e a ‘marca’ já ser muito conhecida.

principalmente. Isso seria a razão da maioria dos participantes “fazerem qualquer coisa para ter a arroba antes do nome” (Diário de Campo, em 07/04/04). Percebi na observação que é vantagem também destacada o prestígio que se conquista em relação ao grupo. Ser OP é também sinal de poder, de influência diante dos demais. Entretanto, tanto a força quanto a fragilidade do fundamento da convivência aparecem patentes para alguns que nela estão envolvidos, re-significando as relações que são construídas em função da aquisição de postos do Canal. Para alguns “ganhar a arroba” é

... uma ilusão. O cara tá lá em cima, sabe? Mas na minha cabeça eu sabia que ia chegar... eu ia conhecer muita gente falsa com isso, sabe? Porque quando o cara tá lá em cima parece uma... é a mesma coisa quando o cara tem dinheiro. Então, tipo: ele sabe que ele pode te dar *voice* se ele quiser, sabe? Eu posso dar um voicezinho e subir qualquer... qualquer pessoa que não tem nada a ver, que ninguém conhece, se eu quiser subir. Botar lá em cima, dar moral, assim, sabe? Isso dá até nojo, porque... é... é muito interesse, sabe? (TRIMMY, em entrevista, em 25/05/04).

As relações de poder apontadas por TRIMMY fazem com que em torno de cada um que possui posto de *founder*, *successor* ou OP forme-se um grupo mais próximo – de meninos e meninas - que o referenda, de algum modo, como seu líder. No ambiente virtual geralmente formam subgrupos de conversas abertas do qual poucos não-OPs participam. Essa realidade de convivência também se verifica nos ambientes da vida *offline*. Ao passar a OP tanto a pessoa ganha maior atenção e respeito dos que não o são, quanto ganha maior espaço dentre aqueles que já são OPs, como sinaliza SQUAD: “Aí já forma uma panelinha, né. Já forma uma panelinha por... por ele ter o OP, daí ele anda mais com o grupo...”. (Entrevista em 22/04/04).

Os subgrupos que se formam, portanto, têm relação direta com os postos assumidos; pelo menos em relação aos meninos. Entre as meninas os grupos de amizade são mais fixos e parecem mais independentes das relações de poder travadas no ambiente do Canal. Os subgrupos são mais independentes também. Costumam sair juntas para atividades que não são organizadas pelo Canal e sem procurar de algum modo vinculá-la ao espaço virtual.

Quanto a outros aspectos das relações internas, tendo em vista que o *founder* tudo pode em relação a qualquer um dos participantes ele constitui-se em alguém que desperta sentimentos e atitudes contraditórias por parte dos membros. Ele é, por exemplo, admirado e detestado ao mesmo tempo dentro do grupo no tocante aos meninos, especialmente. Mas o poder do *founder* também é contestado. Inicialmente pelos OPs que,

através dos subgrupos que constituem ao seu redor, se fortalecem enquanto membros importantes do grupo e a partir daí estabelecem um posto de diálogo com o *founder*, buscando se colocar em situação igual a ele diante dos demais. Assim como no ambiente virtual, é comum nos encontros *off-line* estabelecer-se um certo grupo que congrega *founder*, *successors* e OPs estabelecendo uma certa polaridade, distância em relação aos demais. Desse modo, se rompem os seus subgrupos originais em favor de um subgrupo **de elite**⁷⁷.

A mesma convivência de “amor e ódio” que presenciei em relação ao *founder* pude observar quanto aos líderes de um modo geral por parte daqueles que se sentem preteridos de algum modo, configurando um certo quadro de pequenas disputas, às vezes veladas. A concessão ou não de OPs era sempre um motivo presente nessa queda-de-braço. Entre os líderes, não obstante constituam um subgrupo diferenciado, entre si havia um embate regulado pela liderança dos subgrupos.

Outra disputa perceptível – talvez a mais significativa de todas – é aquela que abarca o local de moradia, envolvendo os territórios Maré versus Bairros do Continente. Em entrevista, NIPCAT criticou a política de concessão de OPs dizendo que sempre ajudou o grupo e nunca foi contemplado, enquanto que outros o foram sem nenhuma ajuda ao Canal. Atribuía tal fato à existência de discriminação da Maré pelo grupo do Continente. Inicialmente discordando, SQUAD ratificou esse argumento: “É, às vezes tem um probleminha. Um probleminha que quer fazer... tipo uma rivalidade dentro do Só Dá Festa, pra ver quem é o melhor, Colina ou Maré”. (Em entrevista, em 22/04/04). Dentro do grupo, quando na presença de ambos os bairros, SQUAD quase sempre assume uma posição orientada no sentido de dissimular as disputas dos sub-grupos dos territórios. Segundo SEMPRE_SURF, que reside no Continente, o comportamento do “pessoal da Maré” afastava os participantes mais ativos do grupo, “queimando a imagem do Canal”. (pvt no #sdf, em 30/03/04). Referia-se também à Maré como responsável pela mudança de característica do grupo; de um grupo interessado em festa, em diversão, para um grupo envolvido em brigas e confusões. Também SQUAD, em conversa, assumia esta posição, reconhecendo inclusive que muitos membros de lá não participariam do novo espaço virtual que estava criando porque só se interessavam por brigas. Para TRIMMY, morador da Maré,

⁷⁷ Esse comportamento era muito presente quando das oportunidades das fotografias. Os grupos que se formavam para fotos geralmente requisitavam a presença do *founder* ou de um outro OP destacado do grupo. Por outras vezes era predominante a formação de grupos compostos só de OPs, *founder* e/ou *successors*. Era comum os membros demandarem a presença dos líderes em suas fotos; o contrário já não se verificava.

embora concordasse que este grupo deu início aos enfrentamentos, também considera verdadeiro que os membros do Continente partilhavam da nova postura que o grupo vinha assumindo. Além disso, esse membro atesta a existência da competição entre os territórios:

Eles lá fizeram muito menos merda que aqui, mas com o tempo, quando misturou o pessoal daqui – que era meio ruim – com pessoal de lá, começaram a... entendeu, a se contagiar também. Tipo: a querer mostrar pra gente que eles também conseguem fazer suas merdas, que eles também são... porque tem a competição zona leste, zona não sei que, central, zona continente. São várias zonas. Tão tipo: é como se... tipo... “Ah, não é só o pessoal da Maré que consegue fazer as coisas”, sabe? Tipo: querendo impor que eles conseguem deixar o grupo uniforme em relação às merdas que fazem, das coisas, sabe? E... “Ah, a gente tem coragem de fazer isso...”. Então, algumas pessoas começaram a se... também a se enturmar, a se... Lá tinha; lá também já tinha uns cara ruim... (...). (Em entrevista, em 25/05/04).

Um outro momento onde essa disputa se manifestava era nos eventos promovidos. Durante a observação pude constatar que era discreta a presença dos membros do Continente nas atividades realizadas pelos membros da Maré, enquanto que a participação da maioria destes nos eventos do grupo era significativa, pelo menos naqueles de maior porte. O fato do *founder* residir no Continente confundia a identificação dos eventos como **do Canal** ou **do pessoal que reside no Continente**. Talvez imprimisse aos eventos organizados por ele ou que tivesse a sua participação a imediata vinculação ao Canal como um todo. Desse modo, foi-me difícil precisar se a constante presença dos membros da Maré em todos os eventos se explicava pelo fato de os entenderem como eventos do Canal ou se porque prestigiavam indiscriminadamente os eventos como um todo, independentemente de quem os organizava

Entre as meninas as disputas ou desentendimentos não possuíam vinculação direta com os cargos ou quaisquer assuntos da estrutura do grupo, mas principalmente com as relações afetivas experimentadas no grupo, mormente as relações de namoro. Às vezes o ressentimento permanecia diante das trocas de namorados e um certo inconformismo recrudescia em algumas em relação àquelas que se tornam namoradas fixas dos meninos mais cobiçados, freqüentemente aqueles que ocupam cargos no Canal.

3.3.4 O cotidiano de encontros e desencontros

Como vimos, o grupo se encontra em vários pontos da cidade para divertir-se e para tratar de assuntos internos. São atividades como passear, conversar, jogar, namorar,

comer, beber, ‘zoar’, vender ingressos das festas, vender camisetas, planejar novos encontros etc. nos diversos pontos da cidade. A presença dos membros varia muito em função do local, do horário e da finalidade do encontro. Todos os encontros são divulgados através do Canal, tanto nas mensagens de abertura, colocadas no *topic*, quanto nas conversas entre os OPs, como os exemplos que segue:

[Familia]www.sdf.sodafesta.kit.net . Ircontro pro pagamento da camiseta do Só Dá Festa quinta, às 16 horas no xppim beiramar, na praça de alimentação!!! [SDF]. (#sdf, 20/10/03).

FIKEM LIGADOS FESTINHA PRA COMEMORAR O FIM DO SOFRIMENTO DAS AULAS E PRA RAÇA CURTI UNIDA!! TA PRA ROLA SEXTA FERA NA COLINA AINDA VAMO CONFIRMAR MAS... FIKEM LIGADOS DESDE AGORA! INFO: DURAUM E TUNADO. VAMO AGILIZA TBM DE FAZE UM XURRAS COM CARNE&BEBIDA SABADO EM CANAS! INFO: SMILISH. (#sdf, 08/12/03).

Hoje, às 18 h reunião dos OPs e da rapaziada que anda com a galera do SDF... as 18:00 na praça de alimentação. O OP que naum for vai entrar em observação... e qm keh OP e naum for... nunca vai te. HUAHuhUAHuahuH:@~AMU Vcx e pau no cu dos arreganha! (#sdf, 14/12/03).

Por serem momentos de expressiva síntese da vida grupal, escolhi para apresentar uma cena do Canal, uma estada na *lan house* e uma festa do grupo, o que faço a seguir.

3.3.4.1 No Canal com o grupo

O que leva os jovens a freqüentar com tanta intensidade os canais virtuais? Essa foi uma das primeiras questões que levantei para muitos jovens que participam do grupo e para outros que apenas são usuários do Canal.

Quanto aos jovens que participam das atividades *off-line* afirmam que a amizade, a vontade de estarem juntos é a razão mais forte para tanto: “Eu acho que é mais é... se juntar assim, não ficar muito longe dos amigos, acho que é uma coisa que se junta mais, fica mais perto. Eu acho que é um contato maior”; “É, quando a gente não está junto, está na *internet*. É como se a gente tivesse junto assim, mas tamo na sala, no Canal, né?” (SQUAD e BIMBA, em entrevista, em 22/04/04). Outros explicam a sua participação no grupo e no Canal como sendo uma alternativa de preenchimento do tempo livre: “Às vezes

não tem nada pra fazer entro no Canal e já tem alguma coisa; encontro meus amigos...” (TMA_NAVEIA, Diário de Campo, 11/02/04).

Além de estabelecer um contato *full time* entre os amigos, libertando-o das amarras do tempo e do espaço, no caso dos usuários apenas do espaço virtual, as salas são locais muito utilizados para o relacionamento geral entre as pessoas, pois têm o poder de facilitar a aproximação entre aqueles que teriam maior dificuldade com as interações face a face. Para RAP_FUNK é um ambiente que oferece maior liberdade no relacionamento, visto que “vc faz perguntas que vc naum teria coragem de pergunta ao vivo. Principalmente com as gurias o mirc facilita mais as koisas. Pedir pra fik, fala de koisa intima é bem melhor pelo canal. Se naum fosse pela net eu naum tinha coragem de dizer”. (pvt no #sdf, 26/04/04).

Outros membros, embora reconheçam essas vantagens, criticam os limites impostos pelas circunstâncias virtuais, sendo de opinião que as conversas com os desconhecidos obedecem a um certo padrão; trazendo sempre as mesmas perguntas sobre os mesmos assuntos, tornando-se maçantes. Desse modo, avalia que as conversas são ‘legais’ apenas para contatos com aqueles que já são minimamente conhecidos (PALIOFIRE, pvt no #sdf, 28/04/04).

TRIMMY faz avaliação severa acerca da prática de alguns que, encontrando obstáculos diversos em relação a si próprio e nas relações com os outros, colocam na vivência virtual a sua principal forma de contato com os amigos e demais pessoas:

... eu... eu acho que é bem por essa mesmo, pelo cara não ter vida social na rua e querer ter só na *internet*, sabe? Porque ali ele consegue ter amizade, consegue chegar nas guria, conversar com as guria na hora que ele quiser sem ter medo de chegar, porque ali não tem aparência, é só letra. O cara... se souber conversar já consegue ter a moral como se fosse um cara bonito pra caralho, na rua conversando com alguém, sabe? E na *internet*... é mais fácil, né? Então... essa carência... eu acho que pra suprir uma carência da vida fora, da vida aqui fora que não... entendeu? Pra ser o que ele é na vida virtual, o que ele não consegue ser na real, sabe? Às vezes até mentindo, não sei que... de querer contar vantagem, é pra ser decerto uma pessoa que ele gostaria que fosse na vida real, mas ele não consegue ser! Então, na *internet* é muito fácil dele ser, entendeu? E aquele... aquela @ permite uma viagem, porque elas colocam no topo todo mundo. Ou seja: na vida real, se ele fosse uma pessoa que fosse rica ou que tivesse... programa de televisão, ele seria isso que ele é ali, entendeu? Então, ele seria nivelado, ele não taria nem aí pro canal, porque ele sabia que na vida real ele já é tudo isso, entendeu? Ele não precisa se auto-afirmar. (TRIMMY, em entrevista, em 25/05/04).

Nesse depoimento, o entrevistado deixa perceber os critérios que avalia serem aqueles que o ‘mundo real’ impõe para que alguém seja aceito: beleza, fama e dinheiro, expondo com clareza o peso que tais quesitos possuem para o contexto das sociabilidades juvenis e a formação do jovem como um todo.

Voltando ao Canal, as conversas abertas são o ambiente público do mesmo, participando quantas pessoas desejarem. Entretanto, normalmente delas fazem parte os OPs e amigos mais próximos ou outras pessoas que ‘entram’ com o intuito de conhecer o Canal ou fazer brincadeiras ou provocações com os presentes, principalmente. Os assuntos são absolutamente variados, mas na grande maioria das vezes tratam de atividades do grupo, brincadeiras e de batalhas verbais entre os presentes sobre qualquer motivo e sem maior seriedade. A própria convivência *off-line* dos membros abastece muitas conversas entre eles, onde exploram pequenos fatos e histórias vividas por eles de maneira exagerada e jocosa ou retraduzem contextos da vida de cada um sob a ótica ácida de quem escreve:

[21:49] PALIOFIRE: LINCEEE, tu num ta nu campeche?
 [21:49] LINCEEE: To neh ow. Moruaqui
 [21:50] PALIOFIRE: vai pra praia e te afoga.
 Hahahahahahahahahahaha.....
 [21:50] LINCEEE: Nda. Num curto Isso.
 (#sdf, 06/02/04)

Em relação às conversas entre os membros e em pvt - espaço onde acontecem as interações mais substanciais – dada a sua condição privada, eu não tinha acesso. daquelas várias que participei - na maioria das vezes provocadas por mim – percebi que a relação perdia a sua expressão de um *chat* entre desconhecidos ou entre frequentadores comuns de um canal. Uma vez sabendo de quem se tratava, normalmente a interação se fazia em torno das temáticas da pesquisa. Esse fato fez com que os dados coletados em conversas no Canal fossem restritos, ganhando maior expressão aqueles constantes dos *topics* e de outras mensagens deixadas pela sala.

A música é tema recorrente aparecendo com frequência no Canal via comentários *real time* de vários modos, especialmente acerca da programação que se está ouvindo pela Rádio SDF – pedidos, transcrição de trechos das letras, desaprovação da escolha etc - seja via comentários de outra natureza, utilizando-se como meio uma composição musical, como exemplifico: @SEMPRE_SURF: “Playboy - O pensador – parte 2: é a cara do SDF. Essa música deveria se chamar retrato do SDF... “Esse é o retrato de nossa gente fina, seja ali no açai ou ali na ***. É assim que cuidamos do futuro do

Brasil.”. (#sdf, 24/10/03). “Mãe, não dei valor pro teu sonho sua luta. De como era na minha mão sorriso formatura, não fui seu orgulho diretor de empresa virei ladrão com a faca na mão... que mata sem frieza” (Littlecat, #sdf, 18/11/04).⁷⁸ Adágios populares, poesias e os ‘sentimentos’ de cada um também encontram no espaço do SDF liberdade para manifestação.

Também são freqüentes as ‘pididas’⁷⁹ onde trocam entre si termos ou frases que exploram os pontos fracos das pessoas do grupo, como por exemplo: “boca de sacola”, “cabelo de veio”, “maguim”, “canela de garça”, “bichinha do grupo” etc. São características suposta ou presumivelmente negativas que atribuem a cada um. As ‘pididas’ são iniciadas por um dos presentes ou pelo *bot* e normalmente continuam com a participação dos demais. Esse ponto será abordado adiante de modo mais apropriado.

Além dos conteúdos das conversas em si, ao acessar o Canal e uma vez diante da sua sala, três traços chamam a atenção neste ambiente virtual: uma primeira, o tipo de linguagem utilizada; a segunda os *nicks* adotados e a terceira o recorrente apelo dos usuários para que sejam localizados em outros espaços virtuais.

Quanto à primeira vê-se que para a comunicação sempre utilizam uma linguagem já específica do meio virtual que se mostra distante dos limites da língua oficial deste país ou de qualquer outro. No caso do IRC o texto utilizado mostra ainda maior especificidade, onde a sistemática de comunicação apresenta-se como a resultante de uma combinação de palavras comuns, alteradas ou inventadas, onomatopéias, gírias, abreviaturas criadas, palavras alteradas, letras, sinais, símbolos, números e gravuras – estas disponíveis na rede ou no computador do usuário – conformando um código particular de comunicação por vezes inacessível àqueles que não partilham do universo virtual, mas plenamente decodificada por quem que já tem certa experiência nas salas de *chat*. Dependendo ainda do interesse do usuário e do *script*⁸⁰ que possui, sua escrita pode vir colorida, em tamanho variado ou utilizando outros recursos que se prestem a destacar a sua participação na conversa e a identificá-lo junto aos demais. Chamar a atenção é o objetivo principal das apresentações destacadas pelos recursos de *scripts* cada vez mais sofisticados.

Ainda em relação à linguagem adotada, são situações comuns o uso apenas das consoantes existentes na palavra; palavras adaptadas do português e/ou do inglês; a

⁷⁸ Trecho da letra da composição musical “Desculpa Mãe”, cantada pelo grupo de *rap* Facção Central.

⁷⁹ As *pididas* acontecem tanto no ambiente virtual, quanto nos encontros face a face, quando por vezes atingem inclusive pessoas do ambiente que não fazem parte do grupo.

⁸⁰ O *script* é um programa que permite ao usuário configurações especiais à sua intervenção no IRC, tais como o uso de cor, caracteres diferenciados etc.

abolição do til e da cedilha, o H no final das palavras substituindo a letra R ou uma sílaba tônica; igualmente o W substituindo a letra U, a troca dos fonemas QUE, CA ou CAR pela letra K dentre muitos e muitos outros, pois, apesar de se manter um certo padrão, a criatividade é também ostensiva dentro desses limites. O uso padrão da letra maiúscula não possui qualquer importância e a acentuação, bem como a pontuação, são também ‘esquecidas’ no mais das vezes. No caso da última, exceção se faz quanto aos pontos de exclamação e interrogação, que são usados normalmente em série de vários, como demonstrado anteriormente e a seguir:

... ai irMao a DiFereNSa eNtrE um GueRReRo i um coVarDe é quE o gueRReRo incara aS DificudaDes da Vida coMo uM diZafio i o coVArDe incaRa tuDo coMo um caStigo!!!! Falow era iSSo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! cARliTOs (Topic do Canal, 03/06/04).

[15:15] GATAO: O raça n esquece q hj vai bombah!!!!!! Eh a festa do SDF >>>>INIFINIT FLUID<<<<< na Fluid Lounge..... Só Dá Festa.....“Tem festa tamo dentro”!!!! xega ae!!!! falows!!!!!!!!!!!! (#sdf, 14/02/04).

Merece destaque a forte presença dos *emoticons*, que são símbolos criados a partir dos sinais gráficos do teclado. Numa conversa face a face, as emoções diversas que normalmente surgem são expressas a partir de manifestações gestuais e faciais. No bate-papo virtual a ausência do corpo físico e da interação que ele possibilita para a exata compreensão do que é dito e manifestado é compensada pelos *emoticons* que, colocados em determinada frase asseguram que esta seja compreendida no sentido que quer dar seu emissor. No esforço de codificar as emoções, os olhos e a boca das “carinhas” criadas desempenham papel fundamental, como mostram os exemplos a seguir:

- Estados de felicidade, alegria, sorrisos: :) ou ;) ~ ou ;) ou ;~} ou :D:D:D
- Estados de tristeza, decepção: :< ou :/ ou :(ou :[
- Estados de envolvimento: ; ou ;XX~~ ou ;~~~
- Choro: :~(ou :~~~
- Sorrisos:)) ou XDD ou =D~
- Beijos: :* ou :@ ou :@~
- Abraços: []s
- Ironia: :P ou :~P
- Xingamentos, palavrões: **!!)(x)z//!! / # ☹ !! ou similares.

Os *emoticons* podem vir sozinhos, para comunicar rapidamente uma emoção ou acompanhar texto, misturados às palavras, como segue demonstrado:

[11:53] VASCAO_10: dae CATYCAT!!!! Ce nunca mais entrow nu #... ;~(

[11:54] VASCAO_10: onde andow guria????? Tah cum trairage????

[11:55] CATYCAT: oiehh!!! Viajei.... xeguei hj ;)~

[11:55] CATYCAT: cade os outros guri do #???

[11:56] VASCAO_10: ow.... escola :P e eu to duente :(((gripado....

[11:57] CATYCAT: ;~(

[11:57] CATYCAT: ai tadinho....

(#sdf, 14/05/04)

As onomatopéias também constituem recurso de inteligibilidade imediata na comunicação virtual do canal, configurados ao modo de cada usuário. São exemplos, bem como seus similares:

- Gargalhadas: **haiohEiaiHuãEhaiaHu** ou similares.
- Asco: **Eca! Uhghh!! Argh!!!**
- Barulho de motor de carro: **Rammmmm. Ppsssiii. Vrummmmm.**

Destaco que nas inúmeras conversas em pvt que tive no Canal, a linguagem apresentada pelos meus interlocutores se apresentava simplificada, sem o apelo a tantos recursos como os que descrevo acima, possivelmente por suporem alguma dificuldade da minha parte em entender o que escreviam, visto que – no início da minha participação no Canal – freqüentemente eu precisava perguntar o significado dos símbolos e ‘palavras’ utilizadas.

Quanto aos *nicks*, estes se apresentam sob as formas mais diversas. Podem se constituir do próprio nome do usuário ou o seu diminutivo, palavras carinhosas, palavras em Inglês, apelidos de infância ou adquiridos na convivência *off-line*, homenagem ao time de futebol ou carro preferido, alusão ao esporte praticado ou ao estilo musical predileto, a personagens de jogos virtuais, auto-elogios, gírias ou a simples junção de letras e números, aparentemente sem sentido. São, no geral, escritos em letras maiúsculas ou misturando-se estas às minúsculas e os números e símbolos.

Outro aspecto que chamou a minha atenção no SDF é quanto aos *nicks* masculinos e femininos. Os meninos preferem mais nomes indefinidos, palavras ou expressões em inglês e apelidos adquiridos nas relações face a face e as meninas utilizam com maior freqüência os diminutivos do próprio nome, apelidos adquiridos *off-line* e termos carinhosos. Os auto-elogios são marcantes em ambos.

Os participantes assíduos, às vezes, possuem mais de um *nick* conhecido e ‘respeitado’ na rede e não é incomum a ‘doação’ de um ‘bom’ *nick* para alguém mais próximo. No SDF o TMA_NAVeia, por exemplo, recebeu o *nick* como um presente de SQUAD, que já o utilizava por algum tempo no espaço virtual, tornando-o conhecido. TMA_NAVeia demonstrava orgulho com o modo pelo qual havia adquirido o *nick* e também pelo mesmo já ter conquistado um espaço nos canais antes frequentados por SQUAD. De algum modo, penso que sentia-se partilhando uma identidade como *founder*.

Os *nicks* adotados demonstram uma estratégia de identificação do usuário, assim como a linguagem que cada um vai padronizando em seu entorno. Escolher e apontar um *nick* no Canal é, de certo modo, um artifício através do qual se delineia de público determinadas características possuídas ou imaginadas, através das quais o usuário deseja ser reconhecido pelo coletivo. O passo seguinte, a construção do *nick*, pode ser entendido como a busca de um espaço a partir da presença no Canal, que implica um processo demorado e dependente da relação do usuário com o ambiente. Se participa das atividades *off-line*, onde é possível aos demais fazer checagens das informações que oferece acerca de si mesmo, o usuário costuma ser mais comedido nas suas intervenções. Entretanto, se é um frequentador assíduo, mas não participa das atividades *off-line*, o usuário fica livre para ‘dar vida’ a seu *nick* como desejar, construindo um verdadeiro personagem alternativo à sua pessoa – caso decida assim fazer. Através do ‘eu virtual’ o usuário pode oferecer ao coletivo outras características imaginadas, delineando, por este artifício, um eu possivelmente desejado e não encontrado na realidade pessoal na qual se reconhece. É o que permite depreender o depoimento de TRIMMY:

O DROP. Já viste o DROP? Um baixinho, gordinho, de bonezinho... DROP. Se tu puder conhecer ele, é engraçado, tipo... na *internet* é outra pessoa! O Floripa é o maior canal de *internet* aqui do sul. Antes dava 800 pessoas no final de semana. Ele era operador. Só que se tu for ver, na vida real, ele não é nada! Tipo, na rua ninguém dá nada por ele! Só na *internet*. Porque ele não conversa; ele é grosso com as gurias, sabe, tipo... grosso, não, é meio estranho! Ele é cheio de problemas psicológicos, assim sabe, de brigar com a mãe, brigar com o pai. Então, o cara se torna... a única diversão dele é aquilo ali. E ele... quando ele ganha moral naquilo ali, é a única coisa que ele quer na vida, de felicidade, entendeu? (Em entrevista, em 25/05/04).

Por vezes o *nick* se mostra apenas como uma estratégia para chamar a atenção momentânea dos interlocutores. São descartáveis, criados apenas para uma entrada por algum membro que já tem o seu *nick* muito conhecido e deseja entrar ‘disfarçado’ ou

apenas para brincar com os presentes. No Canal SDF esse comportamento é pouco adotado pelos membros.

Quanto ao terceiro aspecto a pontuar acerca da convivência virtual do grupo, trata-se de algo recorrente no espaço público do Canal. Enquanto permanecem conversando enviam incontáveis vezes à sala seus endereços de *blogs* e/ou *fotoblogs*⁸¹ solicitando a todos que acessem e façam comentários nestes últimos. Quanto a aqueles que precisam se retirar da sala normalmente disponibilizam *quit messages* informando, às vezes em detalhes, onde vão, o que vão fazer, com quem e a que horas estarão de volta. Também deixam seus telefones de contato, *e-mail*, *blogs*, *fotoblogs* etc, solicitando insistentemente que os demais façam contato. Além das informações e dos equipamentos disponibilizados, aqueles que saem da sala normalmente deixam seus computadores programados com mensagens automáticas que, ao serem contactados por alguém, respondem com a informação programada, geralmente trazendo horário do retorno do usuário e os seus contatos.

O que pude verificar é que existe uma necessidade de manutenção do contato virtual *full time*, como se as relações *off-line* não preenchessem de algum modo suas existências; como se sentissem certa ausência e buscassem ‘supri-la’ com a diversidade e quantidade do mundo *on-line*. Isso fica sugerido pelo que apresento acima e também pelas entrevistas, onde os membros do grupo informam que a principal razão de participarem de um grupo com atividades *on* e *off-line* é que este recurso possibilita a participação nas atividades e encontros dos amigos e quando estes cessam, podem entrar na sala virtual de modo a permanecerem juntos, como exemplificam os depoimentos de SQUAD e BIMBA já apresentados.

3.3.4.2 *Lan house: experiências on e off-line*

Não obstante a grande maioria possuir computador em casa, de onde também acessam o Canal, a frequência às *lan houses* é alta. A *lan house* é normalmente montada em salas comerciais comuns das principais ruas do bairro. É característica básica do ambiente as paredes escuras e a iluminação restrita. Naquelas ferqëntadas pelo grupo a sala

⁸¹ *Blog* é uma forma reduzida *weblog*. Trata-se de qualquer registro freqüente de informações disponível no espaço virtual. Normalmente é elaborado como diário pessoal, porém pode ser utilizado para qualquer fim. Pode ser abastecido por textos e imagens. O *fotoblog* é algo similar ao diário virtual, só que o material básico colocado são fotos. É feito de maneira individual ou grupal. Permite a escrita de legendas e de comentários dos visitantes.

traz dispostas no seu centro duas fileiras de computador, sendo instaladas uma de frente para a outra, ficando cada computador semi-reservado numa pequena cabine. O usuário tem à sua disposição, além do computador, um *headphone* – fone de ouvido - que utiliza apenas para ouvir privativamente o seu jogo ou também para conversar com os demais jogadores. Por vezes dispõe também de um *joystick*⁸². No geral o interior da *lan* é um ambiente razoavelmente silencioso, com os jogadores voltados aos seus computadores. O silêncio é quebrado pelos protestos diante de perdas ou pela manifestação de alegria diante das conquistas pelos participantes da batalha virtual. Alguns se postam ao lado assistindo, mas o mais comum é que a interação maior seja no ambiente virtual. Na tela, o jogador tanto pode estar ‘lutando’ contra um vizinho de cabine, quanto pode estar interagindo com qualquer pessoa do planeta.

A utilização dos computadores se faz possível através da locação no tempo de uma hora de uso ou mais junto ao funcionário local, o qual, no mais das vezes é um(a) jovem de perfil geral similar aos usuários dos serviços. Na *lan house* também existe o serviço *all night*, que são as sessões de jogos iniciadas às 22 horas e encerradas às 6 horas do dia seguinte.

É presença obrigatória no local uma lanchonete que disponibiliza aos clientes lanches, refrigerantes, doces etc - que normalmente são comidos em frente ao computador, entre partidas de jogos e conversas virtuais.

No ambiente da *lan* os jogos em rede exercem atração sobre os jovens, como já explicado. A maioria dos jovens joga o *Counter Strike-CS*⁸³, em se tratando dos meninos. As meninas pouco utilizam os computadores da *lan* e também se interessam menos pelos jogos. Se os utilizam, o fazem para acessar o Canal Só Dá Festa e outros ou navegar na *internet*. Uma vez presentes no ambiente, dispõem-se mais à interação face-a-face com meninos e meninas presentes.

⁸² Controle manual de jogos eletrônicos. Segundo o Dicionário Eletrônico Michaelis, o *joystick* é “um dispositivo que permite a um usuário mover um cursor pela tela através de um bastão vertical conectado a uma porta de Entrada/Saída do computador”

⁸³ “Counter-Strike é um jogo de computador, (...) on-line e of-line. É basicamente um jogo de tiro em primeira pessoa onde as equipes de Contra-terroristas e Terroristas combatem até a vitória. Requer muita estratégia e trabalho de equipe para ser um vencedor(...). Este jogo é considerado o grande responsável pela popularização das Lan Houses no mundo.”. Os jogadores têm à sua disposição vários tipos de armas, como pistolas diversas, metralhadoras, submetralhadoras, escopetas, rifles, todas em modelos variados, além de facas e baionetas. Tem também equipamentos diversos, como capacetes, coletes à prova de bala, escudos e explosivos. Armas e equipamentos podem ser comprados entre os jogadores que podem jogar sozinhos ou em equipe. <http://leandrocounterstrike.blog.aol.com.br/>

Todos os dias em que me dirigi a este local, encontrei membros do grupo, embora com um nível de rotatividade considerável e às vezes por reduzido tempo de permanência no local. Percebi que o intenso vai-e-vem dos jovens do grupo no local se dá, principalmente, em função da *lan house* se constituir num ponto de encontro *off-line*, onde é possível estar com os amigos nos horários já conhecidos por todos; normalmente a partir das 20 horas. À medida que chegam vão se aglomerando em frente à *lan* em pequenos grupos. Os meninos se normalmente batendo as palmas das mãos no ar; as meninas, com beijinhos. O beijinho é também o cumprimento se o mesmo se dá entre um menino e uma menina, ou vice-versa. Falam alto, sorriem, cantam, gritam, gesticulam, fumam, namoram, fazem brincadeiras com cada um, entram e saem da *lan* incontáveis vezes; tudo ao mesmo tempo, impondo um ritmo agitado ao ambiente externo. As conversas passeiam por todos os assuntos, mas dois são especiais: os namoros e ficadas do pessoal do grupo e as ‘fofocas’ do próprio Canal. As conversas que tiveram durante o dia e aquelas que ainda estão acontecendo em tempo real, bem como os desdobramentos que as mesmas provocam. Desentendimentos, críticas, re-estabelecimento da paz, novos acordos... Os encontros são a síntese, a catarse... Assim, o dia-a-dia é ‘passado à limpo’, fazendo-se desses encontros diários momentos que atualizam as informações e as relações que se tecem em torno do grupo, intermediados sempre pela realidade virtual que os acompanha através dos computadores de casa, da *lan* e dos celulares, imprescindíveis como meio através do qual contactam os demais pelas conversas de voz e mensagens de texto.

Os grupos à frente da *lan* não se fixam por muito tempo, mas estão em constante modificação tendo em vista os amigos que passam na rua e param por um tempo conversando com os grupinhos ou as outras pessoas que saem para ‘dar voltinhas’ nas proximidades da *lan* e a ela retornam mais tarde. Nesse vai-e-vem os pequenos coletivos vão se recompondo também a partir daqueles que encerram ou iniciam suas partidas de jogos. Permanecem nesse movimento até que o avançar da hora os leve de volta para casa.

3.3.4.3 A festa: alegria e afirmação do grupo

Dentre os diversos tipos de encontros do grupo, a festa ocupa lugar privilegiado. Grandes ou pequenas; nos clubes ou nas casas de cada um constituem-se nos momentos de síntese das atividades de lazer levadas a termo pelo grupo. São as atividades que requerem maior envolvimento com a preparação de local, infra-estrutura, ingressos e

venda dos mesmos. Normalmente, sob a coordenação próxima do *founder*, as atividades são desenvolvidas por ele e a maior parte dos OPs.

As festas são qualificadas como ‘fechadas’ tendo em vista que os ingressos somente são vendidos para os membros do grupo e amigos destes, de outros canais ou não. Quando realizadas nas casas, às vezes são mais restritas, sendo que, freqüentemente, apenas os OPs são convidados. Segundo TUNADO, esse procedimento é para dar um estímulo a mais às pessoas que desejam ser OP.

Normalmente as festas têm um custo para o participante. Realizadas em boates, clubes ou similares têm apenas o custo do ingresso e sendo realizada nas casas dos participantes, paga-se um ingresso com direito a comida e/ou bebida. Os churrascos também contam com a contribuição daqueles que participam.

Tomo para ilustração uma festa realizada numa boate por revelar em maior complexidade este tipo de encontro do grupo. O primeiro passo é a decisão do *founder* acerca da mesma, a comunicação para os *successors* e OPs e a divulgação do evento no *topic* e nas conversas do Canal. A partir desse momento as lideranças, ao entrarem noutros canais do qual fazem parte ou têm relações, divulgam para seus amigos.

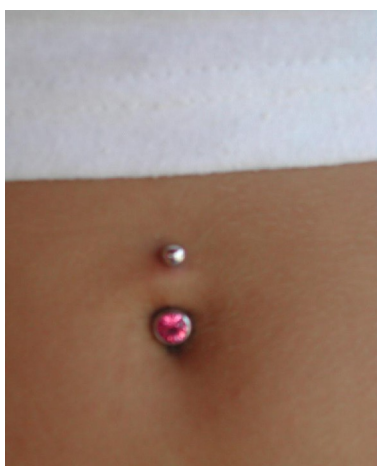
O *founder* e os OPs mais próximos dele se encarregam da notificação diária da festa no Canal, disponibilizando a venda antecipada de ingressos: “Dia 14/02 >>>FESTA<<< INFINIT FLUID, Inaugurando a Fluid Lounge. Preço antecipado: Homem (15,00) Mulher (10,00). Convites antecipados ligar para: SQUAD” (#sdf, 08/02/04). Paralelo a isso marcam pelo Canal pequenos encontros nos *shoppings* para divulgar a festa e vender os ingressos. Essa rotina segue-se até a chegada da festa.

No dia da festa os jovens começam a chegar e aglomerar-se frente à boate em pequenos grupos – por vezes mistos, por vezes do mesmo sexo. Permanecem se, movimentando-se em clima frenético entre os grupos, recompondo-os. Falam das festas anteriores, dos amigos e de fatos a ela relacionados. De como se divertiram, com quem ficaram, de quem não ficou com ninguém. Os que vão chegando são saudados em clima festivo pelos grupos que lhes são próximos, da maneira de hábito.



Ao longo da espera, alguns recebem telefonemas de pais e mães e destes reclamam com veemência. Falam insatisfeitos das dificuldades de convivência em casa, das cobranças, das desobediências que cometem. Do horário ‘ridículo’ estabelecido para a saída da festa e volta para casa e das possíveis punições, prometidos por alguns pais ou mães, no caso de desobediência. A reclamação sobre os pais e mães é uma constante, tanto no ambiente *on* quanto no *off-line*. Com frequência presenciei no dois ambientes diálogos extremamente ácidos acerca da convivência com os mesmos, já configurado em seção anterior.

As meninas falam da própria aparência e da aparência das amigas. Do que vestem, do que calçam, do que usam em geral. Do que usam consiste basicamente em roupas e calçados de marca e na moda naquela estação. As meninas preferem Bobby Blues, Sunday, Cölcci, Roxy, Sex Machine, Mix Urbano Shoes, Quix Mary Jane. No verão, jeans, mini-saias, blusas e mini-blusas. No inverno, jeans, blusas, casacos, jaquetas, toucas, echarpes e cachecóis. Sapatos, sempre de salto alto e em modelos da estação. Acessórios, muitos. Normalmente, aqueles da última moda: prata de Bali em forma de brincos, colares, pulseiras, anéis, tornozeleiras. *Piercings* de *strass* no umbigo. Bolsas de marcas juvenis famosas. Nas cores das roupas, predominam o *indigo-blue*, o rosa, o *pink* e o branco, além de outra cor que eventualmente esteja na moda. A maquiagem constitui item indispensável. Os cabelos, normalmente longos, freqüentemente tingidos ou com luzes douradas. Todos esses detalhes compõem um visual ‘*paty*’, como dizem.



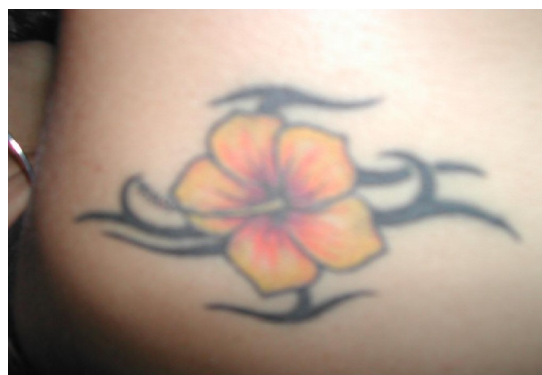
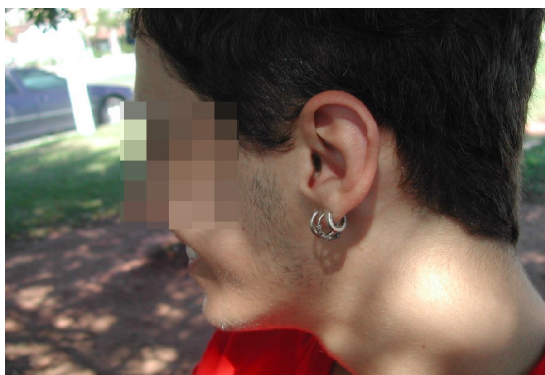
Nas conversas dos meninos comenta-se sobre brincadeiras noturnas na rua e sobre os feitos do grupo de um modo geral. Falam de carros⁸⁴ e meninas. Da aparência não se trata, apesar do visível cultivado à mesma. Pode observar que também se vestem com peças de marca, vinculadas às turmas do *surf*, do *skate* e do *rap*. Nicoboco, Mormaii, RipCoast, FreeSurf, Onbongo, Vilabong e Cyclone são as marcas mais presentes nas roupas e Drop Dead, Quix, Drop Shoes nos calçados. No verão, a maioria se veste de bermuda larga e camiseta – de marca ou do SDF - e no inverno, as calças muito largas, moletons ou jaquetas com capuz ou ainda as toucas. O boné, também de marca ou do SDF, é um acessório indispensável para muitos. Além dele, a prata de Bali nos muitos anéis, brincos e correntes compõem o visual ‘playboy’ e ‘rapper’, como dizem. No corpo, poucas

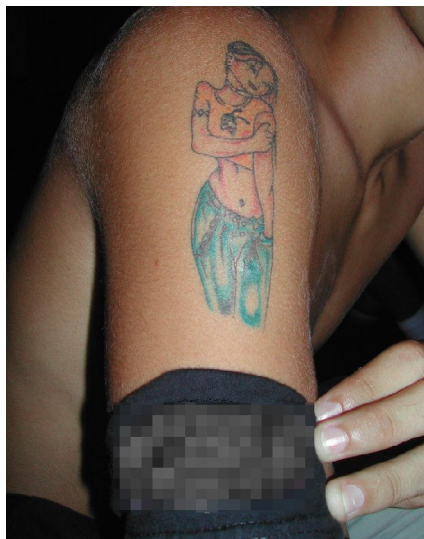
⁸⁴ O carro é uma presença marcante junto aos meninos do grupo. Como tema recorrente falam do carro que terão no futuro: “Aqui todos são playboy. Eu vou ganhar um carro, ele e ele... Todos são playboy.” (TUNADO, Diário de Campo, 07/07/04). Surgem nas conversas as marcas, os estilos, as alterações que podem fazer com vistas o incremento de desempenho e à beleza do veículo (tunar o carro) etc. Nas conversas, o carro surge com o grande sonho de cada um, o grande prêmio diante da ‘infelicidade’ de atingir a maioridade; um sonho que vem sempre acompanhado pela perspectiva de ‘sair da casa dos pais, ter minha casa e meu carro’. O carro e sua correlata, a velocidade, aparecem ornados de brilho na conversa em pvt que tive com PALIOFIRE, no #sdf, em 10/02/04:

[18:12] vava_pesq: qual o significado do seu nick?
 [18:13] PALIOFIRE: meu carro!! He he. Tinha um vermelho antes daí demoliu ele.
 [18:13] vava_pesq: Demoliu?
 [18:13] PALIOFIRE: PT
 [18:14] vava_pesq: hummm...
 [18:14] PALIOFIRE: sabe o que é né? PT Perda total, bati o carro, demoliu.
 (...)
 [18:14] vava_pesq: E vc?
 [18:15] PALIOFIRE: Inteiro hehe
 [18:15] vava_pesq: Ainda bem... dirijo, mas não gosto de carros.
 [18:15] PALIOFIRE: Eu amo!!! he he
 [18:15] vava_pesq: Você corre muito quando dirige?
 [18:16] PALIOFIRE: Aham... Meu carro passa dos 200, turbinado. Anda na casa dos 230
 [18:16] vava_pesq: Morreria só do medo!
 [18:17] PALIOFIRE: Heuhaiheuhai!!!!!!!!!!!! É massa!
 [18:17] vava_pesq: O que sentes quando corres?
 [18:17] PALIOFIRE: Sei lá, é massa. Anda rápido, arrepiado tudo. Às vezes nem o andar... já viu o barulho de um carro turbo? RAAAAAMMM PSIIIIII, tipo um espirro...
 [18:18] vava_pesq: Não, não conheço...
 [18:18] PALIOFIRE: É bem massa, só no espirro você já arrepiado.

Outros atribuem ao carro um poder de proteção diante dos desafios do mundo: “Não tem como parar de andar [com pessoas que, no seu julgamento, fazem coisas erradas]. Enquanto eu não for independente e **não tiver meu carro pra me excluir do mundo lá fora e fechar a porta**, não adianta! Eu vou ter que conviver... eu vou ter que conviver com esse tipo de gente. Se for pra conviver, que seja pelo lado bom, sabe? Que seja... que seja pra eu não... . Se for pra conviver, que seja pra eu não ter que ficar com medo deles, então.... Sabe? Mas vale eu conhecer, do que dar conta. Se eu não posso com o inimigo... (...) Tenho que botar o pé no latão, tenho que ir lá na Palhoça de latão, tem que ir no jogo do Avaí de latão... cada hora eu conheço um mala diferente. Se eu não conhecer nenhum, como é que vai ficar? **Ô, não tenho carro pra ficar me abstendo do mundo lá fora, sabe?** É foda, isso!” (TRIMMY, em entrevista em 25/05/04, grifos meus).

tatuagens, tanto em meninos, quanto em meninas. Nestas, geralmente motivos de flores; naqueles os tribais ou de figuras femininas.





Até o horário em que as portas da boate se abrem muitos falam especialmente, e com nervosismo, dos planos e argumentos que utilizarão para convencer o porteiro a deixá-los entrar no clube, visto serem menores de idade. O nervosismo cessa quando as portas se abrem e após uma *mise en scène* cuidadosa do porteiro e seguranças, todos estão do lado de dentro do clube. Uma vez lá dentro, a música em altíssimos decibéis proveniente da atuação de um DJ traz principalmente o ritmo *techno*, o *rap* e o *funk*. Muitos dançam e acompanham as músicas cantando e gritando. Muitos continuam em grupos pelos arredores das salas conversando e brincando no mesmo ritmo que mantinham na portaria. Algo interessante: os grupos de meninos e meninas se mantêm juntos pelas localidades; Maré versus bairros do Continente, exceto os OPS, que transitam por ambos. Muitos deles recorrem com frequência à pessoa do *founder*, que assume uma posição mais distante do grupo como um todo.

Bebem cerveja, isotônicos e refrigerantes. A pouca idade não impede que tenham acesso à bebida alcoólica. Aqueles com aparência mais nova são auxiliados pelos mais velhos na aquisição das mesmas sem maior resistência dos funcionários do bar e da casa como um todo. Na opinião de TMA_NAVIEIA “a molecada toma mesmo só pra aparecer”, comentou ao me dizer que achava muito ruim o sabor de bebida alcoólica. (pvt no #sdf, 12/02/04). Quanto aos alimentos, nada comem por todo o tempo que dura a atividade. Por parte da maioria vige um baixo consumo em função da pouca quantidade de dinheiro que dizem possuir no momento⁸⁵.

⁸⁵ O baixo consumo de alimentos é comum em todos os encontros do grupo. Aqueles que o fazem, em todos os casos presenciados, comem refeições *fast-food*, sejam aquelas embaladas e vendidas prontas – como

Essa rotina segue até o final da festa, por vezes interdita pela presença de um canal adversário tentando invadi-la, como aconteceu em duas das oportunidades em que acompanhei o grupo nas suas atividades dessa natureza.

3.3.5 Tecnologias, internet e vida no espaço virtual

Quando instados a pensar acerca da tecnologia com a qual interagem e da profundidade com que esta interfere em suas vidas, a maioria dos membros do SDF que participaram das entrevistas revela uma postura surpreendente. O que se esperaria de rapazes e moças, entre 13 e 21 anos de idade, que já se alfabetizaram em meio a celulares, computadores, microondas e demais artefatos de alta tecnologia, tão comuns no cotidiano de cada um? Certamente uma proximidade tão estreita, um imbricamento, que inviabilizasse um olhar mais aguçado, mais isento, que operasse uma diferença entre sujeito e objeto. Entretanto, o que os dados mostraram configura uma outra realidade. Manifestando-se acerca do uso ostensivo de equipamentos de alta tecnologia na vida cotidiana, PiPiT opinou que:

Por um lado, é mais fácil. Por outro lado, é ruim, tu não vai aprender nada! Como é que eu vou saber como se faz um frango... (...) tipo, liga o microondas, bota uns cinco minutos, tu vai ficar olhando, quando ficar pronto, tu come! Facilita muito! Só que daí, tipo, um dia tu vai... acontece uma coisa contigo, com a tua família, (...) tu vai ter que ir num lugar que não tem nada dessa tecnologia. Não tem nada, tu não vai conseguir fazer nada... como é que eu vou conseguir agora fazer um frango assado? (...) Tu não vai saber, tipo, pegar uma fogueira e assar o teu frango; a gente não vai saber nada! Por isso que eu acho, né, tipo, aquele povo indígena que sabe fazer... sabe acender foguinho com palitinho, tipo assim, acho que eles são muito mais inteligentes do que a gente, porque eles sabem fazer as coisas! Eles inventaram, eles fazem as suas armas pra se defender! (...) Eu acho que tem um lado bom, porque, tipo, tu vai facilitar as coisas pro teu lado, agora tem o lado ruim porque tu não vai aprender nada! Com a tecnologia em tua mão, tu só vai usar! (Em entrevista, em 24/06/04).

Na fala a entrevistada, embora reconheça quão relevante é o avanço tecnológico enquanto facilitador do cotidiano, resgata o valor do aprendizado e da experiência, redefinindo, inclusive, a noção do fazer, do produzir algo. Para ela aprender a ‘fazer coisas’, bens materiais tangíveis, aparece como algo de relevância. O ‘esquecimento’ que

biscoitos, *cheetos*, tubinhos, bombons, chocolates, refrigerantes em geral etc - ou oriundas das casas mais

opera em sua fala, ao desconsiderar que alguém também faz o microondas, é revelador de algo muito interessante. Revela a possibilidade que a entrevistada tem de visualizar numa sociedade simples ‘quem faz o que’ e de incapacidade de ‘ver’, numa sociedade de profunda divisão e automação do trabalho, quem, afinal, ‘faz’ as coisas que utilizamos. Quem faz o micro-ondas? Foge do seu horizonte considerar possível a ela própria fazer o que precisa para usar. Não lhe é dado perceber onde está quem faz as coisas. Desse modo, restaria para si o papel passivo de usuária do produto pronto, o que no seu entender é um prejuízo para sua formação.

Quando as considerações recaem sobre as possibilidades e experiências em tempo real propiciadas com o advento da *internet*, pude verificar, em entrevista de 29/04/04, que a avaliação se mostra em dois sentidos: a minoria considera que “agora é bem melhor com *internet* por causa que a raça agora se comunica pela *internet*, e quando quer marcar... assim pra se encontrar, só vai lá entra na *internet* se comunica e deu! Antigamente era... era pré-histórica...”. (GATAO). Nesta e em outras ocasiões, o contato com o grupo é colocado como razão mais importante das experiências virtuais. O mundo sem fronteiras aberto pelas WWW e demais recursos virtuais aparecem nas falas contidos nos limites da convivência com o grupo de amigos. O grupo é a referência particular mais importante pela qual pautam a relação com a rede. É a ‘corda de *leash*’⁸⁶ que confere certa estabilidade e sentido ao jogo que praticam entre a realidade material *off-line* e o *surf on-line*.

A maioria dos entrevistados avalia o mundo em tempo real e a vida virtual como algo negativo, danoso à formação das pessoas, bem como à vida como um todo, apontando como sendo este um contexto de ameaça às suas experiências de formação, como aponta NIPCAT: “Sei lá, isso é até estranho. Sei lá, ver tudo isso numa coisa só! Sem *internet* seria bem melhor, sem computador pra ninguém se viciar em joguinho...”. Os jogos aparecem na fala como sujeitos de um processo sobre o qual não têm controle. É com susto e impotência que NIPCAT reage à presença avassaladora da virtualidade em sua realidade imediata. Para ele e muitos outros, o mundo sem *internet* seria “... melhor, melhor! A gente agora taria fazendo pipa, jogando bola, aprontando alguma...” (SCULL). Imaginar um mundo sem a conexão virtual, apesar de se constituir num difícil exercício, lhes faz idealizar contextos dos quais não dispõem no cotidiano, responsabilizando mais uma vez a

conhecidas, como Bob’s e MacDonald’s.

⁸⁶ Corda que prende a prancha à perna do surfista.

virtualidade hoje experimentada pelos problemas que enfrentam *off-line*: “Porra, não tem como imaginar! Fosse bem na era das antigas! Eu acho que era um mundo mais... mais amigo, não tinha tanta... tanta violência. Porque agora por causa da *internet* tem um monte de gente que faz violência.” (SQUAD). Curioso que a mesma violência alegada por SQUAD como consequência da *internet* é levantada por Playboy como atinente à rua e razão do maior uso da rede pelos jovens:

Não, mas eu digo que *internet* não traz... não traz futuro. *Internet* é mais pra deixar os amigos se ligando, assim. Não sair de casa e encontrar com teus amigos sem sair de casa. E é exatamente a... é uma boa coisa... porque tu sai na rua e já é agredido, assim. Hoje em dia o modernismo deixa a gente mais fechado, isolado. Tu não sai muito, tu tem medo... (Em entrevista, em 24/06/04).⁸⁷

Para TRIMMY o ponto mais problemático, dentre tantos, que encontra na rede é a ausência de controle e de orientação que vige no ambiente virtual. Identifico na sua fala um apelo inquieto diante de uma realidade que parece assustar:

Então... pô... se hoje... se hoje não for feito nada, não for feito... não tiver por exemplo... vou dar até um exemplo grotesco, assim. Por ex: se um... um policial em cada canal, por ex, entendeu... não um policial... ou um psicólogo em cada canal pra dar a dica, pra conversar ... disfarçada, vamos dizer assim, né? Querendo tipo... incentivar o grupo a seguir pelo rumo certo, sabe? Se tivesse um cara moderador, assim, vamos dizer... **eu não sei nem que profissão seria...** policial... porque policial também, né? Mas se tivesse um cara que moderasse assim o grupo assim e desse um rumo... os mais jovens, o pessoal mais velho não. Os mais jovens, assim... eu acho que... Pô! É a mesma coisa de ter um prezinho e não ter uma tia, que na sala vai correr solta!! E vai piorar muito mais, né. Celular... É muito preocupante! (...) Seria bom se todo mundo soubesse usar.. soubesse usar pra lazer, sabe? (Em entrevista, em 25/05/04, grifos meus).

Sem êxito, a busca de TRIMMY por alguém revela a impotência do seu apelo: um policial? Uma psicóloga? Quem? Não há destinatário a quem se reportar; não há sujeito a quem responsabilizar. Na rede, não há limites a tocar, o que faz de cada um algo extremamente grande e pequeno e possivelmente exposto, poderoso e frágil – tudo ao mesmo tempo.

Quanto às sociabilidades e vivências do ambiente virtual, nas quais estão envolvidos, a avaliação de muitos também aparece qualificando-as como experiências

⁸⁷ Como é possível observar ao longo deste texto, a violência atravessa todos os momentos e espaços do grupo: está nos seus discursos e práticas, bem como nas imagens que constrói acerca da sociedade e da rede.

muito complexas. Para aqueles que se dedicaram a uma avaliação mais detida da questão, o ambiente virtual apresenta problemas enfrentados por aqueles que experimentam a sociabilidade virtual:

... na *internet* tu pode inclusive não ser tu mesmo... Eu vejo como brincar de ser gente grande com gente pequena.(...) Na *internet* rola muita fofoca também, né, muita falsidade. Tu tá falando com o cara aqui e o mesmo cara tá colando a tua conversa pra outro que tá falando mal de ti, entendeu? Então, permite essa fofoca, essa coisa. Sem contar que tu pode não ser tu, tu bota outro nome e pronto; não tem como o cara saber se é tu. É! *Internet* rola muita falsidade! A gente, às vezes, pára de entrar só por isso. Eu mesmo me desanimei com mIRC só por isso. No começo, era uma maravilha assim! Pô, o cara conhecia um monte de gente e tal. Mas quando o cara foi percebendo ao redor, saiu daquela ingenuidade – ah!- de conversa e começou a perceber mesmo nas coisas, assim, o cara percebe que é muita falsidade, muita gente que não é o que fala, sabe? Porque ali é muito fácil de atuar, né, é só letra! Não tem uma... não tem expressão, não tem feição, não tem nada! Ali é muito fácil. (TRIMMY, em entrevista, em 25/05/04).

Fazendo uma avaliação mais dura das contingências do ambiente virtuais, TRIMMY expõe as contradições e dificuldades como as quais o usuário é obrigado a lidar, uma vez inserido nos circuitos de uma existência fluida. As possibilidades infinitas de aproximação são verdadeiras também para soterrar – com a mesma força - a possibilidade da confiança e da geração da empatia com o outro. É nesse emaranhado de oportunidades que os jovens do grupo vão tecendo o seu existir, procurando compor-se organizadamente enquanto **o ser entre os muitos eus**, criaturas suas, que viajam pelos *bites* e o seu eu presente no seu corpo/mente, preso à materialidade da cadeira do computador.

Fluidos também – como já apresentados – são os mecanismos de construção da distinção que cada um busca e só alguns adquirem no convívio virtual. Tudo tem início quando o usuário se dispõe a frequentar um canal. A primeira barreira a superar é adquirir a competência técnica para lidar com todo um conhecimento virtual acerca de programas, *servers*, *webs*, *scripts*, linguagens, cadastros, registros, senhas, *nicks* e comandos próprios do ambiente IRC. Em seguida é necessário conseguir se fazer perceber, individualizar no emaranhado de visitantes, membros de grupos, frequentadores mais assíduos, *bots* e OPs, o que implica numa dedicação de tempo e no exercício de uma eficiente política de relacionamentos no ambiente. Por fim, para conseguir ser operador de um canal – posto de destaque no IRC – o desafio colocado para o ‘pleiteante’ é saber se conduzir num imbricado jogo de interesses, disputas e simpatias, fazendo parte de um jogo que nem sempre se decide por critérios claros, limpos e justos, como será apresentado ao longo deste

trabalho. Como ilustração dos contextos de escolha dos OPs apresento a fala de TRIMMY que recupera a sua entrada no Canal e sua ‘subida’ para OP, demonstrando que, às vezes, também o processo parece simples; o usuário só precisa fazer ‘a coisa certa’ na ‘hora certa’ para a ‘pessoa certa’:

Então, eu comecei a fazer o negócio, [organizar uma festa] ele se empolgou, tal... Aí decerto ele viu que se eu fosse do Canal, podia virar vantagem pro Canal, decerto. Não sei se foi isso que ele pensou. Eu creio que sim, porque ele viu que pra fazer festa, eu sabia organizar as coisas, tudo... e ele gosta desse lado de fazer festa, tal. Aí... assim que eu entrei, né; comecei a entrar. (...) Só que... aí a gente... criei um canal –“Tem festa tamo dentro” (...) Faz... e passar os operadores do “tamo dentro” pro Só Dá Festa. Aí quando a gente passou pra lá, ele já subiu... subiu todo mundo que tava no outro, que era só cinco. Aí quando eu entrei... (...) Tem o *founder*, que é o SQUAD, e tem o *vice-founder*, que é o *successor*. Que.. é como... é como se fosse dois donos, sei lá, dois sócios. Aí ele me subiu direto assim pro nível 999, que é o terceiro lugar, assim sabe? Mas esse negócio de canal, assim de... Ah, é óbvio que o cara pensa assim: “Ah!!!”. O cara se ilude nessa de hierarquia assim, né, de... de poder... (...) Aí foi assim que eu entrei, por ex: já fiz a camiseta, o cartaz, a festa. Então, decerto ele viu uma probabilidade de futuro naquilo ali. E ... quando eu entrei eles eram bem.. bem.. bem unidos assim, tipo... em relação a amizade, sabe... não tinha muito esse negócio que tem hoje assim de querer aparecer um pro outro, sabe. Porque este estilo de hoje eu acho que, na real, quem criou foi a gente mesmo, assim, quando.. quando a gente entrou, quando o pessoal começou a botar gente de fora e começou a ... cada vez foi expandindo mais, né... (Em entrevista, em 25/05/04).

Acerca do que coloca TRIMMY sobre a ilusão que a hierarquia interna cria para aqueles que dela participam, é o mesmo entrevistado quem apresenta em detalhe as influências que tais relações possuem sobre os estados emocionais de muitos dos usuários dos canais:

Porque a *internet*... acho que... esse esquema de falar, de fofoca, de sair falando o que cada um fez, é gerado exatamente pela internet, porque muita gente fazia coisas também não pra gerar material] porque são várias pessoas em vários lugares. Mas a comunicação de todos os grupos e zonas se juntam num lugar só, que é a *internet*. Então, tem um meio que é pra se comunicar, que é pra espalhar o que a gente fez, sabe? No caso... tipo... pra fazer as coisas e deixar que todo mundo saiba, sabe? Se não tivesse essa comunicaç... garanto que se não tivesse o Canal, não aconteceria nada disso, sabe? O Canal permite muita coisa boa, assim. Muita comunicação, conhecer guria... mas é que é mais... se leva pra esse lado ruim, como tá levando, como a gente levou – que agora tá mudando até – se leva pra esse lado é também muito fácil de fazer, entendeu? Porque *internet* já tem... já é um negócio que tem um certo preconceito, porque tem... é em cima do operador, do *voice* e do... já tem três níveis de coisa: operador, *voice* e usuário. Ou seja, o usuário já sofre uma certa exclusão. Agora o que vai determinar a exclusão é... é... é a personalidade do grupo.

(...). Só que com esses rolos de operador, tal, tem gente que... tem gente que dá valor pra isso. Aí quando tira... Quem é operador, é... o cara é um... vamos dizer assim, né, é um... é um... é um problema psicológico, assim, porque o cara se permite achar que é uma coisa não sendo. Então, é tipo um sonho assim, por exemplo: o cara ganha o negócio aí fica na... fica cheio de brilho, sabe? Acha que é *pop star*! Aí quando o cara perde é como se entrasse em depressão, entendeu? Aí o cara: “Pô, não tenho mais nada! **Tinha tudo antes e agora não tenho nada!**” E é tão fácil de tu ter o negócio, sabe? Quando tu tem, tu não dá valor, mas quando tu perde, tu dá, entendeu? Tu fala assim... É uma queda de... de auto-estima, eu diria assim, né? O cara se decepciona... (...) **Ele perde todo o rumo da vida dele!** Porque... eu acho que... eu pretendo ainda na faculdade fazer uma tese sobre isso: depressão... depressão de gente que entra na *internet*, porque... Já conheci, ó, acho que três ou quatro ou mais pessoas que... não... não... porque quem tem depressão não sabe porque que é, né? Mas eu digo... eu observando assim, o quanto que a pessoa entra na internet e pessoas que tem depressão ... que entraram em depressão, tipo, e a ligação forte que elas têm com o mIRC, assim, (...) Porque eu acho realmente que tem uma ligação muito forte, assim. O fator... porque depressão é 100% psicológico, né, e internet também. É uma coisa que é... que mexe muito com a auto-estima e poder, a sensação de poder. Depressão o cara não tem nada, sabe? Perdeu tudo, perdeu o rumo, perdeu... vamos dizer assim... sei lá... ficou sem essência, sabe? O cara não sabe o que pensar, perdeu o objetivo e isso tem uma causa, é óbvio que tem. E se ele... não é... e muitas vezes, são pessoas que tem dois pais, tem uma vida legal, tem amigo aqui fora, tudo. (...) Às vezes tem pessoa que tem vida normal que tem problema com esse tipo de coisa assim, de dependência de internet, sabe? Eles não sabem, mas eu acho que... eu acho que tem relação muito forte com isso. Porque muitas pessoas que entram em *internet*, assim, constantemente tão felizes e constantemente tão tristes, sabe? Tem esse alto e baixo aí. Não consegue ficar estável. Porque é muito fácil ficar instável na internet: tu pode perder um canal, tu pode brigar com alguém, tu pode ouvir uma fofoca – que é muito fácil de ouvir, então se tu dá bola... se a tua vida só é aquilo ali e tu acha que tu faz um *marketing* perfeito que ninguém te coisa, quando tu ouve essas coisas tu começa a te decepcionar, sabe? É só decepção, decepção, decepção... “Ah, ela falou isso pra mim agora, como é que ela vai falar isso pra ti”, sabe? Então tem muito disso, assim de... se decepcionar cada vez que tu entra, sabe, no negócio. Tem gente que pega até *log*, assim, tipo: xingando outra pessoa e coloca... e outra pessoa descobre e faz um site, né, e aí expõe pra todo mundo a vida totalmente pessoal de alguém. Sabe, é uma crueldade gigante, assim, **é um assassinato de cérebro!** (...) E é meio... é meio mágico! Dar poder... é como se eu tivesse R\$ 1.000,00 na mão de graça, se eu quisesse. Porque eu não sofro nada, tu não sofre nada, ninguém precisa saber, não preciso de banco, nem nada... tá aí! Mas aí quando o cara perde, é foda! Porque aí o bicho: “Porra, que merda! Tava lá em cima, agora tô aqui embaixo de novo!” É foda! (Em entrevista, em 25/05/04, grifos meus).

O depoimento explicita claramente que o investimento na condição de OP define lugares de poder de uns sobre os outros nas relações do Canal, constituindo lugares a

partir dos quais o próprio agraciado com a @ passa a se ver e se avaliar, bem como se relacionar com o seu entorno, tanto material, quanto virtual.

É perceptível a força que os eventos virtuais possuem diante da vida material de cada jovem, implicando nas condições de formação como pessoa, para não falar do estado de saúde de cada um. Como lembra muito bem Zigmund Bauman (2001) acerca da idéia de surfar as ondas: assistir a um surfista equilibrado sobre sua prancha vencendo uma a uma as ondas que se colocam à sua frente, seguindo lépido num deslizar macio ao encontro das espumas brancas na arrebentação, nos transmite a sensação de algo plácido. É uma imagem serena que nos distancia da dificuldade imposta a alguém que tenta manter-se de pé e inteiro sobre uma superfície inteiramente liquefeita tendo por suporte apenas uma pequena tábua – de salvação. É... surfar o mundo virtual e fluido também tem suas concretudes, por vezes, pontiagudas, cortantes, enganadoras, desconcertantes. Convenhamos: não é nada fácil.

3.3.6 Códigos, penalidades e *bullying*

Acompanhando o grupo pude perceber que os valores celebrados internamente como de maior importância é a união e a confiança que dizem ser imprescindível entre os membros. Pude verificar que para ser considerado ‘da raça’, como dizem, o membro precisa aceitar essas ‘regras’ de colocar-se enquanto parceiro das ações do grupo. É nisso que irá consistir a confiança que terá ou não por parte dele, legitimando-o enquanto membro, como disse certa vez DURAUM: “tem de não ser pessoa traíra⁸⁸, andar com o grupo, defender ele e se dar bem com ele” (Diário de Campo, em 03/10/03). Entretanto, a consideração que outros membros fazem é que a política de unidade, de reforço do coletivo em favor do individual era, para a maior parte dos membros, uma grande encenação que se prestava para elevar a auto-estima do grupo; para destacá-lo diante dos demais e para mediar as disputas internas. PîtPît, por exemplo, entende as defesas em torno da união do grupo como algo pouco verdadeiro: “Tá tudo muito desunido, assim, tá todo mundo falando mal do outro... Tipo, não é assim defendendo; um por todos, todos por um, entendeu? Não é bem assim. Agora é cada um por si e Deus por todos”. (PîtPît, em entrevista, em 24/06/04). Além de PîtPît, TRIMMY, também é de opinião que: “no dia que eles arranjam um rolo grande mesmo, isso aqui... todo mundo aqui vai

⁸⁸ Pessoa traidora.

acabar, essa união toda vai acabar.” (Em entrevista, em 25/05/04). Não ficou claro o que TRIMMY chamava de ‘rolo grande’, mas nas duas oportunidades em que presenciei o NSF tentando invadir as festas do grupo, o mesmo não reagiu com violência à quase invasão, mas buscou na retaguarda do clube, na primeira, e no apoio dos adultos, na segunda, um encaminhamento para o problema. Na primeira festa, a posição assumida pelo *founder* foi de intervir junto aos rapazes e algumas moças que incitavam a briga no sentido de desfazer o intento. Na segunda oportunidade, como o evento ocorria no salão de festas do prédio de TUNADO, o *founder* ausentou-se do local antes do encerramento da confusão, ‘abandonando’ seus liderados. Este gesto não suscitou cobranças ostensivas, mas somente alguns comentários jocosos.

Como recurso de administração de interesses e humores, dentro do grupo vige um código informal de penalidades. Variando desde o controle da atitude através de críticas e comentários dos membros em geral, passando pela advertência – que é a reclamação direta do *founder* a alguém sobre alguma atitude tomada -, chegando até a expulsão. Segundo SQUAD: “dependendo do que a pessoa fizer de errado ela sai do grupo e não volta mais. Expulsa. E se – tipo – não tá mais ajudando o grupo, anda com outros grupos e tals (...) perdeu a confia do grupo.”. Na eventualidade de voltar “a gente fica com o pé atrás e sempre comentando dessa pessoa.”. (#sdf, em 05/02/04).

Outra ação de controle e de reafirmação das pessoas nos lugares que elas ocupam no coletivo é a prática do *bullying*⁸⁹ contra uma parte dos membros do grupo. Pude verificar que nos encontros e entre os meninos vige uma prática explícita de ‘pequenas violências’ contra aqueles que ocupam posições de menor *status* dentro do grupo. Apelidos de mal gosto, exposição ao ridículo e humilhação são práticas corriqueiras contra aqueles que se colocam em posição inferior na estrutura do Canal ou pelos critérios do grupo na sua expressão *off-line* quanto à coragem ou condição financeira. Em relação às vítimas, os autores do *bullying* oferecem alimentos adulterados; comem e bebem excluindo a pessoa do grupo; expulsam a pessoa de pequenos grupos de conversa - as ‘panelinhas’ -, queimam as roupas com pontas de cigarro, tomam as roupas, calçados, pertences, ameaçando estragá-los ou jogá-los fora, fazem chacota diante do medo de uns por outros membros do grupo e diante de uma reação mais forte, utilizam da ameaça física para conter a resistência da

⁸⁹ Segundo Lima (Dez/04), *bullying* é um termo inglês que designa o comportamento agressivo e repetido contra outrem, provocando intimidação, exclusão, humilhação, perseguição, exposição ao ridículo entre outros. Normalmente a prática é adotada pelos mais fortes, mais populares ou que detenham algum tipo de poder dentro do grupo contra aqueles que tem o perfil oposto: mais fracos, mais tímidos e sem papel de

vítima. Num determinado encontro no Trapiche da Beiramar, quando CHIPS reagiu a uma ameaça de um membro comunicada por um dos presentes, SMILISH advertiu em tom grave: “quero ver tu dizer isso pro TUNADO, quero ver se tu tem coragem. Aí, raça! O CHIPS aqui que é o mais eletricozinho, nervosinho, amarelou pro TUNADO; a mocinha aqui!”. A situação só se agravou e a seqüência de ‘brincadeiras’ de praticamente todos contra CHIPS seguiu-se. Ao solicitar um cigarro a YES_CUB este lhe respondeu nos seguintes termos: “Queres cigarro, ô, CHIPS? Esse tá muito bom, com gosto de cachorro-quente prensado com muita maionese! Queres? Então vai comprar!” e SQUAD completou diante da sua solicitação de fósforo: “Ó o cara, velho! Ganha o cigarro e ainda quer o fogo! CHIPS tu és uma princesinha, quer tudo ali. Ficas choramingando, reclamando de tudo! Ai, princesinha!”. (Diário de Campo, em 12/04/04).

Essa prática acontece também no espaço do Canal, nas formas possíveis num espaço virtual, que é através da escrita. Xingamentos, ameaças e ‘pididas’ com alguns membros são práticas corriqueiras. O *bullying* praticado *on* e *off-line* normalmente junta de um mesmo lado alguns OPs e o *successor* da Maré com o *founder*, *successor* e alguns OPs do Continente contra os membros de perfil menos expressivo do grupo, sejam esses OPs ou não, muito embora - fora desse momento - o grupo da Maré tenha discurso uníssono a respeito das relações de disputa com o grupo do Continente.

3.3.7 Perfil sócio-econômico do grupo: “Vavá, com 800 pilas dá pra se viver?”

O SDF é o grupo que apresenta a menor faixa etária dentre os estudados, estando todos aqueles que responderam aos questionários com idade inferior a 18 anos. Destes, 36,4% possuem menos de 15 anos de idade. A totalidade é solteira e a maioria desta é masculina e considera-se branca (81,8%). Os demais se consideram negros (9,1%), mestiços (4,5%) e outros (4,5%). Quanto ao local de nascimento 86,4% procedem do município de Florianópolis.

A questão acerca da inclinação religiosa aponta que ao responderem o questionário 81,9% apontaram não praticar nenhuma religião e destes quase metade afirmou também não cultivar idéias sobre espiritualidade, a transcendência ou o divino. Daqueles membros que disseram praticar uma religião (13,6%) todos apontaram o catolicismo como escolha. O dado mostra uma distância em relação às suas famílias, visto

relevância no coletivo. Ainda de acordo com Lima, o prejuízo do *bullying* para quem o sofre varia desde a enurese noturna, queda de auto-estima, depressão até o próprio suicídio.

terem informado que 90,9% delas praticam uma ou mais religiões, evidenciando uma mudança significativa para o espaço de apenas uma geração. A proximidade com os filhos surge quanto à religião escolhida, que também para os pais opção prevalente é o catolicismo (59,1%), seguido do espiritismo (18,2%) e da evangélica tradicional (9,1%).

A situação escolar dos respondentes mostra que 95,5% permanecem estudando sendo que 59,1% ainda cursando as últimas séries do ensino fundamental e 36,4% cursando o ensino médio. O caso encontrado fora da escola atesta ter a pretensão de retornar aos estudos em breve. A expressiva maioria freqüenta estabelecimentos privados de ensino (77,3%).

A situação escolar encontrada merece uma consideração a mais a partir da observação realizada em campo, a fim de que seja estabelecida maior validade dos dados encontrados pelos questionários. É prática comum entre muitos dos membros do grupo uma certa inconstância no cotidiano escolar, sendo este pontuado por faltas consecutivas e saídas da escola antes do final do turno de aulas. Essa rotina freqüentemente se materializa, em relação a alguns, em sumário abandono escolar quando na proximidade do final do semestre, como pude constatar. O fato do questionário ter sido aplicado no meio do primeiro semestre letivo de 2004, evidenciando alta percentagem de membros estudando, certamente representa a realidade de um recorte de tempo, mas pode esconder a situação que se mostra mais constante na vida do grupo. Sem ter a pretensão de discutir as causas, aponto que a maioria dos respondentes encontra-se cursando séries anteriores àquelas esperadas para a faixa etária em que estão e que parte considerável encontra-se estudando em escolas supletivas – a maioria de meninos - com o intuito de recuperar a compatibilidade quanto à questão idade/série cursada. Essa realidade implica em constantes trocas de escola para muitos e faz com que a mesma perca a sua condição de orientadora, de formadora; passando a ser vista de modo muito mais instrumental; apenas como dispendo de algo de que precisam adquirir para lutar pela vida através da inserção no mercado, como assinala o depoimento seguinte:

Me diz pra que vida melhor? Não vou pra escola, fico aqui (...) fico feliz olhando o mar, os barquinhos passando. Quem é que não gosta? No dia da prova vou lá, marco um X e passo. Depois, faço o vestibular na Univali que sempre tem vaga remanescente e aí entro. Lá, aí não: vou aprender umas coisinhas, porque é o jeito, né? Lá é o jeito. Mas esse negócio de física, química e matemática... ah, não! Cara, eu odeio! Eu mato aula porque não preciso saber essas coisas... (SMILISH, Diário de Campo, 06/04/04).

A situação escolar, mormente quando apreciada por aqueles jovens que se encontram vivendo quadros mais difíceis – seja por reprovação, seja pelas contingências de falta cotidiana às aulas etc – aparece carregada de insatisfação de várias ordens. SEMPRE_SURF, arrependido pelo que havia feito na escola e que julgava ter sido mau comportamento seu, disse: “Eles me acusaram de coisa que eu não fiz e me expulsaram, aí eu perdi um ano. Tive de recomeçar do 1º ano em outra escola... Mas eu realmente me passei muito. Eu abusei, Vavá, isso é verdade.” (Diário de Campo, 25/05/04).

Embora colecionem problemas no âmbito escolar, avaliam ter a questão ‘dos estudos’ muita importância em suas vidas e dizem compreendê-la como decisiva na condução que poderão dar ao seu futuro, mas alguns manifestam uma certa impotência diante dos acontecimentos que os envolvem: “No meu futuro eu penso em fazer facul, me formar. Se demorar muito por aí, nos estudos, eu vou ver um emprego com o meu tio... (...) se tudo furar, eu conto com a minha família”. (TUNADO, Diário de Campo, 07/04/04). “Agora eu ia fazer o concurso da Caixa, mas daí não deu... tinha que ter o terceiro e eu tô na 8ª, cara! (...) Ah, não quero viver sempre às custas do meu pai, Vavá... Vavá, com 800 pilas dá pra se viver?”. (SQUAD, Diário de Campo, 19/05/04).⁹⁰ Também BIMBA e TRIMMY assinalaram suas preocupações em entrevista:

[o mercado] assusta, por isso que eu estou estudando(...) Mas eu tenho [chance de emprego] porque meu tio tem uma firma, abriu uma firma agora (...) se eu sou formado mais tarde eu posso trabalhar com o meu tio (...) pra mim ter uma experiência, mesmo que eu não trab... não vá ficar lá a vida toda, pego a minha experiência. Que é mais fácil eu sair no mercado com uma experiência já assim. Mas sair assim formado sem experiência, eles não vão querer, que eles querem com experiência... (22/04/04).

Só que quando o cara vai conhecendo a realidade, o mercado como é difícil; como é... como é muito QI, né, ‘quem indica’; é pelo interesse, né, *marketing* político. Quantos sobrinhos de político não tá lá dentro sem saber fazer porra nenhuma e eu estou aqui fora sabendo fazer tudo, sabe, e nunca consegui? (25/05/04, grifos meus).

⁹⁰ Essa sensação de impotência diante das circunstâncias que vivem é manifesta recorrentemente no cotidiano de boa parte dos membros do grupo, seja em relação aos estudos, ao mercado e outros. Pude acompanhar vários deles tomando a decisão de parar de fumar, entabulando uma complexa justificativa para convencer a si mesmo do quanto fumar lhe fazia mal e era indevido, para dias depois encontrar a mesma pessoa fumando, dizendo não ter conseguido parar. Assim também com as ocasionais bebidas. Com os estudos o convencimento da maioria absoluta era da importância do mesmo para o futuro de cada um. Independente disso, grande parte não conseguia imprimir o comportamento desejado e tido por adequado em relação ao mesmo.

Um aspecto chama a atenção nesses depoimentos por assumir dois movimentos opostos entre si. As relações familiares aparecem, ao mesmo tempo, como o âmbito de resolução das dificuldades experimentadas junto ao mercado e como aquele espaço do qual desejam uma certa independência. Relativo ao primeiro sentido adotado, encontrei outros membros que apresentaram críticas contundentes à política de proteção clientelista, como TRIMMY explicita acima, bem como às relações personalistas também vigentes na política de empregos do país:

É por isso que tem um monte de gente que tem nível superior e não tem emprego, porque esses laranjas ficam arranjando emprego pra parente... É isso, né? Daí, tem um monte de gente que fica sem emprego porque um... pode... assim: tens um conhecido numa firma aí esse aí vai lá e te arranja emprego e aí tu vai lá e apresenta outro pra ele! Mas sempre vai indo assim de um cara que não tem... tipo: ah, é nível superior. É porra nenhuma, tá ligado? E o outro tá tirando emprego de outra pessoa que estudou, se matou um monte, batalhou um monte e não consegue emprego de jeito nenhum! (NIPCAT, em entrevista, em 22/04/04).

Ainda relativo ao quesito estudos, encontrei que o conhecimento de línguas estrangeiras é realidade para 90,9% dos respondentes, em relação ao Inglês e Espanhol – nesta ordem de escolha. O nível do conhecimento, entretanto, atém-se para a maioria àquele adquirido na escola regular (59,1%). Apenas 13,5% freqüentaram uma escola de idiomas e destes, poucos chegaram a fazer curso avançado (4,5%) ou conversação (4,5%). De todos os casos, apenas 9,1% chegaram a ter experiência com quaisquer das línguas estrangeiras através de estágio, estudo ou residência num outro país. Não obstante essa realidade, a observação mostrou que a língua inglesa possui um papel estruturante para o grupo. Intermedia a relação com todos os programas que viabilizam a existência do Canal, tendo em vista que os programas estão elaborados em inglês, mas não apenas isso. Tem forte presença na adoção dos *nicks* e na linguagem adotada pelo grupo, especialmente no contexto das relações virtuais, seja em relação ao próprio Canal ou aos jogos em geral. Passando-se talvez como um código à parte, com existência independente da estrutura da língua inglesa, todos os termos, comandos e denominações são compreendidos com agilidade, independentemente do nível de aprendizado que cada um tenha ou não do idioma oficial, como é o caso da maioria.

Quanto à situação de moradia, quase a totalidade (95,5%) ainda mora com os pais, em locais urbanizados, com acesso satisfatório aos serviços públicos e, no geral, próximos do centro da cidade. Acerca das razões apontadas para a residência no local citado, encontrei que 27,3% alegam ainda não ter podido escolher o seu próprio local de

moradia, mas parte considerável entende como razão o fato de ser um local que combina com o estilo de vida adotado (18,2%) e, em igual percentual, devido ao fato de sua turma de amigos residir naquele bairro. Embora eu tenha verificado que a maioria não demonstra ainda condições de financiar a sua própria residência, vigindo, portanto, certa contingência em habitar com os pais, destaco o que lhes aparece como razão mais importante de habitar em determinado bairro – com referência ao estilo de vida e amigos – por entender que isso ajuda a caracterizar o grupo abordado. Daqueles cuja residência visitei, a absoluta maioria se mostra pelo menos com padrão médio de inserção habitacional, quer residindo em casa ou apartamento. A arquitetura é normalmente de padrão comum encontrado pela cidade.

No tocante ao trabalho, apenas 18,2% realizam atividades remuneradas nas áreas do funcionalismo público, prestação de serviços, comércio informal e artesanato, aí distribuídos por iguais percentuais. A situação profissional apresenta apenas um caso de emprego formal. Os demais são autônomos (9,1%) ou estão trabalhando sem contrato formal (4,5%). Daqueles que não trabalham 36,4% dizem estar procurando emprego. Quanto à renda daqueles que desenvolvem atividades remuneradas, 75% dizem que a mesma é composta apenas dos rendimentos do trabalho. Já os que não trabalham 63,6% recebem mesada dos pais.

Muito embora o envolvimento do grupo com a realidade de trabalho e emprego seja ainda bastante discreta, a idéia do ‘trampo’ possui muito força no imaginário de construção da vida autônoma da maioria. Para muitos que manifestam forte desejo de sair de casa, conseguir um posto de trabalho apresenta-se como uma saída para o que pretendem. Para todos os que se manifestaram sobre tal discussão, durante as entrevistas e demais conversas nos encontros informais, o contexto de dificuldades que se coloca hoje no mundo do trabalho aparece com muita clareza. Assim, o desejo de ter o trabalho/emprego e os projetos que aparecem nas falas decorrentes de uma possível aquisição de tais condições, vão-se evanescendo à medida que seqüenciavam o discurso elaborando a reflexão acerca dos enormes desafios que encontrarão pela frente:

Quero terminar [os estudos] o mais rápido possível, porque quanto mais tempo que eu ficar aqui, é mais difícil. Vai demorar mais tempo pra mim sair no mercado de trabalho e mais difícil pra pegar trabalho, por causa que aqui tá muito cheio de gente, e pegar trabalho aqui vai ser difícil. E aí eu vou ter que mudar, e eu não quero mudar daqui, porque aqui eu acho que ainda é um bom lugar pra se viver. (...). Agora trabalhar pra se manter tudo bem, mas depois assim tipo, quando eu tiver meus 23, 24 anos trabalhar assim só pra se manter, pra pagar o que tu vai usar pra sair e pra comer... não tem mais pra ti guardar, assim pra ti ter um bem material depois, investir numa casa assim, eu acho isso ruim. Eu me assusto. Ficar

sempre dependendo... mesmo tu tá trabalhando... mesmo tu tá trabalhando, ganhando teu dinheiro, e não pode sair da casa da tua mãe... (BIMBA, em entrevista, em 29/04/04).

Eu vivo sempre falando pro meu pai e minha mãe: “Ah, eu quero sair de casa!” Eu não vejo a hora de ter 18 anos e sair de casa e papapa... (...) Mas não sei, né, irmão? A vida hoje tá foda, pra... conseguir emprego, pra tudo... (...) Não adianta! Um monte de gente tem nível superior, formado, pós-graduado, mestrado e não tem emprego! (SCULL, em entrevista, em 29/04/04).

Tá, na real eu acho assim: eu tando formado, eu conseguindo emprego pra me manter fora de casa, conseguir ter a minha casa ou pagar o meu aluguel, ter o meu carro e tentar me divertir, eu... tshiuu! Eu saio! (...) Eu acho que se eu não tiver o dinheiro garantido pra aquilo que eu quero, eu não vou querer nem sair de casa, irmão! (SMILISH, em entrevista, em 29/04/04).

Todo mundo, não [é igual] cara! Tu sabe que hoje em dia... tu sabe que hoje em dia tem um preconceito fudido pra quem é da favela, cara! Tu sabe que é assim, cara! Se uma pessoa rica vai tentar conseguir um emprego numa empresa, cara, tu sabe que a pessoa rica consegue. Agora vai um favelado tentar conseguir, não vai conseguir! Mesmo se ele tiver doutorado, cara! (...) O povo da periferia é discriminado pra caralho! Isso é errado, cara! Isso é errado, primo! (GATAO, em entrevista, em 29/04/04).

Para aqueles que, de algum modo, já estão inseridos na lógica do mercado as apreensões e, às vezes, desencantos em relação ao mundo do trabalho aparecem com igual força. Pude perceber diversas manifestações com tais sentidos, como a que segue:

Lá é uma coisa, cara! Tu toma soco dos caras. E não adianta tu reagir, irmão, que é pior. Um dia desses um negão lá resolveu dar um soco de volta... mas apanhou, velho! Apanhou de todos de lá. Aí o cara fica só marcando: “Quando eu tiver treinando meus miliquinhos, vou descontar!”. (...) Se eu arranjar um trampo, saio de lá. Não vou ficar, velho! Lá é muito ruim! (BRILHANTE, que faz o curso de carreira na Escola da Base Aérea de Florianópolis. Diário de Campo, 02/05/04).

Ao avaliarem as dificuldades que poderão enfrentar no futuro e uma vez se colocando para pensar sobre as mesmas, a família aparece para os jovens deste grupo como a última retaguarda, caso as vias que consideram dispor para encaminhar suas vidas se mostrem ineficazes ou ineficientes, como será explorado à frente.

Quanto ao ganho que possuem, referindo-se ao grupo como um todo encontrei que 27,3% têm um ganho mensal correspondente a menos de um quarto de salário mínimo. Outra parte (22,7%) dispõe de renda situada entre mais de um a dois salários mínimos. Como outros percentuais significativos, encontrei que 18,2% percebem entre mais de meio

a um salário e 13,6% mais de um quarto de salário a meio salário mínimo. Os dados referidos qualificam – no tocante à renda e à sua origem – a inserção dos respondentes enquanto situados nos estratos médios da sociedade florianopolitana.

Outro aspecto que realça a afirmação acerca da procedência dos sujeitos é o nível de instrução, renda e a profissão dos genitores. 40,9% dos pais têm instrução em nível superior completo ou incompleto, estando 54,5% inseridos em atividades profissionais mais freqüentemente situadas na classe média⁹¹, ocorrendo situação similar com as mães. No referente à renda, 13,6% dos pais percebem mais de seis a nove salários mínimos e igual percentual possuem renda de mais de vinte salários mínimos. A renda das mães coloca-se em patamares menores: 27,3% ganham entre mais de um a três salários mínimos; 18,2% ganham entre mais de três a seis salários mínimos e 13,6% ganha entre mais de seis a nove salários mínimos.

Referindo-me aos gastos empreendidos pelos respondentes, encontrei que a grande maioria utiliza os seus recursos no custeio de festas e shows (68,2%). A segunda maior razão de gasto é o consumo de cigarros e bebidas (18,2%) e, por último, os pequenos gastos do dia-a-dia (27,3%).

Sobre as alternativas de lazer usufruídas pelo grupo encontrei que a maioria ordenou esta escolha como segue: shows musicais, festas em boates, clubes, bares e similares, festa na casa dos amigos e a praia. Os exercícios físicos regulares são praticados pela maioria dos membros (54,5%), sendo os preferidos os esportes em geral (50,0%), as práticas de academias (25,0%) e as lutas (16,7%). As razões apontadas para as práticas referem-se a gostar das práticas (33,3%), por razões de saúde (33,3%), por razões estéticas e de auto-defesa em igual percentual (16,7%).

Perguntados acerca dos serviços e bens públicos, informaram que não os utilizam (40,9%), os utilizam às vezes (31,8%) ou muito raramente (13,6%). As razões para a distância apontada é prioritariamente a qualidade ruim (30,0%), a escassez dos mesmos (20,0%) e porque preferem custear os bens e/ou serviços que utilizam (15,0%).

No tocante às configurações gerais do grupo em relação à posse e utilização de itens da tecnologia moderna o questionário mostra que 95,5% dos respondentes têm

⁹¹ Nas questões que tratavam dos genitores, com maior relevância aquelas atinentes ao trabalho e renda, os jovens se abstiveram com freqüência ou declararam não saber responder. Por exemplo, quanto à profissão do pai 31,7% dos respondentes deixaram de responder e 22,7% abstiveram-se em relação à da mãe. No caso da renda houve prevalência maior da alternativa **não sabe**. 40,9% declararam não saber a renda do pai e 13,6% abstiveram-se de responder. 22,7% não sabiam a renda da mãe e, neste caso, sem abstenções. Esse fato revela uma maior proximidade dos filhos em relação às informações a respeito de suas mães e um

computador e que todos utilizam a *internet*. A quantidade de horas semanais dedicadas a esta prática aparece em mais de vinte horas semanais para 52,4% dos respondentes ou ainda em mais de cinco a dez horas semanais para 13,6% dos respondentes e por último em mais de uma a cinco horas semanais (13,8%). A permanência dos jovens na *internet* prende-se à alternativa de fazer amigos e relacionar-se com eles (38,1%); aos jogos (19,0%) e à correspondência (14,3%). Nesse ponto devo dizer que a observação suporta uma ponderação acerca das respostas oferecidas, visto que o presenciado é que os respondentes, no geral, realizam todas as atividades ao mesmo tempo. Muito frequentemente, à medida em que estão no Canal conversando com os amigos, também estão jogando e/ou ouvindo música no computador, normalmente aquelas tocadas na Rádio SDF.

O telefone celular é um aparelho possuído por 81,8% dos respondentes. Dos 18,2% que não possuem o citado aparelho 60,0% alegam não sentir necessidade do mesmo ou ainda não ter podido comprá-lo (20,0%). O uso do celular aparece nas práticas cotidianas do grupo como um acessório ao qual é atribuída muita importância.

Quanto à televisão, metade do grupo possui TV a cabo instalada em casa e utiliza com este aparelho um tempo correspondente a mais de cinco até dez horas semanais (27,3%); mais de uma até cinco horas semanais (22,7%) e mais de vinte horas semanais (22,7%). Este veículo também tem grande peso na maneira pela qual se informam acerca dos acontecimentos do mundo, uma vez que 36,8% afirmaram informar-se através da TV e 22,7% disse se informar através de todas as fontes disponíveis; neste caso também incluindo a TV.

Quanto à participação em coletivos os questionários mostraram que 59,1% participam ou participaram de outros grupos além do SDF e que 77,3% se sentem fazendo parte também de outras turmas de amigos. Por outro lado, 68,2% dos entrevistados participam do grupo há mais de um ano e que a razão mais forte que os levou a participarem foi a afinidade com as atividades realizadas (31,8%), mas muitos também foram levados ao grupo pelos amigos sem maiores pretensões (31,8%). Perguntados sobre as razões que, uma vez no grupo, os fazem permanecer participando, responderam que é por gostar dos amigos e por gostar das atividades desenvolvidas pelo grupo.

O coletivo aparece com força novamente quando perguntados acerca do apoio que buscam para tomar as decisões que julgam importante: 36,4% dividem a situação com

maior distanciamento em relação às dos pais. Possivelmente o elevado percentual encontrado de 63,2% de pais separados ajude a ilustrar os dados encontrados.

os melhores amigos enquanto 27,3% preferem encaminhar o problema sozinho. Os sentidos assumidos por esta coletividade serão explorados em seção seguinte.

Quanto à situação familiar 63,2% são filhos de casais separados, sendo que 54,5% desses pais e/ou mães possuem um segundo casamento ou relação. Nesse contexto, experimentam uma situação de moradia recombinação: moram com um dos pais, com ambos alternadamente ou com os avós, em discreta parcela. Encontrei também neste grupo alto percentual de recomposição familiar quando identifiquei que 55% dos respondentes apontam como membros de suas famílias pessoas com as quais não possuem laços sanguíneos ou parcerias formais - como o casamento ou união estável. Entrevistados apontam igualmente como membros da sua família, além dos padrastos e madrastas, namorados dos pais, os seus amigos, namorados e empregadas domésticas, além dos animais de estimação, corroborando o enunciado acerca da diluição da idéia de família nuclear no último século da modernidade. Quando perguntados sobre a imagem que, na opinião de cada um, a família tinha sobre eles, 45,5% dos respondentes apontaram que são vistos como aqueles que trazem muitos problemas para a família, seguidos por 13,6% que são tidos como amigos de todos da casa e o mesmo percentual para os que acham que são vistos como um filho como os demais.

Ainda no quesito família ascendente e enfocando os avós, 40,9% declararam não saber o nome completo, o local de residência e a profissão que exerceram/exercem, evidenciando uma distância importante em relação aos mesmos⁹².

Nas entrevistas a família aparece interpretada de várias maneiras. É a retaguarda, a segurança, já antes referenciada; que protege, orienta e merece consideração: “Na real, eu acho que a minha família é uma baita e eu é que valorizo pouco eles. Eles só querem o meu bem, tão sempre aí do meu lado e eu valorizo pouco. Fico andando com um monte de marginal na rua, dou pouco valor... dou pouco valor pra minha família”. (SCULL, em entrevista, em 22/04/04). Alguns chegam a descrever com clareza o papel que cada um dos genitores têm em sua formação:

Eu acho que deve ter pai e mãe, velho. E na moral eu acho que os dois fazem o filho certo. Muita gente que eu conheço que só tem mãe... é... sei lá, é um pouco mais estranho. E muita gente que tem só o pai, é um pouco também estranho. Acho que pro filho ser perfeito acho que tem que ter o pai e a mãe falando... assim, dando conselho, essas coisa. Porque a mãe tem o conselho de... não fazer as coisas assim, ó: assim a minha mãe, por exemplo, quer... quer que eu não faça coisa errada... tipo, é mais... explica

⁹² Esse grupo revelou dados muito mais expressivos quanto-qualitativamente que os outros dois abordados no tocante ao esgarçamento das relações familiares do modo aqui referenciado.

mais coisa de mulher, assim essas coisas assim. Aí de vez em quando dá uns toque no estudo. E meu pai quer que eu seja um homem bem sucedido. Essas coisa assim. Eu acho que precisa dos dois pro cara... se dar bem na vida mesmo, cara. E... sei lá, tem cada um o seu jeito aí.. eu acho que os dois são essencial. (SQUAD, em entrevista, em 22/04/04).

A família também aparece como *locus* de sentimentos contraditórios, onde reconhecem certa ascendência e influência da família sobre si e seus atos, mas resistem em conviver com determinadas circunstâncias de ascendência. Nessas situações, invertem os papéis, e se colocam no lugar de quem oferece o limite à família:

Eles me dão conselhos quando eu faço coisa errada, eles estão sempre me ajudando, eles nunca tão... eles nunca me deixou... sozinho, assim sempre estão junto comigo. (...) **eu até deixo falar da minha... atitude**, tá ligado? Mas quando começa a pegar muito no meu pé, tipo, ficar um dia inteiro falando no meu ouvido... **Dei oportunidade de** falar aí vai lá e já fala de novo, tipo: eu tô falando com a minha mãe, aí ela já volta pro assunto que não era mais pra voltar, que ele já tinha acabado, já tinha morrido aquele assunto. Tipo, entendeu, se toda hora assim pegar muito no pé. Então, acho que não é muito, tem que deixar um pouco assim, livre, à vontade, porque senão o cara se sente assim, tipo, fica revoltado! O cara fica revoltado na casa, entendeu? Por causa que tá sempre... tipo, o cara fica revoltado quando a pessoa fica pegando muito no pé, o cara não se sente à vontade dentro da própria casa entendeu? Aí o cara quer tá em casa pra relaxar e tá lá a tua coroa falando, falando, falando, falando no teu ouvido, falando no teu ouvido! E isso é ruim e eu não gosto, mas demais o resto, não tenho nada contra a minha mãe. Adoro a minha mãe. (BIMBA, em entrevista, em 22/04/04; grifos meus).

Mas é também em relação à família que encontrei atitudes e falas de conotação extrema. Os sentimentos de desprezo, de intolerância, de revolta e de dor encontram nas relações familiares o espaço privilegiado de expressão e todas as palavras parecem não dizer de tudo que se sente; os gestos e expressões completam frases como: “Mãe é tudo mentirosa! Ah, as mães enganam muito os filhos! Tem um monte de coisa que as mães inventam.” (CHIPS, Diário de Campo, 12/04/04). “Não me fala desta mulher! É a minha tia. [com quem iria sair]. A minha mãe, a minha coroa mesmo, é uma mulher horrorosa, que eu não suporto! Imagina se eu vou pro *shopping* com ela!” (Queridinha, 02/05/04).

Minha mãe, quando eu era pequeno dizia: “Eu só quero o teu bem, só quero o teu bem!”. E eu dizia: “Como é que tu queres o meu bem e tu bate em mim? Tu parece doida!” - eu dizia pra ela. É, que ela vinha e me dava surra de colher de pau, irmão! Como é que é isso? Saía todo cheio de lesão! É, é foda irmão! (...) Ô, irmão! Tu não sabe o quê que é ser preso, irmão! Porra!... (NIP_CAT, em entrevista em 22/04/04).

Ah, nem gosto de... ô! Eu tenho um ódio da cara da minha mãe que tu nem imagina, ô. Tu nem imagina, ô. Eu tenho um ódio fudido da cara da minha mãe! (...) Ela veio falar merda na hora errada e bem no dia errado, cara! Ela só fez isso cara, ela só fez isso!... (GATAO, em entrevista em 22/04/04).

Odeio o meu padrasto! Porque se bateu na minha mãe, bateu em mim. Dei com uma enxada na cabeça dele, desmaiei ele! Não falo com ele, não falo com ele. Ele vem falar comigo... Eu não falo com ele, eu odeio ele, ele vem me a... agora ele quer pedir desculpas pra mim, né, quer me comprar com um lanchezinho que ele traz do McDonald's, com coquinha, com essas palhaçadinhas assim... (BIMBA, em entrevista em 22/04/04).

Diante de uma realidade por demais complexa, ostentando relações tão extremadas em vários âmbitos, pensar a família como suporte nessa passagem para a maturidade também não é ponto consensual para o coletivo. Nem sempre ela é o suporte. Para alguns, a família aparece desnudada e frágil, presa das suas próprias impossibilidades ao lidar com este real também ininteligível para ela própria; diante do qual a família não chegou a elaborar cartografias mínimas de elucidação:

Tipo... a minha mãe pode falar o que for... eu analiso a minha situação. Se eu tô em perigo... eu acho que a família assim quanto mais coruja for, ela só retarda se incomodar com o filho, sabe? Só retarda... é... o mundo lá fora pra ele... porque uma... uma hora ele vai ter que conviver com pessoas que ele vai ter de discernir se é boa ou não, sabe? Ele vai ter que ter a decisão dele. A família... não sei, cara! O mundo, o jovem de hoje é tão real... que a família é tão fora da realidade lá fora que o cara não se convence do que o pai fala em casa, sabe? Os argumentos... Eu falei pra minha mãe: “Tu quer me convencer que... tu quer me convencer que ter amigo que assalta é ruim? Então vai na rua e tenha amigo que assalta e venha me dizer que é ruim, sabe?” Tipo... se ela fosse um traficante que tivesse sido preso três anos e voltasse agora pra me falar que não vale a pena vender drogas, essa coisa assim, com certeza eu ia acreditar. “Não, esse cara aí já sofreu.” Mas a minha mãe que trabalha num escritório, vai e volta pra casa, ela não sabe nada que se passa lá fora, tá? Então, ela só quer que eu não me misture porque pra... pra eu ter um futuro normal, né? Mas eu acho que se não... se não arranjar um meio assim do pai se inteirar da vida, do ciclo dele ali, saber de todos os detalhes do filho, tipo... saber de todas as amizades e saber por onde ele anda... e conhecer a rua, não só o filho. Conhecer a rua, o meio que ele anda pra dar opinião, eu acho que nunca vai convencer nenhum filho, assim, de nada. Fica sem autoridade, sem poder de resposta. (TRIMMY, em entrevista, em 25/05/04).

A fala de TRIMMY, assentada sobre as condições concretas em que vive, inverte os sentidos e desaloja a família do seu lugar de hábito, como responsável pela educação e orientação dos filhos e habilitada para isso. Para ele, o real com o qual lida – esgarçado em todos os aspectos – não é dado à família compreender, mas ao traficante. O

mundo ‘de verdade’ não é aquele mundo em que vivem os pais e mães. É o mundo do risco, fora da norma, que possui um código de conduta parametrado no crime e, portanto, inacessível/inaceitável por pais e mães. As orientações dos genitores, portanto, perdem a efetividade em frente ao real vivido e ‘perdem a resposta’ diante dos filhos. O depoimento revela, por fim, a inversão completa dos valores que até pouco tempo ‘costuravam’ todo o processo de formação juvenil, evidenciando a falta de crédito e confiança naquilo que pais e mães acreditam e praticam.

Para outros, apesar de ponderarem das dificuldades atuais que a família certamente enfrenta com relação à orientação dos filhos, são de opinião que esta ainda cumpre um papel relevante; tendo para alguns – em particular – uma importância considerável.

[A família] de hoje em dia, eu acho que não está, assim... [preparada para orientar os filhos]. Mas, tipo, pra gente ainda tem, porque eles ainda tão... por causa dos pais deles... e tal... ainda é muito... daquele tempo mais antigo, né? Mas hoje em dia é bem diferente... bem diferente do que meu pai ficou falando do passado pra mim umas paradas que... (...) Acho que eu vou tentar ter... eu vou ensinar... vou tentar ensinar tudo que o meu pai me ensina... tipo, meu pai e minha mãe, pra... porque eu acho que é uma educação melhor. Não é que eu tenha a melhor educação assim, do mundo assim, mas eu vou tentar passar pra ele o que o meu pai passou, porque eu acho que é mais certo do que eu ensinar pra ele... chegar na hora assim e... ah, vai chegar pra ele assim ó, ah, quando ele tiver 11 anos, vou deixar ele numa festa e voltar três hora da manhã pra casa! É... não quero isso! Porque... pô, hoje em dia é... é um horror assim, mas eu não quero pros meus filhos o que... (...) É, mas eu não vou querer! Imagina, que perigo! Imagina se hoje em dia já é perigoso, imagina... futuramente! Que parece que vai piorar ainda! (DOCINHO, em entrevista, em 24/06/04).

Daí, tipo assim, eles sabem a diferença... eles sabem o eles que tão falando. E se eles falam: “Não, não faz isso que é pro teu bem”; então é porque sabem que não vai... aquilo não vai te trazer um... bem. Na hora pode ser... ah, tipo, se tu for pruma *rave*. Pô, que legal, uma *rave*! Nossa! O que que me trouxe de lucro aquilo? Nada! (...) tipo, se eles falam, tipo: “Não, não vai pra aquela *rave*, porque é perigoso e não sei que, não sei que...”. Daí tu vai. Pode acontecer alguma coisa. Se eles tão falando é porque eu acho que eles sabem do que tão falando, porque eles tem muito mais tempo de vida, experiência do passado, história dos pais deles que já foram mais velhos. Ele tem muito mais... tem muito mais, sei lá, são mais inteligentes assim; pensam de uma forma diferente. (PítPít, em entrevista, em 24/06/04).

É possível perceber nas falas o resgate do papel da família, sendo esta reapresentada com todo o seu potencial de orientadora da formação. A idéia da importância da experiência dos mais velhos e da sua validade é retomada, mesmo diante de um mundo

cheio de novidades para cada um e todos. A noção de que a família deseja o bem de seus membros e que tem clareza do que isso significa também é presente para essas entrevistadas. Por outro lado, há uma hesitação pessoal de interagir com um real contemporâneo com vista a processar - a partir do que recebe da família e do que o mundo oferece hoje - as novas orientações que darão aos seus filhos no futuro. Certamente vêm o mundo por 'lentes' diferentes que seus pais e avós, mas é a visão desses que se dispõem a repassar, operando uma quase desistência de síntese, de elaboração pessoal do que vivem, imobilizados pela promessa do caos iminente.

Algo merece destaque: percebi que, no geral, existe da parte das meninas uma relação mais amistosa com a família e um entendimento da mesma como de relevância para elas. Em relação à maior parte delas presenciei atitudes e falas que se reportavam à família e ao significado positivo que as orientações vindas de pais e mães possuíam na condução que davam às suas vidas, tanto em questões de fundo - como as falas acima se reportam - quanto às vivências capilarizadas do cotidiano de cada uma. Posturas críticas adotadas em relação a algumas práticas, às companhias de alguns amigos e à própria participação no Canal freqüentemente se reportavam às orientações familiares, que eram tidas como pertinentes. Criticando o excesso de uso de cigarros por vários do grupo, MELZINHO me relatou ter deixado de fumar porque “não é uma coisa legal pra mim; fumar faz mal e também se a minha mãe souber vou perder um monte de arrego que tenho, sabe? E ela é muito boa pra mim.”. (Diário de Campo, 04/02/04).

A família reaparece em circunstâncias nubladas, indefinidas, quando pensada perspectivamente. Frente à idéia de constituição de família descendente, apenas 23,8% afirmam desejar ter filhos no futuro; outros 47,6% ainda não pensaram sobre o assunto e 14,3% pensaram, mas não têm a decisão tomada. Os argumentos das entrevistas trazem principalmente os limites materiais - como emprego, moradia, segurança - como razões que deverão considerar para a tomada de decisão favorável ou não aos filhos futuros.

3.3.8 Sociedade, Política, Guerra e Paz: espaços de esperanças e desencantos

Visto de fora, o SDF assemelha-se a um grupo homogêneo. Faixa etária similar, roupas de um mesmo estilo, linguagem parecida, gostos que se voltam para temas banais. Entretanto, no seu espaço interno revela uma série de pormenores que vão qualificando o grupo como portador de muitas nuances e algumas surpresas que inquietam

o observador. Uma das mais importantes questões que pude presenciar nesse universo foi referente às reflexões e opiniões do grupo quanto à situação do mundo e do Brasil.

Em relação à democracia representativa e as formas pelas quais a mesma se materializa no país, demonstraram uma aguda percepção acerca da prática política enquanto estratégia válida para a regulação do convívio social, adotando, como um todo, uma postura crítica:

... o Brasil não tem povo, tem público, velho. Ganha a eleição quem faz propaganda e não quem tem proposta boa. O cara fica botando propositinha aí, nunca ganha! Não vê o Lula? Fez lá campanha, ó, toda bonitinha... ganhou! Quando ele fazia campanha na base de proposta, vê se ele ganhou alguma vez? Não ganhou! (...) Ó, esse negócio de eleição de quatro em quatro anos, velho... não funciona, irmão! Porque tem o Lula agora, porque a proposta dele é uma, o ideal dele é um, ele vai ficar quatro anos. Daí, daqui a pouco assume outra pessoa... Daí, assume o Enéas; daí irmão, vamo fazer a maluquice do Enéas! Levam quatro anos! Daí... ah, meu Deus! Não gostaram do Enéas! Vamos votar no José Serra, e ele ganha, vamos fazer a bagunça dele de novo! Cada... cada presidente tem um ideal, daí vira bagunça isso daí! Nunca vai dar certo. Ninguém tá pensando em continuar o trabalho da outra pessoa pra ficar uma coisa boa a longo prazo! Não! Todo mundo... cada um tem o seu ideal ali... (SMILISH, em entrevista, em 29/04/04).

Eu acho que eles [os políticos] não pensam na sociedade em si. Quando eles estão fora, na oposição eles falam muito, piriquipi e piriqipá; quando tão lá no poder eles viram a casaca, eles viram a casaca e só querem se enriquecer, tipo, não sobra... eles querem... eles vêem o que eles não vão conseguir pra eles e pra sociedade junto, então eles escolhem eles e esquece a sociedade... (SQUAD, em entrevista, em 29/04/04).

... os políticos só querem defender uma imagem boa deles: “Ah, tô fazendo isso aqui porque...”. Ah, o concreto já mostra, assim: “Ah, ele tá fazendo isso aqui!” Se ele quiser investir na segurança, na educação, não aparece, não aparece o que ele fez. Aí o povo assim: “Ah, não faz nada!”. Não fez nada porque o povo só vê a estética, não vê o que é interessante. É que nem uma festa. Tu pega... uma festa de aniversário sem enfeite não... “Pô, aquela festa tava... meia sem graça!”. Daí, se o político bota os enfeitezinhos dele, daí “pô, aquele político deve ser bom!”. É só a casca mesmo! (Playboy, em entrevista, em 24/06/04).

Também durante as entrevistas, grande parte dos jovens formulou intervenções questionadoras acerca da realidade em que vivem, deixando visível a compreensão que possuem da complexidade da situação sócio-econômico-política vigente no país:

E tem mais uma parada, a realidade do sul e do sudeste é totalmente diferente do norte e nordeste, irmão! Tu vê aqui ó, a

favela aqui que coisa triste! Lá é mil vezes pior cara, lá tem gente que come cacto! [risos] Não é engraçado, irmão! Aí já é humor negro, né? Pra lá tem gente que come cacto e dá aleluia porque conseguiu o cacto! (SMILISH, em entrevista, em 29/04/04).

Eu acho que é a má distribuição de renda... [a responsável pela violência]. A má distribuição de renda, porque o Brasil é um dos PIBs maiores do mundo... uma pesquisa que a gente fez na nossa sala assim... cada cidadão brasileiro - e olha que esse povão é grande - ganhava dois mil por pessoa, R\$ 2.000,00. E onde que pode ser que vai essa grana toda? (...). Onde pára esse dinheiro todo? Só na grande elite ali, né? E isso já vem desde antigamente, porque a história do Brasil não teve guerra pela independência, não teve guerra. Foi assim uma transferência de poder onde que grandes latifundiários ficaram com grandes pedaços de terra onde que uma elite rica ... e o cara de uma população pobre de escravos e daí já tem... tudo começou errado aqui no Brasil! Também já vem desde a formação do Brasil, isso daí. Acho que daí vai piorando cada vez mais! (Playboy, em entrevista, em 24/06/04).

O grupo demonstrou também acompanhar o desenrolar dos acontecimentos internacionais com certo cuidado e ao focar o atual contexto de guerras pelo qual passa o mundo assim se manifestaram os entrevistados em 29/04/04:

Os Estados Unidos disse que ia fazer o quê? Que ia tomar lá o Afeganistão e tomou! Depois quer tomar os outros países lá da Ásia, pra depois pra que, irmão? Pra atacar a Coreia do Sul. Mas eles tão cagadinho pra Coreia... (NIPCAT).

Não foi por causa do petróleo que eles [E.E.U.U.] invadiram o Iraque, cara! Tem toda uma... mas não foi só por causa do petróleo, tem toda uma reconstrução de um país, velho. Por que tu acha que a Espanha botou soldado lá e tudo? Porque vai ter uma parcela, vai ter uma parcela na reconstrução, vai ter lucro, vai entrar dinheiro no banco. É investimento, cara! (BIMBA).

Eu acho que ó, pra uma guerra acontecer não tinha que ter o... porque já viu, ó, o presidente sempre fica de boa, quem se fode é a gente! Eu acho que devia botar os dois dentro de uma cela e se pegar na porrada e o que morrer primeiro ganhou a guerra, porque aí ó, nós temos que se fuder por causa deles! (SQUAD).

A interação estreita com questões de intensa complexidade mobiliza nos jovens reações diferenciadas. Os valores trazidos às discussões variam do individualismo radical ao seu pólo oposto. O mesmo acontece com as possíveis saídas que identificam no cenário em que hoje experienciam suas vidas e práticas:

Na real, eu já falei, cara. Do jeito que tá aí todo mundo.... todo mundo é... é ladrão, velho! Todo mundo: política, polícia. Todo mundo, talvez, se pudesse tá fazendo alguma coisa errada, vai fazer e tem um monte de exemplo! Faz quem quer a revolução, cara! (SMILISH, em entrevista, em 29/04/04).

Mudar o estado capitalista pra virar socialista é muito difícil, velho! Nós que tamo aqui, classe média, vamos sofrer mais que os ricos, que tem como se proteger. Nós aqui, classe média... tamo fudido, porque a favela vai querer tudo o que a gente tem... Em Cuba (...) lá virou uma... uma guerra! Tipo, eu não posso andar na rua com um shapoozinho, comprar shapoozinho no mercado.... nada, cara, que eles querem, eles pegam pra eles! Tipo, eu tenho que mostrar primeiro se eu sou.. se eu sou igual a eles, tá ligado? Morar num quartinho... (...) ter uma caminha certinha, só ali, onde eu possa dormir; um teto e só, ter um trabalho pra mim poder comer. Agora ter regalia? Não vai poder, agora os ricos? Os ricos de Cuba pode, porque eles tem como se proteger! Agora a classe media não vai ter como se proteger. Agora você vê: até no socialista... até no socialista... tem desigualdade, cara, porque o rico pode montar em cima dos pobres, cara, os pobres vão se matar entre se na socialista.... No socialismo os pobres vão se matar entre si! (...) A saída eu acho que... eu acho que não tem, cara! (...) Que tipo, eu posso fazer pra mim... tipo, por isso é que eu falei que é pra mim, não posso mais fazer pra todo mundo por que não tem mais como. Nós chegamos num local... eu vou fazer pra mim e se eu puder fazer o que estiver no meu redor eu faço, mas fazer pra uma imensidão de gente não tem como, entendeu? Acho que é isso... (BIMBA, em entrevista, em 29/04/04).

A saída? É ir na Facção Central, arrancar uma bomba e matar todo mundo! (SCULL, em entrevista, em 29/04/04).

Como visto, no geral passam uma idéia de desconfiança generalizada no mundo que os cerca. Demonstram sentir-se encurralados num mundo aparentemente sem contornos visíveis, que também não lhes apresenta com clareza quaisquer pontos de apoio confiáveis ou possíveis caminhos minimamente seguros a percorrer.

Talvez como resgate de um fio de esperança destaco que para os entrevistados ainda se colocam como questões relevantes a educação e o trabalho como estratégias de recuperação do esgarçamento social que vige no país, em especial em relação à juventude. Para eles o Estado e os demais responsáveis pela política pública devem fortalecer tais aspectos no sentido de viabilizar os projetos e a própria vida de cada um: “Então, trabalha muito nesse negócio de dar futuro, de dar esperança a alguém, sabe? **Quando a gente tem futuro, a gente tem um rumo...**” (TRIMMY, em entrevista em 25/05/04, grifos meus).

Do ponto de vista das ações práticas que poderiam sinalizar para uma intervenção mais ativa diante do real vivido, destaco que uma pequena parte dos membros do grupo participam ativamente das manifestações do Movimento Contra o Aumento da

Passagem de Ônibus e do Movimento Passe Livre, em Florianópolis. Ao conversar com os mesmos durante as manifestações pude atestar que possuem clareza acerca das questões envolvidas na luta política pelo transporte público na cidade, da posição assumida pelo poder público e pelas direções das escolas em relação aos alunos que faltavam às aulas para participarem das manifestações, entre outros, avaliando com propriedade o contexto dos acontecimentos e as posições assumidas por outras forças envolvidas no confronto, inclusive a dos próprios jovens.

3.3.9 Mulheres, minorias: estranhando o diferente

Nos encontros em geral – tanto na *lan* quanto nos demais locais que acompanhei o grupo – outro aspecto que pude perceber foi a postura adotada diante de determinados segmentos sociais, como as mulheres, grupos étnicos e outras minorias. Tomo por exemplo, a relação dos meninos com as mulheres. Inicialmente me chamou a atenção o fato de haver apenas três meninas como OPs do Canal, uma vez que a percentagem de participação no ambiente era bastante nivelada entre os sexos, com discreta maioria de meninos. Com a continuidade da observação fui estabelecendo relações com outras questões do grupo acerca da presença feminina no Canal. Nas conversas com um grupo de meninos, ouvi deles que era usual classificarem as meninas como as “**arreganha**”, que ‘davam’ pra todos do Canal; as “**Maria OP**”, que “davam” para os operadores querendo ganhar uma @; as “**casqueiras**”, que só arranjavam bagaço; as “**fim-de-carreira**”, que não arranjavam nada e as “**patys**”, que eram “fresquinhas”. Pude perceber com o tempo que existia outro tipo de menina que era a **gente boa**, que normalmente era o tipo onde se enquadrava a namorada de cada um e poucas outras meninas que se colocavam com um pouco mais de distância em relação ao frenesi do mundo do Canal e que, inclusive dele se afastaram com o novo rumo tomado, como diz NIPCAT:

“Ah, tem umas que são gente boa, umas... as que eram gente boa foram acabando, saindo, porque... foram dando moral pras que ficavam fazendo... que eram as Marias OPzinhas lá do Canal. Só queriam os arrego, arrego, arrego e não faziam porra nenhuma!” (Em entrevista, em 29/04/04).

Para os meninos, a maioria das meninas do grupo se encaixam no perfil de interesseiras que buscam se aproximar dos líderes do Canal apenas para conseguir um nível ou mesmo a @; “Ah, as gurias da Maré mesmo... todas: ‘Ah, eu quero entrar no Só Dá

Festa, eu quero ser do SDF!’ Todas pra mim eram Maria OP e Maria Gasolina, cara! Sem citar nomes...” (SCULL, em entrevista em 29/04/04). TRIMMY, referindo-se às relações que mantinha no Canal, disse: “... pra mim, é [pra] conversar aquilo ali; não é ficar se impondo, porque não... pessoal que até entrava lá nem era da minha idade; as gurias nem era da minha idade... (...) Tem 15, 16, 17. Não ia sair... **eu sabia que não ia sair uma esposa dali**, sabe. Então pra mim eu tava tranqüilo em relação a isso. (Em entrevista em 25/05/04, grifos meus).

Nas ‘ficadas’ e namoros que acontecem, embora os meninos se permitam uma maior liberdade quanto a permanecer com outras pessoas, acreditam que – a partir do que manifestam - essa possibilidade não deve ser colocada também às mulheres. Se uma menina adota esse comportamento é vista como galinha, vagabunda, ‘traíra’, vaca, safada. E essas opiniões passam a ser partilhadas por todos, virando motivo de brincadeiras e piadinhas, como mugir quando se aproximava determinada moça e de falar: “Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Nenhum dos dois, foi a PítPít!!”. (YES_CUB, Diário de Campo, 12/04/04). Nos *emoticons* que trocam alguns são utilizados para criticar ou qualificar algumas meninas do Canal como (;_) “bunda de cocotinha”; (._.) “bunda virgem” e (@_) “bunda rodada”; isto é, “aquela que todo mundo passa a mão”.

Comportamentos julgados pouco adequados aos olhos de quem avalia levam os meninos a encarar as meninas também como vulgares. LiNDinHa, comentando acerca de uma amizade que havia ‘cortado’, disse-me que:

... cortei ela. Sabe, ela é muito folgada! Fica na minha casa querendo mandar em mim. Cortei. Além disso, os meninos ficavam dizendo: ‘Oh, LiNDinHa, tu tá saindo com essa menina? Vulgar pra caralho. Usa uma saia que aparece a bunda!’ Sabe, a saia dela aparece a bunda mesmo. Os meninos vêem isso!” (Diário de Campo, 12/05/04).

Ainda entre os meninos há um silêncio solene sobre as namoradas do *founder* e de seu irmão. A primeira, quando raramente referida, é tratada por ‘**a primeira-dama do Canal**’, existindo uma certa distância da mesma com quase todos os membros do Canal. Para ela era clara a influência que seu namoro com o *founder* exercia nas relações que estabelecia com os membros do Canal:

A maioria mantém respeito. Principalmente os guris. Daí eu acho que gera um pouco de medo de falar comigo, justamente por ele ser o dono do canal. Mas em relação à gurias, não acredito que sejam por causa do SQUAD, mas sim porque talvez eu seja mais na minha (...) eu sou

supertímida, não convivo com elas, aí isso faz com que eu fique tímida sempre, entendes? (DILYLY, pvt no #sdf, 20/02/04).

Notifico que durante todo o período de observação não cheguei a tomar conhecimento de nenhum tipo de ‘qualificação’ dos meninos por parte das mulheres do grupo, quer por palavras ou símbolos, embora tenha verificado isso com cuidado. Presenciei recriminações verbais, nos subgrupos, àqueles tidos como “traíras” e que “gostavam de rolo”.

Quanto às relações entre os namorados, em alguns casos verifiquei que esta ainda é parametrada pelo sexo masculino assumindo uma posição de autoridade na relação como me relatou SEMPRE_SURF, referindo-se à PítPít: “Não gosto dela. Tanto que proibi minha namorada de continuar andando com ela.” (pvt no #sdf, 30/03/04). Sobre esta mesma relação, FOFIS – que faz parte de outro subgrupo, diferente daquele de PítPít - informou que: “o SEMPRE_SURF controla demais a WYLTH! Antes ela andava muito com a gente, agora vive trancada em casa. Se não fosse o SEMPRE_SURF tenho certeza que agora ela estaria aqui com a gente.” (Diário de Campo, 21/11/03). Outros namoros que presenciei traziam essa marca do controle e do autoritarismo. Nesses a ameaça entre os pares aparecia com frequência como um recurso a conquistar determinadas concordâncias por parte do parceiro.

Quanto às minorias e outros segmentos sociais, pude perceber que idosos, negros, *punks*, homossexuais, orientais e pessoas de aparência julgada feia facilmente viram motivo de piadas e brincadeiras entre os membros do grupo, revelando uma certa característica discriminatória por alguns membros do grupo e de baixa aceitação do considerado diferente. GATAO, ao se referir aos *punks* e aos orientais ilustra bem esse traço encontrado no grupo: “Oh, cara, eu odeio *punk*! Os bixo anda tudo de preto, tudo cheio de coisa! Parece que são tudo do diabo! É tudo roupa preta, aquele cabelo... Não! Eu odeio *punk*!”. (Diário de Campo, em 02/05/04). Ao responder um amigo se namoraria uma menina japonesa colocou-se no mesmo sentido da estranheza com o diferente: “Eu? Tás louco! Japonesa? Japonês é bicho feio pra caramba, irmão!” (Diário de Campo, 06/04/04).

Com este tópico concluo a caracterização do grupo – e também esta parte da tese - entendendo ter explicitado as realidades sobre as quais se voltarão as análises propriamente ditas a serem construídas do capítulo seguinte em diante.

CAPÍTULO 4

CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA JUVENIL: perspectivas delineadas.

As informações obtidas junto aos três grupos investigados me permitiram perceber diferenças marcantes entre os mesmos, diferenças que já anunciam de pronto a força exercida pela particularidade da história e da cultura brasileira sobre esses coletivos, bem como aspectos marcantes da nossa atualidade, nos termos que tenho salientado.

Não obstante se tratar de espaços que revelaram uma profunda complexidade, foi possível observar que cada um deles possui um eixo fundamental orientando suas existências através do qual organizam os demais aspectos nela encontrados, destacando-se como ponto prioritário em torno do qual articulam certos modos de ser e de estar no mundo. Encontrei na Oficina da Vida como traço mais marcante do seu modo de existir e organizar-se a postura racional, instrumental e individualizada, vinculada a um padrão moderno de comportamento. No Arrasta Ilha, ao contrário, encontrei como fator marcante a postura afetiva, obedecendo uma lógica a partir das pessoas e das afinidades e pouco marcada pela racionalidade e pela instrumentalidade modernas. No SDF encontrei principalmente um reforço da individualidade de algum modo liberta de normas e padrões, emoldurada pelo desenraizamento, a virtualidade e o tempo instantâneo. Neste capítulo pretendo focar o que em cada grupo surge como este ‘lugar’ privilegiado do processo de constituição identitária.

4.1 SDF: O excesso como produto/resposta ao não-lugar, à efemeridade e à fluidez

Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...

Está nos versos da canção de Caetano, quando feitos na década de 60, um ‘caminhar contra’ que simbolizava oposição aos tempos trazidos pela ditadura militar, de normas rígidas, de padrões morais considerados conservadores. Era o brado de uma juventude atuante, que apostava numa determinada liberdade e no seu próprio poder tido como capaz de construir o novo.

Caminhando contra o vento, sem lenço, sem documento...

Trazidos para a atualidade, os versos mostram o mesmo poder de tradução do real vivido, entretanto talvez sob outro enfoque. Poderiam falar da juventude que parte

sempre a cada dia na sua aventura de amadurecimento. Uma juventude solitária, abandonada à própria sorte, destituída de proteção ou limites. Sem lenço, sem documento... a única presença é o vento – fluido e amorfo - que **vem contra**, arrastando uma juventude ‘presa da fluidez’ dos tempos voláteis atuais.

Possivelmente, dos três grupos analisados seja o SDF aquele que melhor apresenta o novo contexto de um determinado segmento juvenil desse momento de liquidez de referências e forte presença da realidade virtual. Isso se explicaria inicialmente pelo fato de grande parte do grupo, de faixa etária mais baixa, estar neste instante experimentando a sua transição da infância para a adolescência e tendo de lidar com a profunda transfiguração dos valores pela presença do computador, da *internet*, do celular e outros signos desses novos tempos. São obrigados a lidar com a influência considerável que produzem sobre os processos de formação juvenis e muitas vezes ajudando a produzir realidades novas que, de algum modo, alteram e até substituem antigas referências.

Diante do encontrado, não obstante reconhecer que na faixa etária do coletivo em análise o agrupamento normalmente desempenha um papel específico – de elaboração das interlocuções com o mundo, de autonomia, de busca de reconhecimento etc – (FAU, 1968; CALLIGARIS, 2000) e que por vezes possa se expressar por uma perspectiva de revolta e violência (LAPASSADE, 1968), normalmente passageiras, penso que novas questões se colocam para análise para além daquelas entendidas como atinentes à conhecida ‘crise da adolescência’. O material colhido em campo – com destaque para a estreita faixa etária do grupo - aponta para a dura experiência da busca do amadurecimento numa sociedade onde os caminhos, o modo e a razão de amadurecer já não são dados ou sequer claros.

Na avaliação que faço, a radicalidade da mudança dos valores que tem levado a uma fluidez do mundo em que vivemos potencializada pela perspectiva da realidade virtual, se mostra com forte capacidade explicativa do que encontrei neste grupo em particular. Num real onde não há mais lugares concretos, definir/conquistar/marcar um lugar revela-se uma tarefa por demais árdua e o instrumento que se mostra mais eficiente para alguns é o viver ostensivamente no sentido de cumprir uma demanda dos adultos (CALLIGARIS, 2000); é a adoção do excesso como norma e como estratégia de ser percebido (BAUMAN, 2003). É a tomada do hiperreal como regra básica da vida em todas as suas manifestações (BAUDRILLARD, 1988).

Na sociedade tradicional os mais jovens não apenas ocupavam lugares sociais definidos, mas tinham conhecimento do momento certo e da maneira pela qual passariam a

fazer parte do segmento social adulto. Sendo os ritos de passagem presentes, grosso modo, em todas as sociedades, a expressão social dos fenômenos físicos que de alguma maneira transformavam o menino/menina em homem/mulher. Tanto a vida juvenil, quanto a adulta possuía sentido proveniente de uma dinâmica social que demandava e atribuía a cada um as vantagens e as responsabilidades do lugar social ocupado. A comunidade estendia a narrativa pessoal, fazendo com que esta subsistisse para além da restrita existência física e 'plantava nos corações e mentes' da maioria dos jovens o desejo de conquistar a idade adulta, tendo em vista que aí estava fixado socialmente o signo de realização plena da vida. (CALLIGARIS, 2000). Não é o que vivenciamos na sociedade moderna, especialmente na sua atual fase.

O advento da modernidade e a ascensão plena do indivíduo como ponto de partida e de chegada de suas batalhas e conquistas, a ele atribui a tarefa de construir-se o melhor que pode sem os freios e apoios da tradição, da comunidade e da fé, entre outros. A radicalidade da particularização da vida tem colocado desafios cada vez maiores ao indivíduo que, na atualidade, guia-se por ostensivos sinais que lhe dizem ser indispensável consumir o que há de mais novo no mercado, ser belo, famoso, bem-sucedido e, fundamentalmente, ser sempre melhor que o seu parceiro do lado. Esta não é uma empreitada fácil, a qual cada vez mais os adultos, insatisfeitos com sua própria performance, delegam aos jovens realizar.

Os desafios do mundo moderno quanto ao desenraizamento da tradição, às mudanças político-econômico-culturais têm retirado as certezas do mundo adulto e todo o estofamento social para o desenvolvimento juvenil. A realidade prenhe de incertezas tem implicado em que as famílias busquem constituir 'artificialmente' o ambiente propício a esta maturação. Os longos anos de polivalente formação - especialmente nos setores sociais mais abastados - a privação de responsabilidade em relação às normas sociais, no geral, e ao auto-sustento em particular, o direito inalienável ao lazer e à fruição são algumas características dessas condições que se costumou nominar de moratória e ao qual parte dos jovens passou a usufruir como um direito da sua adolescência.

A moratória, entretanto, tem se mostrado ao longo dos anos numa tendência crescente à medida que crescem as exigências do mundo quanto a um lugar que cada um deve nele ocupar e tem sido uma das dificuldades de entendimento e de recorte das fronteiras etárias do que é ser ou não ser jovem. Para Calligaris (2000) constitui-se na verdade em um estágio de 'limbo', onde se retira do jovem todo um potencial que ele já tem condição de oferecer, mas que a sociedade não está preparada para receber. Constitui-

se assim um problema a ser enfrentado que é a materialidade de corpos semelhantes aos dos adultos, capacidade intelectual idem combinados a uma condição de maturidade tutelada. Assim, não há lugar reconhecido para o jovem, que é socialmente colocado numa posição de espera. Para esse autor é contra essa realidade que o jovem se insurge para construir o seu lugar no mundo, encontrando no grupo o único espaço de elaboração do seu desafio, especialmente aqueles atinentes aos agrupamentos de menor idade, como é o caso do grupo em estudo.

Mas é exatamente quando busca o ‘seu’ lugar como adulto que o jovem encontra os maiores desafios. Depara-se com um mundo onde os adultos se movem em torno de uma perspectiva construída de vida ideal encontrada no período da juventude: fase em que não temos que nos preocupar com o sustento, com as conseqüências das regras sociais; fase em que o tempo livre para o lazer e a fruição é estendido e na qual se desfruta de uma tolerância social para erros e irresponsabilidades. O jovem encontra o ‘espelho’, o reflexo do que já experiencia na sua realidade imediata.

Além disso, outro fator importante é quanto aos valores adotados numa sociedade do consumo, vivendo sob intenso processo de perdas das referências. Ser belo, ter sucesso financeiro, ser ‘o popular’, desfrutar do prazer, conquistar a felicidade – facilmente confundido com o consumo das marcas e produtos famosos, bem como lançar mão de qualquer estratégia humana ou técnica para ‘adquirir’ tais predicados - são as mensagens que conformam o real, substituindo os parâmetros éticos antigos por determinado perfil estético freneticamente perseguido (BAUMAN, 2003). A vida material passa a ser povoada de sonhos ilimitados, por sua vez materializados em bens de consumo colocados ao alcance de todos que conseguirem adquiri-los no mercado⁹³. Sonhos possíveis a todos e nem de longe privativos dos pré-requisitos de um corpo jovem. Bens e produtos são a promessa do eterno ciclo de sensações agradáveis para todos e para serem consumidas imediatamente, fazendo com que o surgimento e a ‘satisfação’ do desejo seja sempre remetida ao objeto, ao bem. Desse modo, o “código atual de escolha gera portanto um agente cuja competência consiste primordialmente na capacidade de localizar uma promessa de sensação agradável e então seguir os sinais e pistas que marcam o caminho para a sua apropriação”. (BAUMAN, 2000, p. 82).

⁹³No caso do grupo em análise percebi que a aquisição de um certo padrão de consumo que possibilite o acesso a uma vida confortável surge como um ponto importante de articulação dos discursos. A aquisição de bens de mercado, o acesso ao lazer, ao ensino superior, a construção de uma carreira aparecem como um curso de estruturação das vidas.

Assim, o mundo adulto produz e passa a alimentar numa redoma tipos indispensáveis às suas vidas. Seja organizando a existência pelos parâmetros fluidos da rede virtual – onde se pode ter qualquer característica, qualquer poder, qualquer identidade – seja numa materialidade eivada de fantasmas gerados pela adesão aos valores estranhos à sua personalidade, cultura ou território. Nessa jornada, o mundo adulto consome-se nutrindo e tornando real ‘para fora de si’ um universo e um rol de personagens que lhes é trazido pela internet, pela TV, pela academia, pela revista de famosos, pelo outdoor, pelo *shopping*. Completa o mundo adulto de fantasias o desejo de viver em ‘estado de moratória’ como os jovens, em todos os sentidos, inclusive na questão da não observância às regras socialmente acordadas.

Desse modo, quando Calligaris (2000, p.59) se pergunta “Será que a adolescência não veio a existir para o uso da contemplação preocupada, mas complacente, dos adultos?” o que faz é, na verdade, explicitar que essa situação cumpre um determinado papel na sociedade em que vivemos. Para o autor, os jovens realizam a vontade não confessa – mas comunicada subliminarmente de vários modos – dos adultos.

Por essa perspectiva, aos jovens é colocado um novo desafio quanto à interpretação da Esfinge. A resposta atual para o ‘Decifra-me ou te devoro’ não é mais elucidar o que é ser um adulto e buscar ser como ele no emaranhado social no qual vai adentrando, mas entender-se numa relação de espelhos com os adultos. Aceitá-los como pares em diversos campos da vida: nos valores adotados, na expressão do corpo, na moda, no lazer, na relação com o mundo do trabalho. Não há relação de ascendência, mas de parcerias incorrendo num “colapso dos rígidos esquemas de separação biográfica” (FEIXA, 2004, p. 2). A resultante dessa equação é a ratificação da perspectiva adolescente como a única válida na relação com o mundo; não há nada a ser buscado pelos jovens fora do seu lugar, **eles já estão no lugar desejado por todos**. Fecha-se um labirinto de espelhos onde o jovem não consegue se destacar e se afirmar como algo diferente – questão de suma importância para os sujeitos em individuação/formação.

Diante de tal situação, resta, portanto, a intensificação, a radicalização de tais práticas e a perda dos limites na busca da diferenciação, da visibilidade, do reconhecimento como alguém diferente dos adultos. Nesse sentido pensa Calligaris (2000) que a revolta juvenil - e eu complemento, a violência manifesta de várias maneiras - não mais se dão por oposição à exclusão que os jovens sofrem do mundo adulto, mas para buscar um reconhecimento mais custoso de ser conquistado num ambiente onde há tantos iguais e em condições mais favoráveis de disputa. Apenas a transgressão em intensidade cada vez

maior pode diferenciar o jovem do adulto, pois este é o campo onde a aquiescência social não se faz em igual dimensão para ambos.

A ausência de referência adulta externa a ser buscada devolve os jovens ao seu próprio 'modelo', potencializando o papel do grupo juvenil enquanto *locus* de reconhecimento. Na relação com os pares, só a intensidade da prática transgressora pode favorecer a diferenciação diante dos demais. Assim, o grupo juvenil apresenta-se como o *locus* privilegiado para a prática dos extremos. É o espaço onde se partilha as culpas e os segredos (CALLIGARES, 2000) e onde, pelo desempenho de cada um, se conquista o reconhecimento tanto do grupo, quanto do sujeito em relação ao grupo e aos adultos.

Desse modo, a negação do reconhecimento ao jovem enquanto um ser capaz, preparado para dar a sua contribuição à sociedade, aliada à percepção tida pelos adultos do mundo adolescente como realizador do seu ideal de vida fixam os jovens numa determinada fase de vida. Esta fase passa a contar com uma valorização social e de mercado extremadas, constituindo-se numa teia que prende adultos e jovens num jogo de espelhos e da qual se mostra custoso escapar. Tal realidade inserida em contextos que projetam na individualidade e na sua promoção o sentido maior da existência e em imediatez de perda de referências institucionais, como já demonstrado, não oferece muitas outras alternativas que não o impor-se pelo rompimento de limites quaisquer a fim de conquistar o seu lugar. Não soa estranho que neste grupo em análise se encontre falas freqüentes que delineiam em igual importância ter 'um carro, uma casa e uma mulher' como a mais relevante perspectiva de futuro e mesmo de sentido da vida.

Não obstante haver uma partilha de valores e práticas como apresentados, não há por parte da sociedade a legitimação formal de tal perspectiva, muito menos a aceitação da responsabilidade pelos resultados que tal realidade têm gerado, especialmente quando se traduzem em práticas colocadas para além do que é legalmente aceito. Para aqueles jovens do grupo que são flagrados adotando tais comportamentos apresenta-se a repressão policial ou a condução dos mesmos para o cumprimento de penas alternativas, como a prestação de serviços em instituições do Estado para a assistência a crianças e jovens de baixa renda, individualizando-se a questão e particularizando as 'respostas' oferecidas. Uma vez concluído o prazo estabelecido, cessa também qualquer preocupação em relação ao jovem em questão, até que a atitude se repita e venha novamente ao conhecimento dos órgãos responsáveis pelo controle de tais práticas. Como se vê, não se trata de fato fortuito o Estado não mais oferecer à juventude amparo à sua condição de desenvolvimento, pois como assinala Bauman (2003, p. 90, 92):

O Estado não mais preside os processos de integração social ou manejo sistêmico que faziam indispensáveis a regulação normativa, a administração da cultura e a mobilização patriótica, deixando tais tarefas (por ação ou omissão) para forças sobre as quais não tem jurisdição. O policiamento do território administrado é a única função deixada nas mãos dos governos dos Estados...

A triste verdade é que a enorme maioria da população deixada órfã pelo Estado-nação quando este renunciou, uma a uma, às funções geradoras de segurança e confiança pertence a categoria dos ‘frágeis’ e ‘débeis’.

A juventude tem ocupado com destaque esse lugar frágil, sendo costumeiramente esquecida pela ação protetora do Estado – via políticas públicas – e frequentemente exposta ao alcance do seu braço armado. Em se tratando do enfrentamento das questões sociais pela via do policiamento e da mera punição, muitos estudos já evidenciaram fartamente o infrutífero desfecho de tais encaminhamentos quando o jovem atinge a sua maioridade civil. (OLIVEIRA, 2001).

No caso de muitos membros do SDF pude verificar que a ação do Estado chega prioritariamente via ação policial, permanecendo as demais possibilidades de intervenção ausentes do universo grupal. Devo dizer que no tocante à polícia o sentimento cultivado pelo grupo é de completa aversão. É possível afirmar que essa é a presença institucional que goza de maior rejeição no interior do grupo pelo fato do mesmo se entender vitimado pelos policiais. Sempre que esses interpelam os citados jovens o fazem de maneira constrangedora, agredindo-os física e moralmente e acusando-os, por vezes, de atos que não cometeram. Por assim procederem fica a experiência de que a diferença substancial entre o policial e o traficante do morro é que, sob determinadas circunstâncias, a relação com o traficante se mostra menos temerária e até vantajosa.

Outro aspecto a considerar em relação à realidade do grupo em apreço é o efeito da extrema flexibilidade à qual estão submetidas referências outras da vida juvenil, como o território, a família e a escola, entre outros. Pautando a sua existência pelos sentidos dos ambientes *on* e *off-line*, o grupo aparece nos depoimentos e práticas vivendo a desconstrução intensa das referências materiais, porém ‘lutando’ ao seu modo pela sua reconstituição, num movimento ambíguo e sem direção definida. Desse modo, a constituição identitária - que vai se dando no estreito instante do movimento de encontro/erosão/resistência/criação das referências materiais e virtuais mostra-se situada num contexto diluído por definição.

A idéia de território, por exemplo, aparece como uma presença-ausência sentida. A abdicação do território que em princípio a organização virtual implica é a

consolidação do não-lugar e, conseqüentemente, a constituição do eu despreendida de tal conceito, visto não haver contornos ou qualquer visibilidade do eu para além daquela inteiramente produzida pelo usuário diante do seu teclado e motivações inconfessadas. Na realidade virtual lugares e tempos se misturam e o corpo não conhece limites de quaisquer natureza (LÉVY, 1996). A realidade virtual é a destituição da materialidade; referência que ainda permanece de primeira grandeza para quem busca um lugar a ocupar no universo face-a-face, visto que o mundo permanece como o destino de homens e mulheres e o lugar de trocas cotidianas inapeláveis. Como assinala Lapassade (1968:120): “entrar na vida é descobrir que não se pode deixar de dar resposta, qualquer que seja a resposta, ao fato de estar situado numa cultura, num sexo, num sistema social.”. Isto é, a uma materialidade.

Penso, desse modo, que a organização do Canal levando em conta o lugar de habitação; os encontros *off-line* que mantêm; os subgrupos formados por bairros habitados e os conflitos que se seguem em função disso traduzem a resistência grupal à perda da referência local. Mostra a busca de manutenção de vínculos comunitários mínimos, onde cada um possa ser reconhecido e conhecer-se para além de um amontoado de *bites* obedientes ao desejo fugaz de um *expert* em tecnologia CMC. A forma exacerbada como o fazem talvez seja proporcional à dificuldade que encontram em se fazer perceber e considerar numa realidade que facilmente lhes retira, modifica, liquefaz referências. Possivelmente ‘entendam’ que para acessá-las e serem vistos seja necessário ‘carregar nas tintas’.

Entretanto, a resistência grupal à perda de referências encontra outra dificuldade quando, ao insistir nos encontros cotidianos com os amigos, deparam-se novamente com a condição do não-lugar. Falo do espaço urbano, do bairro que não os reconhece, nem é reconhecido por eles. A paisagem local, submetida à ação da especulação imobiliária, assemelha-se a um tabuleiro de damas que a cada investida do jogador muda de configuração. Assim, cada loja, prédio, a *lan house* e as próprias casas onde residem estão submetidas à lei maior da provisoriedade do movimento do mercado (SENNETT, 2005), num avanço incontido à transformação do bairro no lugar de todos e de ninguém, retirando do território o seu sentido e relevância (BAUMAN, 2003).⁹⁴

⁹⁴ Em Florianópolis essa realidade é especialmente verdadeira. Apontada seguidamente pelos órgãos oficiais e pela mídia como cidade de alto índice de qualidade de vida em meio a um país com a política de segurança pública destruída como o Brasil, a cidade tornou-se a Pasárgada para onde todos querem fugir, com especialidade os brasileiros com certo poder aquisitivo de São Paulo, do Rio Grande do Sul e os argentinos abastados. Também a sua ‘descoberta’ como pólo turístico nacional e internacional e ainda como pólo educacional é responsável por um considerável fluxo de visitantes e habitantes provisórios. Todos esses

Do ponto de vista da provisão de **bens públicos** para usufruto coletivo, a ação pública é flagrantemente ausente. Não há praças, parques, quadras, clubes ou outros logradouros públicos que os jovens em tela possam utilizar como ‘locais de sua comunidade’. Restam as escadarias de centros comerciais, portarias de prédios, as esquinas das ruas ou as calçadas das *lan houses*. Mais uma vez o local e sua cultura se desmaterializam, para reaparecer em suas falas quando criticam a adesão às práticas virtuais e resgatam a falta sentida em relação às antigas práticas e jogos infanto-juvenis – pipa, jogo de bola, taco – que até recentemente praticavam. Possivelmente experimentem que a transposição da vida material para o espaço virtual signifique a interdição da troca de várias experiências, linguagens e expressões de afetos que as cores, as fontes e os engessados *emoticons* – por mais variados que sejam – não são capazes de suprir.

O paulatino desmanche da materialidade do território contra a qual se digladiam é, assim, a supressão de lugares de surgimento e desenvolvimento de si e do outro nas potencialidades e limites do que podem viver no ambiente *off-line*. Possivelmente a insistência com a qual o grupo se lança nos encontros face-a-face e a própria ‘guerra’ entre bairros seja uma maneira de resistir à completa desagregação dessa perspectiva do existir.

Quanto à relação que possuem com a escola, os dados já mostrados evidenciando uma realidade de expulsões, reprovações, abandonos e trocas de escola, denotam mais uma vez uma ausência de vínculos experimentada por grande parte dos membros. A lógica que vigora e sustenta a exploração da educação como mercadoria consolida e legitima uma ampla rede de escolas destinadas a simular um processo de formação, sinalizando para os jovens que existe o caminho ‘fácil’, que escolhê-lo é sinal de esperteza, como demonstrado no capítulo anterior. A lição oferecida de que não se precisa

aspectos concorrem para o aquecimento do mercado imobiliário, do setor de serviços e do comércio em geral, gerando concomitantemente todas as alterações normalmente aliadas a tais realidades. A propósito, Fantin demonstra que o “fluxo modernizante acelerou mudanças não só no modelo da cidade e no traçado urbano mas, essencialmente, no modelo de vida dos antigos moradores e no perfil de sua população atual.” (2000, p.16). Nesse contexto os deslocamentos das pessoas pela cidade - seja em função de reconfigurações imobiliárias, seja em função dos postos de trabalho que disputam em bairros variados - fragilizam os vínculos, transformando a população em aglomerados de desconhecidos. Essa realidade, entre outros aspectos da urbanidade complexa, dispõe à perda da confiança, de um compromisso mínimo com o outro. No cotidiano do SDF no mais das vezes pude observar que os adultos com os quais se relacionam no espaço público assumem em relação aos jovens do grupo uma postura de ameaça, desprezo e/ou desconfiança, possivelmente acionados pela concepção pré-formada que caracteriza um primeiro olhar que socialmente se lança sobre os jovens que se colocam sob um determinado protótipo, como esses do grupo investigado. Numa das oportunidades em que estive com o grupo acompanhei um jovem tentando devolver ao porteiro de um prédio um cabo para telefone que havia encontrado nas imediações. Ao se aproximar da portaria foi recepcionado em áspero tom de voz com a seguinte pergunta: “O que que tu quer, ladrão?”. Retornando ao grupo, que acompanhava a cena, foi apupado: “...otário, otário. Não devias ter ido lá devolver!”.

obedecer às regras socialmente aceitas é plenamente decodificada: sempre existem vagas remanescentes, não há uma seleção de verdade. A escola surge então promovendo um jogo de faz-de-conta, plenamente aceito pelos adultos e pela sociedade como um todo, legitimando assim a sua insignificância no imaginário juvenil, tanto para capacitar ‘de verdade’ para um exercício profissional, quanto como partícipe do processo de formação dos jovens.

No tocante à família encontrei que o modo como a maioria ver o seu grupo familiar, a sua própria inserção em mais de um grupo de genitores e a moradia em mais de uma casa, evidencia um significativo enfraquecimento dos vínculos⁹⁵ e do ideário em torno do que seja a família para cada um, corroborando o que aponta Bauman (2003, p.47, grifos do autor):

As chances de que a família sobreviva a qualquer de seus membros diminui a cada ano que passa: a expectativa de vida do corpo mortal individual parece uma eternidade por comparação. Uma criança média tem diversos pares de avós e diversos ‘lares’ entre os quais escolher – ‘por temporada’, como casa de praia. Nenhum deles se parece com o verdadeiro ‘e único’ lar.

É também visível no grupo uma carência de autoridade de pais e mães diante dos filhos, implicando numa grande dificuldade de imposição de limites quanto a horários, regras e pactos acordados em família, mostrando que nesse quesito, enfim, o grupo não é diferente do que já se conhece no geral em relação ao que se verifica com a família brasileira e mundial. Vigem uma fragilização dos vínculos, se olhados do ponto de vista da constituição dos grupos familiares ascendentes. Mas é visível a articulação de uma resistência se a análise recair sobre a intenção declarada de constituição de uma possível família descendente por parte dos jovens em discussão.

Foi possível constatar que há uma certa ausência das famílias na vida da maioria de meninos e meninas, especialmente quanto ao exercício do veto em relação a algumas práticas e da compreensão de regras sociais básicas que até recentemente orientavam a convivência em sociedade. Penso que a quase autonomia absoluta que muitos

⁹⁵ Distanciando-se em termos do que Bauman apresenta, Giddens (1993, p. 109), ao discutir a questão da asfixia das relações de parentesco ocorrida “com o desenvolvimento das instituições modernas”, é de opinião que as separações e divórcios está proporcionando uma diversidade de vínculos que culminam numa nova expressão de família recombina. Para o autor seria falsa a idéia de dissolução dos laços. Ressalta, entretanto, que os mesmos apenas subsistem sob parâmetros de confiança e compromissos negociados, diferentemente das famílias tradicionais onde estes eram “tacitamente aceitos”.

jovens possuem traduz uma experiência de violência e de abandono⁹⁶ que concorrem para a falta de assistência aos filhos e filhas; conhecimento sobre o que estes e estas pensam, gostam e, finalmente, fazem⁹⁷. Apenas por esse enfoque é possível compreender, em parte, porque quase crianças de 13 anos estejam adotando no seu cotidiano as práticas encontradas em campo; portando-se como senhores e senhoras absolutas de suas escolhas diante de um real que os possibilita quase tudo e de uma sociedade atônita que se mostra incapaz – ou pouco desejosa - de gerar alternativas de abordagem do problema exposto. É também essa realidade que torna possível muitos dos sujeitos entenderem suas famílias incapazes de orientá-lo para a vida, desmaterializando também este vínculo.

Não obstante destacar esses três aspectos fundamentais, outros – como a política, a religião, os poderes constituídos – são igualmente questionados pelo grupo, aparecendo como pouco considerados enquanto referência consistente da orientação que dão ao discurso construído e às próprias escolhas de vida.

Como traço marcante da vivência dos aspectos acima abordados, bem como a outros diversos, percebi a força do curto prazo (SENNETT, 2005) e da flexibilidade de padrões os quais possibilitam aos seus membros uma ‘agilidade’ indispensável para a constante e imperativa mudança de posição. Uma situação ilustrativa desse quadro é a não efetivação de laços e compromissos mais densos, uma vez que o presumido é que tudo pode ser desmanchado sem maior embaraço, tornando até a idéia de grupo algo pouco compatível com essa realidade. O corolário que vem à tona de tal situação é atribuição de pouca importância a qualquer coisa que ultrapasse a existência física imediata. Rompe-se com os coletivos humanos imortais (BAUMAN, 1998), com a tradição do passado – a memória - e com o futuro, inaugurando-se a definição do agora como o instante eterno.

Por todos os aspectos que exhibe o grupo busco em Bauman (2003) o recurso teórico para compreensão do mesmo por entender que suas idéias de **desengajamento** e de **substituição da regulamentação normativa pelos poderes sedutores do excesso** possibilitam em muito o entendimento desta realidade.⁹⁸ O autor defende a idéia de que

⁹⁶ É importante relatar que no grupo encontrei também meninos e meninas que fogem do padrão aqui discutido e em todos esses casos pude observar posições mais comedidas e atitudes mais ponderadas diante das escolhas grupais majoritárias que figuram como objeto das análises que desenvolvo.

⁹⁷ Certamente as próprias famílias possuem razões que fogem à sua particularidade para se conduzir desse modo. Não intenciono fazer aqui a condenação sumária dos pais e mães, mas uma análise **a partir da fala e das vivências juvenis** a que tive acesso e de acordo ao que me propus desde a concepção primeira desta investigação. Os resultados que apresento em todos os momentos são frutos deste olhar, portanto parciais.

⁹⁸ Ao discutir a situação da delinquência juvenil Oliveira também recorre à idéia do excesso para entender a problemática que elegeu para estudo, muito embora com um enfoque ligeiramente diferenciado. Apoiada em Aberastury e Rassial, a autora é de opinião que “os desassossegos vividos em tempos de globalização” são os responsáveis por uma intensificação da **crise normal da adolescência**, o que interpretei como uma

nesse momento da modernidade vive-se tempos e atitudes que configuram a inexistência de vínculo, de solidez, por um lado, e de compromisso e vigilância de condutas, por outro. Os entes coletivos – como o trabalho, o Estado, a família etc. – se desfazem como instâncias de regulação, orientação. O que surge como parâmetro de ação é a auto-vigilância e o auto-monitoramento vindos do próprio indivíduo – em *ultima ratio*, com o auxílio de programas de computador - com vista à obtenção do “tipo correto (funcional para o sistema) de comportamento”. Não há ordens dadas, nem necessidade de obediência; não há lideranças a seguir, nem objetivos ou penas comuns a assumir. Diz ainda o autor que o fechamento desse ciclo encontra novamente o indivíduo como o seu destinatário: “A sanção para a conduta imprópria é o prejuízo auto-infligido, atribuído à ignorância do interesse – do interesse individual e não do ‘bem de todos’” (BAUMAN, 2003, p. 115).

Quanto a “substituição da regulamentação normativa pelos poderes sedutores do excesso” (Id. Ibid, p.117), diz Bauman que a origem dessa realidade se encontra no processo de produção, mais especificamente no momento histórico onde o valor do bem deixou de ser atribuído pelo seu produtor, tendo em vista o trabalho empregado na produção, escassez do material, entre outros, e passou a ser definido de modo apartado do produto e de sua produção. A valorização do bem passou a ser aferida pelo usuário do produto, com base no “desejo de busca de satisfação” pessoal. Diante dessa realidade, imprimir valor possui ligação direta não com produção de bens, mas de desejo. Desse modo, qualquer consumo é realizado para suprir necessidades imateriais e infindas, facilmente reproduzidas e potencializadas num cenário onde o que impera é a vontade do indivíduo e a sua capacidade (ou não) de providenciar a sua satisfação.

Sem referência no coletivo, por não se encontrar-se no mesmo quanto à satisfação das suas ausências, o indivíduo está livre para desconsiderar aquilo que é posto como padrão de orientação dos comportamentos, concretizando a não assumida “sentença de morte das normas”. (p. 116). Citando Bourdieu, Bauman (Ibid) aponta que a tentação e a sedução exercida pela promessa da satisfação do desejo é quem se colocam no lugar da “regulação normativa e vigilância ostensiva como principais meios de construção do

radicalização das dificuldades, imprecisões e dúvidas vivenciadas pelos jovens nesse período. Para a autora a infração surge como o canal encontrado pelos jovens para expressar o seu mal-estar. “Logo, a delinquência juvenil pode ser tomada como produto de uma **adolescência exacerbada...**”. (OLIVEIRA, 2001, p. 30-31, grifos meus). O que faço aqui é evidenciar a constituição social do que denomino **cultura do excesso**, tentando localizar no grupo em estudo a objetividade desse fenômeno. Também compreendo que os “desassossegos” não se restringem à crise da adolescência, como situa a autora, mas pautam a inteira juventude encontrada no grupo, num movimento cíclico que a influencia e expressa no real, como mostro no texto.

sistema e de integração social” (p. 119). Essa realidade torna a norma obsoleta e institui a transgressão como regra.

A consequência imediata para a ausência de regra, de parâmetro é a ausência da idéia de limite. O indivíduo solta-se da obrigação de oferecer qualquer contorno às suas ações e como único responsável por si, parte na busca desenfreada com vista a completar-se, conforme assinala Brüseke (2002, p. 8): “Estamos vivendo num mundo onde as coisas e os homens perambulam pelos lugares sem poder estabelecer uma relação de sentido com estes. As finalidades estão enfraquecidas e as possibilidades aumentam dramaticamente a sensação que tudo é possível em qualquer momento.” O excesso apresenta-se como único norte que promete o apaziguamento de um desejo incessante; o excesso ocupa a cena e, vencendo a disputa, toma o lugar da norma e já não é mais estranhado quando desponta como procedimento primeiro. Como regra das práticas, deixa de ser compreendido como gasto inútil, como “desperdício”.

O excesso passa a ser justificado como indispensável. Num mundo da infixidez e do descartável – inclusive em relação aos papéis sociais e pessoas – o excesso é incorporado como condição básica, insumo primeiro da funcionalidade desse novo estar no mundo, como aponta Bauman (2003, p.118): “E na ausência da norma, o excesso é a única esperança de vida”. A realidade impõe a necessidade de muitos perfis, muitos gostos, muitas práticas, muitos estilos; impõe a lidar sempre com as novidades, com os cenários multifacetados. O indivíduo, para responder ao real, retraduz-se indefinidamente, abandonando suas velhas cascas atrás de si. As moradias, os empregos, as profissões, as vidas, enfim, devem estar prontas para sempre recomeçar, re-escolher; de modo que o indivíduo deve estar sempre pronto para partir e assim, poder livrar-se de ‘pesos’ é fundamental para a sua flexibilidade na corrida rápida em que se transformou a vida.

Diante de possibilidades que se auto-reproduzem por todos os campos, gerando cenas sem qualquer fixidez, do indivíduo exige-se novamente a ação excessiva. Para validar a sua presença a ação precisa pontuar o real excessivamente na busca do seu reconhecimento, da sua visibilidade. No meu ponto de vista, essa realidade instituída em nível de sociedade engendra a **cultura do excesso**, que não apenas passa a compor a vida na forma de fenômenos observáveis em todos os setores, mas como orientação básica primeira dos comportamentos.

Retornando ao cotidiano do grupo posso observar o excesso povoando, em especial, a materialidade juvenil, seja no tocante à relação estabelecida com os eventos do meio - a alimentação, as festas, o vestuário, os esportes, os equipamentos, a virtualidade,

entre tantos outros - seja no tocante ao modo como lidam com o outro. Perdendo suas funções básicas, para as quais normalmente deveriam existir, cada quesito daqueles apontados antes – a seu modo – migra dessas funções para ocupar o sentido de acenar para o indivíduo quanto à satisfação do seu desejo através da idéia do excesso – competentemente administrada pela lógica da produção dos bens.

Como dito, essa realidade é observável em vários aspectos da vida social e em especial daqueles que ocupam maior espaço no cotidiano juvenil. O alimento, exposto ao uso ostensivo de melhoramentos genéticos, agrotóxicos e requintadas técnicas industriais desvincilhou-se das contingências naturais e, com o suporte dos rápidos meios de transporte, venceu as barreiras geográficas. Do ponto de vista social, escapou ao ambiente doméstico sendo agora mormente superapresentado na sua forma *fast food* e guindado à marca de homogeneização da cultura – pode ser igualmente encontrado em todos os lugares, pronto para ser utilizado em qualquer hora do dia ou da noite. Portado em embalagens práticas, pode ser conduzido a qualquer lugar e ser consumido durante a realização de outras atividades. O detalhe mais curioso reside nas porções oferecidas em tamanhos cada vez maiores. Itens básicos da atual dieta alimentar juvenil e deste grupo em particular, como sanduíches, pipoca, *pizzas*, refrigerantes, chocolates etc, são oferecidos em quantidades e tamanhos superdimensionados em relação à fome física de um jovem comum, mas certamente compatíveis à ‘fome’ imaterial do sujeito. A enormidade das aparências decerto intenta mimetizar certa contenção da ausência radicada na intimidade dos jovens que não encontram esse sentido de preenchimento na relação consigo e com o outro.

No tocante ao vestuário, exilado da sua função de proteger o corpo, o mesmo se apresenta como aparato de decodificação do sujeito pelo meio em que este está inserido. Está *in* ou *out*; ser radical, descolado, ‘largado’, militante, desafiador – ou no código melhor inteligível aos jovens – ser *cool*, *paty*, *playboy*, *punk*, *rapper*, *rocker*, *skatista*, *surfista*, *cdf...*⁹⁹ é uma questão a ser enfrentada a partir do que veste, se calça, se usa. As tribos, os estilos são construídos numa casca que pode ser trocada exaustivamente, atendendo apenas ao desejo do sujeito e à oferta do mercado. A realidade tem apontado que coletivos constituídos sobre uma aparência que prescinde de práticas no sentido de criar vínculos para além do imediato, não solidificam vínculos de pertença, de partilha, de responsabilidades duradouras etc, o que inviabiliza a constituição do senso mínimo de uma

⁹⁹ Para melhor apreciação deste aspecto, ver Silva, 2004.

comunidade realmente existente. Entretanto, atendem em plenitude às necessidades de um mercado ágil na substituição rotineira dos produtos em vitrines com perfis cada vez mais conquistadores, que falam direto à inquietação do ser mobilizado pelo ter. Descartar é a regra; ostentar a novidade é a máxima que re-insere o sujeito e permite a sua visibilidade.

No tocante ao uso de equipamentos, destaco em especial dois por serem presenças ostensivas no grupo em questão: o celular e o computador. Pude ver que a relação dos jovens com os mesmos também é pautada pelo princípio da ausência de fronteiras. Quanto ao celular, por exemplo, não há o critério de finalidade própria ou imprópria a um telefone. Com ele pode-se marcar a hora, despertar, fotografar, conversar através de texto, ouvir músicas, jogar, gravar dados e imagens, acessar a internet, acompanhar a programação de rádio e TV, assim como discar simplesmente para se falar com alguém distante. É o instrumento por excelência que responde pela intensa conexão dos jovens com o mundo, operando ao mesmo tempo um distanciamento de quem está muito próximo. Além disso, o telefone – assim como o vestuário – como signo da composição identitária, serve como objeto para exibição. Quanto mais completo, mais versátil, mais na moda, mais particular melhor fala o aparelho acerca de ‘quem é’ o seu proprietário.

Do ponto de vista das empresas que operam a telefonia, as mensagens - nem tão subliminares - das campanhas publicitárias apelam, por um lado para a individualização absoluta e por outro, para a expansão ou dissolução de limites das práticas e da vida. A oferta de “Viver sem fronteiras”; “Claro que você tem mais”; “Aqui você fala, fala, fala” são mensagens que aparecem combinadas com a promessa de “Escolha o que combina com você”; “Pronto Meu Jeito: você tem liberdade para escolher...”; “Encontre um celular que é a sua cara”. Na individualidade é que reside o poder para superar os limites.

A disputa pelo mercado de consumidores se assenta no oferecimento de ‘vantagens’ muito freqüentemente traduzidas pela idéia de expansão. Maior tempo de conversação disponível; mais ‘torpedos’ para trocar com amigos; o mais diversificado repertório musical; jogos em maior quantidade e variedade; versatilidade de operações no mesmo aparelho: “Um telefone que é uma verdadeira operadora”; “Descubra um mundo de possibilidades na palma de sua mão”, é o prometido. Como tal, os serviços de caixa postal, transferência de chamadas, conversação entre três ou mais pessoas, entre outros, transcendem a condição fixa do aparelho doméstico e re-colocam o indivíduo no não-lugar.

O lugar, por sua vez, é irrelevante. Todas as fronteiras espaciais desaparecem diante do poder de um simples teclado ao alcance de um dedo. O indivíduo, solto de todas

as suas amarras, prende-se à esperança de um contato, de uma chamada para nela reencontrar o outro perdido no diluir do seu derredor. Assim se reencontrando, justifica as ofertas feitas pelas telefônicas de tempos excessivos de conversa, de quantidade excessiva de mensagens curiosa e avidamente consumidas.

Com o computador enquanto equipamento o observado é similar: a agressiva política de mercado tem reduzido cada vez mais o tempo de vida útil de um modelo lançado, oferecendo em tempos recordes novos modelos, funções, velocidades, capacidades de armazenamento etc, tornando 'velho' um aparelho de seis meses de idade. No tocante às conexões, impera a promessa da rapidez: "Que tal mais velocidade na sua *internet*?", pergunta um servidor local. O mundo à distância de um *clic*...

A velocidade, a potência do acesso das máquinas e os recursos tecnológicos de interconexões da rede criam as condições para a intolerável espera, para vencer o tempo através da compressão quase absoluta da linearidade que instituímos, enfim, conquistar o tempo eterno (CASTELLS, 1999). Parece-me que para as novas gerações a intolerância com a espera, com o tempo necessário às atividades da vida gera um descompasso, com conseqüências nem todas conhecidas, entre um corpo que na sua materialidade é obrigado a cumprir processos biológicos e sociais – cada vez mais acelerados, é verdade - e uma adesão psico-emocional quase absoluta aos ajustes temporais hoje consolidados. Certamente novos significados estão sendo gestados para as realidades do que seja amadurecer, relacionar-se com o outro, perceber-se a si próprio.

Outro aspecto fundamental a ser considerado é quanto à realidade virtual experimentada. Embora já tenha apreciado aspectos dessa questão ao longo do trabalho, acrescento que a rede é o lugar privilegiado por excelência de manifestação da **cultura do excesso**. A rede é o lugar onde a idéia de limite só existe como ponto de partida, uma vez que nem todos têm ainda acesso aos computadores, especialmente em países com grandes parcelas de população empobrecidas, como é o caso do Brasil. Uma vez conectado, o indivíduo experimenta a condição do hiper-ser. Morre o tempo, morre o espaço enquanto dimensões criadas e vivenciadas a partir da experiência humana. Morrem os códigos culturais próprios de cada usuário e elege-se a cultura global homogeneizada, a qual aparece pronta para consumo e de acesso comum a todos, na forma de produtos, bens, mensagens e imagens (HALL, 1998). Morre o último porto de fixidez do ser que é o próprio corpo, fazendo surgir na virtualidade algo novo, como bem coloca Leaning (1998):

The Internet provided the environment through which we can extend ourselves to places and spaces unvisitable with our corporeal bodies. Our computers allow for cyborg selves to be constituted in virtual environments. We create a cyborg self, a self that is not a copy of one of the selves that we may present in daily life but rather computer assisted and constituted self. In successfully using the Internet we become cyborgs.

É como um *cyborg* - que tudo pode, tudo vê, tudo experimenta - que nos lançamos na virtualidade. A esse novo 'ser' todo-poderoso é possível a onipresença e o mais particular de todos os talentos: a re-criação. De acordo com a necessidade da vida virtual ou o mero desejo do usuário o *cyborg* pode transfigurar-se em homem, mulher ou animal, assumir quaisquer caracteres físicos; viajar pelas diversas eras históricas; possuir habilidades impensadas; superar as dificuldades nunca feneendo diante delas, constituindo-se, por fim, num hiper-ser. Do ponto de vista da realidade juvenil, se a adolescência é a materialização do sonho adulto hoje, como diz Calligares (2000), a vida virtual pode ser a eternização deste sonho para os próprios jovens, dentre outros: os personagens não crescem, não envelhecem, não se submetem aos limites de corpo ou limites sociais, mas à ordem do clic.

Nessa mesma perspectiva também se coloca a realidade virtual como um todo na qual o hiper-ser habita. Como produto direto da combinação entre o desejo, a habilidade técnica do usuário e um conglomerado de *bites*, modelos combinatórios e bancos de memória o real surge despreendido de qualquer origem (BAUDRILLAR, 1988). Assim o real pode ser reproduzido ou modificado indefinidamente, passando a existir por si próprio, e a se conferir a auto-garantia, prescindindo de demonstração material, já que o mundo material não alcança mais as condições para fazê-lo (BAUDRILLARD, 1997). O real conforma-se finalmente como uma simulação, nos termos em que o autor segue apresentando: "Simulation is no longer that of a territory, a referential being or a substance. It is the generation by models of a real without origin or reality: a **hyperreal**." (1988, p. 1, grifo meu). No ambiente hiperreal, onde signos do real são capturados e potencializados para além do que normalmente podem expressar, os modelos respondem pela totalidade, fazendo com que as fronteiras entre o real e o imaginário se esmaçam e ambos, numa simbiose indissolúvel, passam a gerar efeitos reais na vida material com igual força. Nada mais há "de separação, de vazio, de ausência: entramos na tela, na imagem virtual sem obstáculo. Entramos na vida como uma tela. Vestimos a própria vida como um conjunto digital" (BAUDRILLARD, 1997, p.146).

Nesse contexto o esperado é – uma vez confundidos o real e o imaginário – que o ser busque no mundo material as potências do mundo virtual e, em não as encontrando, estabeleça a nostalgia como sentido do real (BAUDRILLARD, 1988), apartando-se da referência material como mais significativa ou tente transpor o hiperreal virtual como estratégia de sobrevivência diante de sua materialidade.

No primeiro caso, o desencanto com a distância que reside entre o corpo material – limitado, exposto às vicissitudes da vida – e o *cyborg*, absolutamente poderoso, pode se constituir num indicativo para se compreender as recentes estatísticas que dão conta dos crescentes casos de dependência de práticas virtuais. É nas práticas virtuais que a cada vez maior compulsão humana pela perfeição, pela conquista, pelo rompimento de todos os limites encontra terra fértil e se propaga velozmente, ao ritmo do manejo do teclado ou do *joystick*. Não seria absurdo ponderar que o *cyborg* apresenta-se cada vez mais como uma prótese adotada pelo ser humano e mais facilmente quando este - ao se ver incompleto, falível, derrotado, limitado - encontra ao seu redor um meio acanhado e hostil que lhe impede de enxergar como viáveis as possibilidades comuns de existência. Além disso, a doação de si para a conformação de um *alter* infalível e perfeito implica na injeção cotidiana de energia vital, expressa em tempo de conexão, elaboração de estratégias virtuais, sonhos elaborados e negação do eu próprio em função do *alter*. O esforço termina por ‘esvaziar’ o ser, colocando-o em função do personagem. O reencontro do ser consigo pode pautar-se pela insatisfação dupla: não apenas porque está vazio do seu *alter*, mas também porque esvaziou-se **para** o seu *alter*.

Na segunda alternativa, possivelmente aqueles que não adotam a realidade virtual como prótese sumária - os jovens em discussão neste tópico, por exemplo – estejam recebendo a mensagem de que para atuar no mundo material com um mínimo de possibilidades que a virtualidade oferece é preciso assemelhar-se ao *cyborg*, transpondo assim a condição ilimitada para a vida *off-line*, **com todas as conseqüências que o gesto implica**. Nesse ponto, chegaríamos novamente à hiperrealidade, mas num sentido vetorial onde a existência virtual estaria produzindo a existência material e estabelecendo, novamente, relações imbricadas de interdependência entre os dois mundos de modo a apagar as distâncias entre sujeito e objeto.

Do ponto de vista do indivíduo, as possibilidades infinitas dessa “combinatória em aberto” que é a realidade virtual (BAUDRILLARD, 1988) o deixa livre para realizar a única coisa que conta: o compromisso consigo mesmo, ou melhor, com a sua satisfação imediata; com a realização do seu prazer mais particular sem ater-se a qualquer óbice.

Realizando-se “como um supermercado da escolha minoritária infinita” (VIANNA, 2005) o *cyberspace* e as práticas que abriga pode constituir-se numa incubadora da intolerância, da incapacidade de convivência com o diferente, circunstâncias onde não há espaço para a negociação e acordos. A desistência do outro, por vários mecanismos, pode estar sendo gestada também nesse meio. Nesse sentido o estatuído por Oikarinen no protocolo IRC é paradigmática: concorde com as regras ou saia e monte o seu canal com o seu jeito. Isto é, submeta-se ou submeta os demais.

Tentei recuperar até aqui vários itens que entendo possuem relevância para a configuração do que chamei de **cultura do excesso**. Destaquei como concorrentes principais deste fenômeno a diluição das instituições normativas – como família, escola, território – e a fluidez que caracteriza aspectos do cotidiano dos jovens em apreço – como a alimentação, o vestuário, o lazer, a virtualidade. O esforço se explica pela força que tem a realidade do excesso enquanto reveladora da natureza das vivências e práticas encontradas no espaço de convívio do grupo SDF e nas relações que este mantém com o mundo que o cerca.

Convém notificar, portanto, que acredito que as práticas encontradas matizadas pela violência, pelo desrespeito a si próprio e ao outro encontram estofo considerável nas questões antes apontadas. Tais práticas possuem ancoragem numa certa ausência de referências até recentemente vigentes e na substituição destas pela possibilidade de perspectivas ilimitadas oferecidas por diversos contextos da atualidade. Entretanto, em decorrência da sua natureza fluida do novo parâmetro, pouco se materializa como tal ou como produtor de sentido à vida.

O que encontrei no grupo de comportamento autoritário, agressivo e violento dirigido aos seus próprios membros e às demais pessoas com as quais interagem são demonstrativos emblemáticos do que tenho trazido à discussão. O nível de risco que estão dispostos a correr nas aventuras legais e ilegais que praticam, penso encontrar explicação nas mesmas argumentações. Entendo, por fim, que o agir que caracteriza o grupo, seja na realidade *on-line* ou *off-line*, mostra-se como um recurso último à aquisição do reconhecimento diante dos pares e dos demais. Acredito que o agir abusivo observado não encontra explicação apenas numa certa ‘revolução hormonal’, num delimitado comportamento transgressor por parte daqueles que desejam criar o novo ou ainda num conflito de gerações; aspectos costumeiramente considerados característicos da fase juvenil analisada. Mais que isso: acredito que na experiência juvenil encontrada no SDF - colonizada pelo desejo dos adultos, órfã de parâmetros orientadores e diluída na ausência

de fronteiras entre o real e o virtual - custoso se mostra a demarcação de um lugar. Para esses jovens, a única maneira de ser vistos é excedendo na ação. Em qualquer campo que expressem o seu fazer.

4.2 ODV: mundo do trabalho e formação profissional como espaço de articulação identitária. “Preparar-se é manter-se acordado”

Ao qualificar este grupo em sessão anterior penso ter explicitado que o princípio orientador da mobilização dos jovens para a organização do coletivo foi a busca de ampliação do seu processo de formação universitária recebida, convencidos que estavam das lacunas que esta formação deixava. A partir dessa constatação o grupo passou a trabalhar investindo na formação dos sócios, o que acreditava repercutir num incremento profissional e melhor desempenho frente às demandas do mercado etc. Foi também orientada por esse princípio que a ODV complexificou o seu trabalho, delineando projetos e ações diversas com vista a formação de outros jovens - participantes de atividades e projetos da ONG – que se sentissem mobilizados pelos propósitos orientadores das ações desenvolvidas.

Como explicitado, também junto aos projetos desenvolvidos à época da pesquisa o caráter instrumental da formação é a tônica do trabalho grupal. A orientação maior da formação é voltada para a construção de uma carreira ou para a aquisição de experiência profissional ou ainda o treino de habilidades, qualidades e atitudes entendidas como indispensáveis ao perfil empreendedor, propositivo, este fundamental para se participar com chances da acirrada disputa junto ao mercado de trabalho. É também parte do entendimento que este perfil deve orientar a condução da vida do participante/sócio no sentido de que ele possa se destacar do meio comum em que vive e atua – para que ele possa “fazer diferença”.

Construindo um discurso onde articula idéias acerca da juventude, do papel do jovem na sociedade, das incursões que este pode dar à vida e do próprio futuro, os participantes do grupo pontuam a inserção profissional como o grande objeto da ação do coletivo que articula dentro do projeto de cada um possibilidades identitárias. O panorama geral traz a idéia do **trabalho** desempenhando papel fundamental para a articulação da constituição identitária verificada no grupo, em torno da qual se organizam os demais aspectos investigados e se concretizam os princípios que orientam a organização grupal.

Trabalho e a formação profissional são o grande eixo de estruturação da interação dos entrevistados com a realidade de cada um, implicando diretamente nas subjetividades reveladas. Em nenhum outro âmbito a discussão encetada durante a pesquisa ou contexto observado as falas e procedimentos se mostraram tão convincentes e densos de sentido como nesse. Resta-me compreender exatamente quais os sentidos, portanto, que os princípios apontados assumem para os entrevistados.

Para Antunes (1999), partidário da idéia da centralidade da categoria trabalho no processo de humanização do ser, a importância do trabalho é que este se constitui “como fonte originária, primária, de realização do ser social, *protoforma da atividade humana*, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana.”. (p. 167, grifos do autor). Isto é, o trabalho arranca o ser de sua condição primitiva, realizando o intercâmbio entre instintos humanos e a natureza, submetidos a um propósito. O trabalho também se coloca como o viabilizador de propósitos nessa interação com o meio, conferindo ao ser *status* de ser social. Esse percurso, envolvendo o ser e a natureza, modifica a ambos e complexifica essa relação cada vez que ela se materializa novamente, uma vez que é incessante e se realiza cada vez mais por um ser modificado sobre uma natureza já por ele alterada.

Nesses termos, o trabalho se verifica atendendo e concretizando uma demanda interna do ser, media o processo de reconhecimento dos instintos do agir consciente em relação à natureza, potencializando a humanização. O trabalho exterioriza o ser, dando existência no mundo das coisas e das relações a uma dimensão particular e intrínseca do ser humano: a sua vontade. Por esse percurso, o trabalho realiza o ser também conferindo-lhe existência material para além dos atributos mentais nele presentes. Pelo trabalho e, através das relações que ele engendra, o ser se projeta e se perpetua socialmente, evidenciando um “momento de interação entre subjetividade e objetividade, causalidade e teleologia, necessidade e liberdade” (Antunes, 1999, p. 145). Assim, a subjetividade se concretiza nos processos e na própria produção final, pois construir a produção num complexo relacional é construir o ser. Esse é um dos sentidos que o trabalho pode assumir enquanto intermediário da relação das pessoas com o mundo.

Por outro lado, e ainda de acordo com o mesmo autor, o trabalho pode adquirir um significado diverso desse apresentado até aqui, quando se constitui numa demanda externa, produzindo valores de troca destinados ao mercado e em *ultima ratio* com vista à reprodução do capital. Trata-se do trabalho assalariado, rotinizado, apartado da

cotidianidade do trabalhador que passou a gerir o tempo e a vida dos trabalhadores, retirando-lhes a possibilidade da auto-determinação.

O trabalho submetido à relação mercantil, à lógica de valorização e reprodução do capital e que, efetivamente constrói essa perspectiva de organização do mundo e da vida, destrói o ser naquilo que lhe é um constituinte básico, que é a liberdade. A ausência de possibilidade de escolha aparta o sujeito de uma existência genuína e o dispersa subjugada e aleatoriamente por uma cadeia produtiva sob a qual ele não tem qualquer controle, nem sobre os processos realizados, muito menos sobre as finalidades adotadas.

Especialmente nos depoimentos adquiridos duas questões se colocam a esse respeito. A primeira é quanto ao sentido que os entrevistados dão ao trabalho em suas vidas. À primeira vista o trabalho se coloca para os membros da Oficina assim como Antunes o qualifica no primeiro momento: produto da auto-determinação do ser, produtor de sentido, realizador de uma subjetividade. Dizer que o trabalho é **tudo**, é a **auto-realização** e é **fundamental** possivelmente pudesse indicar exatamente o que as palavras utilizadas supostamente anunciam. Entretanto, as falas dos jovens anunciam magistralmente as circunstâncias às quais se submete a perspectiva de trabalho de cada uma: **começo de vida profissional, especialização, aquisição de uma profissão**. Quando atentam para qualificar como o trabalho se materializa em suas vidas, as pessoas entrevistadas delineiam tanto uma concepção instrumental, reificada do trabalho quanto revelam as atuais condições em que experimentam nas suas relações de trabalho. Marta é o membro de maior idade no grupo, independente financeiramente e já participando há algum tempo do mercado, não obstante suas circunstâncias de trabalho a fazem sentir-se começando, exatamente como milhares de trabalhadores se colocam hoje: num eterno recomeçar diante de cada fim de contrato temporário de trabalho.

É possível, nesse sentido, apontar uma segunda questão levantada pela pesquisa: as condições em que se verifica o trabalho hoje, pensado e realizado apenas a partir da demanda de mercado, de produção de valores de troca, as quais o colocam na vida das pessoas mais como subjugação do que como libertação do ser.

O processo de reestruturação produtiva que hoje sacode o capitalismo busca superar a crise que se instalou no seio deste modo de produção a partir da década de 70; no Brasil, mais especificamente a partir da década seguinte. O foco principal é a alteração da

idéia de trabalho como assentada no fordismo¹⁰⁰, modelo que até então pautava a realidade produtiva no mundo capitalista. As profundas inovações tecnológicas e científicas adentraram o mundo das fábricas interferindo diretamente sobre os novos modelos de gestão e produção vigentes, ocasionando o surgimento de processos produtivos novos, como o toyotismo, o *just in time* e o *kamban*¹⁰¹. O avanço da telemática efetuou um rompimento com as expectativas de tempo e espaço que até então ofereciam parâmetros também ao comércio internacional, propiciando aproximação dos centros produtivos e imprimindo aos mercados de capitais agilidade até então desconhecida. Aliada à telemática, a predominante automação e flexibilização do processo produtivo provocou a integração dos mercados internacionais, desfazendo também os conceitos de fronteiras e Estados Nacionais, configurando aquilo que ficou conhecido como globalização da economia.

Essas novas realidades têm gerado importantes desdobramentos para o mundo do trabalho e para os trabalhadores em particular. Deparamo-nos com relações trabalhistas flexibilizadas, fragmentadas e precarizadas, uma vez que assentado sob os novos processos produtivos adotados. O capitalismo passou a requerer cada vez mais mão de obra super qualificada, prestada sob condições contratuais não estáveis e cumprindo turnos e sistemáticas descontínuas. As novas condições impostas têm gerado a dispensa massiva e permanente de trabalhadores, seja pelo fato de grandes parcelas não possuírem a qualificação requerida diante de processos volatilizados pela demanda do mercado, seja pelos ajustes de várias naturezas que têm lugar entre as empresas pelo mundo afora. As vendas sumárias, aberturas de capitais, contrações, enxugamentos, terceirizações etc., são formas diversas de extinção de postos de trabalho até então existentes.

Dos trabalhadores que, de algum modo, permanecem ocupados no mercado de trabalho, temos hoje uma crescente quantidade de trabalhadores temporários, *part-time*, precários que prestam suas jornadas de trabalho sem mais dispor de quaisquer garantias

¹⁰⁰ Modelo assentado na instalação de grandes parques fabris, onde se desenvolviam todas as etapas do processo produtivo. Com presença marcante de maquinaria, especialmente das esteiras suspensas rolantes, o ambiente de trabalho no fordismo era marcado pela mecanização das ações e a produção em massa. Também são características do fordismo o valor dado à disciplina fabril e o controle exercido sobre o tempo ocioso dos trabalhadores, objetivando aumentar a produtividade.

¹⁰¹ Diante das condições de produção experimentadas pelo Japão após a Segunda Guerra, no tocante ao mercado consumidor, matéria prima, mão de obra especializada e capital disponível para investimentos, este país concebeu e desenvolveu processos produtivos novos que viriam a se instalar por todo o mundo a partir da década de 80, participando diretamente das estratégias de reestruturação produtiva. O toyotismo tem por características básicas a adoção de automação flexível, utilizável em diferentes linhas de produção; mão de obra multifuncional e a adoção de programas de qualidade total. Essa concepção de processo produtivo permite a produção de uma linha variada de produtos a partir uma mesma célula produtiva. O *just in time* refere-se à sistemática de disponibilização de recursos, mão de obra e equipamentos apenas na

quanto a direitos trabalhistas e rotinas de trabalho. É requerido do trabalhador uma nova postura diante da produção, onde o mesmo é chamado não apenas a atuar na geração do produto propriamente dito, mas a responsabilizar-se pela gestão e supervisão do processo produtivo, incrementando a presença do trabalho imaterial no processo produtivo. O trabalho imaterial realiza, portanto, a interface entre o sujeito e o processo produtivo com o qual se relaciona; estando esse sujeito freqüentemente obrigado a analisar, sugerir, decidir o percurso diante das circunstâncias contingentes com as quais lida no dia-a-dia do trabalho e sempre necessitando se colocar na condição de aprendiz de novas técnicas, novos procedimentos, novas habilidades que lhe são demandadas.

Entendendo o trabalhador como beneficiário do processo, a ele os entrevistados atribuem as responsabilidades pelo desempenho e pelos resultados que podem atingir – ou não - a partir do seu próprio desempenho, isentando a empresa. Além disso, ao explicitar as condições materiais de inserção do sujeito no processo produtivo, os jovens do grupo ODV elaboram uma certa análise positiva acerca das mesmas, como se engendrassem um ambiente de vantagens para o trabalhador. Foge das suas considerações que o foco empresarial é o **produto** e não as **pessoas** que os consomem e que as premiações, estímulos e apostas no trabalhador são apenas **recompensas residuais de manobras produtivas** que objetivam, ao fim, uma inserção diferenciada no mercado e determinada meta de lucratividade e não a satisfação do trabalhador. Os depoimentos se abstêm de considerar mais detidamente e perceber os desdobramentos da própria opinião que a ODV adota acerca da chamada ‘responsabilidade social’ das empresas, apresentada no seu *site*, que relaciona claramente os objetivos empresariais perseguidos com a política que adotam:

Constata-se uma crescente participação e investimentos privados em projetos e programas sociais. A responsabilidade social empresarial não é mais vista como uma atividade filantrópica, mas como um INVESTIMENTO, entrando na gestão de grandes empresas como um VALOR ESTRATÉGICO. Pesquisas demonstram que através do MARKETING SOCIAL e do endomarketing, a participação empresarial-cidadã traz os seguintes BENEFÍCIOS:

- Valorização da imagem institucional e marca dos produtos;
- Maior fidelidade do consumidor;
- Aumento da produtividade e lealdade dos funcionários engajados em atividades sociais;
- Maior flexibilidade e capacidade de adaptação da empresa, acarretando em sua maior longevidade.

(<http://www.oficinadavida.com.br>, grifos do autor).

Ao desconsiderar tantos aspectos reveladores do mundo do trabalho, o que se explicita na concepção do grupo é uma constatação do trabalho como um processo de estranhamento do sujeito de si mesmo, processo esse instalado a partir das demandas externas da reestruturação do processo produtivo. É um trabalho contingente, precarizado, fragmentado e de alto risco para o trabalhador, que busca desesperadamente enfrentá-los lançando mão do trabalho imaterial e colocando-se a responsabilidade de imprimir criatividade, dinamismo, iniciativa na ação desenvolvida para que ele ‘vença a corrida’. É a construção de uma subjetividade reificada pelas necessidades que não são suas, mas da produção. O envolvimento do sujeito sob essa ótica gera uma subjetividade inautêntica, nos termos que analisa Antunes:

a necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor. Mas sendo o consumo parte estruturante do sistema produtivo do capital, é evidente que defender o consumidor e sua satisfação é condição necessária para preservar a própria empresa. Mais complexificada, a aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as **personificações do trabalho** devem se converter ainda mais em **personificações do capital**. Se assim não o fizerem, se não demonstrarem essas “aptidões”, (“vontade”, “disposição” e “desejo”), trabalhadores serão substituídos por outros que demonstrem “perfil” e “atributos” para aceitar esses “novos desafios”. (p. 130, grifos do autor).

As idéias, a criação advindas dos trabalhadores não são frutos da sua liberdade de interação com o meio, mas são submetidas à demanda contextual do capital, às suas necessidades momentâneas ou futuras. Obedecem ao critério da viabilidade e das vantagens que podem – de fato – gerar. Submetem-se à possibilidade de serem incorporadas, ou enquanto inteligência artificial, às máquinas; ou enquanto trabalho abstrato, às demais equipes. Parte da inteligência, da criatividade do trabalhador é massificada, reproduzida em série, automatizada. Nesse caso, a subjetividade do trabalhador é reificada na qualidade das equipes e habilidades das próprias máquinas, distanciando-se “do exercício de uma cotidianidade autêntica e auto-determinada”, resumizando o que o autor chama de estranhamento da subjetividade. (p.131).

Nesse ambiente de profundas incertezas, onde calcular o risco do mundo do trabalho traz embutido um percentual cada vez maior de contingência, cabe àqueles que vivem do trabalho a assunção da maior parte dos riscos da produção os quais se espriam

num panorama que inclui desde a formação propriamente dita do trabalhador e a sua empregabilidade, até os resultados que a empresa possa adquirir com o seu desempenho no mercado. Ao trabalhador compete a sua regulação por inteiro – e não mais à empresa. Não é mais ela que testa e atesta os requisitos como funcionais às suas finalidades. É a mão de obra em oferta que tem de convencer que é criativa, esforçada, qualificada mais que bastante, capaz de imprimir o diferencial buscado pela empresa e - em *ultima ratio* – é capaz de **propor** diferenciais nos quais a empresa **ainda nem pensou**, tornando a sua admissão algo finalmente interessante. Portanto, estar habilitado para convencer que cada um é a melhor opção para o capital é um requisito básico nesta corrida, uma vez que as empresas não se envolvem mais com esta atividade-meio da produção. Bauman se pergunta: **“Com o esforço do trabalho transformado numa luta diária pela sobrevivência, quem precisa de supervisores? Com os empregados açoitados por seu próprio horror à insegurança endêmica, quem precisa de gerentes para estalar o açoite?”** (2003, p. 116, grifos meus).

Do ponto de vista do Estado, o desprezo se materializa de modo semelhante. A responsabilidade social assumida diante dos trabalhadores - especialmente após a Segunda Guerra –, vem sofrendo um paulatino desmanche em todos os pontos do planeta. Ao que assistimos com a reestruturação produtiva é a adoção da perspectiva política neoliberal propugnando a disciplina fiscal, priorização de gastos públicos, reforma tributária, liberalização financeira e comercial, privatizações etc, tomadas como bases de desenvolvimento e implicando basicamente na redução radical de investimentos públicos para proteção daqueles que não encontram lugar no mercado e, conseqüentemente, não conseguem responsabilizar-se por sua sobrevivência. O Estado assume mais do que nunca um papel residual e de descompromisso para com os direitos dos trabalhadores e demais segmentos sociais, como os jovens, abdicando do papel de fiador do convívio social e regulador das relações de trabalho. Como vimos antes, o controle amiúde da vida do trabalhador é assumido por ele mesmo, em circunstâncias cada vez mais cruciais.

No caso do Brasil, atualmente vivenciando a realidade da desregulamentação, ainda encontramos os resquícios da proteção jurídica construída a partir de 1930, atacados cotidianamente pela nova realidade do risco.

Sem garantia mais sólida advinda do mercado e perdendo a proteção mínima que lhe garantia o Estado, sem a firmeza mínima das demais instituições regulatórias da vida em sociedade, o quadro apresentado, ao contrário de implicar uma situação de autonomia do trabalhador, significa um abandono absoluto à sua própria sorte.

Normalmente coloca-o diante das alternativas da competição desmedida, da corrida sem porto de chegada **ou** do entorpecimento, da sensação de impotência, do fracasso. As conseqüências chegam na forma de desconfiança, de frustração, da sensação de não ser bom o bastante, do isolamento, da depressão (Cohen e Ehrenberg, apud BAUMAN, 2003), dentre outras doenças tão presentes no espectro nosológico desses tempos atuais que desagregam o ser. Assim se verificam porque as incertezas a que os trabalhadores estão submetidos os remete cada vez mais à individualização. Não saber qual será o próximo golpe desferido, de onde e como virá coloca a todos em alerta máximo *full time* em busca de salvar a própria pele. É refletindo sobre essas circunstâncias que Bauman (2001, p. 170) sentencia:

Os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa “causa comum”, não têm endereço específico, e muito menos óbvio. Isso priva as posições de solidariedade de seus status antigo de táticas racionais e sugere uma estratégia de vida muito diferente da que levou ao estabelecimento das organizações militantes em defesa da classe trabalhadora. (grifos do autor).

Se antes existia toda uma categoria organizada dentro do processo produtivo com a função exclusiva de decidir, de controlar o trabalho e os trabalhadores, toda uma rede panóptica responsável pelos bons termos da vida e da produção, na atualidade o que assistimos é uma junção do fazer e do fiscalizar, do auto-fiscalizar-se; do trabalho material e imaterial. Mas que não se confunda isso com a liberdade irrestrita aportando às vidas, pelo contrário. Ao implicar numa pulverização do processo decisório imediato, concorrendo para a exigência da qualificação crescente da força de trabalho e implicando numa redução drástica dos postos de trabalho anteriormente existentes, as novas condições imprimem uma nova regulamentação. Reduzir, flexibilizar, sanear, agilizar, descentralizar, desregulamentar, entre outros, são os verbos preferidos desses novos tempos, porém num sentido vetorial prioritário. Pensando essa complexa realidade, Bauman diz que:

A ‘desregulamentação’ é demandada porque os poderosos não querem ser ‘regulados’ – ter sua liberdade de escolha limitada e sua liberdade de movimento restrita; mas também (talvez principalmente) porque *já não estão interessados em regular os outros*. O serviço e o policiamento da ordem viraram uma batata quente alegremente descartada pelos que são suficientemente fortes para livrar-se da incômoda sucata, entregando-a de pronto aos que estão mais abaixo da hierarquia e são fracos demais para recusar o presente venenoso. (2003, p. 42, grifos do autor)

Não obstante, o controle e a dominação continuam sendo exercidos, só que não mais pela presença ostensiva do chefe, do gerente. A dominação que existe hoje – época do tempo e da vida flexibilizados - ocorre pelo corrosivo grau de incerteza plena que tem o trabalhador acerca do próximo passo daqueles que decidem, de fato, o seu destino. Essa rotina neurotizante se estabelece sem nenhum grande acontecimento, sem grandes ‘catástrofes’, mas é assumida como desdobramento esperado de processos ‘naturais’. (SENNETT, 2005).

Para o capital, a nova estratégia se materializa livre de qualquer custo; para o trabalhador ela gera um nível de fragilidade, impotência e desagregação jamais vistos. E o que é pior: uma vez imersos num complexo enredamento desenvolvem a ilusão de que seguir assumindo cada vez mais radicalmente e ‘competentemente’, habilitar-se a ‘superar’ todos os riscos é a chave para sobressair-se e colocar-se como sujeito do processo. Eis o moto-contínuo da nova dominação.

Tendo em vista a centralidade que a questão do trabalho assume nas vidas e na potencialidade de revelação – ou não – do sujeito; constituindo-se num espaço de formulação de respostas para as perguntas que grande parcela de jovens se coloca acerca de si e do mundo, penso que algumas questões tornam-se inevitáveis àqueles que se relacionam com o universo juvenil de uma perspectiva emancipatória: como tornar clara a dominação que tem lugar na vida juvenil a partir da relação de trabalho? Que recursos e processos educativos/pedagógicos podem incentivar a descoberta – pelos jovens – da estratégia sistêmica dos grupos funcionais de tornar cada um deles um trabalhador adequado, frágil e impotente? Que alternativas se colocam para os jovens no mundo do trabalho com potencialidade de constituição de subjetividades autênticas?

Como trabalhadores já partícipes do novo contexto de reestruturação produtiva e buscando desvendar os caminhos de constituição de uma carreira, de uma alocação no mercado sob os parâmetros já explicitados, é que os entrevistados da Oficina da Vida contextualizaram suas realidades, de um ponto de vista ratificador da nova realidade do trabalho e do processo produtivo através de um ajustamento dado pela compreensão da sua funcionalidade, pela auto-determinação como requisito para enfrentar a concorrência, pelo envolvimento em redes de relacionamentos adquiridos como um capital social (Bourdieu, 1998) que garanta a produtividade do trabalho e da permanência funcional.

Nos depoimentos dos jovens da ODV encontramos a configuração clara das novas condições de gerência do capital. O mais curioso é que as conquistas e outorgas que

ainda permanecem conferindo alguma proteção ao trabalhador são interpretadas na análise da ODV como inadequadas e contraproducentes à realidade empresarial da atualidade. Os depoimentos demandam uma desregulamentação ainda mais rígida do que a que vem tendo lugar no Brasil e no mundo a qual já expõe os trabalhadores a condições inteiramente vulneráveis. De um modo geral a ODV se coloca incorporando a precarização das relações de trabalho como um processo natural, projetando-se no futuro em função das necessidades criadas por esta realidade. Vêm como ‘oportunidades’, como uma condição positiva ao trabalhador, mesmo quando o acelerado e desregrado processo atinge os últimos pontos de resistência do trabalhador que são poucos direitos ainda garantidos pela lei.

Não obstante a posição assumida de defesa e justificativa dos atuais parâmetros de relações do mundo do trabalho, os depoimentos e vivências dos jovens também explicitam a precariedade das relações em que estão envolvidos. Os membros da ODV descrevem um percurso árduo e infundo rumo à aquisição do posto de trabalho, rumo a algum diferencial que os habilite à conquista de um lugar. Ir atrás, ir atrás... autoformar-se, conhecer pessoas, ser propositivo, ser flexível, ser polivalente, ter atitude, ter foco, apresentar-se bem, falar corretamente, estar disposto a servir, a competir, a arriscar, a recomeçar, priorizar a carreira diante de qualquer outro aspecto da vida é a política básica a ser implementada na formação para uma carreira, para o mercado, para a superação. Nada basta, há sempre um além a cumprir, como um trabalho se Sísifo que jamais se completa.

Todas as ações propostas são conjugadas em primeira pessoa. As reflexões apresentadas pelos entrevistados são demonstrativas da profunda e radical responsabilização do indivíduo¹⁰² como maestro e músico solitário da sua narrativa. São demonstrativas do quanto os entrevistados assumem cabalmente tais responsabilidades enquanto verdadeiramente a apenas suas, evidenciando o quanto se colocam fora de cena o

¹⁰² A reflexão acerca da responsabilidade individual que aparece no discurso dos sócios mostra-se ainda mais radical quando tratam do papel da tecnologia na atualidade da vida. Além de encará-la como um instrumento manipulável que se presta à viabilização do trabalho, compreendem que o uso da mesma é inteiramente demarcado pelo indivíduo, olvidando a interferência ativa que a mesma possui hoje sobre as rotinas e as escolhas de vida que cada ser pode fazer no seu cotidiano. Caio e Ana ilustram o pensamento majoritário acerca do que aponto:

“Eu acho que depende da pessoa também. Não dá pra gente ficar dizendo, olha: tem que ser assim, tem que ser assado. Eu acho que cada um decide um pouco o que quer fazer, o que não quer fazer. A internet tem de tudo; tu procura o que tu quer. Não sou eu que vai lá dizer: olhem ou não olhem.... Televisão é a mesma coisa. Tem novelas? Assiste se quiser. Tem... tem jornais? Assista se quiser”. (Em entrevista, em 13/06/04).

“É... então depende muito como se usa essa tecnologia, e se tu que realmente usa ela pra ter vantagem, pra ter... a vantagem que eu digo assim, pro teu trabalho, pro teu conforto. Eu uso ela pra conseguir de repente atingir aquele escopo que eu tô precisando sei lá, no trabalho... Então através da tecnologia eu consigo, entendeu? Se tu usa tecnologia somente porque a tecnologia hoje tá dominando, e é só isso que eu vejo, então, eu acho que aí tu...” (Em entrevista, em 13/06/04).

capital e o Estado quanto aos riscos implicados na produção. Também não levam em conta na argumentação o quanto das necessidades apresentadas é estranha à sua condição de sujeito e às suas demandas internas, reduzindo-os à condição de indivíduos à mercê de regras sobre as quais não têm controle.

Ao se pensarem e se colocarem unicamente em função do que está posto o que fica ressaltado nos discursos e práticas é a aceitação sumária da imediaticidade do *status quo*. Essa realidade redundante na abdicação das aspirações relativas à autodeterminação do ser, incorporando como suas as vontades externas, perdendo a sua real autenticidade e concretizando a dominação do sujeito pela lógica de reprodução do capital (ANTUNES, 1999).

Outra questão importante se sobressai de todos os percursos que os entrevistados enumeram e que os propósitos gerais da ODV apontam como indispensáveis à formação e à conquista dos objetivos profissionais. Trata-se da visível e tranqüila transição que fazem entre o racional, o formal, o institucional e a mera pessoalidade das relações entre os conhecidos. Todo um processo de qualificação adquirido pelas instâncias habilitadas para tanto, todo o preparo adquirido a partir de propósitos profissionais claramente traçados; toda a competência adquirida e a convicção pessoal de que se está no caminho certo – que são os gigantes desse modo de proceder – se apequenam e se tornam insuficientes frente às contingências do real. É imprescindível ‘conhecer a pessoa certa’, ‘relacionar-se bem’, ‘servir aos doutores’, como dizem os entrevistados. Revelam, na verdade, a fraqueza do próprio discurso instrumental que adotam acerca da eficácia e eficiência dos códigos e posturas institucionais que dominam os discursos, especialmente quando tratam do mundo do trabalho.

É igualmente observável pelas informações coletadas que a dominação exercida sobre o trabalho não se restringe ao âmbito da produção. Também o tempo livre é explorado do ponto de vista da acumulação quando deixa de ser auto-determinado e se materializa em espaço de interferência direta do capital. Se o tempo disponível pode ser compreendido como aquele dedicado às atividades laborativas - produtos da liberdade do sujeito, colocadas fora da relação mercantil, fora das atividades de consumo propriamente ditas - a utilização do mesmo dentro da lógica funcional de reprodução do capital o descaracterizaria enquanto espaço de atuação subjetiva autêntica. No caso do grupo, isso ocorre quando esse tempo mostra-se largamente utilizado enquanto espaço de reorganização da força de trabalho do ponto de vista das necessidades da atual reestruturação do capital: a qualificação, o aperfeiçoamento, o trabalho voluntário enquanto

estratégia de incremento curricular; a música como instrumento de preparo para atividades profissionais etc. – “o lazer é aqui”, segundo se refere um dos jovens.

O exposto acima revela o quanto as novas condições responsabilizam o trabalhador pelos riscos da produção implicando, por exemplo, que a alta demanda em relação à qualificação seja efetivada, quando possível, utilizando-se o tempo livre do trabalhador, inclusive no seu ambiente doméstico. A demanda do capital ultrapassa as fronteiras fabris e não mais precisa controlar a vida do trabalhador sob seu custo e preocupação. É o próprio trabalhador que é impelido para a corrida sem ponto de chegada, buscando um lugar onde possa reconstituir-se enquanto tal. Desse ponto de vista, temos não apenas o tempo de trabalho, mas também o tempo livre objetificado como lugar de controle do capital, deixando de gerar existências livres e providas de sentido. Ambos – tempo de trabalho e tempo livre – inviabilizando a constituição de uma subjetividade autêntica, como assinala Antunes, 1999: “O capital, regulado pelo valor de troca, pelos cálculos dos lucros e pela acumulação do capital, tende a dissolver e a destruir todo valor qualitativo: valores de uso, valores éticos, relações humanas, sentimentos. O ter substitui o ser...” (p. 180).

O domínio das emoções, do lazer, do pessoal, em nome do trabalho instrumental e da formação para o mesmo constitui um processo de conformação racional da vida do trabalhador que traça e engessa os percursos da ação humana ao binômio meios-fins. Reduzidos à objetificação embotam o experimento e a consciência de outras realidades que se furtam ao controle do previsível. Outras experiências que confirmam ao ser social a sua inegável multiplicidade, a sua expressão para além do fetiche que lhe é oferecido em troca.

Encontramos registrado nos depoimentos a agudeza da situação a qual sobrevivem: não importa desempenhar um trabalho útil ao público atendido, não importa considerar-se realizando algo interessante, que confira sentido à relação que desenvolvem com o mundo. Sequer basta a imposição de um salário diminuto. A realidade do capital exige mais: exige adequação de sentimentos, de *ethos*, de perspectiva do ser – o ser deve realizar-se no espaço da funcionalidade ao capital. Como assinala Bauman (2003, p. 116), “as empresas de hoje pagam aos empregados o tempo que trabalham para elas, mas demandam toda sua capacidade, sua vida inteira e toda sua personalidade.”.

Às vezes por se atribuírem profunda responsabilidade pelos acontecimentos que verdadeiramente não controlam, por assumirem individualmente o ‘fracasso’, os jovens da ODV também assumem a culpa pelas demissões que eventualmente sofrem. Outros se imputam a mais radical das penas quando dão a entender que para ter um bom desempenho

no mercado precisam deixar de ser eles mesmos. Para “não perder nada”, como se referiu Caio - um dos entrevistados - precisam perder-se a si próprios. Como assinala Antunes, numa aguda percepção da realidade acima descrita: a lógica que estrutura e constrói o capital, desestrutura e destrói o ser (1999), ou como argumenta Bauman (2003, p. 129):

A insegurança afeta a todos nós, imersos que estamos num mundo fluido e imprevisível de desregulamentação, flexibilidade, competitividade e incerteza, mas **cada um de nós sofre a ansiedade por conta própria**, como problema privado, como resultado de falhas pessoais e como desafio (...) à nossa agilidade.

Possivelmente os enfrentamentos das cruciais flutuações do mundo pelos quais passa o grupo analisado – do mundo do trabalho em particular – com todas as repercussões abordadas, indique um entendimento para o dado encontrado acerca do alto gasto dos respondentes dos questionários da ODV com os suportes de natureza psicológica e similares. Encontrar-se passa a ser uma empreitada apartada do fazer, da cotidianidade da vida e da estrutura social no qual o ser está envolvido. As relações, o coletivo, o institucional já não oferecem lastro e a busca da segurança para a interação com o mundo passa a ser feita junto a um corpo profissional específico que articula respostas e saídas para os labirintos do ser. O percurso de encontro consigo próprio passa, enfim, a ser mais um produto, disponibilizado por um *expert* e passível de compra.

Giddens (1991) aponta que com o desmantelamento dos sistemas tradicionais e as perdas de garantias que isso significou, a confiança no mundo ao seu redor, necessária à estabilidade do sujeito, foi profundamente abalada. Além disso, a expansão do conhecimento em todos os âmbitos - com o avançar da ciência e da técnica – imprimiu inédita complexidade à realidade cotidiana das pessoas, tirando delas em definitivo a possibilidade de absorção do real em seus mais diversos significados. O comportamento reflexivo que se originou desse contexto resultou na constituição dos sistemas abstratos, de peritos, que se apresentam em diversos âmbitos da vida em sociedade em substituição às garantias antes existentes e para suprir as impossibilidades e a ignorância das pessoas em relação ao todo complexo no qual suas vidas estão contidas. Esses sistemas, a partir da legitimação institucional dos seus discursos e práticas, estabelecem com as pessoas um novo parâmetro de confiança, que responderá no contexto moderno pela estabilidade do ser e da vida em sociedade, estabelecendo o que este autor em tela chama de “compromissos

sem rosto”¹⁰³ (p. 91). Tais compromissos de algum modo se destacam como apropriados num contexto complexo em detrimento dos “compromissos com rostos” que implicam atestados de integridade no contexto das relações.

Mutatis mutandis, acredito que o pensamento de Giddens também se constrói colaborando para o entendimento da situação do grupo em estudo para além da aparência. O aprofundamento da complexidade das relações sociais brasileiras - e dos ambientes em que elas se verificam – desnudam uma realidade de desagregação dos padrões tradicionais de convivência, como vimos. No seu lugar avançam sistemas impessoais de mediação, que podemos entender como os sistemas de perito a que se refere Giddens¹⁰⁴. No campo da vida, muitas áreas do saber foram descobertas e/ou aprofundadas, sendo posteriormente organizadas num estatuto profissional, ganhando toda uma estrutura institucional que lhes dão suporte na sua relação com o mundo. Vários discursos de decodificação do comportamento individual e social foram engendrados, bem como delineadas as mais diversas estratégias de abordagem da vida de cada indivíduo e da sociedade como um todo, nos seus incontáveis aspectos.

Desse modo, é possível depreender que a realidade analisada por Giddens aparece com força neste grupo, caracterizando-o como um coletivo que, neste aspecto, exhibe um forte componente moderno na sua forma de proceder com a vida e o mundo, uma vez que mostra abandonar os mecanismos tradicionais e antigas referências - o círculo de amizades e a família – em favor do apoio especializado, devolvendo mais uma vez ao indivíduo a responsabilidade das escolhas a fazer e implementar no seu percurso solitário – com todos os riscos, temores e inseguranças que isso significa.

A resistência velada ou explícita oferecida por parte dos trabalhadores à rotina despersonalizante que o trabalho assalariado impõe e continua impondo é interpretada nas falas de alguns membros do grupo como indolência, acomodação, inadaptação do trabalhador. As impressões que expõem resgatam as idéias negativas pelas quais o capital tem qualificado a inserção do trabalhador no processo produtivo desde o surgimento do

¹⁰³ Nesse momento de radicalidade dos parâmetros modernos de vida encontramos essa confiança abalada em relação a vários âmbitos da vida, o que coloca as pessoas novamente numa situação de fragilidade quanto à segurança da vida em sociedade, engendrando uma série de conseqüências para o cotidiano de cada indivíduo.

¹⁰⁴ No Brasil esta realidade tornou-se mais flagrante a partir da década de 80, principalmente no âmbito das relações Estado/Sociedade, mas não apenas - a profusão de iniciativas legais que objetivam requalificar a pessoa enquanto cidadão e enquanto consumidor. As pessoas foram habilitadas a lidar, por exemplo, com o Código de Defesa do Consumidor e todas as instituições – públicas e privadas – que surgiram dessa nova conjuntura; com Agências das mais diversas espécies que passaram a regular, em tese, a prestação de vários serviços públicos, entre muitos outros exemplos.

capitalismo. As dificuldades e insatisfações originadas pela nova forma de inserção do trabalhador assim ocorrem porque o trabalhador não estaria suficientemente qualificado, dedicado, comprometido. Entretanto, as próprias elaborações oferecidas pelos jovens da ODV explicitam muitos indícios do quanto este processo se verifica fora da gestão do trabalho e do quanto o próprio trabalhador foi dele ‘estranhado’.

Com o advento do capitalismo uma das questões que marcou profundamente a sua diferença em relação às condições anteriores de produção foi a separação dos ambientes de trabalho e de moradia, do lar. Esse fenômeno acarretou uma série de outras mudanças que muito interfeririam na vida do trabalhador, no seu envolvimento com a produção e o resultado dela. Os ofícios foram substituídos pelas fábricas; o ambiente familiar pelo impessoal; os mestres pelos chefes; as relações de cooperação, pelas relações de vigilância, a observância hierárquica fundada no respeito e experiência pela mera disciplina fabril burocrática e, por fim, o produto acabado no tempo do artesão e da natureza pela peça finalizada no tempo do cronômetro e da esteira rolante. Todo um complexo de relações que se verificava conferia ‘um lugar’ social ao trabalhador, no qual o produto do seu trabalho contribuía para o seu reconhecimento diante dos demais e de si próprio. Trabalho, trabalhador e produto se unificavam num processo de constituição subjetiva onde também estavam presentes as relações comunitárias, confirmadas e confirmando as subjetividades e o valor de trabalho. O trabalho nesse contexto possui e confere sentido à vida do trabalhador e lhe traduz como parte ativa do processo produtivo.

No contexto investigado, como largamente assinalam os depoimentos, o esforço do trabalhador assalariado e o produto final atingido – seja ele qual for - devem ter por objetivo atender à demanda de um **chefe sem rosto**, ser bem avaliado por ele, pois “**ele não precisa tá ali contigo**, mas ele com certeza, **chegou lá em cima**, ele tem uma empresa, com certeza **ele sabe diferenciar**” – e que submete o trabalho e o trabalhador a uma situação de vigilância e de exploração excessiva. O produto gerado é ‘perdido’ de si, pois o trabalhador não consegue abarcar todo o processo produtivo, sequer o resultado final do seu trabalho. Muito menos interage com o usuário final daquilo que faz. É um processo alienante, desvinculado de sua realidade de vida, que não gera sentido e, conseqüentemente, não estabelece relações de reconhecimento do sujeito para além da funcionalidade para o capital. Essas são as razões maiores pelas quais o trabalho assalariado não mobiliza o interesse e envolvimento do trabalhador, se tornando no geral uma rotina de insatisfação, sacrifícios e adoecimento. Não é estranho que este tipo de trabalho seja rejeitado de diversas modos, como num processo de resistência à desagregação última do sujeito. Essa

resistência possível foi e é interpretada ao longo da história como características negativas do mundo do trabalho, imputadas ao trabalhador como pechas morais.

Em tempos de reestruturação produtiva - movida pelo efêmero, pelo descartável, pela corrida ao novo, pelo consumismo e acumulação sem precedentes - as contingências do trabalho atingiram o seu ápice, ficando claro que as condições objetivas e todos os valores que orientam as práticas no mundo do trabalho não são recomendáveis para a condução da vida (SENNETT, 2005). Flexibilidade, curto prazo, regras provisórias, efemeridades de equipes, processos e postos de trabalho, entre muitos outros, são estatutos voláteis que não contribuem para a fixação de relação de confiança, lealdade, laços afetivos mínimos, de compromisso com o outro – indispensáveis para a elaboração de um senso de identidade. Constituir relações, estabelecer dependências mútuas, gozar de reconhecimento dos pares, viver coletivamente requerem compromissos para além do instante, do fluido, do descartável e do individual.

4.3. ARRASTA ILHA: novos afetos, outras políticas

Os novos rumos que vêm sendo tomados pelo mundo no último lustro têm exercido radical influência no modo como vivemos hoje, especialmente sobre as possibilidades da ação política como até então concebida. As transformações ocorridas no modo de produção capitalista¹⁰⁵ e na sociedade como um todo têm alavancado como entes de poder global alguns agentes do capital financeiro transnacional, retirando a ação política da cena enquanto instrumento e arena de negociação e gestão de interesses relativos ao espaço público. Com vistas à conquista dos seus propósitos econômico-financeiros, o capital têm imposto em todos os quadrantes do planeta a prática hegemônica da desregulamentação generalizada – de mercados e política - implicando no completo enfraquecimento das instituições nacionais que norteavam as pautas políticas locais e as sociabilidades como um todo (BAUMAN, 2000).

A fusão dos blocos econômicos e a globalização dos mercados extensiva a todo o processo produtivo – como já apontado – apagou os contornos de cada território nacional, retirando do Estado-Nação as prerrogativas de ente organizador e administrador dos processos políticos verificados em determinado território, do modo como isso se lhes apresentava possível em seus contextos históricos. Tal conjuntura tem se desdobrado num

¹⁰⁵ A respeito deste tópico ver especialmente a seção inicial do Cap. 2 deste trabalho.

sem número de dificuldades para a vida nacional, seja quanto às possibilidades reais de efetivação dos programas governamentais, seja quanto à autonomia dos processos políticos próprios de cada país. Normalmente a liberdade que o capital requer para flutuar sobre os países sem experimentar nenhum tipo de óbice implica na prisão e impossibilidade dos Estados nacionais em demarcar limites às suas investidas em cada lugar.

Para Bauman (2000) esta situação se complica à medida que o capital transnacional não objetiva instituir nenhum tipo de ordem em particular, não objetiva substituir parâmetros que desmantela. A única e cabal demanda que faz é a da desregulamentação absoluta que abre espaço para os poderes globais do capital. Assim, no lugar de regras, instituições e associações gerais que porventura orientem a vida, surge o que ele chama de “economia política da incerteza” a qual corrói toda e qualquer segurança conformada nos antigos modelos de organização:

“a incerteza endêmica de alto a baixo é um substituto limpo, barato e altamente eficaz da regulamentação normativa, da censura e da vigilância. Só a liberdade, na sua versão de mercado, pode ter a completa confiança para produzir toda a conduta humana necessária ao funcionamento normal da economia global” (Bauman, 2002. p. 177).

Nesse contexto a prática política encontra-se também submetida. A democracia liberal representativa – modelo político hegemônico sob o qual se estrutura e é governada atualmente a maioria dos países – tal como experienciada hoje mostra-se impossibilitada de levar a termo possíveis compromissos locais, tendo em vista a profunda articulação de interesses que inviabiliza a distinção entre o interno e o externo. Isto posto para além das suas próprias limitações de *per se* que podem ser potencializadas pelas realidades particulares de cada experiência.¹⁰⁶ Nesse contexto onde vige a transnacionalidade a democracia foi também em muito afetada pela desestruturação da social-democracia européia, sofrendo influências até do desmantelamento dos projetos socialistas do Leste Europeu. A queda do ideário socialista e social-democrata levou consigo parte do crédito depositado em partidos que construíram sua história com base nessas referências, fortalecendo um sentimento de abstinência política num ambiente onde também os princípios até então utopicamente válidos mudaram de lugar. Do ponto de vista da efetividade das regras democráticas aquela mais significativa – leia-se a alternância no poder, viabilizada por eleições livres – tem sido em muito descaracterizada. Constituídas na

¹⁰⁶ Não é intenção deste trabalho apreciar a democracia enquanto modelo político. Para tanto, remeto a Bobbio, 1986; Ortega, 2000 e Bauman, 2000.

sua maioria em momentos de acerto de interesses entre os próprios blocos no poder, as eleições apelam mais e mais às estratégias de *marketing* e propaganda com vista a garantir a conquista dos pleitos – e conseqüentemente de postos da máquina burocrática - abandonando ao segundo plano os programas políticos e a observância da legítima representatividade (ORTEGA, 2000). Esses mecanismos, entre outros, têm revelado uma profunda aproximação entre as forças políticas antes adversárias e potencializado o ritual das disputas eleitorais como espetáculos de alto custo financeiro que pouco ou nada contribuem para a discussão pública e formação de uma opinião acerca dos interesses de cidadania postos em julgamento.

Por outro lado, a economia política da incerteza, aliada ao dismantelamento das experiências políticas ditas revolucionárias abalaram gravemente a antiga forma de organização política dos segmentos sociais assentada na tradição do trabalho – seja ela referente à fábrica, ao emprego ou à profissão – e na idéia do comunitarismo. As circunstâncias de extrema flexibilidade sacudiram todos os parâmetros que norteavam tais práticas, enfraquecendo a capacidade explicativa das categorias **classe social** e **interesse coletivo** para os processos políticos a partir dali experimentados.

Na atualidade, órfãos da efetividade do Estado, do sentimento de nação, da proteção oferecida pela classe e pela democracia liberal, bem como dos ideais revolucionários clássicos que povoavam as práticas cotidianas, deparamo-nos com a tarefa de repensar e re-elaborar a noção do que seja a política e suas novas maneiras de prática. Diante da existência instrumental minimalista do ato político, é forçoso constatar que “o agir político transformou-se num ramo da administração, transformou-se num saber técnico – no como conseguir a estabilidade para manter o domínio, num instrumento político que pode ajudar a ampliar o poder” (SOUSA, 2002, p. 21). Essa aridez do campo político, segue explicitando a autora, oferece como alternativa apenas a política com valor de troca que, em vez de estimular a ação pública geradora do princípio coletivo enquanto perspectiva de existência, esvazia o campo emancipatório fomentando o individualismo e o ato político pela disputa e gestão de conquistas imediatas.

Para nós, habitantes do hemisfério sul e novamente desfavorecidos na nova divisão do mundo, as conseqüências acima reportadas chegam acrescidas dos débitos históricos por parte de Estados e sociedades da América Latina que ao longo de suas existências não lograram constituir-se enquanto democracias fortemente consolidadas quanto aos seus aspectos político e social. No Brasil, como já discutido no Capítulo 2, a sua história política prene de revezes colocam a vida política oscilando entre os pólos da

ditadura e de práticas democráticas, entremeadas pelas nossas raízes históricas particulares¹⁰⁷, a evanescência e a falta de efetividade das instituições políticas tradicionais, experimentadas mais tardiamente que na Europa, tem semeado o descrédito nas mesmas enquanto agentes catalizadores da ação política. Do ponto de vista dos últimos pleitos eleitorais, a eleição de um candidato vinculado ao campo do que se costumou entender por esquerda reacendeu e, em seguida, frustrou expectativas em torno de conquistas populares demandadas por décadas, provocando um sentimento de desesperança mesmo por parte daqueles que historicamente apostaram na via democrática como alternativa possível de emancipação política e social.

Atualmente, como conseqüência de um processo que possivelmente apresenta atualmente um momento de síntese, lidamos com o um grau considerável de desorientação quanto aos espaços da prática política e quanto a ela própria enquanto possibilidade real de constituir parâmetros no tocante a concretização das pautas e regras para a intermediação dos interesses da sociedade

No campo de ação juvenil a busca de alternativas à política do instituído já é observável em várias partes do mundo e também no Brasil. Vários estudos mostram que “as manifestações coletivas dos jovens são críticas a práticas políticas tradicionais e se revelam diferenciadas no cenário dos movimentos sociais” (SOUSA, 2002. p. 2). Diferenciados porque partem do entendimento que a ação política materializa-se para além da mera disputa de poder. Na ação de alguns segmentos juvenis a nova política sustenta formas outras de organização que desconsideram a ordem jurídico-político, sedimentando sociabilidades que estão inaugurando novas maneiras de ver a vida e de viver no mundo. Penso ser nesse espaço que se situa o grupo ora focado enquanto experiência de resignificação da política no cotidiano de cada um e do coletivo como um todo.

4.3.1 Coletividades e posturas

A caracterização geral das práticas grupais já referidas chama a atenção para o aspecto que considero sintetizar de modo mais completo a configuração do grupo Arrasta Ilha, que é uma re-elaboração das possibilidades de intervenção política no real. A observação e as entrevistas permitiram perceber uma postura que deslegitima as práticas

¹⁰⁷ Destaco aqui a importância de características que a prática política brasileira assumiu com força ao longo da sua história – como a corrupção, o patrimonialismo, o clientelismo, o nepotismo, o fisiologismo, o

institucionais de inserção, participação e manifestação políticas majoritárias na nossa sociedade. As possibilidades atuais são entendidas pela maioria dos membros como formas de manipulação, de adequação a um padrão social que oblitera perspectivas genuínas de criação e expressão, de liberdade e de transformação. Nesse sentido é que entendo as preocupações mostradas nas práticas e falas com a questão ecológica de um modo geral, com o resgate cultural, com a liberdade de criação entre outros.

No tocante às formas institucionalizadas de participação, especialmente as eleições, a opinião do grupo não é unânime. Entretanto, a maioria assume postura de dúvida em relação à legitimidade da representação política e dos processos eleitorais, bem como da possibilidade de interferência efetiva nos processos sociais por esta via. No geral, existe um descrédito muito grande em relação à estratégia em discussão, mormente em relação àqueles que se colocam na cena política enquanto representantes legítimos da população.

Para o grupo é bastante clara a compreensão de que a ação política efetivada pelos canais disponibilizados na democracia liberal se encontram num alto nível de saturação, mostrando-se incapazes de responder à extrema complexidade na qual está imersa a questão política nas atuais sociedades, como acima explicitado. Entendem que os mecanismos representativos se consolidam muito mais em *locus* de negociação dos interesses privados dos candidatos e eleitos e assim esvaziam a participação política quando entendida enquanto contribuição efetiva ao esclarecimento e à emancipação.

Esse pensamento orienta a atitude da maioria em abster-se de assistir aos programas eleitorais por entender que os mesmos não cumprem o papel de esclarecimento, declarando-se consciente acerca do sentido que estes adquiriram a partir de ostensiva presença do *marketing* eleitoral. Demonstram entender traduzidas no cotidiano outras medidas políticas de maior relevância, que podem – e devem – ser concretizadas pelo sujeito, sem a mediação das representações, potencializando a postura emancipada, como a mobilização comunitária, a arte popular engajada entre outros. O grupo reafirma que o lugar da ação política “não precisa ocorrer necessariamente no espaço institucional, parlamentar, nos aparelhos políticos, mas nas aspirações cotidianas ligadas ao mundo do trabalho, do lazer, nas dificuldades do dia-a-dia como forma de ação cujo comportamento político se orienta pelo exercício de valores éticos”. (SOUSA, 2001, p. 7).

Acerca do que fazer social e politicamente a fim de garantir as mudanças que considera importantes, o grupo delinea através das falas uma nova aceção de intervenção

caudilhismo etc – que em muito contribuíram nesse processo de desmonte das instituições políticas tradicionais perante a opinião pública.

política que se efetiva nas manifestações alternativas do campo da arte e da cultura como um todo, no crédito ao grupo, à comunidade, bem como a intervenção de natureza afetiva, pacifista e eco-social. Essas escolhas podem ser conferidas na atitude de pegar carona ou andar de bicicleta em vez de tomar ônibus, usar a caneca em vez de descartáveis, exercitar o respeito a outros grupos não tomar ônibus. Creditam às atitudes que assumem potencial de transformação do real rumo ao que destacam como o desejável para a sociedade.

Pô, na real cara, eles... [os *punks*] eles são que nem a gente assim, **procurando outras formas de transformar, de criticar e tal**, só que a gente tem uma forma... sei lá, eu, pelo que eu vejo assim, a nossa crença **é uma crença no amor** assim, tá ligado? No amor com as coisas, na conscientização e na... sabe, na ação. Mas de uma outra forma, não uma forma... bater de frente como o movimento *punk* e tal mas, são formas, são maneiras de você tá... Ah, eu separando lixo, fazendo uma composteira, plantando... pegando carona, andando de bicicleta, pra mim são ações políticas também, que é um pouco do que eu acredito e como solução de algumas coisas (...). **E a gente é cada um diferente do outro**, com idéias, com... sabe, com propostas... e... cara, se cada um se interessar um pouco pelo... assim, nosso modo de vida, assim e tentar especular um pouco, vai ver que, cara, várias coisas tão integradas assim, desde a ação de usar a caneca, até tocar o maracatu... até sabe, é um conjunto de coisas que formam uma ação assim... política. (Baiana, em entrevista, em 18/04/04, grifos meus).

Eu acho que nossa participação política é bem nesse nível mesmo, de tá tendo consciência das nossas atitudes em relação ao mundo, porque isso aí é política. Então, olhar pra dentro, primeiro, assim: “O que é que eu estou fazendo, com que mundo que eu tô contribuindo, com que política eu tô contribuindo”, né? (...) Agora é diferente, uns poderiam chamar de distanciamento do mundo da política como várias pessoas já acusaram: “Ah, tudo bem, ficar só tocando tambor e aí, tudo bem. Não mudou nada, entendeu? Tem que ir lá no fórum, tem que ir lá na parada pra protestar”. (...) tem muitas causas, cara, muitas causas pra você se engajar politicamente nelas e aí assumir essas causas mesmo, sabe? (...) **acho que nossa política não é dizer: isso! Mas assim, ó: seja a sua verdade, saca? Mas faça, assumo seu papel de criador também**. Acho que essa é a nossa... de criador e de... o cara que interfere na realidade então tá fazendo política, né, mas através da criação... (Caboclo de Pena, em entrevista, em 18/04/04, grifos meus)

...eu tô inserida numa mudança, ao invés de... que nem tentar abraçar uma causa, tá ligado, que ela é ao mesmo tempo enorme, mas que eu não tenho como agir. Então eu abraço aquilo que vai tá dentro do meu grupo, que é uma afronta pra sociedade num todo. (...) então, **eu utilizo dos meios que a sociedade me dá pra sobreviver e ao mesmo tempo utilizando esses meios pra combater**, sendo na reciclagem, se eu não pego ônibus, se eu vou de caronas, né? (Rainha, em entrevista, em 18/04/04, grifos meus).

É possível identificar na ação proposta pelo grupo a conformação de um novo entendimento da política - como venho expondo - e compatível com os tempos descontínuos e contingenciais que vivemos. O grupo não professa bandeiras ou metas políticas de largo espectro como ponto de chegada de sua atuação. Não objetiva uma conformação única da atuação dos seus membros, sendo cada um livre para manifestar-se naquilo que acredita, o que faz com que a diversidade prevaleça: “seja a sua verdade”. Porque não elaboram estratégias de atuação ou metas de médio e longo prazo para as transformações que objetivam, o **como fazer** e **qual aspecto** enfocar na atuação é derivado apenas das orientações gerais que constroem enquanto coletivo e das circunstâncias que vivenciam no curto prazo do cotidiano – individual ou coletivamente. Nesse contexto, o que confere certa unidade à prática política grupal são as idéias que têm de insatisfação com o instituído – seja no tocante ao social, seja quanto ao econômico, político ou cultural - e a vontade de construir alternativas ao que está colocado pela via da cultura e da arte, especialmente. O grupo não se apóia em nenhuma grande instituição política de referência como partido, sindicatos, associações. O próprio espaço grupal e as relações que possui com outros coletivos semelhantes é o palco de suas vivências e - o que se destaca – o grupo aqui estudado encontra no ambiente da amizade o espaço de legitimação e prática das idéias que articula e defende naquilo que concebe como sua ação política.

Nesse sentido reforça a reflexão feita por Negt&Kluge (apud SOUSA, 2001) para quem a recuperação do valor de uso da política pode ocorrer quando esta for retirada dos domínios técnicos e realocada no âmbito do fazer humano primordial, vinculado à manifestação pública dos interesses, dos desejos, das necessidades e dos sentimentos – que é o que passo a discutir.

4.3.2 Amizade: novo espaço da política

Como venho discutindo a partir da teoria social de Zigmunt Bauman, os riscos sob os quais vivemos em sociedade nos colocam sem a retaguarda das grandes instituições que levavam à frente os projetos humanos de continuidade, de segurança, de bem-estar. Assistimos à desagregação de todas as anteriores formas de comunhão e de convivência, tanto privadas quanto públicas; nos fazendo experimentar uma sensação de instabilidade que se projeta para o “mundo exterior com suas muitas redes que se cruzam, descoordenadas, com suas vias mal sinalizadas e seus sinais flutuantes”, materializando-se numa fonte inesgotável de tensões.

Sem o suporte dos grandes agentes coletivos que davam suporte e levavam à frente a ‘aventura’ humana, ao indivíduo se coloca duas alternativas: isolar-se, tentando sobreviver na sua mônada ou reinventar os seus espaços de existência. Penso ter encontrado no grupo em apreciação um esforço no sentido da reconstituição do seu espaço público, onde, os membros através das relações de amizade, constroem um sentimento de pertença a um coletivo, conseguindo – ao mesmo tempo – preservar as individualidades sem incorrer no sufocamento das liberdades que valorizam. Desse modo, afirmam a viabilidade da amizade como ambiente possível da ação política; da resistência à absolutização do individualismo. Num mundo sitiado pela equalização propiciada pela ação do mercado, adotam a perspectiva da amizade como maneira de reconhecer e administrar as pluralidades encontradas no coletivo do qual participam; de potencializar as possibilidades de construção de novas experiências que não podem ser interpretadas nem validadas pelos ‘códigos institucionais’ disponíveis (FOUCAULT, 1981).

Entendendo a amizade como um ‘modo de vida’ a análise foucaultiana revela-a como um espaço privilegiado que torna possível o estabelecimento de relações que superam o estatuto da classe, da idade, da profissão e de diversos níveis, pertenças e escolhas culturais. Assim pensada, a amizade pode “dar lugar a relações intensas que não se parecem com nenhuma daquelas que são institucionalidades e (...) a uma cultura e uma ética.” (Foucault, 1981, p. 4). Desse ponto de vista, a amizade surge como um instrumento para a ação de enfrentamento de uma ordem e como *locus* de engendramento de uma nova postura diante do real. Um recurso a partir do qual se reelaboram as preocupações com a vida e com o mundo. Um instrumento político, portanto, se entendermos que uma “nova política e uma nova ética da amizade devem visar precisamente essa vontade de agir, a recuperar um certo apelo iluminista à coragem de pensar de uma forma ainda não-pensada, de sentir e de amar de maneira diferente” (ORTEGA, 2005, p.7).

A amizade, por não possuir amarras de uma ordem institucional que a enquadre e prescreva o seu programa de efetivação - diferentemente da família e de outras instituições que são devidamente alocadas numa ordem institucional previsível - pode dar origem a relações organizadas sobre vários pontos de vista e “individualmente moduladas”. A amizade possui assim um “programa vazio”, onde o devir está sempre em aberto. Assim a amizade possibilita ao outro o espaço para a experiência, o construir-se fora de padrões que estreitam as suas possibilidades. Por outro lado, a afetividade encerrada nessas relações seria, por assim dizer, uma blindagem diante dos desafios encontrados; uma trincheira a

partir da qual se torna possível o enfrentamento dos riscos das experiências com um mínimo de confiança mútua.

Ortega (2000) ao discutir a genealogia da amizade evidencia que na atualidade esta se mostra muito diferenciada de quando surgiu nos primeiros estudos da Antiguidade – uma relação institucional suplementar, sem espaço para a experimentação, implicando num “sistema de coações, hierarquias, tarefas e obrigações” (p. 86). Hoje, entretanto, a amizade se coloca sob outro enfoque, representando “uma possibilidade de utilizar o espaço aberto pela perda de vínculos orgânicos, de experimentar com a multiplicidade de formas de vida possíveis” (p.86). Esse vínculo, uma vez livre de conformes institucionais, fomenta e permite o surgimento de relações ainda não prontas, relações do porvir, da construção do cotidiano.

Para que possa constituir-se em espaço aberto para a experiência, a amizade tem de se fazer e ser diferente das relações de parentesco. Ortega (2000) chama a atenção para o fato de que freqüentemente a amizade é resgatada nas falas enquanto similar à irmandade (o amigo-irmão)¹⁰⁸; ou ainda enquanto manifestações narcisistas, como exemplifica a partir dos escritos de Cícero e Agostinho, onde o amigo é o outro de mim. Ocupar, colonizar o amigo com a minha própria imagem ou com a minha demanda de parentesco, para o autor, é fechar os espaços da virtualidade da relação; é absorvê-lo em função de mim mesmo, é retirar a possibilidade e a liberdade de si e do outro. Nesse mesmo sentido Arendt (1999, p. 22) diz:

As famílias são fundadas como abrigos e castelos sólidos num mundo inóspito e estranho, no qual se precisa ter parentesco. Esse desejo leva à perversão fundamental da coisa política, porque anula a qualidade básica da pluralidade ou a perde através da introdução do conceito de parentesco.

Assim, a amizade implica no enfraquecimento do narcisismo, na substituição do amor ao parente, ao próximo (cristão), ao similar, pelo amor ao distante, ao desconhecido. Só assim surgem o sujeito e o outro - o amigo-, diferente e ímpar como lembra Ortega (2000, p.84):

Talvez um dia aprendamos a conviver com a imagem de um amigo que não parece com nossa imagem especular, mas como algo radicalmente diferente e sejamos capazes de aceitar essa distância, essa diferença como condição da amizade. Isto, sem dúvida, suporia atravessar toda a história

¹⁰⁸ O autor destaca que continuamos nos valendo dessa figura para qualificar um grande amigo em função da idéia mais forte que ainda temos de proximidade e afeto ser originada na família, dos laços de parentesco, daí a persistência da comparação.

dos discursos da amizade e ter a coragem de se adentrar em uma terra incógnita, de experimentar e criar novas imagens para definir nossa sociabilidade e exprimir nossos sentimentos.

Aceitar essa condição é dispor-se à experimentação; é adotar o ‘programa vazio’ no sentido foucaultiano. Assim, estaríamos abertos a vivenciar novas e múltiplas formas de relações sociais – novas porque não estão prescritas nos códigos institucionais disponíveis e múltiplas porque são geradas a partir da própria singularidade/pluralidade humana, no sentido arendtiano. É nesse campo que consiste a viabilidade da **ação política no espaço da amizade**, superando-a enquanto relação circunscrita ao âmbito do privado. A amizade se potencializa enquanto *locus* da ação política a partir do momento que faz surgir as pluralidades, as diferenças para o experimento com o outro e com o mundo através da ação e do discurso. Por outro lado, é a ação política quem vai organizar “as diversidades absolutas de acordo com a igualdade *relativa* e em contrapartida às diferenças *relativas*.” (ARENDDT, 1999. p. 24, grifos da autora).

Entre amigos é que se potencializa a expressão da singularidade de cada um, sem adequações ou o cumprimento dos papéis previstos, abrindo espaço para o novo. Por outro lado, inventar o novo, o imprevisto implica num certo risco por parte dos envolvidos. E aqui a afetividade presente na convivência, a aceitação do outro entra em cena como requisito básico para a aquisição da confiança necessária à revelação das singularidades e para o experimento de formulações ainda não previstas acerca do mundo e da vida em coletividade (ARENDDT, 1999). As experiências encontradas em campo durante o processo de observação do grupo Arrasta Ilha, a meu ver, podem ser satisfatoriamente compreendidas a partir dessas referências.

4.3.3 Amizade: recriando o afeto e o político

As informações provenientes dos questionários, da observação e entrevistas revelaram uma grande importância da amizade no contexto do grupo, e não apenas no interior do AI, mas em relação a um extenso coletivo juvenil que se organiza em torno da música, culturas, militâncias e estilos de vida alternativos, organizados em muitos grupos da cidade de Florianópolis. Com frequência, Baiana e Caboclo de Penas costumam referir-se aos “1.700 amigos”, espalhados pelos grupos Muiraquitã, Batucajé, Balakubatuki, Odua, Siri-Goiá, Capoeira Angola Palmares, Tributo a Chico Science, Rádio de Tróia, Bicicletada, Centros Acadêmicos entre outros. Esses grupos constituem uma rede, que, por

sua vez, mostra-se como espaço de construção das sociabilidades desses muitos jovens que habitam a Ilha e o seu entorno.

Pude observar também que, de um modo geral, além das relações de amizade, construídas entre vários membros dos grupos citados, são também presenças fortes as afinidades que partilham em relação a determinado enfoque político, social e cultural que conferem às suas existências e práticas, fazendo deste campo afetivo um espaço de manifestação da ação política. Com vista às transformações que consideram importantes empenham o seu pensar, sentir e fazer juvenil, lutando por novas formas de presença no mundo e na vida do grupo, julgando-se capazes de operá-las através dos mecanismos que acreditam válidos e eficazes para tanto.

Situada nessa perspectiva é que a investigação encontrou o grupo em discussão como um dos aglutinadores de práticas de um grande contingente de jovens que gravitam em torno de vários grupos, que constituem esse grupo de afinidades pessoais e político-culturais. Esses valores partilhados atravessam as 'estruturas' grupais, conferindo uma horizontalidade de participação e uma certa fluidez aos vínculos, que os membros do grupo entendem por liberdade de adesão àquilo que julgam adequado. Nesse sentido, os membros do AI se vêem não apenas como 'da galera do maracatu' - que do modo como se apresenta hoje na cidade, inclui participantes que não partilham dos valores enfocados - mas reconhecendo vínculos com outros grupos que têm um perfil próximo dos parâmetros que discuti acima. Fica claro que, embora se reconheçam como um grupo, não desejam ser identificados como circunscritos a um único grupo, negando assim a assunção cabal de uma identidade coletiva limitada. Permitem-se o movimento de transitar entre grupos, conservando as especificidades dos espaços de cada um, mas se relacionando com uma certa orientação geral dentro da qual todos se encontram. Desse modo, a amizade e os princípios gerais se fortalecem como norte das práticas, estabelecendo a 'rede' da qual falei. Esta possui determinadas características que exercem - no espaço mais amplo das sociabilidades - influência direta sobre suas vidas.

Partilha de amizade e postulados gerais com uma forte preservação dos espaços individuais. As atividades e reflexões da pesquisa me apontaram bem clara essa característica do grupo, entretanto para ele próprio o esclarecimento dessa questão se deu de modo lento e gradual. As motivações do grupo nem sempre estiveram claramente colocadas, como pode se inferir a partir da fala de Corneteiro quando da primeira apresentação da minha proposta de investigação. Comentou que o meu trabalho seria de

grande valia naquele momento, pois “o grupo está mesmo precisando encontrar sua identidade” (Diário de Campo, 11/05/03).

Como demonstrado anteriormente, o maracatu e a afinidade de cada um pelo estilo musical seria um fator de muita relevância, mas não o bastante para garantir a permanência juntos. Os vínculos pessoais, a afetividade e a confluência de interesses político-culturais explicariam mais a escolha de estarem juntos e o envolvimento com as atividades grupais. Nesse sentido, na breve existência grupal, vivenciou-se todo um complexo de amadurecimento e rearranjo das relações até que o grupo se reconhecesse em cada um de seus membros, visse em cada um o amigo e o companheiro que partilhava de determinadas escolhas de natureza social, política e cultural e não apenas aquele que sabia tocar maracatu ou com quem era prazeroso fazê-lo¹⁰⁹.

O processo referido em si foi-se construindo claramente ao longo da investigação, mas não se deu tão linearmente ao entendimento dos próprios membros do grupo. Uma das maiores inquietações que se colocavam nas discussões que faziam era de se perguntarem “qual é a do Arrasta Ilha?”. Nas oportunidades mais tensas e desafiadoras, onde repactuavam a permanência juntos, os discursos e práticas iam colocando claramente as razões que os unia, revelando que o que cimentava a permanência juntos era - além de afinidades pessoais - um histórico de afinidades partilhadas em vários campos da vida¹¹⁰. Assim, os momentos decisivos constroem os ‘acertos’ grupais no âmbito afetivo, social, político e cultural. O encaminhamento cotidiano da vida grupal e as atitudes e posturas tomadas no coletivo são frutos, sínteses desses ‘acertos’, através dos quais os laços vão se consolidando no interior do grupo e se fortalecendo na troca com outros grupos.

Durante a pesquisa percebi um longo percurso cumprido – com idas e voltas - no sentido de explicitarem e assumirem para si e coletivamente os sentidos dessa realidade grupal, bem como de constituírem claramente o sub-grupo de amigos que dentro do grupo maior partilhava mais fortemente as idéias que iam se configurando como de relevância, orientadoras de uma determinada forma de intervenção e vivência grupais. Os momentos de discussão se mostraram como um caudaloso leito que carregou todo o processo de

¹⁰⁹ Creio ter deixado claro em mais de uma oportunidade que para o grupo a fruição do prazer da companhia do amigo é algo incontestado. Entretanto, o que ressalto é que a amizade existente abre espaço para experimentos novos que ultrapassam a dimensão íntima, particular.

¹¹⁰ Um depoimento de Boneca que presenciei ilustra o que procuro demonstrar: “...eu acho muito estranho, meu. Eu sei que tem gente no Arrasta que não se liga muito nessa de grupo, de amigos. Um dia eu tava conversando com uma pessoa que me disse, tipo: ‘eu não estou aqui pra fazer amigos, tô aqui pra aprender tocar maracatu’. Ah, cara. Achei muito estranho porque se relacionando você faz amizades com os outros! E eu acho assim que o Arrasta Ilha é um lugar de alegria, de amizades e de lazer também e assim de muitas manifestações culturais, não só de maracatu...” (Diário de Campo, 11/09/03).

amadurecimento grupal. Em encontros e reuniões várias preocupações se colocavam para serem dirimidas as quais versavam sobre se o grupo deveria se constituir num espaço aberto a todos ou fechado a uma determinada quantidade de membros, sobre se o grupo deveria buscar uma organização maior e talvez até uma formalização mínima, sobre a performance dos ensaios como momentos de treino musical ou também de encontros e lazeres, sobre o papel que o dinheiro e as atividades remuneradas e/ou patrocínios deveriam ter no grupo, sobre o tipo de relação que deveria existir entre o grupo e o apito, os aprendizes e as comunidades populares, entre outros.

A cada desafio as discussões iam produzindo sínteses em torno das quais os laços de muitos se fortaleciam. Muitas vezes o sentido era o inverso: os laços existentes eram o ponto de partida numa determinada abordagem que o processo tornava consenso para um certo subgrupo. Quando nenhum dos movimentos se mostrava possível, uma certa desistência, recuo provisório ou aceitação sumária - embora permanecesse a discordância - se mostravam como as estratégias adotadas de contorno das incompatibilidades, preservando-se, ao fim, uma certa idéia de coletivo diante do acerto produzido. Pude ver que esse exercício último só se verificava quando esses momentos envolviam pessoas que partilhavam laços de afetividade, evidenciando a importância da mesma enquanto espaço construído de expressão do outro.

Por tudo que pude presenciar e avaliar, penso ser em função desses parâmetros que engendram a realidade de 'fechamento' do grupo e de, simultaneamente, liberdade para transitar por outros grupos. Pude verificar as seguintes situações: de um lado a participação no núcleo mais íntimo do grupo de pessoas que efetivamente não tocam no AI como membros regulares, fixos, mas que têm fortes laços com o mesmo, inclusive de presença nos encontros diversos; por outro lado, muitos dos membros do AI transitam, participam e permanecem amigos de pessoas de outros grupos, originados ou não a partir do Arrasta Ilha.

Acredito que o processo que redundou no afastamento de alguns membros - os quais criaram posteriormente o outro grupo Siri Goiás - foi um momento privilegiado de explicitação do que venho afirmando. O rompimento se tornou inevitável após um longo período de convivência onde se exercitou o convívio com as divergências. Entretanto, atingiu-se um momento onde as diferenças se tornaram ostensivas e inconciliáveis sem, por outro lado, estabelecerem uma afinidade pessoal maior que poderia possibilitar a convivência e, conseqüentemente, a existência grupal. Não conseguiram construir com os ex-participantes esse espaço complexo de afetividades e de posturas comuns, de idéias

gerais acerca do grupo e da realidade que os envolve, efetivando-se um processo de desconstrução, onde a falta de afinidade de propósitos se tornava óbice para a relação afetiva e a fragilidade desta diminuía as chances dos acordos em torno dos propósitos. Os movimentos que culminaram na separação grupal foram oportunizando, em momentos e intensidades diferentes, a explicitação dessas razões que os distanciavam, muito embora as mesmas não aparecessem articuladas entre si ou mesmo num único discurso, mas surgiam pontuando diferenciadamente elaborações discursivas de diversos membros que permaneceram no grupo.

Penso que a afetividade partilhada no espaço relacional ganha força explicativa das dinâmicas grupais quando se constata - pelas informações já apresentadas anteriormente - que o grupo não se alinha a um suporte institucional externo conformado que estabeleça papéis, obrigações, direitos, entre outros. Não conta com códigos externos que dêem suporte às formas que o grupo escolhe para viver. Assim, os jovens são instados a “inventar de A a Z uma relação ainda sem forma que é a amizade” (FOUCAULT, 1981, p.2), força motriz que impulsiona cada a ‘jogar-se’ na aventura do construir-se e do exercício de manifestar-se em inteireza e com liberdade. Um espaço que oferece possibilidades outras que superam aquelas do instituído.¹¹¹

Declinando da cultura relacional institucionalizada existente e escolhendo outro modo de vida que se coloca no mais da vezes fora dela, inventam outras formas de relacionar-se, colocando-se na perspectiva de superação daquilo que Foucault denuncia:

De fato, vivemos num mundo legal, social e institucional, no qual as únicas relações possíveis são extremamente limitadas, extremamente simplificadas e extremamente pobres. Naturalmente existem as relações fundamentais de matrimônio e família, mas quantas relações poderiam existir se fôssemos capazes de encontrar suas próprias leis não nas instituições, mas em outros portadores? (apud ORTEGA, 2000. p. 90).

No caso do grupo, embora se sintam mobilizados para concretizar relações familiares descendentes e a maioria se veja desempenhando papéis institucionalmente fixados nesses coletivos, as idéias alternativas a esses modelos também possuem

¹¹¹ Pensando o seu entorno de relações, Caboclo de Pena oferece interessante ilustração de como as mesmas se verificam no coletivo estudado: “A família sanguínea (...) eu vejo que ela é... um local de trabalho nosso... desse trabalho espiritual assim... Aqui [no grupo] a gente tá exercendo nossa liberdade ao máximo; eu acho assim, aqui é o lugar onde eu exerço... onde eu sou mais livre assim, diria. Mas é a família que eu escolhi (...) É... poder ser pleno, e eu sei assim como eu tô aqui, eu posso ir pra Bahia e eu vou pra Recife, sabe, pra onde eu quiser eu vou encontrar essa mesma família, onde eu vou poder tá sendo o que eu sou. Eu sei porque... né, eu fui aprendendo isso”. (Em entrevista em 25/04/04, grifos meus).

significativo espaço, como fica claro quando assinalam que desejam “... é uma família... família gostosinha, maridinho, filhinho e rocinha, total. (...) Eu até imagino várias famílias juntas...” ou que disponham de “Várias famílias juntas, cara, e o amor tá ali, entendeu? Não precisa amar só o seu filho, ama o filho do outro.”. (Baiana e Caboclo de Pena, em entrevista em 25/04/04).

A investigação junto ao grupo revelou a busca de formas de afeto – de amor, de amizade, de sensualidade – fundamentados para além da concepção do mero amor romântico, aqui entendido como aquele voltado para a interior, para a busca da felicidade individual; visto como capaz de suprir as demandas particulares quanto à solidariedade, prazer, reconhecimento individual (COSTA, apud ORTEGA, 2005). O contexto grupal por mim analisado se coloca muito mais no sentido do *amor mundi* arendtiano apontado por Ortega como sendo esse espaço no qual se gesta as novas formas através das quais podemos “criar e recriar formas de relacionamento voltadas para o mundo, para o espaço público, tais como a amizade, a cortesia, a civilidade, a solidariedade, a hospitalidade, o respeito”. Para o autor, todas essas manifestações carecem de um espaço que lhes confirmem visibilidade e de “um mundo comum que una ou separe os indivíduos, mantendo sempre a distância entre eles, condição de pluralidade.”. (2005, p. 4). Penso que desse modo se situa o tipo de relações que a maioria do grupo cria e experimenta, também aquelas que projeta para fora do espaço grupal.

O “tecido afetivo” constituído (FOUCAULT, 1981), além de conformar-se em espaço de experimento de criação e liberdade, mostra-se ainda como suporte – amálgama – para se fortalecerem e enfrentarem as dores que encontram ao vivenciar a alternativa de crescimento fora dos padrões. As dúvidas que aportam no ser, as contingências a que estão submetidos, entre outros, convertem-se em temas de novos cuidados e outros fazeres no espaço coletivo, ancorados na realidade grupal.

Pude perceber que para muitos deles o grupo é, sim, um apoio para aprendizado ante os desafios com os quais se deparam ao construir o novo. Esse aprendizado é também o que os move nas relações que estabelecem fora do círculo de amigos, estendendo a importância das experiências grupais para além do seu universo. No ‘mundo lá fora’ são referências que orientam a maneira pela qual se inserem na vida.

Assim, enfrentam cada experiência, cada momento grupal como uma oportunidade de elaboração de práticas e posturas, consolidando e conservando nesse percurso algumas referências maiores que a eles retornam, reorientando novamente as

práticas grupais. Esse imbricamento se faz pela presença do “tecido afetivo”, manifesto de muitas maneiras e em momentos diversos conformando, por fim, esse espaço de constituição das identidades dos membros do grupo.

CAPÍTULO 5

PRIMEIROS RESULTADOS: situando as juventudes estudadas

Uma vez analisados os grupos AI, ODV e SDF a partir do que denominei de ‘lugar’ privilegiado de constituição das identidades – espaço de amizade, mundo do trabalho e cultura do excesso, respectivamente - ainda resta abordar as tendências apontadas pelo trabalho de campo. Muitos outros aspectos participam com força desse processo, conferindo-lhe densidade e complexidade de acordo com a caracterização que cada grupo assume em particular ou que os grupos partilham no geral. Esse capítulo se ocupa de apontar os traços mais importantes que consegui mapear na materialidade da organização, práticas e discursos de cada coletivo, bem como das características que se mostram semelhantes aos três grupos estudados.

5.1 COMPOSIÇÕES E AMBIVALÊNCIAS: o ‘novo’ e o ‘velho’

Independente dos termos em que se procure estabelecer a constituição identitária, será indispensável considerar a relação da história do indivíduo com uma origem, um tempo, um lugar, um coletivo, uma cultura. Somos aquilo que conseguimos construir, desconstruir e reconstruir nas relações que travamos com o mundo ao nosso redor; relações estas que se inauguram quando efetivamos nossas primeiras trocas com a nossa mãe e que se estendem por toda a nossa existência material, numa relação de trocas que se vai complexificando à medida que e proporcionalmente se complexifica o nosso ser no mundo.

Neste momento do trabalho a intenção é exatamente localizar e caracterizar, a partir dos aportes teóricos adotados e dos dados obtidos, as influências que a experiência moderna brasileira tem legado à conformação identitária juvenil, tendo por lugar a realidade dos grupos estudados. Além de um traço marcante que diferencia o grupo diante dos demais, várias particularidades se revelaram, apontando combinações e imbricamentos muito compatíveis com o que venho afirmando acerca da modernidade brasileira.

Numa época hegemônica pela desterritorialização da cultura e pelo gosto descartável encontrei no AI o esforço de resgate de uma expressão cultural secular vinculada à experiência escravocrata. Encontrei o afeto pautando as relações, o ideal libertário e coletivo configurando condutas e a pouca racionalidade de procedimentos gerando insatisfações e

temores. Ao mesmo tempo, encontrei no SDF uma marca individualizada, porém desprovida da instrumentalidade e vidas *in totum* enredada nos símbolos e na lógica da virtualidade, associadas, porém, a um discurso curiosamente contrário a essa lógica. Os símbolos fluidos com os quais se relacionam aparecem como razão das apreensões que experimentam enquanto passageiros de uma realidade que não se dobra à tradição que – por mais estranho que pareça – buscam. Na ODV encontrei o peso da racionalidade de mercado em voga, juntando e isolando iniciativas e gerando os poucos temores apontados. Como aliados ao racional encontrei os procedimentos da tradição institucional e as posturas particularistas que atentam contra o ideário coletivo o qual aparentemente marca o discurso dos seus membros.

5.1.1 ODV: racionalidades matizadas

A abordagem acerca do grupo Oficina da Vida concretizada nos capítulos anteriores me permitiu visualizar como traço mais claro deste coletivo a postura racional e instrumental, marcada por uma busca de adequação aos princípios do mercado, a partir de uma percepção individualizada de intervenção no real.

De um modo geral, os membros do grupo apontam o trabalho e a formação profissional como os parâmetros reguladores de suas vidas e condutas, estando todos os demais aspectos – lazer, afetividades, família, atuação voluntária etc – submetidos a este determinante. Para todos os entrevistados a carreira profissional é o interesse maior e - desse ponto de vista – o objetivo comum **das pessoas dentro do grupo e não do grupo**, já que não há o compromisso com a conquista do outro. Enquanto busca individual a carreira aparece como algo delineado racionalmente dentro do que estão planejando e realizando no dia-a-dia de cada um em particular.

A partir da adoção de um discurso geral que ratifica a situação atual porque passa o mundo do trabalho – mais conhecida pelo termo precarização – o grupo assume a estrutura flexível de trabalho, materializada na forma descentralizada como constitui suas equipes e no modo individualizado como entende e cobra as responsabilidades diante do grupo, entre outros. Por esse procedimento fazem parecer que as equipes estão reunidas para cumprir as tarefas focais acertadas e não para usufruírem dos sentidos de um trabalho coletivo que possa gerar, entre outros, os sentimentos de partilha, de cooperação, de solidariedade, de meta comum. Desse modo, o agir prende-se ao tempo presente e possui um foco igualmente imediato, fazendo com que as aspirações tenham de estar no curto prazo e presas ao horizonte

de cada um. A perspectiva racional fortemente assumida quando do planejamento, execução e avaliação de atividades realizadas também se mostra caracterizando este grupo.

O coletivo, pelo que pude depreender das entrevistas e da observação, entende o conhecimento técnico em geral como instrumento indispensável para a intervenção no meio que atua e a ele recorre em diversos níveis, creditando ao mesmo as vantagens adquiridas na performance do grupo e dos indivíduos. Acredita-se como sujeito diante de todo e qualquer recurso técnico que utiliza, não questionando a preponderância da técnica enquanto geradora de sentidos que independem dos sujeitos em diversos momentos de interação nas suas mais diversas formas que se coloca no imediato das vidas. Isso fica demonstrado na maneira como os jovens informam se relacionar com todo o conjunto tecnológico que hoje faz parte da rotina do grupo e de cada um, bem como das novas técnicas de interação com o mercado.

Os jovens valorizam a especialização e nela buscam na mesma a orientação fundamental para o trabalho do grupo e para a economia adotada por cada membro diante de suas próprias vidas, revelando-se tal perspectiva na relação que possuem com as assessorias da ODV e no uso regular que fazem dos serviços profissionais de orientação psicológica. Entendem-se ‘dominando’ uma formação, controlando uma técnica, os processos de trabalho. Pelo auto-conhecimento pensam serem capazes de assumir o controle da própria vida.

A aguerrida busca dos prêmios e reconhecimentos formais do meio em que atuam é adotado como política importante, tanto no referente ao trabalho da ODV – como forma de financiar e destacar o mesmo – quanto à atuação de cada membro – visto estimular o envolvimento e contar para a composição dos currículos. A busca por prêmios e reconhecimento se faz, inclusive, no tocante às conquistas dentro da própria estrutura interna da ODV– “De repente pra vir a ser... a me tornar um membro efetivo e poder começar a concorrer pra ser coordenador em alguma diretoria”. O discurso enfoca a habilitação do jovem como traço fundamental do seu diálogo com o mundo e estabelece a competição entre os mesmos, enfraquecendo o foco no trabalho coletivo a longo prazo e nas descobertas pessoais que estão situadas mormente fora do espectro instrumental.

O princípio da responsabilização do indivíduo diante das complexas dificuldades do mundo do trabalho vigente na atualidade é perceptível no grupo quando os jovens endossam como **unicamente sua** a responsabilidade de qualificar-se continuamente e de prover, sob seus próprios esforços e riscos, a sua própria empregabilidade. Nesse sentido, empregam todos os recursos disponíveis, inclusive aqueles acessados via trabalho voluntário que prestam. As inseguranças e fracassos também são assimilados enquanto responsabilidades

individuais, desconhecendo-se a importante interferência de um complexo de relações que não lhes é possível controlar.

A ONG adere à política de fomento da ‘responsabilidade social’ envergada pelas empresas e estimulada pelo Estado. Com isso alinha-se a um segmento que assume parte significativa das atividades para o atendimento de determinadas carências sociais, não somente por razões filantrópicas ou humanitárias, mas também por perceber nessas atividades a possibilidade de retornos em termos de crescimento e consolidação institucionais. É a responsabilidade social enquanto “investimento”, nas palavras do grupo. Simultaneamente endossa a desresponsabilização do Estado pela efetivação de bens e serviços sociais, enquanto direitos de cidadania.

Muito embora a existência da ODV enquanto grupo seja celebrada como algo de muito valor para os entrevistados, os depoimentos dos jovens revelam exaustivamente um profundo desapego à existência organizacional e coletiva por si. A entidade só adquire importância à medida que contribui para o propósito particular das individualidades, e os indivíduos, por sua vez, só se justificam como membros do coletivo caso se coloquem de modo a contribuir efetivamente com alguma demanda do mesmo: “...aprendeu, superou, opa! Próximo grupo!”. Como assinala Sousa (1999), o coletivo se conforma sem conseguir produzir sentidos de emancipação. É produto dos resultados positivos que produz para si e para os indivíduos envolvidos, colocados a partir das demandas externas. Buscando a conveniência com vistas a determinadas conquistas, o grupo faz surgir apenas semblantes de cooperação, de comunidade que – de algum modo – acenam para a diminuição do arriscar-se. Durante o trabalho de campo pude perceber um empenho de cada membro em parecer afinado com o ‘tom’ do discurso do institucional no sentido da responsabilização individual, da conquista individualizada, da finalidade maior do trabalho em grupo, entre outros. Buscando partilhar da coletividade discursiva do grupo durante as entrevistas presenciei, em algumas oportunidades, membros que, ao ouvir o depoimento daqueles que se constituem em referência maior da ‘real’ filosofia da ODV, procuravam ‘refazer’ suas falas discretamente no sentido de alcançar similitude com o ‘líder’ ou até parecer mais comprometido com o discurso institucional. Penso que esse gesto, longe de intentar um plágio, buscava de forma muito verdadeira uma adequação ao que considerava um ideal a ser atingido.

No geral, destaca-se com força no grupo a combinação que faz no seu existir de pelo menos dois parâmetros: um arraigado apego ao ideário moderno e de crise moderna, outro relacionado a um passado longínquo da história nacional, revalidando no cotidiano as

características de duplicidade ou mesmo multiplicidade de padrões que orientam a conformação dos modelos identificatórios disponíveis (VELHO, 1999).

É dentro deste movimento que compreendo a própria estruturação da ODV, em todos os níveis. A importância que atribui ao aparato legal e burocrático – estatutos, registros, reconhecimentos - a coloca próxima às idéias do legalismo e do formalismo que, pelo menos no universo do mundo do trabalho, encontram-se em plena crise. Por outro lado, há nos discursos uma certa insatisfação com a validade da lei para a proteção do trabalhador, deixando entender que **a lei**, por si, não tem de fato a importância que parece ter, mas que pode ser alterada de acordo com a intervenção ou a necessidade de ‘alguém’; voltando a operar no espaço das particularidades. Vejamos: Do ponto de vista de uma cultura, digamos, organizacional que pretende assentar suas bases no conhecimento – como aponta o seu Estatuto – encontro nas práticas acima abordadas um rompimento momentâneo com essas bases, caso o conhecimento a que se refiram seja o conhecimento científico o qual, pelo menos em tese, está sempre aberto para uma nova antítese. Rompe-se também a idéia da universalidade onde todos podem influenciar com o seu trabalho, suas idéias e iniciativas para o “crescimento da ODV”. Certamente o fazem, porém dentro de horizontes demarcados. Assim, o discurso que funda a prática livre, coletiva e democrática perde o sentido e apresenta-se como um ornato das falas, assim como as idéias liberais o foram numa economia escravocrata e os princípios republicanos o são numa sociedade onde não se constituiu com clareza um Estado, uma sociedade civil e, mais importante, cidadãos com efetivos direitos e deveres. A ODV resgata, desse modo, a nossa tradição de juntar, de colar funcionalmente idéias e práticas que se parecem excludentes. Mas apenas se parecem.

Outro aspecto é no referente à forma como se organizam para o trabalho. Como já caracterizado, a ODV adota todas as perspectivas impessoais e descentralizantes, estas últimas pregadas pelas novas relações do mundo do trabalho, porém, ao mesmo tempo apresenta no seu discurso a força do culto ao personalismo, tradição política que caracteriza as relações não apenas de cunho público, mas privado em nosso país. Uma certa clareza acerca da condução da carreira, os recursos de formação profissional extremamente valorizados pelo grupo – como a formação acadêmica, os estágios – e a aquisição de novos atributos – como a qualificação do serviço prestado, a constante formação, a competência adquirida e demonstrada – parecem não inspirar tanta confiança quando o assunto é a aquisição do emprego ou a inserção profissional que buscam. Parecem não ter certeza de que tais medidas possam assegurar como desdobramento o ingresso no mercado por vias igualmente impessoais e formais. A ‘cota’ de racionalidade e impessoalidade absorvidas não produzem a

tranqüilidade prometida na relação com o real que os cerca. É o que se delineia nas falas quando os membros se referem ao pistolão, à interferência de ‘alguém de poder’ que os convida, os indique para o cargo ou trabalho buscado: “tu atende bem o cara, o cara sabe quem tu é, o cara lembra de ti” ou “mas é lógico que tu vai contratar primeiro quem tu conhece” ou ainda conhecendo e servindo aos doutores se constrói uma carreira acadêmica.

Com a postura acima assinalada o grupo recorre aos tradicionais padrões do personalismo tão marcante na história nacional. Rende-se ao poder daquele que aparece como similar ao hiperindivíduo da Casa Grande. Não há código externo à própria relação que regule a ‘vontade’ do senhor. O código universal normatizador da idéia que os membros do grupo explicitam sobre a formação, o mercado, a concorrência, a competência fragiliza-se diante do real, evidenciando que, no jogo das influências ao qual estão submetidos, o próprio indivíduo também deve fazer por onde contemplar a vontade do senhor para que seja contemplado positivamente. O mesmo critério parece conveniente a ser adotado quando os postos estão trocados e os entrevistados se colocam no lugar daquele que tem o poder de indicar, de escolher, de contemplar quem já conhece; afinal não se tem segurança se o que alguém declara através de um mecanismo formal, como um currículo, é válido, “se realmente é um trabalho bom, eficiente, você já viu essa pessoa trabalhando?”. O instrumento não é bastante, é dado à avaliação pessoal de um certo alguém o poder de dirimir as dúvidas. Algo bem presente por todo o percurso na história nacional – colonial e pós; escravocrata e republicana.

No tocante às formas de liberdade que praticam, principalmente aquelas relativas estar ou não no grupo; à iniciativa de propor e desenvolver projetos, participar das equipes, das atividades em geral ou quanto às formas descentralizadas que encaminham os trabalhos e de flexibilização das relações que experimentam, aparecem associadas a **duas outras fortes tendências** que, juntas, lhes tiram as liberdades que se supõem experimentando. A primeira é a forma como se relacionam com a experiência dos mais velhos. As entrevistas deixam entender que, mais do que o reconhecimento pelo saber desses, vivenciam um profundo medo de errar e uma ‘busca pela certeza’ da conquista dos resultados a que se propõem nos diversos campos da vida, talvez motivados pelas condições de absoluta exposição às vicissitudes em que se encontram e eventualmente se percebem.

A segunda dá-se em relação ao significativo poder que possui a Presidente de Honra diante da ODV e seus membros, adotando uma postura algo centralista, possivelmente entendida por ela e pelos jovens como educativa por se mostrar similar em forma e função aos gerentes ou diretores que eles sabem que irão encontrar em suas vidas como profissionais, com poder de decisão sobre elas. Percebi que as influências exercidas pela Presidente não se

resumem a conselhos e orientações, mas se manifestam como um certo controle, quanto aos encaminhamentos gerais da ODV, tanto aqueles do cotidiano – que músicas o Coro deve cantar, como devem se estampar as bolsas – quanto aqueles de maior envergadura – que rumos a ONG deve perseguir enquanto coletivo, como deve se organizar, que papel desempenhar no cenário local. Por diversas oportunidades pude perceber que efetivamente não são as instâncias estatutárias que dirigem – de fato e autonomamente - a ODV. E aqui retorno à questão do medo de errar: quase todas as referências feitas à Presidente o foram pelo enfoque da experiência, da competência. Parece ser o caso de uma autoridade fundamentada no discurso com valor de verdade, que impede a construção de espaço para vários dizeres e fazeres livres, resgatando – novamente - toda uma tradição da nossa cultura patriarcal em que a verdade estava com o senhor em suas várias expressões: o pai, o doutor, ‘aquele que tem e aquele que sabe’.

Pelo que pude observar também nas rotinas de funcionamento da ODV vige uma certa centralização e verticalismo de decisões, como ilustram as reuniões com coordenadores de equipes do De Jovem Pra Jovem. Normalmente, o planejamento é ‘repassado’ pelo coordenador geral, com pouca ou nenhuma discussão pelos coordenadores de equipe. O que fazer, como conduzir-se, que documentos preencher mostram-se como conteúdos anunciados e não sínteses construídas paulatinamente com a participação de todos. É como se reproduzissem em relação aos jovens destinatários dos serviços o mesmo procedimento que adotam em relação aos assessores técnicos e demais pessoas ‘experientes’ da ODV. O mesmo ocorre em relação às equipes quando se aposta mais no potencial de um coordenador, do que da própria equipe, como ressaltou um membro ao dizer que se tem equipe sem coordenador, não funciona, mas se tem o coordenador, mesmo sem equipe o trabalho é realizado.

Nesse contexto, se compreende a inexistência de lugares para outros discursos e saberes, aliás desnecessários num ambiente onde a noção de correto está previamente dada, residindo em sua busca o mérito maior dos participantes. Não se pressupõe – por inoportuno – lugar para o que divirja do padrão que lhes assegura a conquista almejada, como se pôde verificar a partir do episódio do jovem poeta que compareceu à Oficina, cuja obra foi considerada pouco coadunada com o ‘espírito’ da ONG.

Percebo que todos os aspectos acima enfocados que caracterizam a atuação da ODV orientam para a adoção de uma estratégia individualizada de atuação dos seus membros, parametrada pelos valores do mercado globalizado e efêmero e do trabalho flexibilizado, fetichizado, sem leis, conduzido pela ‘escolha’ de cada um, em tempo curtíssimo e condições muito limitadas. É um contexto também condicionado pelas nuances históricas da nossa

experiência de modernidade que, muito freqüentemente se apresentam traduzidas no cotidiano das práticas como um recurso a mais no embate que travam com vista à superação dos limites apresentados pelo real. O particularismo, o centralismo, entre outros, descaracterizam-se enquanto tais e – apresentados sob outras roupagens - passam a figurar como recursos legítimos, válidos na condução dos projetos individuais.

Penso que esse é um ambiente extremamente volátil, que implica na migração cotidiana das referências ao sabor das metas instituídas e daquilo que se coloca como imperativo realizar para conquistá-las. Os sujeitos perdem a liberdade de ação presas que se tornam das urgências e dos procedimentos, das colagens que efetivam entre tempos e experiências; desvinculando-se da inteireza de suas vivências históricas. Desse modo, trata-se de um ambiente que não oferece confiança ao ser; não oferece ancoragem para a constituição identitária – nos termos aqui enfocados – uma vez que também dificulta a formação das configurações gerais norteadoras, conforme aborda Taylor, 1997.

Possivelmente do enredamento em que se colocam esses jovens, entre parâmetros fluidos, antigos e modernos, confiáveis e nem tanto – instados a um ‘correr atrás’, a um superar-se, a um responsabilizar-se aos quais prontamente respondem na certeza de que fazem a melhor escolha dentre as várias que lhes são oferecidas - é que se origine o acentuado apelo que o grupo faz ao suporte técnico às suas atividades e que os membros do coletivo fazem ao suporte psicológico, encontrado através dos questionários. No geral, na ausência de redes de proteção, de natureza comunitária ou familiar – das quais abdicaram ou foram privados -; desprovidos de padrões gerais assentados em suas experiências históricas a constante migração sem suportes é o que se apresenta a cada um como possibilidade concreta de suas narrativas pessoais. Nesta jornada continuamente renovada e sem bússolas pessoais confiáveis, resta recorrer aos especialistas. Mas estes, como já disse Giddens, não são garantias absolutas diante dos desafios que enfrentam. A voz do especialista só vale enquanto é capaz de interpretar e à medida – restrita, diga-se – que consegue responder satisfatoriamente algum aspecto da vida do sujeito. O resto é a constante busca.

5.1.2 AI: partilhando emoções, resistindo a planos

O Arrasta Ilha é um grupo que se caracteriza pela adoção de enfoques diferentes daqueles que matizaram a ação coletiva até tempos recentes. Organiza-se sob parâmetros que rompem com a noção de classe, preconceito racial, social e sexual; instituindo a amizade como uma nova maneira de viver e fazer a política; insurgindo-se contra a supremacia do

mercado na condução das vidas, entre outros, penso que o AI coloca-se num campo reconhecido como dos novos movimentos sociais os quais têm se fortalecido nesta fase do moderno que atravessamos, conforme análise de Santos (1995). Por este prisma, o grupo desenvolve ação muito mais voltado para a questão da subjetividade do que da conquista de cidadania, valorizando assim a dimensão pessoal, local e cultural, em detrimento da ação política formal - através de instituições – com vista à conquista de cidadania.

Porém, apesar desta caracterização geral que insere o grupo naquilo que produzimos de mais atual em termos de práticas sociais, também no âmbito deste grupo encontrei o que tenho chamado de composições e ambivalências. Se no levantamento de dados o grupo se qualifica muito mais pela via distanciada do *ethos* moderno, nele também encontramos influências e procederes provenientes desse universo. No tocante à primeira característica pude encontrar, por exemplo, a resistência a padrões de organização grupal que levassem em conta a necessidade externa, isto é, do mundo das coisas, objetificado, institucionalizado; sendo muito mais relevante as referências internas, qual seja a vontade e a conveniência das pessoas. Essa orientação estabelece uma lógica própria, que leva em conta as particularidades dos membros, suas emoções, seus desejos, seus prazeres, suas ‘verdades’ pessoais.

Desse modo, o primeiro ponto que destaco é exatamente quanto ao lugar ‘escolhido’ pelo grupo para elaborar o seu discurso: o espaço do maracatu. Como foi mostrado, esta é uma tradição que nasceu imbricada a práticas político-religiosas de segmentos escravizados durante a colonização do Brasil. É uma tradição que traz em seu bojo uma curiosa contradição: para o mundo representa uma resistência à dominação, um grito cultural e religioso de afirmação daquilo que os dominantes desprezaram e perseguiram. Nesse sentido, uma prática libertária e emancipadora. Para a sua economia interna, porém, o maracatu se pauta pela disciplina estrita, pela cultura verticalista, também impressa nas decisões objetivas dos procedimentos, tendo na experiência dos mais velhos, dos Mestres, a referência maior diante da qual todos prestam obediência e inquestionável reconhecimento. De algum modo, a autoridade do Mestre não nasce nele próprio e nem ali se encerra: a conexão com o mítico, o divino estende a relação de líder e liderados para outro patamar, mediados pela força espiritual da liderança, o que só reforça o seu papel junto ao grupo. O Mestre, nesse sentido, não é uma pessoa, é um significante e, como tal, capitaliza as forças norteadoras do coletivo que se vê nele representadas. Desse modo, o maracatu celebra uma relação comunitária, adensada pelo forte sentimento de pertença e de identificação de cada um com os valores grupais. Muito embora não comungue desta particularidade no seu interior, o

grupo a respeito como realidade das Nações e as legitima e delas partilha de algum modo quando busca nesses Mestres o aprendizado do maracatu – seja no barracão das Nações, em Recife-PE, seja nas oficinas que realizam em Florianópolis.

Esse é, por assim dizer, o *locus* geral de onde ‘fala’ o AI, e penso que a adoção desse referencial por si materializa um significado importante. Não obstante as correspondências das práticas grupais entre o AI e as Nações sejam discretas – como já explicado – penso que o resgate de uma tradição do povo negro, de origem pobre e estigmatizada – como os nordestinos – no contexto de uma cidade rica, moderna, ‘de brancos’, considerada o cartão-postal do sul do Brasil constitui-se, a meu ver, o primeiro rompimento que o grupo faz com acordos cavalheirescos com o real no qual se insere. Os membros do AI, a seu modo e no seu raio de atuação, conferem visibilidade a uma parcela populacional do país que – apesar de numerosa - permanece de algum modo invisível às suas elites. Atualizam um lado histórico ainda não superado – quiçá enfrentado adequadamente - e ‘falam pelos tambores’ das contradições do país e da justaposição de tempos e valores que vivemos no dia-a-dia.

A escolha do maracatu, nos termos acima colocados, talvez evidencie também uma maneira de resistir ao desmanche absoluto dos modelos identificatórios afiliados a sentidos desprendidos da idéia do consumo, do mercado, da ausência de fronteiras, da soberania absoluta do indivíduo. O maracatu, na sua essência, remete à idéia de tradição, de localidade, de comunidade, de pertença sólida. Resgata o vínculo entre as pessoas para além, inclusive, da existência material. Registra e exalta nas letras de suas toadas e loas o valor de sua gente, do seu credo, da vida do grupo, do cotidiano comum, construindo a essência coletiva de sua existência. Para os membros do AI, na sua grande maioria, ausentes de sua própria terra e costumes¹ possivelmente o maracatu e seus valores acenam – num primeiro momento – como um lugar que permite esse reencontro com significados perdidos. Assim, a sua prática, de alguma maneira, retoma para os jovens em questão o sentido que originalmente teve para os negros, literalmente arrancados de suas raízes.

Mas resta um pouco mais a dizer sobre o maracatu no tocante aos movimentos de ruptura do grupo e a sua multiplicidade de expressão. Embora demonstre conhecer e respeitar a tradição como experienciada no seu local de origem, o AI ao se apropriar de parte dessa realidade o faz de modo bastante diferenciado, operando outros rompimentos. Por conta das origens dos membros do AI, vinculada a princípios libertários e democráticos, a grande

¹ A pesquisa mostrou que apenas 21,1% dos seus membros fixos são florianopolitanos.

maioria deixa de levar em conta – e manifesta-se contra - a disciplina, a relação hierárquica, o sentido religioso, adotando apenas o aspecto musical do maracatu, muito embora respeite e observe ainda as influências do seu caráter místico. Desse perspectiva posso depreender que dele são retiradas as incongruências para que ele caiba numa realidade tão diferente, atendendo a demandas tão individualizadas, o que acena para o multiculturalismo vigente em expansão no nosso tempo. O pensamento de Baudrillard (1988) ajuda na compreensão desse fenômeno da contemporaneidade ao construir a idéia de simulacro – já explorada - evidenciando que nesse particular as culturas são frontalmente atingidas quando experimentam o desenraizamento que o mundo atual propicia, colocadas que estão sob parâmetros fluidos.

Agindo desse ponto de vista, o AI relaciona-se com a tradição através de um proceder muito afeito aos tempos de crise do moderno onde as experiências e valores se desterritorializam e vagam pelo mundo apartados dos lugares que lhes conferem sentidos genuínos, sendo retraduzidos e acomodados em embalagens ‘prontas para consumo’. Penso que por essa perspectiva o AI opera exatamente a colagem dos contextos e de realidades locais/globais na escolha que faz do maracatu – bem como outras expressões culturais similares – como a sua trincheira de atuação inserido numa realidade que, a princípio, não as comportaria enquanto prática.

Do ponto de vista do ideário que sedimenta as práticas grupais também é possível encontrar a mesma multiplicidade. Acredito que a cultura brasileira de cunho patriarcal e sexista possivelmente não experimentou o tempo e as vivências necessárias à manifestação daquilo que presenciei no grupo. Tanto em relação às práticas afetivas, quanto às escolhas políticas que faz, assentadas no ideal revolucionário da liberdade, da igualdade de direitos, o grupo termina por afiliar-se a contextos e tempos descolados da experiência nacional. A postura de igualdade de direitos entre os sexos e mesmo a irrelevância deles para a prática afetiva se inspira certamente nas já antigas bandeiras da revolução sexual européia, sumarizadas na invenção da pílula e na mais recente luta dos homossexuais – iniciada nos Estados Unidos - pelo reconhecimento do direito à diferença, culminada atualmente na Inglaterra com a conquista do direito ao vínculo civil entre pessoas do mesmo sexo. Assim, o grupo também sumariza o global num local que apresenta especificidades importantes.

Quanto à atuação num espaço mormente caracterizado pela amizade o AI traz à luz uma importante consideração acerca daquilo que já falava Holanda (1996) sobre o traço cordial do povo brasileiro. No âmbito do grupo a pessoalidade é endossada em discursos e práticas como orientadora das relações que travam, só que aqui ela aparece construindo um

sentido diferente. Na consideração do autor essa cordialidade pode ser interpretada se expressando **associada a institucionalidade**, estabelecendo com a mesma um certo **pacto funcional** às relações, por vezes reproduzindo lugares de dominação. O grupo elege as relações afetivas como **alternativa** às formas de interagir codificadas no mundo racionalizado à sua volta, abdicando de estruturas e formas impostas de relacionamento grupal. A amizade surge como uma possibilidade nova, como um espaço de encontro entre o pessoal e o social, tornando possível um certo administrar das incongruências daí provindas. Nesse campo o corpo, os sentimentos, as proximidades são potencializados enquanto instrumentos que mostram e falam daquilo que o instituído ‘solicita calar’, rompendo com a sua lógica. É por esse estratagema que os jovens conseguem instalar a política no campo afetivo para dizer do que pensam e como vêem o mundo. Desse modo, corpo - e emoções - se tornam portadores poderosos de uma identidade que se rebela contra a disciplina instituída, no sentido em que discute Giddens (1993). Não deixa de ser uma aproximação racional dos contextos de afetividades que partilham.

Sobre o fato de não instituírem regras gerais para o convívio, mas apenas se nortearem por princípios bem gerais, penso que uma questão se coloca que é o sentido atribuído ao usufruto da liberdade. A aposta manifesta é na liberdade criativa, que gere as interações e realidades grupais pela força dos desejos de cada um. É o propósito de inaugurar outro proceder onde conveniências e obrigações desvinculadas da necessidade interior – ou daquilo que é gerado no grupo - não encontrem maior expressão. Mas nesta investigação foi possível perceber que a negação quase absoluta das regras, da lei enfim, engendra outros desafios.

Sem regra não há limite para o usufruto do direito individual de proceder conforme decide e julga mais adequado – “seja a sua verdade”. É de se esperar que nem sempre a verdade individual coaduna-se com a melhor verdade para o coletivo. Uma vez que o indivíduo ocupa o espaço, não sobra lugar para a configuração do espaço coletivo e penso que esse é um dos desafios do grupo: no momento em que prima pela não adoção de regras e pautas mínimas que norteiem a prática grupal dificulta a construção de um coletivo expressa na clareza da razão de existir, dos propósitos tomados, bem como da economia interna para materializá-los e o papel de cada membro nesse fazer, conferindo maior articulação entre o ideário e a materialidade do grupo.

Possivelmente o que coloco acima contribua para a insegurança que pode conferir em relação à maioria dos membros do grupo acerca de duas questões: a primeira sobre a própria continuidade da existência do grupo enquanto tal, diante dos altos e baixos

que tem sofrido; a segunda sobre uma certa debilidade do sentimento de pertença, evidenciado na volatilidade dos membros entre vários grupos. A meu ver, ambas enfraquecem o sentimento de segurança que normalmente se busca nos coletivos e pude constatar isso em vários momentos, onde a infixidez deixou para alguns dos seus membros a constatação de que “eu tenho uma sensação assim às vezes, cara, que... eu pertenço a todas essas famílias, mas ao mesmo tempo eu não tô em nenhuma” ou que a “viagem do Arrasta é a viagem de cada um”. Operando num campo onde fala e vive um coletivo de liberdades radicais, buscando respeitar as diferenças individuais, o AI termina por potencializar as individualidades em maior destaque que o grupo e com elas a reprodução de temores e inseguranças associadas, instituindo no âmago da sua existência a marca maior desses tempos diluídos - aquilo do qual foge e diz atuar contra. Ficam para a administração do grupo os conflitos que naturalmente processos tão opostos geram, os quais se mostram bastante afinados com as incertezas da nossa atualidade.

Uma outra fonte de tensão é a postura assumida de negação da instrumentalidade em relação às atividades grupais. À medida que esta indubitavelmente inaugura novas formas de relacionar-se fora da lógica do instituído, resgatando tempos, valores e fazeres que já não são tão presentes no cotidiano comum, ao mesmo tempo os coloca em situação de vulnerabilidade num mundo material em que têm de conduzir suas vidas e a própria existência do grupo. Fora das rotinas, dos canais, dos códigos válidos socialmente instala-se para muitos a pergunta: como trabalhar, sustentar-se, constituir a vida numa realidade parametrada pelo mercado, valor material, onde não há eco para o que acreditam e praticam?

Os caminhos vistos como possíveis passam – de algum modo – pela existência grupal. O grupo aparece como o lugar do experimento para uma inserção diferenciada, como o produtor de eco do que escolhem como parâmetro, o lugar de ‘cura’ de medos e ansiedades e, por fim, como a retaguarda que fornece a coragem para a continuidade dos propósitos, porque “senão você começa a ver: “Pô, eu sou maluco, eu sou doido”. Nesse sentido, o grupo se coloca como o lugar onde podem encontrar uma referência para seguir com um mínimo de coesão e de segurança acerca de si mesmo na sua relação com o mundo e com o outro; é colocado como uma comunidade, mas uma comunidade desses novos tempos, atravessada por contradições, limites e impedimentos deles também provenientes, correspondentes ao que assinala Bauman (2003). No âmbito do grupo, especialmente, vivem e elaboram as tensões próprias do mundo em que estão inseridos e aquelas provenientes das orientações que dão às suas práticas manifestas em muitos aspectos do seu cotidiano. É através do grupo que tentam se estabelecer como coletivo e, ao mesmo tempo, abrir espaço para a manifestação plena das individualidades, como: escolher o local como a prioridade de sua atuação quando adotam

uma manifestação cultural externa e quando eles próprios provêm de outras culturas; destacar a valia da experiência dos mais velhos - de corte hierárquico -, mas exercitar a liberdade criativa ao extremo e o rompimento com a postura disciplinar; assumir uma manifestação afetiva fora do padrão, enquanto ainda cultivam a idéia de constituição de família descendente, embora em moldes alternativos ao hegemônico; eleger a arte, a manifestação cultural e o trabalho livre como vias prioritárias de manifestação do ser e administrar as demandas do cotidiano acerca das materialidades da vida comum inserida num ambiente instrumental de mercado, dentre outros.

É, portanto, aliando o novo e o velho, o interno e o externo num mesmo universo de práticas que os membros do grupo produzem para si uma certa unidade de sentidos conformando uma postura que envergam tanto como individualidades, quanto como grupo na expectativa de, na condição de sujeito, influenciar os rumos da totalidade: “Vamos fazendo a nossa parte, sei lá, né, a sociedade de repente que se inspire na gente”.

5.1.3 SDF: trançando tempos, espaços e entendimentos

Foi neste grupo que encontrei revelada, por excelência, a complexidade dos fatores implicados na constituição identitária juvenil, nos termos aqui tratados. Situa-se no espaço de erosão das fronteiras das realidades material/virtual, lidando intensamente com vários aspectos resultantes dessa situação, bem como do que tenho denominado do atual momento da realidade brasileira.

Incorporam às suas vidas o tempo instantâneo, o instante eterno, experimentam a possibilidade de ‘congelamento’ da vida e do ser em determinados lugares e condições. Experimentam a condição de ‘inventores’ de si próprios, sujeitos absolutos de uma realidade fugaz. O personagem virtual não sofre a ação do tempo linear, do lugar material e de tantas outras ‘limitações’ que os mesmos exercem sobre as vidas situadas fora desse espaço. Aqui, mais do que em qualquer lugar, a condição juvenil pode ser eterna e multiforme. Mas ao não ‘tocar as bordas’, fica impossibilitado de situar-se, de achar o seu lugar.

A possibilidade plena oferecida por esse meio produz – no caso deste grupo – um movimento inverso: os jovens buscam na materialidade do seu local de moradia, nas relações familiares, no ambiente das encontros *off-line* referências que possam lhes assegurar a sua colocação do mundo. Possivelmente a busca de confiança e vínculos mínimos, já que na “internet rola muita fofoca também, né, muita falsidade” e quando a mesma não existia “eu não tava nem ligando pra computador! Eu tinha computador em casa e ficava o dia inteiro na

rua jogando bola, soltando pipa.. não ligava...”. Porém o mundo material também é um lugar incerto. Os jovens lidam com a contingência de suas limitações, obrigações, inseguranças concretas e, mesmo assim, são obrigados a agir – seja na virtualidade ou na vida material de cada um.

Na interação com o mundo material e diante da sua desagregação assumem posturas e práticas orientadas por parâmetros, em princípio, incongruentes. No tocante à relação com a família, ao tempo em que a maioria reconhece as dificuldades extremas de convivência - visto ser a mesma enfrentada e negada por muitos no cotidiano - a elegem como a retaguarda indispensável, mesmo quando se pensam num futuro, maduros e responsáveis por si. As possibilidades de colocação no mundo do trabalho para alguns são pensadas em função das relações familiares, expondo a clareza que possuem acerca da fragilidade das regras formais como asseguradoras de um proceder impessoal parametrado pelo crivo da habilitação e qualificação permanentes.

O padrão do respeito fictício à regra universal vigente no meio social – esta entendida como produto de um acordo entre os indivíduos - também se faz claro para os jovens quando detectam sem rodeios o ‘faz de conta’ dos acertos familiares, escolares e até das de algumas universidades quanto às seleções que realizam. Entretanto, embora tenham duras críticas aos ‘políticos’ por todos os problemas do país que identificam com a maestria dos sociólogos, aceitam participar do jogo, entendido como previsível, mas também legítimo, bom. Isso aponta para a tolerância que a sociedade brasileira desenvolveu com tais valores e práticas, incorporando-as ‘naturalmente’ a um proceder que também se orienta por padrões claramente universais e racionais.

Quanto ao verticalismo que já apontei em relação à ODV, no SDF esta postura vertical assume o seu grau máximo enquanto autoritarismo. A pesada relação hierárquica vigente, entretanto, não se apóia no discurso competente, na desigualdade do saber, mas na ostensiva **desigualdade do poder**. O *founder* pode qualquer coisa em relação a OPs, *voices* e usuários comuns. O dono do canal cria a sua ‘Casa Grande’ à sua imagem e semelhança, dispondo – inclusive de aparatos para castigar aquele que não atender as suas regras – as regras da sua vontade, da sua personalidade. Desse modo, é preciso – mais que qualquer outra coisa – conquistar um lugar junto ao dono, disputar e, circunstancialmente, merecer a sua atenção e o seu reconhecimento.

Possivelmente quando o finlandês Oikarinen dispôs sobre os poderes do *founder* tivesse como *background* a cultura liberal que reconhece como legítimo e justo o ‘dono do negócio’ administrá-lo com base nos seus interesses particulares racionais de expansão e

defender a sua propriedade com determinação, entre outros. A lógica do “vá embora e forme o seu próprio canal” ilustra o que digo. Entretanto, no Brasil o estofo cultural – do modo como o compreendo – prestou-se a uma colagem funcional desses princípios com os traços que construímos historicamente, fazendo surgir outra possibilidade para o veredito de Oikarinen: aproxime-se ao senhor e goze das benesses que só ele pode distribuir, conforme merecimento. Nesse caso, o cumprimento das regras não basta, mas o agrado ao líder.

Apontando nesse sentido interpretativo, encontrei que muito embora afirmem a necessidade do membro “ajudar o Canal”; “entrar no Canal” para crescer lá dentro, a principal moeda circulante no SDF não é do esforço pautado nesses princípios ou do envolvimento impessoal pelo engrandecimento do Canal. É perceptível junto a grande parte dos membros do grupo um certo esforço em mostrar que é amigo do *founder* ou do *successor*, que priva da sua atenção e deferência. Um esforço em ser simpático, ser partidário do ‘senhor’, servir-lhe, falar a sua língua, antecipar-se aos seus desejos para merecer a sua atenção e conquistar a @ - insígnia da distinção no ambiente do Canal – que chega até o usuário em forma de dádiva, de favor que se converte imediatamente em poder diante dos demais e institui o membro contemplado como merecedor dos mesmos afagos por parte daqueles que buscam ser contemplados futuramente. Assim, cristaliza-se a relação de dependência entre o *founder* e o recém contemplado, uma vez que a sua avaliação e o seu prestígio no meio virtual provêm da condição de operador e perder a @ “querendo ou não te atinge, sabe, te abala”. Por outro lado, a condição de OP dá seqüência a outra cadeia de relações que combina dependência e competição: dependência dos aspirantes que gravitam em torno do novo OP e competição tanto desses entre si, quanto do OP com os mais antigos. Uma vez sem códigos externos que garantam as relações, passando estas a depender exclusivamente da pessoa do *founder* e/ou do OP, o que se verifica é um processo de sufocamento das alteridades visto não ser possível a aquisição do lugar buscado por outros mecanismos vinculados a um mínimo de autonomia. Expostos ao poder total dos líderes o único caminho que resta é assemelhar-se a eles num percurso de mão única, abdicando de sua particularidade subjetiva. Por outra interpretação, é não se revelar, já que está inviabilizada a convivência, a confiança e o mínimo de autonomia.

A combinação autoritarismo/dependência - tão presente nas relações que pontuam toda a história nacional – aqui se mostra deflagrando, portanto, acentuada belicosidade no meio virtual. Intrigas, delações, fofocas, traições compõem os cenários das batalhas que geram como saldo um importante nível de insegurança quanto ao posto ocupado - âncora do reconhecimento que se tem diante dos demais. Manter a @ é uma tarefa diária e árdua, pois não há meios de controlar a ação *on* e *off line* do grupo. Também é uma tarefa

solitária, visto que o nível de confiança possível é estreito, reforçando a importância da relação com aquele que, em especial, institui a regra do jogo e define o lugar de cada um: o *founder*.

Ainda quanto à lógica de distribuição das @ verifiquei que outra prática existente no grupo é a relevância da relação familiar nas decisões ocorridas no grupo. No SDF, além dos dois *successors*, apenas o irmão do *founder* e sua namorada possuem o *level* 999 – o maior nível de hierarquia entre os OPs. Pude perceber que existe por parte dos demais membros do SDF uma deferência especial em relação a esses dois membros. Entretanto, as falas me apontaram claramente que tal atitude se verifica muito mais em função do ‘parentesco’ existente com o dono do Canal do que com o nível possuído por cada um: “eu acho que gera um pouco de medo de falar comigo por ele ser o dono do Canal”. O nível ‘doado’ aos próximos aparece como um distintivo, um brasão que diferencia aqueles que fazem parte do núcleo ‘familiar’ do *founder*. Não está em jogo nenhum critério de merecimento, apenas o vínculo parental se mostra suficiente. Pude constatar que ambos – o irmão do *founder* e, em especial, sua namorada – sequer tinham vida ativa no ambiente *on-line* ou intensa interação com os demais e possuíam muitas discordâncias em relação à postura geral adotada pelo grupo.

Muito embora o *founder* tenha demonstrado propósitos claros de estabelecer uma administração impessoal e o entendimento claro do como concretizá-la, a qual viabilizasse o aumento do número de membros e usuários, o incremento das atividades *off-line*, a conquista de anunciantes para o espaço virtual e com isso adquirir certos ganhos materiais – como entrada livre para os OPs em eventos de lazer e, se possível, até algum lucro com a realização de festas – o cotidiano das suas relações *on* e *off-line* se mostrou amiudemente atravessado pelo emocional, pelo pessoal, pelo familiar distanciando-se do discurso instrumental adotado e dos objetivos estabelecidos.

Outro ponto da convivência grupal onde é possível observar formas de combinação características da tradição cultural brasileira foi no trato que estabelecem com as mulheres em especial e segmentos minoritários com os quais interagem. Pensando a história do Canal por inteiro - fundado com o objetivo declarado de ‘agarrar mulher’ – e as questões particulares a considerar é possível dizer que, da parte dos meninos, é perceptível a relação que estabelecem com o feminino de um modo conservador e autoritário. As mulheres aparecem como ‘algo’ em relação ao qual se permitem classificar, utilizar, controlar, descartar ocupando três lugares simbólicos fundamentais: o de ‘coisa’, o de desqualificada e o de esposa.

Como **coisa** elas aparecem arroladas ao lado dos carros e das casas como ‘bens’ de consumo que desejam possuir num futuro próximo. Muitos dos meninos se referem à idéia de ter uma mulher como parte do seu ‘kit básico de sobrevivência’ no futuro, como diz BIMBA: “...Já pensou eu na minha casinha, meu carrão todo equipado na garagem e uma mulher bem gostosa? É cara! É isso, irmão! Isso é o sentido da vida”. É perceptível a adoção do padrão vigente que afirma o homem bem-sucedido como aquele que amalha bens, dentre eles, “uma mulher bem gostosa” para usufruto e, quiçá, exibir aos demais.

São colocadas como **desqualificadas** todas aquelas consideradas ‘feias’ e as que se permitem liberdades similares às dos meninos nas relações estabelecidas com o sexo oposto. O código de alcunhas as apresenta como “casqueira” e “fim-de-carreira” - as primeiras - e de “vaca”, “galinha”, “safada”, “traíra”, “vagabunda”, “bunda-rodada”, “Maria-OP” e “arreganha”, as segundas. Os rótulos que criam, para além de uma ‘brincadeira’ de mau gosto, exteriorizam o imaginário construído em torno da inserção que atribuem a cada uma no grupo, os quais, por sua vez, falam da desigualdade existente nas relações entre os gêneros e da postura discriminatória assumida pelos meninos em relação às meninas.

Como visto, a interação parametrada adota o padrão de beleza dominante como mecanismo de inclusão de algumas meninas, bem como da atenção que recebem, funcionando como critério de avaliação e discriminação sumária das mesmas dentro do grupo. Adota também um padrão moral que se caracteriza pelas idéias do proibido e permitido com base no sexo de cada um. Dentre esses a traição, por exemplo, aparece avaliada sob dois critérios: melhor aceita quando parte dos meninos e motivo das agressões verbais acima, quando se trata das meninas. O ‘falatório’ nos espaços *on* e *off-line* são ainda potentes mecanismos de controle das práticas, mormente femininas. Se têm compromisso com alguém, as meninas evitam ‘ficar’ com conhecidos porque “a fofoca rola no Canal e aí dá treita...”.

A figura da **esposa** aparece como a mulher ‘séria’ que provém do grupo das “gente boa”, com as quais mantêm namoro fixo, de compromisso. Normalmente se trata de meninas que adotam certa distância em relação aos outros meninos, uma certa discrição, e que – fundamentalmente – acatam o jogo das relações como venho apontando. No geral, aceitam o cerceamento, por parte do namorado, de algumas iniciativas e liberdades no convívio do grupo. A idéia do respeito pelo feminino aparece, então, atrelada à de obediência, recato e proceder, colocada como um diferencial moral de algumas meninas diante das demais.

Penso que lidamos aqui com a reprodução de relações remanescente do padrão vigente na colonização e na Casa Grande retraduzidas para o contexto atual com todo o componente de complexidade aí implicado, inclusive das virtualidades que compõem os

espaços de relações. Naquele ambiente os homens tinham poder de vida e de morte sobre as mulheres, tidas como suas propriedades, seja para a reprodução de linhagem (a esposa), seja para o gozo e o lazer (a escrava, a prostituta). Esses eram quase exclusivamente os espaços disponíveis onde, no mais das vezes, as mulheres construam uma subjetividade do ‘ser feminina e mulher’. No Canal, por vários caminhos, ainda encontrei o feminino acanhado num universo construído e hegemônico pelos homens, para eles próprios, onde se colocar como mulher se revela uma necessidade de superar desigualdades e preconceitos. Merece destaque o fato de que esse ideário tradicionalista encontre campo propício para sua expressão num grupo onde a inserção dos sujeitos se dá também e fortemente a partir de um cenário globalizado, prenhe de possibilidades de influências, informações e trocas com realidades e culturas aonde esse traço vem perdendo força.

É exatamente a força deste cenário, por exemplo, que define um traço do grupo profundamente vinculado ao atual momento que é a particularidade da linguagem e o padrão estético adotado. A primeira, quando utilizada no ambiente virtual, mostra-se como um complexo composto a partir de um Inglês básico que, misturado ao português adaptado, a símbolos, algarismos e caracteres diversos, produz um código particular de interação textual – e até verbal – como instrumento eficaz para uma comunicação objetiva e imediata, por demais apropriada ao mundo virtual. Uma linguagem sem pátria, compreensível em maior ou menor proporção a todos os iniciados da *internet*, em todo o mundo. Um instrumento que os ‘habilita’ a migrar e interagir para além dos seus territórios e partilhar do mundo, independente da cor, raça, sexo, idade ou situação social a que pertençam, apartando-os dos preceitos nos quais se embasam para lidar com o mundo material no qual vivem.

Quando se trata da linguagem verbal encontro mais uma importação: é forte a presença da gíria pertencente ao universo *Hip Hop*, além da inspiração que esse Movimento oferece à estética assumida pela maioria do grupo. Manifesto nas roupas, música, dança, grafite, nos filmes e outras práticas às quais muitos aderem é patente a influência do *Hip Hop* e seus variantes. Como sabido, esse movimento é originário dos guetos negros novaiorquinos, nascido a partir da necessidade desses segmentos imprimirem visibilidade aos seus problemas sociais e de disporem de um canal para manifestarem o seu potencial artístico através da poesia/música, do grafite e da dança. Nos últimos tempos, capturado pela lógica do mercado, significativa parcela deste modo de interagir com o mundo vem sendo inserida no fluxo de produção e consumo de mercadorias e disposta enquanto produtos a serem adquiridos por qualquer pessoa sem que esta tenha necessariamente qualquer vinculação político-cultural com o mesmo, consubstanciando a idéia de simulacro apresentada por Baudrillard (1988). O

grupo partilha de ambos os movimentos: tanto incorpora em alguma dimensão a essência político-cultural da proposta, quanto participa em expressão mais acentuada do seu componente mercadológico. Desse modo, interage com aspectos fortes de um multiculturalismo que atravessa fronteiras e, sofrendo as influências de cada particularidade cultural, influencia os jovens nos diversos locais do planeta, mas ao mesmo tempo partilha de um modo de estar no mundo que não foi produzido genuinamente pelo seu modo de vida, o que pode apresentar como resultado muitas incompreensões e receios quanto ao integrar-se totalmente a tal perspectiva na qual não encontra inteiramente a si próprio.

Chamo a atenção ainda para o aspecto geral do consumo no grupo. A meu ver, a expectativa de usufruto quanto a diversão, o lazer, o ensino superior, a satisfatória carreira profissional, entre outros, aparece vinculada a um certo padrão de vida que objetivam conquistar. A observação esclareceu que o consumo, por sua vez, aparece como o canal competente para a efetivação das sensações agradáveis com as quais objetivam preencher suas vidas; vinculado diretamente ao surgimento e busca de satisfação do desejo (BAUMAN, 2000). Cada objeto oferecido pelo mercado vai em socorro de ausências instaladas, incômodas inquietações que demandam ser sanadas pelas emoções ‘embutidas’ em cada bem adquirido, seja de pequeno ou grande porte. Essa é uma referência importante que aparece orientando as relações do grupo com o mundo que o cerca. Penso que a partir desse traço grupal podemos compreender duas questões importantes: a materialização do valor das coisas em detrimento das relações construídas a partir das experiências e o valor atribuído ao que vêm de fora em detrimento do local. Possivelmente esteja presente nesse comportamento, além da força que a mundialização exerce sobre os coletivos, a tradição nacional de filiação acrítica ao que nos chega de fora que desde os primeiros importados de Portugal e da Inglaterra – fossem produtos ou pessoas – se nos pareciam os mais adequados, competentes e valorosos, como também discute a obra de Jessé de Souza.

Desse resgate do antigo que o grupo opera ressalto ainda a aposta que grande parte faz da idéia da família nuclear descendente como o modo de relacionamento que aspiram e que se lhes aparece como sinônimo de certa estabilidade e segurança, muito embora – como verificado – a recombinação familiar ascendente seja uma tônica forte no interior do grupo. O resgate do trabalho, a busca do emprego são outros aspectos que aprisionam a realidade grupal a um tempo que a própria realidade virtual da qual partilham anuncia com nitidez que – de algum modo – começa a desaparecer de suas vidas e práticas.

Compondo cenários a partir das realidades virtual e material em que se inserem e da história que experimentam produzindo e reproduzindo seu cotidiano o grupo vai

conformando uma certa expressão do existir de cada um e de como se relacionam com o mundo sem fronteiras onde têm lugar suas experiências materializadas sob uma forte desconfiança sobre o que pode realmente ser fortalecido e adotado como suas referências de vida. Do ponto de vista das relações na *web*, interação com parceiros que perderam o rosto e na rua, os semelhantes perderam os pés. Personagens desfigurados e desterrados do seu lugar e tempo possivelmente não lhes pareçam merecedores de maior confiança.

5.2 JUVENTUDES: localizando semelhanças

Falar de juventude é falar de diferenças. O real nos obriga a essa constatação em todos os momentos e de todas as maneiras e foi mais desse aspecto que o trabalho se ocupou até aqui. Desse modo, sumarizar considerações gerais em torno dos três grupos abordados não se mostrou para mim tarefa fácil, tendo em vista que os grupos exibem diferenças de grande porte, consubstanciando três realidades ímpares.

Entretanto, se falamos de juventude como uma categoria é porque algo de comum nela se explicita. Quando da construção do suporte conceitual deste trabalho insisti em alguns aspectos, especialmente aqueles apresentados por Margulis e Urresti (2000), entendendo-a como um segmento social que apresenta materialidades comuns que – imbricadas, porque insuficientes se isoladas - recortam minimamente o que abordo enquanto juventude ao longo da pesquisa.

Para além das questões teóricas, que se mostraram de alta pertinência no entendimento do real estudado, nesta parte do trabalho o que pretendo apresentar é exatamente outras questões que se afigurem como semelhantes a todos os grupos pesquisados. Trata-se de achados que estabelecem pontos de encontro, realidades comuns aos participantes dos coletivos juvenis em questão, oferecendo um certo contorno acerca das juventudes encontradas no estudo encetado. Os resultados que apresento não são unanimidade dentro dos grupos, mas expressam a posição da grande maioria dos membros. Por outro lado, apesar de cada tópico aparecer com algumas especificidades para cada grupo – como destaque – no geral mostram-se comuns a todos os três coletivos enfocados.

Nos ambientes investigados, de diferenças etárias significativas e semelhanças quanto à intensa partilha de sentidos, não pude delinear marcas geracionais com a mesma clareza que isso se fez em relação à memória social que incorporam às suas práticas e modos

de ver o mundo e relacionar-se com ele. Pude verificar a presença forte de certas idéias e orientações comuns a todos que muito falam do tempo complexo em que vivem e dos eventos de vida que partilham em suas materialidades. É o que passo a apresentar.

5.2.1 A fragilidade das grandes referências

Um primeiro ponto a enfatizar é a presença de um afrouxamento em relação aos parâmetros institucionais que exerciam grande influência para uma certa conformação social de um passado recente. Falo, por exemplo, da ‘morte’ de três instituições grandiosas, que até recentemente norteavam as sociabilidades, quais sejam: o Estado, a religião e o casamento.

O **Estado** aparece para todos os grupos como tendo perdido importância enquanto referência de grande significado para o estabelecimento dos acordos do convívio social, embora sob enfoques diferenciados. Para o AI a postura se mostra mais como descrédito e desqualificação da ação estatal como portadora de sentidos que possam, de fato, interferir na vida social reconstituindo a condição cidadã aos indivíduos habitantes do país, assumindo, no mais das vezes, uma posição de esquecimento em relação a isso. Em algumas outras oportunidades, atua apoiando ações reivindicatórias, no sentido de demandar que o Estado assumira o seu papel diante da sociedade. Para o SDF a posição é de absoluta desqualificação da ação estatal e a escolha é de rivalização e enfrentamento na dimensão possível à maioria do grupo. Especialmente nos quesitos justiça e segurança pública a maioria se percebe como vítima direta da ação estatal. No caso da ODV existe uma constatação das dificuldades do poder público – que são entendidas enquanto fragilidades e impossibilidades -, mas a postura que o grupo procura consolidar é de assunção ativa e programática de uma parte das tarefas que, em tese, seriam de responsabilidade estatal. O grupo compreende que muitas das ações que cabiam ao poder público não devem ser dele cobradas, mas assumidas social e individualmente e é assim que se coloca muito mais como parceiro do que como reivindicador das providências e medidas que reitera como necessárias.

No que diz respeito às **práticas religiosas**, para a maioria dos membros dos três grupos é patente a ausência das mesmas como algo regular e formalizado. A vinculação com o sagrado, quando aparece, manifesta-se de modo informal e apartado de estruturas confessionais de quaisquer naturezas.

O **matrimônio** seja significando compromisso religioso ou legal, seja conformando famílias nucleares fechadas, é uma idéia que aparece com pouquíssima força

para a maioria, ganhando expressão o propósito das ‘tentativas’ informais de convivência comum, incorporadas sob uma perspectiva de conservação das liberdades individuais.

Além dos aspectos apresentados outra tendência encontrada em todos os grupos é a desistência dos entes coletivos amplos, como a classe, o partido, a sociedade etc., que os venha ‘resgatar’ ou promover ‘revoluções’, grandes mudanças coletivas. As referências são multifacetadas e, especialmente, materializadas naqueles contatos muito próximos, fazendo com que a confiança maior se encontre depositada em si mesmos, na família ou nos amigos. Nesse sentido, é os grupos nos quais se inserem se apresentam como lugares de referência. Para o AI o grupo é a força que auxilia no auto-conhecimento, no fortalecimento do interior de cada um e de um coletivo, um ente de apoio à luta em favor do que acreditam. O grupo, na interpretação dos membros da ODV, mostra-se como um espaço operacional, que fomenta e potencializa o crescimento pessoal individualizado quanto ao enfrentamento dos desafios impostos no sentido de uma inserção e bom desempenho no âmbito social e do mercado, obedecendo uma perspectiva racional. Em relação ao último grupo, o SDF, os seus membros o colocam enquanto um instrumento do qual podem dispor diante de um mundo esvaziado de sentidos. Espaço de aprendizagens várias, o grupo se mostra como um palco da busca de diferenciação e afirmação de cada um para consumo do próprio grupo; cada um busca um ‘lugar’ dentro do grupo e através dele, na condição de coletivo é que estabelece as relações com o mundo exterior. Talvez surja daí a reiterada exigência de confiança e união entre todos – mas não da sua real efetivação – revelando a radical necessidade que sentem de confiar em algo, referenciar-se, visto que lá fora não há o outro; “não há ninguém, nenhuma autoridade para reconhecer nosso valor”. (SENNETT, 2005, p. 139). Para todos eles – e cada um a seu modo - o espaço grupal conforma-se como lugar de busca de reconhecimento e constituição de individualidades.

Por fim, são as referências próximas, com as quais mantêm certa convivência imediata, que aparecem nos seus imaginários como parâmetros que norteiam as suas vidas.

5.2.2 O trabalho

De modos inteiramente diferentes, os três grupos possuem no trabalho uma referência forte para o diálogo que estabelecem com o mundo ao seu redor. Embora, no geral, demonstrem compreender a problemática na qual se situa o mundo do trabalho na atualidade,

o mesmo ainda se mostra a todos como algo que orienta os discursos e o delineamento possível que fazem de suas vidas.

Para a Oficina da Vida o trabalho aparece com uma presença ostensiva no seu modo de entender o mundo e as relações e especialmente na sua maneira de entender-se atuando no mundo. Adotando uma visão mais instrumental, mais aproximada ao desenvolvimento profissional, para o grupo o trabalho nessa perspectiva aparece como instrumento de afirmação da pessoa e de mudança positiva da sociedade; como o meio eficaz para a produção de riqueza e normalidade social.

Para o SDF o trabalho, embora aparecendo com força nas elaborações que fazem os jovens, prende-se mais à dimensão do imediato que experimentam nas suas vidas. Assim, o trabalho é mais freqüentemente associado à idéia de um “trampo” ou, em segundo plano, a uma carreira profissional e voltado para sanar as necessidades que experimentam no cotidiano quanto ao desejo da auto-suficiência em relação aos pais. Desse ponto de vista, assume o sentido de liberdade em relação à dependência financeira. Por outro lado, o trabalho também é associado à possibilidade de uma vida confortável num futuro próximo, estando desse modo diretamente vinculado à idéia do consumo de bens de alto custo que almejam para si; bens que se mostram conferindo sentido às diretrizes que intentam implementar às suas vidas adultas.

No caso do AI o trabalho, no mais das vezes, aparece apartado da sua dimensão instrumental. Para a maioria do grupo, o trabalho é o exercício humano que ‘fala’ pelo eu, sendo o maior responsável pela sua tradução em inteireza: propósitos, idéias, habilidades, sentimentos, entre outros. Desse modo, a escolha certa de uma profissão aparece submetida à **identificação com o desempenho de um fazer** e não com a perspectiva do fazer que se esgota em si próprio como se verifica num ambiente de mercado. O fazer aparece valorizado e em potência à medida que pode revelar o ser e não à medida que possibilita o ter – este seria resultante daquele. As dificuldades do mundo material vinculado ao trabalho como atualmente organizado, aparecem como fontes de tensão e inseguranças para a maioria dos entrevistados.

5.2.3 A interconexão grupal com segmentos juvenis populares

Em todos os grupos encontrei uma estreita relação com jovens pertencentes às camadas populares, expressa em cada um deles de maneira diversa. No SDF essa proximidade

se mostra por três caminhos. Um primeiro é com o engajamento propriamente dito enquanto membros do grupo², pois embora a quase totalidade do grupo se situe nos setores médios da população, alguns membros provinham de camadas populares. Outra forma é através do contato com outros canais. Nos encontros *off-line* como grupo SDF onde compareciam membros de outros grupos, pude verificar que alguns deles também eram de origem social diversa daquela maioria ali reunida³. E, por último, a presença de jovens da circunvizinhança nos encontros rotineiros nos bairros onde residiam.

Pude perceber que dentro do grupo, salvo em algumas situações muito particulares, o critério que poderíamos chamar de ‘diferenças de classe’ não oferece maior referência, em princípio, para a orientação das práticas grupais como um todo. Se o consumo aparece como um critério de afirmação junto ao coletivo, outros aspectos – como a ocupação de um posto dentro do Canal, a capacidade de relacionar-se, a possibilidade de desempenhar uma função necessária ao grupo, a assunção de postura mais madura diante dos demais – se mostram com igual ou até maior força na interação grupal, construindo os ‘lugares’ que ocupam no imaginário coletivo e na estruturação do grupo mesmo. Desse modo, posso dizer que existe uma certa horizontalidade entre os jovens pertencentes aos vários segmentos sociais dos bairros onde moram ou freqüentam.

Não obstante o apresentado acima, a situação mostra-se muito diferente quando o grupo trata dos jovens que dele não fazem parte. Nas falas dos membros em geral o segmento juvenil da cidade que reside em favela e aglomerados empobrecidos – e não participa do grupo – aparece qualificado como ‘mala’, ‘malaco’, ‘traficante’, ‘gente ruim’, ‘ganguê’, ao qual é imputado o crime, o roubo, o estupro e o assalto, indistintamente. Desse modo as referências sociais de maior porte que partilham explicitam as profundas diferenças existentes, colocando-os não raro em pontos limites de entendimento desse **outro**. Ao contrário, a vida grupal e os seus valores é que pautam com maior força a convivência daqueles de origem social diferenciada, fazendo com que se vejam como iguais diante das dinâmicas grupais.

Analisando a relação construída entre a ODV e a população de baixa renda que participa do grupo via uso dos serviços um primeiro dado esclarecedor é o fato desses jovens

² Destaco como **engajamento** a participação simultânea nos ambientes *on* e *off-line* do grupo, possibilitando vivências e trocas embasadas na materialidade da vida do membro. O simples acesso virtual impossibilita essa experiência, tendo em vista que o usuário do canal pode construir em torno de si e sobre si próprio a ‘realidade’ que desejar, assentada ou não nas suas condições materiais de vida.

³ As referências utilizei para situar esses jovens como o faço acima foi a observação do padrão de consumo que demonstravam ter, o universo simbólico que partilhavam e, em menor escala, as conversas que mantive com os mesmos.

– até o final do trabalho de campo - não fazerem parte do quadro de sócios da ONG. De acordo com o que já relatei anteriormente, os jovens de baixa renda provenientes das Escolas de periferia e da Empresa Macêdo, participam da Oficina enquanto destinatários dos serviços que a mesma presta, os quais chegam prontos até eles. Existe uma marcada **des-igualdade** no tipo de participação que jovens coordenadores, fundadores e membros efetivos têm na Oficina e aquela que os jovens destinatários dos serviços têm. Essa desigualdade se mantém à medida que os serviços destinados para esse público não o capacita/instrumentaliza para usufruir dos níveis e tipos de participação que os jovens com maior aporte de instrução ou de maior envolvimento com a estrutura organizacional da ODV. Os mundos dos dois grupos juvenis – dos sócios efetivos e fundadores, sujeitos da pesquisa e dos jovens empobrecidos usuários dos serviços – são realidades diferentes que convivem num mesmo movimento. Estão unidos pelas atividades, pelas presenças e até por alguns objetivos individuais comuns. Entretanto, jamais os limites que os separam são esmaecidos, borrados, desfeitos. Seguem em mundos paralelos, num mesmo tempo e num mesmo lugar, mas sem misturar-se de fato, ratificando a regra básica de convivência entre elite e povo em nossa história.

Se olharmos para esse quadro a partir das idéias de estudiosos a quem recorri no segundo capítulo desta tese, encontraremos muitas semelhanças dos lugares ocupados por essa população de jovens e aquela que se constituiu em ‘excedente’ da escravidão, em dois momentos diferentes: tanto como pobres brancos sem posses nem qualquer formação, quanto como ex-escravos os destituídos ocupavam as franjas da urbanidade, do desenvolvimento e do acesso a bens e serviços sociais – isto é, constituíam os contingentes empobrecidos da modernidade que nascia. Aqui, esses jovens que continuam nas franjas sociais repetem os lugares de antepassados, sem notícia – no âmbito da sua formação - de porquê nem como essa realidade excludente continua possível dois séculos depois. Desse modo, talvez a própria crítica do que vivem lhes permaneça inacessível.

No AI essa convivência se dá pela participação de jovens de camadas populares enquanto membros do grupo e pela aproximação que o grupo e muitos membros isoladamente buscam com populações de periferia – tanto em Florianópolis quanto em Recife-PE, nos bairros onde estão radicadas as Nações. Na convivência que exercitam ocorrem duas inserções diferenciadas: a primeira, ao se apresentar em festas e similares para as populações ou oferecer-lhes oficinas de percussão o grupo coloca-se a partir da intenção manifesta de “devolver o maracatu para as comunidades de onde ele veio”, entendendo-se com responsabilidades diante desses segmentos, assumidas desde a adoção do maracatu como uma expressão cultural que não pertence às suas próprias origens. Embora os aborde do lugar

daqueles que ‘sabem’, a inserção nos locais ocorre a partir de acordos e/ou demanda dos próprios moradores e o código principal da relação – a música – estabelece um vínculo comum entre todos – seja pela presença cultural que possua, seja pela adesão voluntária.

A segunda, quando da visita aos bairros de periferia do Recife onde se encontram as Nações de Maracatu a relação é completamente invertida. Para estar lá e serem reconhecidos como batuqueiros dependem da aquiescência dos Mestres que se cercam de critérios próprios ao seu mundo para interagir com os de fora. Além disso, os jovens do AI ocupam o lugar do ‘não saber’, tendo em vista que – além de possuírem de fato menor acúmulo musical - lá buscam partilhar de algo que **escolheram** diante de um coletivo que possui imbricamento profundo de vida com as práticas do maracatu como um todo. A escolha da música por si não os habilita de pronto enquanto partícipes do coletivo. Lá são os estranhos que, desterritorializados, aceitam as regras que encontram a fim de partilhar de um universo que desejam entender melhor por ser o campo que elegeram como modelo identificatório. Da experiência tiram ensinamentos que superam a realidade encontrada quanto à diferença de inserção social entre o grupo e as periferias que sediam as Nações.

De acordo com o que consegui apurar, a referência discursiva e algumas iniciativas práticas do grupo pautam-se pelo compromisso com o resgate social desses segmentos. Por essa abordagem encontro no grupo uma prática diferenciada, evidenciando uma nova relação entre elite-povo. Entendem as diferenças existentes entre o grupo - principalmente de universitários, informados, politizados – e as comunidades com as quais se envolvem. Entretanto fazem dessa diferença o móvel do trabalho que desenvolvem em alguns locais e do ensino da música que tocam um recurso para a população se habilitar – especialmente jovens e crianças - a recuperar aspectos de sua própria história enquanto descendentes de escravos, do seu presente de expropriados, fazendo a crítica do lugar que lhe foi atribuído no mundo construído.

5.2.4 A articulação em rede

No âmbito de atuação de cada um, os grupos se apropriam dessa nova tecnologia de relacionamentos, instituindo a rede como estratégia de organização da existência grupal. O encontrado vem colocar-se no sentido do que afirma Bauman (2005) acerca do surgimento das redes de relações em lugar dos relacionamentos estabelecidos no ‘longo prazo’ envolvendo escolhas pensadas e compromissos de parte a parte os quais oferecem maior

segurança e, ao mesmo tempo, muito freqüentemente implicam em certa perda da liberdade individual.

No SDF encontrei essa realidade expressa de sua forma mais literal, tendo em vista que importante parte da sua existência se faz pela rede virtual. A articulação no *cyberspace*, conquanto traga gratificações e prazer, é também uma forma dos jovens ampliar ou buscar a ampliação das suas possibilidades de existência no mundo. Aqui distingo, então, duas delas que se mostraram possíveis no espaço virtual partilhado pelo grupo: uma primeira, referente àqueles jovens que constroem e se apegam a uma existência virtual, buscando afastar-se – talvez – de sua realidade concreta, possivelmente por não localizarem similitudes entre o personagem criado e sua própria pessoa. Nesse sentido, a rede constitui-se numa prótese através da qual o jovem lida com as limitações de sua materialidade. Outra possibilidade diz respeito àqueles que usam a articulação em rede para potencializar-se e afirmar-se, declinando do uso dos protótipos por demais elaborados. Para esses a rede constitui-se fundamentalmente em mais um canal de explicitação de sua presença no mundo. Além desses aspectos, a convivência também virtual do grupo possibilitou a construção de uma certa rede de relações *off-line* entre alguns canais do IRC que favorece, inclusive, a proteção de parte a parte nas oportunidades onde isso se mostra necessário.

Quanto a ODV as redes aparecem mais consolidadas no tipo de intervenção que buscam ter no tocante ao trabalho que desenvolvem com os jovens. Nesse particular buscam a parceria com outras empresas e instituições que atuam direta ou indiretamente com a questão, no sentido de materializar objetivos comuns, além de potencializar recursos investidos e ações desenvolvidas. É nesse sentido que o grupo estabelece no seu Estatuto Social as intenções de “celebração de convênios, contatos ou parcerias com instituições ou órgãos públicos ou privados, nacionais ou estrangeiros com vista a divulgação, implantação, complementação ou transferência de tecnologia e conhecimento...” ou ainda “que visem transferir recursos, tecnologias e conhecimentos similares ou complementares...” à ODV e, por último, dispõe-se ao mesmo tipo de parceria (convênios, contratos e outros) “com profissionais liberais, professores universitários, consultores ou empresas que possam auxiliar na criação, complementação, transferência ou divulgação de conhecimentos, tecnologias ou recursos” (2003, p. 2). A própria sistemática interna de trabalho do grupo resgata a idéia das atividades em rede, onde equipes e membros se articulam a partir de responsabilidades e compromissos setorializados que vão assumindo junto ao trabalho como um todo.

No AI a idéia de rede qualifica mais as relações existentes entre um certo coletivo juvenil de natureza sócio-afetivo-cultural da Ilha do qual fazem parte vários grupos

juvenis locais. Propósitos comuns quanto ao resgate de culturas populares, à defesa ecológica do patrimônio ilhéu e um modo de vida no geral alternativo ao hegemônico caracterizam essa rede à qual se referem os membros do grupo. Outro aspecto são as atividades realizadas que, com frequência, envolvem esse coletivo referido, seja a promoção por vezes articulada conjuntamente de eventos locais, seja a participação de todos em eventos locais e/ou nacionais.

5.2.5 A percepção das tecnologias e virtualidades

Em tempos de intensa virtualização de grande parte da vida e de participação prioritária da juventude nesse processo, encontrei dados que se fazem bastante interessantes. Diante da profunda diferença que existe entre os grupos pesquisados, este é mais um ponto em que se revelou forte semelhança entre os mesmos. Primeiro pela relação que, de modo mais intenso ou mais discreto, todos os grupos possuem com as novas tecnologias de informação e comunicação em geral disponibilizadas pela *internet*. Segundo pela crítica que elaboram sobre a questão. Os três grupos são de opinião que a alta tecnologia e sua expressão maior – a *internet* – são instrumentos de muita importância no que diz respeito à viabilização dos procedimentos cotidianos da vida e, especialmente, ao estabelecimento de contato entre as pessoas. Entretanto, não apenas apresentam ácida crítica à *internet* e aos demais produtos tecnológicos de maior consumo na atualidade, mas o fazem também de maneira semelhante, compondo as suas falas a partir de referências próximas.

Nos depoimentos do AI encontrei a opinião majoritária de que a intensa virtualização experimentada na atualidade – seja materializada pelo computador, seja pelo telefone celular ou pelos demais objetos similares – é responsável pelo “descentramento do ser”, pela exteriorização do ser. Para esse grupo as possibilidades da virtualidade, em vez de potencializar o sujeito, o fragiliza ao retraduzi-lo em infinitas possibilidades, quase sempre distantes de sua particularidade mais genuína. São ainda de opinião que as demandas intermináveis colocadas ao sujeito pelas inúmeras possibilidades virtuais o afastam de sua trajetória, por assim dizer, mais legítima, ao criar fantasias e impô-las às individualidades e coletividades. Para a maior parte do grupo a presença das possibilidades tecno-virtuais é discreta no cotidiano de cada um.

Para a ODV, encontrei algo que se coloca no mesmo sentido, porém sendo referido pelos entrevistados numa perspectiva mais imediata das relações interpessoais. Preocupações com a diminuição do contato pessoal – relatado como importante – e a perda

das habilidades para o trabalho que dispense a utilização dos equipamentos de alta tecnologia são aquelas mais ressaltadas pelo grupo como requerentes de cuidados. A maioria do grupo se reconhece fazendo uso de tais equipamentos e recursos com certo comedimento.

No caso do SDF as reflexões recaem mais sobre o cotidiano que experimentam enquanto canal da *internet*. Acreditam que a rede em si os faz mal, uma vez que se a mesma não existisse certamente desenvolveriam relações mais intensas no bairro onde moram, experimentando outras possibilidades de interação social. Quando refletem sobre a interação no ambiente virtual, embora reconheçam as vantagens que nele encontram, a grande maioria o considera um ambiente onde prolifera a falsidade, a desconfiança entre as pessoas – o que pode ser danoso à estabilidade emocional daqueles que investem muito da sua vida nesse tipo de convivência, afastando-se da materialidade das relações sociais.

Não obstante as críticas, os jovens pesquisados são, indubitavelmente e cada grupo ao seu modo, partícipes do seu tempo quanto ao imbricamento de vidas com a virtualidade e a tecnologia a qual se expressa sob inumeráveis formas nas menores e maiores ações do cotidiano de cada um. Nesse aspecto, mais uma questão comum aos grupos chama a atenção: em todos eles o tempo utilizado com a *internet* se mostra superior àquele dispensado à televisão. Se no AI e no SDF essa já é uma realidade consolidada, com uma diferença significativa de tempo destinado à *internet*, na ODV - embora com diferença mais discreta - essa mesma tendência se mostra em construção. Menos televisão, mais internet parece ser o devir da relação dos jovens pesquisados com a mídia das telas.

5.2.6 O tempo e a juventude

No tocante ao tempo duas questões de naturezas diferentes se colocaram: a primeira referente ao tempo de vida dos participantes, as idades daqueles que estão nos grupos. Muito embora apresentando padrões entre-grupos diferenciados, como demonstrado, um fator inter-grupo comum é a grande variação etária interna dos participantes. Mesmo no SDF, cuja faixa etária se mostrou mais baixa, registrei em 10 anos a diferença entre o mais jovem e o mais velho do grupo. No AI essa diferença sobe para mais de 20 anos e na ODV, fica em 17 anos. Esses achados vieram exatamente corroborar o que a discussão teórica apontou quanto à perda da força explicativa da abordagem cronológica, isolada, para o entendimento da categoria juventude.

Por outra perspectiva o tempo aparece como questão comum aos grupos no momento em que tratam do futuro. Para todos eles vige uma impressão extremamente fluida

da idéia de futuro como subseqüente ao tempo presente em que vivem. Profundamente imbricado ao agora, o futuro perde os seus contornos enquanto perspectiva de tempo linear, delegando ao presente uma ampla força capaz de ambientar os pensamentos e ações da grande maioria. Desse modo, uma das primeiras questões que se encontra perdendo o sentido é a projeção a longo prazo. As falas da grande maioria ocupam-se do curtíssimo prazo como tempo plausível de elaboração programática e são especialmente entrecortadas de surpresas, paradas, indecisões, escolhas de palavras ‘certas’, receios diante da imponderabilidade que a questão parece suscitar para cada um. A obrigação de fazer a escolha certa ante a nenhuma segurança de assim estar procedendo, a impossibilidade de controle das condições sob as quais vivem e a certeza da vulnerabilidade diante das mesmas os faz assumir uma postura de abdicação do futuro e de reforçar a atenção no presente vivido.

Diante da dificuldade de se projetarem e da obrigação de assumirem o curto prazo como espaço de atuação e de construção dos sentidos de suas vidas, através das elaborações discursivas, os entrevistados reconstroem as experiências de cada um, demonstrando uma tendência comum de valorização daquilo que experimentam no cotidiano como de relevante significado. O futuro como o tempo das realizações e o lugar das conquistas efetivamente não povoa mais as reflexões desses jovens. Desse modo, não há razão maior para perseguir fins, visto que não há garantias sobre os mesmos. O tempo esfumaça-se no presente e o que é válido é o processo experimentado.⁴

Viver o presente sob a égide da flexibilidade é a escolha que resta; esta é a conclusão possível diante do real materializado no curto prazo. As falas apontam com clareza a impossibilidade de portarem-se de modo diferente, ao mesmo tempo em que manifestam a tensão do que significa essa impossibilidade de pensar-se perspectivamente: “É difícil falar de futuro porque hoje é foda o cara saber... tipo, o rumo que vai ter, né?”. (TRIMMY, do SDF, em entrevista, em 25/05/04). Flávia, da ODV, se coloca em sentido similar: “...tô vivendo o

⁴ Por se constituir em ilustração palmar do afirmado, recorro à consideração que Baiana fez em entrevista de 11/04/04: “... eu tava lendo Maquiavel (...) que tem uma frase que fala que os fins justificam os meios, né. E eu tava falando que eu não concordava com isso! Eu acho que os meios – que no caso seria o processo pra você chegar no fim, numa meta – é... é muito mais importante do que o próprio fim, entendeu? É você tá... você tá buscando algo assim, você tá vivendo... tipo, esse presente da busca é... é o que vai desencadear tudo, sabe? A partir desse processo vai abrir um leque de outras coisas, de outras possibilidades e você pode tá flexível pra aquilo. A partir de uma meta que você botou, mas que essa meta é secundária. É só um instrumento pra você poder abrir outros... outras... outras oportunidades. (...) É... é só um passo, sabe, mas... na verdade, ela pode ou não acontecer e... a partir do momento que você dá esse passo pra... “Opa! Quero isso?”. Alguma coisa já mudou, entendeu? Tão, acho que **é esse processo que é o que vale a pena hoje**, entendeu? Tão, por isso que eu... talvez eu não tenha tanto esse coisa de um futuro longo assim, porque eu boto fé que as coisas vão acontecendo bem flexíveis assim, sabe, tipo, posso tá direcionando um caminho, mas esse... esse caminho pode mudar e... e é isso: o que vale a pena é o processo assim. O como... é o caminhar, não é o chegar” (grifos meus).

meu presente, fazendo o meu chão para que quando vir o futuro – que é o presente, né, daqui um minuto é o futuro – que eu esteja bem. Mas, é... tem os riscos...”. (Em entrevista, em 24/06/04). A percepção clara da idéia de risco é consubstanciada no depoimento de Marta: “O futuro é um risco. E acho que pra gente tá lá a gente vai precisar se arriscar cada dia mais... cada dia mais. É incerto, é um risco”. (Membro da ODV, em entrevista, em 04/07/04). Esta é a regra básica com a qual têm de lidar.

Ao viver com uma certa diluição do futuro no presente, também experimentam o desmanche da idéia de que a juventude – de algum modo – os remeta ao futuro. Para a maioria dos jovens entrevistados o entendimento que têm acerca da juventude da qual fazem parte, é a percepção da mesma enquanto diferentes grupos organizados em torno de propósitos diversos. A si próprios, percebem como um dos tantos grupos juvenis existentes. Todos manifestam uma compreensão complexa, entendendo que os jovens como segmento social se mostram de maneiras variadas, considerando – no geral – válidos os vários modos de se viver a juventude, apartados de grandes âncoras que imprimam direções coletivas maiores ao segmento juvenil. Quanto a entendimentos mais elaborados da juventude como algo que se particulariza para além de um agrupamento diferenciado do outro – os sentidos dessa juventude – não houve consenso entre os grupos.

A maioria dos jovens pesquisados nos grupos é constituída de pessoas que experimentam dificuldade de se perceberem com continuidades futuras; ao contrário, vêem-se imersos num presente sobre o qual têm pouco controle. Para os três grupos a imediaticidade e a radical imprevisibilidade do futuro são apreendidas como sendo as regras básicas do pensar o futuro e a sua condição juvenil, gerando uma fluidez no tocante ao que poderiam vislumbrar de si e do mundo.

5.2.7 Vidas em risco

Todos os caminhos disponibilizados pela pesquisa para a interação com os grupos apontaram numa mesma direção: os jovens se sentem em risco. O medo, a insegurança e a incerteza são comuns a todos e as razões para tanto são múltiplas, porém manifestando-se mais intensas em relação a um ou outro aspecto nos contextos grupais.

No SDF o medo mostra-se mais objetivo, vez que é reportado à própria segurança física e material. O medo de sofrer assaltos e ataques à propriedade em geral soma-se ao risco que sentem correr em relação à impossibilidade de conservarem a própria vida, tendo em vista o “perigo” que detectam no mundo lá fora. Demonstrem descrença quanto ao controle da violência e manifestam-se como impotentes reféns do que assistem com muito temor.

As apreensões também se apresentam em forma das incertezas que estão colocadas quanto a poderem dar condução adequada a suas vidas no que diz respeito à aquisição de um trabalho e de rendimentos suficientes para se manterem quando fora da casa dos pais. Como se pode perceber, a insegurança em relação à própria existência, manifesta sob vários ângulos, é a mais comum para esse grupo.

A ODV foi o grupo entrevistado que menos se reportou a temores de natureza variada. Normalmente os depoimentos dados em tom de convicção reportavam-se a riscos mais frequentemente atinentes ao mercado de trabalho, mais especificamente em relação à construção das carreiras profissionais. Entretanto, para a maioria do grupo, a concepção demonstrada aborda muito mais o risco que sentem como desafio a superar a partir da formação e do empenho de cada um.

Outro aspecto das inseguranças é em relação à própria condução da vida, compreendida como um produto das escolhas pessoais. Nesse sentido, vários membros do grupo reforçam a idéia da preocupação com um encaminhamento feito e que se mostre posteriormente equivocado: O maior inimigo de percurso seria, então, uma “escolha mal feita. É... escolher por algo que não é próprio... não é próprio da minha ambição.”. (Pedro, em entrevista, em 23/05/04).

No AI encontrei temores e medos diante das pressões que recebem da sociedade no sentido de adotarem posturas de acordo a uma certa conformidade social em vários aspectos. Isso se mostrou especialmente em relação às escolhas profissionais que fazem, enfrentando a lógica instrumental que norteia o ideário hegemônico quanto à escolha profissional e as possibilidades de colocação no mercado. Por adotarem no geral uma postura de que busca atender seus anseios mais íntimos é presente a insegurança provocada pelo desconhecimento se a escolha que fazem poderá, no futuro, viabilizar as condições materiais de vida que necessitarão prover diante das dificuldades que vislumbram.

Algo imediatamente implicado para o grupo é a questão da sobrevivência ante as dificuldades que vislumbram. Outra inquietude bastante referida durante as entrevistas é

quanto a se sentirem como incapazes de corresponder às expectativas familiares quanto a retornar para seus genitores o apoio financeiro recebido.

5.2.8 Imprecisão de vínculos e busca de segurança

Possivelmente impulsionados por todos os aspectos já abordados neste trabalho – como fragilidade das instituições, atuais condições de desenvolvimento das tecnologias e comunicações, globalização da cultura e dos mercados, precarização das relações de trabalho, fluidez da noção de tempo e experimento do tempo real, entre outros – os grupos apresentam como aspecto comum a presença de um certo desprendimento no tocante as relações que constroem, materializado de maneiras diversas em cada grupo. Certamente resguardando especificidades internas, em todos os grupos os participantes se colocam **no e para além do** grupo ao qual pertence. NO SDF, protótipo da situação apontada, essa ‘flutuação’ sobre, no e para além do grupo se faz pela participação regular e irregular em vários outros canais da *internet*, inclusive, ao mesmo tempo – se assim o desejarem. O espaço virtual lhes habilita a ocupar vários ambientes ao mesmo tempo, sob a mesma identidade ou não; construindo e desfazendo vinculações e pertenças sem maiores encargos, o que lhes confere uma certa condição de nômades.

No AI o sentimento de pertença se verifica em relação ao grupo em si e aos demais que estão organizados sob parâmetros gerais similares, como qualificado, constituindo o que já chamei de coletivo juvenil organizado em torno de propósitos de natureza afetivo-sócio-político-cultural.

Para a ODV a condição de membro do grupo, apesar de haver um estatuto que os coloca enquanto tais e os classifica em fundadores e efetivos, não aparece nas falas como algo dado e tido assim por todos. A situação de pertença aparece como produto de negociações e resultados que se vão construindo na existência do coletivo, na realização pontual das metas adotadas, nos desafios que se impõem rumo àquilo que definem e buscam como crescimento. Desse modo, pertencem ao grupo se e somente se este corresponder às suas expectativas num movimento de troca, uma vez que se sentem fazendo sua parte na relação estabelecida. Também afirmam a certeza que têm do grupo deixá-los ‘para trás’ caso não se disponham à troca que consideram o mote de trabalho no coletivo.

Comportando-se das maneiras acima apresentadas os jovens concretizam outras formas de pertença grupal onde os limites da vinculação e atuação se mostram bastante flexíveis. Essa flexibilidade se, por um lado, parece potencializar a ação de muitos; por outro,

parece fazer surgir uma certa insegurança, engendrando um certo paradoxo. Percebi uma busca de ancoragem por parte de todos o que, às vezes de uma entrevista para outra, aparecia refletido nas falas que abordavam uma mesma realidade com enfoques aparentemente opostos. Quanto a esse aspecto marca o discurso da ODV a busca de segurança quanto às atitudes racionalizadas, ao planejamento, às realizações e às avaliações de atividades. Também o desenvolvimento de uma carreira, a partilha de experiências nesse âmbito, a qualificação pessoal são pontos fortes de ancoragem grupal.

No SDF todas as manifestações de inquietação e preocupação com o desenrolar de suas vidas – provocadas pelas inseguranças que localizam no mundo - encontram apenas a si próprios como ponto de apoio ou ainda as suas famílias. O próprio grupo não foi referido como uma retaguarda com a qual possam contar, corroborando o apresentado anteriormente sobre a fragilidade das relações de confiança grupal.

Para o AI o próprio grupo e o coletivo no qual se inserem são referidos pela maioria dos participantes como um suporte importante para a viabilização do que acreditam como modo de vida. Entretanto, essa condição algo imprecisa de pertença apresenta-se para alguns dos membros como um desenraizamento que mais gera tensão do que amplia seguranças, quando se percebem pertencendo a vários grupos que têm como família **“mas ao mesmo tempo eu não tô em nenhuma [família], sabe? (...) será que não é o cara mesmo, de repente, a família dele, assim? O cara vê: “Pô, de repente só vou poder contar comigo”**. (Mestre, em entrevista, em 25/04/04, grifos meus)

É visível como o desprender-se gera no discurso dos grupos, ao mesmo tempo, a liberdade para o encontro das individualidades e coletividades, as possibilidades de outros experimentos e o temor das ausências, da solidão. O que se sobressai é um paradoxo onde fugacidade e solidez se cruzam, mas não se alteram nem se substituem. Parece que os jovens pesquisados carecem de ambos e temem a ambos, situando-se claramente num contexto de crise de seus modos de viver e de colocar-se no mundo.

Em meio às diferenças acerca de como experimentam a questão das individualidades no coletivo, pude perceber que algo de semelhante se sobressai: a real dificuldade de fortalecimento de um coletivo em torno do qual organizem as suas constituições identitárias com maior ancoragem. Em todo os grupos persiste uma postura de algum modo individualista, seja estrategicamente aspirada e planejada – como no caso da ODV-, seja assimilada em meio a ausências, imprecisões, dúvidas e inseguranças – como no AI – ou ainda produto possível das contingências sumárias experimentadas – como aparece no SDF – a narrativa individual surge muito freqüentemente como a orientadora maior das vidas.

Em nenhum dos coletivos estudados encontrei o propósito do grupo colocado com força suficiente para moldar as escolhas dos seus membros como um todo. Ao contrário: que rumo dar à vida de cada um, à escolha profissional, como garantir a sobrevivência, entre outras questões, foram as mais fortes origens de preocupações, tensões e certezas que encontrei acerca do como proceder em grupo, do que esperar do coletivo e até que ponto envolver-se com ele.

CONCLUSÃO

O percurso da investigação ora concluído aponta elementos que nos permitem identificar tendências identitárias juvenis por meio das formas próprias de sua sociabilidade no contexto da historicidade moderna brasileira. As experiências dos grupos juvenis de afinidades, a propósito do que discutem alguns dos autores tomados por referência, são influenciadas pelo desmantelamento das seguranças modernas, pela multiplicidade de concretas possibilidades colocadas, embora submetidos a alternativas de escolha materiais restritas, e por diversos modelos identitários disponíveis (BAUMAN, 2005; VELHO, 1999; TAYLOR, 1997; VIANNA, 2005). Situados na realidade social brasileira contemporânea estão ainda os sujeitos envolvidos em sínteses complexas, que se operaram historicamente entre as especificidades que aqui tiveram lugar e as relações dessa experiência com a hoje explicitada crise do moderno no mundo. É nesse *locus* que se verifica a experiência dos grupos juvenis investigados.

Dada essa particularidade, o que encontrei foi uma realidade de fronteiras tênues, que facilmente são ultrapassadas ou desconsideradas pelas práticas e discursos grupais e individuais, produzindo um movimento que exerce importante influência quanto à imprecisão das constituições identitárias encontradas. Experimentando uma existência contraditória e ambivalente os três grupos pesquisados indicaram a presença de uma permanente negociação com a qual os jovens têm que lidar para se posicionarem numa realidade que ora aponta para a permissão da autonomia de seus passos – inclusive quase absoluta - ora para a subordinação de suas ações frente às instituições sociais. Ora apresenta uma adoção de postulados que pontuam momentos diversos da experiência moderna brasileira, a assunção de valores e referenciais ambientados na mundialização dos mercados e das culturas e na fluidez dos parâmetros gerais da vida em sociedade, como já explicitado. Nesse movimento, penso que os sujeitos furtam-se a consolidar identidades ‘prontas, fechadas’, mas antes **articulam uma proto-identidade, um núcleo mínimo que se assenta na relação existente entre a confiança básica e os construtos dispersos pelas configurações qualitativas com as quais se relacionam no seu processo primário de socialização.** Por toda a vida e na relação dos sujeitos com o mundo o nível de confiança que acreditam poder depositar nos construtos com os quais se deparam e que incorporam – ou não – é quem confere maior ou menor unidade/substância ao que vão construindo como identidade, porém de natureza aberta,

inacabada. Nesse percurso, é o nível de ancoragem que o sujeito vai encontrando para o seu projeto individual que o faz seguir um ritmo ou outro de recomposição identitária. Desse modo, quanto menor a quantidade de componentes de ‘segurança’ o sujeito localiza maior é a tensão resultante no percurso e mais desprovida de contornos fixos se mostra a sua identidade.

Situadas nesse contexto, **as identidades juvenis nos grupos estudados se mostraram como processos, em movimento, em constituição contínua, sempre passíveis de arranjo, constantemente alteráveis nos contextos de negociação de seus constituintes, muito embora em intensidades e sentidos variados quando consideradas as diferenças grupais.**

Influenciados tanto pela fluidez das relações sociais gerais, quanto pelas particularidades que matizam suas práticas e discursos, os grupos efetivam uma colagem de tempos, lugares e construtos no seu **processo de constituição identitária**, como demonstrado especialmente nos capítulos quatro e cinco. Através de sua conduta social mutante e desterritorializadas, pude perceber que os jovens migram de um postulado a outro, concretizando vínculos impensáveis no seu projeto individual entre o moderno e o antigo, o racional e o emocional, o externo e o interno, o sólido e o fluido, o geral e o particular, sem ascendência ou prioridade de um sobre o outro, mas apenas orientados pelo que localizam como adequado e eficaz no campo em que organizam suas escolhas relacionadas ao bem primordial que elegem no campo das configurações qualitativas das quais se aproximam. Nesse percurso incorporam indistintamente aspectos atinentes à atualidade da modernidade em crise e outros do seu momento anterior, bem como aspectos específicos da experiência nacional, conforme apurei nas vivências grupais.

Experimentando nas suas referências materiais do mundo atual a morte de Deus, da família, do Estado, da experiência, da comunidade pude verificar que a constatação única que fica no horizonte dos grupos estudados é, sim, a de que esses macros-coletivos não se mostram mais como alternativas viáveis de referência à conformação de modelos identificatórios, cabendo a cada um construir o seu lugar particular do qual ‘fala’ com o mundo de acordo com as possibilidades encontradas. Daí o ostensivo abandono apontado pelas informações colhidas de vários construtos institucionais gerais, como aqueles apontados acima. A despeito dessa constatação encontrei, compondo essas possibilidades identitárias, outros aspectos fortes constituintes da história nacional, muitos deles presos às experiências históricas aqui desenvolvidas que fogem do ritual da racionalidade e universalidade

característica do movimento moderno, como a forte presença do emotivo no Arrasta Ilha, do autoritarismo no SDF e da tradição personalista na ODV.

Por outro lado, em todos os três grupos encontrei que seus membros, de maneiras particulares, realizam um movimento de busca e de rejeição das ‘identidades’, por assim dizer, que os grupos podem propiciar. Com isso se colocam no limite da ‘negociação’ entre dispor das liberdades individuais ou contar com certa segurança oferecida pelo coletivo, aparecendo como resultante mais freqüente a prioridade dos interesses individuais em detrimento daqueles coletivos, negando a ‘camisa de força’ da identidade grupal. Entre o grupo e a sociedade, os interesses do primeiro são priorizados, tendo em vista uma postura – no geral – descrente em relação à segunda por esta não oferecer balizas para a constituição identitária, abandonando-a como ‘missão’ individual ou como tarefa do mercado e da complexidade midiática. É, portanto, o nível de ancoragem que possuem e de respostas que vão encontrando para o seu projeto individual que estabelecem um ritmo e uma moldagem no seu processo de identificação na relação com a realidade social em que estão inseridos. Desse modo, quanto menos componentes de ‘segurança’ e quanto mais frágeis respostas os sujeitos localizam nesse ‘aberto de possibilidades’ maior é o ritmo de mudanças quanto à sua identidade e mais aguda a tensão resultante desse empreendimento. Penso ser esse o movimento que caracteriza a constituição identitária juvenil nos grupos estudados.

Por esse entendimento, reforço ser possível afirmar que não está configurada uma identidade única para cada grupo no sentido de apontar para um horizonte comum fechado - alinhando assim este trabalho a muitos outros estudos da atualidade – mas identidades em processo, identidades provisórias que vão se articulando mais solidamente ou não em torno de um sentimento de confiança e de unidade dos sujeitos na sua relação com o mundo. A materialidade desses movimentos nos grupos estudados se mostrou diferenciada em cada caso. O achado aponta no sentido de que a referência possível de se construir em torno das juventudes deve vincular-se obrigatoriamente às materialidades que experimentam nos diferenciados lugares sociais e momentos.

No grupo Arrasta Ilha encontrei que os seus membros buscam, através da adoção comum de uma determinada postura política, social e filosófica, a constituição de um sentimento de pertença o qual surge como o estofa para a re-instalação da ação política enquanto perspectiva de emancipação, de re-estabelecimento do propósito do mundo compartilhado. Operam a ação orientados por um bem maior expresso na liberdade, no auto-conhecimento e no respeito às diferenças. Desse ponto de vista, a adesão às idéias e a não fixidez no grupo talvez sejam ao mesmo tempo a força e fragilidade deste coletivo, uma vez

que ao tempo em que essa realidade fortalece a adesão ao grupo, promove e defende esses traços, por outro lado possibilita encontrá-los também em outros espaços juvenis, enfraquecendo o próprio grupo AI. Assim, a fixação definitiva em um único grupo é relativizada ao migrarem por vários outros semelhantes, visto que todos esses coletivos se materializam como espaços propícios ao que buscam.

O grupo valoriza **os processos que vive**, o experimento, o espaço aberto e imprevisível, em detrimento dos resultados, planejamento, das metas como aspecto mais importante das suas relações e ações. Como contraponto à contingência dos caminhos escolhidos, referenciam-se no potencial da amizade e do grupo como *locus* de revelações da subjetividade, construindo com o outro a possibilidade de pertença e diferenciação, bem como a busca de segurança para prosseguirem com as escolhas que julgam acertadas aos propósitos que defendem.

É no campo de resistência ao instituído que o grupo imprime o sentido ampliado de sua identidade coletiva, articulando, operando, incorporando, no mais das vezes, demandas/expectativas que vêm tanto do relacionamento interpessoal dos seus membros, quanto do imaginário social resultante do encontro coletivo interno ou externo ao grupo. Estes são indicadores que se prestam a reforçar a configuração de sua constituição identitária.

Numa avaliação geral, penso que o fato deste grupo conseguir localizar um mínimo de referências nas quais deposita uma certa confiança – como a rede de amigos, uma cultura musical assentada na idéia da experiência, da comunidade, a conformação básica de um ideário coletivo etc - é o que explica um menor nível de tensão encontrado quanto à sua colocação no mundo e dos lugares que se auto-atribuem nessa relação. As referências adotadas – embora muitas vezes tênues ou até pouco claras - colocam-se como redes de proteção ao grupo, dificultando a desestruturação subjetiva dos seus membros, muito embora estes não estejam apartados das contingências do dia-a-dia do mundo e das vidas.

Quanto ao Oficina da Vida pude depreender que este grupo tem a ação orientada especialmente pela intervenção individual diferenciada e fortemente referenciada na materialidade de posição social. Esta posição social buscada encontra-se marcada pela desestruturação do mundo do trabalho que, por sua vez, acentua a insegurança dos sujeitos e impõe aos mesmos a perspectiva individualizada referida. O grupo, nesse caso, possibilita a seus membros a inserção e a referência para a consecução de propósitos individualizados, normalmente colocados pelas demandas do mundo do mercado, externas ao sujeito. A relação de aguerrida participação ‘coletiva’ se explica a partir da confiança ‘provisória’ depositada no grupo quanto ao estofo que este pode oferecer a cada um para sua árdua empreitada.

Na eventualidade dessa expectativa não se efetivar e o coletivo não mais responder à rotina extenuante de demandas que o capital coloca na atualidade quanto ao 'estar preparado', uma postura delineada pelos membros é a pronta disposição de abandonar o grupo. Diante da constatação de que o mesmo não mais consegue ser um suporte seguro no percurso identitário que fazem, o grupo tem a sua importância diminuída para cada um. Esta escolha do grupo conforma uma certa ausência de vínculos com o mesmo, ficando claro que no universo imediato de preocupações dos seus membros as demandas individuais estão vincadas com maior destaque.

Entendo que essa ausência de 'raízes' consubstanciada pela realidade com a qual se defrontam mais cotidianamente no grupo – a do mundo do trabalho – os impossibilita a construção de relações mais duradouras e confiáveis e a explicitação de expectativas colocadas a partir do que experimentam internamente vivenciando esse processo. A ausência de referências mais palpáveis e a falta de espaço para a exposição dos sujeitos no coletivo – como demonstrado - pode indicar, desse modo, a existência de um nível significativo de tensão que o próprio coletivo não tem como elaborar. Desse modo, os sujeitos se auto-responsabilizam cabal e individualizadamente pelos desdobramentos daí advindos, encontrando como suporte principal a ajuda do especialista, como visto em relação ao uso que fazem dos apoios da terapêutica psi.

Até onde pude perceber o percurso identitário conformado no grupo se expressa principalmente no espaço de legitimação do instituído, uma vez que se apóia - e reforça com o seu discurso e prática - o *status quo* e o seu *modus operandi*. As idéias defendidas de um certo protagonismo juvenil, do empreendedorismo e da responsabilidade social de empresas – conforme estas a entendem – reiteram esta conclusão. A própria expectativa maior do grupo e marca relevante de sua constituição identitária - fazer diferença no mundo do trabalho, do capital, do mercado, da posição social – pelos termos em que se processa, mostra-se, na verdade, como fazendo eco ao estabelecido, respondendo à sua demanda. Responde porque se coloca estritamente no universo daquilo que o instituído oferece como maior possibilidade de realização do eu, numa modernidade que, desestruturada, apela para a busca da segurança a partir do sucesso individualizado, via mercado. Responde funcionalmente ao instituído enquanto partícipe da lógica de reprodução do capital. Operando nesse espaço e sob estas escolhas o grupo restringe em muito as possibilidades de expressão das particularidades subjetivas, das demandas do sujeito mesmo.

O grupo Só Dá Festa aparece como aquele que, a meu ver, melhor expressa o momento porque passa a realidade brasileira e, nela inseridos, os grupos juvenis da

atualidade. Por se constituírem num intervalo etário menor, os seus membros vivem todas as suas experiências de socialização sob os parâmetros que orientam a convivência social vigente a partir das últimas décadas do século passado. Experiências de desagregação e recombinação familiar, de precarização do mundo do trabalho, de juvenilização generalizada, de ausência da escola, de banalização da violência etc. Esses contingentes institucionais já são parte constitutiva não apenas da rotina de sua constituição identitária, mas estão presentes na engendramento da própria confiança básica que conseguiram – ou não – formar.

Desse referencial o esforço exigido na vivência dos seus projetos individuais e para a articulação dos seus percursos identitários mostra-se muito mais exigente. Os jovens lidam agudamente com a realidade material de desconstrução de várias referências – territorial, familiar, escolar, religiosa etc – e com a obrigação de continuar recorrendo a elas. A contingência se verifica tendo em vista que as referências do moderno em crise, ilustradas pelos modelos identitários ‘prontos’ oferecidos pelo mundo virtual ou pelo mercado, parecem não conseguir despertar nos sujeitos estofo suficiente para ancoragem da sua constituição identitária, como pude constatar. Entretanto, ao ‘buscar’ no mundo material o Estado, a escola, a vizinhança e o próprio grupo são obrigados a redescobrir cotidianamente que esses coletivos não estão mais lá; não pelo menos do modo que – talvez – suas necessidades reclamem. E partem para uma nova busca onde colhem novamente ausências e fragilidades.

Imersos nessas contingências, experimentam que as relações coletivas partilhadas não propiciam a experiência de revelação do sujeito, ficando os mesmos impedidos por dois óbices, já analisados ao longo dos capítulos anteriores, que se materializam no interior do coletivo. O primeiro, a relação de submissão aceita em vista da dinâmica grupal instituída com vista a aquisição da @ - espécie de critério que mede o seu valor no mundo virtual, especialmente. Por outro lado, a experiência que vivenciam de completa liberdade - onde não contam com qualquer limitação dada pelo outro - e a não tradução de si mesmo nessa relação. A ausência de referências quase absoluta ocorre quando estão ‘perdidos’ na virtualidade – onde o outro é ‘um ser sem rosto nem pés’, ‘des ou refigurado’ e desterrado – impedido, portanto, de lhe oferecer referências de alteridade. Repetem a mesma experiência na ocasião em que ocupam os postos de mando, quando o outro e as regras são desconsideradas, sendo o entorno regido pela exclusiva vontade de quem elabora a regra. Aqui mais uma vez a existência do outro é obliterada.

Dessa perspectiva e por tudo já exposto anteriormente, o coletivo não consegue suprir os seus membros de uma relação de ancoragem que os assegure de um lugar no mundo e sobre o que mais fielmente pode constituir a seu percurso identitário, instalando um

contexto de fragilidades e incertezas. Assim, o grupo deixa de contar com tais referências, quer vindas da sua materialidade extra-grupo, quer das suas experiências grupais, o que imprime ao seu percurso uma acentuada tensão, administrada solitariamente.

A tensão é ainda agravada pela natureza do bem maior a partir do qual o coletivo endossa a busca. Falo da efetividade fugaz da sensação; do experimento pontual do novo, da satisfação do desejo. No mais das vezes materializado pela perspectiva do contato virtual, do consumo, experimenta a mesma duração que esses, devolvendo o sujeito para uma nova busca. Nesse ciclo, mostra-se aceleradíssimo o ritmo da constituição identitária, requerendo um permanente estado de vigilância por parte dos sujeitos. Na vida dos membros do grupo a insegurança, a violência – como qualificada - e o excesso se mostram como metáforas da condição que experienciam. Os projetos individuais se mostram como protótipos ‘de bolso’ e sua identidade se faz absolutamente aberta, um espaço do qual o sujeito vai modificando a configuração cotidiana, conforme coloca e retira novos aspectos ‘auto-colantes’.

No caso do espaço coletivo penso que - sem compreender o processo que vivencia - o grupo SDF lida com a sua constituição identitária também no sentido da legitimação do instituído porque responde às demandas deste e porque lança mão de suas referências maiores constantes das configurações qualitativas gerais com que se relaciona.

Concluído o trabalho, entendo ter traçado significativas referências no sentido de explicitar em quais termos se materializa a constituição identitária juvenil nos espaços investigados no âmbito do atual moderno brasileiro em movimento, dando sustentabilidade às diretrizes adotadas. Entretanto, como qualquer trabalho investigativo este consubstancia **uma** expressão do real situada pelo contexto, enfoque, diretrizes adotadas e alcance logrado. Não esgotando o assunto – pois sequer teve tal pretensão - reconheço que muito resta a ser dito, uma vez que revelar é também esconder num complexo jogo de luz e sombra, como ensina o filósofo Nietzsche: “cada filosofia *esconde* também uma filosofia; cada opinião é também um esconderijo...”.

Assim - tendo me possibilitado revelar não apenas a preocupação levantada desde o primeiro momento e também um novo contingente de questões que ficam a aguardar novos tratamentos - penso que a complexidade de presenças e ausências que o trabalho traz reinstala a função principal da pesquisa que é, no meu entendimento, aguçar no pesquisador a vontade de conhecer aquela parte do real que sempre se esconde atrás do que conseguiu revelar, num infindável jogo de luz e sombra. E eis que já estamos nos projetando – e projetando outros curiosos - no vasto campo de possibilidades de uma nova empreitada investigativa!

REFERÊNCIAS

ABAD, Miguel. Crítica política das políticas de juventude. In. FREITAS, Maria Virgínia e PAPA, Fernanda de Carvalho. **Políticas públicas, juventude em pauta**. São Paulo, Cortez Editora/Ação Educativa/Friedrich Ebert Atiftung, 2003. p. 13-32.

ABRAMO, Helena Wendel. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Maio/Jun/Jul/Ago, nº 5; set/out/nov/dez/1997, nº 6. Número Especial Juventude e Contemporaneidade, p. 25-36.

_____. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo, Scritta, 1994. 172 p.

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2003. 6ª reimpressão, p. 101-258.

ARCE, José Manuel Valenzuela. Modernidad, postmodernidad y juventud. **Revista Mexicana de Sociología**, vol. LIII, núm. 1, enero-marzo/1991. p. 167-202.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978. 279 p.

ARENDT, Hannah. **O que é política?** Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1999. p. 6-85.

_____. **A condição humana**. Forense/Universitária, Rio de Janeiro, 1989. p. 188-205.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo, Martin Claret, 2005. p. 172- 40.

ASSOCIAÇÃO ESCOLA OFICINA DA VIDA. Estatuto Social aprovado em Assembléia Geral Extraordinária de 10 de agosto de 2003. 9 p.

BAUDRILLARD, Jean. **Tela Total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem**. Porto Alegre, Sulina, 1997. 174 p.

_____. **Selected Writings**. Stanford University Press, ed. Mark Poster Stanford; 1988. p.166-184.

_____. Os intelectuais nunca existiram. Entrevista concedida a Cristina Mateo; cortesia da **Revista Ajo Blanco**. Disponível em: <http://www.flirt.net.novis.pt/arquivo/f_novembro/index1.html>. Acessado em: 23/09/05

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005. 110 p.

_____. **Comunidade: a busca de segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003. 141 p.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2001. 258 p.

_____. **Em busca da política.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2000. 213p.

_____. **Modernidade e ambivalência.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. p. 9-84.

_____. **O mal estar da pós-modernidade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998. p. 7-11; 190-204.

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. GIDDENS, A; BECK, U. e LASH, S. **Modernização Reflexiva:** política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo, UNESP, 1995. p. 11-71.

_____. Além de estamento e classe: a caminho da sociedade individualizada dos assalariados. **Coleção Documentos, Série Especial 1.** São Paulo, USP/Instituto de Estudos Avançados, 1993. 20 p.

BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais.** São Paulo, Hucitec, 1994. pp. 9-46.

BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia:** uma defesa das regras do jogo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986. 171 p.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é apenas uma palavra. **Questões de Sociologia.** Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero Ltda, 1983. p. 112-126.

_____. O tempo e o espaço no mundo estudantil. BRITTO, Sulamita de (Org). **Sociologia da Juventude, I:** da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 61-86.

BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. **Estado e subdesenvolvimento industrializado.** 2ª ed. São Paulo, Brasiliense, 1981. p. 135-327.

BRÜSEKE, Franz Joseph. **A técnica e os riscos da modernidade.** Florianópolis, EDUSC, 2001. p. 13-28.

_____. Paris na América ou a condição humana e a modernidade (uma contribuição à sociologia fantástica). **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas-PPGICH,** nº 42 – Série especial. Florianópolis, Novembro/2002. 10 p.

CACCIA-BAVA, Augusto e COSTA, Dora Isabel Paiva. O lugar dos jovens na história brasileira. In. CACCIA-BAVA, Augusto, PÂMPOLS, Carles Feixa e CANGAS, Yanko Gonzáles. **Jovens na América Latina.** São Paulo, Escrituras Editora/CEBRIJ, 2004. p. 63-114.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência.** São Paulo, Publifolha, 2000. 81 p.

CARRANO, Paulo C. Juventudes: as identidades são múltiplas. **Revista Movimento -** Universidade Federal Fluminense, nº 1. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2000. p. 11-27.

_____. **Os jovens e a cidade:** identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro, Relime Dumará/FAPERJ, 2002. 233 p.

CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade** - Vol. II. 2ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1999. p. 21-28; 71-84; 257-285.

CHAVES, Lázaro Curvêlo. **O epicurismo**. Disponível em:
<<http://www.culturabrasil.pro.br/oepicurismo.htm>> Acessado em: 17/05/05. 15 p.

CHMIEL, Silvina. El milagro de la eterna juventud. In. MARGULIS, Mario (Ed.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000. p. 85-101.

CASTRO, Clarissa Fonseca de. **Voyerismo on-line: contemplando a sociedade digital do espetáculo**. Disponível em:
<<http://www.aguaforte.com/antropologia/osurbanitas/revista/Voyerismo.html>>. Acessado em: 02/09/05.

CORTES, Soraya M. Vargas. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. Pesquisa Social Empírica – Métodos e Técnicas. **Cadernos de Sociologia**, nº 9. IFCH/PPGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, s/d. p. 11-47.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **A arte-educação tem como papel nos ajudar a sair de uma educação unidimensional para uma educação multi-dimensional, que vai inventar o futuro**. Entrevista concedida à revista eletrônica [Artecidadania.org.br](http://artecidadania.org.br), em 11/11/04. Disponível em: < <http://www.artecidadania.org.br/paginas.php?setor=3&pid=82>>. Acessado em: 14/09/2005.

COSTA, Francisco Passos. **Confiança básica e imagem inconsciente do corpo**: um diálogo possível entre Erik Erikson e Françoise Dolto em torno da formação do psiquismo infantil e sua relação com os transtornos mentais. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública-UFSC. Orientador: Prof. Dr. Walter Ferreira de Oliveira. Florianópolis, maio/05. p. 77-109.

COSTA, Jurandir Freyre. Perspectivas da juventude na sociedade de mercado. In. NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo. (Orgs.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 75-88.

COSTA, Sérgio. Sociedade mundial, reflexividade e a globalização brasileira. Trabalho apresentado no **Seminário “Críticas e acríicas da modernidade”**. Florianópolis, PPGSP/PPGICH/LET-UFSC, 2001a mimeo, 8 p.

_____. Teoria social, cosmopolitismo e a constelação pós-nacional. **Novos Estudos/CEBRAP**, nº 59, 2001b. p. 5-22.

COUTINHO, Carlos Nelson. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre idéias e formas. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A Editores, 2000. p. 37-80.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. **Estudos Feministas**, nº 1, 1977. p. 121-8.

DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. *Tempo Social, Revista Social*, 14(1). São Paulo, USP, Maio/2002. p. 67-90.

_____. Interpretando a modernidade: imaginário e instituições. Trabalho apresentado no **Seminário “Críticas e acréscimos da modernidade”**. Florianópolis, PPGSP/PPGICH/LET-UFSC, 2001. mimeo, 8 p.

_____. **Criatividade social, subjetividade coletiva e a modernidade brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro, Contracapa, 1999. p. 143-171

DIMENSTEIN, Gilberto. **Vítimas da paralisia juvenil**. Folha de São Paulo, C10, Cotidiano, São Paulo, 17/mar/2002.

DONATH, Judith S. Identity and Deception in the Virtual Community. Prepared for: Kollock, P. and Smith M. (eds). **Communities in Cyberspace**. London: Routledge. Disponível em: <<http://smg.media.mit.edu/papers/Donath/IdentityDeception/IdentityDeception.pdf>>
Acessado em: 12/07/05

ELBAUM, Jorge N. ¿Qué es ser joven? In. MARGULIS, Mario (Ed.). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000. p. 157-171.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998. 165 p.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994. Vol. I, 277 p.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre, Artmed, 1998. p. 51-71.

_____. **Infância e sociedade**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976a. p. 227-53.

_____. **Identidade, juventude e crise**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976b. 322 p.

FAU, René. Características gerais do grupo durante a adolescência. In. BRITO, Sulamita (Org). **Sociologia da Juventude, III: A vida coletiva juvenil**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 43-46.

FANTIN, Maristela. **Tempo de abraçar. Educação e Arte: a estética de um fazer coletivo**. Florianópolis, Cidade Futura, 2005. 188 p.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis, Cidade Futura, 2000. 284 p.

FEIXA, Carles. O aposento dos adolescentes na era digital. **Seminário Internacional sobre Jovens, Sociabilidades e Culturas Urbanas**. Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) 5-7 abril/2004. 25 p.

FIGUEIREDO, Luis Cláudio. **Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos**. São Paulo, Escuta/EDUC, 1995. p. 11-96.

FIORI, José Luís. **Em busca do dissenso perdido**: ensaios críticos sobre a festejada crise do Estado. Rio de Janeiro, Insight, 1995. p. 1-96.

_____. Ajuste, transição e governabilidade: o enigma brasileiro. In. TAVARES, Maria da Conceição e FIORI, José Luís. **Desajuste global e modernização conservadora**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996. p. 127-193.

FLEURY, Sônia. Políticas sociais e cidadania na América Latina. CANESQUI, Ana Maria (Org.). **Ciências Sociais e Saúde**. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1997. p. 135-55.

FLITNER, Andréas. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. In. BRITTO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da Juventude, I**: da Europa de Marx à América Latina de hoje. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 37-67.

FORACCHI, Marialice M. **A juventude na sociedade moderna**. São Paulo, Editora da USP, 1972. p. 11-51.

FORJAZ, Maria Cecília S. Lazer e consumo cultural das elites. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, nº 6, vol. 3, Fevereiro/1998. p. 99-113.

FOUCAULT, Michel. Da amizade como modo de vida. Entrevista concedida a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. **Jornal Gai Pied**, nº 25, Abril/1981. p. 38-39. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em:
<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>. Acessado em 12/09/05.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação: perplexidades, desafios e perspectivas. In. NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo, Instituto Cidadania/Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180-216.

_____. **Globalização e crise do emprego**: perspectivas da formação técnico-profissional. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/BTS/252/boltec252c.htm>>. Acessado em: 24/05/05.

GARBIN, Elisabeth Maria. Cultur@s juvenis, identid@des e Internet: questões atuais. *Revista Brasileira de Educação*, maio/jun/jul/ago 2003, Nº 23. pp. 119-135.

GARCIA, Sylvia G. Antropologia, modernidade, identidade: notas sobre a tensão entre o geral e o particular. **Tempo Social** – Rev. Soc. USP. São Paulo, 5(1-2), 1993. p. 123-143.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In. BAUER, Martin W. e Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, 2002. p. 64-89.

GASKELL, George e BAUER, Martin W. Para uma prestação de contas públicas: além da amostra, da fidedignidade e da validade. In. BAUER, Martin W. e Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, 2002. p. 64-89.

GERGEN, Kenneth J. **El yo saturado**. Barcelona, Paidós, 1992. 370 p.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2002. 233 p.

_____. A vida em uma sociedade pós-tradicional. GIDDENS, A; BECK, U. e LASH, S. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo, UNESP, 1997. p. 73-133.

_____. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo, UNESP, 1993. p. 10-121.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, UNESP, 1991. 177 p.

GROPPO, Luís A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro, DIFEL, 2000. 301 p.

GUIMARÃES JÚNIOR, Mário J. L. O Ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. Trabalho apresentado no Grupo Temático "A sociedade da informação e a transformação da sociologia" do **IX Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, Setembro de 1999. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima>>. Acessado em 12/09/05.

_____. A Cibercultura e o Surgimento de Novas Formas de Sociabilidade. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: Cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na **II Reunión de Antropologia del Mercosur**, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html>> Acessado em 12/09/05.

HABERMAS, Juergen. A nova intransparência: a crise do Estado de Bem-Estar Social e o esgotamento das energias utópicas. **Novos Estudos-CEBRAP**, nº 18, Set/1987. p. 103-114.

_____. Modernidade versus pós-modernidade. **Arte em Revista**, nº 7, Ago/1983. São Paulo, ed. CEAC. p. 86-91.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 53-79.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 1998. 2ª ed, 102 p.

HELD, Thomas. Institutionalization and deinstitutionalization of life course. **Human Development**, 1986. p. 157-80.

HELLER, Agnes e FEHÈR, Ferenc. O pêndulo da modernidade. **Tempo Social**, Rev. Sociologia USP, 6(1-2). São Paulo, 1994. p. 47-82.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 1989. 121 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. 220 p.

IANNI, Octávio. Raízes da anti-democracia na América Latina. **Revista Lua Nova**, vol. 4, nº 2, abril/junho/88, nº 14. p. 17-23.

INSTITUTO AKATU PELO CONSUMO CONSCIENTE/INDICADOR OPINIÃO PÚBLICA. **Os jovens e o consumo sustentável: construindo o próprio futuro?** 44 p. Disp. em: <http://www.akatu.nrt/arquivos/57_PesquisaJovemConsumoSustentavel_analise.pdf> Acessado em: 05/02/02.

INSTITUTO DE PESQUISA DATAFOLHA/ASSOCIAÇÃO MUNDIAL DE JORNAIS. **O jovem, a sociedade e a mídia no próximo milênio.** São Paulo, 1977. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/survey/>> Acessado em: 17/04/02.

KLEIN, Naomi. **Sem logo: a tirania das marcas em um planeta vendido.** Rio de Janeiro, Record, 2002. p. 87-109.

KOHLI, Martin e MEYER, John W. Social structure and social construction of life stages. **Human Development**, 1986. p. 145-57

KUASÑOSKY, Silvia e SZULIK, Dalva. ?Que significa ser mujer joven en un contexto de extrema pobreza? In. MARGULIS, Mario. **La juventud es más que una palabra.** Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000. p. 147-155.

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. In. BRITO, Sulamita (Org.). **Sociologia da Juventude, III: A vida coletiva juvenil.** Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 113-24.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos.** São Paulo, Editora 34, 2000. 150 p.

LEANING, Marcus. **Cyborg Selves: examining identity and meaning in a chat room.** Dissertation submitted as course requirement for the M.Sc. Social Analysis, South Bank University. October 1998 Disponível em: <<http://www.geocities.com/Athens/Atrium/2136/Theory.html>>. Acessado em 20/08/05.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo, Editora 34, 1996. 157 p.

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografia como documentos de pesquisa. In. BAUER, Martin W. e Gaskell, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, Editora Vozes, 2002. p. 137-155.

LIMA, Raimundo de. *Bullying*: uma violência psicológica não só contra crianças. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 43, Ano IV, dez/2004.

LYMAN, Peter. **O projeto das comunidades virtuais.** Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~is/infousp/lyman.htm>> Acessado em 19/09/05.

MANCIE, Euclides André. Realidade Virtual: a conversibilidade dos signos em capital e poder político. In. **Revista Lumen**, 2(4):75-135, Jun/1996. Faculdades Associadas Ipiranga, São Paulo, SP. Disponível em: <www.milenio.com.br/mancie/real.htm>. Acessado em: 12/09/05.

MANNHEIM, Karl. O problema da juventude na sociedade moderna. BRITTO, Sulamita de (Org.). **Sociologia da Juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1968, p. 69-74.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In. MARGULIS, Mario (ed). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires, Editorial Biblos, 2000. p. 13-30.

MARTÍNEZ, Tomás Calvo. **La concepción aristotélica de la amistad**. Disponível em: <<http://pruebas.entrews.com/cultura/ediciones/antiqua/calvo9rtf>> Acessado em: 19/10/2005.

MARTINS, J. Francisco E. Menezes. **Morin, Baudrillard e a metáfora do holograma**. Disponível em: <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n13/audri13.html>>. Acessado em 13/06/05

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo, Hucitec, 2000. 210 p.

MARTINS, Luciano. **Estado Capitalista e Burocracia no Brasil pós-64**. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991. p. 15-82.

MARTINS, Paulo Henrique. Cultura autoritária e aventura da brasilidade. In. BURITY, Joanildo A. (Org). **Cultura e Identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2002. p. 65-104.

MARTUCCELLI, Danilo. Figuras y dilema de la juventud en la modernidad. Rio de Janeiro, **Revista Movimento** - Universidade Federal Fluminense, nº 1, DP&A Editora, 2000. p. 28-51.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, maio/jun/jul/ago, nº 5; set/out/nov/dez/1997, nº 6. Número Especial Juventude e Contemporaneidade. p. 05-14.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et all. **Fala Galera: juventude, violência e cidadania na cidade do Rio de Janeiro**. Rio, UNESCO/FIOCRUZ/ Instituto Ayrton Senna/Fundação Ford, Editora Garamond, 1999. p. 11-33.

MONTERO, Paula. Globalização, identidade e diferença. **Novos Estudos/CEBRAP**, nº 49, nov/1997. p. 47-64.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001. 4ª ed, p. 117-128.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos 90: à procura de uma política sem rótulos. **Revista Brasileira de Educação**, maio/jun/jul/ago, nº 5; set/out/nov/dez, nº 6. Número Especial Juventude e Contemporaneidade, 1997. p. 151-166.

NOVAES, Regina R. Juventude e participação social: apontamentos sobre a reinvenção da política. In. ABRAMO, Helena Wendel; FREITAS, Maria Virgínia de e SPOSITO, Marília Pontes (Orgs.). **Juventude em Debate**. São Paulo, Cortez/Ação Educativa, 2000. p. 46-69.

OLIVEIRA, Francisco Viana. **Conhecendo o simulacro.** Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/njl/caligrama/artigos/numero1/Rev%2002.pdf>>. Acessado em: 23/09/05

OIKARINEN, J. e REED, D. **Internet Relay Chat Protocol.** May 1993. Disponível em: <<http://rfc.sunsite.dk/rfc/rfc1459.html>>. Acessado em: 14/07/05.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. **Sobrevivendo no inferno:** a violência juvenil na contemporaneidade. Porto Alegre, Editora Meridional, 2001. 255 p.

OLIVEIRA, Walter Clayton e VIDOTTI, Silvana Ap. B. Gregorio. **Auto-organização do ciberespaço: uma visão holística.** Revista TEXTOS de la CiberSociedad. ISSN 1577-3760 · Número 4 · Temática Variada. Disponível em: <<http://www.cibersociedad.net>>. Acessado em: 02/09/05.

ORTEGA, Francisco. Por uma ética e uma política da amizade. 8 p. Disponível em: <<http://www.sescesp.org.br/sesc/images/upload/conferencias/95.rtf>>. Acessado em 12/09/05.

_____. **Para uma política da amizade:** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000. 118 p.

PAIVA, Rita. A constituição do Eu: os imperativos da interpretação e a perda do sentido. **Tempo Social**, Rev. Sociologia. USP, São Paulo, 10(1), maio/1998. p. 83-104.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo, Cortez, 2003. 267 p.

_____. **Culturas Juvenis.** Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1993. 350 p.

_____. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV (105-106), (1º, 2º). Lisboa, Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, 1990. p. 139-165.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Individualidade:** afirmação e negação na sociedade capitalista. São Paulo, EDUC, 1998. p. 145-192.

PERALVA, Angelina T. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, maio/jun/jul/ago, nº 5; set/out/nov/dez, nº 6. Número Especial Juventude e Contemporaneidade, 1997. p. 15-24.

PERÄKYLÄ, Anssi. Reliability and validity in research based on tapes and transcripts. In: SILVERMAN, David. **Qualitative research: theory, method and practice.** London, Thousand Oaks, New Delhi, SAGE, 1998. p. 201-20.

POCHMANN, Marcio. **A elite joga fora uma oportunidade.** Jornal o Globo, p. 7, Opinião. Rio de Janeiro, 27.02.2004.

POETA, Rodrigo. **Caramujo.** Florianópolis, 2001. il. color.

PRADO, Oliver Zancul. **Internet e Comportamento:** um estudo exploratório sobre as características de uso da Internet, uso patológico e sobre a pesquisa *on-line*. Trabalho de Conclusão de Curso como exigência para graduação no curso de Psicologia da Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo. SP, 1998.s Orient: Profa. Dra. Marlise A. Bassani. Disponível em:<<http://www.netpesquisa.com/tcc/introducao/cmc.htm>> . Acessado em 19/9/05.

QUAPPER, Klaudio Duarte. Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In. BURAK, Solum Donas (Compilador). **Adolescência e Juventud em America Latina**. Cartago, Costa Rica, LUR-Livro Universitário Regional, 2001. p. 57-74.

QUEVEDO, Amalia. **Dos lecturas de la philía aristotélica**: Derrida e Tomás de Aquino. In. Congresso Tomista Internazionale – L’umanesimo cristiano nel III millennio: prospettiva di Tommaso D’Aquino. Roma, 21-25 settembre 2003. 8 p.

RABÊLLO, Maria Eleonora D. Lemos. **O que é protagonismo juvenil?** Disponível em: <http://www.violenciasexual.org.br/PDF/protagonismo_juvenil_eleonora_rabello.pdf> Acessado em: 13/09/05.

RECUERO, Raquel da Cunha. **Linguagem e Comunicação no IRC**. Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação do XXIV INTERCOM. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOf0und>>. Acessado em 22/09/05.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: um campo de estudio; breve agenda para la discusión. **Revista Brasileira de Educação**. maio/jun/jul/ago/2003, nº 23. pp. 103-117.

ROUANET, Sérgio Paulo. A verdade e a ilusão do pós-moderno. **Rev. do Brasil**, Ano 2, nº 5; 1986. p. 28-53.

RUDIO, Franz. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis, Vozes, 1986. 128p.

SANDRONI, Paulo (Org.). **Dicionário de Economia**. 2ª ed. São Paulo, Editora Best Seller, 1989. p. 208.

SANTOS, Benedito R. dos. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência**: mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação de Mestrado defendida junto à PUC/São Paulo, 1986. 238 p.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. São Paulo, Cortez, 2000a. Vol. 1. p.55-117.

_____. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro, Graal, 2000b. 176 p.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo, Cortez, 1995. p. 135-280.

_____. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. **Tempo Social**, Rev. Sociologia USP, São Paulo, (1-2), 1993. p. 31-52.

SCHKOLNIC, Susana. Dinâmica de la población y juventud em America Latina y el Caribe. In. BURAK, Solum Donas (Compilador). **Adolescência e Juventud em America Latina**. Cartago, Costa Rica, LUR-Livro Universitário Regional , 2001. p. 309-23.

SHCWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**: formas literárias e processo social nos inícios do romance brasileiro. Rio de Janeiro, Editora 34, 2003. p. 11-31.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter**: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro/São Paulo, Record, 2005. 204 p.

SILVA, Ana Maria Alves Carneiro da. **Reconectando a sociabilidade on-line e off-line**: trajetórias, poder e formação de grupos em canais geográficos no Internet Relay Chat. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Orientador: Dr. Thomas Patrick Dwyer. Campinas, nov/2000. 221 p.

SILVA, Karine de Sousa. Os excluídos da globalização. In. OLIVEIRA, Odete Maria de. (Coord.) **Relações internacionais&globalização**. Ijuí, Editora UNIJUÍ, 1998. p. 271-84.

SILVA, Sérgio. **Identidade e complexidade**: uma sociologia para os elementos emergentes da sociedade atual, s/d. 6 p. *Mimeo*.

SILVA, Valéria. **Ações coletivas juvenis na atualidade moderna**: uma análise do Movimento Contra o Aumento do Transporte Coletivo em Florianópolis-SC. Anais da III Jornada Acadêmica de Produção Científica sobre Criança e Adolescente. Florianópolis, set/2004.

_____. **Participação social e espaço público**: caracterização, limites e possibilidades. Teresina, jul/1999. *Mimeo*. 06 pág.

SILVA, Marlúcia Valéria da. **A política de saúde em tempos de reforma**: a operacionalização do SUS no governo Fernando Henrique Cardoso-1995/1996. Dissertação de Mestrado apresentada ao Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal de Pernambuco-UFPE. Orient: Prof. Dr. Joanildo Albuquerque Burity. Recife-PE, 1999. 254 p.

SOARES, Luiz Eduardo. A duplicidade da cultura brasileira. In. SOUZA, Jessé (Org.). **O malandro e o protestante**: a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília, Edit. UNB, 1999. p. 223-235.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Juventude, contestação e a política de pernas para o ar**: o Movimento Passe Livre em Florianópolis. Texto apresentado no XXV Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia-ALAS. 22 a 26 de Agosto de 2005.

_____. As insurgências juvenis e as novas narrativas políticas contra o instituído. **Cadernos de Pesquisa. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política- UFSC**. Florianópolis, Julho/2002. 23 p.

_____. **Reinvenções da utopia**: a militância política de jovens nos anos 90. São Paulo, Hacker/FAPESP, 1999.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania:** para uma sociologia política da modernidade periférica. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Edit. UFMG/IUPERJ, 2003. p. 91-207.

_____. **A modernização seletiva:** uma reinterpretação do dilema brasileiro. Brasília, UNB, 2000. 276 p.

_____. A ética protestante e a ideologia do atraso brasileiro. In. SOUZA, Jessé (Org.) **O malandro e o protestante:** a tese weberiana e a singularidade cultural brasileira. Brasília, Edit. UNB, 1999. p. 17-54.

STEIN, Ernildo. **Paradoxos da racionalidade.** Caxias do Sul/Porto Alegre, Pyr Edições, 1987. p. 51-86.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self:** a construção da identidade moderna. São Paulo, Edições Loyola, 1997. 670 p.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987. p. 145-73.

TOBAR, Federico e Yalout, Margot R. **Como fazer teses em saúde pública:** conselhos e idéias para formular projetos e redigir teses e informes de pesquisa. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2002.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade.** 2ª ed. Petrópolis, Vozes, s/d. p. 269-311.

TRIVELLA, Renato. **Cortejo de Maracatu.** Florianópolis, 2003. il.

VIANNA, Hermano. **As Tribos da Internet.** Disponível em:
<<http://www.alternex.com.br/~esocius/t-herman.html>>. Acessado em 20/08/05

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose:** antropologia das sociedades complexas. 2ª ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999. p. 7-48; 84-89; 106-137.

WAGNER, Peter. **Crises da Modernidade:** a sociologia política no contexto histórico. São Paulo, Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 31, ano 11, 1996. p. 29-43.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo:** orientação para pais e educadores. São Paulo, Edit. Record, 2002. 276 p.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa:** pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro, FGV Editora, 2004. p. 09-215.

OUTRAS FONTES VIRTUAIS:

<http://www.oficinadavida.org.br>

<http://www.arrastailha.hpg.com.br>

<http://www.geocities.com/Area51/Dimension/9328/irc.html>

<http://www.aol.com.br/institucional/pressreleases/2003/0291.adp>

<http://www.aisa.com.br/diciona.html>

<http://mirc.virtualife.com.br/?pagina=ircintro>

<http://leandrocounterstrike.blog.aol.com.br>

http://www.risolidaria.org.br/util/view_noticia.jsp?txt_id=200508120010

www.protagonismojuvenil.org.br/portal/Noticias/noticia.asp?not=100

http://www.fboms.org.br/gtnovo/novos_juv_just.htm

<http://www.portaldovoluntario.org.br/>

APÊNDICES

APÊNDICE 01

QUESTIONÁRIO

INSTRUÇÕES AO RESPONDENTE LEIA, POR FAVOR.

Caro respondente,

Você encontrará abaixo algumas orientações que poderão auxiliar-lhe com o questionário. **Se você respondeu ao questionário-teste, ATENÇÃO: ESTA VERSÃO ESTÁ DIFERENTE**, uma vez que incorporou as colaborações prestadas. Então, atenção na leitura.

- O questionário é longo e requer certa concentração para respondê-lo. Assim, pediria que você escolhesse um tempinho maior e sossegado para dedicar-se a ele.
- Por favor, **leia a questão por inteiro** e **todas as alternativas** antes de escolher a que vai marcar. Mesmo assim, se você marcar uma questão e, avaliando melhor, entender que outra atende mais à sua situação, não tem problema. Apague, risque ou borre **BEM** aquela anterior, indicando claramente qual é a sua escolha. Isso é o que importa.
- Os dados que você oferecerá à pesquisa só nortearão a investigação de modo produtivo e próximo do real se você for sincero/a nas respostas. Para lhe deixar mais à vontade, **VOCÊ NÃO DEVE IDENTIFICAR-SE** e, após responder o questionário, deve colocá-lo no envelope e lacrá-lo. Não marque/risque o envelope de nenhuma maneira. **Não interessa aos objetivos da pesquisa identificar os respondentes**, por isso fique bem tranqüilo/a.
- No geral, as perguntas são de **resposta única**. SEMPRE QUE FOR DIFERENTE DISSO, VIRÁ A INSTRUÇÃO POR ESCRITO LOGO APÓS A QUESTÃO.
- Nas perguntas por ordem de prioridade, você deve realmente apontar da mais importante para a menos importante (1º, 2º; 3º ...). Marcar só um X em algumas alternativas invalida a sua resposta. As restantes devem ser deixadas em branco.
- Muitas questões são introduzidas com as expressões “**SE VOCÊ...**”. Nesses casos, veja o que você marcou antes **e só responda se a questão se aplicar a você**. Se não, pule-a.

Qualquer dúvida, ligue-me a cobrar ou utilize o e-mail.

Telefone: 233 4699

E-mail: valeriasil@uol.com.br

- Obrigada. Valéria Silva.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
PROG. DE PÓS-GRAD. EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - DOUTORADO
Doutoranda: Marlúcia Valéria da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli

IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.

QUESTIONÁRIO

I PARTE: SOBRE O RESPONDENTE:

1. Qual sua faixa etária? a) () Menos de 15 anos

b) () 16 a 18 anos

c) () 19 a 21 anos

d) () 22 a 24 anos

e) () 25 a 27 anos

f) () Acima de 27 anos

2. Qual o seu sexo?

a) () Masculino

b) () Feminino

3. Você se considera:

a) () Branco/a

b) () Negro/a

c) () Índio/a

d) () Mestiço/a

e) () Asiático/a

f) () Outros. Qual? _____

4. Quanto à religião, você realmente:

a) () Não pratica uma religião, **mas cultiva** a transcendência, a espiritualidade, o divino etc.

b) () Não pratica uma religião **e não cultiva** a idéia de transcendência, espiritualidade, divino

c) () Pratica uma religião

d) () Pratica mais de uma religião

e) () Outros. Qual? _____

5. SE VOCÊ PRÁTICA uma ou mais religiões, trata-se de: (MARQUE ATÉ 2 ALTERN)

a) () Evangélica Tradicional

b) () Evangélica Neo-pentecostal

c) () Espiritismo

d) () Candomblé

- e) Católica
- f) Budista
- g) Umbanda
- f) Outras. Qual? _____

6. Qual a sua situação civil? () Solteiro/a

- a) Casado/a formalmente
- b) Vive com alguém
- c) Divorciado/a
- e) Outros. Qual? _____

7. Você tem filho/a(s)?

- a) Sim
- b) Não

8. Se não, pretende tê-lo/a(s) em algum tempo?

- a) Sim
- b) Não
- c) Ainda não pensou sobre isso
- d) Pensou sobre o assunto, mas ainda não tem uma decisão tomada

9. Onde você nasceu?

- a) Município de Florianópolis
- b) Grande Florianópolis (S. José, Palhoça, Biguaçu)
- c) Interior do Estado-SC
- d) Rio Gde do Sul
- e) Paraná
- f) São Paulo
- g) Outros Estados
- h) Outro país

10. Se você não nasceu em Florianópolis, qual motivo o/a trouxe para cá?

- a) Acompanhou a família quando menor de idade
- b) Necessidade de se afastar da família
- c) Estudos
- d) Busca de trabalho
- e) Afinidade com a cidade
- f) Desejo de morar numa cidade maior
- g) Desejo de morar numa cidade mais tranqüila
- h) Oportunidades surgidas de melhoria de vida
- i) Outros. Qual? _____

11. Qual o lugar mais distante para o qual você já viajou?

- a) Capital de Santa Catarina
- b) Interior de Santa Catarina
- c) Estados da região sul e/ou sudeste
- d) Outras regiões do Brasil
- e) Outro país **da** América Latina
- f) Outro país **fora** da América Latina

12. Qual a sua escolaridade?

- a) 1º. Grau completo
- b) 1º. Grau incompleto
- c) 2º. Grau completo
- b) 2º. Grau incompleto
- c) Ensino superior completo
- d) Ensino superior completo

13. Você permanece estudando?

- a) Sim
- b) Não

14. SE SIM, o estabelecimento de ensino é:

- a) Público
- b) Privado

15. SE NÃO estuda atualmente, retornará aos estudos em breve?

- a) Sim
- b) Não

16. Você realiza outras atividades de formação/qualificação profissional?

- a) Sim
- b) Não

17. SE SIM, quais? _____**18. Qual das línguas estrangeiras abaixo você estuda ou estudou? (MARQUE ATÉ 2 ALTERN.)**

- a) Inglês
- b) Francês
- c) Espanhol
- d) Alemão
- e) Italiano
- f) Nenhuma

19. O seu conhecimento em relação à língua mais estudada se coloca em nível de:

- a) Conhecimento obtido na escola regular
- b) Curso básico em escola de idiomas
- c) Curso intermediário em escola de idiomas
- d) Curso avançado em escola de idiomas
- e) Cursos de conversação avançada em escola de idiomas
- f) Residência/Estágio/estudo no país de origem do idioma
- g) Outros.

Qual? _____

20. Você trabalha recebendo remuneração?

- a) Sim
- b) Não

21. SE SIM, em qual área você desenvolve suas atividades de trabalho?

- a) Comércio formal
- b) Indústria
- c) Serviços
- d) Serviço Público
- e) Prestação de serviços autônomos
- f) Comércio informal - pequenas compras/vendas
- g) Música
- h) Artesanato
- i) Artes plásticas e/ou cênicas
- j) Assessorias/Pesquisa/Extensão

22. Qual a sua inserção profissional?

- a) Empregado formal
- b) Trabalho regular sem contrato formal
- c) Trabalho irregular, ocasional, provisório
- d) Autônomo
- e) Bolsista ou estagiário
- f) Outros. Qual? _____

23. Se VOCÊ TRABALHA com remuneração, o seu ganho mensal é composto:

- a) Só do rendimento do seu trabalho
- b) Do rendimento do seu trabalho mais algum tipo de ajuda dos pais
- c) Outros. Qual? _____

24. Se você NÃO TRABALHA remunerado, está procurando emprego/trabalho atualmente?

- a) Sim Não

25. Se NÃO TRABALHA, qual a origem da sua renda?

- a) Mesada dos pais
- b) Partilha da renda do/a companheiro/a
- c) Ajuda de outros parentes
- d) Outros. Qual? _____

26. Qual o seu ganho PESSOAL mensal? (Incluindo mesada, salário, ajudas etc)

- a) até R\$ 60,00
- b) entre R\$ 61,00 e R\$ 120,00
- g) entre R\$ 121,00 e R\$ 240,00
- h) entre R\$ 241,00 e R\$ 480,00
- i) entre 481,00 e R\$ 720,00
- j) entre R\$ 721,00 e R\$ 960,00
- k) entre R\$ 961,00 e R\$ 1.440,00
- l) entre R\$ 1441,00 e R\$ 1.920,00
- m) entre R\$ 1921,00 e R\$ 2.400,00
- g) acima de R\$ 2.400,00

27. Normalmente, você emprega o seu ganho mensal em: (MARQUE ATÉ 03 ALTERNATIVAS)

- a) custeio geral da sua subsistência
- b) compra de livros, revistas, CDs etc
- c) viagens
- d) festas e shows
- e) teatro, cinema, videolocadoras
- f) custeio de suportes profissionais de psicologia, psicanálise etc.
- g) casas de jogos eletrônicos; aquisição dos mesmos
- h) vestuário, calçados, acessórios e perfumaria em geral
- i) cigarros, bebidas e/ou outras drogas
- j) pequenos gastos corriqueiros do dia-a-dia
- k) itens diversos que você reconhece como supérfluos
- l) esportes e academias
- m) aplicações financeiras
- n) aquisição de bens patrimoniais

28. Você se utiliza de bens e/ou serviços públicos existentes na sua cidade, sejam eles do município, do estado ou do governo federal?

- a) Frequentemente
- b) Às vezes
- c) Muito Raramente
- d) Não utiliza

29. SE UTILIZA, são, principalmente, bens e/ou serviços de: (MARQUE ATÉ 3 ALTERNATIVAS)

- a) Saúde
- b) Lazer
- c) Cultura
- d) Esporte
- e) Treinamento Profissional
- f) Outros. Qual? _____

30. Se VOCÊ NÃO UTILIZA ou utiliza só ÀS VEZES, isso se deve a:

- a) Escassez dos bens e/ou serviços oferecidos
- b) Ruim qualidade dos mesmos
- c) Inexistência do bem e/ou serviço público que você busca
- d) Você ainda não precisou recorrer aos bens e/ou recursos públicos citados
- e) Você prefere custear os bens e/ou serviços que utiliza.
- f) Outros. Qual?

31. Você possui computador?

- a) Sim
- b) Não

32. Você utiliza a Internet?

- a) Sim
- b) Não

33. SE SIM, quantas horas semanais do seu tempo você emprega nesta atividade?

- a) Menos de 01 hora
- b) Mais de 01 até 05 horas
- c) Mais de 05 até 10 horas
- d) Mais de 10 até 15 horas

- e) Mais de 15 até 20 horas
- f) Mais de 20 horas

34. SE SIM, escolha 03 dos motivos mais frequentes de acesso à Internet, numerando do 1º ao 3º, por ordem de importância.

- a) Entretenimento geral
- b) Jogos
- c) Estudo
- d) Trabalho
- e) Informação
- f) Correspondência
- g) Fazer amigos e/ou relacionar-se com eles
- h) Namoros/encontros
- i) Contatos sensuais/sexuais
- j) Todos os anteriores

35. SE VOCÊ NÃO TEM computador e acessa a internet, o faz a partir dos computadores:

- a) Do local de estudos
- b) Do local de trabalho
- c) De cyber cafés, lan houses etc.
- d) Da casa de parentes e amigos
- e) Todos os anteriores
- f) Outros. Qual? _____

36. Quanto à televisão, quantas horas semanais você dedica a este entretenimento?

- a) Menos de 01 hora
- b) Mais de 01 até 05 horas
- c) Mais de 05 até 10 horas
- d) Mais de 10 até 15 horas
- e) Mais de 15 até 20 horas
- f) Mais de 20 horas

37. Você possui TV a cabo instalada em sua casa?

- a) Sim
- b) Não

38. Você procura se informar acerca do dia-a-dia do seu país e do mundo?

- a) Sim
- b) Não
- c) Sim, mas interessa-se apenas por temas que o/a dizem respeito diretamente.

39. Se você procura se informar, o faz principalmente:

- a) Lendo jornais
- b) Vendo TV
- c) Lendo revistas
- d) Navegando na Internet
- e) Conversando com as pessoas
- f) Todas as anteriores

40. Você possui telefone celular?

- a) Sim
- b) Não

41. Se você NÃO POSSUI telefone celular, isso se deve a:

- a) Ainda não pôde comprar
- b) Não sente necessidade
- c) Não gosta deste aparelho
- d) Outros. Qual? _____

42. Você pratica exercícios físicos regularmente?

- a) Sim
- b) Não

43. SE SIM, qual o seu estilo preferido?

- a) Lutas
- b) Esportes em geral
- c) Práticas de academias
- d) Danças
- e) Ioga, Tai Chi Chuan etc
- f) Caminhadas, corridas

44. SE SIM, você os pratica:

- a) por razões de saúde
- b) por razões estéticas
- c) porque gosta dos ambientes
- d) para auto-defesa
- e) porque gosta das práticas
- f) Outros. Qual? _____

45. Quais as alternativas de lazer que você mais usufrui? (MARQUE ATÉ 3 ALTERNAT)

- a) shows musicais, festas em boates, clubes, bares etc.
- b) festa na casa de amigos, conversar com os amigos
- c) casa de jogos eletrônicos
- d) filmes em TV, vídeo, DVD
- e) passeios pelos shopping centers
- f) festas populares, atividades culturais públicas
- g) atuação pessoal em atividades musicais, cênicas etc.
- h) teatro, cinema
- i) leituras
- j) programas com a família
- k) programas de eco-turismo (trilhas, acampamentos, turismo rural etc)
- l) viagens
- m) praia
- n) esportes
- o) Outros. Qual? _____

46. Normalmente, você faz o seu transporte pessoal:

- a) A pé
- b) Carro próprio
- c) Motocicleta própria

- d) () Bicicleta
- e) () Ônibus
- f) () Carona dos pais
- g) () Carona de amigos/vizinhos
- e) () Carona de estranhos
- f) () Outros

47. Em qual bairro de Florianópolis você reside?

48. Por que você mora neste bairro?

- a) () Por ser mais central, o que é vantagem para você
- b) () Por possuir características menos urbanas que os demais bairros da cidade
- c) () Por possibilitar um estilo de vida que combina mais com o seu jeito de ser
- d) () Por ser um local tranqüilo
- d) () Porque sua turma de amigos também reside neste bairro
- e) () Por oferecer um custo mais baixo de moradia
- f) () Por ficar próximo do seu local de estudo/trabalho
- g) () Porque você ainda não pôde escolher seu próprio local de moradia

49. Qual a sua situação de moradia?

- a) () Mora com os pais ou com um deles
- b) () Mora sozinho/a
- c) () Mora com companheiro/a
- d) () Mora com amigo/as
- e) () Mora com parentes
- f) () Outros. Qual? _____

50. Sobre a sua inserção neste grupo, há quanto tempo você participa dele?

- a) () Desde a fundação
- b) () Menos de 6 meses
- c) () De 6 meses a 01 ano
- d) () Mais de 01 ano

51. O que O/A LEVOU a participar deste grupo (RAZÃO MAIS FORTE)?

- a) () Afinidade com o tipo de atividade realizada no grupo
- b) () O grupo oferece um espaço para treinamento profissional
- c) () Percebeu uma oportunidade para aprender coisas novas em geral
- d) () Buscava um grupo de amigo/as
- e) () Foi levado/a por seus/suas amigo/as sem maiores pretensões
- f) () Esperança de adquirir algum ganho financeiro
- g) () Estava “meio/a perdido/a” e encontrou “um lugar” no grupo
- h) () Buscava melhorar o seu jeito de ser
- i) () Buscava auto-conhecimento
- j) () Estava com esse horário livre
- k) () Outros. Qual? _____

52. Por que você CONTINUA PARTICIPANDO deste grupo? (MARQUE ATÉ 03 ALTERNATIVAS, NUMERANDO DO 1º AO 3º LUGAR, POR ORDEM DE IMPORTÂNCIA).

- a) () porque gosta das atividades do grupo
- b) () gosta dos amigos/as
- c) () gosta de se sentir membro do grupo
- d) () por ser um espaço que aperfeiçoa seus conhecimentos nesta área
- e) () por ser um caminho para sua profissionalização
- f) () por ser uma oportunidade para aquisição de algum rendimento financeiro
- g) () por ser um espaço de aprendizado geral
- h) () falta de outras alternativas de lazer e cultura na cidade
- i) () por ser um espaço onde se sente bem consigo mesmo/a
- j) () por ser um grupo onde não lhe cobram obrigações e conveniências
- k) () você tem tempo ocioso e o preenche dessa forma
- l) () Outros. Qual? _____

53. Com que frequência você participa do grupo?

- a) () Menos de 50% dos encontros
- b) () De 50 a 75% dos encontros
- c) () De 76 a 90% dos encontros
- d) () Todos os encontros

54. Quais seus planos para a participação neste grupo?

- a) () Manter a mesma participação
- b) () Abandonar o grupo
- c) () Diminuir a participação
- d) () Aumentar a participação

55. Além deste grupo, existem outros grupos organizados que você:

- a) () Participa
- b) () Participou
- c) () Não participa/não participou de outros grupos organizados

56. SE AINDA PARTICIPA, qual o tipo do(s) grupo(s)? (MARQUE ATÉ 2 ALTERNATIVAS). () Artístico/Cultural

- a) () Militância política
- b) () Comunitário
- c) () Trabalho Voluntário
- d) () Religioso
- e) () Entretenimento
- f) () Musical
- h) () Ecológico

57. Você se sente fazendo parte de outras “turmas” de amigos além da turma que você tem neste grupo que participa da pesquisa?

- a) () Sim
- b) () Não

58. Quando necessita de apoio para tomar uma decisão importante na sua vida, mais frequentemente, você:

- a) () Discute a questão com o pai e/ou a mãe

- b) () Procura conversar com outra pessoa da sua família
- c) () Divide a situação com os/as melhores amigos/as
- d) () Conversa com o/a seu/sua companheiro/a ou namorado/a
- e) () Costuma encaminhar as decisões sozinho/a
- f) () Busca ajuda profissional especializada
- g) () Recorre a outras orientações oferecidas pela religião, esoterismo, crenças etc.
- h) () Outros. Quais? _____

II PARTE: SOBRE O RESPONDENTE E SUA FAMÍLIA

1. Para você, quem compõe a sua família: (Cônjuge, companheiro/a, filhos/as, pai, mãe, irmãos/ãs, meio-irmãos/ãs, avós, primos, tios, outros parentes). REFIRA-SE APENAS ÀQUELES PARENTES COM QUEM VOCÊ MORA E/OU TEM RELAÇÕES PRÓXIMAS.

2. Onde reside a sua família acima citada? (MARQUE ATÉ 2 ALTERNATIVAS)() No município de Florianópolis

- a) () Na Grande Florianópolis
- b) () No Interior do Estado-SC
- c) () No Rio Gde do Sul
- d) () No Paraná
- e) () Em São Paulo
- f) () Em outros Estados do país
- g) () Em mais de um estado do país
- h) () Outros _____

3. Com relação à sua inserção familiar, você acha que sua família lhe vê como aquele:

- a) () “Queridinho/a” da casa
- b) () Que ninguém leva muito a sério
- c) () Que traz muitos problemas para a família
- d) () Reponsável da casa
- e) () Um/a filho/a como o/as demais
- f) () “Diferente” da casa
- g) () Que rompeu com a família
- h) () Amigo/a de todos da casa
- i) () Outros. Quais? _____

4. Você sabe o nome completo dos seus avós, local onde moram/moravam e profissão que exerciam?

- a) () Sim
- b) () Não

5. Quanto aos seus genitores (pai e mãe), você:

- a) () Tem pai e mãe
- b) () Só mãe

- c) () Só pai
- d) () Nenhum dos dois
- e) () Outros. Qual? _____

6. Se você tem pai e mãe, os mesmos vivem juntos?

- a) () Sim
- b) () Não

7. Algum dos seus genitores tem um segundo casamento/relação?

- a) () Sim
- b) () Não
- c) () Não sabe.

8. SE SIM, quem?

- a) () o pai
- b) () a mãe
- c) () ambos

9. Você possui meio-irmãos/ãs?

- a) () Sim
- b) () Não

10. Qual o principal trabalho remunerado do seu pai?

11. Qual o principal trabalho remunerado da sua mãe?

12. Qual a renda mensal do seu pai?

- a) () Menos de R\$ 240,00
- b) () De R\$ 241,00 até R\$ 720,00
- c) () De R\$ 721,00 até R\$ 1.440,00
- d) () De R\$ 1.441,00 até R\$ 2.160,00
- e) () De R\$ 2.161,00 até R\$ 2.880,00
- f) () De R\$ 2.881,00 até R\$ 3.600,00
- g) () De R\$ 3.601,00 até R\$ 4.320,00
- h) () De R\$ 4.321,00 até R\$ 4.800,00
- i) () Acima de R\$ 4.801,00
- j) () Não sabe

13. Qual a renda mensal da sua mãe?

- a) () Menos de R\$ 240,00
- b) () De R\$ 241,00 até R\$ 720,00
- c) () De R\$ 721,00 até R\$ 1.440,00
- d) () De R\$ 1.441,00 até R\$ 2.160,00
- e) () De R\$ 2.161,00 até R\$ 2.880,00
- f) () De R\$ 2.881,00 até R\$ 3.600,0
- g) () De R\$ 3.601,00 até R\$ 4.320,00
- h) () De R\$ 4.321,00 até R\$ 4.800,00
- i) () Acima de R\$ 4.801,00
- j) () Não sabe.

14. SE VOCÊ NÃO MORA COM OS PAIS, você os faz visitas regulares?

- a) Sim
- b) Não

15. SE VOCÊ OS VISITA, a frequência é, em média:

- a) Diária
- b) Semanal
- c) Quinzenal
- d) Mensal
- e) Trimestral
- f) Semestral

16. SE OS VISITA, o faz porque/para principalmente:

- a) Saber dos seus familiares e dar-lhe notícias suas
- b) Sabe que seus pais ficam muito preocupados quando você “some”.
- c) Busca de apoio financeiro
- d) Busca de apoio pessoal, emocional etc.
- e) Gosta do ambiente e das pessoas
- f) Sente saudades
- g) Manter as formalidades

17. SE VOCÊ NÃO OS VISITA, isso se deve a, principalmente:

- a) Rompimento com a família
- b) Dificuldades com madrasta/padrasto
- c) O ambiente e as pessoas são monótonos
- d) Você se sente fiscalizado/a pelos seus pais
- e) Sua família lhe traz aborrecimentos
- f) Dificuldades financeiras

18. SE VOCÊ NÃO OS VISITA, estabelece outros contatos?

- a) Sim
- b) Não

19. SE FAZ CONTATOS, estes acontecem principalmente através de:

- a) Telefone
- b) E-mail
- c) Visita ao trabalho dos familiares
- d) Festas da família
- e) Outros. Qual? _____

20. E quanto aos seus pais, eles fazem visitas à sua casa?

- a) Raramente
- b) Frequentemente
- c) Só em ocasiões formais
- d) Mais vezes do que você gostaria
- e) Nunca o/a visitam
- f) Outros. Qual? _____

21. Os membros de sua família em geral costumam visitar-se?

- a) Raramente
- b) Frequentemente
- c) Só em ocasiões formais
- d) Só quando precisam de algum apoio
- e) Nunca se visitam

22. Qual a prática religiosa de sua família, realmente?

- a) Não pratica uma religião, **mas pratica** a transcendência, a espiritualidade, o divino etc.
- b) Não pratica uma religião **e não pratica** a idéia de transcendência, de espiritualidade, divino etc.
- c) Pratica uma religião
- d) Pratica mais de uma religião
- e) Outros. Quais? _____

23. SE A FAMÍLIA PRATICA uma ou mais religiões, trata-se de:

- a) Evangélica Tradicional
- b) Evangélica Neo-pentecostal
- d) Espiritismo
- e) Candomblé
- f) Católica
- g) Budista
- h) Umbanda
- i) Outras. Qual? _____

24. Qual a escolaridade do seu pai?

- a) Ensino fundamental completo.
- b) Ensino fundamental incompleto.
- c) Ensino médio completo
- d) Ensino médio incompleto
- e) Ensino superior completo
- f) Ensino superior incompleto
- g) Não sabe

25. Qual a escolaridade da sua mãe? () Ensino fundamental completo.

- a) Ensino fundamental incompleto.
- b) Ensino médio completo
- c) Ensino médio incompleto
- d) Ensino superior completo
- e) Ensino superior incompleto
- f) Não sabe

COMENTÁRIOS, CRÍTICAS, DÚVIDAS:

I PARTE:

II PARTE:

**MUITO OBRIGADA POR TER PARTICIPADO DESTA PESQUISA.
SEM A SUA COLABORAÇÃO, A MESMA NÃO SERIA POSSÍVEL.**

APÊNDICE 02

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
PROG. DE PÓS-GRAD. EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - DOUTORADO
Doutoranda: Marlúcia Valéria da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli

IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TEMA: Histórico do grupo Arrasta Ilha.

1. Como surgiu o interesse pelo maracatu?
2. Quais os canais de contato com esta expressão musical e o seu contexto cultural?
3. Como nasceu a idéia de formação de um grupo local de maracatu?
4. Quais os primeiros movimentos e iniciativas no sentido da formação e organização do grupo?
5. Quando e em que local aconteceram os encontros?
6. Que pessoas ou fatos são considerados importantes na fundação e história do grupo?
7. Qual foi o processo que se seguiu de organização do grupo?
8. Quais eram os objetivos do grupo?
9. Quais os membros fundadores?
10. Como se efetivou a aproximação/entrada de novos membros?
11. Qual a sistemática de escolha dos 'apitos'?

APÊNDICE 03

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
PROG. DE PÓS-GRAD. EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - DOUTORADO
Doutoranda: Marlúcia Valéria da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli

IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TEMA: Histórico do grupo CANAL SÓ DÁ FESTA-SDF.

1. Quando foi fundado o Canal?
2. Como nasceu a idéia de organização do Canal?
3. Quem participou da fundação do Canal?
4. Quais eram os objetivos do grupo?
5. Quais providências foram tomadas para se concretizar o Canal? Quem as tomou?
6. Como foi feita a divulgação do Canal?
7. Como surgiu a idéia de realização de festas e eventos diversos?
8. Quais os primeiros eventos realizados pelo grupo?
9. Quais foram os eventos realizados até hoje?
10. De quais outros Canais vocês participavam à época da fundação do SDF?

APÊNDICE 04

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
PROG. DE PÓS-GRAD. EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - DOUTORADO
Doutoranda: Marlúcia Valéria da Silva

Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli

IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

TEMA: Histórico do grupo OFICINA DA VIDA

1. Como nasceu a idéia de formação de um grupo de trabalho voluntário com jovens?
2. Quais os primeiros movimentos e iniciativas no sentido da formação e organização do grupo?
3. Qual foi o processo que se seguiu de organização do grupo?
4. Quando e em que local aconteceram os primeiros encontros?
5. O que motivou a fundação e formalização da ODV?
6. Quais eram os objetivos do grupo?
7. Quais as estratégias de mobilização dos primeiros participantes jovens?
8. Como se deu a escolha dos primeiros locais de atividades com jovens?
9. Que pessoas ou fatos são considerados importantes na fundação e história do grupo?
10. Quais foram os critérios de indicação e de eleição dos diretores?

APÊNDICE 05

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
PROG. PÓS-GRAD. EM SOCIOLOGIA POLÍTICA - DOUTORADO

Doutoranda: Marlúcia Valéria da Silva
Orientadora: Profa. Dra. Janice Tirelli

<p>IDENTIDADE JUVENIL NA MODERNIDADE BRASILEIRA: sobre o constituir-se entre tempos, espaços e possibilidades múltiplas.</p>
--

TEMAS DAS ENTREVISTAS GRUPAIS

GRUPOS: ARRASTA ILHA, SÓ DÁ FESTA, OFICINA DA VIDA.

1. Juventude – Futuro
2. Sociedade Brasileira – Política e Participação Política
3. Tecnologia – Informática – O mundo e a vida em tempo real
4. Trabalho – Formação Profissional
5. Grupos de Convívio – Família.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.